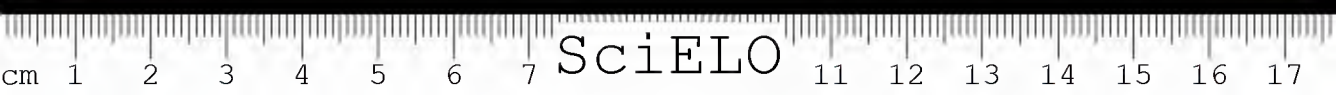






SHOUT
SHARE **IT**





SciELO

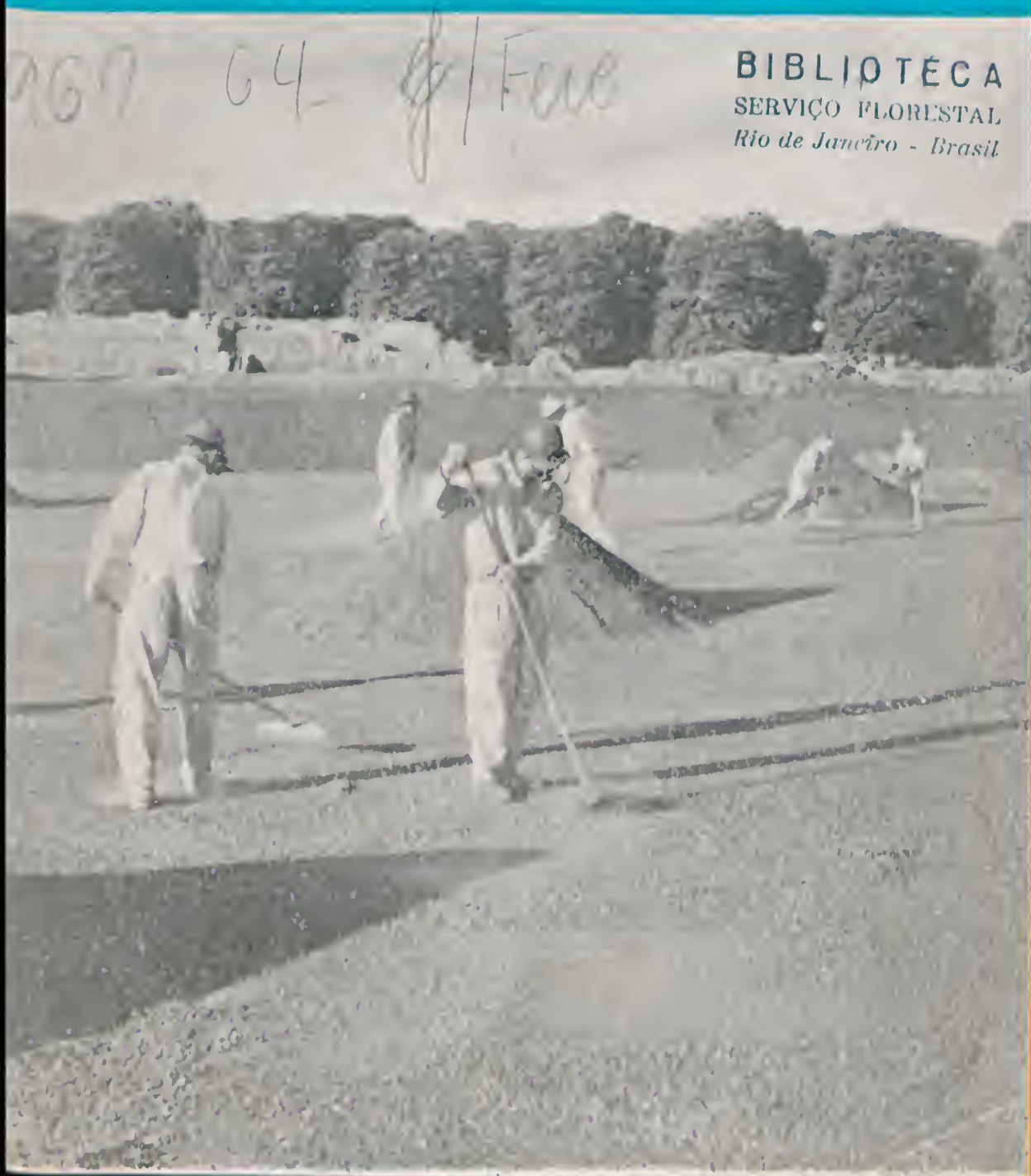


ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSE RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

242
267 64 8/Feve
BIBLIOTÉCA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro - Brasil



Atestado da ASSOCIAÇÃO RURAL DOS
PECUARISTAS DO ESTADO DO AMAZONAS
sobre a eficiência da CRUZWALDINA

Ofício nº 17/60

Manaus, 11 de novembro de 1960.

Senhores Representantes:

I - Na sua qualidade de representantes do Castro Lopes & Tebyriçá Ltda., do Rio de Janeiro, distribuidores gerais do conhecido desinfetante "Cruzwaldina", o que nos dirigimos a VV. SS., inicialmente para agradecer o recebimento de uma caixa desse precioso fungicida, larvicida e inseticida e dois jogos de tubagem e panfletos.

II - O emprêgo da "Cruzwaldina" foi orientado pelas instruções contidas em sua carta de 15/3/60 e bem assim nas circulares ns. 2/58 de 20-3-58 e 3/58 de 25-3-58 de C. L. & T. Ltda.

III - Em terrenos sujeitos a alagações anuais chamados úmidos: Paranás do Careiro, Cambiche, Miracauera, Santo Antônio, regiões da Gamboa, Baixo Careiro, Murumurutuba, Curari e Terra Nova, as aplicações restringiram-se ao extermínio dos fungos e cigarrinhas e desinfecções, de vez que o solo dessa natureza não abriga a formiga denominada saúva.

IV - Em terrenos altos das regiões dos municípios de Parintins, Itacoatiara, Maués, Autazes, Borba, Humaitá, Ponte Boa e Lábrea, a aplicação da "Cruzwaldina", em maior escala, foi no extermínio da saúva, pela fome com a inutilização de seu alimento primordial, o cogumelo, pela inundação com uma solução de 1/2% a 1%.

V - Em Humaitá, nos chapadões das imediações dos campos gerais de Puciarí, o associado Raimundo Cavalcante, em relato que nos fez, teve os maiores elogios à ação da "Cruzwaldina", em pregada como recomendam as circulares 2-58 e 3-58 e ainda gráficos que acompanharam as instruções.

VI - Na região de Mundurucânia, em Maués, o sucesso foi notável no dizer do associado Pedro Manuel José de Oliveira Negreiros, que também usou a "Cruzwaldina" em solução a 1%, como desinfetante, nos locais de ordenha, para afugentar moscas e mosquitos.

VII - Em Eirunepé, no Rio Juruá, o associado Armando Souza Mendes obteve os melhores resultados contra a saúva, que tiveram os seus ninhos abandonados com a aplicação da "Cruzwaldina" por meio da tubagem.

VIII - Em Parintins, segundo nos informa o associado Victorino Freitas, os resultados foram os melhores possíveis, tanto no ataque às formigas como no uso como desinfetante nos cercados de dormida dos bezerros.

IX - Nestas condições, Senhores Representantes, cumpre-nos trazer ao seu conhecimento os nossos melhores agradecimentos pela gentileza da oferta, com votos sinceros para que VV. SS. mantenham o mercado de Manaus sempre provido desse precioso inseticida.

X - Com particular estima o especial apreço, apresentamos a VV. SS. as nossas

Saudações Ruralistas

a) José Correa de Araujo
Presidente

Aos srs.
P. BARRETO & CIA.
Rua Floriano Peixoto nº 139
Nesta



FRUTICULTURA NO CANADA — Quando chega a época da colheita, todos ajudam nas fazendas canadenses. Na foto vemos uma cena numa fazenda de Ridgville, Ontario, quando são carregados no caminhão os cestos de cerejas recém-apanhados. Anualmente são produzidos 430 mil bushels de cerejas, no valor de 2 700 000 dólares. — (Foto do Instituto Nacional do Filme, Canada).

BIBLIOTÉCA

SERVIÇO FLORESTAL

Rio de Janeiro - Brasil

SUMÁRIO

Pág.

64 anos	3
Flôres Flutuantes	6
Tipos de Bovinos — Elvino Alves Ferrelra — Zootecnista	10
O Cooperativismo e o problema agrário — Fábio Luz Filho	12
Reforma agrária no Irão	16
A Classe Rural — Temas e Sugestões — Arruda Câmara	27
As saúvas não comem as folhas e grãos que carregam — A. de Miranda Bastos	37
A Sociedade Nacional de Agricultura e o Ensino Profissional Agrícola	40
Contrôle da lagarta do Casulo — L. F. Fontes	52
Experimentação Agrícola — F. Martinho Braga	56
Associativismo Rural	63
Sementes Irradiadas Revolucionam a atividade Agrícola Norte-Americana	66
Fiscalização Fitossanitária dos Estabelecimentos Agrícolas do Estado da Guanabara	68

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo — Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Benemérito — Dr. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente — LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente — EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente — KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente — ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário — FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário — ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário — JOSE ARISTOBULO DE CASTRO FILGUEIRA
4.º Secretário — GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro — RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro — OTTO FRENSEL
Secretário-Geral — LUIZ MARQUES POLLANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO
ENNIO LUIZ LEITÃO
FLAVIO DA COSTA BRITTO
OSMAR LOPES REZENDE
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
JÓLIO CESAR COVELLO
MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES)

CADEIRA	Ocupante
1 — ENNES DE SOUZA	— Alberto Ravache
2 — MOURA BRASIL	— Geraldo Goulart da Silveira
3 — CAMPOS DA PAZ	— Kurt Repsold
4 — BARÃO DE CAPANEMA	— Luiz Marques Pollano
5 — ANTONIO FIALHO	— Antonio de Arruda Camara
6 — WENCESLAU BELLO	— Ennio Luiz Leitão
7 — SYLVIO RANGEL	— Frederico Murtinho Braga
8 — PACHECO LEXO	— Valentin F. Bouças
9 — LAURO MULLER	— Heltor Grillo
10 — MIGUEL CALMON	— Joaquim Bertino de M. Carvalho
11 — LYRA CASTRO	— Edgard Teixeira Leite
12 — AUGUSTO RAMOS	— Luiz Simões Lopes
13 — SIMÕES LOPES	— Jayme Bernardes Cotrim
14 — EDUARDO COTRIM	— Paulo Simões Lopes
15 — PEDRO OZÓRIO	— Antônio José Alves de Souza
16 — TRAJANO MEDEIROS	— Luiz Gubnares Junior
17 — PAULINO CAVALCANTI	— Iris Melnberg
18 — FERNANDO COSTA	— Jullio Cesar Covello
19 — SÉRGIO DE CARVALHO	— Oswaldo Balarin
20 — GUSTAVO DUTRA	— Ignácio Tosta Filho
21 — JOSÉ TRINDADE	— José Augusto B. de Medeiros
22 — IGNÁCIO TOSTA	— Fábio Luiz Filho
23 — JOSÉ SATURNINO	— Mário Penteado de F. e Silva
24 — JOSÉ BONIFÁCIO	— Francisco de Assis Iglésias
25 — LUIZ DE QUEIROZ	— Alfredo L. de Ferreira Chaves
26 — CARLOS MOREIRA	— Honório Montelero Filho
27 — ALBERTO SAMPAIO	— José Carlos de Macedo Soares
28 — NAVARRO DE ANDRADE	— Rômulo Cavina
29 — ALBERTO TORRES	— Otto Frensel
30 — SÁ FORTES	— Oswaldo Lazzarini Peckolt
31 — THEODORO PECKOLT	— Rômulo Joviano
32 — RICARDO DE CARVALHO	— José Sampaio Fernandes
33 — BARIOSA RODRIGUES	— Sylvio Fróes de Abreu
34 — GONZAGA CAMPOS	— José Assis Ribeiro
35 — AMÉRICO BRAGA	— Moacyr Alves de Souza
36 — EPAMINONDAS DE SOUZA	— José Carlos Bello Lisbon
37 — MELLO LEITÃO	— Milton Freitas de Souza
38 — ARISTIDES CAIRE	— Paulo F. de Parreiras Horta
39 — VITAL BRASIL	— Adamastor Lima
40 — GETÓLIO VARGAS	—

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente dos seguintes órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Pollano; Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil — Dr. Altino de Azevedo Sodré; Comissão Permanente de Estradas de Rodagem — Dr. Raul David de Sansom; Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Dr. Edgard Teixeira Leite; Comissão Consultiva de Acordos Comerciais (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; Comissão de Política Agrária (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente; Alberto Ravache; Conselho do Mérito Agrícola — Luiz Simões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara — Abel de Almeida; Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara — Juvenal da Silva Azevedo.

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV

JANEIRO-FEVEREIRO, 1961

ANO LXIV

Completo a Sociedade Nacional de Agricultura em 16 de Janeiro, o seu sexagésimo quarto aniversário, o que vale dizer, sessenta e quatro anos de uma fecunda existência inteiramente devotado ao bem público, especialmente aos problemas da vida rural.

Ainda agora, quando o ex-Distrito Federal se transformou em Estado da Guanabara — sede da tradicional entidade — não deixou ela de oferecer sua colaboração àqueles que estão trabalhando no sentido de dotar o mais novo Estado da Federação, de uma Constituição digna do mesmo.

Sob o fundamento de que a conservação da natureza é um princípio adotado universalmente por todos os povos civilizados, e que o Estado da Guanabara, "apesar de sua reduzida extensão territorial possui um excepcional conjunto de florestas, serras, lagos e ilhas, enseadas e baías, que o consagra mundialmente como um dos mais belos recantos do mundo", sugeriu a Sociedade Nacional de Agricultura aos constituintes a inclusão, na Carta Magna do Estado, de um artigo assim redigido:

Art. — Todos os bens materiais, particularmente a flora, a fauna, as águas, o solo, as pastagens, os locais dotados de particular beleza e os monumentos naturais, ficam sob a proteção do Estado.

Parágrafo único — A Lei regulará o uso e a destinação desses bens, de forma a garantir-lhes integridade e perenidade para as gerações vindouras.

Por outro lado, considerando a importância da iniciativa privada, sugeriu a Sociedade Nacional de Agricultura aos constituintes a inclusão do seguinte artigo na futura Constituição do Estado da Guanabara:

Art. — O Estado incentivará a iniciativa privada, visando ao incremento da produção, ao aperfeiçoamento dos métodos de comércio e ao aumento das facilidades de mercado, para abastecimento de gêneros alimentícios. A lei disporá sobre os meios de incentivo condicionando-os sempre ao bem estar social e ao interesse público.

Nenhum outro interesse norteou a Sociedade Nacional de Agricultura ao sugerir os dois artigos à Constituição do Estado da Guanabara, senão aquele que desde 1897 vem assinalando todas suas iniciativas, isto é, bem servir ao país e à coletividade.

Política canavieira de largo alcance bem executada pelo I. A. A.

A volta do Brasil ao mercado internacional do açúcar representa uma vitória assinada da atual política canavieira, vigente desde os primeiros anos da década dos trinta. A possibilidade de poder-mos colocar no exterior cerca de 800.000 toneladas de açúcar, a quanto devem montar no mercado no corrente ano as nossas exportações, sem que isso signifique qualquer restrição ao consumo interno, diz bem alto da capacidade de produção do país e da pujança da agro-indústria da cana-de-açúcar.

Cabe destacar que a produção de açúcar de usina dobrou em apenas um decênio, passando de 1.390.800 toneladas em 1949 para 3.003.600 toneladas para 2.254.200 toneladas mas igualmente, das novas possibilidades abertas as vendas brasileiras nos mercados externos.

Para chegar a um resultado tão expressivo foi necessário, como é natural, melhorar as entregas de matéria-prima às usinas. Isso quer dizer que a lavoura canavieira foi chamada, no decênio em questão, a realizar um esforço sem precedentes nos seus quatro séculos de atividade. Os lavradores tiveram não apenas de ampliar as áreas canavieiras como também de melhorar as lavouras, visando a

obter maior produtividade agrícola e a cultivar variedades de rendimento em açúcar mais elevado.

Neste esforço a participação do Instituto do Açúcar e do Alcool, a autarquia criada em 1933 para comandar a economia canavieira, foi decisiva. O I.A.A. amparou os lavradores em seus esforços propiciando-lhes o amparo técnico e financeiro sem o qual os planos de expansão da agricultura da cana-de-açúcar não teriam tido o êxito verificado.

Digno de referência es-

pecial é o trabalho destinado a criar no país variedades de cana de elevado rendimento. Os "campos de cooperação" criados pelo I.A.A. em mais de dez Estados da Federação começam a apresentar resultados animadores. Mais de 300 desses campos realizam uma tarefa das mais promissoras, sendo numerosos aqueles nos quais já se obtém rendimento superior a 100 toneladas de cana por hectare. Outros objetivos visados pelos técnicos da autarquia é a obtenção de variedades resistentes às pragas, com o que se reduzirá um dos fatores mais negativos no resultado final da lavoura.

De 1957 a 1959 foram realizados numerosos experimentos de competição para indicar, em cada Estado, as variedades de maior rendimento e resistência. Os resultados



Aspecto de um canavial sob orientação técnica, visando maior produtividade.

obtidos permitiram apontar variedades de alto interesse para as lavouras regionais, cujas disseminação deverá representar um progresso sensível na agricultura brasileira. Pernambuco recebeu, em 1959, nada menos de 120 toneladas de novas variedades de cana destinadas a substituir outras cujo rendimento se revelara anti-econômico. Outros Estados como Bahia, Sergipe, Alagoas e Paraíba foram beneficiados por essa política, que tende a modificar, fundamentalmente, a fisionomia da lavoura canavieira no país.

No ano corrente o I. A. A. organizou mais 120 campos de cooperação com a finalidade de assistir os plantadores com adubos, inseticidas, fungicidas, variedades de canas mais promissoras, melhor preparo do terreno, combate às pragas e doenças e orientação técnica permanente a cargo dos agrônomos canavieiros nêles lotados. O emprêgo de fungicidas e inseticidas contra as podridões e as pragas do reboio, na ocasião do plantio, representa uma das formas mais positivas de auxílio do I. A. A. aos lavradores.

O esforço da autarquia canavieira para amparar os produtores de cana-de-açúcar não se limita, porém, ao aspecto técnico. Também no aspecto financeiro a ajuda oferecida se reveste da maior significação, pois permite a continuidade das tarefas agrícolas, sem o risco das interrupções decorrentes de dificuldades sobrevindas na liquidação das safras. Os empréstimos de entre-safra assegurados

aos plantadores, através as suas cooperativas são os mais baratos do Brasil e, também, os mais regulares. Da mesma forma são particularmente proveitosos os auxílios destinados a permitir a racionalização das tarefas agrícolas mediante a aplicação das modernas práticas de adubação, irrigação, mecanização, com bate às doenças e pragas etc.

Compreende-se, pois, que os resultados obtidos sejam de tal forma animadores, permitindo, em dez anos, dobrar a produção de açúcar e, também, a de álcool, que no período, apresentou uma melhoria da ordem de 179%. Os fatos portanto, comprovam o acerto da política canavieira vigente no país e a segurança da sua aplicação pelo I. A. A.

UM PRODUTO DA USINA SÃO JOSÉ S. A.

GOITACAZES - CAMPOS - EST. DO RIO

ADOCE O SEU LAR COM



ESCRITÓRIO CENTRAL

RUA MÉXICO, 90 — 7.º ANDAR

TELEFONE: 32-8176

RIO DE JANEIRO

Flôres Flutuantes

Se é verdade que as flôres trazem felicidade, então a Holanda é sem dúvida o país mais feliz do Mundo. Em que outro lugar se pode encontrar tal profusão de flôres sempre à mostra por todos os lados e durante o ano inteiro? Onde no mundo são os "filhos de Flora" cercados de tanto amor e cuidado? Sem deixar de mencionar o aspecto menos poético, onde mais a indústria de flôres alcança tão alto significado econômico?

Porque a Holanda, com a sua falta de sol e abundância de chuva e vento, é o país das flôres por excelência? Eis uma boa pergunta. Basta ler as indicações que acompanham os pacotes de sementes e bulbos para ver que a luz solar, a escolha de um lugar sem correntes de ar, assim como o regadio equilibrado são condições que devem ser levadas em consideração para que o cultivo de flôres tenha êxito.

Não obstante, a verdade é que na Holanda há mais flôres plantadas em vasos e flôres ornamentando jarros em maior número de casas, mais vendedores de flôres em mais esquinas, e muito mais floristas e pessoas ganhando o seu sustento com o cultivo per capita do que em qualquer outro lugar do mundo. Este fato indica que, de um lado, os holandeses gostam de flôres e, por outro, as flôres também gostam da Holanda, pequena área banhada pelas águas de maré ao longo do Mar do Norte, nevoenta e açoitada pelos ventos. A combinação destes dois fatores torna vantajoso o cultivo de flôres na Holanda.

Por trás das famosas dunas naturais que protegem as zonas baixas da Holanda contra o assalto do Mar do Norte, estende-se uma faixa de terra chamada, às vezes, de "as minas de ouro da Holanda." Todas as primaveras essa estreita faixa, entre as históricas cidades de um tapête mágico de bulbos em flôr: açafrões, jacintos, narcisos e tulipas.

Esta fusão de interesses comerciais e de caráter emotivo pelas flôres trouxe nos Países-Baixos colorida e fasciante tradição. Conservando-a, várias cidades e vilas promovem anualmente exposições de flôres durante a primavera e o verão. Alguns destes corsos, assim chamados segundo o idioma italiano, são de uma beleza fora do comum e tão originais que a sua fama ultrapassou as fronteiras e os limites costeiros do país.

Para um grande número de pessoas a Holanda é identificada com as tulipas, jacintos e narcisos do prado e todas as outras flôres de bulbos.

Durante a primavera há uma série de acontecimentos para comemorar esta profusão de cores, como atestam os milhões de visitantes à exposição móvel que tem lugar no primeiro sábado de abril percorrendo as cidades das tulipas, Sassenheim, Lisse e Heliógom, e voltando ao ponto de partida, estendendo sua trilha colorida através do distrito de flôres bulbosas entre Haarlem e Leyden. Na primavera passada, este corso teve lugar pela decima segunda vez e como sempre as principais flôres foram tulipas, jacintos e narcisos do prado.

As exposições de verão têm a sua "première" no primeiro sábado de agosto com um desfile esplendoroso realizado anualmente desde 1954, deixando atrás de si um traço colorido entre a vila de Rijnsburg (burgo do Reno) e a cidade universitária de Leyden. Em quase todas as exposições de verão, os carros alegóricos e os automóveis são



decorados com cravos, crisântemos, dalias, gladiolos, lírios, rosas e outras flores lindas da estação. A principal atração deste corso é a volta realizada à noite, com todos os veículos iluminados, proporcionando um espetáculo feérico.

Rotterdam celebra a sua exposição de flores

em outro sábado de agosto. Como segundo porto mais movimentado do mundo, Rotterdam se orgulha de ter sido a primeira cidade a inaugurar uma exposição de flores deste tipo. Este ano será a trigésima primeira vez que as ruas da cidade serão adornadas pelo toque mágico da natureza, desfilando os carros, à semelhança de uma galáxia esplendorosa, por entre centenas de espectadores.

Chegando o mês de setembro, novamente no primeiro sábado, tem lugar o corso florístico de Aalsmeer. Aalsmeer é o centro da indústria de flores de estufa e gaba-se de realizar o maior e mais atualizado sistema leiloeiro de flores do mundo.

Como era de se esperar, esta exposição de Aalsmeer ultrapassa todas as outras. Saindo pela manhã a procissão dirige-se a Amsterdam, quinze milhas ao norte, onde realiza uma parada de flores no Estádio Olímpico antes de retornar a Aalsmeer. Um aspecto interessante deste corso é que num ponto ao longo do trajeto, um modelo em escala reduzida da exposição do ano anterior fica em exibição de abril a setembro. Este modelo, uma décima parte do tamanho real, é decorado com flores cultivadas de maneira muito especial. A exposição de Aalsmeer vem sendo realizada anualmente desde 1948.

Encerrando a sucessão de grandes exposições florísticas surge o corso de Zundert, o corso favorito do autor, realizado no primeiro domingo de setembro nestes últimos dezoito anos.

Zundert, pequena comunidade horticultora perto de Breda, próximo da fronteira belga, foi o berço de Van Gogh. Contrariando todas as outras exposições, a de Zundert é inteiramente não comercial, visando apenas simples diversão. Aqui os carros alegóricos não são decorados publicamente ou em conjunto, mas enfeitados por cidadãos, individualmente, guardando o maior segredo. Para isso realizam os diferentes trabalhos sob grandes lonas.

Há também uma grande diferença nesta parada. Enquanto nos outros cursos as decorações eram feitas com grandes braçadas de flores, inclusive talos e folhas, nos enfeites dos carros alegóricos de Zundert utilizam-se somente flores, aos milhares, formando grandes superfícies e variadas formas de desenhos e cores. Outro aspecto interessante é o fato de utilizarem somente dalias, cultivadas especialmente para a ocasião nos quintais das casas de Zundert.

Para construir um carro alegórico deste tipo é necessário planejá-lo com muitos meses de antecedência e dispor de alguns dias de trabalho febril. As flores são apanhadas e trabalhadas quando estão na fase mais linda, do contrário murchariam se fossem preparadas com muita antecedência. Na realidade um trabalho deste tipo é sem dúvida, compensador!

(Continua na pág. 76)

Como

aumentar

e baratear

a produção

dos cooperados

Esta é a preocupação constante dos modernos líderes do cooperativismo e do associativismo rural. É por isso que em número crescente associações rurais e cooperativas, importam diretamente indispensáveis utilidades agrícolas, tais como:

fertilizantes

inseticidas

fungicidas

carrapaticidas e boricidas

herbicidas

produtos para conservação de madeira

vitaminas para alimentação animal

sementes de batata

sementes para pasto e outras sementes

discos para grades e arados

arame farpado, ovalado e liso

pulverizadores e polvilhadeiras

e outras matérias para fins agrícolas.

E, notem bem: Tudo isso pelos preços baixos da fonte, na qualidade e embalagem de origem sem dificuldades para entregas aos cooperados. Encarrega-se de tais transações, inclusive financiadas, DELTA SOCIEDADE COMERCIAL LTDA., representantes tradicionais de comprovada idoneidade, atestada por repartições federais, estaduais, autarquias associações rurais e cooperativas.

DELTA SOCIEDADE COMERCIAL LTDA.

RUA DOM GERARDO, 46 - 4.º conj. 406

CAIXA POSTAL, 1799, TEL. 43-1868

Endereço Telefônico: DELRAM

RIO DE JANEIRO



Retrato de uma família sadia...

Esta família, como tôdas as famílias de ontem e de hoje, tem sempre ao lado de si uns "bons amigos". Eles "aparecem" na foto no ar saudável de tôdos, na robustez, na alegria... representando o que há de mais importante na vida de todos nós: a saúde. Eles são nomes muito íntimos, que desde o vovô ao caçula, há muitas gerações, tôda a família pronuncia com satisfação: Os *Produtos Nestlé* !

Êstes "bons amigos da família", os *Produtos Nestlé*, sintetizam tôda uma linha de produtos alimentares que Nestlé vem introduzindo, há, quase 50 anos, nos lares de todo o Brasil. E, de tal sorte, tem sido sua contribuição à saúde perfeita da família que, no retrato das gerações sadias, os *Produtos Nestlé* hão de ocupar sempre um lugar de absoluto destaque.

COMPANHIA INDUSTRIAL E COMERCIAL BRASILEIRA DE PRODUTOS ALIMENTARES



REMINISCÊNCIAS...

O Sindicato na Agricultura — IV

LUIZ MARQUES POLIANO

BIBLIOTÉCA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro - Brasil

Após o decreto-lei n.º 7.038 de 10 de novembro de 1.944, que instituiu a sindicalização na agricultura, foi promulgado, como vimos no artigo anterior, o decreto-lei n.º 7.449 de 30 de maio do ano seguinte, dando organização à vida rural em base associativa.

Por conter esse diploma alguns dispositivos que contrariavam o sistema democrático, que a classe desejava fôsse a base dos seus órgãos representativos, e à vista dos protestos partidos sobretudo de Minas e de São Paulo, o Governo resolveu nomear uma comissão que oferecesse um substitutivo, e o regulamentasse desde logo.

E' que no ante projeto do 7.449, elaborado pela Sociedade Nacional de Agricultura, foram feitas emendas que contrariavam em parte aquele desejo da classe rural.

A Comissão se compunha dos seguintes nomes: Arthur Torres Filho, Presidente e representante da S.N.A.; Iris Meinberg, Presidente e representante da União Pecuária do Brasil Central (São Paulo); Osear Daudt Filho, 1.º Vice Presidente e representante da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul; Antonio de Arruda Câmara, representante do Ministério da Agricultura; Cândido Soares de Freitas, representante da Sociedade Mineira de Agricultura; finalmente, do autor destas linhas, que funcionou como secretário da Comissão.

.....

As reuniões realizaram-se na sede da S.N.A., tendo a Comissão dirigido o seu trabalho principalmente para os três pontos em torno dos quais se concentraram as objeções ao 7.449:

- a) eleição das diretorias das sociedades, federações e Confederação;
- b) consideração por determinadas peculiaridades que, no diploma, attingiam situações existentes;
- c) substituição das "Sociedades Rurais" por "Associações Rurais", e das "Unões Rurais" por "Federações de Associações Rurais" e da "União Rural" por "Confederação Rural Brasileira".

A 22 de agosto de 1.945 reuniu-se a comissão no gabinete do então Ministro da Agricultura, Dr. Apolonio Salles, e no dia seguinte, e sucessivamente, na S.N.A.

Surgiram assim, o 8.127 e seu regulamento. A classe rural conta hoje com cerca de 1.700 associações, 22 federações, com a C.R.B. por cúpula, congregando cerca de 300.000 agricultores e criadores.

Aqui estaremos ainda no próximo número, com uma derradeira nota sobre o assunto.

TIPOS DE BOVINOS

Elvino Alves Ferreira

Zootecnista

Sendo a palavra tipo muito usada em Zootecnia, é de interesse dos criadores saber o que quer dizer. Dois são os seus significados mais comuns: tipo etílico, sinônimo de raça, é a forma primitiva à qual se filiam as raças, e tipo comercial ou simplesmente tipo é a forma ideal em torno da qual se reúnem os indivíduos para formar-se um grupo, levando-se em conta não os caracteres étnicos, mas sua conformação e, principalmente, suas aptidões.

Os zootecnistas, comumente, dividem os nossos bovinos em quatro tipos: de corte ou de carne, leiteiro, misto e tardio ou comum.

Existindo, assim, 4 tipos, o criador deverá escolher um, sendo esta escolha importante,

porque, para certas localidades ou regiões, haverá mais conveniência e será mais lucrativa a exploração de um tipo do que do outro. Para decidir-se deverá considerar, entre outros pontos os seguintes:

a) condições agrícolas (alimentação) e o mercado (exigências e preferências) como os fatores de maior peso;

b) clima

c) sistema de criação;

d) instalações e equipamentos;

e) pessoal, impostos e favores;

f) as raças aperfeiçoadas e a sua adaptação ao meio; e
g) conhecimentos zootecnicos e práticos do criador.

O tipos mais aperfeiçoados são muito mais exigentes quan-

to de higiene.

Requerem, pois, melhores conhecimentos da parte do criador. Este deve ainda ter espírito comercial, isto é, saber comprar e vender; entender de economia rural, de agricultura (principalmente agrostologia) de higiene etc.

Para aquele de pouca prática o melhor meio é limitar seus vizinhos mais adiantados.

Como caracterizar os tipos — O tipo de carne caracteriza-se pela perfeição nas suas formas, pela grande precocidade e desenvolvimento, pela redução das partes que fornecem carne de qualidade inferior, pelo esqueleto fino e denso.

Diz-se que seu corpo tem forma de um paralelepípedo ou, mais modernamente cilíndrica, abstraindo-se dos seus membros e cabeça.

São animais exigentes quanto à alimentação; porém, melhores aproveitadores das forragens ricas.



Magníficos exemplares de gado leiteiro do Baixo São Francisco.

Diminuída a sua rusticidade com o melhoramento, tornaram-se menos resistentes às doenças e aos parasitos.

Os seus vitelos oferecem carne de excelente qualidade e, aos 1½ a 3 anos, ótimos novilhos para corte.

Pertencem a este tipo, entre outras, as raças:

Shorthorn, Hereford, Poled Angus, Charoleza, Limousine etc., aperfeiçoadas para produzir carne.

Tipo leiteiro — Os animais do tipo leiteiro caracterizam-se, em relação ao de corte, pelas formas angulosas, peito mais estreito com cernelha aguda, pescoço mais delgado, abdome amplo, pontas dos ilcos e isqueos mais salientes, esfin. descarnados.

Diz-se que seu corpo é em forma de cunha, sendo 3 as principais: a) a constituída pela linha de cima ou superior e a linha de baixo, esta passando pelo umbro e cabeça; b) a formada pelas linhas partindo das ancas à cernelha; e c) a que se vê partindo-se da cernelha, passando pelas espáduas em direção do solo.

S. A. MERCANTIL TERTULINO FERNANDES

CASA FUNDADA EM 1870

Capital realizado: 93.000.000,00

Proprietária das salinas Rio do Carmo, Serra Vermelha, Potiguar, Guanabara e Roncadeira.

Associada de Salicultores de Mossoró — Macau Ltda. SALMAC, com 55,92% do Capital Social.

ALGODÃO E SUB-PRODUTOS, PELES E CÉRAS DE CARNAÚBA, FÁBRICAS DE ÓLEOS E SABÃO, FABRICANTES E EXPORTADORES DE SAL.

MATRIZ

Mossoró — Rio Grande do Norte
Praça Felipe Guerra, 12
End. Teleg. — FERDES

FILIAL

Rio de Janeiro
Av. Rio Branco, 151 — 15.ª and. s. 1505/8
Tel. 52-2880 — End. Teleg. RAYFER

Tal conformação e especialmente notada nas vacas em lactação.

O tipo leiteiro, como o ante-

rior, é mais exigente quanto à alimentação e também menos resistentes às moléstias e aos parasitos.

A sua criação e exploração exigem pessoal mais numeroso, mais habilitado, bem como maior empenho de capital em instalações e equipamentos.

A aptidão e a função leiteiras são muito desenvolvidas, o que redundou em tornar-se mais amplo o trem posterior do que o anterior.

São representantes deste tipo, entre outras, as raças: Holandesa, Ayrshire, Flamengo, Guernsey e Jersey.

O tipo misto caracteriza-se por apresentar as duas aptidões, carne e leite, mais ou menos equilibradas, sem, entretanto, alcançar o desenvolvimento atingido pelos dois primeiros tipos.

Neste tipo podem aparecer grandes produtoras de leite; mas, geralmente, serão fracas produtoras de carne. Houve uma vaca Schwys "AGATHE", em 1935, que foi campeã mun-

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO. LTDA.

SUC. DE L. B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS, 28/42 — RIO

IMPORTADORES e Distribuidores da Cia. Siderúrgica Nacional, Cia. Siderúrgica Belgo Mineira, Cia. Brasileira de Usinas Metalúrgicas e outras

AÇO em barras, vergalhões e lâminas para portas, CHAPAS: de ferro, pretas, galvanizadas e de aço, para portas, CHAPAS DE COBRE e BOBINAS, EIXOS para transmissão e etc. FERRO: em barras chatas, vergalhões quadrados e redondos, cantoneiras L - T - U, vigas I e U. LATÃO: em vergalhões, barras, cantoneiras; chapas e etc. TUBOS: galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeiras

Secção de Cortes de:

BARRAS, vergalhões, chapas e vigas I e U

FUNDAÇÃO DE FERRO e outros metais. OFICINA MECÂNICA E SERRALHERIA em geral.

TELEFONES: Mesa: 52-2104 — Seq. Vendas: 22-0409 e 52-2102
Expedição: 22-1584 — Oficinas: 52-2103 — GERÊNCIA: 22-2549

(Continua na pág. 48)

O Cooperativismo e o problema agrário

Fábio Luz Filho
(Presidente do Centro Nacional de
Estudos Cooperativos)

Já tenho acentuado em livros sucessivos, como "Rumo à Terra" (em quinta edição), "Cooperativismo e crédito agrícola" (em terceira edição) e "Crédito agrícola e problema agrário" (agora em 1958), etc., que é necessário dar ao nosso homem rural a imprescindível eficiência técnica, organizações de ensino e econômicas que lhe transfiram capacidade e mentalidade novas, etc.

Em "Crédito Agrícola e problema agrário" reproduzo este quadro, no próprio Estado do Rio: em zonas situadas a dois passos de uma das maiores metrópoles do mundo, ainda vivem pequenos produtores e colonos entre a rapacidade desventregada do intermediário, que lhes impõe preços ínfimos por caixa de produtos para vendê-las por preço 8, 10 vezes maiores no Rio de Janeiro. Vivem no labor ingente do ceto soalheiro, sem terra, sem teto sem pão, quando não fogem para as cidades. Latifundiários que fazem pasto, como é sabido, das roças dos colonos, "não matam for-

Bombas HIDRÁULICAS

para
LAVOURA
INDÚSTRIA e
QUAISQUER FINS
Peçam orçamentos e questionários, sem compromisso.

à

HAUPT & CIA. LTDA.

RIO DE JANEIRO  FUNDADA EM 1923

RUA TEÓFILO OTONI, 133

TELEFONE 23-2321

RIO DE JANEIRO

Senhores Fazendeiros

A Usina Queiroz Junior S. A.

Indústria Siderúrgica



Ferro Guza Esperança

Fábrica Arados "Favorita", Engenhos para Cana, Debulhadores de milho, Carneiros hidráulicos, Painéis, Caçarolas, Chaleiras, Chapas de fogão, Fogareiros, Piaquetas, Machados, Bigornas, Rodas Pelton, etc. Fábrica mais, toda e qualquer peça em

Estação de Esperança-E.F.C.B.

Telegr. "GUZA"

ESTADO DE MINAS GERAIS

miga, e nem evitam o gado, fazem de nossa agricultura pasto, e não podemos reclamar ao dito o assunto"; "tudo que plantamos na lavoura os ditos nos cobram de alguns meios e de outras terças", e meios e terças "e o gado invadindo, naturalmente ele não pode dar o pão aos filhinhos", pois dizem eles que o gado é a vida do decaço", preferindo ver a cara de uma vaca substituindo 6 cabeças de colonos"... conforme cartas que recebemos e reproduzimos em "Rumo à Terra" e como vi quando trabalhei no interior desse Estado como agrônomo, durante alguns anos.

Aos quadros que reproduzo em "Rumo à Terra" e agora em "Crédito Agrícola e problema agrário", junto este, recentíssimo, traçado pela pena de um sacerdote-jornalista, em janeiro de 1958 em Alagoas (Pindoba), o Padre Abelardo Romero Pereira, em conceitos justos e candentes:

"A história de Pedro Titara é a mesma de todos os agricultores que fazem de seu roçado um "vale de lágrimas". Titara aspira a um cargo público, cá na cidade. E o seu desejo é já a realização de muitos, que, desanimados, encostam a enxada e tomam a estrada, com mulher e penca de filhos, rumo à cidade.

"E" melhor mesmo morrer na capital, porque terá quem lhe enterre o corpo esfomeado. No interior não há Cooperativa Agrícola. O de que precisamos no interior é de Cooperativas que agremiem os pequenos agricultores, incentivando-os e ajustando-os ao trabalho. Uma cooperativa que garanta a colheita, que mantenha em nível comercial o produto da lavoura. Uma Cooperativa



**Mãos que espalham
SALITRE DO CHILE
não ficam vazias ...**

É MAIS LUCRATIVO MULTIPLICAR A PRODUÇÃO DE 1 ALQUEIRE COM BOM ADUBO, QUE PLANTAR TRATAR E COLHER 3 ALQUEIRES - POIS SÓ A ECONOMIA DE BRAÇOS COMPENSA FARTAMENTE O SALITRE DO CHILE É UM ADUBO NATURAL QUE REFORÇA A PRODUTIVIDADE DO SOLO EXPERIMENTE-O!

SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE.

CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE

PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPÍRITO SANTO

RUA MÉXICO, 111 - 12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)

CAIXA POSTAL 875

— —

TEL 31-1850 - rede interna

que não seja uma Coop. mas sim uma perfeita Cooperativa, estelo ativo que sustente o ânimo do agricultor, que dê gosto ao pequeno agricultor a fixar-se em seu torrão natal. (O grifo é meu). Uma Cooperativa tal qual a inspirou Leão XIII e que tenha como cartilha normativa *Rerum Novarum*.

"Em virtude do abandono em que vive o agricultor, é que os campos estão despovoados. A agricultura em bancarrota aguarda uma reforma. Nas casas Legislativas do País, há, sim, reformas de subsídios e de favoritismos. A questão de melhoria para o homem do campo não é assunto para Legisladores. O salário para operários ainda em cogitação nas Casas da Lei. Daí a revolta do homem do campo para a cidade, a fim de ser operário, pois o salário-operário corre por conta das horas e não da produção. No campo, o salário obedece ao fator produção, tempo, chuva, sol...

"Os passos estão curtos, mas já se marcha para uma revolução, não do proletariado, da massa faminta, mas sim do homem da enxada reivindicando seus justos direitos. Não pagam eles impostos pesados, não são importunado nas correntes fiscais. Tem, portanto, seus direitos. Ha-de se chegar à época de antanho, em que os impostos eram revertidos em prol da coletividade e não em favor de um grupelho. E quando no Brasil o agricultor fôr tratado como um valor, a agricultura ocupará seu lugar de relevo na economia do País. E o grupo de agricultores desprotegidos pelos poderes públicos não desejará ser operário dos grandes centros.

"E então, e então o Pedro Titara não querará deixar a sua Cajalba fauceira, de terras ubertozas e de caçadas poéticas. Pedro Titara continuará bom agricultor, sem carecer da malfadada Revolução agrária, mas, sim, um aproveitador da aspirada reforma agrária".

Vê-se que as cores do drama continuam as mesmas. O nosso trabalhador rural, digo-o em livros sucessivos, permanece joguete infeliz e miserável de um contubérnio nefasto de circunstâncias adversas. Insulado e miserável, sem elementos de esperança e de conforto, olhos fitos nas cidades tentaculares, sem hábitos de providência, sem assistência material e moral. E o urbanismo vai assumindo proporções atordoantes.

Já Melne em seu livro célebre profligava o urbanismo como agente funesto de despovoação dos campos. Entre nós, por causas bem conhecidas, por motivos flagrantes, esse fenômeno se acentua. As populações litorâneas aumentam dia a dia em escala progressiva, decorrência, inicialmente, do aluxo migratório tangido pela ambiência de asfixia que duas guerras criaram pelas condições de existência nos centros europeus, aumento que é também a consequência lógica da atração que exercem os grandes centros civilizados sobre o trabalhador do campo, o industrialismo crescente e suas franquias trabalhistas agindo como aparelho de sucção do homem rural, já escasso e sem a convincente eficiência técnica, em postura infra-humana. E as sécas transgendo o homem nordestino... Ponhamos esperanças na SUDENTE...

Ninguém ignora que ainda existem, no Brasil, inestimáveis sesmarias semelhantes às dos

opulentos André de Albuquerque Maranhão a perlongar léguas sem fim atalhadas de canaviais, umas, e outras destinadas à criação de gado, generosas dádivas da munificente Coroa real. "Destas léguas que exigem que um homem marche três ou quatro horas para fazer uma", emparelhadas a países desertos... Sesmarias no Norte havia, e ainda existem, que cobrem léguas. (Veja no Pará). Sem falar em Minas, Goiás, Mato Grosso, etc...

O engenho de Apleucos, em Pernambuco, chegou a possuir 28 léguas quadradas! E as sesmarias também dos Barros Cavalcanti da Casa da Torre, dos Domingos Sertão, dos Burgos dos Aranha Pacheco, Cosme Brito, etc?..

A situação do trabalhador rural brasileiro e sua angústia, podem estereotipar-se na amargem, desencanto e ironia contidas nas palavras de um caboclo de Pinalzinho, no riquíssimo município paranaense de Guarapuava (não é Nordeste...) quando por mim interrogado há anos sobre seu triste insulamento e sórdida miséria e brutidão; sobre as endemias e visitas de pessoas esclarecidas.

A LAVOURA

(ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL
DE AGRICULTURA E DAS CLASSES RURAIS
DO ESTADO DA GUANABARA)

Fundada em 1897

Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES LOPES

Presidente da Sociedade

LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor Responsável e Redator Secretário

Eng.º Agrônomo ANTONIO DE ARRUDA

CAMARA

Diretor

Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Diretor Técnico

Eng.º Agrônomo GERALDO GOULART

DA SILVEIRA

Redator Técnico

CARLOS ALBERTO SOARES

Chefe de Publicidade

Redação e Administração:

General Justo, 171

Telefone: 42-2981

Caixa Postal: 1245

Rio de Janeiro

Nem a redação da Revista nem a Sociedade
Nacional de Agricultura são responsáveis pelos
conceitos emitidos em artigos assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar — Tel.:
43-1432 — End. Tel.: "LINEFE" C. P. 7257

— SÃO PAULO —

que lhe tivessem ido dar algum conforto, algumas doídas esperanças em dias melhores, orientá-lo, prometendo-lhe trabalho e transportes econômicos, procurando libertá-lo das endemias e do alcoolismo, esse tetriceo flagelo, etc. A resposta do contado foi esta: "Que e que eles viriam fazer aqui?... Dinheiro não temos, somos analfabetos, não servimo para eleitores... O unico que passou por aqui, no prazo de 30 anos, foi o Bispo, acompanhado de quatro padres. E só!... Sem comentários, pois a situação não parece ter sofrido modificações substanciais aqui e ali. Na região de Tibagi as endemias devastam..."

A repercussão social da arte fundiária é profunda através dos tempos, como acentua em "A Terra e a Terra" e agora Israel, com novos elementos, em "Oreário Agrícola e problema agrário", desde o "pastoreio errante", e a entrada, até ao arado, dando motivo as "classes rurais brasileiras", que supõem nesses estudos com a terra.

Alguns fazendeiros no interior do Estado do Rio de Janeiro, e temo enriquecendo mais cada vez de estudos e observações com viagens. Começo não só o Estado de desamparo e miséria de nosso homem rural, as condições dos salmantes, meios e a tristeza dos latifundiários vazios, etc., como também começo, porque já dele fui vítima, os recursos de que lança mão muita vez o pobre operário para provar o trabalho, desaparecendo logo depois de receber o salário da semana, deixando a derrubada, ou os alojamentos ou os traómos aratônicos, a acuidade ou a colheita em começo ou em meio, os azares das mudanças de tempo, etc., etc., E conhecida também, a penúria dos casebres de argila, feitos a sopapos, titubeantes, toscos, e o regime de quisto escravidão, notadamente no Norte, Nordeste e Centro, em matéria de locação de serviços e relações entre fazendeiros e salmantes, meios, parceiros, etc. O "Correio da Manhã", recentemente, fez uma chocante reportagem sobre Goiás e os novos escravos dos "paus-de-arara".

A imensidade territorial do Brasil e sua ínfima densidade demográfica, deixaram perplexo a André Siegriff.

"No litoral e na franja imediata, a densidade varia de 11 a 45 habitantes por quilômetro; mas no interior, desce a 4 e, no centro do país, quase só há 1 habitante para cada 4 quilômetros quadrados. A população está de fato agrupada nos Estados ribeirinhos do Atlântico, entre Pernambuco e o Uruguai. O Distrito Federal, os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, com 10 por cento somente do território, possuem 43% da população". E acentua que nos Estados do Rio Grande e Minas e no próprio Distrito Federal, o menor passeio de automóvel, até 40 ou 50 quilômetros das grandes cidades, é feito de paisagens imensas, magníficas e vazias.

No Estado de Santa Catarina, pereorri, horas sem fim, não há muitos anos, as margens melancólicas do Rio Negro, vendo apenas planuras imensas tristemente desertas. Na margem oposta, terra paranaense, espetáculo idêntico, de deserto.

(Continua na pág. 76)

CARRÊTAS



ARADOS



GRADDES



...e outros implementos agrícolas

PONTAL

PONTAL MATERIAL RODANTE S.A.

Vendas pelas revendedoras autorizadas de PONTAL MERCANTIL S.A.

à PONTAL MERCANTIL S.A.

Av. do Estado, 5783 - S. PAULO - C. Postal 8.333 - Fone 37-4195

Peço enviar-me grátis, folhetos do(s) artigo(s) assinalado(s) e de revendedoras mais próximas.

Nome: _____

Rua: _____

Cidade: _____ Estado: _____

☐ CARRÊTAS ☐ CARRINHOS ☐ RODAS

☐ RODEIROS ☐ TROLÊ ☐ IMPLEMENTOS

Marque no quadrinho o artigo de seu interesse.

A Sociedade Nacional de Agricultura solicitou a diversas missões diplomáticas acreditadas junto ao Governo do Brasil notas e esclarecimentos a respeito do palpitante assunto do aproveitamento de terras, seu arrendamento e colonização.

Da Legação do Irão recebemos interessante resumo, que, para conhecimentos de nossos leitores, a seguir transcrevemos:

"Sua Majestade o Sha-In-Sha, constatando em 1950, o fraco aproveitamento do solo iraniano e as poucas condições de vida do homem do campo, decidiu-se a proceder a distribuição de uma parte de suas propriedades.

Há com efeito no Irão três categorias de propriedades:

- 1) terras da Coroa.
- 2) terras públicas (de domínio público).
- 3- terras particulares.

Distribuiu, Sua Majestade, cerca de 147.000 hectares de terras da Coroa entre 39.000 famílias, vivendo em 230 aldeias.

Esta distribuição de proprie-

dades rurais foi acompanhada de um serviço de assistência técnica bancária e de facilidades na obtenção de crédito para a compra de máquinas e outros equipamentos agrícolas.

O êxito deste empreendimento encorajou Sua Majestade a encetar a execução de um programa de muito maior importância: a distribuição de terras de domínio público.

Esta iniciou-se em 1958 e mais de 20.000 hectares foram distribuídos entre 4.000 famílias. Durante os anos vindouros o Ministro da Agricultura deverá vender todas as propriedades públicas, salvo as pastagens, florestas, imóveis ou propriedades de alguma utilidade para Instituições do Governo. Even-

tualmente a distribuição total deve englobar cerca de 4 milhões de hectares.

O terceiro grande passo, no que se refere à Reforma Agrária não se realizou senão este ano. Foi com efeito, a aprovação da Nova Lei da Reforma Agrária pelas duas Câmaras Legislativas do Irão. Este decreto é de capital importância no concernente à delimitação de terras e elimina a demasiada concentração de terras entre as mãos de apenas algumas famílias.

Forçando os grandes proprietários de terras a vender o excesso das mesmas ao Governo ou a particulares o resultado é o mesmo: aproveitamento superior a qualquer sistema anterior".

Reforma agrária no Irão

UZINA BARCELOS

Barcelos — Est. do Rio

Companhia Agrícola e Industrial Magalhães

Açúcar — Alcool anidro e potável

Séde:

PRAÇA PIO X — 98 — 7.

TELEFONE: 43-3415

RIO DE JANEIRO



Lavoura renovada de acôrdo com a moderna Técnica Agronomica

Ganhe mais produzindo melhor

Produza Cafés Despolpados

As maiores vantagens econômicas na produção de cafés despolpados existem naquelas zonas ou regiões onde normalmente os cafés produzidos por via seca, apresentam bebidas inferiores, isto é, gosto Rio, Riado ou Duro.

Para ser economicamente vantajosa, a preparação de despolpados deve inclusive, contar para esse fim, com cafezais altamente produtivos, onde seja compensadora a colheita a dedo, de frutos maduros.

Existe uma relação en-

tre o tamanho das fâvas do café e o valor comercial do mesmo; no caso dos despolpados, este fator assume importância mais acentuada.

As principais recomendações para se obter cafés despolpados de alto valor comercial, são as seguintes:

O café colhido em cereja, a dedo, deve ser despolpado imediatamente após a colheita, à noite, ou no máximo, na madrugada seguinte. Neste último caso, o café deverá passar a noite em tanque

com água fria, cobrindo o café, a fim de evitar a fermentação das cerejas.

Não despolpar os verdes, os passas e os secos. Estes cafés serão separados, previamente, das cerejas.

O café depois de despolpado deve ser colocado em tanques para fermentação, natural, ou apresada com "Benefax".

A fermentação deve consumir toda a mucilagem do grão. Fermentação incompleta, prejudica o aspecto do café. Da mesma maneira uma permanência demasiadamente prolongada nos tanques de fermentação não é recomendável.

A retirada mecânica da mucilagem através de desmucilizadores mecânicos não é perfeita, na

maioria dos casos, e não confere ao café as características do 'despolpado'.

Após a fermentação, procede-se à lavagem com água limpa. A lavagem do café é importante e deve ser feita até a eliminação completa da goma os mucilagem, trocando-se de água várias vezes.

A secagem do café deve ser iniciada pelo "enxugo" do pergaminho. A secagem lenta é a mais indicada porque produz café de boa cor (verde-cana ou levemente azulado). Se possível, a secagem deverá ser feita à sombra. O café seco nestas condições deverá conter de 12 a 15% de umidade, ser sólido e resistente ao branqueamento.

A igualação da sêca é indispensável para o bom aspecto do produto. A boa secagem rápida também é possível, sendo, porém, sua execução dependente de equipamento de precisão. Em terreiro, a secagem rápida é desaconselhável. A temperatura de secagem não deverá ultrapassar 45.º centígrados.

Cada lote, depois de seco será recolhido em tulha ou ensacado e armazenado em local seco. Não se deve misturar lotes de sêca e cor diferente. O café em pergaminho, quando seco imprópriamente, tende a "voltar", da sêca, isto é, readquire umidade, ou "branqueia" rapidamente.

O "farelão" e o "boia" que contém os grãos verdes e secos não despolpados, não devem ser mis-



O combate às doenças e pragas é essencial para uma boa colheita. Na foto, um avião pulverizando um cafezal.

turados ao café despolpado.

Para serem considerados tecnicamente perfeitos e merecerem os mais elevados preços nos mercados internacionais, os cafés despolpados devem apresentar as seguintes características:

As favas beneficiadas devem se apresentar com cor homogênea, verde, ou verde levemente azulada. Películas bem brancas (prateada) ou levemente creme. Película intensamente colorida significa que o café não foi perfeitamente degomado.

Devem possuir aroma agradável, livre de cheiros estranhos, tais como: bolor, fumaça etc.

Os cafés beneficiados não devem conter grãos quebrados, mordidos, nem impurezas e defeitos tais como verdes, pretos, ardidados, chuvados etc.

Devem ser sólidos de consistência e resistentes ao branqueamento durante o armazenamento.

Beneficiados e classificados por peneiras, devem se apresentar perfeitamente separados pela forma e tamanho das favas e gozarem de classificação comercial por tipo 2.3, no máximo.

As provas de aspecto e de torração devem acusar as características dos despolpados; membrana prateada que, após a torração, deve permanecer amarela dourada, bem destacada cor marrom adquirida pelo grão torrado.

Na prova de xícara, os cafés despolpados devem produzir bebida estritamente mole, encorpada, com nuance suave ou levemente ácida.

Depois de torrados e moidos, devem produzir elevado rendimento em xícaras.

...Sòmente
pintos

alimentados
com

— **avelux**

PRODUZEM

FRANGOS DE BOM PÊSO
RÁPIDO CRESCIMENTO E
ENGORDA

ÓTIMAS POEDEIRAS

EXCELENTES REPRODUTORES

UM PRODUTO COM A GARANTIA DA PIONEIRA DA
FABRICAÇÃO DE RAÇÕES BALANCEADAS NO BRASIL

Moinho da Luz

Rua do Rosario, 160 - Tel. 52-8141

Rio de Janeiro

AVICULTURA

CONSTATAÇÃO DO SEXO DOS PINTOS

ESTOCOLMO (SIP) — Uma pesquisadora sueca do sexo dos pintos, a Sra. Marta Wanhammar, conforme se soube, pode rivalizar com os técnicos japoneses, no que diz respeito a eficiência, precisão e rapidez com

que constata o sexo dos pintos, de acordo com informe apreendido no "R.L.F.tidningen", semanário-órgão da Federação Nacional de Residentes do Campo.

Sua capacidade média de trabalho é calcular o sexo de 600 a 1.000 pintos por hora. Durante a época da postura, e nascimento posterior das ninhadas, a Sra. Wanhammar viaja pelas grandes granjas avícolas da Suécia Central, enquanto que durante o resto do ano está

ocupada dando cursos sobre seu ofício pelos países escandinavos.

Viaja 50 mil km por ano e calcula que até o fim de cada período tenha determinado o sexo de uns 10 milhões de pintos. Uma vez que cada pinto ao qual se tenha determinado o sexo representa um valor duplo do pinto de sexo indeterminado (duas coroas suecas em vez de uma).

O trabalho da Sra. Wanhammar representa importantes avanços para a indústria sueca de avicultura. Talvez uma só dentre as 40 pessoas que dedicaram seu tempo à aprendizagem da determinação do sexo dos pintos, logre obter a rapidez e a segurança necessária do que a determinação, como profissão, resulte economicamente proveitosa, tanto para o patrão avicultor como para o empregado determinador, afirma a Sra. Wanhammar.

PROGRESSO CONSIDERÁVEL

NA ALIMENTAÇÃO DAS AVES

Todos os pesquisadores estão de acordo com a observação de Heuser de que a alimentação das aves progrediu mais nestes últimos 50 anos que nos 500 ou mesmo 1.000 anos anteriores. As exigências nutritivas das diversas espécies avícolas estão bem determinadas. Os técnicos nutricionistas conhecem, minuciosamente, as necessidades de cada tipo de ave (pinto, frango, galinha, peru, pato etc.), nas diversas idades e podem assim, determinar, com maior rigor, fórmulas de arraçãoamento capazes de permitirem a mais alta produtividade dos plantéis. Do ponto de vista da transformação de alimentos naturais em produtos de alimentação humana (carne e ovos), a galinha doméstica é a espécie principal. Nenhuma outra criação de animais tem capacidade para transformar rapidamente cereais ou subprodutos agropecuários não comestíveis em produtos comestíveis.

O conhecimento das exigências nutritivas das aves tem permitido a formulação de misturas de alimentos (rações balanceadas) que visam somente

Senhor Avicultor:

Obtenha maiores lucros com

ROVA - 10

— Suplemento para rações à base de Rovamicina — o mais moderno antibiótico de largo espectro.

ROVA - 10 custa menos e ainda aumenta mais o peso e a postura

ROVA - 10 rende mais: 1 kg dá para 2 toneladas de ração

ROVA - 10 respeita a flora intestinal útil

ROVA - 10 é um produto de qualidade RHODIA

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUÁRIA

a manutenção da boa saúde dos plantéis, como também o maior rendimento em carne e ovos. Atualmente, já se pode obter um quilo de carne de frangos com menos de 3 ks. de alimentos apresentados sob a forma de ração balanceada, em um período que não vai além de 10 semanas. No tocante à produção de ovos, o progresso é igualmente fantástico, conseguindo-se recolher, nesta metade do século, o dobro e até mesmo o triplo de ovos com o mesmo volume de ração utilizado há 30 anos, apenas modificando-se e concentrando-se os seus ingredientes. Aliás, todos os especialistas em economia rural estão de acordo em que o espetacular processo da avicultura como fonte de abastecimento de proteínas para a formulação de misturas ou ração humana, se deve à necessidade de exigir que a indústria de rações balanceadas tenha aqui no Brasil, como nos Est. Unidos e outros países de produção avícola desenvolvida, o estímulo dos órgãos oficiais, além do controle fiscalizador.

OBTENÇÃO DO JUSTO VALOR NA PRODUÇÃO AVÍCOLA

Para grande número de avicultores a colocação dos produtos de sua granja está se constituindo um sério problema, principalmente para os que se dedicam à produção de aves para corte. Os intermediários conseguem lucros fabulosos, mantendo elevados os preços para o consumidor, enquanto o criador não obtém nada mais do que aquilo que dispendeu para produzir os frangos. Gasta, assim, tempo e dinheiro, sem auferir o menor lucro, chegando mesmo a quase desistir do empreendimento.

O problema tem solução, uma das quais por intermédio das associações e cooperativas. São entidades que desempenham importante papel na diminuição do custo da produção e, como órgãos disciplinadores, na colocação dos produtos no mercado, retirando, assim, o criador das mãos do intermediário.

É por meio das associações e cooperativas que o avicultor

pode adquirir diretamente as



Começam a éria. Incubadoras modernas produzem centenas de milhares de pintos.

rações, bem como todos os artigos e materiais necessários à manutenção da granja, evitando mais uma vez os intermedíários desnecessários. Assim, fica normalizado o fornecimento dos produtos de que a granja necessita, reduzindo o custo da produção, e resolvido, também, o problema da colocação dos ovos e frangos no mercado, pelo justo valor.

BOAS RAÇÕES: MAIOR PRO-

DUTIVIDADE AVÍCOLA

É difícil dizer, em uma granja, qual o principal problema do avicultor. Cada um orienta sua criação de maneira pessoal e tem problemas regionais que não são comuns aos de outras zonas. Contudo, fazendo-se um levantamento de todos os problemas que podem surgir em

uma granja, o que assume o primeiro lugar é o da alimentação. Apenas, não se pode mais considerar que alimentação seja o problema mais difícil de resolver. Pelo menos, sob o ponto de vista científico. Hoje, a ciência da nutrição já permite resolver, tecnicamente, o "problema da alimentação". Já se sabe como arrastar e existem firmas, inclusive no Brasil, capazes de fornecerem rações perfeitas.

Evidentemente, a inclusão de pequeníssimas quantidades de vitaminas, antibióticos e oligoelementos (traços de minerais nobres), é feita com precisão rigorosa nos estabelecimentos industriais devidamente aparelhados para tal finalidade. Os problemas técnicos de arrastamento já não existem e a expansão da indústria de rações e de alimentos básicos para a criação faz prever que os de-

mais ainda comuns entre criadores (dificuldades de aquisição de matérias-primas) sejam, afinal, ultrapassadas quando o criador ficar convencido de que é mais racional e técnico adquirir a ração para suas aves de que tentar fazê-la na granja.

FABRICAÇÃO DE RAÇÕES, UM TRABALHO ESPECIALIZADO

Dependem da ração o crescimento, a postura, enfim, o rendimento econômico das aves. Não só da quantidade, mas principalmente da qualidade da ração. O milho, por exemplo, vale muito. Sòzinho, porém, como alimento exclusivo, de pouco servirá. É que cada forragem contém apenas algumas substâncias nutritivas e não todas as que são imprescindíveis à boa nutrição. Daí a necessidade de misturar forragens: esta contribui com certos ácidos aminados, aquela entra com outros; neste ingrediente teremos tal vitamina ou elemento mineral, mas como as poedeiras necessitam também de outras vitaminas e minerais temos que lançar mão de diferentes forragens que os contenham.

E os pintos, as aves em crescimento? Cada qual tem necessidades próprias de nutrientes — e isso complica o problema. O avicultor terá que fazer uma mistura diferente, conforme a idade, além daquela destinada às poedeiras. Sem esquecer de certos componentes, como antibióticos e medicamentos controladores da coccidiose, cujo emprego nas rações a intensificação da avicultura tornou obrigatório.

Ainda mais, terá o avicultor que conhecer a composição real (não a das tabelas de análise) de cada ingrediente, para calcular a percentagem exata com que deve entrar na mistura. Nem um pouco mais, o que implicaria em desperdício, tornando a ração anti-econômica; nem um tanto menos, o que prejudicaria a eficiência da ração.

O preparo de rações balanceadas exige, portanto, conhecimentos técnicos, além de apa-



A MELHOR PARA A AVICULTURA

F Moinho
Fluminense S.A.
fundado em 1887

RIO, RUA URUGUAIANA, 118 - LOJA - C. P. 1353 - TEL. 43.5004
S. PAULO, RUA BOA VISTA, 314 - 4.º - C. P. 950 - TEL. 33.3164
B. HORIZONTE, AV. DOS ANDRADAS, 841 - C. P. 141 - TEL. 2.5009
CAMPINAS, REP. MERCANTIL TREMARGO - R. DUQUE DE CAXIAS, 183

e na sua cidade, procure o nosso representante

Dr. Lacer 9.37

COOPERATIVA DOS AVICULTORES DE BENFICA

Se você é avicultor e quer vencer no seu empreendimento, filie-se à Cooperativa dos Avicultores de Benfica (C.A.B.) que lhe garante:

Colocação imediata e vantajosa dos seus produtos e fornecimento regular de rações balanceadas, da melhor qualidade.

A Cooperativa fornece materiais avícolas de toda espécie, bem como produtos veterinários e antibióticos.

Encarrega-se ainda da incubação de seus cooperados.

Brevemente, instalação do Abatedouro de aves.

Realiza encontros de contas mensais e ao fim de cada ano, distribue as sobras de seu movimento comercial.

Visite nossas instalações e certifique-se, você mesmo, dos inestimáveis serviços que a SUA Cooperativa pode prestar-lhe.

SEDE: Largo de Benfica

Estado da Guanabara

Telefones: — 48-1040

28-6718

BIBLIOTÉCA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro - Brs II



— CASA FUNDADA EM 1930 —

RUA GOIAS, 518-528 (PIEDADE)

TELS.: 29-2511 — 49-1210

RIO DE JANEIRO

FÁBRICA PINDORAMA ARTEFATOS DE ARAME E FERRO LTDA.

CHOCADÉIRAS — CRIADÉIRAS — BATERIAS E ACESSÓRIOS EM GERAL PARA AVICULTURA



PREFIRAM SEMPRE OS PRODUTOS

PINDORAMA

OBJETOS PARA:

CIRURGIA, LABORATÓRIOS, ESCRITÓRIOS, ELETRICIDADE,
AVICULTURA, DOMÉSTICOS, FERRAGENS EM GERAL

relhecimento mecânico, nem sempre ao alcance do avicultor. E' trabalho especializado e, como tal, deve ser executado por organizações especializadas — fábricas de rações e cooperativas de produtores devidamente aparelhados para aquele objetivo.

VALE A PENA USAR CONTABILIDADE NA FAZENDA?

Nem há dúvida. Sempre vale a pena preocupar-se com o que se está administrando, porque, da mesma forma que no comércio e na indústria, também na fazenda é necessário conhecer as despesas e a receita.

Tal qual o industrial, também o fazendeiro precisa conhecer o custo da sua produção a fim de bem avaliar por quanto poderá vender seus produtos. Esta apreensão é necessária porque medirá o maior ou menor interesse que ele possa ter

em prosseguir, desistir ou substituir a cultura ou a criação que estiver explorando.

A apreensão do movimento dos negócios tem a vantagem de provar que a atividade administrativa do proprietário se aplica realmente em conservar, utilizar e aumentar o patrimônio de que dispõe. E isto se consegue com o uso da Contabilidade Agrícola.

Pela escrituração das despesas e da receita o fazendeiro saberá o que gastou e quanto recebeu pela venda de sua produção; verificará se o capital empregado no negócio está rendendo, em quanto e porque aumentam ou diminuem os rendimentos.

A prática das anotações, mesmo elementares, nas escritas com um método contabilístico, é sempre melhor recurso para se ter em ordem a fazenda, li-

vrando-se de esquecimentos e permitindo mais perfeito conhecimento de todos os elementos que constituem o patrimônio da empresa agrícola ou pastoril, dos direitos e obrigações do fazendeiro, que, em última análise, garantem a subsistência da família rural. Por isso convém agora lembrar: a sua propriedade agrícola é um negócio e, portanto, precisa de Contabilidade apropriada. Com ela o proprietário do negócio tira proveito porque é bem fácil usar anotações que dão pouco trabalho e prestam grande ajuda na administração.

Muita gente recusa empregar Contabilidade na sua fazenda. São prevenções que devem ser substituídas pela certeza de que a Contabilidade concorre para o aumento do bem-estar do fazendeiro pois QUEM USA A CONTABILIDADE AGRÍCOLA ADMINISTRA MELHOR A SUA FAZENDA.



Medicação preventiva e curativa das pílcoras (ou caroços) dos pintos e aves adultas

A venda à
RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o interior enviamos
pelo reembolso postal

COMECE CERTO PARA TER SUCESSO

Há diferentes maneiras de dar início a uma pequena criação de galinhas, dependendo a escolha das condições e preferências de cada um. Pode-se obter ovos de incubação e entregá-los aos cuidados de uma galinha chocar. É o meio mais barato, mas é demorado e, às vezes, de resultados negativos. Atualmente, está muito generalizado o hábito de adquirir pintos de 1 dia, com o que se gasta um pouco mais, de início, mas se evitam os riscos da incubação e suas despesas, com vantagens ainda na economia de tempo. Para começar, este é o sistema mais indicado.

Um ôvo perfeito é o mais completo e nutritivo alimento natural. Você deve incluí-lo em uma de suas refeições diárias.

MELHOR PORQUE É ESPECIAL PARA O CONSUMIDOR

Especialmente produzidos por granjas modernas, frangotes enviados ao mercado consumidor fornecem carnes de alto valor nutritivo, possuindo, ainda, como uma das suas principais características, a excepcional estrutura das fibras musculares. As técnicas de criação e seleção "formam" as raças especiais, de carnes mais tenras, mais nutritivas e saborosas pela excelente distribuição de gordura.

As carnes de frangos de raças especializadas, por isso, satisfazem as exigências dos consumidores, pois cozinham mais rapidamente, facilitam o trabalho e exigem pouco "tratamento" culinário. Prestam-se, também, de modo notável ao preparo de pratos modernos, especialmente, como o "galeto do primo canto", o churrasco e outros.

As carnes de aves são excelentes fontes de proteínas, sais minerais e vitaminas, indispensáveis à boa nutrição.

INSPECIONADA PELA DEPTA SANITÁRIA ANIMAL DO MUN. DA AGRIC.
RECOMENDADA PELA SECRET. DA AGRIC. DO S. DO RIO
FORNECEDORA DA SECRET. DA AGRIC. DA PREFEITURA DO D.F.

CRIDORES DE

"NEW HAMPSHIRE" A RAÇA PROPRIO

"PLYMOUTH ROCK BARRED"

"LIGHT SUSSEX" (INGLÊSA)

"LEGHORN" (HANSON'S E KAUDER'S)

PERÓS GIGANTE "BROAD-BREASTED-BRONZE"

VENDEMOS

PINTOS de 1 DIA a

GARANTIMOS BASTOS, VIGOROSOS E PRECOCES

OVOS DE INCUBAÇÃO

FRANGUINHAS DE 8 SEMANAS

"12"

FRANGAS EM INÍCIO POSTURA

REMETEMOS pintos e ovos via aérea.

CONSUETEMOS Descontos para quantidades.

sobre seus problemas avícolas,
com prazer lhe daremos a n/ solução
suas perguntas não nos incomodarão

SAO BENTO
ESTR. RIO PETRÓPOLIS - ESCRITÓRIO RIO - R. ROSANO, 156A - TEL. 52-8799



FAZ PARTE DA VIDA BRASILEIRA

Está presente na paisagem. Integrou-se como instrumento de trabalho. Sua presença é familiar, tão natural quanto um pé de café, uma novilha, um arado, uma carrêta. Ajuda o homem do campo na faina diária — na abertura de novas estradas, no transporte de homens e materiais. Forte, eficiente, útil como nenhum outro, o "Jeep" Universal faz parte da vida brasileira.

"JEEP" UNIVERSAL 1961 — Novas cores de pintura e estofamento. Novo protetor contra respingos de água e lama. E as mesmas características de força e versatilidade.

O alto índice de nacionalização do "Jeep" Universal é a melhor garantia de completa assistência técnica.

Jeep[®]

UNIVERSAL



WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.

São Bernardo do Campo — Estado de São Paulo

FABRICANTE DA RURAL "JEEP", DO PICK-UP "JEEP", DO ATRO-WILLYS E DO RENAULT DAUPHINE

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA CÂMARA

— 282 —

BIBLIOGRAFIA DO PROF. LUIS DA CAMARA CASCUDO

(Conclusão)

3 — TRADUÇÕES E EDIÇÕES ANOTADAS

1 — Henry Koster — Viagens no Nordeste do Brasil, Brasília, S. Paulo, 1940; 2 — Charles Frederik Hart — Os Mitos Amazônicos da Tartaruga, Arquivo Público Estadual Recife, 1952; 3 — Montaigne e o Índio Brasileiro. S. Paulo, 1940; 4 — Charles Frederik Hart-Mitologia Indígena do

Amazonas. Organização Simões, Rio de Janeiro; 5 — Melo Moraes Filho — Festas e Tradições Populares do Brasil, Briguelet, Rio de Janeiro, 1946; 6 — J. Barbosa Rodrigues — Poranduba Amazonense, Briguelet, Rio de Janeiro; 7 — Melo Moraes Filho — Caneloneiro dos Ciganos, Briguelet, Rio de Janeiro; 8 — Melo Moraes Filho — Os Ciganos no Brasil, Briguelet, Rio de Janeiro; 9 — Frei Rafael de Jesus — Castrioto Lusino, Arquivo Público Estadual, Recife; 10 — Miguel do Nascimento Lopes Gama — O Carapuceiro, Arquivo Público Estadual, Recife.

4 — LIVROS EM PREPARO

1 — História do Município do Ceará-Mirim; 2 — História Política do Rio Grande do Norte; 3 — Dicionário Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; 4 — Pesquisas e Notas de Etnografia Brasileira (Segundo volume).

5 — ACHEGAS BIOGRÁFICAS

O escritor e professor Câmara Cascudo integra os quadros sociais das seguintes instituições culturais: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos Institutos do Amazonas, Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte (benemérito), Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, Estado do Rio, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso; Academia de Letras do Acre, Amapá, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte (fundador), Paraíba Alagoas, Sergipe, Estado do Rio, Rio Grande do Sul; Sociedade Brasileira de Folk-Lore, Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, Centro de Ciências, Artes e Letras de Campinas e outras. Entre as estrangeiras vale enumerar a Stard and Cross da American International Academy of New York (U.S.A.) a American Folk Lore Society (honorário), Sociedade de Folk-Lore do México, Chile, Bolívia, Peru, Argentina, Uruguai, Irlanda, Sociedade Americanistas de Paris, Sociedade de Geografia de Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia de Lisboa, Real Academia Galega (La Caruna), Comissão Internacional das Artes et Tradições Populares (Paris), Associação Española de Etnologia y Folk Lore (Madrid), Sociedad Argentina de Estudios Geográficos, Academia Nacional de História y Geografía do México, etc. A Academia Brasileira de Letras o prêmio "João Ribeiro" (1949) e o prêmio "Machado de Assis" (1958). Foi agraciado com as seguintes medalhas — Medalha de Guerra do Brasil, Medalha de Campanha do

Srs. Prefeitos

Tornem suas cidades mais belas e mais atraentes, servindo-se do nosso grande estoque de plantas ornamentais para os mais variados fins. Há cerca de mais de MEIO SÉCULO nossa firma

Vem fornecendo BOAS MUDAS de plantas frutíferas e ornamentais

CONSULTAS SEM COMPROMISSO
CATALOGOS E FOLHETOS GRATIS

Dierberger Agrícola Ltda.

Fazenda Citra — Caixa Postal 48
LIMEIRA — Estado de São Paulo

Para maior comodidade dos srs. interessados, atendemos também nos seguintes locais: PÓSTO DE VENDAS N.º 1 — situado no Km. 149 da Via Anhangüera, nas proximidades de Limeira e no PÓSTO DE VENDAS N.º 2, próximo à lagoa do Taquaral, no local onde inicia a estrada para Mogi-Mirim, em Campinas

Atlântico Sul (Aeronáutica), Medalha de prata de benemerência do Liceu Literário Português, Medalha de ouro "Honra ao Mérito" do Programa Esso, Medalha de Mérito Tamandaré (Marinha de Guerra), Medalha de Guararapes, Medalha Silvio Romero, Medalha Alberto Maranhão, Comendador da Ordem do Mérito Militar, Comendador da Ordem do Mérito Naval, Comendador da Ordem Militar de Cristo (Portugal), Comendador da Ordem Cisneiro (Espanha), Comendador da Ordem de São Grigório Magno (Santa Sé). Das distinções de que foi alvo a mais simples e expressiva foi dar o seu nome à rua em que nasceu e colocar uma placa de bronze no prédio onde nasceu Luis da Câmara Cascudo. É Professor de Direito Internacional Público na Faculdade de Direito e de Etnografia Geral na Faculdade de Filosofia, de História da Música no Instituto de Música do Estado do Rio Grande do Norte. Professor em disponibilidade do Colégio Estadual. Consultor Geral do Estado do Rio Grande do Norte.

— 283 —

ALCACHOFA

A alcachofra *Cynara Scolymus L.*, mesmo nos climas temperados, próprios para a cultura dessa composta, requer cuidados e atenções especiais.

Exige solo rico, profundo, bem drenado e trabalhado.

A plantação é feita por sementes ou por multiplicação de rebentos.

No primeiro caso fazem-se viveiros, logo que as plantinhas tem do 3 a 5 centímetros de desenvolvimento, repicando-as em lugar mais folgado e, depois levam-se as mudas, no princípio da primavera, ao terreno definitivo, distanciando-se os pés de 0,80 a 1,00 metro em todos os sentidos. No segundo tiram-se os rebentos, escolhendo-se os melhores nas plantações velhas, transplantando-os para o lugar definitivo. Regas abundantes e proteção do sol até que peguem bem.

Limpas e adubações frequentes nas culturas velhas.



Alcachofra — desenho copiado da Horticultura Para Todos do engenheiro e horticultor Dr. Raul de Faria.

Na primeira colheita 400 a 500 grs. por metro quadrado. Nas seguintes mais, segundo a variedade cultivadas. O número de colheitas e o rendimento da cultura em função do trato, é relativo à variedade cultivada.

Adubação farta, convindo distribuir estrume curtido em quantidade, meses antes da transplantação e incorporar 30 grs. de sulfato de amônio, 50 grs. de sulfato de potássio e 100 grs. de farinha de ossos por metro quadrado.

No decurso da vegetação regas com "purin".

Ao cabo de cada colheita reincorporar adubos tendo em vista que a alcachofra é muito exigente.

As culturas intercalares devem ser evitadas embora acel-

tando hortaliças de pequeno ciclo vegetativo, dois a quatro meses.

A época de plantio deve ser no fim do outono de modo que no princípio da primavera a alcachofra esteja transplantada.

Havendo geadas cobrem-se os pés com terra e palha. No sol forte protege-se e rega-se abundantemente.

A tendência do degenerar pode ser reduzida com a regiosa escolha das mudas, evitando-se as mais fracas. Idêntico cuidado deve ser tomado em relação aos rebentos.

São mais frequentes as variedades verde comum e roxa. Recomendam como melhores as Green Globe, Gros Camus de Bretagne, Purplevenice, Verde de Laon, Verde de Napoli e

Pelo *SOM* se conhece a

TÊMPERA da
enxada

CORINGA!



"Tire o som" da enxada Coringa.
Parece um sino! É a qualidade
e a pureza do aço, a têmpera
científica, sempre igual.
É o som que identifica
a enxada de maior "esti-
mação" em todo o Brasil!
Coringa está sempre
afiada, tinindo, porque...

**Coringa "afia-se por
si mesma enquanto
se trabalha!"**

nº 2

VEJA COMO: O fio da enxada é formado
por dois chopos de aço superpostos. O lado do fig.
n.º 1 - é de aço extra-doce; o lado do fig. n.º 2 - é de
aço extra-duro. Com o uso, desgasta-se em primeiro
lugar o lado do fig. n.º 1 - deixando sempre afiado
a lâmina de aço extra-duro - fig. n.º 2



Um produto da

IND. METALÚRGICA N. S. DA APARECIDA S. A.

Jetavã

Escritório: R. 15 de Novembro, 244 - 9.º - Tel. 32-9339 - C. P. 8070 - S. Paulo

Usina: SOROCABA - Est. de São Paulo

Rio de Janeiro : Av. Rio Branco, 39-18.º andar, sala 1802, Fone 23-3597

Violeta da Itália.

Consomem como cozido (preparado de diversas maneiras) e em salada (conservas em vinagre ou azeite) e, até mesmo, crua.

É a alcachôfra tida como prato de luxo.

Ao colher-se deixar o cabo cortado a 22 ou 25 centímetros.

São inimigos mais comuns as cochonilhas preta e branca combatidas com o emprego de solução fraca de nicotina ou com emulsão de sabão e querosene.

AGRIÃO DO PARA

Com esse nome é conhecida uma verdura que nada tem de comum com o agrião verdadeiro.

É geralmente semeada em viveiros e depois transplantada para os canteiros à distância de 50 centímetros em todos os sentidos.

Regase como a alface.

Seu sabor é apimentado.

É empregado como tempero para as saladas.

VAGENS

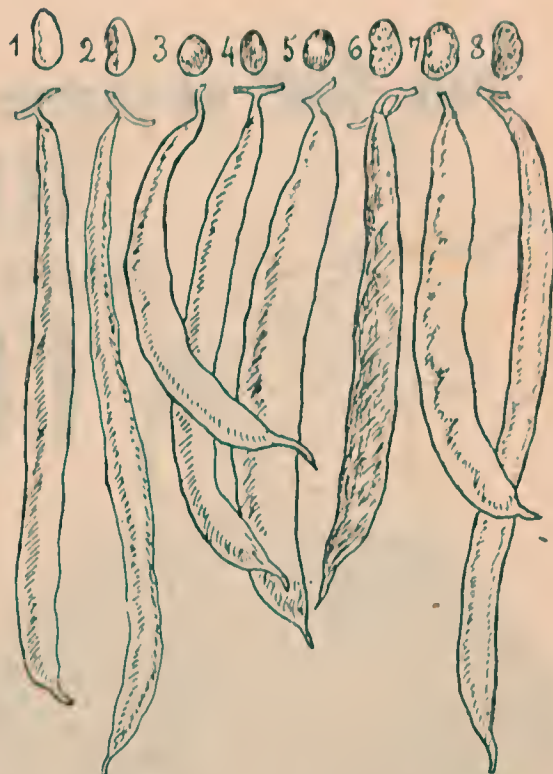
Os feijões para vagens, sejam anões ou trepadores também ditos de vara, são de diferentes espécies e variedades, todas da família das leguminosas.

Umam e outras se cultivam parecidamente.

As vagens são exigentes quanto à qualidade do terreno que não devem ser encharcado. Produzem melhor em solos argilo-silíceos com esterco bom e antigo.

As variedades anões ou rasteiras são plantadas a 30 a 50 cm entre pés e 60 a 80 cms. entre as linhas.

As variedades trepadeiras de



Vagens: 1 — Fenômeno; 2 — Saint Flacre; 3 — Algéria; 4 — Mont d'Or; 5 — Manteiga pequena; 6 — Amendolm; 7 — Espada; 8 — La Valée — desenho copiado da Horticultura Para Todos, pelo engenheiro e horticultor Dr. Raul de Faria.

60 cms entre os pés e 1 metro a 1,20 entre as linhas.

O estaqueamento é necessário.

Tanto as variedades rasteiras como as trepadeiras preferem ser plantadas a 2 a 4 cms. de profundidade e a 2 a 3 sementes por cova.

A altura das estacas não deve ser inferior a 1m20 ou 1m50.

A primeira é quase sem amontoa, sendo que nas demais, quando necessárias, se pratica a amontoa, moderadamente.

Regas sem excesso para evitar a "mela".

A adubação por metro quadrado 1 quilo de estrume bem curtido, 20 grs. de superfosfato e 5 grs de potássio.

A colheita das vagens deve ser antes de endurecerem. Nas hortas é comum 1 litro por metro quadrado e por apanha efetuando-se esta por duas ou três vezes.

O ciclo vegetativo varia segundo as variedades sendo 60 a 90 dias para os rasteiros e 90 a 100 dias ou pouco mais para as variedades trepadeiras.

Embora recebam bem cultu-

"FOSFATO OU ESCÓRIA THOMAS"

ADUBO UNIVERSALMENTE CONHECIDO

Agente em São Paulo e Rio:

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRICOLAS

Caixa Postal 3572 — Endereço Telefônico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO

ras intercaladas em consorelação os feijões de vagens quando cultivados em linhas, não as recomendamos.

As melhores épocas para o plantio são o outono e a primavera.

ASSEMBLEIA

Planta ornamental da família das cruceíferas *Iberia umbellata* L., apresenta folhas lanceoladas, acuminadas, sendo as superiores dentadas e as inferiores inteiras, todas glabras; flores róseo-purpúreas dispostas em corimbo umiformes; fruto siliqua ovada mais larga na base. — As folhas e as sementes passam antiscorbúticas, expectorante e diurética. A variedade coronária, de flores brancas dispostas em ráclmos compridos. — Originária da Europa e cultivada nos jardins como ornamental.

É conhecida pelo nome de Mostadeira violeta em alguns lugares do Brasil e Portugal e pelo nome de Fior di Verne pelos jardineiros Italianos e pela

designação *Thiaspi* dos Jardineiros, dos franceses. (Nota colhida no primeiro volume do DICIONARIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL pelo naturalista M. PIO Corrêa).

AÇAIZEIRO

São conhecidas, — citadas pelo naturalista Pio Corrêa, de relembração memória (primeiro volume do DICIONARIO DE PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL) algumas *Euterpes* (sete) e *Geonoma* (uma) todas da família das Palmáceas:

1) *Euterpe controversa* Rodr. (*E. cattinga* Rodr., *E. cattinga* Wallace var. *aurantiaca* Dr.). espique erecto ou flexuoso, branco-acinzentado, de 7/8 ms de altura; folhas 8/10 até 175 cts. de comprimento pecíolo de 45 cts. com bainha de cor alaranjada; folíolos 40/45 alternos, linear-lanceolados, oblíquos-acuminados, espádices solitários e com pedúnculos tomentoso-alaranjado; fruto baga roxo-escura, pequena. — Fornece "pal-

mito" comestível; os frutos são aproveitados para fabricar uma bebida idêntica ao "vinho de açaí", porém mais adstringente; e o lenho serve para "enibros" e para "ripas". Conhecido pelo nome vulgar. Açaí cattinga chamado no Amazonas por Uaçai;

2) *Euterpe cattinga* Spruce (*E. cattinga* Wallace, *E. mollissima* Rodr.). Espique fragil e tortuoso, até 10/15 ms. de altura; 6/8 folhas curto. pecioladas, linear-lanceoladas, 5 nervadas, até 3 ms. de comprimento, com bainha carnosa branco-esverdeada flores dispostas em espádices brancotomentosa na base fruto drupa verde-violácea, muito pequena, revestida de tomento cinzento e contendo amêndoa do tamanho de chumbo de açaí. — Fornece "palmito" comestível e diz-se que os indígenas aproveitam os frutos para enfeites. Nome vulgar açaí chumbo, Açaí cattinga, Açaí mirim, Uaçai chumbo e Uaçai mirim;

3) — *Euterpe longibracteata* Rodr., espique erecto, cilíndrico, flexuoso, acinzentado e com a



111 ANOS DE EXPERIENCIA NO CULTIVO DE SEMENTES 1850 - 1961

Sementes de	Hortaliças
"	" Flores
"	" Forrageiras
"	" Grama
Bulbos	" Palmas

Importadora
L. Daehnsfeldt, Ltda.



Fazendo como eu...
faras o certo!!!

Av. Barão de Tefé, 7 - Grupo 301/302 — Caixa Postal 1141
Fones 23-0467 — 43-2183 — Enl. Telegráfico: DAEHNSFELDT
Rio de Janeiro Estado da Guanabara



Açaizeiro (*Enterpe oleracea* M.) fotografia publicada no Dicionário das Plantas Úteis do Brasil pelo naturalista M. Plo Corrêa.

extremidade superior verde, até 4/5 ms. de altura; folhas 8/10 até 150 cts. de comprimento, curto-pecioladas e com bainha verde; folíolos linear-lanceolados, oblíquos, longos acuminados, 5 nervados, sendo saliente e amarela a nervura central; flores geminadas, pétalas purpureas e sépalas brancas, dispostas em espádice carnosos e roseo-tomentoso, protegido por espata dupla, sendo a inferior lanceolada acuminadíssima e ferrugínea; fruto baga globosa verde-violeta. É palmeira social; vegeta em lugares úmidos e sombreados. — Conhecida pelo nome vulgar de Açaí da mata e também Açaízinho, no Amazonas.

4) — *Enterpe precatoria* M.

(*E. mollissima* Spruce), espique delgado e pouco resistente, até 12 ms. de altura e 15/18 cts. de diâmetro; 12/15 folhas pinatiparteadas e planas, de ms. de comprimento e com bainha verde; folíolos lineares, estreitos, 3 nervados; flores amarelas dispostas em espádices ramosas e branco-tomentosas; fruto baga roxo-euro, pequena — É palmeira solitária; dá "palmito" comestível e com o fruto faz-se uma bebida alcoólica idêntica ao "vinho de Açaí". A parte superior do espique é bastante sólida e presta-se para várias indústrias entre elas para "taboado" de fóro e de soalho usado nas barracas dos sepingueiros. — Vegeta na Amazônia e nos Estados da região Centro Oeste, na Bolívia e no Pe-

ru. — Nome vulgar Açaí do Alto Amazonas também conhecido pelos nomes de Açaí mirim, Gnaçaí e Palmito Mole no Brasil, Palma rosario na Bolívia e Yuyuehonta no Peru;

5) — *Enterpe Jatopuensis* Rodr., espique cinzento, ereto, mais ou menos cilíndrico, até 10 ms. de altura; folhas 5/7 com bainha verde e folíolos subpostos lineares, 7-nervados, de 35 cts. de comprimento; fruto baga roxo-escura, de 7 m/m de diâmetro. — Nome vulgar Açaí mirim também chamado Uaçaí mirim no Amazonas.

6) — *Enterpe hadlocarpa* Rodr., espique solitário, paraamente estolonífero, flexuoso e acinzentado, até 10 ms. de altura e 10 cts. de diâmetro; folhas 6/10 um pouco curvas e com bainha verde ou pardacenta; folíolos subpostos, linear-lanceolados, acuminadíssimos, 5-nervados, até 40 cts. de comprimento; flores desconhecidas; espádice pardo-vernicioso e ramoso; fruto baga subglobosa, pardo-violeta. Esta espécie é rara e dá os frutos maiores do gênero, os quais são vendidos no mercado de Manaus; deles fazem também o "vinho de Açaí". Nome vulgar Açaí pardo e Uaçaitira no Amazonas.

7) — *Enterpe oleracea* M., espique cilíndrico, anelado e curvo, excepcionalmente até 30 ms. de altura; folhas primordiais inteiras; fronde terminal constituída por 10/12 folhas pinadas de 2 ms. de comprimento, compostas 70/80 pares de folíolos; flores séssels, monóicas, dispostas em espádice amoso; fruto baga globosa, violeta, fibrosa, contendo amêndos pequena e dura. — Os frutos fornecem o famoso e nutritivo "vinho de Açaí", bebida tradicional dos aborígenes da Amazônia e agora também dos respectivos habitantes civilizados, uns a usar do como alimento quotidiano, associado a mel de abelhas ou açúcar e farinha de mandioca torrada, outros, apenas como simples refresco. — Da amêndoa extrai-se o óleo verde-escuro, e amargoso, adstringente e resolutivo, empregado na medi-

Rosquinhas em "oito" para o lanche e o café-da-manhã...



Experimente !

Ingredientes

1/2 xíc de leite
1/3 xíc + 2 colh (sopa) de açúcar
1 1/4 colh (chá) de sal
1/4 xíc de manteiga
1/2 xíc de água morna

2 colh (sopa) de Fermento Sêco Fleischmann
ou 6 tabletes de Fermento Fleischmann
1 ovo
5 xíc de farinha de trigo
1 colh (chá) de essência de baunilha

Ferva o leite, junte 1/3 xíc de açúcar, o sal e a manteiga. Deixe amornar. Numa vasilha, coloque a água morna, 2 colh. de açúcar e o fermento. Deixe repousar 10 minutos, depois mexa bem. Peneire a farinha sobre pedra mármore. Faça nela um sulco e aí coloque o fermento, a mistura de leite, o ovo e a baunilha. Misture bem e sove a massa de vez em quando, para que fique bem lisa e solte completamente. Coloque numa vasilha alta, untada, cubra e deixe crescer

em lugar quente até dobrar o tamanho (2 horas aproximadamente). Aperte o centro da massa com a mão fechada, abaixando-a, e deixe ainda 1/2 hora. Coloque então sobre pedra mármore, divida em 24 partes iguais e com elas faça bastões, dando-lhes a forma de "oito". Arrume em tabuleiros untados e deixe crescer 1 hora. Leve ao forno moderado durante 20 a 25 minutos. Enquanto quentes, pincele com manteiga e polvilhe com açúcar.

★ Em nossas receitas a medida-padrão é uma xícara de 250 gramas de água

GRÁTIS: Peça à D. Maria Silveira, Caixa Postal 1179, Rio de Janeiro, o folheto "Conselhos Úteis", sobre o Fermento Sêco Fleischmann

FERMENTO SÊCO FLEISCHMANN

Mais um produto de qualidade da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC



cua casela sobretudo como antidiarreico. — A raiz passa por depurativo e as folhas ou brótos não desenvolvidos constituem bom "legume" (palmito). — A aparição dos frutos maduros é motivo de regosijo para os índios, que logo tratam de fabricar a bebida, em cuja manipulação, diz-se somente as moças podem intervir; essa ocasião é oportuna para festas e casamentos. — O lenho fende facilmente e presta-se para barrotes, cabros e ripas bastante duráveis, mais ainda quando provém de plantas velhas; e as fibras são aproveitadas pelo japim (*Cassipoua persicaria*) para a construção de seus ninhos.

— Vegeta da Amazônia ao Estado da Bahia com os nomes vulgares de Açaizeiro, Jicara, Palmito, Pina Tukaney, este usado pelos indígenas Curuhés que ao fruto chamam "apulm". Na Guyana Inglesa e na Guyana Francesa recebe os nomes de Açai Palm e Pinot. — O açaizeiro é cultivado nos parques e jardins em todo o Brasil.

8) — *Geomoma camana* Trall, da mesma família. — Espique até 150 cts. de altura e 4 cts. de diametro, erecto ou tortuoso, anelado e coroado por folhas peiceladas, até 250 cts. de comprimento; flores monolcas dispostas em espádices de 40/50 cts.; fruto baga carnosa, comestível, de 1 cm. de diametro longitudinal, ou menos. — Estes frutos, quando submetidos à fermentação, produzem bebida vinosa, de paladar acre, que os aborígenes bebem com prazer; do lenho que é branco e mole fazem fogo por meio de atrito com outro lenho duro. Nome vulgar Açai e Jurity. ubim no Amazonas.

NOTA

O tema sugestão número 287 foi parcialmente transcrito do naturalista M. Pio Corrêa (primeiro volume do DICCIONARIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL).

Chegou a Rondônia a "Expedição Ford"



A foto mostra aspecto da marcha da já famosa Expedição.

A "Expedição Ford" — São Paulo-Rondônia, composta de 7 caminhões F-600, chegou ontem a Porto Velho, Capital de Rondônia, em excelentes condições.

As chuvas torrenciais que nesta época do ano caem naquela região, obrigaram a Caravana a uma marcha extremamente lenta, tendo enfrentado os mais sérios obstáculos, alguns quase que intransponíveis.

Conforme é do conhecimento geral, a Expedição foi a primeira a trafegar no leito virgem ainda em construção, a BR-29 — Brasília-Acre. Em diversos trechos o leito da estrada apresentou enormes rachaduras, devido à erosão e, principalmente, causada pelas chuvas ininterruptas, obrigando, dessa forma, a Expedição a seguir por variantes abertas na selva pelos próprios integrantes da Caravana que, num esforço conjunto, com excelente disposição e elevado moral, conseguiram mais essa grande vitória que, sem dúvida alguma, veio a fortalecer o espírito que sempre norteou os altos dirigentes da Ford: o pioneirismo.

Foi recebida entusiasticamente

mente pelos habitantes de todas as cidades por onde passou, despertando a atenção por tão arrojada iniciativa, especialmente pela galhardia com que se comportaram os caminhões Ford F-600, vencendo inúmeros obstáculos e caminhando sobre sertão brasileiro, com autêntico espírito de bandeirismo e patriotismo.

Cumpre destacar o comportamento dos caminhões Ford, os quais, submetidos às mais duras provas de resistência, atravessando, com absoluta prioridade, a selva equatorial amazônica, em condições as mais adversas, possibilitou, ao cabo exatamente de dois meses de viagem, atingir a Capital de Rondônia onde o povo se rejubilou com o feito.

"Expedição Ford", que percorreu mais de 4.000 km até Porto Velho, foi entusiasticamente recebida pelas autoridades e povo, tendo na ocasião usado da palavra o Exceletíssimo Senhor Governador do Território de Rondônia, Tenente Coronel Paulo Nunes Leal.

(Continua na pág. 72)



A fábrica de fertilizantes de Cubatão, ocupando uma área de 238 mil metros quadrados. Graças a iniciativa da Petrobrás, disporá o agricultor brasileiro de abundante adubo nitrogenado fabricado no país e indispensável a boa produtividade de

PARQUE DE FERTILIZANTES

Construída sobre uma área de 238 mil metros quadrados, a Fábrica de Fertilizantes, instalada pela Petrobrás em Cubatão, é hoje uma das mais importantes unidades da indústria petroquímica. Com sua montagem integralmente terminada em 1958, a Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados entrou em funcionamento a título experimental, em abril daquele ano, produzindo, pela primeira vez no Brasil, adubo nitrogenado sintético. A produção bruta da fábrica, nos nove meses de 1958, foi de 7.900 toneladas. Em 1960, a produção elevou-se a 69 mil toneladas, cuja colocação, no mercado interno, proporcionou ao país uma economia de divisas da ordem de dois milhões de dólares.

NOVA ERA PARA A ECONOMIA AGRÍCOLA

Tão importante como a significação industrial desse novo parque de fertilizantes é a sua expressão como instrumento de melhoria da produção rural do país.

As estatísticas oficiais apontavam, até 1958, o consumo brasileiro de adubos como um dos mais baixos do mundo — cerca de 800 gramas de nitrogênio elementar por hectare, equivalente a 4 quilos de Nitrocálcio. Nos países de agricultura saudável, a taxa média va-

riava, então, de 40 a 120 quilos de elemento N, ou sejam, 200 a 600 quilos de Nitrocálcio.

É fora de dúvida que a escassez de adubação resulta como principal responsável pelo baixo rendimento médio da produção por hectare, nas áreas de cultivo agrícola do país. O reduzido emprego de fertilizantes é determinado tanto pela precária educação profissional de nosso camponês, como pelo alto preço do produto importado cujo consumo constitui um pesado ônus em nossa balança de divisas.

A constatação a que chegaram os poderes públicos e as classes interessadas de que a agricultura brasileira, com o sistemático desgaste das terras apresenta, de ano para ano, um sensível declínio de produtividade, levou o Governo a incluir, em seu programa administrativo, a pronta instalação da Fábrica de Fertilizantes da PETROBRAS em Cubatão.

A oportunidade desse empreendimento evidencia-se no interesse com que a agricultura nacional luta por elevar a ínfima taxa de consumo de azoto nitrogenado no Brasil — cujo índice, em 1957, era de apenas 2% das áreas cultivadas. Já no mesmo ano, só o Estado de São Paulo importou cerca de 385 mil toneladas de adubos, elevando

em 30% a quota do ano anterior que fora de 249.220 toneladas.

A PRIMEIRA DA AMÉRICA DO SUL

A Fábrica de Fertilizantes de Cubatão é a primeira usina de industrialização de azoto sintético a funcionar na América do Sul. Sua capacidade de produção é da ordem de 340 toneladas diárias de Nitrocálcio.

O QUE É O NITRO-CÁLCIO

O Nitrocálcio, denominação comercial que tomou, entre nós, o Cal Nitro dos alemães, é um novo fertilizante azotado, resultante do aproveitamento dos gases residuais da destilação do petróleo. Sua constituição oferece ainda vantagens especiais ao consumidor, desde a redução dos fretes, pelo teor de sua composição, que é de 20,5% de azoto, metade sob forma nítrica e metade sob forma amoniacal, até as suas possibilidades de mistura com a quase totalidade dos fertilizantes de uso corrente. De emprego recomendado para todas as culturas que exigem adubações azotadas, este nitrogênio não tem qualquer contra-indicação. De alta solubilidade, basta a umidez do orvalho para dissolver os seus grânulos. A produção da Fábrica

ca de Cubatão, destinada a promover um substancial impacto nos fornecimento, atenderá, de imediato, a auto-suficiência nacional em matéria de adubos azotados.

PARQUE DE FERTILIZANTES

Desdobrada em três unidades fundamentais, a Fábrica de Cubatão constitui um verdadeiro parque de fertilizantes. Situada às margens do Cubatão, junto à Refinaria Presidente Bernardes e à São Paulo Light and Power, em excelentes condições, pois, para o recebimento da matéria prima e da energia elétrica, suas instalações ocupam uma área de 320 mil metros quadrados. O conjunto industrial está composto de três grupos específicos: uma fábrica de amônia, uma de ácido nítrico e outra de fertilizantes propriamente ditos. A fábrica de amônia, cujas matérias primas são o gás de refinaria, ar e vapor de água, dispõe de duas sub-unidades uma para a produção de gás de síntese, e outra para síntese de amônia.

ASPECTO DAS INSTALAÇÕES

As instalações da Fábrica de Cubatão obedeceram a projetos da Foster Wheeler (USA) e de Friedrich Uhde (Alemanha). Nelas trabalharam técnicos estrangeiros e brasileiros. A construção dos prédios industriais e complementares foi iniciada em abril de 1955, merecendo relêvo o aspecto funcional e moderno do

conjunto arquitetônico, onde se encontram a administração, o almoxarado, vestiários, garage, oficinas e restaurante.

SIGNIFICAÇÃO

ECONÔMICA

A Fábrica de Cubatão representou um investi-

mento da ordem de 10,4 milhões de dólares.

Os reflexos desta nova indústria são de alta significação para a economia nacional, concorrendo para a melhoria de nossas práticas agrícolas e, consequentemente, para o aumento da produção e o barateamento dos gêneros de primeira necessidade.

As saúvas não comem as folhas e grãos que carregam

A. de Miranda Bastos
(Naturalista do M. A.)

As plantas têm, em cada região, diversos inimigos, que precisam ser combatidos a fim de que elas possam crescer e dar boa produção. Quem é que não tem ouvido falar da broca do café, do mosaico da cana-de-açúcar, da ferrugem do trigo, ou do gafanhoto?

Esses e muitos outros agentes destruidores das culturas podem causar a estas prejuízos enormes e até mesmo totais. No Brasil porém, o inimigo mais nefasto, porque existe em quase toda parte e porque ataca quase todas as plantas, é a saúva.

Um naturalista francês, Salt-Hilalre, que há muitos anos percorreu o interior do nosso país, ficou tão assustado com a quantidade de saúvas que escreveu: "Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil".

A profecia não poderia, evidentemente, ser tomada ao pé da letra. Em certo sentido, porém, é exata. Se o nosso lavrador não atacar os saúveiros que aparecem no terreno da sua plantação e vizinhanças, os terríveis formigas farão grandes estragos. Se um lavrador de eucaliptos não liquidar, primeiro, com todos os saúveiros que ameaçam o seu trabalho, as mudas que ele colocar nas covas

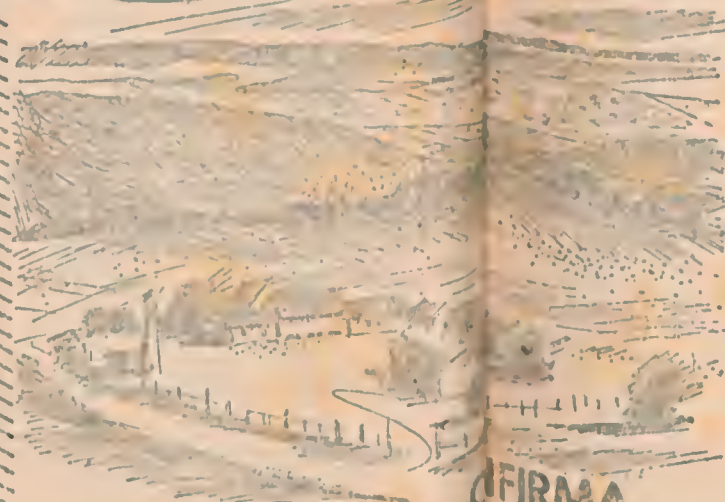
serão na maior parte peladas antes de conseguirem crescer e se transformar em verdadeiras árvores.

A saúva, formiga de que há cerca de uma dúzia de espécies muito parecidas, tem uma organização perfeita. Dos seus indivíduos, uns são fêmeas e vulgarmente são chamados de leãs, rainhas, ou tanajuras. Outros são machos, e o povo lhes dá o nome de bitus. Outros, enfim, são denominados operárias ou obreiras.

Cada saúveiro tem uma única rainha em atividade. Os bitus vivem apenas algumas horas, na época do vôo nupcial das rainhas. As operárias, que são as formigas que efetivamente atacam as plantações, são de número variável podendo ir a milhares num único saúveiro.

Podese dar idéia do perigo do aparecimento dum único saúveiro numa região dizendo que cada rainha que sair voando, ao voltar ao chão, depois de fecundada, dará origem a um novo formigueiro. Interessante, também é que as saúvas não comem as folhas e grãos que carregam, mas sim os pequeninos cogumelos que se formam na massa por elas preparada com ditas folhas e grãos.

todo



FIRMA

a fazenda «CAPELA DOS COLOS», no município
de Guaratinguetá do Estado de São Paulo

A MAIOR ORGANIZAÇÃO¹ DISTRITO
FEDERAL A SERVIÇO PLAVOURA



CAD

CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO DE JANEIRO — RUA MEXICO, 111-12.º Andar. (Sede Própria)
Caixa Postal 875 — Telefone: 31-1850 — (Rêde Interna)
FABRICA: AVENIDA MOVEL CLUBE, 4.260 — ACARI — RIO DE JANEIRO

NEL ON BUENO ROSA
 CON BARB
 CON CANTATE UN- & UNO & UNO

SAO PAULO, 10 DE JULHO DE 1954

CADAL CLAY & ASSOCIATES DE SABÃO E ADUBOS
AV. CINCINCO DE ABRIL, 119, 6º ANDAR,
RIO DE JANEIRO

PREÇOS MENORES:

Escrevo-lhes depois de algum tempo, pedindo, assim, informá-los com a maior fidelidade, o quanto e com que resultados obtidos com adubação. Como há em nosso café existente na fazenda C. pela dos Corrêas há mais de quarenta annos. Como sabem, além daquelle adubo, não ouz mais do 2. ou 30 gallo de adubo de curule e pulha de café nos cafeeiros, há um uso constante.

A diferença é o pinto entre e a parte do cafezal e uma parte bastante delgada sem nenhuma duvida, que todas as pessoas que visitam a Fazenda logo observam e tem sempre avião, observando uma delas, o Sr. Manoel de Moura, nos trouxe grande quantidade de no Piratini, e achar que os termos da Vale do Paraíso, uma vez mais badas, se igualam às fôrmas de terra daquele Estado vizinho, tendo em vista o que pode observar em a nossa Fazenda, com o vale do cafezal completamente restaurado.

Para ver o verde escuro e gorduroso das suas folhas e a fioreção branca e as folhas e os galhos, mas a intensidade e constância, que já não se estava acostumado a ver naquele Vale, há bem mais de trinta anos.

Tudo isso não que aquele fazendeiro do Paraná, resolveu adquirir uma velha fazenda no Estado do Rio Grande do Sul, já viram..., plantar café com bom sucesso e se enriquecer com o negócio «Café».

Mas não é que pretendo com isto fazer qualquer propaganda da
sua fécula. Estou relatando os fatos observados e que lá estão para
quem quiser ver e concluir por sua conta e risco.

Para obter este resultado satisfactorio com aquêlles resultados obtidos, quero que me enviara mais 5 toneladas de um adubo Cascal para Cuiabá, do seu melhor tipo, pois, me convencer que numa adubação o que se deve exigir é a quantidade do produto, mormente numa época em que a mão de obra é tão escassa e cara. Peço-lhes a máxima urgencia na remessa, podendo, se possível, em nome de meu pai Manoel Remeiro Rosa para Guaratinguetá, rum Visconde de Guaratinguetá, 174, por estrada de ferro mandando-os de que o registre da Fazenda no Ministério da Agricultura é de n. 34.633, livro 32, pg. 7, attestado n. 30.643, livro 31, pg. 323. Peço-lhes enviarem, também, uma tonelada de selito para cunha. Será uma boa experiência.

Seu onus, agradeço-lhes pela atenção dispensada, e não levei a mal a minha exposição da não assente aliada, pois, ... aliada com um simp-
le advogado e alitante com pretensões de agrilantor

ALCOHOLISMO

1911-1912

A Sociedade Nacional de Agricultura e o Ensino Profissional Agrícola

I — Solenidade de conclusão do curso da turma de 1960.

Realizou-se, no dia 22 de novembro de 1960, às 16,00 horas, na sede da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", rua Comandante Verguelo da Cruz, 480, Penha, a solenidade de formatura dos que concluíram os cursos profissionais de hortelão, fruticultor e floricultor.

A solenidade contou com a presença do dr. Luiz Guimarães Júnior, representante do dr. Barros Carvalho, Ministro da Agricultura; dr. Luiz Simões Lopes, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura; D. Irene de Melo Carvalho, Diretora do Departamento de Ensino da Fundação Getúlio Vargas; dr. Kurt Repsold, Presidente do Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, sr. Luiz Marques Pollano, Secretário Geral da Sociedade Nacional de Agricultura; sr. Flávio Brito, representante da Cooperativa Agrícola de Cotia; dr. Jalmeir de Guimarães Gomes, representante da Divisão de

Defesa Sanitária Vegetal, diretores da Sociedade Nacional de Agricultura, professores e funcionários da Escola, pais e parentes dos diplomandos.

Aberta a sessão, pelo Professor Geraldo Goulart da Silveira, Diretor do estabelecimento, foi procedida a entrega dos diplomas aos novos profissionais e distribuídos prêmios aos formandos, concedidos pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura.

Em nome dos diplomandos falou o concluinte Jorge Santos de Souza, que fez um retrospecto da vida escolar e lembrou as esperanças que todos depositavam no futuro.

Usou da palavra, a seguir, o dr. Luiz Simões Lopes, parainfo da turma, que, enaltecendo o trabalho da Escola, traçou rumos para que os concluintes vencessem na vida profissional, como venceram os outros que em anos anteriores saíram do tradicional estabelecimento de ensino, mantido, com idealismo, pela Sociedade Nacional de Agricultura.

Falou, a seguir, o professor Geraldo Goulart da Silveira, em nome do corpo docente e da direção do estabelecimento, focalizando as homenagens da turma e conchitando os diplomandos a que, pelo trabalho, seguindo a orientação que dos professores receberam, na vida prática honrassem e dignificassem sempre o nome digno e honrado da Escola de Horticultura Wenceslão Bello.

Encerrando a solenidade, usou da palavra o dr. Luiz Guimarães Júnior que, em nome do Ministro da Agricultura congratulou-se com a Sociedade Nacional de Agricultura para formatura de mais um grupo de profissionais em horticultura.

Em seguida, no refeitório da Escola foi oferecido um lanche aos presentes.

II — Parainfo e homenagens da turma de 1960

A turma de 1960, parainfada pelo dr. Luiz Simões Lopes, além das homenagens ao diretor, professores e assistentes de ensino, prestou também homenagens especiais e postumas, a figuras de destacada atuação na Sociedade Nacional de Agricultura.

Foram os seguintes os homenageados:

Homenagens Especiais

Dr. Kurt Repsold — Presi-



Aspecto da solenidade de conclusão de curso, quando falava o Dr. Luiz Simões Lopes, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

dente do CR/GB
Dr. Luiz Marques Pollano
— Secretário Geral da SNA.

Homenagens Póstumas

Prof. Arthur Torres Filho
Prof. Cynéas Lima Guimarães.

Homenagens da Turma

Diretor da Escola

Eng. Agr. Geraldo Goulart da Silveira

Professores

Eng. Agr. Dario Sampaio Cruz.

Eng. Agr. Helle Raposo

Eng. Agr. Jamiréz Guimarães Gomes

Eng. Agr. Ney Brandão

Eng. Agr. Pedro Paes de Barros

Eng. Agr. Subael Magalhães da Silva

Contador Pedro Goulart da Silveira Filho.

Horticultor Agrícola Castello Borges

Assistentes de Ensino

Horticultor André da Silva Neto

Horticultor João Nunes Castello

III — Diplomandos de 1960

É a seguinte a relação dos diplomandos de 1960, da Escola de Horticultura Wenceslão Bello:

Diplomandoss

Carlos Garcia Simas
Edgard Jesus dos Santos
Enlo Palção
Geraldo Xavier Barbosa
José Nery de Souza
José do Carmo Dolavale
João Geraldo Batista
Joel Santos de Souza
Jorge Santos de Souza (orador)
Olyntho Silva Nogueira
Ovidio Berger
Olegário de Araujo Mendes

IV — Cursos mantidos no biênio 1959-1960.



O Sr. Luiz Marques Pollano, Secretário Geral da S. N. A. quando entregava o diploma a um dos formandos.

Foram auspiciosas e do mais elevado alcance, as atividades referentes ao ensino, desenvolvidas na Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", no biênio 1959-1960.

Mantida na Penha, Estado da Guanabara, pela Sociedade Nacional de Agricultura, contou o tradicional estabelecimento de ensino profissional agrícola, com a colaboração, através de acordos e convênios, com as



Aspecto da solenidade de formatura da turma de 1960, quando falava o diretor da Escola, prof. Geraldo Goulart da Silveira vendo-se sentados da esquerda para a direita D. Irene de Melo Carvalho, diretora DPE da F.G.V., Dr. Luiz Simões Lopes, Presidente da S.N.A., o Sr. Luiz Marques Pollano, Secretário Geral da S.N.A., o Prof. Jamiréz Guimarães Gomes, representante do DDSV do Ministério da Agricultura e o Sr. Flávio Brito, diretor do DAREG.

Adubos

fortificam as terras fracas

Des. Prop. CADAL

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES GRATUITAMENTE

CADAL

CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

Agentes exclusivos do Salitre do Chile para o

Estados da Guanabara, do Rio e Espírito Santo

Rua México, 111 - 12.º andar (Sede própria)

Caixa Postal, 875

Telefone: 31-1850-rêde interna

seguintes entidades, todas elas de elevado conceito no país:

- Serviço Social Rural*, por Intermédio, do Conselho Regional do Estado da Guanabara, (Resolução n. 155 CN; acôrdo CR-GB - SNA);
- Escritório Técnico de Agricultura Brasil Estados Unidos (ETA)*, através do Projeto n. 38, ETA-SNA;
- Comissão Brasileira de Assistência Educativa às Populações Rurais (C.B.A.R.)*, através do Projeto CIBAR, P-23.

Com a soma de esforços e de recursos proporcionados pelo regime de trabalho em

colaboração, vem a Escola Horticultura "Wenceslão Bello", realizando um eficiente e oportuno programa de trabalho no setor de ensino agrícola, digno de ser destacado.

Foram os seguintes os Cursos ministrados no referido estabelecimento de ensino da Sociedade Nacional da Agricultura, no biênio 1959-1960.

1 - *Cursos Profissionais*, abrangendo os Cursos de Hortelão, de Fruticultor e de Floricultor, funcionando sob regime de internato e com a duração de dois anos.

Tais cursos, inteiramente gratuitos, se destinam a dar qualificação profissional nos

três ramos citados a filhos de lavradores que tenham curso primário completo e idade mínima de 15 anos, assegurando assim ensino profissional agrícola àqueles que não possuem conhecimentos gerais além dos proporcionados pelo curso primário.

2 - *Curso Prévio* funcionando sob regime de internato inteiramente gratuito com a duração de quatro meses, e destinado a consolidar os conhecimentos de nível primário dos alunos candidatos à matrícula no 1º ano dos cursos profissionais. Visa o Curso Prévio preencher as conhecidas lacunas de nosso ensino primário rural.

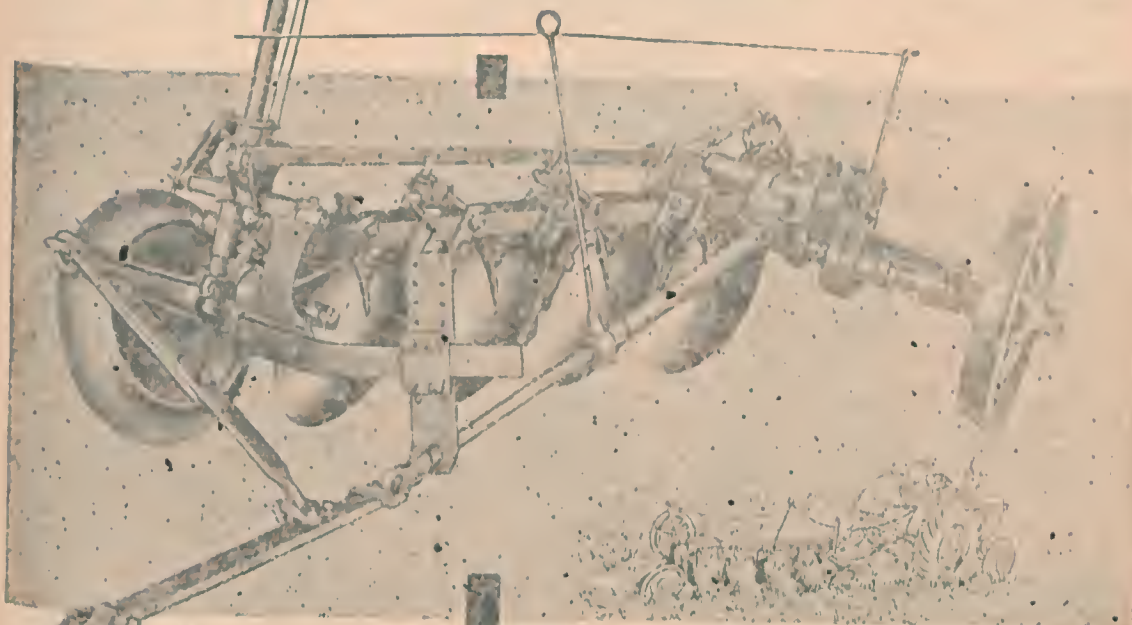
3 - *Cursos Práticos Agrícolas*, funcionando sob regime de externato gratuito, com aulas aos sábados e domingos, com a duração de vinte e quatro horas de aulas e versando sobre os mais diversos assuntos de interesse agrícola. Tais cursos, eminentemente práticos e objetivos acessíveis a todos, independentemente de idade, nível cultural, profissão, sexo, etc., despertam sempre grande interesse.

4 - *Cursos Avulsos*, também sobre regime de externato gratuito, acessível a todos interessados em adquirir conhecimentos sobre os mais variados assuntos de interesse agropecuário. Em tais cursos, com a duração de trinta e seis horas de aulas, podem matricular-se candidatos de ambos os sexos, independentemente de idade, de profissão e de nível cultural.

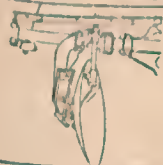
5 - *Cursos Especiais*, como o Curso de Auxiliares de Comunidades Rurais realizado apenas uma vez, em 1959, destinado ao aperfeiçoamento de alunos concluintes dos Cursos Profissionais da Escola de Horticultura Wenceslão Bello, para que os mesmos pudessem atuar com eficiência no meio rural do Estado da Guanabara, nos diversos trabalhos do



EIS O AUTÊNTICO ARADO **OLIVER** AGORA FABRICADO NO BRASIL!



Cotraca, de patente exclusiva Oliver, que entra em ação rapidamente ao ser puxada a alavanca.



Discos que se ajustam facilmente em diferentes ângulos, de acordo com as condições do solo e a largura de sulco.



Conexões paralelas que levantam e abaixam os discos uniformemente, sem esforço sobre o eixo e a luvá dianteiros.



Detalhe do mancal e ganchos de aço temperado, dos rodos do sulco, mostrando o eixo de proteção aparafusado ao eixo.



Selos de óleo de borracha sintético, que protegem os rolamentos Timken dos discos contra a entrada de pó.

Especialmente projetado para operar sob as mais árduas condições de trabalho, seja nos solos pesados, de massapé, seja nos arenosos e abrasivos, o famoso arado OLIVER, considerado o mais resistente e o mais durável, é agora fabricado no Brasil, rigorosamente de acordo com as especificações técnicas da Oliver Corporation.

- Timão de aço corbano, extra-forte, em posição elevada, mantendo o arado sempre na linha exata de trabalho, sem sofrer embuchamento com palha, capim, etc.;
- Discos de aço com alto teor de corbano e manganês, ultra-resistentes e apoiados em pratos reforçados.
- Mancais de rolamentos Timken, protegidos do pó e da lama por ganchos de neoprene, permitem o giro constante dos discos, proporcionando o tombamento perfeito da luvá;
- Sistema de cotraca, de ação imediata, que efetua o levantamento total dos discos durante uma única rotação completa do roda externa;
- Articulações paralelas, que asseguram um levantamento uniforme dos discos;
- Roda externa pesada e de grande diâmetro impedindo que os discos tendam a se levantar nos lugares mais duros, etc.

MESBLA

DEPARTAMENTO AGRÍCOLA

Para revendo no interior
queiro dirigir-se à Filial
ou Escritório mais próximo.

RIO - S. PAULO - P. ALFRE - B. HORIZONTE - RECIFE - SALVADOR - BELEM - PELÓTAS - NITERÓI - VITÓRIA - MARILIA

Conselho Regional do Serviço Social Rural. Em virtude do Conselho Nacional ter adotado normas para a realização de cursos de nível mais elevado com a mesma denominação, não mais foi realizado o referido curso na Escola de Horticultura "Wenceslão Belio".

V — Total de Cursos e de Matrículas

Tipos de Cursos	numero
Cursos Profissionais	3
Cursos Práticos Agrícolas	78
Curso Prévio	2
Cursos Avulsos	2
Cursos Especiais	
T O T A L	86

O número total de matrículas nos oitenta e seis (86) cursos realizados atingiu a mil quatrocentos e sessenta e dois (1462), conforme demonstração adiante:

C U R S O S	N.º de Matrículas no biênio
Cursos Profissionais	87
Cursos Práticos Agrícolas	1275
Curso Prévio	41
Cursos Avulsos	40
Cursos Especiais	19
T O T A L	1462

VI — A contribuição do SSR e a dinamização da Escola

Graças à valiosa colaboração e cooperação do Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, foi possível à Sociedade Nacional de Agricultura, dinamizar a Escola de Horticultura Wenceslão Belio com:

a) a criação de Cursos Prévio;

b) a ampliação dos Cursos Avulsos;

c) o funcionamento de Cursos Especiais;

d) a criação de um Curso Especial; e

e) o desenvolvimento dos Cursos Profissionais.

O Curso Prévio, cuja implantação só foi possível

graças aos recursos concedidos pelo CR/GB, constitui uma decorrência do que especifica a cláusula segunda, item 5, do Acôrdio entre o Conselho Regional do Estado da Guanabara e a Sociedade Nacional de Agricultura, e veio resolver dois problemas que sempre preocuparam a administração do tradicional estabelecimento:

a) elevação do nível de preparo dos alunos dos Cursos Profissionais, com a

matricula, no 1.º ano, de candidatos mais capazes, preparados e selecionados no Curso Prévio, cujo objetivo é, juntamente, consolidar os conhecimentos gerais, dos que concluem, na zona rural, o curso primário; b) manutenção das atividades de ensino durante o ano, pois, Curso Prévio funciona, com esse fim, no período de férias dos Cursos Profissionais (20 de novembro de um ano a 20 de março do ano seguinte).

Os Cursos Práticos Agrícolas, que sempre tiveram grande aceitação no Estado da Guanabara, foram muito ampliados com a colaboração do Serviço Social Rural, através do seu Conselho Regional.

Nos anos anteriores, apenas com a colaboração da Comissão Brasileira Educativa das Populações Rurais (CBAR), e do Escritório Técnico de Agricultura Brasileiro-Estados Unidos (ETA), — funcionavam na Escola de Horticultura Wenceslão Belio, em média de vinte (20) Cursos Práticos Agrícolas por ano.

Em 1959 (o acôrdio entre a S.N.A. e o CR/GB foi homologado quase no fim do ano), foram realizados trinta e três (33) e em 1960, foram realizados quarenta e cinco (45) anos.

Os Cursos Práticos Agrícolas se destinam, principalmente, àqueles que, embora exercendo outras atividades desejam dedicar-se à lavoura.

Vermes? "HOMEOVERMIL"

Efeito seguro e rápido; Gosto agradável; Dose mínima; Preparação Homeopata isenta de riscos para a Saúde.

— É um produto do grande Laboratório de —

DE F A R I A & C I A.

Matriz: RUA DE SÃO JOSÉ N.º 74 — RIO DE JANEIRO
Filiais: R. Arquias Cordeiro, 249 (Meyer) - Av. Copacabana, 710
A VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS E DROGRARIAS

ra e à pecuária, e procuram, através dos mesmos, adquirir os conhecimentos básicos para exercê-las com segurança e acerto, com grandes vantagens, portanto, para a zona rural.

Os que passam pelos Cursos Práticos Agrícolas muito contribuem para a melhoria do padrão de trabalho na agricultura e na pecuária, com o seu exemplo de lavradores e criadores esclarecidos.

Entre os que frequentaram os Cursos Práticos Agrícolas houve uma predominância muito acentuada de estudantes de todos os níveis (primário, secundário, normal e superior), militares, funcionários públicos, comerciantes e bancários entre cinquenta e oito (58) profissões dos matriculados nos referidos cursos no biênio 1959-1960.

A ampliação dos Cursos Práticos Agrícolas foi uma decorrência da letra b, do item I, da Cláusula segunda, do referido acordo.

Os Cursos Avulsos foram também, uma decorrência do que estipula a mesma letra e o mesmo item da cláusula segunda, do referido acordo.

Tais cursos, um pouco mais amplos que os cursos Práticos Agrícolas, (os Avulsos têm a duração de 36 aulas e os Práticos Agrícolas, de 24 aulas), abrangem, de um modo mais amplo, determinados assuntos (avicultura, apicultura, etc.), e, igualmente, vem despertando grande interesse, e encaminharam para as lides agrícolas, pessoas esclarecidas e bem orientadas, capazes portanto, de exercerem a lavoura e a pecuária em bases racionadas.

Preende a direção do estabelecimento ampliar as atividades dos Cursos Avulsos, principalmente no setor da avicultura, graças a articulação da Escola com o convênio entre a Comissão Nacional de Avicultura e o Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara.

O Curso de Auxiliares de Comunidades Rurais foi uma

ÁGUA DO SUB-SOLO



Perfuração de
poços tubulares
profundos
para captação
de água
subterrânea.

Possuímos máquinas e pessoal habilitado para trabalhar em qualquer ponto do país.

CIA. T. JANER

SEÇÃO DE ENGENHARIA

AV. PRES VARGAS, 309 16.º TEL. 23-5931

RIO DE JANEIRO

decorrência do que estipula a letra a, do item I, da Cláusula segunda do acordo entre a SNA e o CR/GB.

Só foi ministrado um curso em 1959, destinado aos diplomados pela Escola de Horticultura Wenceslão Bello.

Os Cursos Profissionais, que vinham sendo mantidos pela S.N.A., com grande esforço e colaboração do ETA, tiveram novas perspectivas com a colaboração do CR/GB, pois o acordo entre a S.N.A. e o referido Conselho prevê em sua letra a, item I da cláusula segunda, a ampliação e o desenvolvimento dos mesmos.

Com uma maneira de um mais perfeito entrosamento

entre o Associativismo Rural e o Serviço Social Rural, os candidatos à matrícula nos Cursos Profissionais da Escola de Horticultura Wenceslão Bello proveniente da zona rural do Estado da Guanabara, são encaminhados à Escola para efeito de seleção, por intermédio das Associações Rurais.

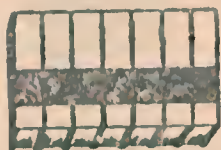
Com isso consegue-se:

- fortalecer o associativismo rural, dando uma posição de destaque às Associações Rurais no encaminhamento dos jovens da zona rural para um estabelecimento de ensino profissional agrícola;
- fazer sentir ao rurícola

Oficina de Encadernação e Douração

ENCADERNAÇÕES E DOURAÇÕES
SIMPLES E DE LUXO

LIMPEZAS DE BIBLIOTECAS E
IMONIZAÇÃO DE LIVROS



João José de Moura

AV. DOS ITALIANOS, 539

(Ex-Estrada do Areal)

ROCHA MIRANDA

Recados: Telefone 22-3634

RIO DE JANEIRO

a presença do Serviço Social Rural que procura, através do ensino profissional, orientar para as lides agrícolas, os filhos de lavradores.

Para o Curso Prévio, além do mesmo critério adotado para os Cursos Profissionais (encaminhamento de candidatos através das Associações Rurais), tem a Escola adotado também um outro critério.

Trata-se de uma articulação com o Distrito de Educação Rural que recebe, por iniciativa do CR/GB um determinado número de bolsas (12 bolsas para 1961), destinadas a alunos que tenham feito o curso primário em

Escola Rural e, quando estudantes, tenham sido sócios do Clube Agrícolas, prestigiando assim:

- a) o ensino primário rural;
- b) o movimento dos clubes Agrícolas Escolares.

VII — A Colaboração do ETA e o desenvolvimento das atividades da Escola

Não só valioso tem sido o auxílio do Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos para a manutenção dos Cursos Profissionais e Cursos Práticos (desde 1957), como também inestimável tem sido o seu auxílio sob os pontos de vista de:

- a) colaboração técnica, através de técnicos brasileiros e americanos que, por intermédio do Projeto 38, tem ajudado a Escola de resolver os seus problemas;
- b) equipamento da Escola com material importado pelo ETA, e pôsto a disposição da mesma através do Projeto 38.

Graças ao equipamento cedido pelo Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos, foi possível à Escola:

- a) introduzir técnicos modernos de trabalho através o concurso da irrigação por aspersão e da mecanização dos trabalhos hortícolas;
- b) melhorar o padrão de ensino com o concurso de material audio-visual;
- c) realizar sessões cinematográficas para alunos e pessoas interessados, com a exibição de filmes técnicos sobre agricultura, pecuária e economia doméstica, administração rural, cooperativismo, etc. (colaboram, nesse sentido, a Embaixada dos Estados Unidos e do Canadá).

VII — A contribuição da CBAR

Desde 1954 vem, CBAR colaborando com a Escola de Horticultura Wenceslão Bello, auxiliando:

- a) a manutenção dos Cursos Profissionais, através de recursos para a ajuda de aquisição de gêneros alimentícios e de material escolar;
- b) a realização de cursos Práticos Agrícolas, que sempre tiveram grande aceitação.

A CBAR (Comissão Brasileira Educativa das Populações Rurais) continuou mantendo, assim, na Escola de Horticultura Wenceslão Bello, o que até 1954 vinha sendo feito pela Fundação



"O Fósforo é a
espinha dorsal
da Humanidade".

F. D. ROOSEVELT

FOSFATO DE OLINDA

uma fonte natural de fósforo



A vida das plantas depende da presença de certos elementos nutritivos no solo. Um dos mais importantes é o fósforo (P_2O_5), que auxilia o crescimento das raízes, a frutificação e o amadurecimento homogêneo dos frutos. O FOSFATO DE OLINDA é um adubo especial de solubilização contínua, apresentado comercialmente em dois teores: 28/30% e 32/34% de P_2O_5 . Possui ainda 47% de óxido de cálcio (CaO), o que lhe permite, além de suprir a insuficiência de fósforo, corrigir a excessiva acidez do solo. Aumente com segurança a sua colheita usando o FOSFATO DE OLINDA.



UMA COLHEITA CERTA



FOSFORITA OLINDA S.A.

Pioneira na industrialização da Fósforo Nacional

IA - 28.030

Getúlio Vargas, através do seu Departamento de Ensino.

Allás, releva salientar que atuação maior da CBAE tem sido, desde o início, principalmente no sentido da realização dos Cursos Práticos Agrícolas no Estado da Guanabara.

XI — Considerações Finais

Face o exposto, não exige meditação, concluir-se o quanto valioso tem sido para a Escola de Horticultura Wenceslão Bello; o regime de convênios entre a Sociedade Nacional de Agricultura e outras entidades como o Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, o Escritório

Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos, a Comissão Brasileira de Assistência Educativa às Populações Rurais.

Graças aos referidos convênios (Projeto 38, ETA/SNA; Projeto CBAE, P-23 e acordo CR/GB-SNA), foi possível dinamizar-se o estabelecimento de ensino que desde 1898 a Sociedade Nacional de Agricultura com Idealismo e grande soma de esforço e boa vontade mantém, na Penha, Estado da Guanabara, com a ampliação e desenvolvimento dos cursos existentes (Cursos Profissionais e Cursos Práticos Agrícolas) e a criação de outros Cursos (Cursos Avulsos, Curso Prévio e Cursos Especiais).

Em 1961, por exemplo, se-

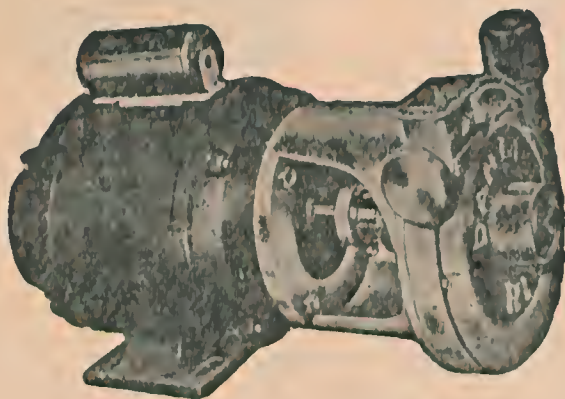
rá realizado no referido estabelecimento de ensino agrícola o primeiro curso de Monitores do Associativismo Rural, visando capacitar pessoas para o trabalho de dinamização das Associações Rurais do Estado, consequência do acordo com o CR/GB e será introduzido no currículo da Escola a disciplina "Trabalho em oficinas", consequência do Projeto 38, ETA-SNA.

Releva salientar ainda que a Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", mantém permanentemente, um assistência técnica aos lavradores do Sertão Carioca, atendendo-os sempre com solicitude, em sua sede e fornecendo-lhes as necessárias instruções e esclarecimentos para a solução de seus problemas.

BOMBAS HIDRÁULICAS

DANCOR

INDÚSTRIA BRASILEIRA



CENTRÍFUGAS

- Com motores elétricos monofásicos de 1/4 a 1 H.P. trifásicos de 0,75 a 5 H.P.
- Com motores a gasolina auto-aspirante de 1. 1/4 H.P. até 5. 1/2 H.P.

A VENDA NAS BOAS CASAS

Fabricadas e garantidas pela

DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECÂNICA

Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "Dancor" — Rio de Janeiro

(Conclusão da pág. 11)

dial de leite com 17.188 kg em 365 dias, aos 11 anos de idade. Mas isso constitui exceção. Geralmente não poderão concorrer com os tipos especializados para leite ou para carne.

Pertencem a este tipo, entre outras, as seguintes raças: Schwys, Simmental, Normanda.

O tipo comum que tardio caracteriza-se pela sua:

- a) Grande rusticidade e adaptação ao meio
- b) conformação deficiente do corpo;
- c) ossadura forte ou deficiente;
- d) falta de precocidade; e
- e) produção tanto de carne como de leite pequena. Os animais deste tipo são, porém, excelentes quanto à alimentação, mais resistentes às doenças e às infestações parasitárias. São andeja, pernas longas, resistem melhor às seca e dão excelentes animais de serviço.

Os seus melo sangue, com as raças leiteiras ou com as de corte, são ótimos produtos, para leite, no primeiro caso, e para carne, no segundo.

As chamadas raças nacionais ou gado comum pertencem a este tipo.

Sociedade Nacional de Agricultura

PROPOSTA PARA SÓCIO

O abaixo assinado propõe para sócio

..... da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA:

Nome por extenso

Nacionalidade Profissão

Enderêço para cargo

Enderêço para correspondências

Nome ou nomes de fazendas que possui o Município ou Municípios em
que estiverem

Gênero de culturas a que se dedica

Variedade de gados que cria

É a propriedade registrada no Ministério da Agricultura

Em caso negativo, a Sociedade encarrega-se de promovê-lo, á pedido
do interessado.

OBSERVAÇÕES:

..... de de 19.....

Assinatura do proponente

Assinatura do proposto

CAPÍTULO II

Dos Sócios

Art. 4.º — O quadro social é composto das seguintes categorias: titulares, efetivos, correspondentes, honorários e beneméritos.

§ 1.º — São sócios titulares os que forem eleitos de acordo com o Art. 16 e seus parágrafos e seu número é limitado a 40;

§ 2.º — São sócios **correspondentes** as pessoas ou associações com residência ou sede no estrangeiro, que forem escolhidas pela Diretoria;

§ 3.º — São sócios **honorários** as pessoas que prestarem à agricultura serviços tão relevantes que a Diretoria as julgue merecedoras dêsse título;

§ 4.º — São sócios **beneméritos** as pessoas que, por sua dedicação e serviços excepcionais à Sociedade, forem por proposta da Diretoria, aprovada pela Assembléia Geral, consideradas dignas dessas investidura;

§ 5.º — São sócios **efetivos** as pessoas naturais ou jurídicas que, sediadas no país, forem propostas e aceitas pela Diretoria e se dividem nas classes seguintes:

a) — **individuais** — as pessoas naturais, que pagarem no ato da admissão a jóia de Cr\$ 500,00 e a anuidade de Cr\$ 300,00;

b) — **coletivos** — as entidades ou organizações que pagarem a jóia de Cr\$ 1.000,00 e a anuidade de 500,00;

c) — **filiados** — as associações rurais ou de classe legalmente constituídos e registradas no órgão competente do Ministério da Agricultura, que contribuirão com a jóia de Cr\$ 5.000,00 e a anuidade bianualmente estabelecida pela Diretoria.

d) — **remidos** — os que estando em condições de serem aceitos como individuais e coletivos, pagarem, de uma só vez, a jóia e 15 anuidades.

Art. 5.º — Os coletivos e filiados deverão declarar o seu desejo de participarem do quadro social, ficando a aceitação dependente de resolução da Diretoria.

Parágrafo único. Os sócios efetivos deverão ser proposto por um ou mais sócios, à Diretoria, que deliberará a respeito.

Art. 6.º — Os sócios honorários e correspondentes não terão ingerência na direção da Sociedade, mas gozarão de todos os demais direitos de sócios.

Parágrafo único — Os sócios, em geral, não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 7.º — Poderão remir-se, em qualquer tempo, os sócios efetivos individuais e coletivos, podendo, para êsse fim, lhes ser contado um terço das anuidades pagas, até o máximo de mil cruzeiros.

Art. 8.º — Aos sócios titulares, honorários e correspondentes serão expedidos gratuitamente, os diplomas.

CIA. RADIOTELEGRÁFICA BRASILEIRA

Rio de Janeiro — São Paulo — Santos — Recife

Serviço Direto * com

- Alemanha
- Argentina
- Bélgica
- Chile
- China
- Colômbia
- Equador
- Espanha
- Estados Unidos
- Finlândia
- França
- Grã-Bretanha
- Holanda
- Itália
- Noruega
- México
- Japão
- Polónia
- Portugal
- Surinam
- Suécia
- U. R. S. S.
- Urugual
- Tchecoslováquia

* Para conseguir o serviço rápido e direto via Radiobras basta incluir o indicativo gratuito da rota "VIA RÁDIO" nas telegrafias para o exterior, entregando-as na estação dos Telégrafos em qualquer cidade.

RADIOBRAS

COMUNICAÇÕES RÁPIDAS PELO RÁDIO
COM O MUNDO INTEIRO

Rio de Janeiro

Av. Rio Branco, 45
Av. Rio Branco, 243
Tel.: 52-6000
Av. Atlântica, 1602-A

São Paulo

Rua 7 de Abril, 338
Rua Sen. Queiroz, 641
Rua da Quitanda, 151
Conj. Nacional, L/723
Tel.: 33-4111

Santos

R. 15 de Novembro, 45
Tel.: 2-7194

Recife

Av. Rio Branco, 162

Tel.: { 9291
9549
9548

CONTRÔLE DA LARGATA DO CASULO, (*) - ELASMOPULPOS LIGNOSELLUS

L. F. Fontes
Eng. Agr.

INTRODUÇÃO

A lagarta do casulo vem constituindo desde há muito tempo, uma séria ameaça a quase totalidade de nossas mais importantes culturas anuais, especialmente gramíneas (milho, arroz, sorgo, cana), leguminosas (amendoim, soja, feijão), e mesmo o algodão.

Já, em 1938, SAUER constatava os efeitos desastrosos dessa praga em lavouras de arroz da Alta Mogiana e afirmava em "Notas sobre o *Elasmopalpus lignosellus* Zeller (Lep. Pyr.), séria praga dos cereais no Estado de São Paulo", "Arquivos do Instituto Biológico, Vol. 10, Dez. 1939, Art. 12", de onde extraímos as valiosas notas

sobre a biologia da praga: — "A manifestação desta espécie vem tendo ultimamente um caráter constante, contribuindo para perdas sensíveis em diferentes zonas, deixando aparentemente de ser eventual, como ocorria antes. Se prejuízos semelhantes continuarem a ocorrer, constituirá essa espécie, nas nossas condições, uma das pragas mais importantes dessa cultura (arroz)".

Como vemos, os prejuízos causados pela lagarta do casulo não são recentes; já eram conhecidos há mais de 20 anos.

Entretanto, àquela época, antes portanto do advento dos inseticidas modernos, pouco realmente se poderia

ter feito visando o controle à praga.

Experiências recentes, demonstraram a eficiência de um inseticida clorado — Dieldrin — para o controle a esta praga, desde que aplicado nas formulações, dosagem e época corretas.

BIOLOGIA

Os adultos — mariposas — medem de 15 a 25 mms. de envergadura; são pequenos e quando em repouso ficam com as asas ao longo do corpo. Se bem que as tonalidades variem comumente dentro do mesmo sexo, os machos apresentam-se com uma coloração pardo-amarelada e as fêmeas, pardo-escuro ou cinza.

Pousam no solo ou sobre as plantas e à aproximação de estranhos, alçam voo rápido e curto.

Os ovos, pequenos — 0,6 a 0,4 mms. — são depositados isoladamente nas folhas, bainhas ou hastes das plantas. Da coloração creme, levemente esverdeada, logo após a postura, passam a róseo e, finalmente, vermelho, próximo à eclosão.

As lagartas recém-nascidas apresentam cerdas delicadas pelo corpo, não são muito ativas; é comum encontrá-las suspensas pela tela ligada à planta.

Quando completamente desenvolvidas, medem cerca de 15 mms. de comprimento; são delicadas e muito ativas, têm a cabeça pequena pardo-escuro ou quase preta. A coloração predominante do corpo é verde-azulada, verde acastanhada ou rósea, tomando, lateralmente, uma tonalidade mais clara.

Finda a fase larval, as lagartas tecem o casulo, que localiza próximo à base da planta. Este, é tecido com tela fina e cinzeta, todo envolvido externamente com partículas de terra ou detritos vegetais, assemelhando-se a um pequeno torrão, facilmente distinguível no terreno.

ATAQUE

A praga ataca de prefe-

VERMES ? OPILAÇÃO ?

PANVERMINA

GLOBULOS DE GELATINA (já purgativos)

Golpe certo

CONTRA TODOS os VERMES

LABORATORIO PANVERMINA

RUA SAMPAIO FERRAZ, 38-RIO

MINEROGADO

Complemento alimentar mineral indispensável ao gado que se nutre com pastagens fracas ou esgotadas.

Alta concentração de sais solúveis dos micronutrientes conhecidos (elementos químicos indispensáveis à vida e que agem em quantidade infinitesimais) associados aos sais dos elementos plásticos (potássio, cálcio, fósforo, cloro, sódio enxofre (sob forma de sulfato), nitrogênio, oxigênio, hidrogênio e carbono).

Enviamos pelo reembolso postal para todo o Brasil

**LABORATÓRIO PECKOLT
PECKOLT & CIA. LTDA.**

Rua General Roca n.º 218-F — Tel. 48-4329 — Rio de Janeiro — Brasil

rência o colmo e haste das plantas novas, logo após a germinação das sementes e emergência das platinhas a superfície do solo.

O ataque se inicia pela região da planta situada pouco abaixo da superfície do solo. Por aí penetram as lagartas; enquanto se alimentam vão construindo uma galeria pelo centro do colmo ou haste, que vai aumentando à medida que vão se desenvolvendo.

(*) Nome comum proposto por G. P. Vlégas, decorrente do hábito da praga abrigar-se no interior de um casulo, construído com fios de seda e partículas de terra.

Os lavradores menos avisados costumam, facilmente, confundir o seu ataque com o dos cupins ou atribuindo à seca os insucessos da cultura, especialmente no caso do arroz, mais sensível a esta.

Atacam, como os cupins, em reboleiras, mas por vezes e, especialmente, nas culturas de arroz em que as plantas são distribuídas em linha contínua, verifica-se o ataque nas linhas, que é periodicamente interrompido.

No caso das gramíneas, o prejuízo causado não se confunde com o de outra praga, pois é típico. Após penetrar

no colmo em formação, a lagarta destrói a base da folha central, ocasionando o amarelecimento, seca e morte desta. Puxando-se as folhas centrais, estas se destacam com facilidade, permanecendo o sistema radicular, preso ao solo.

Este sintoma é tipicamente diferente daquele apresentado pelo ataque de cupins; nesta caso, ao se tentar arrancar as folhas centrais, toda a planta se desprende do solo porque seu sistema radicular está completamente destruído.

Outro sintoma característico do ataque desta praga em gramíneas é a verificação de folhas perfuradas em típicas e nítidas linhas horizontais.

Tem-se observado uma única galeria por planta não permanecendo as lagartas constantemente no seu interior. Constroem abrigos de tela e terra ou outros detritos, que aderem à abertura dos orifícios; de comprimento variável esses abrigos são construídos imediatamente abaixo da superfície do solo e ao se arrancarem as plantas infestadas, facilmente se observa os orifícios da galeria, excrementos da lagarta e fragmentos desses abrigos; por vezes, saem inteiros, aderidos ao orifício da galeria.

As plantas mais desenvolvidas são muito raramente atacadas.

CONTROLE

Levando-se em consideração a biologia, o modo e época de ataque da praga, foram realizados vários ensaios de campo com vários inseticidas clorados em várias dosagens e métodos de aplicação.

A seguir, resumimos as recomendações sobre os diversos métodos que apresentaram alta eficiência de controle à praga.

1 — POLVILHAMENTO DOS SULCOS

O polvilhamento dos sulcos abertos antes do plantio com 100 kg. de Dieldrin 2% — alqueire paulista dá eficiente controle à praga.

A dosagem de 75 kgs.-alq. recomendada para o controle de outras pragas, como cupins, percevejo castanho, etc., apresenta controle precário à lagarta do casulo.

2 — MISTURAS FERTILIZANTES DIELDRIN

A aplicação nos sulcos abertos no momento do plantio, da mistura fertilizante Dieldrin, este último na mesma dosagem recomendada acima — 100 kg.-alq. paulista — apresenta a mesma eficiência, no controle à praga, obtida com a

**Se você
possue**

u'a máquina
de escrever,
então siga
este conselho:

entregue-a

aos cuidados da

Casa COLLYER
(Fundada em 1939).
tel: 43-5532
Rua Senhor dos Passos, 88 - 1º andar
Rio de Janeiro — — — D. F. —



aplicação do Dieldrin 2%
sossinho.

Este método apresenta as
seguintes vantagens sobre o
o precedente:

A) É mais econômico —
ao invés de se utilizar o Dieldrin 2% na mistura, pode-se trabalhar com o Dieldrin 20% P.S.

B) Elimina a mão de obra
na aplicação.

C) Possibilita a aplicação
mecanizada da mistura com
igual homogeneidade de distribuição.

3 — PULVERIZAÇÃO DOS SULCOS

O tratamento dos sulcos
abertos antes ou durante a
plantação, com pulverizações
de Dieldrex 20 a baixo volume é mais eficiente e mais econômico que o polvilhamento dos sulcos.

Neste caso, a dosagem recomendada é de 10 lts. de Dieldrex 20 por alqueire paulista no volume de água necessário para a pulverização a baixo volume — em média 100 lts. de água por alqueire. Este método apresenta a grande vantagem de poder ser totalmente mecanizado, bastando para tanto adaptar

ao trator o equipamento de pulverização e dispendo os oleos de pulverização entre a boca de descarga das sementes e o dispositivo de fechamento dos sulcos.

4 — PULVERIZAÇÃO DAS LINHAS PLANTADAS

Este método de tratamento é idêntico ao anterior — mesma dosagem — com as seguintes diferenças básicas:

A — É mais fácil de ser executada quando não se dispõe de mecanização.

B — É executado após o plantio, aliviando os trabalhos de semeadura. Neste caso é SEMPRE aconselhável:

- a) executar a pulverização das sementes e emergência das plantinhas.
- b) plantar sementes tratadas com Dieldrin 50% P.M. (200 grs.) 60 kg. de semente) ou Aldrin 40% P.M. (400 grs.-60 kg. de semente) para prevenir o ataque de pragas do solo de profundidade — especialmente cupins — que eventualmente possam ocorrer entre a semeadura e a aplicação

da pulverização da linha plantada.

- c) a grande vantagem deste método é que pode ser usado em combinação com a aplicação de herbicidas em pre-emergência, desde que estes sejam compatíveis com o Dieldrex.

O QUE JA SE FAZ NA PRÁTICA PARA CONTROLE A PRAGA

Felizmente já ha entre os fazendeiros mais esclarecidos uma perfeita compreensão deste importante problema para as culturas de milho e arroz principalmente.

Entre eles, vale citar o exemplo da nova prática agrícola que, atingindo um dos mais altos estágios de mecanização do plantio, está sendo introduzida na Fazenda Agudo, em Orlândia, de propriedade do Dr. Francisco Junqueira Netto, onde em uma única operação, são executadas: a abertura do sulco, a adubação, a semeadura, a cobertura e compactação das linhas de plantio e a aplicação conjunta de inseticida de solo — Dieldrex 20, para controle ao Elasmopalpus — e herbicida para controle às ervas daninhas na linha de plantio.

Gostaríamos de ver generalizado este magnífico exemplo de evolução de prática agrícola, pelo menos entre aqueles fazendeiros que, cultivando extensas áreas de cereais, estão em condições técnicas e econômicas de mecanizar todas as operações de plantio e adotar tão avançada técnica.

CONCLUSÃO

A lagarta do casulo, ou broca do colmo de milho — *Elasmopalpus lignosellus* Zeller — é uma praga de grande importância econômica para as culturas de cereais e leguminosas — especialmente milho, arroz e amendoim — e que pode ser fácil e economicamente controlada, especialmente quando as aplicações de inseticidas são conjugadas a outras práticas agrícolas, como a adubação e controle, químico de ervas daninhas.

CHEGOU O NOVO MODELO

Torqueses BURDIZZO

DE FAMA MUNDIAL

POSSUI DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTÍVEIS DE INFECCÃO



Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR .



Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.



Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão direito para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois a torquês



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGA-SE AOS DISTRIBUIDORES
HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO
A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO
Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália

EXPERIMENTAÇÃO AGRÍCOLA

F. Murtinho Braga

Até o ano de 1860 data em que foi fundado o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, os assuntos referentes à lavoura e criação eram regidos por um Tribunal da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação e dele, emanava decretos, alvarás, etc. sobre a experimentação e ensino agrícolas.

Não havia na época estabelecimento criado com a finalidade específica de se dedicar a experimentação agrícola. Foram, é certo, criados vários Jardins Botânicos, em algumas Províncias, e criados um curso de agricultura, primeiramente, e depois uma Escola de Agricultura.

Somente em 1859 criou-se o Imperial Instituto Bahiano de Agricultura que mantinha a Imperial Escola de Agricultura da Bahia, situada nos terrenos do Engenho de São Bento das Lages. Nessa Escola, fez-se experimentação agrícola, conforme rezavam suas finalidades e como prova a documentação existente.

Em 27 de junho de 1887, quando D. Pedro II ainda era o Imperador do Brasil e o Conselheiro Antônio Prado seu Ministro da Agricultura, foi organizada a Estação Agronômica de Campinas. A escolha de Campinas para sede dessa Estação Agronômica obedeceu a

razões de ordem econômica, histórica e geográfica. A cultura cafeeira já se havia deslocada do Rio de Janeiro para São Paulo. As possibilidades de incremento da área de cultivo, pertenciam a Província bandeirante. Campinas era o Eldorado dos fazendeiros do café. Dal se irradiavam os caminhos para quase todas as regiões ainda não desbravadas. Poucos anos pertenceu a instituição ao Governo Central que pelo decreto n. 707 de 8 de fevereiro de 1892, já no período republicano, passou ao domínio do Governo Estadual onde se mantém até a presente data, constituindo um estabelecimento padrão para as pesquisas agronômicas.

Mal tarde, já em 1906, foi feita nova criação do Ministério da Agricultura, que havia sido extinto em 1892, e com sua instalação em 1909, novas atribuições lhe foram dadas. Mas somente pelo decreto n. 8.319 de 20 de outubro de 1910, com a criação do Serviço de Ensino Agronômico, é que teve, verdadeiramente, início a experimentação agrícola no Brasil. Foram então criadas e regulamentadas as: Estação Experimental para a cultura da Cana de Açúcar, em Campos (Estado do Rio); a Estação Experimental para a cultura da Cana de Açúcar, em Escada (Pernam-

buco); a Estação Experimental para a cultura do Algodão em Coratá (Maranhão); o Campo Experimental para a cultura de Trigo, em Bagé (Rio Grande do Sul) e subvencionada a Estação Experimental anexa a Escola Média ou Teórico-Prática de Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

Ainda foram instalados em virtude do mesmo decreto 8.319, Campos de Demonstração em número de 7: em Macaíba (Rio Grande do Norte); Espírito Santo (Paraíba) São Cristóvam (Sergipe); Itacara (E. do Rio); Xiririca (São Paulo); tajal (Santa Catarina) e Lavras (Minas Gerais).

Também, em abril de 1912, no Regulamento do Serviço da Defesa Econômica da Borracha previa-se criação de várias Estações Experimentais para a cultura da Seringueira, mas em realidade somente foi instalada a Estação Experimental localizada em Manaus (Amazônia), que foi pouco depois extinta assim como aquele importante serviço.

Com a organização do Serviço de Agricultura Prática, em 1915, foram aquelas Estações Experimentais a ele subordinadas depois de transformadas em Estações Gerais de Experimentação em 1916.

Em 1920 com a organização do Serviço do Algodão foram criadas as Estações de Piracicaba (S. Paulo), depois extinta; a de Seridó (Rio Grande do Norte); a de Pendência (Paraíba) e a de Igarapé Açu (Pará) e vários Campos de Se-



“DELMAR” Comércio e Importação Ltda.

PAKELARIA E TIPOGRAFIA

FITAS — CARBONOS “DELMAR”
PAPEIS E SEUS DERIVADOS — ARTIGOS DE
PAPELARIA E DE ESCRITÓRIO

TIPOGRAFIA

Av. Franklin Roosevelt, 194-C — LOJA

OFICINA: — Rua Leoncio de Albuquerque, 62 — Tel.: 23-0995

End. Telegr.: DELCOMIL
LIVROS FISCAIS EM GERAL

nientes de Algodão. Por essa ocasião foi transferida para esse Serviço a Estação Geral Experimentação em Coroa (Maranhão).

Vários dos Campos de Demonstração foram extintos ou transformados em outras repartições até que em 1920 com a criação do Serviço de Sementelhas ficaram a este incorporados os antigos Campos de Demonstração e criados outros. Os Campos de Sementes então em funcionamento eram os de: Deodoro (D. Federal); S. Simão (S. Paulo); Espírito Santo (Paraná); Rezende (E. do Rio) e Itajal (Sta. Catarina).

Extinto o Serviço de Sementelhas em 1923 e já havendo sido transformado o Serviço de Agricultura Prática em Serviço de Inspeção e Fomento Agrícolas, ficaram os Campos de Sementes a este subordinados até o ano de 1932 quando se realizaram as grandes reformas nos serviços do Ministério da Agricultura.

Todavia antes de chegarmos

a 1932, várias Estações Experimentais foram criadas e foram elas; em 1921, criou-se a Estação Experimental de Agrostologia diretamente subordinada a então Diretoria de Indústria Pastoral e ainda hoje essa Estação se encontra em funcionamento como dependência do Instituto de Zootecnia, do

D.N.P.A.; Estação Experimental para a cultura do Fumo em São Gonçalo dos Campos (Albânia). Em 1922 no Pará foi instalada a Estação Experimental para a cultura do Fumo em Tracuateua; em 1924 a Estação Experimental para a cultura do Trigo, Centeio e Cevada em Ponta Grossa (Paraná) e a Estação Experimental para a cultura do Trigo, Cevada e Centeio em Santa Catarina.

Novos Campos de Sementes foram criados de modo que em 1927 eram eles em número de 7 e continuavam subordinados ao Serviço de Inspeção e Fomento Agrícolas. Os Campos eram assim discriminados: Campo de Sementes de Deodoro, (nas terras da Estação de Pomicultura); C. de S. de Catú (Bahia); C. de S. Simão (São Paulo); C. de S. de Lorena (S. Paulo); C. de S. de Itajal (S. Catarina); C. de S. de Sete Lagoas (Minas Gerais) e C. de S. de Maria da Fé (Minas Gerais).

As Estações Experimentais nessa época eram em número de oito, subordinadas diretamente ao Gabinete do Ministro e assim discriminadas: E. E. de Campos (E. do Rio); E. E. de Barreiros (antiga E. E. de Escada, Pernambuco) E. E. de Ilhéus (Bahia); E. E. de Goltzenes (E. Santo); E. E. de São Gonçalo dos Campos

(Bahia); E. E. de Ponta Grossa (Paraná) e E. E. de Tracuateua (Pará) e E. E. do Rio Grande do Sul compreende as de Bagé, Alfredo Chaves, Arroio e Caxias.

O Laboratório Central de Sementes que fazia parte do Serviço de Sementelhas, extinto em 1923, passou a jurisdição do Serviço de Inspeção e Fomento Agrícolas no ano de 1929.

Em 1933 o Serviço do Algodão (com todas as suas Estações Experimentais e Campos) passou a denominação de Diretoria de Plantas Têxteis criada pelo 22.380.

A Ecologia Agrícola, foi então criada, fazendo parte do Instituto de Meteorologia, Hidrometria e Ecologia Agrícolas, diretamente subordinada a Diretoria Geral de Pesquisas Científicas criada 9 dias antes pelo Dec. 22.388 (11/1/1960).

As Estações Experimentais do antigo Serviço de Algodão ficaram subordinadas a Diretoria de Plantas Têxteis, na 2a. Seção Técnica (Culturas Experimentais e Laboratório de Fibras). Entretanto, os Campos de Sementes nos Estados ficaram subordinados a 1a. Seção Técnica.

A Diretoria de Fruticultura, constituída por 3 Seções, continuou subordinada a Estação de Pomicultura de Deodoro e o packing-house de Nova Iguaçu.

Pelo Decreto n. 23.050 de 8 de agosto de 1933 houve modificação na organização da Diretoria Geral de Pesquisas Científicas mas a Ecologia Agrícola permaneceu ainda no mesmo ponto em que se encontrava desde a sua inclusão no corpo técnico do Ministério.

Quase ao terminar o ano de 1933 o Governo Federal resolveu criar o Serviço Técnico do Café, diretamente subordinado a Diretoria Geral de Agricultura, o que se deu pelo Dec. 23.553 de 5 de dezembro de 1933. O Governo ao decretar a medida considerou que o Café, apesar de ser o mais importante dos produtos agrícolas do país, tem permanecido, até agora, entre nós, sem as-

Animais

sadios



com

"TRIPOR"

RAÇÃO BALANCEADA PARA SUÍNOS

a mais econômica no uso

Produto do

MOINHO ATLÂNTICO S.A.

Pedidos ao Escritório Central no Distrito Federal

RUA DO CARMO, 43 — 9.º ANDAR

Telefone: 32-3184 — End. Teleg.: "FARINFLO"

Desen-

volvi-

mento

rápido

sistência técnica sistematizada, capaz de garantir o aperfeiçoamento racional de sua cultura e racionalamento e que o problema do café merece e precisa ser encarado como um problema nacional e não apenas regional e que o Ministério da Agricultura é dentro da esfera nacional, o órgão administrativo naturalmente indicado para resolvê-lo.

Flearam então transferidos para a sua alçada exclusiva, todos os serviços referentes ao café, que estavam a cargo da Repartição Técnica do Departamento Nacional do Café, já organizados e em organização nesta Cidade e noutros Estados. Flearam portanto no M. A. as Estações e Campos Experimentais conforme veremos adiante.

Em 1934, a Seção de Ecologia Agrícola passou a fazer parte do Instituto de Biologia Vegetal, do D. N. P. V., uma vez que o Instituto de Meteorologia, passou a outra jurisdição (Aeronáutica Civil).

Mas, pouco depois, pelo dec. 24.105 de 10/4/1934, as repartições técnicas subordinadas ao Serviço do Fomento da Produção Vegetal, do D. N. P. V., consolidando portanto as transformações e criações (conforme o dec. 23.979 de 8/3/1934), flearam do seguinte modo:

a) — A Estação Geral de Experimentação de Campos, criada pelo dec. 11.879 de 12/1/1916, fica transformada em Estação Experimental de Cana de Açúcar.

b) — A Estação Experimental de Trigo, Centeio, Aveia e Cevada (criada pelo dec. 16.443 de 2/4/1924) fica transformada em Estação Experimental de Cereais e Leguminosas de Ponta Grossa (Paraná).

c) — Será instalada a Estação Experimental de Cana de Açúcar, de Recife — Pernambuco, criada pelo dec. 22.973, de 20/7/1933.

Os Campos de Sementes, sob manto da Produção Vegetal eram os seguintes:

1 — de Fumo em Traema-teua, no Estado do Pará, criado pelo dec. 22.973 de 20/7/1933.

2 — de Cacau em Tocantins, no E. do Pará, criado pelo dec. 22.973 de 20/7/33.

3 — de Cana de Açúcar, em Barbalha (Ceará) criado pelo dec. 22.973..

4 — de Cereais e Leguminosas, em Cuiabá, (Ceará) criado pelo dec. 22.822 de 14/7/1933.

5 — de Coqueiro, em Aracaju (Sergipe) criado pelo dec. 22.973 de 20/7/1933.

6 — do Fumo, em São Gonçalo dos Campos, (Bahia) criado pelo dec. 22.973 de 20/7/1933.

7 — de Plantas oleaginosas, em Itacaré (Rio de Janeiro) criado pelo dec. 22.973 de 20 de julho de 1933.

8 — de Cereais e Leguminosas, em Sete Lagoas, (Minas Gerais) criado pelo dec. 15.888 de 15 de dezembro de 1922.

9 — de Cereais e Leguminosas, em São Simão (São Paulo) criado pelo dec. 14.325 de 24 de agosto de 1920.

10 — de Cereais e Leguminosas, em São Borja (R. G. Sul) que será regido pelo dec. 23.979 de 8/3/1934.

Registrou-se em 1957, pela Lei n. 549 de 20 de outubro, a criação do Laboratório Central de Enologia, que posteriormente ficou subordinado ao SNPA, do CNEPA, com a denominação de Instituto de Fermentação e possuindo vasta rede experimental. O Laboratório Central de Enologia tem por finalidade amparar e controlar nessa indústria vinícola, trabalhando, por outro lado, pela melhoria de nossas variedades de uvas, por meio de Estações Experimentais, já existentes nos Estados, onde essa cultura conta probabilidade de desenvolvimento.

Pela Lei n. 470 de 9 de agosto de 1937 intensificou-se a cultura do Trigo com a criação vários estabelecimentos.

A Ecologia Agrícola é criada como entidade autônoma pelo dec. 2.039 de 25 de outubro de 1957, deixando portanto de ser uma simples Seção do Instituto de Biologia Vegetal.

Ao findar o ano de 1938, pelo decreto-lei n. 982, de 23 de dezembro, várias e novos órgãos no Ministério da Agricultura são organizados e reconstituídos alguns dos já existentes. E então criado o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, compreendendo os seguintes órgãos:

— Escola de Agronomia (D.S.A. e D.N.P.V.)

— Instituto de Química Agrícola (D.N.P.V.)

— Instituto de Ecologia Agrícola

— Instituto de Experimentação Agrícola, integrado pelas atuais seções de experimentação dos serviços do Fomento da Produção Vegetal, de Plantas Têxteis, de Fruticultura e do Café (do D.N. P.V.), bem como, pelas estações e campos experimentais dos referidos serviços e parte do atual I.B.V. (do D.N.P. V.)

O Instituto Agronômico do Norte, o 1º do Grupo que mais tarde seria organizado, foi obra do decreto-lei n. 1.245 de 4 de maio de 1939, ficou subordinado ao Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas no Município de Belém no Estado do Pará.

Em abril, 12, de 1940 foi criado o Instituto Nacional de Óleos no Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, em virtude do Dec-lei 2.138 de 12/4/1940.

O ano de 1942 marcou o início da organização das redes de experimentação agrícola no país. Assim pelo decreto-lei de n. 4.104 de 9 de fevereiro de 1942, foi criada a rede de experimentação agrícola do norte, subordinada ao Instituto Agronômico do Norte, em Belém, do Pará. Foram então criadas 3 (três) Estações Experimentais, em Belém, anexa ao I.A.N.; no Solimões; no Território do Acre, e no Rondonia, no Estado de Mato Grosso. Foram também criadas 5 (cinco) Sub-Estações Experimentais.

Houve em 1943, em 25 de novembro o decreto-lei, n. 6.040, autorizando o Ministério da Agricultura a promover convênios com os Governos dos Estados do Rio de Janeiro e de Pernambuco, com

o Instituto do açúcar e do Alcool e os produtores de açúcar daqueles Estados para auxiliar e ampliar os trabalhos de investigação e de assistência à lavoura canaveira, por intermédio das Estações Experimentais de Campos e de Curado.

É dada nova organização. Decreto-lei n. 6.155 de 30 de dezembro de 1943, ao CNEPA instituído pelo decreto n. 982, de 23 de novembro de 1938, o qual fica diretamente subordinado ao Ministro de Estado, e tem por finalidade ministrar o ensino agrícola e veterinário e executar, coordenar e dirigir as pesquisas agônômicas no País.

Entre os seus novos órgãos figura o Serviço Nacional de Pesquisas Agrônômicas (S.N.P.A.).

Finalmente é aprovado pelo dec. 16.787 de 11 de setembro de 1944 o Regimento do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônômicas, órgão diretamente subordinado ao Ministro de Estado e que tem por finalidade ministrar o ensino agrícola e veterinário e planejar, executar, coordenar e dirigir as pesquisas agônômicas do país.

Entre os seus novos órgãos figura o Serviço Nacional de Pesquisas Agrônômicas (S. N. P. A.):

I — organizar o plano nacional de experimentação agrícola, acompanhar a execução desse plano e controlar os resultados, dirigindo e coordenando as pesquisas agônômicas no país;

II — promover quaisquer pesquisas que visem ao progresso da agricultura;

III — organizar programas anuais de trabalhos, que correspondam às necessidades nacionais;

IV — delinear as regiões naturais típicas do país, tendo em consideração especialmente as condições agro-geológicas e climáticas.

V — superintender os órgãos de experimentação agrícola;

VI — cooperar com a Universidade Rural nos cursos relacionados com as atividades de seus diferentes Institutos.

Ao S.N.P.A. pertence as



MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Molibdeno
Níquel
Zinco

Para: Aves — Suínos —
Caninos — Carní-
voros em geral.

RM - 2

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Enxofre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Níquel
Zinco

Para: Bovinos — Equinos
Ovinos — Capri-
nos — Ruminantes
em geral.

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos.

"não fique em dúvida; consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534 - 2.º - RIO DE JANEIRO, D. F.

seguintes repartições:

I na sede:

Instituto de Ecologia e Ex-
perimentação Agrícola
Instituto de Química Agri-
cola
Instituto de Óleos

Instituto de Fermentação
Seção de Estatística Experi-
mental
Turma de Administração

II fora da sede:

Instituto Agrônômico do
Norte

Instituto Agrônômico do
Nordeste
Instituto Agrônômico do
Sul
Instituto Agrônômico do
Oeste
Instituto Agrônômico do
Leste

Ao Instituto de Química
Agrícola compete o estudo do
solo, das plantas, dos produ-
tos agrícolas e dos agentes
defensivos da lavoura. Com-
põe-se de:

Seção de Solos
Seção de Química Vegetal
Seção de Química Alimentar

Seção de Físico-Química
Seção de Análise Agrícolas
Seção de Tecnologia Agríco-
la

Ao Instituto de Óleos com-
pete:

I — ministrar a alta instru-
ção especializada, referente
às plantas oleaginosas, cero-
sas, resinosas, seus produtos,
sub-produtos e derivados e às
tintas e vernizes, aos agrôno-
mos e demais diplomados pe-
las escolas superiores, oficiais
ou reconhecidas, e aos alunos
da Escola Nacional de Agro-
nomia, que satisfaçam às exi-

gências do seu regulamento.

II — Ser o Centro de Pes-
quisas Científicas e de apli-
cação inerente àqueles produ-
tos.

III — organizar sua clas-
sificação, em colaboração com
o Serviço de Economia Rural,
para execução, nesta parte do
decreto-lei n. 334 de 15 de
março de 1938.

O Instituto de Óleos com-
põe-se de:

Seção de Bioquímica
Seção de Análise e Físico-
Química

Seção de Tecnologia Indus-
trial



S. A. Cortume Carioca

CAIXA POSTAL, 2605 — RIO DE JANEIRO

Estabelecimento LíDER da Indústria de Couros do Brasil



Agências em : São Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Novo Hamburgo, Curitiba,
Salvador, Recife e representantes nos demais Estados.

Ao Instituto de Fermentação, órgão central de pesquisas e investigações científicas e de aplicação referentes a vitivinicultura, às indústrias das bebidas e dos vinagres em geral, e de controle da produção, da circulação, da importação e da distribuição desses produtos, compete:

I — executar e fazer executar, em todo o território nacional, as leis, decretos, regulamentos e outros atos baixados pelo Governo, que incidam tecnicamente sobre a viticultura e as indústrias das bebidas e dos vinagres.

II — ministrar cursos relacionados com os setores de economia nacional sob o Controle do Instituto.

Compõe-se das seguintes Seções:

Seção de Pesquisas Industriais

de Química
de Controle Industrial
de Zimotecnologia
de Análises Comerciais

Ao Instituto de Fermentação estão subordinados os seguintes estabelecimentos:

Posto de Análises de Vinho em Recife (Pernambuco).

Posto de Análises de Vinho em Salvador (Bahia).

Posto de Análises de Vinho em Vitória (Espírito Santo).

Sub-Estação de Enologia (Espírito Santo).

Posto de Análise de Vinho em Nova Iguaçu (Rio de Janeiro).

Estação de Enologia em Jundiaí (São Paulo).

Sub-Estação de Enologia em Amparo (São Paulo).

Sub-Estação de Enologia em S. Roque (São Paulo).

Posto de Análise de Vinho em Santos (São Paulo).

Sub-Estação de Enologia em Campo Largo (Paraná).

Sub-Estação de Enologia em Perdizes (Sta. Catarina).

Sub-Estação de Enologia em Urussanga (Sta. Catarina).

Posto de Análise de Vinho em Joinville (Sta. Catarina).

Estação de Enologia em Bento Gonçalves (R.G. Sul).

Sub-Estação de Enologia em Porto Alegre (R. G. Sul).

Sub-Estação de Enologia em Caxias (R. G. Sul).

Sub-Estação de Enologia em Jaguarí (R. G. Sul).

Sub-Estação de Enologia em José Bonifácio (R. G. Sul).

Posto de Análise de Vinho em Rio Grande (R. G. Sul).

Posto de Análise de Vinho em Marcelino Ramos (R. G. Sul).

Estação de Enologia em Parreiras (Minas Gerais).

Estação de Enologia em Baependi (Minas Gerais).

Estação de Enologia em Andradas (Minas Gerais).

Posto de Análise de Vinho em Belo Horizonte (Minas Gerais).

Sub-Estação de Enologia em Santa Luzia (Goiás).

Ao findar o ano de 1960, pelo decreto n.º 40.391, foi aprovado o Regulamento Padrão dos Institutos Agronômicos Regionais e do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas pertencentes ao S.N.P.A. Estes estabelecimentos, tem por finalidade promover as pesquisas e conduzir os trabalhos experimentais que visem ao progresso da agricultura regional sob sua jurisdição.

Cada um dos Institutos regionais compreenderá:

I — Serviço de Pesquisas Biológicas

a — Seção de Fitopatologia

b — Seção de Entomologia e Parentologia

c — Seção de Articulatura

d — Seção de Botânica Agrícola

e — Seção de Fitotecnia e Genética

II — Serviço de Engenharia e Tecnologia Rurais

- a — seção de Solos
- b — seção de Climatologia agrícola
- c — seção de Irrigação e Drenagem
- d — seção de Tecnologia rural
- e — seção de Conservação do solo.

III — Seção Técnica Auxiliar

- a — setor de Manutenção e Transportes
- b — setor de Desenho e Fotografia

IV — Seção de Administração

- a — Turma do Pessoal
- b — Turma do Material
- c — Turma Financeira
- d — Turma de Comunicações e Arquivamento.

V — Seção de Documentação e Estatística

- a — Turma de Documentação
- b — Turma de Estatística
- c — Biblioteca.

VI — Estações e sub-estações experimentais são as seguintes:

INSTITUTO AGRONÔMICO DO NORTE

Estação Experimental de Belém — (Pa)

Sub Estação Experimental de Solimões em Tefé — (Am)

Estação Experimental de Rondonia — (T. Rondonia)

Sub Estação Experimental de Rio Branco — (T. Acre)

Sub Estação Experimental de Porto Velho — (T. Rondonia)

Sub Estação Experimental de Turiacú — (Ma)

Sub Estação Experimental de Parintins — (Am)

INSTITUTO AGRONÔMICO DO NORDESTE

Estação Experimental de Curado — (Pe)

Estação Experimental de União dos Palmares — (Al)

Estação Experimental de Itapirema — (Pe)

Estação Experimental de Sumbim — (Pe)

Estação Experimental de Magonilha — (Pb)

Estação Experimental de Seridó (RGN)

Sub Estação Experimental de Barbalho — (Ce)

(Continua na pág. 76)

VACINAÇÕES: EFICIÊNCIA E ECONOMIA

— ASSISTENCIA NESTLÉ AOS PRODUTORES DE LEITE

PREVENÇÃO DE DOENÇAS

O Paratifo dos bezerros é combativo com eficiência e economia pela vacinação.

Observa-se que os animais quando atacados desse mal e posteriormente curados, apresentam o crescimento retardado, o que irá influir na sua futura produção, quer seja de leite ou de carne.

Deve-se, por isso, evitar que os bezerros apanhem essa doença; além do seu tratamento ser difícil, o fazendeiro gastará, para curá-la, uma importância muito elevada, quando comparada com o preço da vacina.

Assim, aconselha-se vacinar a vaca no oitavo mês de gestação e o bezerro com 15 dias de vida, associando-se a essa vacina medidas gerais de higiene.

Outra doença que é combatida eficientemente pela

vacinação é a Febre Aftosa. Os produtores de leite já conhecem bem os prejuízos consequentes dessa doença, ou sejam: elevada mortalidade de bezerros, aparecimento de "irrieras", perdas de peso, grande baixa na produção leiteira, etc..

Destacamos ainda a Brucelose, Carbúnculo Sintomático, etc., que são também prevenidas com eficiência pelas respectivas vacinas e demais medidas de profilaxia e higiene.

MEDIDA ECONÔMICA

A vacinação do gado leiteiro é uma prática obrigatória em toda fazenda que se dedique a essa atividade.

Fazendo-se uma programação antecipada para o uso das vacinas, impede-se o aparecimento de muitas do-

enças, tanto no gado adulto quanto nos bezerros. Com a vacinação o fazendeiro fará, portanto, bastante economia e evitará o aparecimento de doenças, que tornarão os animais fracos e, como consequência, consideravelmente baixa a produção.

Não é econômico, é até bastante dispendioso e contraproducente, esperar-se que determinadas doenças, que podem ser evitadas pelas vacinas, apareçam no rebanho para, depois, aplicar-se os medicamentos curativos.

CUIDADOS COM AS VACINAS

Antes de se adquirir as vacinas, convém observar o prazo de validade. Os frascos trazem esse prazo impresso no rótulo e os mesmos devem estar registrados no Ministério da Agricultura.

As bulas que as acompanham precisam ser lidas atentamente, pois nelas figuras as dosagens, as vias de inoculação, os cuidados que devem ser tomados, etc..

É importante também que o fazendeiro, ao adquirir uma vacina, tenha conhecimento quanto à sua conservação, isto é, se há necessidade de mantê-la em geladeira ou não.

As vacinas que precisam ser mantidas em geladeira, durante a vacinação devem ser também conservadas em caixa, com gelo e serragem e colocadas à sombra.

Não se deve aplicar vacinas contra determinada doença quando a mesma já surgiu no rebanho, pois, nesse caso, a vacinação poderá causar grandes prejuízos.

SERINGAS E BRÊTES PARA VACINAÇÕES

As seringas, usadas para vacinação do gado, devem ser muito bem lavadas e fervidas, antes de se iniciar a aplicação. Quando se trata de grande número de animais para serem vacinados, pode-se usar uma única seringa, tendo-se o cuidado de fervê-la periodicamente e de



trocar as agulhar com frequência, por outras mantidas em água fervente.

Para se evitar acidentes é indispensável a construção de brête próprio para vacinação, pois este, além de oferecer maior segurança ao vacinador, permite ainda, que as vacinas sejam aplicadas adequadamente e com muito maior rapidez.

É comum verificar-se, em fazendas onde não existem brêtes, muitos acidentes com os próprios animais, principalmente com as vacas em adiantado estado de gestação.

APLICAÇÃO DAS VACINAS

Para que as vacinas sejam eficientes, os seguintes cuidados deverão ser observados:

1. Aplicar a vacina rigorosamente de acordo com as instruções da bula;
2. Usar seringas e agulhas que tenham sido lavadas e fervidas;
3. Esfregar no local da inoculação antes da aplicação, algodão com álcool e Iodo, de preferência;
4. Usar brêtes ou troncos, apropriados, evitando derubar os animais;
5. Antes e após as vacinações, não submeter os animais a longas caminhadas;
6. Evitar pulverizações ou banhos carrapaticidas nos dias de vacinações;
7. Os animais doentes devem ser isolados, colocados em observação e tratamento, sendo vacinados posteriormente, se necessário;
8. Não vacinar contra determinada doença quando essa já surgiu no rebanho.

ASSOCIATIVISMO RURAL

1) ASSOCIAÇÃO RURAL DE STA. IZABEL

É a seguinte a atual diretoria da Associação Rural de Santa Izabel, do Estado de São Paulo:

Jaci de O. Campos 4.2.961.	Gráf. Edit. Rio-São Paulo.
Presidente	Gil Ferreira de Araujo
1.º Vice Presidente	Dr. José Bursquini Almolda
2.º Vice Presidente	Dr. Dioscorides Marcondes dos S. Freire
3.º Vice Presidente	José Basílio Alvarenga
Secretário Geral	Jorge Barranjar
1.º Secretário	José Baccarp
2.º Secretário	Rolando Thneci
1.º Tesoureiro	Antonio Maria Dias
2.º Tesoureiro	José Antonio da Silva Pião

CONSELHO FISCAL

Jaime Augusto Rodrigues
Albino Machado
João Lauro Fernandes

SUPLENTES

Emil Obst
Virgílio Frugoli
Dr. João Magalhães
João José Filho

2) ASSOCIAÇÃO RURAL DE CAETITÉ

Está dirigindo a Associação Rural de Caetité, Estado da Bahia, a seguinte diretoria:

Presidente	Manuel Teixeira Ladela
Vice Presidente	Carlos Prisco Vilasboas
1.º Secretário	Dr. Osvaldo Moreira Silveira
2.º Secretário	Dr. Entropio N. de Oliveira
1.º Tesoureiro	Franco Fernandes da Silva
2.º Tesoureiro	Galdino Borges de Agular

CONSELHO FISCAL

Hieront Batista Neves
Dejanirio E. da Silva
Manuel Vilasboas

SUPLENTES

Alfredo Fernandes
Pedro Silveira
José Augusto T. Ladela

3) ASSOCIAÇÃO RURAL DE CONCÓRDIA

É a seguinte a diretoria da progressista Associação Rural de Concórdia, Estado de Santa Catarina:

Presidente	Dr. Vitor Fontana
Vice Presidente	Dr. Roberto Nogueira Gama
1.º Secretário	Dr. Julio Cesar R. Neves
2.º Secretário	Ivo Blezus
1.º Tesoureiro	Otto Tramontini
2.º Tesoureiro	Euelides Antonio Marcon

CONSELHO FISCAL

Diomedio Bóslo
Antonio Mario Filho
Adão Petry

SUPLENTES

Santo Pierezan
Martin Pastore
Caetano Chluchetla

"A LAVOURA"

Fundada em 1897

64 ANOS DE

tradição

Justa Homenagem



Aspecto da solenidade quando era decerrado o retrato do gaúloso companheiro Cyneas Lima Guimarães, pelo Prof. Geraldo Goulart da Silveira, diretor da Escola e o estudante Carlos Garcia Simar, representante dos alunos.

O diretor, os professores, os funcionários e os alunos da Escola de Horticultura "Weneeslão Bello" prestaram, no dia 22 de novembro passado, uma justa e merecida homenagem póstuma ao ex-diretor daquele estabelecimento, Prof. Cineas Lima Guimarães.

Compareceram ao ato o dr. Luis Guimarães Junior, seu irmão; d. Maria Lima Guimarães, viúva, dr. Luiz Simões Lopes, presidente do SNA; d. Irene de Melo Carvalho, diretora da FGV; dr. Kurt Repsold, presidente do CR/GB do SSR; sr. Luiz Marques Pollano, secretário geral do SNA; sr. Flávio Brito, diretor do DAREG; prof. Jalmirz Guimarães Junior, do M.A.; prof. Subael Magalhães da Silva, prof. Pedro Goulart da Silveira Filho, prof. Pedro Paes de Barros, prof. Ney Brandão, prof. Agrícola Castelo Borges, secretário da EHWB e outros.

Usaram da palavra, na ocasião o prof. Geraldo Goulart da Silveira, diretor da Escola, em nome da Escola e da Sociedade Nacional de Agricultura, o estudante Carlos Garcia Simas, em nome dos alunos e o dr. Luiz Guimarães Junior em nome da família do saudoso companheiro Cyneas Lima Guimarães.

A homenagem constou da inauguração do retrato do homenageado na Sala de Reunião dos Professores da Escola de Horticultura Weneeslão Bello.

4) ASSOCIAÇÃO RURAL DE CHAPADINHA

Para o biênio 1960/1962 foi eleita e empossada a seguinte diretoria:

Presidente	Mariano Rodrigues Lima
Vice Presidente	Antonio José Viana
1.º Secretário	Ataliba Vieira de Almeida
2.º Secretário	Almir Lopes Moreira
1.º Tesoureiro	Benedito Rodrigues Martins
2.º Tesoureiro	Lauro Lôbo Lima

5) ASSOC. RURAL DE QUADRÂNGULO

É a seguinte a atual diretoria da Associação Rural de Quadrângulo, Estado de Alagoas:

Presidente	Hereílio L. de Cerqueira
Vice Presidente	Cleero F. de Albuquerque
1.º Secretário	Alípio Jatobá de Cerqueira
2.º Secretário	Paulo de Passos Lima
1.º Tesoureiro	Rosival de Araujo Medeiros
2.º Tesoureiro	Luís Barros Silva

CONSELHO FISCAL

Pedro Barbosa Barros
Francisco Correia Costa
Frederico Maia Filho

Assistente Técnico — Eng. Agr. Meuse Jorge de Melo Lopes

NOSSA
Capa

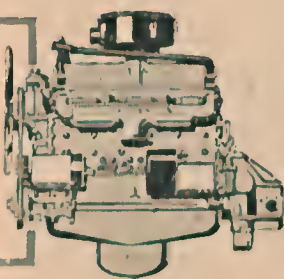
Durante o período de exposição é necessário que o produto seja constantemente revolido para evitar fermentação e para apressar a seca.

LP/LPK/LPS 321

O MAIS ECONÔMICO PARA TODOS OS TIPOS DE TRANSPORTE DE CARGA

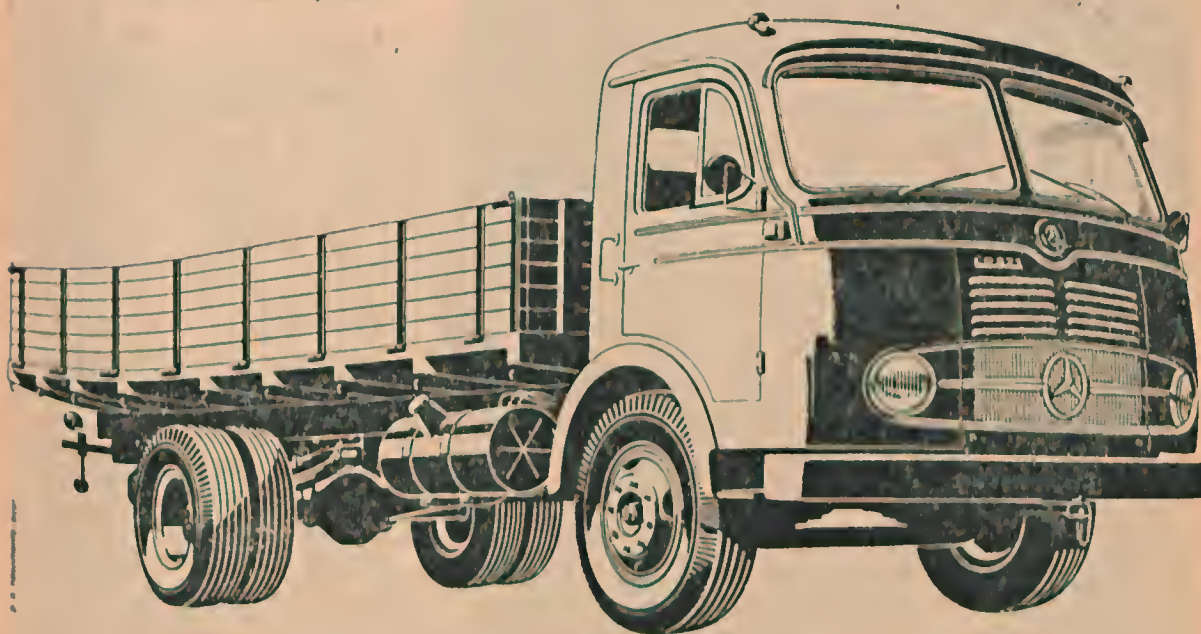


Motor Diesel: OM 321, 6 cilindros, 120 HP - 3.000 r.p.m. Sistema patenteado de combustão na antecâmara em fluxo contínuo que permite o aproveitamento total de combustível.



Este é o campeão das estradas, o caminhão médio que mais vantagens oferece em qualquer tipo de transporte de carga. Proporciona menor consumo de combustível, baixo custo de operação, grande facilidade de manejo e maior lucro por quilômetro rodado. Três tipos de chassis: LP para caminhão, LPK para basculante e LPS para cavalo mecânico.

MERCEDES-BENZ



SUA BOA ESTRELA EM QUALQUER ESTRADA

MERCEDES-BENZ DO BRASIL S.A.

BIBLIOTÉCA
SERVIÇO FLORESTAL

SEMENTES IRRADIADAS REVOLUCIONAM A ATIVIDADE AGRÍCOLA NORTE-AMERICANA

(Especial para Lavoura)

Os fazendeiros ou simples donas de casa nos Estados Unidos já podem adquirir, nas casas especializadas, sementes de legumes ou de flores "tratadas" com energia atômica. Estas sementes, que são fornecidas pela Companhia "Oak Ridge Atom Industries", permitem o plantio de produtos agrícolas de características excepcionais.

Na próxima primavera, milhares de agricultores e amantes da jardinagem, em todo o país aguardarão com ansiedade

os resultados de suas tentativas no campo das mutações genéticas. Esta audaciosa experiência agrícola, é um resultado direto das pesquisas levadas a cabo dentro do programa de "Átomos para a Paz", que visa a aplicação da energia nuclear em empreendimentos benéficos para a Humanidade.

As plantas que surgirão das sementes tratadas com radioisótopos não deverão apresentar inicialmente indícios que a diferenciem das plantas do gêne-

ro. No entanto, as colheitas subsequentes deverão caracterizar-se por substanciais modificações, tais como desenvolvimento mais rápido, frutos mais substanciais e outros detalhes que valorizarão a qualidade do produto.

A iniciativa do lançamento destas sementes no mercado deve-se ao trabalho do Dr. C. J. Speas, cirurgião dentista do Instituto de Estudos Nucleares de Oak Ridge, e que foi um dos pioneiros da aplicação da energia atômica na medicina. Durante mais de vinte anos, o Dr. Speas manipulou material radioativo em seu trabalho, familiarizando-se com todas as possibilidades de sua aplicação, inclusive na agricultura. Infilou as suas observações e experiências há vários anos, na fazenda de sua propriedade em Patchwood, no Tennessee, onde passou a empregar sementes radioativas em suas terras. Apesar dos terrenos de sua propriedade serem constituídos de terras pouco produtivas, o resultado agrícola passou a ser surpreendente, depois de alguns anos de experiências com sementes tratadas pelo seu sistema.

A dificuldade de produzir boas colheitas em sua fazenda devia-se a que as suas terras, na maior parte, estavam situadas na encosta de um morro. Chuvas constantes, comuns em certa época do ano naquela região, levavam morro abaixo o adubo que ele espalhava em seus canteiros, impedindo, assim, a fertilização de solo em sua propriedade.

Comentando, certa feita, as suas dificuldades com um companheiro de pesquisas científicas — o Dr. Marshall Bruce famoso especialista em estudos sobre o tratamento do câncer, e que, também trabalha no Instituto de Oak Ridge — o Dr. Speas pensou em robustecer as suas sementes por meio de tratamento radioativo, compensando, assim, a falta dos fertilizantes.

Os dois cientistas, nas horas vagas dos fins de semana, resolveram dedicar-se a estas pesquisas. Apesar do pouco tempo de que dispunham para tal trabalho, puderam chegar, depois de alguns anos, a conclusões



Os Drs. Speas e Bruce trabalhando na colocação de pequenas cápsulas contendo Cobalto, e que são usadas para radioativar as sementes.

surpreendentes; as plantas semeadas por tal processo não apenas se desenvolviam normalmente, como, como, em alguns casos as colheitas passavam a apresentar características excepcionais e superiores às colheitas resultantes de semeaduras feitas pelos processos comuns.

Entretanto, para realizar um trabalho de pesquisa em grande escala, Speas e Bruce teriam que dispor não somente de mais tempo, como também de pessoal técnico, o que se tornava impossível em vista de seus compromissos científicos em outros campos da energia nuclear.

— Por que não lançamos estas sementes no mercado, e deixarmos que milhares de fazendeiros e donas de casa, homens, mulheres e crianças, realizem com o tempo as suas próprias observações e consequentes aperfeiçoamentos — sugeriu o Dr. Bruce, que teve sua idéia prontamente aceita pelo colega.

Os dois cientistas sabiam dos obstáculos que teriam de enfrentar para levar a cabo tal empreendimento, mas estabeleceram um plano neste sentido e montaram, sem prejuízo de seus



Este tomateiro originário de semente irradiada produziu mais de 40 frutos.



trabalhos no Instituto, uma verdadeira indústria.

Inicialmente, adquiriram do Laboratório de Oak Ridge uma "casa de elemento" à prova de radiação, que montaram na fazenda. Com 10 curies de Cobalto-60, deram início, em dezembro de 1957, ao tratamento de vários tipos de sementes de tomate, alface, cebola, milho e diversas flores.

A partir do verão de 1958, o Dr. Speas começou a usar as suas terras como campo de experimentação, conseguindo os

(Continua na pág. 74)

Oito espigas robustas foi a produção deste pé de milho irradiado. As espigas estão assinaladas pelos pequenos círculos brancos. Os cientistas Speas e Bruce estão trabalhando no aperfeiçoamento de uma planta deste gênero que seja menor em tamanho que as comuns, mais resistente e que desenvolva plenamente em um período de tempo mais curto do que o comum.

Fiscalização Fitossanitária dos Estabelecimentos Agrícolas do Estado da Guanabara

(Trabalho preparado pelo Eng. Agr. Geraldo Goulart da Silveira, da Inspetoria Regional de Defesa Sanitária Vegetal do Estado da Guanabara, referente ao período de Julho de 1953 à Dezembro de 1960)

I — INTRODUÇÃO

Em Julho de 1953, fomos lotado no então Posto de Defesa Sanitária Vegetal do Distrito Federal, e incumbidos pelo Eng. Agr. Ulysses Cavalcanti de Melo, Chefe do referido Posto, de fazer a fiscalização fitossanitária dos estabelecimentos que negociam com vegetais e partes de vegetais no Estado da Guanabara (naquela época, Distrito Federal), em obediência ao que determina o Art. 16, Cap. III do Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal, aprovado pelo Decreto 24.114, de 12 de Abril de 1934.

Desde então, dando cumprimento às determinações do Chefe do Posto de Defesa Sanitária Vegetal do Distrito Federal, depois transformado em Inspetoria de Defesa Sanitária Vegetal do Distrito Federal, e atualmente, Inspetoria Regional de Defesa Sanitária Vegetal do Estado da Guanabara, sob a chefia do Eng. Agr. José Alves de Albuquerque, temos inspecionado os referidos estabelecimentos para efeito de expedição de Certificados de Sanidade Vegetal, conforme determinam os Artigos 10 e 20, do mencionado Regulamento.

II — Determinações do Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal relativas a fiscalização de estabelecimentos agrícolas

De acôrdo com o que determinam os Artigos 16, 17, 18 e 19 do Capítulo III do Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal, os estabelecimentos que negociam com vegetais e partes de vegetais estão sujeitos à

fiscalização periódica do Ministério da Agricultura, e devem:

1 — conservar expostos a vista dos compradores:

a) — o certificado de sanidade vegetal;

b) — quadros murais e instruções relativas à profilaxia, fornecidos pelo Ministério da Agricultura.

2 — manter a escrituração dos produtos com que negociam.

3 — manter etiquetados os vegetais e partes de vegetais expostos à venda, contendo o nome do produto e a localidade de onde provieram.

Dessas determinações, a única que vem sendo rigorosamente cumprida é a relativa ao certificado de sanidade vegetal, porque:

a) — no início do ano fazemos uma inspeção em todos os estabelecimentos e entregamos aos seus responsáveis um requerimento mimeografado para ser preenchido e entregue à Inspetoria Regional de Defesa Sanitária Vegetal do Estado da Guanabara, solicitando a expedição do certificado de sanidade vegetal;

b) — baseado no laudo dessa primeira inspeção, a Inspetoria expede o respectivo certificado de sanidade vegetal;

c) — por ocasião da segunda inspeção, que normalmente fazemos a todos os estabelecimentos, entregamos aos respectivos responsáveis, o certificado de sanidade vegetal.

Os que não atendem à intimação feita por ocasião da primeira inspeção para que requeiram o certificado de sanidade vegetal, recebem novamente a nossa visita, e nessa ocasião, sem dar ao ato caráter punitivo, procuramos fazer sentir a necessidade do cumprimento da lei, salientando que o interesse do Ministério da Agricultura não é o da cobrança de uma taxa, e sim, o de vigilância sanitária, tendo em vista, em grande



Pomares saudáveis e vigorosos constituem o reflexo da atenção e cuidado do bom fruticultor que não esquece dos tratamentos fitossanitários adequados e aos momentos oportunos.

Companhia Carnasciali

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

MATERIAL AERONAUTICO ESPECIALIZADO PARA
COMBATE AS PRAGAS DA LAVOURA:

Helicóptero BELL 47G-2

Avião PIPER "PA-25" — Pawnee

AV. BEIRA MAR, 200

Rio de Janeiro

FONE: 42-2603 . . .

Telegramas: CARNASCIALI

parte, o interesse dos produtores e dos próprios comerciantes.

De um modo geral, os fal-tosos atendem prontamente e requerem logo o certificado de sanidade vegetal.

Os estabelecimentos agrícolas não apresentam afixados quadros murais e instruções relativas à vigilância sanitária vegetal e não nos é possível exigir o cumprimento dessa formalidade prevista no Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal, uma vez que há carência desse material e o Regulamento prevê que o material deve ser fornecido pelo Ministério da Agricultura".

Embora não mantenham, como estipula o Regulamento, a escrituração dos produtos com que comercializam nem os tenham expostos à venda devidamente etiquetados, essas duas falhas não têm grande significação.

Sempre que solicitando, os proprietários têm mostrado

as notas de recebimento da mercadoria, através das quais podemos saber:

a) — o nome do viveirista fornecedor;

b) — a localidade onde se encontra o viveiro.

III — Aspectos da fiscalização fitossanitária dos estabelecimentos agrícolas.

A fiscalização fitossanitária dos estabelecimentos agrícolas além do caráter de vigilância sanitária vegetal, deve ter um caráter educativo, levando os viveiristas e proprietários que negociam com vegetais e partes de vegetais à prática, quando necessário, dos indispensáveis tratamentos fitossanitários.

Não tem sido outro o cuidado que temos tido durante nossas visitas, inspecionando os referidos estabelecimentos.

Temos procurado chamar sempre a atenção dos pro-

prietários não só para a necessidade de combate às doenças e pragas constatadas, indicando os processos recomendáveis de tratamento, como, principalmente, salientando a importância das medidas preventivas contra o aparecimento de pragas e doenças das plantas.

IVV — Objetivo das visitas periódicas aos estabelecimentos agrícolas a que se refere o Regulamento de Defesa Sanitária Vegetal.

Estão sujeitos à fiscalização sanitária os estabelecimentos que negociam com vegetais e partes de vegetais, como sejam mudas, galhos, estacas, báculos, sementes, raízes, rizomas, flores, etc.

No período de Julho de 1953 até dezembro de 1960 (sete anos e meio, portanto), no desempenho de nossa função, tivemos a oportunidade de realizar cinco mil quatrocentos e noventa e

nove visitas (5.499), para:
a) — Inspeção a estabelecimentos agrícolas (primeira e segunda inspeções, no mínimo);

b) — Intimação a estabelecimentos agrícolas para que requeiram o certificado de sanidade vegetal;

c) — fins diversos (constatação de enderços, constatação de novas firmas, etc.).

O quadro adiante dá uma idéia do movimento de visitas realizadas no período de Julho de 1953 até Dezembro de 1960:

1955	739
1956	693
1957	697
1958	697
1959	673
1960	651
1953/1960	5.499

A média anual de visitas, foi, no referido período, de *seiscentos e oitenta e sete* (687).

V — Bairros visitados

Durante nossas visitas de inspeção e intimação a estabelecimentos agrícolas do

- 3 — Bangú
- 4 — Bispo
- 5 — Bôca do Mato
- 6 — Bonsucesso
- 7 — Botafogo
- 8 — Braz de Pina
- 9 — Cachambi
- 10 — Cajú
- 11 — Cascadura
- 12 — Catumbi
- 13 — Catete
- 14 — Centro
- 15 — Copacabana
- 16 — Engenho de Dentro
- 17 — Engenho Novo
- 18 — Estácio
- 19 — Estrela
- 20 — Flanengo
- 21 — Gávea
- 22 — Glória
- 23 — Grajaú
- 24 — Higienópolis
- 25 — Humaitá
- 26 — Inhaúma
- 27 — Ipanema
- 28 — Itapagipe
- 29 — Itapirú
- 30 — Jacarepaguá
- 31 — José Bonifácio
- 32 — Lapa
- 33 — Laranjeiras
- 34 — Leblon
- 35 — Leme
- 35 — Leme
- 36 — Lins Vasconcellos
- 37 — Madureira
- 38 — Maracanã
- 39 — Matoso
- 40 — Méier
- 41 — Munda
- 42 — Glória
- 43 — Piedade
- 44 — Pilares
- 45 — Penha
- 46 — Penha Circular
- 47 — Ramôa
- 48 — Rio Comprido
- 49 — S. Cristóvão
- 50 — S. Fe.º Xavier
- 51 — Sampaio
- 52 — Sta. Alexandrina
- 53 — Tijuca
- 54 — Triagem

Objetivos das visitas

Anos	N.º de visitas para inspeção (1.ª e 2.ª inspeções)	N.º de visitas para intimação	N.º de visitas para fins diversos
1953	270	242	24
1954	514	243	56
1955	479	221	39
1956	423	234	36
1957	405	216	76
1958	439	211	47
1958	416	205	52
1960	407	201	43
1953/1960	3.353	1.773	373

O número total de visitas no referido período, foi portanto, de acordo com os objetivos das mesmas, o seguinte:

a — para inspeção de estabelecimentos agrícolas (1.ª e 2.ª inspeções)	3.353
b — para intimação a estabelecimentos agrícolas	1.773
c — para outros fins	373
TOTAL	5.499

A distribuição percentual das visitas realizadas de acordo com os objetivos das mesmas, foi, portanto, a seguinte:

a — para inspeção de estabelecimentos agrícolas (1.ª e 2.ª inspeções)	61,1%
b — para intimação a estabelecimentos agrícolas	32,2%
c — para fins diversos	6,7%

A distribuição das *cinco mil quatrocentas e noventa e nove* visitas, por ano, foi a seguinte:

Anos	N.º de visitas realizadas	Estado da Guanabara, temos percorrido os seguintes bairros:
1953	536	1 — Abolição
1954	813	2 — Águas Férreas

Além dos citados, temos percorrido *últimamente*, mais os seguintes bairros:

- 55 — Benflea
- 56 — Irajá
- 57 — Olaria
- 58 — Para de Lucas
- 59 — Todos os Santos
- 60 — Riachuelo
- 61 — Rocha

VI — Parasitos mais frequentes

Entre os parasitos (insetos, fungos, aracnídeos, etc.).

mais comumente constatados em nossas visitas de inspeção realizadas aos viveiros, chácaras, estabelecimentos que negociam com flores cortadas, casas de sementes, depósitos de plantas e outros estabelecimentos que negociam com vegetais e partes de vegetais, podemos destacar os seguintes:

- 1 — *Puccinia psidii* — em folhas de goiabeira.
- 2 — *Macrosiphum rosae* — em roseira.
- 3 — *Phygmidium* spp — em roseira.
- 4 — *Puccinia* sp — em abutilon.
- 5 — *Orthesia* sp — em jasmim.
- 6 — *Septobasidium* sp — em laranjeira.
- 7 — *Stemispeltis citri* — em laranjeira.
- 8 — *Pseudococcus* sp — em acácia.
- 9 — *Orthelia praelonga* — em laranjeira.
- 10 — *Oidium* sp — em dália.
- 11 — *Aleurothrixus floccosus* — em laranjeira.
- 12 — *Acaros* — em maroeiro.
- 13 — *Aonidiella* sp — em roseira.



As práticas de defesa sanitária vegetal nos momentos oportunos asseguram frutíferas sadias e de elevado rendimento.

Kó - Kó - Ró - Kó

Procurando um modo fácil e assimilável para os medicamentos veterinários, vimos de há muito observando o valor da medicação quimioterápica para as aves e nesse propósito entregar aos Srs. Avicultores o produto denominado Kó-Kó-Ró-Kó, fruto de larga e comprovada experiência. Seu uso é indicado para todas as aves.



MODO DE USAR

Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventivo — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente no bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuaríos

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367
RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA

- 14 — *Eriococcus araucariae* — em pinheiro.
- 15 — *Icerya purchasi* — em abacaxiz.
- 16 — *Coccus viridis* — em jasmim.
- 17 — *Saissetia ananias* — em fruta de conde.

- 18 — *Aphis papaveris* — em crisântemo.
- 19 — *Aspidiotus destructor* — em fruta de conde.
- 20 — *Lepidosaphes ulmi* — em roseira.
- 21 — *Coccus hesperidum* — em craveiro.
- 22 — *Mellipona sulcifera* — em roseira.
- 23 — *Sphaecelotheca pannosa* — em roseira.
- 24 — *Sphaeceloma australis* — em laranjeira.
- 25 — *Septoria* sp — em craveiro.
- 26 — *Parlatoria pergandii* — em laranjeira.
- 28 — *Botrytis cinerea* — em roseira.
- 29 — *Thrips* — em roseira.

Durante as visitas de inspeção temos procurado recomendar aos viveiristas a necessidade dos tratamentos preventivos nas épocas adequadas, e, igualmente, orientá-los sobre o combate as doenças e pragas constatadas em suas propriedades.

VII — Outras atividades

Durante o período temos tido a oportunidade de realizar, além da atividade:

normais de inspeção dos estabelecimentos agrícolas do Estado da Guanabara, mas as seguintes:

a — preparo, para divulgação na imprensa, de diversas notas focalizando as atividades da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal;

b — representado a Divisão de Defesa Sanitária Vegetal, anualmente, no mês de julho, nas sessões de instalação e de encerramento das Semanas de Fazendeiros da Universidade Rural do Km. 47;

c — participado das Reuniões de Fitossanitaristas do Brasil na qualidade de relator da Comissão de Coordenação;

d — preparado para a Divisão de Defesa Sanitária Vegetal, as sínteses das atividades das Reuniões de Fitossanitaristas do Brasil, realizadas anualmente, pela Divisão de Defesa Sanitária Vegetal;

e — por designação do sr. Ministro da Agricultura temos sido, todos os anos, membro da Comissão Executiva da Semana de Fazendeiros da Universidade Rural, que se realiza anualmente, desde 1947;

f — ministrado aulas, por designação ministerial, todos os anos, no mês de julho, nos Cursos Práticos para Fazendeiros, ministrados pela Diretoria dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão da Universidade Rural, durante as Semanas de Fazendeiros, realizadas no Km. 47;

g — por indicação do Diretor da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal tivemos a oportunidade de frequentar o Curso Nacional de Informação em Extensão Agrícola, ministrado no Brasil pelo Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, da Organização dos Estados Americanos;

h — designados pelo Ministério das Relações Exteriores, participamos do Seminário Sulamericano de Crédito Agrícola, na qualidade de delegado do Brasil;

i — a convite do Ponto IV, fizemos uma viagem de 3 meses aos Estados Unidos da América do Norte, observan-



O bom fruticultor não se descuida das práticas de defesa sanitária vegetal.

do naquele país a organização e o funcionamento das instituições que proporel-nam aos agricultores as diversas modalidades de crédito agrícola.

Foram estas, sr. Chefe da Inspetoria Regional de Defesa Sanitária Vegetal do Estado da Guanabara, as atividades que temos desempenhado durante o período de julho de 1953 à de-

zembro de 1960, cumprindo as determinações de V.S.

Aproveito a oportunidade para expressar os agradecimentos pelo apoio, incentivo e orientação que sempre recebi de V. S. e para reiterar os protestos de minha mais elevada consideração e apreço.

Geraldo Goularte da Silveira — Engenheiro Agrônomo Nível "17".

(Conclusão da pág. 34)

que enalteceu o brilhante trabalho Ford, ligando por terra o Sul ao Noroeste do País, ainda distanciado da civilização, mas ansioso para colaborar com os outros Estados da Federação que trabalham para um Brasil cada vez maior.

Para aguardar a chegada da

Expedição viajou para Porto Velho o Dr. Oswaldo Silva, Gerente do Departamento de Comunicações Públicas, acompanhado do representante de "A Gazeta", sr. Alvaro da Costa e do cinegrafista Nestor Marques.



Plantando uma variedade de planta da família do junco num barranco, este agricultor defende a sua propriedade contra a erosão.

Comece logo a controlar o flagelo da erosão

O desgaste do solo agrícola motivado pela erosão constitui, sem sombra de dúvida, um dos maiores flagelos da humanidade. E sua ação é tanto mais nefasta quanto mais aumenta a população do globo e, naturalmente, mais se fazem sentir as necessidades de sua alimentação.

De acordo com cálculos dos cientistas, a natureza forma o solo muito lentamente. Ela necessita de 300 a 1.000 anos para aprontar 2 a 3 centímetros de superfície de solo agrícola.

Pois bem, no Brasil, segundo cálculos do Engenheiro Agrônomo Quintilliano Marques, perde-se anualmente cerca de 15 centímetros de solo, em 280.000 hectares de terra. Isto quer dizer que, numa área imensa como esta, destruímos num ano o que a natureza levou 2 a 7.000 anos de trabalho para formar. Verdadeiramente, é um absurdo.

Nos Estados Unidos, onde os trabalhos de conservação do solo já vão muito mais adiantado*

e generalizados que entre nós, calculou-se há pouco tempo que a tonelagem de solo carregado pela erosão, num só dia, é maior do que o peso de toda a carga que passa pelos seus portos durante o ano inteiro.

As estações experimentais, que procedem a medições rigorosas desses fenômenos, já chegaram a vários resultados demonstrativos de que uma única chuva pode arrastar 113 a 125 toneladas de solo por hectare. O impacto de um desgaste desse tipo sobre a fertilidade do solo leva-o ao completo esgotamento dentro de poucos anos.

Reduzida a fertilidade, esgotado o solo, os rendimentos culturais situam-se em níveis absolutamente antieconômicos. Ainda outros experimentos já realizados demonstram que, num espaço de tempo de 40 anos, em solos cultivados com trigo, verificou-se uma perda de 15 a 35 centímetros de solo, ocasionando uma baixa de 75 por cento na produção. Nestas con-

dições, o abandono da cultura se torna imperioso. Não oferece mais margem de ganho.

Esses fatos, realmente comprovados em experimentos de anos seguidos, por eminentes cientistas, mostram ao agricultor que não pode operar mais para iniciar a aplicação de normas ou métodos conservacionistas em sua propriedade.

O plantio em curva de nível, em contorno, em faixas, assim como o terraceamento, o reflorestamento etc., são práticas feitas com este objetivo. Para começar, entretanto, o mais recomendável é consultar um técnico de sua região, para traçar-lhe um plano de trabalho racional a curto e a longo prazo.

CONSTRUIR CERCAS TENDO EM VISTA A UNIFORMIDADE DE PASTEJO

A divisão e disposição das pastagens constitui um dos aspectos mais importantes numa fazenda de criação. Disso de-

pende, não somente maior facilidade no manejo, como alimentação mais adequada, representada esta pelo contingente de pasto que os animais têm de ingerir.

Uma boa dose de pasto depende do estado da pastagem o bom estado da pastagem depende do pastoreio ou pastejo uniforme. Este, por sua vez, depende da rotação das pastagens que, finalmente, só é possível se houver divisões em número suficiente e boa disposição.

Pastagens bem dispostas e bem divididas implicam em cercas com as mesmas características, bem construídas. Os animais têm certos hábitos que, se não forem levados em conta resultam em prejuízo para o criador. A correta localização das cercas pode diminuir ou mesmo eliminar algumas das consequências indesejáveis desses hábitos. Vejamos alguns exemplos.

Os animais tendem a pastar apenas nas partes mais baixas das encostas. Não gostam de subir e, às vezes, nem precisam subir, quando se está na fase da brotação.

Ora, se o terreno abarca um vale e uma encosta e se constroem as cercas de cima para baixo, ajuda-se o gado a conservar aquela tendência. Quando o pasto de baixo já não existe, é que ele procura subir e, nesta época, o de cima já passou do tempo. As consequências sobre a produção, qualquer erador conhece.

É conveniente, então, construir cercas também acompanhando ou contornando as encostas, a fim de formar alguns pastos somente no alto. A dificuldade que surge, neste caso, é de aguadas. Entretanto, quando os animais são manejados duas ou mais vezes por dia, como as vacas de leite, dá-se de beber noutro local, sem maiores prejuízos. O gado estranha inicialmente, mas logo acostuma. Quando há possibilidades, constroem-se aguadas artificiais.



Saúda a 'Sociedade Nacional de Agricultura e sua Revista "A Lavoura"', pela passagem do seus 64 anos de tradicional existência.

Gráfica Editôra Rio São Paulo Ltda.
Rua Barão do Bom Retiro 589
Tel.: 29-7365

Outro hábito dos animais, que deve ser levado em conta na construção das cercas, é o sentido em que caminham, ao pastar. Os bovinos, assim como os ovinos, costumam pastar encosta acima, e contra o vento. Então, as cercas devem ser

localizadas de modo a que as pastagens formadas estejam de acordo com este hábito, pois queremos que o gado suba. Na com vento pela frente, e dessa disposição ideal, o gado sobe com vento por trás.

(Conclusão da pág. 67)

melhores resultados. Seus pés de milho produziram oito robustas espigas por unidade. Os tomates chegaram a produzir 46 frutos por unidade. Um jardim plantado com petúnias, produziu flores maiores que as comuns e com coloração de surpresidentes tonalidades. Os cravos também foram considerados mais atraentes que os plantados com sementes comuns.

Entusiasmados com tais resultados, os dois cientistas industrializaram as "sementes atômicas" daqueles quatro produtos, lançando-as no mercado em janeiro de 1959. Atualmente,

as sementes estão sendo vendidas na própria fazenda (Patchwood Farm Oak Ridge, Tennessee, USA) por encomenda postal ou em casas especializadas de todo o país. Os resultados do interesse popular em torno dessas sementes deverão ser conhecidos ainda este ano, quando se fizerem as primeiras colheitas. Os Drs. Speas e Brucer, no entanto, pelo que já observaram na fazenda de experimentação, estão certos de que os resultados serão dos mais satisfatórios e marcarão o início da ampla utilização das sementes irradiadas. (IPS — Especial para a "A LAVOURA")

O brasileiro ganha o prêmio Lane Bryant

WASHINGTON, D. C. (UPA) — Um cidadão brasileiro conquistou o prêmio anual Lane Bryant de 1959, galardão ao esforço voluntário em benefício do próximo.

João Napoleão Andrade do Rio de Janeiro, foi o escolhido pelo comitê encarregado da seleção entre os candidatos e, no dia 10 de novembro, recebeu a honraria, que inclui mil dólares em dinheiro e uma placa comemorativa.

A cerimônia teve lugar no Hotel Plaza de Nova York, durante um almoço no qual participaram o Dr. José A. Mora, Secretário Geral da OEA (a União Pan-Americana é a Secretaria Geral da OEA), o Dr. William Sanders, Secretário Geral Adjunto, o Dr. João Gonçalves de Souza, diretor do Departamento de Cooperação Técnica e diretor interino do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da CEA, diplomatas e personalidades brasileiras, bem como vários outros funcionários da Organização.

O vencedor utilizou o seu prêmio para fazer a viagem de avião do Rio Nova York. Veterano agricultor, João Napoleão de Andrade goza no Brasil da reputação de autoridade na solução dos problemas do pequeno lavrador e nos métodos para elevar-lhe o nível de vida. Nos últimos dez anos, vem trabalhando voluntariamente, sem remuneração material de qualquer espécie, e continua a fazê-lo, proporcionando assistência técnica, instrução sanitária, auxílio familiar

e mesmo ajuda financeira a agricultores da sua pátria.

Atualmente, Napoleão de Andrade preside à Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), organização nacional que coordena a maior parte dos trabalhos de assistência ao agricultor em todo o país, sendo também presidente da Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR), So-

cidade local de Minas Gerais que tem os mesmos objetivos que a ABCAR.

Basicamente, a ACAR oferece instrução técnica agrícola e proporciona ensinamentos de nutrição, higiene e puericultura simples. A ACAR foi fundada em 1951 e o seu sucesso levou à criação, em 1956, da ABCAR, cuja tarefa é coordenar a obra das organizações semelhantes, criados em todo o país, e ajudá-las na sua missão.



Para o consumo doméstico desenvolvem-se, em certas regiões do babaçu, o preparo de azeite (óleo), de variadas aplicações. Segundo Renato Braga uma AZEITEIRA quebra por dia 500 côcos, obtendo 10 litros de amêndoas, dos quais extrai 5 garrafas de óleo empregado na iluminação, alimentação e preparo do sabão. É também usado em óleo de David Felluto, como óleo para cabelo (Foto Azoubel, S. Luis)

(Conclusão da pág. 15)

Os campos gerais, são, inegavelmente, belos, alfombras ondulantes que empolgam pela vastidão e pela tonalidade e que arrancaram ao grande Alberto de Oliveira, em Ponta Grossa, exclamações de perplexidade. Leônido Correia, poeta altivo, entalhes o amável bucolismo, mas, infelizmente, ainda órfãos, necessitando de massa colonizadora maior.

Já, assim, aspectos nessa questão da posse da terra (ver "Rumo à Terra" e "Crédito Agrícola e problema agrícola" — (1958) que não deixam de dar razão ao ilustrado Prof. S. Aznar em "Despoblación y colonización". Diz esse escritor que em uma grande reunião, em Malinas, sob a presidência do Cardeal Mercier, chegaram os representantes de vários países, entre eles esse técnico, à conclusão de que poderiam dar-se casos em que o "Estado deveria impor a expropriação e a fragmentação do latifúndio, mesmo que isso diminuísse a produção", porquanto seriam grandes os benefícios que adviriam para a sociedade com a fixação do homem à terra, com a estabilidade da família, a conservação da vida, a minoração de sofrimentos e decadências morais que acompanham a miséria, coisas estas que são também riqueza, e muito elevadas e difundidas.

"El obrero agrícola, diz ainda Aznar, huve del campo a la ciudad e a la industria (fenômeno que, como se sabe, se vai acentuando no Brasil, contribuindo para tornar mais angustiante ainda o problema) porque en ella encuentra, o cree encontrar salarios más altos y más estables, for-

nadas más reducidas, mayor protección en sus días de paro forzoso, de enfermedad, de invalidez o de vejez, menos esclavitud, más confort, más facilidad para su instrucción y la de sus hijos"

Estas palavras ainda se aplicam ao Brasil. Infelizmente, e as cooperativas são os veículos indicados para uma obra de superação...

(Conclusão da pág. 7)

Neste primeiro domingo de setembro vêem-se monstros pré-históricos gigantesco, cavalos fogo, os, cisnes em lago de espelho, marlinos e habitantes de Vênus. Na realidade tudo pode acontecer debaixo do sol e até o próprio sol poderá surgir, dada a imaginação fértil dos habitantes de Zundert.

Alguns destes carros alegóricos utilizam 50.000 flores ou mais, cobrindo uma armação de cinco ou seis mil pés de arame, três mil pés de material para amarrar as diversas peças e cem jardas quadradas de estelins de palha.

Se por caso o leitor tiver vontade de conferir estes dados é melhor não tentar fazê-lo na véspera do grande dia em Zundert, pois estaria se arriscando a ser escorreado da cidade, sujo de piche e com fôles em cima!

Cada entrada ao local onde estão armando os carros é guardada com o maior cuidado e segundo até a hora de começar o espetáculo, portanto é melhor e mais seguro deixar a verificação para a segunda feira.

tecimentos para comemorar esta profusão de cores.

(Conclusão da pág. 61)

Laboratório de Filmes em João Pessoa — (Pb)
Estação Experimental de Frio, Recife — (Pe)

INSTITUTO AGRONÔMICO DO LESTE

Estação Experimental de São Gonçalo — (Ba)
Sub Estação Experimental de Aracaju — (Se)
Estação Experimental de Quissamã — (Se)

INSTITUTO AGRONÔMICO DO OESTE

Estação Experimental de Agua Limpa — (Mg)
Estação Experimental de Sete Lagoas — (Mg)
Sub Estação Experimental de Lavras — (Mg)
Estação Experimental de Patos — (Mg)
Sub Estação Experimental de Machado — (Mg)
Sub Estação Experimental de Pomba — (Mg)
Sub Estação Experimental de Anapólis — (Go)

Estação Experimental de Cáceres (Mato Grosso)

INSTITUTO AGRONÔMICO DO SUL

Estação Experimental de Pelotas — (Rs)
Estação Experimental de Passo Fundo — (Rs)
Estação Experimental de Rio Caçador — (Sc)
Estação Experimental de Ponta Grossa — (Pr)
Estação Experimental de Curitiba (Pr)

INSTITUTO DE ECOLOGIA E EXPERIMENTAÇÃO AGRÍCOLAS

Estação Experimental de Campos — (R)
Estação Experimental de Deodoro — (G)
Estação Experimental de Botucatu — (Sp)
Estação Experimental de S. Simão — (Sp)
Estação Experimental de Ipanema — (Sp)
Jael O. Campos (Instituta) 11.2.1961.
Gráf. Edit. Rio-São Paulo Ltda.

1897 — 1961

"A LAVOURA"

64 ANOS A SERVIÇO DA
AGRICULTURA DO
BRASIL

278

ALAVOURA

REVISTA DE AGRICULTURA
OFICINA DE SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTORES E OBRAS
CLASSE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

64. MIA 1961



«Bossa Nova» na Pecuária



OUTRORA os fatores que determinavam a escolha da raça eram "moda", simpatia, manias, ou empirismos zoológicos...

HOJE depois da penetração da cultura zootécnica pelos grandes centros de criação, depois da difusão do uso da balança, o que interessa é mais leite com menos despesas, mais carne em menos tempo. Hoje o que interessa é PRODUTIVIDADE. Por isso, depois de longo e injusto ostracismo temos de novo

GUZERÁ NA VANGUARDIA

A raça de dupla aptidão que vem desmoronando velhos tabús!

A raça campeã mundial no teor de gordura no leite!

A raça campeã na velocidade de ganho de pêso!

Não hesite mais. Veja o resultado de OITO ANOS de Concursos de Ganho de Pêso realizados em diversas cidades do Estado de São Paulo. São dados oficiais fornecidos pelo grande zootecnista Alfonso Tundisi, Chefe da Seção de Zootecnia das Raças de Corte do D. P. A.:

GUZERÁ.....	Machos	90 indivíduos — 126,9 Kgs. (média)
	Fêmeas	53 indivíduos — 95,1 Kgs. (média)
INDUBRASIL.....	Machos	88 indivíduos — 124,3 Kgs. (média)
	Fêmeas	60 indivíduos — 94,2 Kgs. (média)
NELORE.....	Machos	311 indivíduos — 123,3 Kgs. (média)
	Fêmeas	146 indivíduos — 93,1 Kgs. (média)
GIR.....	Machos	317 indivíduos — 94,4 Kgs. (média)
	Fêmeas	203 indivíduos — 77,7 Kgs. (média)

1.268 indivíduos

OBSERVAÇÃO: — As fêmeas da raça Guzerá ganharam mais pêso que os machos da raça Gir.

COMECE, POIS, A CRIAR HOJE A RAÇA DO FUTURO!

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GUZERÁ DO BRASIL

Diretoria

Presidente	Dr. Napoléon Fontenelle da Silveira (Dep. Federal)
1.º Vice-Presidente	Dr. Edilberto Ribeiro de Castro (Dep. Federal)
2.º Vice-Presidente	Dr. Renato da Costa Lima (Criador)
3.º Vice-Presidente	Dr. Eduardo Duvivier (Presidente do CCPL)
4.º Vice-Presidente	Sr. Ephrem Epifânio Pereira (Criador)
1.º Secretário	Dr. João Nelson Prota Junior (Criador)
2.º Secretário	Sr. João Carlos Burgues de Abreu (Criador)
1.º Tesoureiro	Dr. José Resende Peres (Criador)
2.º Tesoureiro	Sr. Mário de Almeida Franco (Criador)

Sede: Av. Churchill, 94-11.º andar - s/1.110 - Tel.: 52-5529
Estado da Guanabara



O vaqueiro contempla um lote de Guzerá chegando ao curral. Foto tirada na Estância Kankry de propriedade do Dr. José Rezende Peres, em S. Pedro dos Ferros — M. Gerais.

SUMÁRIO

	Pág.
O Governo e às Classes Rurais	3
Sindicato na Agricultura — V — Luiz Marques Pollano	5
Cooperativas de Abastecimentos — Relações Intercooperativas — Organismos mistos — Fábio Luz Filho.....	8
A Classe Rural — Temas e Sugestões — Arruda Câmara	15
Experiências oficiais com gado leiteiro para os trópicos	24
Carências de Veterinários — Napoleão Fontenelle	28
Mogi das Cruzes	30
Com uma só ave três pratos diferentes — Elida Cesconetto	32
Preçamos aumentar os índices de produtividade de nossa agricultura — Eng. Agro. Geraldo Goulart da Silveira	42
A FAO e o Fomento da Produção Leiteira no Sul	38
Controle da Broca do Café — L. F. Fontes	45
Como Combater os Ratos Caseiros F. Murtinho Braga	50

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo — Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Benemérito — Dr. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente — LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente — EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente — KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente — ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário — FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário — ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário — JOSÉ ARISTOBULO DE CASTRO FILGUEIRAS
4.º Secretário — GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro — RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro — OTTO FRENSEL
Secretário-Geral — LUIZ MARQUES POLLANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO
ENNIO LUIZ LEITÃO

FLAVIO DA COSTA BRITTO
OSMAR LOPES REZENDE
JOAQUIM MARTINO DE MORAES CARVALHO
JULIO CESAR COVELLO
MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES)

CADERA	OCCUPANTE
1 — ENNES DE SOUZA	Vaga
2 — MOURA BRASIL	Alberto Ravache
3 — CAMPOS DA PAZ	Geraldo Goulart da Silveira
4 — BARÃO DE CAPANEMA	Kurt Repsold
5 — ANTONIO FIALHO	Luiz Marques Pollano
6 — WENCESLAU BELLO	Antonio de Arruda Camara
7 — SYLVIO RANGEL	Eduo Luiz Leitão
8 — PACHECO LEAO	Frederico Murtinho Braga
9 — LAURO MULLER	Valentin F. Bougas
10 — MIGUEL CALMON	Heltor Grillo
11 — LYRA CASTRO	Joaquim Bertino de M. Carvalho
12 — AUGUSTO RAMOS	Edgard Teixeira Leite
13 — SIMÕES LOPES	Luiz Simões Lopes
14 — EDUARDO COTRIM	Mayme Bernardes Cotrim
15 — PEDRO OZÓRIO	Paulo Simões Lopes
16 — TRAJANO MEDEIROS	Antônio José Alves de Souza
17 — PAULINO CAVALCANTI	Luiz Guimarães Junior
18 — FERNANDO COSTA	Iris Meisberg
19 — SÉRGIO DE CARVALHO	Julio Cesar Covello
20 — GUSTAVO DUTRA	Oswaldo Balarlo
21 — JOSÉ TRINDADE	Ignácio Tosta Filho
22 — IGNÁCIO TOSTA	José Augusto B. de Medeiros
23 — JOSÉ SATURNINO	Fábio Luz Filho
24 — JOSÉ BONIFÁCIO	Mário Penteado de F. e Silva
25 — LUIZ DE QUEIROZ	Francisco de Assis Iglesias
26 — CARLOS MOREIRA	Alfredo L. de Ferreira Chaves
27 — ALBERTO SAMPAIO	Honório Monteiro Filho
28 — NAVARRO DE ANDRADE	José Carlos de Macedo Soares
29 — ALBERTO TORRES	Rômulo Cavloa
30 — SÁ FORTES	Otto Freusel
31 — THEODORO PECKOLT	Oswaldo Lazzarini Percolt
32 — RICARDO DE CARVALHO	Rômulo Joviano
33 — HARIOSA RODRIGUES	José Sampaio Fernandes
34 — GONZAGA CAMPOS	Sylvio Fróes de Abreu
35 — AMÉRICO BRAGA	José Assis Ribeiro
36 — EPAMINONDAS DE SOUZA	Moncyr Alves de Souza
37 — MELLO LEITÃO	José Carlos Bello Lisboa
38 — ARISTIDES CAIRE	Milton Freitas de Souza
39 — VITAL BRASIL	Paulo P. de Pauleiras Horta
40 — GETÚLIO VARGAS	Adamastor Lloia

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente do seguintes órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Pollano; Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil — Dr. Altino de Azevedo Sodré; Comissão Permanente de Estradas de Rodagem — Dr. Raul David de Sansom; Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Dr. Edgard Teixeira Leite; Comissão Consultiva de Acordos Comerciais (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; Comissão de Política Agrária (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente; Alberto Ravache; Conselho do Mérito Agrícola — Luiz Simões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara — Abel de Almeida; Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara — Juvenal da Silva Azevedo.

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV

MARÇO-ABRIL, 1961

O govêrno e as classes rurais

Nos primeiros dias de abril, foi recebida pelo Sr. Jânio Quadros, em audiência especial no Palácio do Planalto, grande comissão de líderes da Confederação Rural Brasileira e de 21 Federações, representando 1.700 Associações Rurais de todo o País. A este respeito, o Sr. Edgard Teixeira Leite, que dela participou como vice-presidente da Confederação Rural Brasileira e vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, declarou:

"O nosso objetivo foi fazer entrega ao presidente Jânio Quadros de um documento elaborado pela Confederação, apontando os rumos para a política agrícola do Brasil. É, sem favor, um dos mais importantes documentos, de caráter global, já organizado entre nós sobre a produção primária brasileira. No referido documento foi posto em plena evidência o fato de não possuírmos uma política governamental para a agricultura. As medidas tomadas, ainda que com os melhores propósitos, não raro são contraproducentes e muitas vezes contraditórias. Decorre isso, exatamente da ausência de planejamento prévio, gerando conflitos de objetivos e fracasso de atuação, donde o malbaratamento de trabalho e de capital."

COMANDO AO MINISTERIO DA AGRICULTURA

"São cerca de 39 órgãos de diversos níveis — prosseguiu o vice-presidente da CRB — atuando cada qual isoladamente; daí a nossa desorganização rural, decorrente de deficiências técnicas, erros administrativos e desorientação econômica. Uma vez traçados os rumos por um órgão sob a direta supervisão do Chefe da Nação, é indispensável entregar, em sua plenitude, seu comando ao órgão a que deve caber a execução da política agrícola: o Ministério da Agricultura. Tem ele sofrido um verdadeiro esfacelamento de atribuições e de uma pleora de órgãos assemelhados que lhe tiram funções e técnicos. É indispensável, pois, que se dinamize o Ministério da Agricultura, restituindo-lhe integralmente a autoridade que perdeu e os meios executórios."

OUTROS ASPECTOS

"O documento examina exaustivamente — disse o Sr. Teixeira Leite — o problema do crédito agrícola sugerindo alterações substanciais à luz da experiência adquirida; a política tributária no sentido de modificações da política cambial. Pede que se dê especial atenção à defesa dos recursos naturais, para que se detenha a escravização do País pelo regime da exploração predatória do solo e indiscriminada dos recursos naturais. Estuda, com indicações objetivas, a reforma agrária, a imigração, a colonização, a educação rural, o ensino e a experimentação, a tecnologia e a mentalidade do regime de empresa, a produção animal e vegetal, as indústrias extrativas, o problema da pesca etc. O documento aponta, com franqueza falhas e indica soluções construtivas e conclusões apontadas em congressos e reuniões das classes rurais."

COMISSÃO TÉCNICA EXECUTIVA

"Entregue pela manhã para um exame prévio — informa o Sr. Teixeira Leite — demonstrou o Sr. Jânio Quadros, na audiência à tarde, que o havia examinado, tendo declarado ser o mais completo que até agora lhe chegara às mãos sobre os problemas agropecuários do País, e acrescentou que o leria por inteiro naquela noite. E o que é mais importante: informou que nomearia um representante do Ministério da Agricultura, outro da Fazenda, e pediria que a Confederação Rural Brasileira indicasse um representante sen que pudesse dar tempo integral para que, com rapidez, as recomendações fossem transformadas em atos administrativos, em decretos, ou medidas legislativas."

"Fêz então, o Sr. Jânio Quadros afirmações incisivas dizendo que, na sua opinião, a raiz dos grandes males de que sofre o Brasil vem do pouco cuidado dispensado à agricultura, como geratriz de recursos para exportação (como máquina de dólares) e do abastecimento interno (para alimentação

abundante e barata, e matérias primas para a indústria).

Acrescentou o presidente, com maior ênfase, que este ano o País iria sentir os efeitos das providências adotadas pelo Governo em benefício da produção agrícola, notadamente da lavoura de subsistência. Assegurou que dará prioridade aos problemas agropecuários, de modo a suprir o desequilíbrio entre a agricultura e os interesses de outras áreas que tanto têm amargurado não só as populações rurais com o impacto nefasto na subsistência das populações urbanas, notadamente nas classes de menores recursos.

CRÉDITO PARA SERVIR A PRODUÇÃO

"Deu o presidente ênfase especial ao problema do crédito, dizendo que nos Bancos do Brasil, de Crédito Cooperativo, do Nordeste e da Amazônia, ia ser adotada uma nova orientação, de modo que o interesse do agricultor o do pecuarista constitua o real objetivo das transações, enfim, servir à produção e não servirem-se da produção para realizar finalidades meramente bancárias. Mostrou ainda o Sr. Jânio Quadros a maior preocupação pela dinamização do Ministério da Agricultura como órgão fundamental do seu Governo e mola mestra da economia nacional. Na mesma linha de orientação, deu garantias de que os compromissos que assumiu com as classes rurais, na sua campanha de candidato, iam ser cumpridos como presidente da República. Trouxe, como testemunhas dêsse propósito as medidas tomadas junto ao Ministério da Agricultura sobre preços mínimos e postos agropecuários."

CONFIANÇA NO GOVERNO

"Estas declarações feitas à CRB, órgão nacional representativo da agricultura, e em presença de numerosos presidentes de Federações Rurais, abriram ao Sr. Jânio Quadros um crédito ilimitado, mas que porisso mesmo vai ter sua contabilidade cuidadosamente vigiada. As declarações do presidente da República não contentaram apenas a lavoura, atingem a todo o país. O Governo está realmente de parabéns e a lavoura não está penus confiante, mas também vigilante", concluiu o Sr. Edgard Teixeira Lette."



MÁQUINAS AGRÍCOLAS

- MOINHOS DESINTEGRADORES A MARTELOS
- MISTURADORES DE CARGA SUBTERRÂNEA
- PICADEIRAS DE FORRAGEM
- ARADOS E GRADES DE TRAÇÃO MECÂNICA
- ROÇADEIRAS DE PASTO
- PLAINAS TERRACEADORAS
- CARRETAS AGRÍCOLAS DE TODOS OS TIPOS
- DISTRIBUIDORES DE CALCAREO
- IMPLEMENTOS DE TRAÇÃO ANIMAL, EM GERAL

PRONTA ENTREGA ASSISTÊNCIA MECÂNICA

THELA COMERCIAL S. A.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

Rua Mayrink Velho, 31 - C. Postal 8466
Estado da Guanabara

MATRIZ

Av. Duque de Caxias, 133 - 153
São Paulo - S.P.

REMINISCÊNCIAS...

O Sindicato na Agricultura - V

LUIZ MARQUES POLIANO

Tendo sido o decreto-lei 8.127 publicado cerca de um ano após o 7.038, que instituiu a sindicalização rural, ficou o sindicato agrícola, no que se refere à organização patronal rural, revogado por incompatibilidade, já que aquele baseou essa organização em associações municipais, federações estaduais e, no âmbito nacional, à Confederação Rural Brasileira.

No I Reunião Plenária das Classes Produtoras, realizada nesta cidade de 29 a 31 de janeiro de 1957, a delegação da C.R.B. considerou ter ficado sem sentido a sindicalização dos empregados, sob o fundamento de que a mesma se tornara impossível, face mesmo ao que preceitua o artigo 1.º, § 3.º daquele ato:

"Estabelecida a diferenciação de atividades dos empregadores, poderão seus empregados congregar-se em entidade profissional de categoria específica paralela".

Têm sido muito frequentes as tentativas de criação de sindicatos de empregados rurais, contra o que se tem pronunciado a classe patronal que, assim, ficaria desarmada diante da organização sindical de seus empregados.

No trabalho apresentado à "Reunião", e por ela aprovado, manifestou a classe patronal rural o seu propósito de que, às entidades criadas sob a égide do 8.127, fôssem, oportunamente, estendidas as prerrogativas sindicais, devendo os sindicatos rurais, de empregadores e empregados, ficarem subordinados ao Ministério da Agricultura.

Concluiu o trabalho da delegação da C.R.B.:

"I — A organização sindical rural não se coaduna in totum com as diretrizes e preceitos constantes da Consolidação das Leis do Trabalho, circunstância que desaconselha a extensão, automática do regime ali previsto para os sindicatos de empregadores e de empregados.

II — O problema da organização rural poderá ser solucionado com a observância das seguintes diretrizes:

- a) — sindicalização rural, tanto de empregados como de empregadores à base da área municipal para os sindicatos, estadual para as federações e nacional para a confederação;
- b) — às atuais associações rurais, federações e à Confederação Rural Brasileira, seriam conferidos os poderes sindicais omitidos no decreto-lei 8.127;
- c) — o Ministério da Agricultura seria competente para os assuntos referentes à sindicalização rural."

Criação e engorda de gado suíno na Holanda

Nas zonas arenosas da Holanda, em que são encontradas, principalmente, as fazendas do tipo misto, a criação, ou melhor, a engorda do gado suíno se reveste de grande importância. Também nas regiões de pastagens, a criação de porcos tem importância; nas zonas eminentemente agrícolas, ao contrário, tal atividade não exerce grande influência econômica nas fazendas.

Na Holanda, somente são criadas duas raças de porcos: a holandesa e a "Great Yorkshire" holandesa, a primeira na maior parte do país e a segunda principalmente na parte ocidental da Holanda, onde se encontram os grandes centros urbanos.

Os criadores do gado suíno holandeses têm interesse em conseguir um animal bem desenvolvido, de conpleição compacta e extremidades bem desenvolvidas. O comprimento é grande e a proporção entre os terços anterior, médio e posterior tem de revelar bom rendimento na carne: um porco para a matança com lombo bem musculoso (abundante carne de primeira) e pernas grandes e bem formados. Como esse tipo de porco é criado na Holanda para a produção de "bacon", convém, para tal fim, que o terço anterior seja amplo e gordo, devendo o peso ser fino e o peito profundo. O toucinho do lombo tem de ser bem fino e bem repartido.

Além de produção de "bacon", o gado suíno holandês, se destina ao abastecimento de carne do mercado nacional e salchicharia.

Também no tipo "Great Yorkshire" se procura uma conpleição forte e robusta. Seu tronco é longo, mas o grande comprimento se destaca menos que no tipo descrito anteriormente, por ser mais profundo o quarto anterior. Se aproveitamento para a produção de carne tem de resultar do peso e quarto dianteiro secos, lombo largo e bem musculoso, traseiros amplos com pernas bem formados. E se porco é es-

pecialmente adequado para o fornecimento de carne a grandes centros urbanos, onde se prefere a carne com pouca gordura.

Organização da criação de gado suíno

Os criadores holandeses de gado suíno (cerca de 30.000 no total) mantêm organizações de registro, genealógicos provinciais, visando a melhoria do gado suíno, mediante a apreciação das qualidades externas do animal. No Registro somente são incluídos os animais descendentes de gado registrado e que satisfaçam determinado requisitos mínimos, no que diz respeito ao peito, desenvolvimento, número de tetas por barrigada, número de tetas, etc. Os registros genealógicos fornecem aos filiados as informações solicitadas. Todos os reprodutores têm de ser inscritos no Registro genealógico.

Nas regiões de terras arenosas, os criadores e são reunidos em associações regionais, o que torna possível a aquisição e exploração em comum dos reprodutores. A tarefa mais importante dessas associações consiste, precisamente — além da organização de exposições de gado suíno — na aquisição e tratamento de bons reprodutores.

Os registros provinciais estão integrados, por sua vez, no Escritório Central de Criação de Gado Suíno, que trata de uniformizar os métodos de trabalho dos diferentes registros provinciais e facilita a exportação de reprodutores.

Empresas para engorda e seleção.

O progresso da criação de gado suíno na Holanda contribuiu valiosamente para as empresas de engorda e seleção, que surgiram em 1930.

O criador pode levar a essas empresas quatro leitões procedentes de animais com excelentes qualidades externas. A escolha é feita por indicação do inspetor de Registro e deve-se compor de dois leitões e duas leitões castradas. O peso con-

junto dos quatro animais, no momento de serem entregues à empresa, não deve ir além de 80 kg.

Nas empresas de engorda, os animais são cevados com base em misturas de farinhas. Para acostumar os animais com as novas condições, a prova começa quando o seu peso conjunto é de 88 kg. Até um peso de 50 kg por animal, dá-se aos porcos a chamada "Mistura A" e dois litros de leite desnatado por dia. Quando o peso ultrapassa 50 kg, suprime-se o leite desnatado e se passa à "Mistura B". Essa composição é um pouco diferente da mistura A. Durante o período de ceva, registra-se o crescimento do animal (com pesagens de 15 em 15 dias) e o consumo de forragem. Desse modo, pode-se calcular, terminado o período de engorda, o crescimento médio por dia de cada animal, assim como o consumo médio de forragem que se expressa em unidades de forragem por quilograma de aumento de peso.

A raça holandesa é cevada até um peso de 90 kg. (animal vivo) e a "Great Yorkshire" até 125 kg. Terminada essa fase, o animal é abatido, a fim de se verificar as qualidades de sua carne. Se os resultados são favoráveis, a mãe do leitão recebe a qualificação de "ster". A descendência masculina de uma porca "ster" recebe a qualificação de "prêmio", sempre que o pai tenha a mesma qualificação, ou a de "élite".

A qualificação "élite" se atribui aos reprodutores dos quais foram examinados vários grupos de descendentes com resultados satisfatórios; esse exame inclui as qualidades externas dos descendentes, em relação a seu destino como reprodutores.

A finalidade das empresas selecionadoras de engorda consiste, pois, em selecionar os animais dotados de transmissão satisfatória de qualidades de carne, em combinação com um resultado favorável quanto à engorda e consumo de forragens.

Exame das qualidades da carne

Quando se trata de animais de raça holandesa, abatidos na empresa de seleção e engorda mais próxima do matadouro para exportação, o exame das

qualidades da carne é feito por um Inspetor do Registro correspondente. Para o exame, mede-se a distância entre a primeira costela e o púbis, e em seguida, mede-se a grossura da camada de toucinho em quatro lugares: no quarto dianteiro, na parte mais fina do lombo, dez centímetros abaixo da junta da última costela e no centro do músculo do quadril. De acordo com a espessura da camada de toucinho, os porcos são classificados nos grupos I, II e III.

O peso do quarto dianteiro e o comprimento das costelas anteriores é calculado o ôlho; a grossura da parede abdominal pelo tato. A parede abdominal tem de ser grossa e bem misturada. O pernil deve ser bem desenvolvido e chelo. A forma é apreciada a ôlho. Além disso, calculada-se a finura da pele e o peso do esqueleto.

Para que a unidade da apreciação seja maior possível, em cada semana se envia a um posto central metade de todos os porcos selecionados que forem abatidos. Naquele posto, o secretário da Comissão Consultiva de Criação de Gado Suíno procede um novo exame.

Para se apreciar o rendimento da carne separa-se e pesa-se o núcleo das costelas, assim como a parte posterior, cortada entre a quinta e a sexta vértebra do quadril. Dessa maneira, pode ser determinada a base do pé o, a porcentagem de costeletas e a porcentagem da parte posterior, fatores que contribuem para se determinar o valor da carne.

Tratando-se de porcos da raça "Great Yorkshire", que são todos sacrificados no mesmo lugar, mede-se o comprimento da carne na maneira acima exposta, depois se aprecia a forma do pernil a ôlho e a finura da pele.

Em seguida, esquartera-se o animal. O pé o dos pernis, os quartos dianteiros, as costelas e os enchimentos constituem o total da carne. O peso das camadas de toucinho do lombo, etc., e o da gordura dão o total da matéria gordurosa. A cabeça, patas e cauda constituem o pé o dos refugos. De todos esses dados, tiram-se as porcentagens de carne, gordura e refugo. Depois de se apreciar a qualidade da carne, estabelece-se com todos os dados, o valor em carne do animal.

a marca de confiança

VITACAMPO

da agropecuária.

MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Ferro
Fosforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Molibdeno
Níquel
Zinco

Para: Aves — Suínos —
Caninos — Carnívoros em geral.

RM - 2

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Enxofre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Níquel
Zinco

Para: Bovinos — Equinos
Ovinos — Caprinos — Ruminantes em geral.

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos.

"não fique em dúvida; consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534-2 - RIO DE JANEIRO, D. F.

Nos últimos anos, os resultados da apreciação na matadouro melhoraram consideravelmente. Na raça holandesa, a média de comprimento que, em 1930, era de 75,8 cm, passou para 80,9 cm em 1955. A porcentagem de animais classificados no grupo I passou de 61,8% em 1955. Também se observou acentuado progresso quanto ao rendimento de carne.

Na raça "Great Yorkshire",

em que importa, acima de tudo, a porcentagem carne-gordura, a quantidade de carne passou de 45,5% em 1953, para 55,9%, baixando a porcentagem de gordura de 46,9% para 35,6% em 1955.

Esta rápida exposição é suficiente para demonstrar a grande importância dos registros genealógicos e as empresas de engorda e eleição, para o constante melhoramento do gado suíno holandês.

Cooperativas de abastecimento — relações intercooperativas — organismos mistos

Fábio Luiz Filho

A Portaria nº 523, de 27-5-55, disciplinou as "cooperativas de abastecimento", na preocupação de configurar uma fórmula que mais se aproximas e da dos "organismos mistos" para serviços mútuos a que se refere Kaufmann, como o acentuado em livro, organismos tentados na Europa, e que, ao parecer, estavam no subconsciente dos elaboradores do decreto 22.239, que não lhe deram, porém, a exata conceituação, numa redação dúbia, que causa perplexidade, dadas as altas credenciais dos que elaboraram o decreto 22.239 (Luciano Pereira, Saturnino Brito e Adolfo Gredilha, este seu redator final). Daí a dubiedade e certa vagueza na redação do artigo 29: "As cooperativas de abastecimento são fundadas para, de acordo com as cooperativas de produção, de vendas em comum e outras, fornecer às cooperativas de consumo e prover, ou fundar, os pequenos mercados e feiras-livres". Redação confusa (organismo unívoco) que levou até um brilhante cooperativista brasileiro a me perguntar, e com razão: "Quem funda essas cooperativas"?... Está claro, não obstante a redação claudicante, que só poderão fundar, ou prover pequenos mercados ou feiras-livres, as cooperativas agrícolas de vendas ou as de industrialização. Essa a verdadeira intenção da lei.

As de consumo, interessadas em seu auto-abastecimento, na sua autodefesa, compreende-se que possam integrar o "organismo misto". As "outras" que não sejam as de consumo, que não vão fazer? A lei proíbe que se possa entrar para uma cooperativa apenas visando a dar juro ao capital...

O argumento de que a lei permite às de consumo a venda ao público, justificando-se, assim, a sua presença nas de abastecimento do tipo criado pela lei brasileira para também abastecerem é caçooso não só face ao próprio artigo 29 como à prática mundial, de vez que as cooperativas de con-

sumo no mundo, quando vendem ao público (na Argentina não o podem fazer, por lei), fazem-no num sentido de mero pro-etilismo, de catequese, mas não como objetivo principal (o que seria a negação do próprio cooperativismo), como se poderá depreender do artigo 29, embora não seja esse o seu espírito, repito, face ao de-jure-constituendo, nem o espírito geral da lei 22.239.

A do Rio penetrou esse terreno da compra para revenda por contingências várias, como veremos (falta de financiamento, não colaboração das grandes cooperativas agrícolas apalavradas sob a alegação de falta de armazéns, prometidos e não dados, exigências da COFAP, etc.).

Os legisladores da 22.239 não foram felizes na redação, como disse, de vez que não deram a fórmula institucional mista precisa, como é praticada (e raramente) nos próprios países europeus, como veremos (às "cooperativas intermédias" dos Italianos, às "cooperativas de bisagra" dos espanhóis, os "organismos mistos" dos franceses).

Foi na França que se situaram várias tentativas para essa etapa de melhor compreensão mútua nesse difícil plano de integração, pela reunião de consumidores e produtores, para uma *modus-vivendi*, uma "entente-cordiale", menos arduos em suas relações, perlavados de suas indolências, egotismo, egocentrismos, incompreensão das bases doutrinárias para se rastream fraternalmente.

Na França suspiram esses "organismos mistos", mas para meras relações intercooperativas, como em toda parte: produtos certos, sãos e preços justos combinados, para as de consumo, e garantia, para as agrícolas, de um mercado cooperativo estável, de solvência conhecida, com grande redução de encargos comerciais.

Nunca passou, nem poderia passar, pela mente dos cooperativistas e cooperadores euro-

peus, tão fiéis à filosofia cooperativa, a existência de órgãos dúbies como esse do artigo 29 da lei 22.239. A vagueza da expressão "outras" pode levar à crença errônea de que qualquer tipo de cooperativa poderá unir-se às agrícolas para, juntas, abastecerem mercados e feiras-livres, isto é, subversão calva de um princípio basilar da doutrina cooperativa: a economia cooperativa organizada tendo em vista a satisfação de necessidades de consumidor e não o lucro. Os consumidores se reúnem justamente para sua autodefesa, para seu auto-abastecimento, e não para atos de comércio, para abastecer até intermediários, que são os que, sabidamente, preponderam nos mercados (olhem o Mercado Municipal, mercadinho, e feiras-livres...).

Isso seria um armazém de mercância travestido de cooperativa, o que não podia estar na intenção do legislador, tão minucioso, cauteloso e precioso em outras definições, legisladores que tão bem definiram a cooperativa no artigo 2.º do decreto 22.239, e as de consumo no art. 28. Houve, certamente, nisso tudo, face a tudo isso e ao espírito geral das leis 581 e 22.239, a verdadeira intenção das relações intercooperativas; mas, infelizmente, não lhe deram a redação consentânea, clara e precisa (note-se que a lei é de 1932), e saiu essa coisa dúbia, gaudério de muita gente, que começa a achar cômoda, fácil, e, certamente, lucrativa, a fórmula que a Portaria 523 procurou disciplinar, dando a única estrutura possível face à lei e aos termos em que então foi colocada a questão, de abastecimento total e entrega dos postos da COFAP (donde a esguelante cláusula perigosa da revenda de mercadorias e artigos manufaturados embora em caráter de exceção, errado de cautelas).

André Hirschfeld recentemente analisou, na França, o problema das relações intercooperativas, que é o problema que esses órgãos mistos poderão encaminhar e era o que estava na intenção dos que elaboraram a lei 22.239. Acentua ele que, nesse campo de relações intercooperativas, o problema é duma atualidade incontestável, e se ainda não foi

Rosquinhas em "oito" para o lanche e o café-da-manhã...



Experimente !

Ingredientes

1/2 xíc de leite
1/3 xíc + 2 colh (sopa) de açúcar
1 1/4 colh (chá) de sal
1/4 xíc de manteiga
1/2 xíc de água morna

2 colh (sopa) de Fermento Seco Fleischmann
ou 6 tabletes de Fermento Fleischmann
1 ovo
5 xíc de farinha de trigo
1 colh (chá) de essência de baunilha

Ferva o leite, junte 1/3 xíc de açúcar, o sal e a manteiga. Deixe amornar. Numa vasilha, coloque a água morna, 2 colh. de açúcar e o fermento. Deixe repousar 10 minutos, depois mexa bem. Peneire a farinha sobre pedra mármore. Faça nela um sulco e aí coloque o fermento, a mistura de leite, o ovo e a baunilha. Misture bem e sove a massa de vez em quando, para que fique bem lisa e solte completamente. Coloque numa vasilha alta, untada, cubra e deixe crescer

em lugar quente até dobrar o tamanho (2 horas aproximadamente). Aperte o centro da massa com a mão fechada, abaixando-a, e deixe ainda 1/2 hora. Coloque então sobre pedra mármore, divida em 24 partes iguais e com elas faça bastões, dando-lhes a forma de "oito". Arrume em tabuleiros untados e deixe crescer 1 hora. Leve ao forno moderado durante 20 a 25 minutos. Enquanto quentes, pincele com manteiga e polvilhe com açúcar.

★ Em nossas receitas a medida-padrão é uma xícara de 250 gramas de água

GRÁTIS: Peça à D. Maria Silveira, Caixa Postal 1179, Rio de Janeiro, o folheto "Conselhos Úteis", sobre o Fermento Seco Fleischmann

FERMENTO SÊCO FLEISCHMANN

Mais um produto de qualidade da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC



Adubos

fortificam
as terras
fracas

D.º Prop. CADAL

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS
E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE
CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
Agentes exclusivos do Salitre do Chile para os
Estados da Guanabara, do Rio e Espírito Santo
Rua México, 111 — 12.º andar (Sede própria)
Caixa Postal, 875 — Telefone: 31-1850-rêde Interna

resolvido é porque levanta certa número de dificuldades (isto na França) das quais só será possível colher toda a importância estudando as experiências (veja-se bem: experiências) por vê-las fragmentárias, outras vezes importantes, que se desenvolveram na França há mais de meio século.

"As relações podem ser simplesmente contratuais, ou, ao contrário, podem erlar-se organismos mistos, que reúnem, de uma só vez, no seio de uma associação, produtores e consumidores. Na França o primeiro método foi aplicado a princípio, e, desde 1867, o "Sindicato Parisiense das Sociedades Cooperativas", ancestral do órgão grossista atual, adquiriu, sob inspiração dum discípulo de

Fourrier por nome Wladimir Gagneur, queijos de Gruyère das cooperativas de lacteínios do Jura, as clássicas "fruitières". Mais tarde, a primeira cooperativa ("cave") de vinificação, "Les vigneron Libres de Maraussan" no Hérault, estabeleceram um convênio com cooperativas de consumo parisienses filiadas à "Bolsa Socialista das Cooperativas"; mas foi uma experiência que terminou rapidamente, como a que foi tratada depois da primeira guerra mundial entre o "Magasin de gros" parisiense e os "fruitiers" do Ain.

Há ainda as relações criadas depois de 1930 pelos "Coopérateurs du Midi" com as Cooperativas Agrícolas da região do Var; as, em 1934, entre as co-

operativas de Flandro e Artois, as "Sociedades Francesas de Panificação Moderna" e a "Sociedade Agrícola dos Cooperadores do Norte da França". Mais recentemente, no domínio dos vinhos, um convênio foi estabelecido entre a "Sociedade Geral das Cooperativas de Consumo" e a "União (federação) Regional das Cooperativas Agrícolas do Sul", e, em 1945-1946, apesar de circunstâncias difíceis, 32 000 hectolitros de vinho passaram diretamente da produção cooperativa para o consumo cooperativo, utilizado, assim, unicamente o setor cooperativo.

Há ainda o exemplo de Fayes (Haute-Vienne), onde uma "conserverie" cooperativa foi equipada com o apoio dos consumidores da leitura cooperativa local E a "Le Chanal" votada em agosto de 1936 depois de ter fleado longos anos nos escaminhos do Parlamento francês, permite e encoraja a criação de organismos mistos e teve, até hoje, aplicações limitadas" (Ver como é difícil, complexo, o problema).

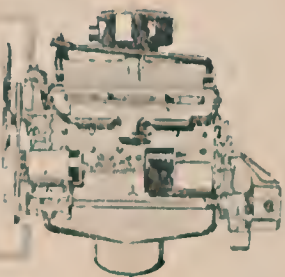
Acrescenta Hirschfeld que é necessário citar a existência da "Cooperativa de Distribuição e Troca de Produtos Agrícolas" (C.R.E.F.A.), criada em 1936 para facilitar as relações econômicas, entre o "Magasin de Gros des Coopératives de Consommation" de Paris, e a "Fédération Nationale des Coopératives des Producteurs de Fruits et Primeurs" e a "Sociétés Coopératives Indigènes d'Afrique du Nord".

A C.R.E.F.A. modificou sua denominação depois da Libertação, e atualmente é chamada "União das Cooperativas de Produção e Consumo" (o que o nossos legisladores tiveram, certamente, em mente, como disse, mas não a souberam configurar com a necessária precisão). Não pôde ela beneficiar-se das facilidades financeiras concedidas pela "Lei Chanal" porque as duas formas de cooperativas colaboram em pé de igualdade na gestão, quando a lei de 26 de agosto de 1936 exige que, ne se os organismos mistos, que poderão beneficiar-se dos financiamentos concedidos pela "Caisse Nationale de Crédit Agricole", as cooperativas agrícolas deverão ter maioria

LP/LPK/LPS 321

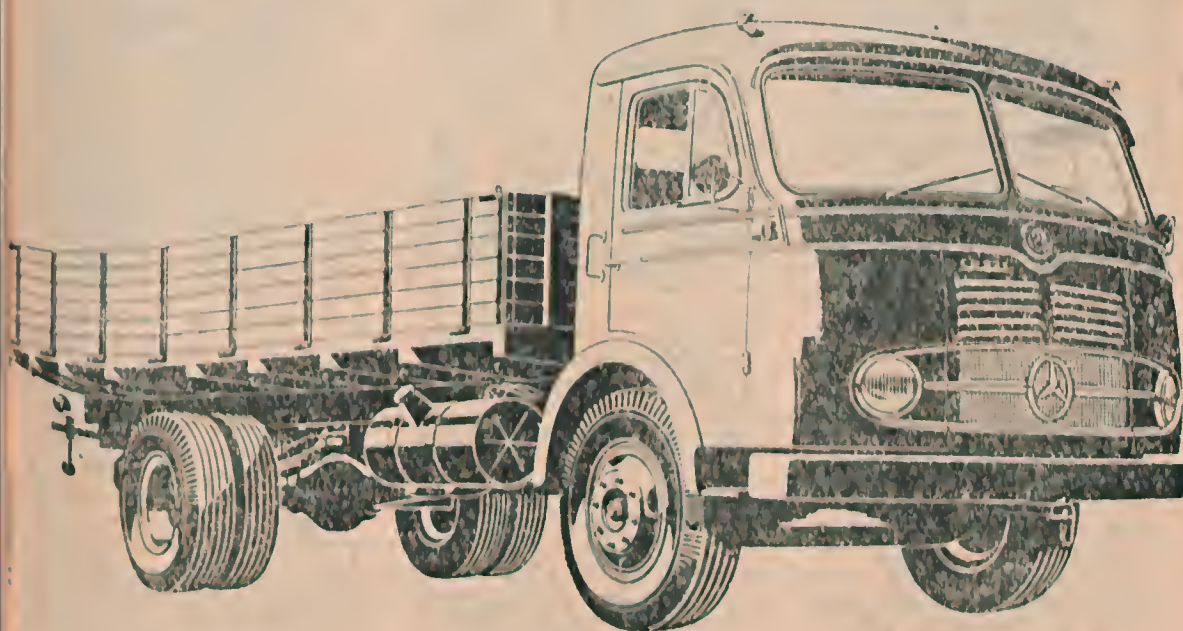
O MAIS ECONÔMICO PARA TODOS OS TIPOS DE TRANSPORTE DE CARGA

Motor Diesel OM 321, 6 cilindros, 120 HP - 3 000 r.p.m. Sistema patenteado de combustão na antecâmara em fluxo contínuo que permite o aproveitamento total do combustível.



Este é o campeão das estradas, o caminhão médio que mais vantagens oferece em qualquer tipo de transporte de carga. Proporciona menor consumo de combustível, baixo custo de operação, grande facilidade de manejo e maior lucro por quilômetro rodado. Três tipos de chassis: LP para caminhão, LPK para basculante e LPS para cavalo mecânico.

MERCEDES-BENZ



UMA ESTRELA EM QUALQUER ESTÁDIO

MERCEDES-BENZ DO BRASIL S.A.

de votos nas assembleias e nos C. de Administração (Veja-se como se plantelam problemas, tais como os que defrontam as centrais no Brasil). Esta disposição, que coloca sempre em estado de inferioridade as cooperativas de consumo, consta do artigo 552 do Código Rural francês.

"A União Central das Cooperativas Agrícolas" constituída em 22 de agosto de 1946, e agrupando a maior parte das União Nacional de Cooperativas Agrícolas (são federações) e que atualmente está inativa, havia estudado e aprovado a admissão em seu selo de organizações nacionais de cooperativas de consumo, com as quais havia estabelecido relações econômicas. Enfim, há alguns anos, cooperativas de vinificação do Sul da França e cooperativas de consumo de Aín, criaram uma união mista, que se colocou sob o regime da lei Chanaul.

"Lorsque l'on étudie les relations intercoopératives, on ne doit pas oublier que si les objectifs finaux des mouvements coopératifs agricoles et de consommation sont assez voisins, ils sont amenés à utiliser des méthodes diamétralement opposées, les uns s'efforçant d'assurer aux produits de leurs membres du prix de vente maximum, les autres au contraire, voulant procurer à leurs adhérents des marchandises à des prix aussi bas que possible".

E' este justamente um dos pontos nevralgicos, um dos obstáculos surgidos em toda a parte, Brasil inclusive, onde grandes cooperativas agrícolas mal conhecidas não querem contacto direto com o consumidor e evitam até participar de organismos centrais. No caso da de abastecimento, alegaram que sem armazéns nada era possível fazer, nem iam prejudicar contratos que possuíam, de longo prazo, sobretudo com intermediários. Vamos ver o que alegarão agora, com a Central a ser patrocinada pela C. C. Abastecimento, que promete financiamento e já prometeu armazéns... Será que não poderão, com espírito cooperativo, dentro do esquema doutrinário e no interesse do povo, numa hora cruelíssima como a atual, reservar parcela de sua abun-

dante produção para venda direta ao povo?!

Charles Gide havia, para contornar o impasse, proposto que, sobre a margem do preço de venda do produtor e o preço de compra do consumidor, se poderia dar metade a um e a outro metade em diminuição do preço de compra pelo consumidor. Os produtores venderiam leite a 10 centimos a mais e os consumidores pagariam 5 centimos a menos... "Mais c'est là une solution empirique et sans valeur, ni scientifique, ni morale, ce n'est qu'un pis-aller".

Hirschfeld chega à conclusão de que, infelizmente, é necessário reconhecer que mesmo soluções que parecem matemáticas (Augé-Laribé) não resolvem satisfatoriamente o problema, que continua posto, (o grifo é meu). No Brasil, candidamente ou presunçosamente, a lei acenou confusamente para uma fórmula bem mais complexa e com germes de deterioração do sistema.

Isso acaba-se passa na França. No Brasil, repito, cuja infra-estrutura cooperativa é fraca, ainda falha, de insuficiências grandes, um movimento incipiente, longe do estágio de maturidade, evita-se a integração vertical (federações ou centrais, estas criação da lei brasileira), com argumentos falaciosos e enfoca-se aquele organismo híbrido contido no artigo 29 da lei 22.239.

Um Estado Nordestino está querendo copiar a do Rio, mas em circunstâncias completamente diversas. Outros, ao parecer, desejam fazer o mesmo. Depois das centrais, a lei do menor esforço, a sofistaria ou a insinceridade querem generalizar as de abastecimento sejam quais forem as condições de mesologia.

As Cooperativas de abastecimento do Rio foram disciplinadas pela Portaria n.º 523, Portaria feita, por se evitar o pior, como disse, face à definição da lei, às exigências da COFAP e a interesses reconciliantes em jogo (que foram descobrir na 22.239 um dos seus maiores pontos fracos), o que já está dando os seus frutos, como vemos. Nunca, em toda a minha vida de propagandista, fiz em livros, referência a esse artigo

29, a não ser agora em "Crédito Agrícola e problema agrícola", para esclarecimento:

A Portaria foi feita bem a contragosto pelo Serviço de Economia Rural por evitar que aparecessem precisamente colinas pores (a própria lei em certo sentido foi forçada, para que alguma coisa se pudesse fazer). A daí, com compromissos assumidos, por grandes cooperativas agrícolas, fracas: sou precisamente por que lhe faltou a colaboração de suas grandes cooperativas agrícolas (que alegaram, como disse, que, com a não-existência de armazéns, pelo recuo da COFAP, que também negou o financiamento prometido, não poderiam enviar sua produção). E outros fatores intervieram negativamente. Imagine-se o que não acontecerá com cooperativas sem produção suficiente tendo diante de si a esguelha da aquisição a terceiros de mercadorias e produtos manufaturados...

A Portaria é clara: cooperativas agrícolas e agricultores isolados

A do Rio foi uma tentativa frustrada que terminou como terminou: pela porta das compras na própria praça do Rio, para revenda, pelas condições adversas já expostas. Se outras tivessem sido as circunstâncias, acredito que essa porta falsa não teria sido utilizada. Foi aberta em desespero de causa, inicialmente para os artigos que a COFAP vendia nos seus entrepostos e exigiu continuassem a sê-lo pela Cooperativa. Mas havia o controle para que acenou a Portaria

Foi uma tentativa muito avançada, acentua-se, para um meio imaturo cooperativamente falando, como disse, e em moldes acenados pela lei, moldes que não existem nem existiram, como vimos, em parte alguma, embora não seja esse, em rigor, o espírito do artigo 29, dados os exemplos que apresentei encontrados na Europa. O de jure constituído é que se deveria ter invocando, mesmo face à dúbia definição legal. Mas, consultada a Assessoria Jurídica do SER, achou ela que a fórmula da Portaria era aceitável e que o próprio artigo 29 dava até margem a organismos de maior hibridismo...



Pé de boi

Casas e zebu foram transportados numa Kombi, de Goiânia a São Paulo numa distância de mil quilômetros. E, ao que parece, gostaram da viagem. Será que v. poderia fazer o mesmo com uma camioneta da nossa marca? O seu amplo compartimento de carga, de quase 5 metros de comprimento, não só permite levar mais mercadorias, como estas chegam mais rápido ao seu destino e em muito melhor estado. Motivo: na Kombi a mercadoria viaja na zona de melhor suspensão, entre os dois eixos. Transporta com a mesma segurança e facilidade um delicado vaso de flores, como os mais pesados e volumosos implementos agrícolas. Para a Kombi não existem estradas ruins. 24 centímetros separam o seu

chassi do chão, dando-lhe um vão livre bem maior do que o de veículos especialmente construídos para terrenos difíceis. Perfeita estabilidade é assegurada pela própria distribuição do peso: motorista na frente, carga no meio e motor atrás. Suspensão independente nas quatro rodas proporciona rodar mais macio e seguro. Motor refrigerado a ar faz a Kombi subir rampas de 25% sem jamais ferver, simplesmente porque o ar não pode ferver. Simples, robusta e econômica em consumo e manutenção, a Kombi é um verdadeiro pé de boi para o homem do campo. Procure seu Revendedor Autorizado Volkswagen.

VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A. S. Bernardo do Campo — Est. de São Paulo



— o bom senso abre rodas

Vivemos, assim, num país de contradição, de contrastes: ou carro-de-boi ou Caravelle, sem transições... Queremos generalizar, no Brasil, uma fórmula que países muito mais avançados na doutrina e na educação cooperativas ainda conservam no campo cauteloso das experiências... Como as "réglés", não se generalizaram, os "organismos mistos".

No Rio, como vimos, com possibilidades reais de produção agrícola cooperativada e não-cooperativada, viu-se frustrada essa tentativa, enquadrada na fórmula de uma Portaria que deu a única interpretação possível à lei 22.239, para que se não abastardassem completamente princípios consagrados e se pudesse atender a condições especialíssimas do abastecimento do Rio em fase crucial, com pressões e promessas da COFAP. Fórmula criada especificamente para uma cidade como

o Rio, tendo em termo, como disse, elementos potenciais da produção agrícola cooperativada e não-cooperativada e, mais longe, grandes cooperativas, agrícolas que podiam, com boa vontade, ceder parte de sua produção para atender a uma grande população a que fornecem elevada percentagem de produção hortigranjeira. Falaram o apoio e a lucida compreensão devidos. Dal ter terminado, por falta de produção, comprando para revender (dentro da faculdade dada pela Portaria) inclusive biscoitos, enlatados e frutas européias, etc., numa tentativa de temporizar para sobreviver, a ver se surgia maior compreensão, inclusive da própria Prefeitura, que a reconduzisse à sua finalidade precípua: as agrícolas abastecerem mercados e feiras-livres e as de consumo nela se abastecerem (francamente aqui as federações de consumo), objetivo único dos "organismos mistos" da França, principalmente, as sob a égide da "lei chanel", e de outros países, como vimos. Mas, os legisladores ouviram cantar o galo apenas, daí a redação esdrúxula e o órgão híbrido e espírito que procurou configurar, o que provocou a Portaria n.º 523, para que o pior não viesse, como disse. Se se deixasse a exegetas improvisados a



ANIVERSÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO — Conselheiros e funcionários do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara comemoraram, em reunião que contou com a presença de membros da Confederação Rural Brasileira e do Ministério da Agricultura, o primeiro aniversário da administração do engenheiro-agrônomo Kurt Repsold à frente do Conselho Regional da autarquia. Vários oradores destacaram a personalidade do homenageado, ressaltando a operosidade que vem imprimindo aos trabalhos do S.S.R. na prestação de serviços ao homem do campo.

Agradecendo as manifestações de que foi alvo, o sr. Kurt Repsold ratificou sua fé inabalável nos destinos da agricultura como poder econômico capaz de contribuir decisivamente para o desenvolvimento do país.

Na foto, o homenageado quando recebia os cumprimentos do Sr. Irls Melberg, presidente da Confederação Rural Brasileira, em nome da classe rural.

deflagração do que quis o legislador com a redação sincomântica do artigo 29...

A Portaria n.º 523 foi pois, um ato de acanhelamento, num tremendo esforço para interpretar o confusionalismo do artigo 29. Sobre esse artigo 29 sempre silencie em meus livros, em artigos e na própria propaganda oficial.

A Portaria 523 deve ser revogada ou alterada. Como está, feita que foi para condições especialíssimas, não pode ser aplicada a Azm, ou com se-

gundas intenções, diante limiar para desvirtuamentos, o que já se esboça em alguns Estados, não obstante as amarras da Portaria 523, de 27.5.1955: "Essas cooperativas poderão adquirir mercadorias ou artigos manufaturados de terceiros, desde que o resultado apurado na venda dos mesmos não se destine aos seus associados, constituindo Fundo Especial destinado ao desenvolvimento das atividades das cooperativas".

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA CÂMARA

— 288 —

MAIZENA "DURYEA"

Na época em que dirige o antigo Serviço de Expurgo e Beneficiamento de Cereais (Rua Equador - Caiç do Porto - Rio de Janeiro) recebi, com prazer, por mais de uma vez, a visita ora de um ora de outro, representante das REFINARIAS DE MILHO BRASIL, empresa que, sem dúvida autorizada pela CORN PRODUCTS REFINING COMPANY de Nova York, passou a abastecer o nosso mercado interno com o amido de milho e outros produtos extraídos do milho, que se recomendavam pela pureza, à alimentação.

O amido de milho, conhecido

há muitos anos pela denominação dada a sua marca MAIZENA é empregado como alimento nutritivo e de fácil digestão.

O produto "refinado", vendido em pacotes, traz o nome de seus primeiros fabricantes: — "Duryea".

SUGESTÕES MAIZENA contém receitas preparadas e experimentadas por dona Helena B. Sangirardi.

Do índice do folheto consta: Prólogo

Acampamento índio

Receitas práticas e receitas teóricas

Malzena na alimentação da infância.

ENTRADAS: — Canapé escocês, delicias, à veneziana, omelete canadense;

SOPAS: — Sopa de tomates, sopa alemã de cerveja, sopa ideal, sopa gostosa, sopa de bolinhas de massa, sopa de palmito, sopa simples;

LEGUMES: — Couve-flor "au gratin", "ramequin", sopa de espargos com molho holandês;

MÓLIOS: — Molho cozido para saladas, molho pardo com cogumelos, molho "divino", molho branco, molho dourado, molho dourado, molho indiano, molho de queijo;

AVE E CARNES: — Pudim de galinha, galinha à transmontana, bôlo de carne, galinha "marajó", creme de galinha e legumes, pato à ruanesa;

PRATOS DIVERSOS: — Linguagem nevada, ostras recheadas, pudim holandês, pudim de camarão, bôlinhos dourados, forminhas de ervilhas, "soufflé" de camarão diferente;

PUDINS: — Pudim de "Ma-lu", pudim de malzena, pudim com gelatina, pudim de amêndoas, pudim de batata doce, pudim de coco, pudim de queijo;

CREMES: — Creme de amendoim, creme de chocolate, "chantilly", creme de Leninha, creme de polchinelho, creme de laranja, creme do céu, creme bi-color, creme divino;

BÓLOS: — Bôlo delicioso, bôlo "tronco de árvore", bôlo "quero mais", bôlo de Natal, bôlo branco, bôlo de "Fernando bôlo branco, bôlo de "Fernando", bôlo paulista, bôlo da moda, bôlo escocês, bôlo de malzena, bôlo "pique-nique", bôlo "Mary" bôlo "Quadrados";

SORVETES E GELADOS: — Pudim de galinha, galinha à transmontana, bôlo de carne, galinha "marajó", creme de galinha e legumes, pato ruanesa;

BISCOITOS E BOLINHOS: — Bôlinhos de malzena, bolinhos de "Yayá" biscoitos "Duryea", losango de nozes, bolinhos em calda bôlinhos, de pinhos de malzena, bôlinhos de malzena com limão;

SOBREMESAS DIVERSAS: — Bôlo russo gelado, sequilhos de malzena, bolinhas de malzena, Pão doce norte-americano, manjar de chocolate, queijo cremoso, rosas princezas, ameixas em neve;

TORTAS: — Torta "Marla", torta "Buttercock" e tortas de banana.

Srs. Prefeitos

Tornem suas cidades mais belas e mais atraentes, servindo-se do nosso grande estoque de plantas ornamentais para os mais variados fins. Há cerca de mais de MEIO SÉCULO nossa firma

Vem fornecendo BOAS MUDAS de plantas frutíferas e ornamentais

CONSULTAS SEM COMPROMISSO

CATALOGOS E FOLHETOS GRATIS

Dierberger Agrícola Ltda.

Fazenda Citra — Caixa Postal 48

LIMEIRA — Estado de São Paulo

Para maior comodidade dos srs. interessados, atendemos também nos seguintes locais: PÔSTO DE VENDAS N.º 1 — situado no Km. 149 da Via Anhangüera, nas proximidades de Limeira e no PÔSTO DE VENDAS N.º 2, próximo à lagoa do Taquaral, no local onde inicia a estrada para Mogi-Mirim, em Campinas

OBSERVAÇÃO

Não confundir o plúvão comestível com os frutos da *Jatropha Curcas* Linn., e da *Jatropha Pohlana* Muell., que são Euforbiáceas venenosas.

Os interessados nos pratos em "SUGESTÕES MAIZENA" devem escrever para a Caixa Postal, 8.151 — São Paulo.

— 289 —

O CREDO DO JOVEM COOPERADOR

Transcrevemos de SUL-CO-OPERATIVISMO que reeditou de "Cooperativas" n.º 34, Washington, DC, junho de 1958:

Creio com fé, na cooperação, por seus sadios princípios e sã-bila filosofia que ela encerra.

Creio que a ação cooperativa é uma função cristã na qual todos temos os mesmos direitos e os mesmos deveres.

Creio na fraternidade dos homens, como meio para conseguir e conservar a paz.

Creio na igualdade de todos os homens e na sua habilidade para resolver seus problemas em comum.

Creio que um bom cooperador juvenil pensa no bem comum e sente satisfação no dever cumprido.

Creio que a educação dos sócios das cooperativas juvenis é necessária para preservar seus sãos princípios filosóficos.

Creio no cooperativismo, por suas normas democráticas de igualdade e porque a todos oferece oportunidades iguais.

Creio num futuro melhor para o nosso País, se desde criança aprendemos a resolver nossos problemas e necessidades cooperativamente.



MASTIFF INGLÊS

290

MASTIFF INGLÊS

I — APRECIACÃO GERAL

O "Mastiff Inglês" é um atleta dotado de grande força e robustez. Tem o aspecto de um hercules tranqüilo e confiante nos seus músculos.

II — ORIGEM

Descendo do Cão da Molóssia (Grécia) que julgam ter introduzido na Inglaterra pelos romanos ou pelos aventureiros fenícios.

III — CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS

Conjunto: — harmonioso. Raça: — concavilínea. Talhe: 70 cm., mais ou menos. Cabeça: — maciça e chata, cujo comprimento está para a largura como 2 para 3. Crânio — largo

Fronte: — chata, sulcada de rugas. Orelhas: — pequenas, finas, colocadas bem ao alto e caídas para os lados. Sobrancelhas: — ligeiramente arqueadas de cada lado de uma depressão da fronte que se prolonga até os olhos. Focinho: — curto, formando ângulo com a linha do crânio e do comprimento igual ao terço do comprimento da cabeça. Narinas: — abertas. Nariz largo. Bóca: — bem fechada. Maxilares: — fortes, passando o inferior muitas vezes, um pouco o maxilar superior (undershort). Pescoço: — forte e musculoso. Corpo: — maciço e forçado. Peto e dorso: — largos. Cauda: — larga, afilando-se para a extremidade, formando ao cair uma curva. Membros: — diretos. Pés: — longos, arredondados. Pelo: — curto, espesso especialmente sobre as espáduas, o pescoço e o dorso. Cór: — Fulva dourado, fulva preta, fulva carregada sempre com a máscara

ADUBOS VIANNA

Fórmulas para todas as lavouras

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Caixa Postal 3572 — Endereço Telegráfico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO



FAZ PARTE DA VIDA BRASILEIRA

Val onde outros não vão, para incrementar os vários setores de produtividade. Estabelece ligações entre sítios e fazendas, vilas e cidades. É o veículo que mais ajuda o homem em suas tarefas diárias, no campo ou no sertão. Integrrou-se como instrumento de trabalho. Sua presença é familiar. Tão natural quanto um pé de café, uma novilha, um arado, uma carréta. Forte, eficiente, útil como nenhum outro veículo, o "Jeep" Universal faz parte da vida brasileira.

Fabricando veículos com mais de 90% de nacionalização, o gigantesco parque industrial da W.O. assegura ao consumidor facilidade imediata de peças de reposição e assistência mecânica especializada aos seus veículos.

Jeep

UNIVERSAL



WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.
São Bernardo do Campo - Estado de São Paulo

DEALERTES DOS VEÍCULOS DA LINHA "JEEP", DO ALMO RILEY, E DO KENAUDI DAUPHINE

negra encarvoadas. Altura: — 70 cm., mais ou menos. Peso: — 55 a 60 kts.

IV — OBSERVAÇÕES

Acompanhamos o cinólogo Eurico de Oliveira Santos ao registrar-mos, sobretudo, os característicos essenciais.

Teve a gentileza de nos comunicar o cinólogo L. Didier, presidente do Kennel Club do Estado de Pernambuco, que o Senhor Benício W. Dias se dedica à criação do "Mastiff Inglês" no Canil situado à Estrada Real do Poço, 410-Recife.

— 291 —

DOGUE FRANCES

I — ASPECTOS GERAIS

Fase animal, também conhecido por Dogue de Bordeaux, reúne todas as qualidades necessárias a um cão de guarda e de defesa: — Intrepidez, força, e, digamos, feroicidade quando agulhado.

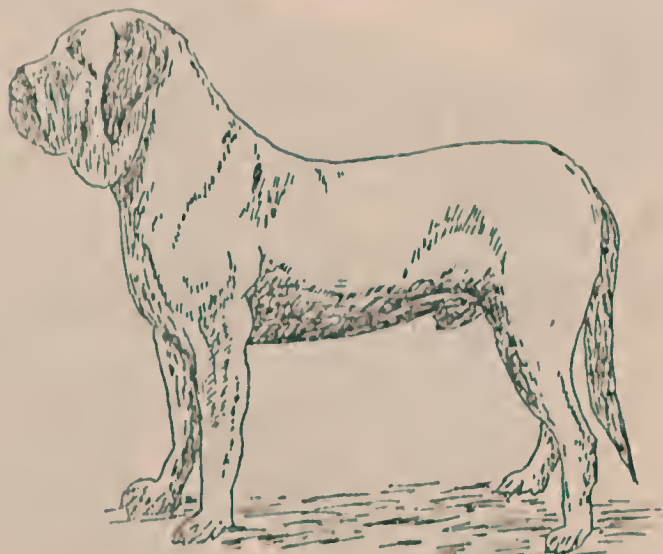
Amigo do seu dono não é, contudo, tão fácil, como apregoam, a docilidade do Dogue Francês.

II — ORIGEM

Julgam alguns cinólogos ser de uma raça velhíssima: — Dogue da Aquitânia, introduzida na Europa (França), pelos ála-

III — CARACTERES ESSENCIAIS

Raça: — concavilínea. Conjunto: — harmonioso. Talhe: — 60 a 70 cm. de altura, sendo as cadelas 60 a 65 cm. Cabeça: — volumosa, de um perímetro tomado atrás dos olhos sensivelmente igual à abertura da cernelha, de uma expressão e carácter particulares, larga, curta, mais chata que a do "mastiff inglês", linha mediana cavada. Pescoço: — robusto. Crânio e face: — rugosos, cavidade frontal profunda. Olhos: — bem espaçados, grandes, pardos, não salientes, algumas vezes injetados, arcadas superciliares acentuadas. Bochechas: — proeminentes, distinguíveis por tumescências ósseas formadas de músculos. As bochecha são bem desenvolvidas. Orelhas: — mé-



DOGUE FRANCES OU DOGUE DE BORDEUS A QUE TAMBÉM CHAMAM, NAS PRAÇAS DE TOUROS, DOGUE ESPANHOL, EMBORA NASCIDOS NA FRANÇA OU NA ESPANHA.

dias, caídas com a base um pouco retralidas, de cor mais escura que o resto do pêlo. Focinho: — espesso, curto sem sem excesso, curto sem excesso, ligeiramente côncavo, rugas bem desenhadas, quadrado, chanfro do nariz, bruceo, formando um ângulo de 90°. Nariz: — largo, sombrio, menos escuro nos indivíduos de máscara vermelha, vertical ou ligeiramente para trás da tumescência do maxilar quando a cabeça está colocada horizontalmente. Maxilares: — possantes sendo o inferior saliente. Dentes: — extremamente fortes. Os caninos inferiores deixam passar os incisivos superiores, caninos fortes ligeiramente curvos. Pescoço: — forte, curto e musculoso. Corpo: — harmônico. Cernelha: — ressaltada dominando a linha dorsal bem direita até a garupa. Dorso: — largo, musculoso. Rins: — curtos. Garupa: — Oblíqua. Espáduas: — redondas salientes. Pêlo: — proeminente profundo. Costelas: — sólidas e arredondadas. Cauda: — tamanho médio de pêlo curto, fortemente implantada e sensivelmente mais fina na extremidade, não passando do jarrete. Lembra, na apresentação, a do "politer". Membros anteriores: — grossos, musculosos, aprumos regulares, algumas vezes lige-

ramente inclinados do alto para baixo e de fora para dentro. Pés: — fortes. Dedos: — cerrados. Unhas: — separadas. Membros posteriores: — alongados. Coxas: — desclidas, bem musculosas. Jarrete: — curtos, nervosos e angulosos. Pelagem: — Pêlo fino e curto de cor ordinariamente fulva desde o matiz ízabel até o matiz acaju passando pelo fulvo franeo, dourado, etc. A pelagem unicolor, de "tons quentes", é a mais estimada. Peso: — 40 a 55 ks., para os cães e 35 a 50 ks., para as cadelas, em média.

IV — OBSERVAÇÕES

Acompanhamos o cinólogo Eurico de Oliveira Santos ao registrarmos os característicos essenciais de que não nos devemos afastar.

Secundando-lo na indicação do Dogue Francês como animal de "tiro".

Devemos lembrar que, nascidos na França ou na Espanha onde são treinados pelos toureiros em agular os touros, fream mais ferozes e desobedientes.

A esses cães, têm procurado dar o nome de Dogue Espanhol.

— 292 —

TABUA

Tífáceas — nome da Família a que pertencem as tabuas, plantas que vivem nos brejos em densas formações mono-específicas.

1 — *Typha domingensis* Kunth., (*Typha angustifolia* Aubl.) das Antilhas e sul dos Estados Unidos até a Patagônia (América, Europa e Ásia.)

Na Amazônia é chamada Paratubana e nos demais Estados do Brasil a tabua é conhecida por Palmeira de Flexa e por Palmeira do Brejo.

2 — *Typha latifolia* Linn. — América, Europa e Ásia.

3 — *Typha truxillensis* H.B.K. — Peru, Equador e Brasil.

"As tabuas são plantas perenes, rizomatosas, de caule mais ou menos cilíndricos, e pontuosos. As folhas ensiformes, coriáceas, lineares, sem nervura central, podem alcançar até 4 m. de comprimento, inflorescências em panícula compridas, com flores numerosas, separadas, na parte

superior as masculinas e na inferioras femininas."

"Vivem nos brejos, riachos, canais de irrigação em densas formações quase mono-específicas".

"As folhas e hastes dão excelente celulose e entram no feltro de esteiras, enchimento de canchais, camisas de garrafas, assento de cadeiras e outras obras trançadas."

"Os rizomas grandes e carnosos, ricos de amido (46%) e de sabor agradável, são comestíveis."

"O polen, além de inflamável, passa como sucedâneo do licopódio."

"A palha das sementes é material de segunda categoria para estofamento e travesselos."

"Nos sítios agrícolas torna-se praga de difícil erradicação, afogando as outras plantas e embarçando a circulação da água."

— 293 —

TAIOBA

Família das Aráceas *Colocasia antiquorum* Schott., var. *scutellaria* Schott., (*Aurum scutellatum* Linn.).

Planta acaule, bem desenvolvida, raiz tuberosa.

Folhas invaglhantes, longopeltadas, ovoides, inteiras, emarginadas na base, grandes, glabras, macias e verde-escuras.

Inflorescência em espadice protegida por espata oblonga e tubulosa.

Baga pequena, com muitas sementes.

Originária da Índia. Pouco cultivada. Prefere os lugares úmidos.

As folhas servem "verdura" muito apreciada e os rizomas, com 5% de amido, são comestíveis.

— 294 —

TAIUIA

Planta conhecida por Guardião Triano perma tayuya Mart.

O Prof. Renato Braga, da Escola de Agronomia do Ceará, considera-a corruptela de táia-á-yá ou tayá, igual à taioba e ao tajá de que, talvez, seja melhor.

— 295 —

TAJA

Planta da mesma Família *Cathartium bicolor* Vent., (urnu bicolor Alt., *Aurum vermiculatum* Vell.).

Espécie herbácea e rizomatosas, de folhas pecioladas, cordiformes, venuladas e manchadas vermelho cruzada com o *Cathartium pleuratum* C. Koch., deu origem a mais de quarenta variedades que, além de ornamentais, na crença popular, de virtudes propiciatórias como portadoras de felicidades.

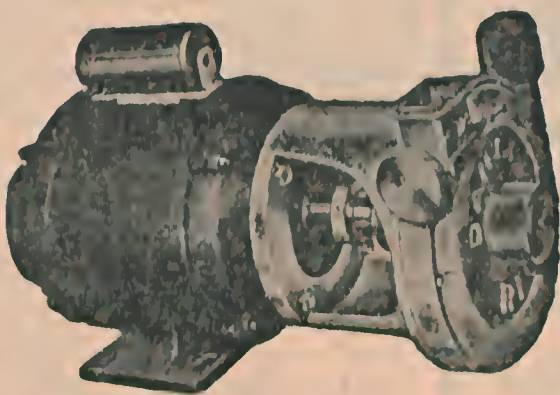
Folhas vulneráveis e produtoras de um suco acre, purgativo, vermífugo.

O rizoma, bulboso e achatado, é tóxico.

Espécie às vezes incolora ou quase sempre diversamente pintadas de vermelho, amarelo escuro.

BOMBAS HIDRÁULICAS

DANCOR
INDÚSTRIA BRASILEIRA



CENTRÍFUGAS

- Com motores elétricos monofásicos de 1/4 a 1 H.P. trifásicos de 0,75 a 5 H.P.
- Com motores a gasolina auto-aspirante de 1, 1/4 H.P. altapressão de 1, 1/2 a 5, 1/2 H.P.

A VENDA NAS BOAS CASAS

Publicadas e garantidas pela

DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECÂNICA

Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "Dancor" — Rio de Janeiro

Conhecido por Cafádio na Bahia, Ara ou Mangará no Rio de Janeiro e outros Estados onde também é chamado Tinho-rao.

— 296 —

URUCU

Família das Bixáceas *Bixa Orellana* Linn., é um arbusto ou árvore pequena, revestida de casca parda, tronco mais ou menos lúmen e copa bem desenvolvida. Folhas longamente pecioladas alternas, condifor-mes-acuminadas, de 8-20 cm de comprimento por 4-15 cm, de largura, às vezes maiores, emarginadas ou truncadas na base, glabras quando adultas. Flores rosas ou branco-roseas, cobertas na face interior de escamas filiformes e vermelhas, dispostas em panículas de 4-5,5 cm, de diâmetro. Cápsula oval-de-globose, de 3-4 cm, de comprimento por 4,5 cm, de diâmetro, às vezes cobertas de espinhos abolidos por 2 valvas. Sementes numerosas, pequenas, cobertas por um arilo polposo avermelhado ou cor de laranja.

A polpa das sementes, além da matéria oleosa, encerra ore-lina ou bixina, substância co-rante inofensiva empregada na tinturaria e na culinária. A in-dustrialização da polpa é rela-tivamente desenvolvida, sendo oferecida no comércio em pó ou em forma de pães.

No arilo encontra-se regular percentagem da vitamina C o que o recomenda para faringite, bronquite e outras moléstias catarrálicas.

As raízes são tidas como diu-réticas.

Os indígenas usam, como adorno e para se protegerem dos raios solares, pintar todo o corpo com urucu.

A *Bixa Orellana* Linn., é en-contrada em todo mundo. Na Bahia e Pernambuco é chamada Açafroá, nos demais Estados e Territórios denominam-na Açafroão.

— 297 —

ZABUMBA

Família das Solanáceas.
1 - *Datura Stramonium* Linn.
(*Stramonium foetidum* Scop.

Stramonium vulgatum Gaertn.
Stramonium spinosum Lam.)

Planta herbácea, anual caule erecto, ramoso, dicótomo, 1 m. a m. a 1m50 de altura. Folhas longo-pecioladas, alternas, am-plas, ovadas, acuminadas, irre-gularmente sinuado-denteadas, lisas, cheiro desagradável, sa-bor acre e amargo. Flores tubuliformes, grandes, brancas ou lavadas de azul, solitárias, cur-to-pedunculadas. Cápsula oval ou arredondada, erigida de grossos espinhos, com muitas sementes reniformes, pretas quando maduras.

Espécie conhecida como mi-driática, estupefaciente e rela-xadora dos músculos. Nas folhas e sementes encontra-se a datu-rina e a stramonina que a tor-nam venenosa. Sob a forma de cigarros ou fumigações as fô-lhas e flores são indicadas no combate à dispnéa asmática desde que o paciente não seja cardíaco. Nem sempre no inter-ior tomam cuidados para ori-entar o emprego do estramô-nio seja como fumigações ou como cigarros. O óleo é empre-gado como calmante sendo um dos componentes do Bálsamo tranqüilo. A ingestão das folhas e das sementes provoca intoxica-ção, dá vertigem até à morte.

Dal chamarem-na de MATA ZOMBANDO, sendo conhecida pelos nomes de Estramônio e Figueira do Inferno.

2 - *Datura Metel* Linn. (*Datura Guayaquilensis* H. B. K.) é sub-arbusto anual, narcótico, medicinal e até venenosa só de-vido ser empregada mediante receita médica. É conhecida pelo nome de Trombeta em Per-nambuco e outros Estados.

3 - *Zabumba branca* *Datura arborea* Linn. (*Datura suaveo-lens* Willd., *Brugmansia cándida* Pers., *Datura alba* Nees.).

Arbusto desenvolvido e bem esgalhado. Folhas pecioladas, al-ternas, pubescentes, oblongas ou oval-lanceoladas, inteiras ou re-viradas. Flores solitárias, gran-des, pendentes, trombetiformes, brancas, esverdeadas na base, 20 cm. de comprimento, 5 esta-mes livres. Cápsula glabra, sub-globosa, pendente.

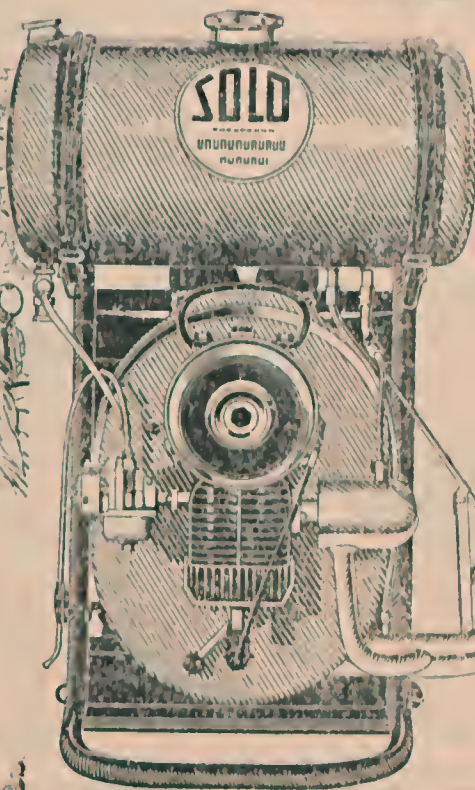
Ornamental. Sedativa pela presença da atropina nas flores e demais partes da planta. Flô-res usadas em cigarro pelos as-máticos.

Originária da América do Sul

VERMES?
OPILAÇÃO?
PANVERMINA
GLOBULOS
DE
GELATINA
(JÁ PURGATIVOS)
Golpe certo
CONTRA TODOS os VERMES
LABORATORIO PANVERMINA
RUA SAMPAIO FERREZ, 38-RIO

POLVILHAÇÃO PULVERIZAÇÃO NEBULIZAÇÃO

**MOTO
POLVILHADEIRA**



Resultado da experiência dos agricultores de todo o mundo, os aparelhos SOLO para proteção das colheitas oferecem estas vantagens:

- * Manejo fácil.
- * Depósito para 10 litros de pó ou líquido.
- * Leve de ser conduzida às colheitas.
- * Alcance do jato: cerca de 15 metros.
- * Pêso máximo do aparelho cheio: 25 quilos.
- * Motor a gasolina de alta relação e de pequeno consumo.
- * Um só homem pode trabalhar 10 hectares por dia.
- * Cobertura total das plantas.
- * Ausência completa de tropicção.
- * Assistência técnica em qualquer ponto de venda.

Distribuidores exclusivos:
SOCIEDADE COMERCIAL E
INDUSTRIAL

LASEC LTDA.
RUA CAMERINO, 61/81
Tels.: 43-4990 e 23-2101
RIO DE JANEIRO

onde é conhecida por Trombeteira branca e por Trombeteiro, no Brasil.

4 - Zabumba roxa *Datura fastuosa* Linn, sub-arbustiva, 1 a 2m, de altura, caule roxo-negro.

Folhas glabras, semi-cordiformes sinuosas ou lobadas. Flores grandes, trombelliformes, corolas roxo-brancas às vezes dobradas e até quadruplicadas. Cápsula oval ou arredondada, erigida de acúleos róxos com muitas sementes.

Folhas e flores calmantes empregadas pelos asmáticos. Venenosa quando usada em alta dose.

Originária da Índia oriental e da África tropical.

Sinônima brasileira *Trobeteira* roxa, *Zabumba* roxa, *Manto de Cristo* e *Anágua de vinha*, na zona do Rio do Sangue, Ceará.

— 298 —

NAVEGAÇÃO EM PARATI

Ao encerrarmos esse número de "A Lavoura" não havíamos recebido as informações solicitadas sobre o município de Parati.

Desejamos, entretanto, inserir ligeira nota relativa ao restabelecimento da navegação regular ligando Parati aos portos de Santos (São Paulo) e Rio de Janeiro (Guanabara).

A medida será útil e de grande alcance para os portos intermediários no Estado de São Paulo (São Sebastião, Ilha Bela, Cangatuba e Ubatuba) como para os portos do Estado do Rio de Janeiro (Tarituba, Mam-

bucala, Angra dos Reis, Jacuicanga, Praia de Araçatuba e Abraão, (Ilha Grande), Conceição do Jacaré e Mangaratiba).

A parte alta do Município de Parati será amplamente desenvolvida com a exploração da fruticultura na Serra do Parati (900 a 1 600 ms.) na Serra Geral (900 a 1 200 ms.).

Os morros do Papagaio, da Forquilha e dos Três Picos poderão vir a constituir atrativos para os montanhistas.

A indústria da pesca será, então, uma vez organizada, racionalmente, muito desenvolvida.

— 299 —

VELAMES

Família das euforbiáceas o velame é arbusto conhecido por diferentes segundo a espécie a que pertence.

O velame verdadeiro (Paratiaba, Pernambuco e Alagoas), velame (Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo) cientificamente denominado *Croton camprestis* St. Hil., é arbusto de 1-2 ms. de altura, ramificado no alto. Folhas alternas, elípticas, quase sésseis, tomentosas. Folhas brancas na extremidade do ramo, aromáticas, tomentosas, em espigas. Fruto cápsula pequenina.

A raiz e o seu polvilho (goma de velame) são depurativos enérgicos, dos mais conceituados entre a gente camponesa. O polvilho também se aplica nas úlceras e feridas como cicatrizante e curativo. Folhas aromáticas e diaforéticas. Flores melíferas.

O velame branco é o mesmo. O velame de cheiro *Croton*

floribundus Spreng., (*Croton asper* Desv.) é árvore lenhosa, alcançando o porte de arbusto. Folhas alternas, oblongo-ovaladas, 5-12 cm. de comprimento, pelos a peros e brancos no dorso. Flores alvacentas, cheirosas, dispostas em espigas.

Assinalado no oeste da serra do Araripe (Ceará) é encontrada do Piauí ao Paraná, Chammam Capixinguí em São Paulo e outros Estados.

O velame preto *Croton moritibensis* Baill., planta arbustiva. Folhas pubescentes, cordiformes, denteadas e alternas. Flores alvas, aromáticas, dispostas em espigas. Cápsula angulosa, contendo 3 sementes. Mesmas propriedades das anteriores.

— 300 —

VERBENA

Nome de algumas Verbanáceas ornamentais, herbáceas, quase rasteiras, anuais, com flores mais ou menos irregulares, hipocrateriformes, dispostas em espigas, coloração variável com as espécies. Verbena encarnada, Verbena roxa além dos híbridos.

— 301 —

OBSERVAÇÕES

O "TEMAS: SUGESTÕES" relativos à TABUA, URUCU, ZABUMBA, VELAME e VERBENA foram parcialmente transcritos de "PLANTAS DO NORDESTE, ESPECIALMENTE DO CEARÁ" do Prof. Renato Braga, da Escola de Agronomia do Ceará.

ISENÇÃO AS COOPERATIVAS

LEI N.º 3.870 — DE 30 DE JANEIRO DE 1961

Isenta da tributação do Imposto de Selo os contratos de financiamentos em que sejam mutuárias as sociedades cooperativas

O Presidente da República:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º. São isentos do Imposto de Selo os contratos de abertura de crédito e de empréstimos que as sociedades cooperativas firmarem com estabelecimentos bancários, para financiamento da produção rural própria ou de seus associados, inclusive o simples beneficiamento dos produtos agropecuários e sua armazenagem para conservação e venda.

Art. 2.º. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 30 de janeiro de 1961; 140.º da Independência e 73.º da República

JUSCELINO KUBITSCHKE, Antônio B. Carneiro, S. Paes de Almeida
Publicado no Diário Oficial (Seção I — Parte I) de 18 de junho de 1959.

- O LEITE É O MELHOR ALIMENTO!

Para seu filho crescer forte,



EXIJA O LEITE EM GARRAFA DE FECHO INVIOLÁVEL DA C.C.P.L.



mais rico e nutritivo porque é protegido
contra qualquer adulteração.

O bom alimento é o melhor remédio
e todo o dinheiro que a Sra. gasta comprando
mais leite é economia em seu lar
porque na verdade a Sra. está ganhando saúde
para seus filhos e sua família. Exija porém
o leite realmente puro - garantido pela
garrafa de fecho inviolável, controlado
bacteriológicamente pela D.I.P.O.A. e os técnicos
da C.C.P.L. Tenha em seu lar o leite
rico em proteínas, gorduras e sais minerais.

E A C.C.P.L.
ASSEGURA AINDA:

pasteurização eficiente
oficialmente controlada
higiene absoluta
engarrafamento mecanizado
controle bacteriológico



-exija leite em garrafa da **C.C.P.L.**

porque o fecho inviolável permite ao consumidor beber, com absoluta segurança, o leite puro, sem fervura prévia.

Experiências oficiais com gado leiteiros para os trópicos

No Brasil Central os criadores de gado bovino leiteiro vêm, desde muitos anos, sentindo a falta de uma raça bovina especializada para a produção de leite e adaptada às condições do meio.

Para o boi de corte, conseguiram uma solução, criando e explorando certas raças indianas, das quais fizeram ainda, mais uma — a INDOBRASIL. Estas, reproduzindo-se com o gado crioulo comum, deram também bons presentes para o corte, que, se não satisfazem plenamente a esta finalidade, formaram, contudo, o gado que, até hoje, tem apresentado os melhores resultados. O que é inegável é que são as raças zebuínas aqui existentes e seus produtos "mestiços" que têm garantido o abastecimento de carne aos nossos mercados internos e até têm permitido a exportação.

Para o gado leiteiro, entretanto, o problema de abastecimento econômico de leite aos nossos consumidores ainda não pôde encontrar solução satisfatória.

As raças européias aperfeiçoadas, formadas em países de clima temperado ou frio, quando levadas para os trópicos, não deram, em geral, os resultados esperados.

Tanto os nossos governos, como os particulares interessados, vêm insistindo, já há muitos anos, na importação, visando a adaptação dessas raças bovinas leiteiras européias ao ambiente tropical, sem que, entretanto, os resultados, até aqui obtidos, sejam equivalentes aos conseguidos em outros países de condições e climas semelhantes aos de origem dessas raças, como, por exemplo, os Estados Unidos da América, o Canadá e a Argentina. Para essas citadas nações, o problema achou uma solução mais facilmente do que para nós.

Temas perdido muito tempo e dinheiro nesse caminho, sem alcançar os resultados almejados.



Touro Holandes preto e branco

Nossos criadores, desorientados e desorientados, não sabem o que devem fazer, ou melhor, como conduzir, acertadamente, sua criação no que tange à raça.

Poucos são ainda os adeptos da importação, tentando em erlar e explorar raças "puras", finas. A grande maioria já não quer tais raças ditas nobres, senão para cruzamentos. Mas, com esta finalidade, empregando outros, ora de uma, ora de outra raça pura, baralliam, deste modo, o problema, sem lhe dar seguimento conveniente. Grande número deles, não satisfeitos com os resultados desses cruzamentos, sem planejamento, recorreram e recorrem ainda ao sangue das raças zebuínas, pondo em sua "vacada" "enraçada" touros-zebus, cujos resultados não têm sido igualmente satisfatórios.

Is o mostra, irretorquivelmente, que há, para nós, o problema da raça, em cuja solução vêm se empenhando os técnicos no assunto.

Assim, diante dos fracos resultados obtidos na criação das raças européias aperfeiçoadas, quer seja em estado de pureza, quer seja em cruzamento absorvente ou de substituição, es-

ses técnicos estão, nesses últimos anos, procurando outras trilhas que possam conduzir aos resultados almejados.

O Ministério da Agricultura, pelo seu órgão de pesquisa, o Instituto de Zootecnia, desde 1948, organizou e pôs em exe-

cução planos para sua, estações experimentais de criação do Km 47 e de Uberaba-Minas; visando formar gado bovino leiteiro para clima quente. Foram eles também estendidos, mais tarde, à Fazenda Santa Mônica — no Estado do Rio de Janeiro. Algumas Secretarias de Agricultura, como a de São Paulo, vêm fazendo o mesmo, o que mostra o interesse e a preocupação com o problema.

Embora não se devendo recomendar, por ora, no, criadores a execução ou a prática desses planos, visto que ainda não atingiram os graus de sangue previstos, nem foram obtidos os resultados finais, parecemos, todavia, de interesse mostrar, em linhas gerais, no que consistem. É o que passamos a fazer, mostrando, no plano do Instituto de Zootecnia acima referido, o que concerne à parte genética, isto é, de reprodução e multiplicação de rebanho.

I — Na Seção Experimental de Criação (SEC), no chamado Km 47 da antiga Rodovia Rio-São Paulo, fêmeas comuns, de Bovinos de aptidão leiteira, escolhidas segundo sua saúde, idade e produção, foram e continuam sendo cruzadas, com

touros de raça Guernsey, leiteira-manteigueira.

Os produtos femininos, deste cruzamento, estão sendo reproduzidos com touros da raça Holandesa malhada de preto, e as fêmeas, deste último cruzamento, acasaladas com touros 1/2 Holandes preto e branco x 1/2 Zebu-leiteiro, procedente de rebanho Zebu-leiteiro da Fazenda de Uberaba.

Finalmente, nesta 3.a geração, fase em que se encontra a execução do plano, escolher-se-ão fêmeas e machos portadores, mais ou menos, de 5/8 de sangue europeu e 3/ de sangue Indiano, para reproduzirem-se entre si, procurando-se, então, fixar ou estabelecer um tipo leiteiro, adaptado às nossas condições, como melhor ilustra o esquema I.

Como base da seleção, os animais são submetidos ao controle leiteiro e à prova de resistência ao calor.

2 — Em Uberaba, na Fazenda Experimental de Criação "Getúlio Vargas" (FEC), incluiu-se também, em 1948, um trabalho de seleção de gado Zebu, onde não tivesse entrada, ainda, as raças européas especializadas, para criação de zebu-leiteiro.

Obedecendo-se ao nosso critério usado para as vacas matrizes da S.E.C., isto é, saúde, idade e produção, foram adquiridas de criadores particulares, na região, em rebanhos zebu "agrilados", certo número de fêmeas, em lactação, que permitiram o início dos estudos naquela FEC.

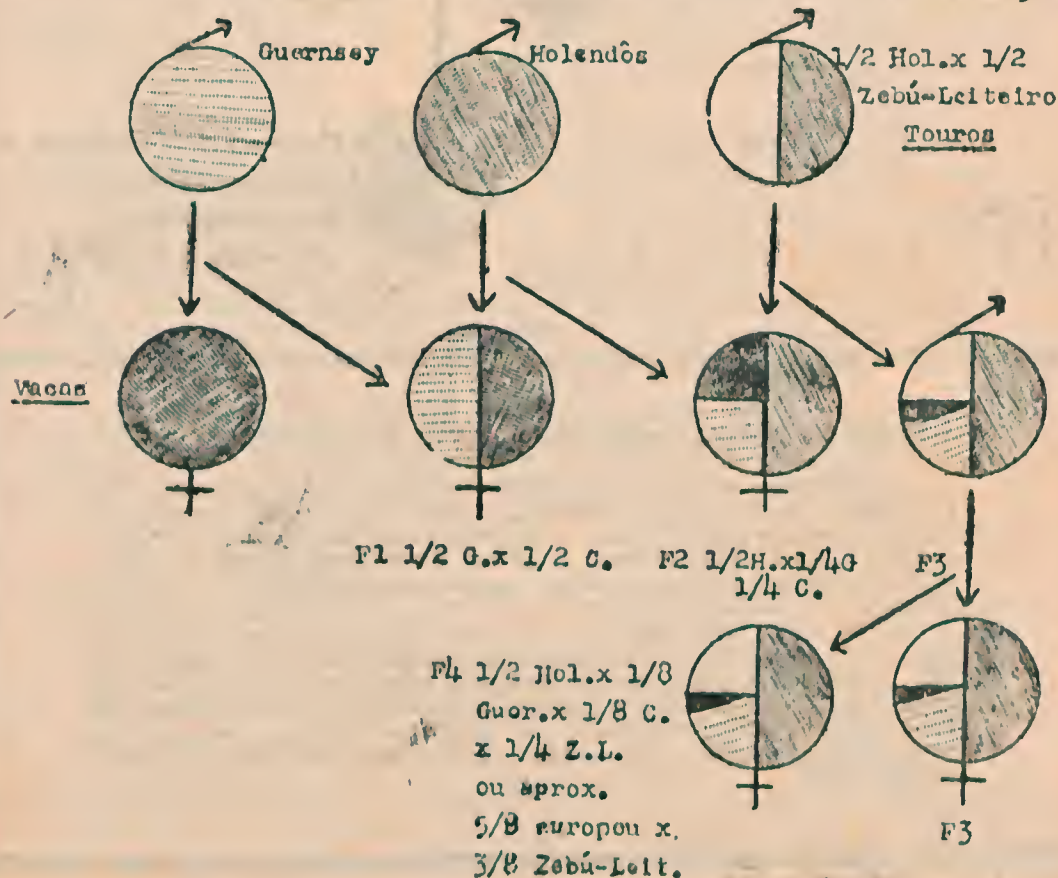
3 — Em Santa Mônica, Juparanã, Estado do Rio de Janeiro, vacas zebus estão sendo reproduzidas com touro holandês malhado de preto, para formar rebanho 5/8 holandês x 3/8 zebu-leiteiro, de acordo com o esquema II.

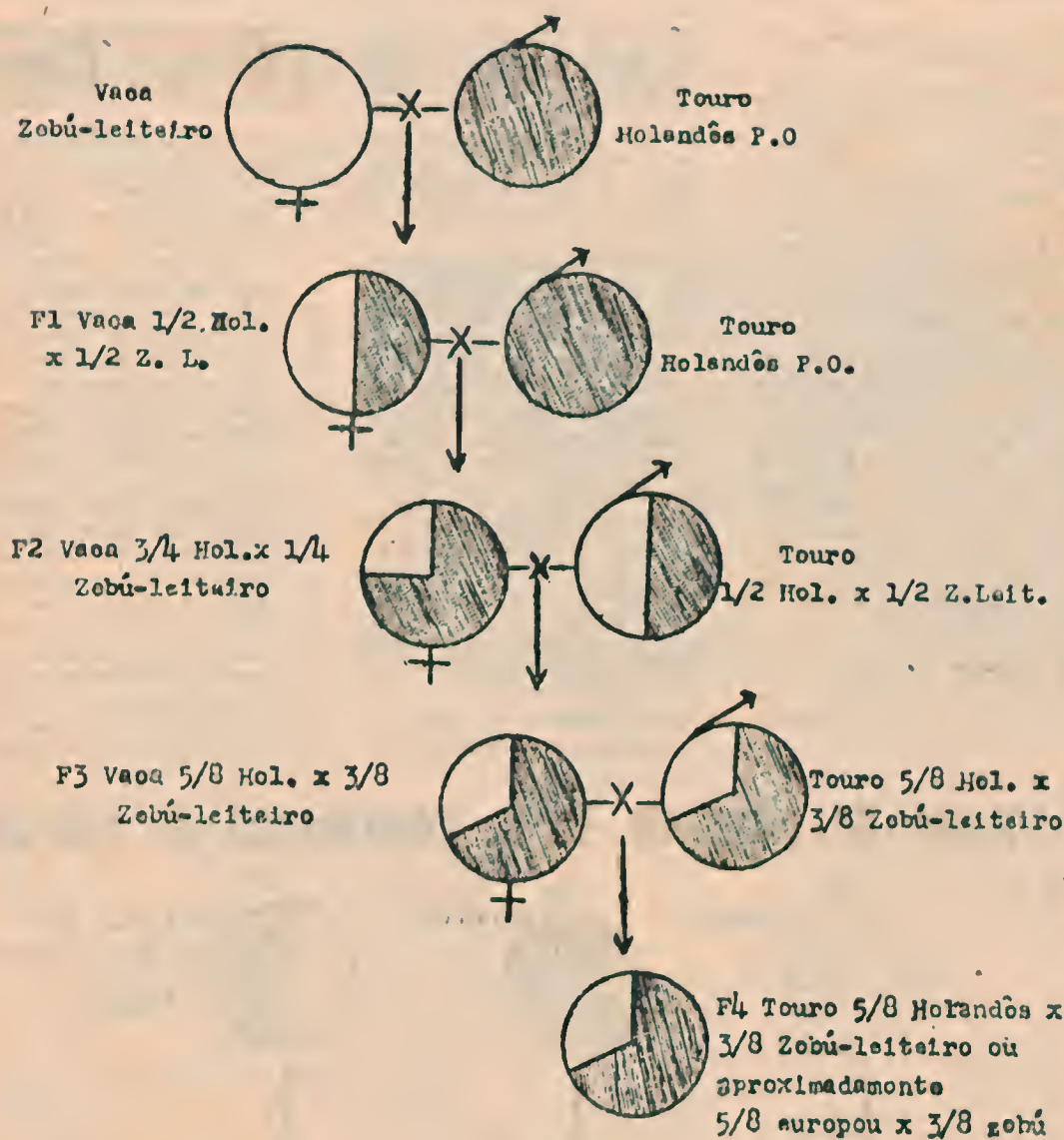
Os resultados até agora alcançados são animadores.

Nossa Capa

Um dos projetos mais importantes das atividades produtores de Arkansas tem sido o relacionado com o desenvolvimento da silvicultura e da avicultura. Esta tem merecido especial cuidados dos fazendeiros e das autoridades do Estado, todos interessados sobremaneira em seu progresso, com adoção de novos processos técnicos. Com cerca de oitenta milhões de aves diferentes tipos na avicultura, Arkansas dispõe presente-mente de uma das mais completas fontes de abastecimento para as diversas regiões do Estado. Esta criação de galinhas é das muitas que são feitas em zonas livres, de "semi-pastoreio para a ave", com economia e racionalização. (Foto IPS especial para "A Lavoura".)

Esquema do plano da seção experimental de criação





A FRANÇA DIVULGA O COOPERATIVISMO ESCOLAR BRASILEIRO

O *Office Central de la Coopération à l'Ecole* órgão governamental francês acaba de divulgar os elementos sobre cooperativismo escolar que lhe foram enviados pelo Serviço de Economia Rural, na pessoa do Sr. Fábio Luz Filho, representante pessoal do Office na América do Sul. O comunicado é longo e preciso em língua francesa, com a epígrafe "Nouvelles des coopératives agricoles dans le monde", aliás adotado há muito para esse tipo de publicações, que vêm abrangendo todos os países do mundo, sendo esse o primeiro sobre a América Latina que é divulgado pelo Office. O Sr. Fábio Luz Filho continua em comunicação com países da América latina para coleta dos elementos essenciais a essa divulgação de âmbito mundial e teve referências, no aludido comunicado, ao seu livro "Cooperativas escolares", já em quinta edição, distribuído pelo Serviço de Economia Rural.

O Banco do Estado da Guanabara e o Crédito Rural

O Banco do Estado da Guanabara S.A., ex-Banco da Prefeitura do Distrito Federal S. A., desde 1947 vem realizando operações de crédito rural, através de sua Carteira especializada.

Atende, preferencialmente, ao pequeno produtor, ainda que este seja simples meeiro de uma exploração agrícola.

As propostas de empréstimos são sempre acompanhadas de orçamentos correspondentes ao objetivo visado, e são examinadas por técnicos do próprio Banco, que oferecem, ainda, sem despesas para o proponente, uma orientação racional para o desenvolvimento de seus trabalhos.

Várias são as modalidades de suas operações no campo agrícola: o custeio da produção, inclusive a aquisição de sementes, mudas, adubos, inseticidas, fungicidas, forragens e matérias primas; o melhoramento mobiliário — aquisição de máquinas agrícolas, caminhão para transportes rurais etc.; o melhoramento imobiliário, o reflorestamento e tudo, enfim, que se relacione com a produção rural levada a termo por agricultores, cooperativas ou associações, devidamente registrados na Secretaria de Agricultura do Estado ou no Ministério da Agricultura.

Atualmente no Estado da Guanabara, adquire especial destaque a produção avícola, e o Banco tem dado plena assistência creditícia a esse ramo.

Quanto ao aspecto garantia das operações, distingue-se das demais, pela sua especial natureza, o tipo "crédito pessoal". Um agricultor poderá levantar um empréstimo até Cr\$ 200.000,00, mediante o desconto de promissórias contendo somente a sua assinatura; repousa o critério para a realização dessas operações, exclusivamente, na idoneidade e capacidade profissional do candidato ao empréstimo.

A experiência que vem sendo revelada nesse setor operacional do Banco tem sido excelente, tanto que o mesmo Estabelecimento vem ampliando gradativamente os recursos destinados a esse fim.

De acordo com o Decreto 22.010, de 30-10-46, que dispõe sobre o crédito rural, através do Banco do Estado, deveria a antiga Prefeitura do Distrito Federal depositar no Banco, anualmente, durante dez (10) anos consecutivos, Cr\$ 50.000.000,00; todavia, apenas, Cr\$ 74.000.000,00, nesse período, foram, efetivamente, depositados. O Banco porém, com seus recursos próprios, já elevou tal cifra para Cr\$ 100.000.000,00, ultrapassando-a, por vezes, quando as solicitações de empréstimos a isso impelem.

Tem sido decisiva a assistência creditícia proporcionada pelo Estabelecimento de Crédito Estadual. Não fora isso e teríamos agravada a situação dos lavradores e criadores cariocas, pela estagnação do processo de desenvolvimento agrícola, com o consequente maior entecimento dos produtos hortigranjeiros.

A ação do Banco estendeuse, também, às regiões circunvizinhas abastecedoras da cidade do Rio de Janeiro e grande tem sido a afluência de agricultores do Estado do Rio.

Os prazos, a forma de resgate dos empréstimos e seus limites, são, tanto quanto possível, uma vez que não dispõe o Banco de maiores recursos para essa finalidade, consentâneos com o desenvolvimento da atividade financiada.

O Banco do Estado da Guanabara realiza, ainda, outras operações bancárias, tais como depósitos, cobranças, empréstimos ao comércio, financiamentos imobiliários, em letras hipotecárias de sua emissão etc. Cogita-se, agora, da ampliação dos financiamentos industriais, obedecendo a um plano racional de desenvolvimento do parque industrial do Estado.

Carência de Veterinários

NAPOLEÃO FONTENELLE

A modernização da agricultura, nela compreendida a pecuária, é hoje considerada um dos pontos-chave do desenvolvimento econômico, em vista da crescente demanda de alimentos e matérias-primas que têm pressionado o setor primário, exigindo-lhe uma radical transformação nos métodos tradicionais de produção, somente possível pela introdução de uma tecnologia contemporânea como fator de incremento da produtividade agropecuária. Torna-se, pois, condição essencial do próprio desenvolvimento econômico a disponibilidade de um grande contingente de técnicos, entre os quais se destacam os veterinários, para a realização desse amplo processo de renovação da economia rural.

É atualíssima a advertência do saudoso líder industrial Euvaldo Lodi: "O Brasil não poderá estruturar a sua economia, não poderá construir um edifício econômico, não estabelecerá uma economia estável, harmônica, arquitetada, sem que haja efetivamente uma agricultura desenvolvida, racionalizada como fundamento da riqueza comum.

Esta necessidade de desenvolvimento do setor agropecuário tem sido posta em evidência pública, nesses últimos anos, pelas sucessivas crises de abastecimento. É dos mais rápidos do mundo o crescimento demográfico do Brasil e o estado atual da pecuária — como de toda a agricultura —, carente de tecnologia moderna e com baixos índices de produtividade, já não corresponde às necessidades de consumo de uma população que cresce em tamanha progressão. Basta ver o que ocorre num setor fundamental — a produção de leite — em que os rebanhos da maior zona produtora do País, abrangendo áreas fluminenses, mineiras e paulistas, que constituem a base leiteira que abastece a cidade do Rio de Janeiro, apresentam-se com níveis de produtividade inferiores em 2 a 3 vezes aos da União Sul Africana, Chile, Polônia, França e Itália; em 3 a 4 vezes aos da Espanha, Finlândia, Canadá e Estados Unidos; em 4 a 5 vezes aos da Suécia, Alemanha e Suíça; e em 5 a 6 vezes aos do Reino Unido, Bélgica e Holanda. Ainda não contamos com raças de gado leiteiro adaptadas às diferentes regiões, constituindo-se os rebanhos à base do gado comum (de origem colonial) ou azebuado. Somente neste setor caberia ao Ministério da Agricultura manter uma fazenda experimental de criação em cada zona produtora de leite, empenhando um mínimo de 200 veterinários nos estudos e pesquisas que, atualmente, o Instituto de Zootecnia realiza em apenas quatro centros de seleção e experimentação referentes aos gado leiteiro e nos quais se ocupa uma dúzia de técnicos.

Idêntico é o panorama da pecuária de corte, em cuja ínfima produtividade reside a causa primordial das constantes crises no abastecimento interno de carnes e do afastamento de nosso País como fornecedor dos mercados internacionais. Embora, nas duas últimas décadas, haja crescido de 81% o rebanho bovino, a produção de carnes aumentou somente de 60%, apenas o suficiente para

acompanhar o crescimento demográfico, que foi da ordem de 59%. Deve-se esse fato à qualidade inferior do gado de corte, aos métodos anaerônicos de criação, aos sistemas defeituosos de produção e comercialização. É por demais baixo o desfrute do rebanho brasileiro, que se vem mantendo em torno de 11%, quando em países de pecuária evoluída chega a atingir 25%. O aprimoramento da pecuária de corte, visando aumentar o rendimento dos rebanhos — não somente bovinos, mas das demais espécies de açougue — é um vasto campo aberto à atividade dos veterinários, que exigiria desde logo a presença de dez vezes mais profissionais de que os atualmente existentes no Ministério da Agricultura, para todos os setores de trabalho ligados à produção animal.

A orientação tecnológica das indústrias, assim como a inspeção sanitária dos produtos de origem animal destinados ao consumo

A LAVOURA

ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL
DE AGRICULTURA E DAS CLASSES RURAIS
DO ESTADO DA GUANABARA

Fundada em 1897

Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES LOPES

Presidente da Sociedade

LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor Responsável e Redator-Secretário

Eng.º Agrônomo ANTONIO DE ARRUDA

CÂMARA

Diretor

Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Diretor Técnico

Eng.º Agrônomo GERALDO GOULART

DA SILVEIRA

Redator-Técnico

CARLOS ALBERTO SOARES

Chefe de Publicidade

Redação e Administração:

General Justo, 171

Telefone: 42-2981

Caixa Postal: 1245

Rio de Janeiro

Nem a redação da Revista nem a Sociedade Nacional de Agricultura são responsáveis pelos conceitos emitidos em artigos assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar — Tel.: 13-1432 — End. Tel.: "LINEFE." C. P. 7257

— SÃO PAULO —

público, constituem outros setores altamente deficitários em pessoal técnico. Enquanto o quadro do Ministério da Agricultura conta com 111 profissionais para os trabalhos dessa natureza, estão ali registrados 1.382 estabelecimentos industriais a exigir inspeção permanente, sendo 997 fábricas e entrepostos de laticínios e 385 matadouros, fábricas de produtos suínos, frigoríficos, charqueadas e outros estabelecimentos industrializadores de carnes e derivados. A significação econômica da atividade orientadora (que tem faltado) dos processos de industrialização de carnes assume relevo quando se sabe serem crescentes os abates realizados nos estabelecimentos mal aparelhados, onde impera o desperdício de subprodutos. Somente a produção de queijos, cujo valor ascendeu a mais de 2,5 bilhões de cruzelos em 1959, comportaria o engajamento de uma centena de veterinários num programa educativo junto aos produtores.

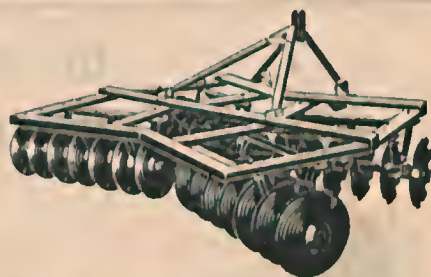
CARRÊTAS



ARADOS



GRADES



...e outros implementos agrícolas

PONTAL

PONTAL MATERIAL RODANTE S.A.
Vendas pelos revendedores autorizados de
PONTAL MERCANTIL S.A.

à PONTAL MERCANTIL S.A.
Av. do Estado, 5783 - S. PAULO - C. Postal 8.333 - Fone 37-4195
Faça enviar-me grátis, folhetos das(s) artigo(s) assinalada(s) e de
revendedores mais próximos.

Nome: _____ C.P. _____
Rua _____
Cidade _____ Estado _____

☐ CARRÊTAS ☐ CARRINHOS ☐ RODAS
☐ RODEIROS ☐ TROLÊ ☐ IMPLEMENTOS
Marque no quadrinho o artigo de seu interesse.

Importa acentuar, também, a repercussão do trabalho de inspeção veterinária na melhoria dos produtos dados a consumo. Exemplo expressivo é o do leite fornecido à cidade do Rio de Janeiro cuja taxa de rejeições caiu, progressivamente; de 2,81% em 1954, para 0,71% em 1959, desde que se concentraram maiores recursos na fiscalização sanitária da respectiva zona de abastecimento, que inclui 3 entrepostos e 67 usinas de beneficiamento no interior. O controle microbiológico revela, que em 1954, apenas 39,6% das amostras examinadas satisfaziam ao padrão exigido para o consumo, percentagem que foi sendo elevada gradativamente até 1959, quando 96,3% das amostras atenderam àquela padrão. A realização de trabalho idêntico, tendo em vista a garantia sanitária do abastecimento de leite às demais cidades do País, é dever preçioso do poder público mas não pode sequer ser programado por falta absoluta de executores capacitados.

A mesma falta é uma constante em todos os serviços do Ministério da Agricultura. O órgão eminentemente de pesquisa, por exemplo — o Instituto de Biologia Animal — funciona com um quadro de 32 veterinários. A divisão de Defesa Sanitária Animal, tem a seu serviço somente uma centena de profissionais em todo o País. No setor de Caça e Pesca, que comportaria, numa situação ideal, algumas centenas de técnicos para o estudo de biologia da fauna silvestre e piscícola, tecnologia da pesca, fomento da piscicultura, controle e defesa desses importantes recursos naturais, se ocupa tão somente uma dezena de veterinários.

Nos postos agropecuários que são órgãos criados para a assistência direta ao produtor, são raros os veterinários, embora fosse prevista, em caráter obrigatório, a presença desses técnicos, ao lado dos agrônomos. De início, seria necessário, para prover tecnicamente esse setor, um mínimo de 200 veterinários.

MOGI DAS CRUZES

Centro de Estudos e da Produção de Mudaz de Oliveiras

Vem tomando grande impulso nos últimos anos o interesse pela cultura de Oliveiras em várias zonas do Estado, bem como em outras partes do Brasil. Não é porém esta a primeira vez que este fato ocorre, mas todas as tentativas anteriores de implantação dessa preciosa cultura em nosso meio, redundaram em fracasso, quer que completo. O fato se deve a 2 fatores principais: A falta de mudas selecionadas, de boas variedades, adaptadas às nossas condições e a falta de conhecimentos sobre os tratamentos a serem dispensados às árvores, particularmente no tocante a adubação.

Todas as plantações anteriores, quase sem exceção, eram feitas com mudas importadas de diversas partes, especialmente da Argentina e de Portugal, mudas essas difíceis de serem conseguidas, de preço elevado, de origem desconhecida, de variedades ignoradas e sem termos nenhuma noção sobre o

seu comportamento nas nossas condições de solo e clima. Os resultados não poderiam ter sido outros!

Mas bem outro é o quadro da situação no momento, pois graças ao trabalho de verdadeiros pioneiros, já dispomos hoje, de grande quantidade de mudas de alta seleção, obtidas a partir de árvores matrizes de comprovada produtividade nas mais diversas zonas do Estado. Disponho também de dados seguros sobre as necessidades de trato e adubação, para a obtenção de produções abundantes e compensadoras.

Mais uma vez a iniciativa particular toma a dianteira.

Há muitos anos que dois fruticultores e viveiristas de Mogi das Cruzes, o sr. Erich Ostermeyer (sucessor do saudoso Alberto Oswald) da Fruticultura Itapeti — Bairro Rio Abaixo — e o Sr. Edward Burke, proprietário da Fruticultura Mogi — Bairro Caputera — Km. 3,5 (estrada da Pedreira), vêm se

especializando nesse ramo de atividade com o intuito de conseguir a implantação em bases técnicas seguras dessa preciosa cultura entre nós.

Como trabalho preliminar procuraram eles observar as árvores produtivas encontradas dispersas em diversas zonas do Estado. Com a colaboração da Casa da Lavoura local, foi organizado um cadastro dessas plantas, com o intuito de aproveitá-las como matrizes iniciais.

Ao mesmo tempo adquiriram de diversas partes do país e também do exterior, mudas para a organização de coleções de variedades, e assim poderem estudar o comportamento das diversas variedades nas nossas condições.

Paralelamente procuraram resolver o problema da propagação da oliveira, com o fim de conseguir grande volume de mudas a partir das matrizes que realmente revelas em qualidades desejáveis.

Muitas porém, foram as dificuldades encontradas, pois todos os processos tradicionais, tentados exaustivamente, não deram resultados satisfatórios. Assim, um a um, foram sendo

111 ANOS DE EXPERIENCIA
NO CULTIVO DE SEMENTES
1850 - 1961



Sementes de Hortaliças
" " Flores
" " Forrageiras
" " Grama
Bulbos " Palmas

Importadora
L. Daehnfeldt, Ltda.



Fazendo como eu...

faras o certo!!!

Av. Barão de Tefé, 7 - Grupo 301/302 — Caixa Postal 1141
Fones 23-0467 — 43-2183 — End. Telegráfico: DAEHNFELDT
Rio de Janeiro Estado da Guanabara

abandonados os processos de multiplicação por: ponteiros herbáceos, estacas lenhosas, semeadura direta, enxertia sobre *Olivastrum*, enxertia sobre oliveiras Arhequina e outras. Finalmente revelou-se com o melhor, o processo descoberto pelo inesquecível Alberto Oswald, da enxertia sobre *Ligustrum* sp. E' este o único empregado atualmente (borbulhia e garfagem). E' este o sistema que também está sendo adotado pelo Campo de Produção de Mudaz de São Bento do Sapucaí, da Secretaria da Agricultura, com material proveniente de Mogi das Cruzes.

Assim, conseguem agora, centenas de milhares de mudas vigorosas, bem formadas e de produção precoce.

A, primeiras variedades, já provadas e produtivas, que estão sendo multiplicadas, plantadas e postas à disposição dos fruticultores são: Ascolana, Bical, Negruseo, Manzanilha, Frantolo, Maralolo, Penafiel, Empeltre, Ceragnola, Arauco, Mission, Santa Catarina, Sevillana, Morinelli, Alto D'ouro, Bela D'Espanha, etc...

Muitas variedades, fora dessas, não podem ser identificadas com segurança, dada a grande confusão que existe em todo o mundo com relação aos nomes.

O controle das árvores matrizes é feito por meio de fichas individuais, (ver modelo) onde são anotadas todas as características de cada planta, bem como a época do plantio, procedência, tratos dispensados, adubações, florescimento, produções e fatores climáticos particulares de cada estação.

Verificaram, porém, que embora fosse a questão da muda selecionada de importância capital para o sucesso dessa cultura, não menos importante se revelou o problema de adubação, pois sem esta, não se conseguem senão cargas muito irregulares e assim mesmo só esporadicamente, em anos mais favoráveis...

Iniciaram então, sob a orientação e a assistência contínua da Casa da Lavoura, ensaios com fertilizantes, com o intuito de determinar um programa de adubação que viesse garantir cargas abundantes, regulares e econômicas. Como fruto desses



O NOVO PULVERIZADOR

Pulverização Suave e Abundante
Com Engraxadeira Automática
Prático e Economico



ASPIRA LÍQUIDO ATÉ 30 METROS E REGULANDO O BICO DA UM JACTO DE 8 METROS COM FORTE PRESSÃO

Serve para qualquer tipo de inseticida, Herbicida - Carrapaticida, Fungicida para Agricultura - Lavoura e Pecuária em geral

É especialmente recomendado para ser usado em Plantações de Fumo, Algodão, Feijão, Arroz, Café, Trigo, Tomate, Uva, Laranja e frutas em geral.

Serve também para pulverizar Animais, Árvores, Desinfetar Cocheiras, Estabulos, Galinheiras, Lavar Máquinas agrícolas, Pulverizar Óleo em Chassis - Motores etc

Preço Cr\$ **2.850,00**

NÃO MANDE DINHEIRO:
PAGUE AO AGENTE POSTAL DE SUA CIDADE AO RECEBER SUA ENCOMENDA REMESSA PELO REEMBOLSO POSTAL.

DINAL LTDA.
CAIXA POSTAL 7206
SAO PAULO

trabalhos, chegaram à conclusão de para garantir tais resultados, será necessário seguir o seguinte esquema de adubação.

A) — ADUBAÇÃO DA COVA

20 litros de esterco de galinha, curtido ou 40 litros de esterco de vaca, ou ainda outro composto orgânico;

1 quilo de Fosforita de Olinda;

Calcáreo Dolomítico (magnessiano) — 1 quilo;

300 gramas de Sulfato de Potássio.

B) — ÁRVORES NOVAS (que ainda não frutificam) EM CRESCIMENTO — (Anqui)

1.ª aplicação — ABRIL — 3 quilos de um adubo de 300 gramas de Calcáreo, fórmula 9-8-7

por metro quadrado de terreno.

2.ª aplicação — OUTUBRO NOVEMBRO — 3 quilos de um adubo de fórmula 9-8-7, 20 litros de esterco de galinha.

C) — ÁRVORES EM PRODUÇÃO

1.ª aplicação (ABRIL) 6 quilos de um adubo de fórmula 9-8-7 Calcáreo que baste para manter o PH do solo entre 6,5-7.

2.ª aplicação (OUTUBRO-NOVEMBRO) 2,5 quilos de um adubo de fórmula 7-7-12, para cada 10 quilos de azeitonas produzidas na safra anterior.

Esterco de galinha — 20 litros.

Como a oliveira tem se revelado também bastante exigente em micronutrientes, particularmente em Boro, recomendamos e aplicam sempre nas adubações, fertilizantes ricos nesses elementos, tais como: Escórias de Thomas Sulfre natural do Chile esterco de galinha. Evitam com isso o emprego de sais concentrados desses elementos, que são de manejo mais difíceis.

Os adubos são sempre espalhados por sobre o terreno.

(Continua na pág. 34)

AVICULTURA

COM UMA SÓ AVE TRÊS PRATOS DIFERENTES

Elidia Cesconetto

Dentre as inúmeras obrigações e atividades da mulher dentro do lar, nenhuma é mais importante que o problema alimentar, desde a aquisição dos alimentos no mercado até a

sua preparação final. Tal problema exige da mulher, cada vez, maiores conhecimentos, quer do ponto de vista técnico, quer econômico. Vemos, felizmente, que nos dias atuais a

humanidade está criando uma consciência do assunto, e mesmo as classes menos favorecidas economicamente preocupam-se em ter à mesa diária uma alimentação sadia e variada. Vemos muitas famílias mesmo humildes fazerem questão de ter à mesa, ovos, carnes, verduras, embora nem sempre preparados de maneira correta. Isto se deve mais à falta de conhecimentos que propriamente aos recursos financeiros, pois é comum ouvir-se falar nas feijoadas completas, cozidos, peixadas e outros pratos caros.

Insistimos, então, que a preocupação da responsável pela alimentação da família deve ser no sentido de oferecer pratos completos, dentro de um padrão racional.

Por exemplo, pode-se, utilizando uma só ave (frango ou galinha), preparar 3 pratos bem dosados, para três refeições. Começamos por escolher os pedaços de menos carnes: pés, pescoço, pontas das asas etc.

1) Refoga-se com temperos (alho, cebola, cheiro verde, pimenta, sal e limão) e leva-se a cozinhar com cerca de 1 e meio litro de água até reduzir essa água a 1/3. Coa-se, separando a carne e os ossos. O líquido leva-se à geladeira depois de frio e corrigido o sal, numa forma de pudim dessas que tem um furo no centro.

No dia seguinte desenformar-se e serve-se acompanhado de fatias de frutas, laranja, maçã, banana, e agrião ou alface.

2) Os pedaços melhores (coxa, sobrecoxa, peito), são deixados num tempero a gosto e no dia seguinte fritos, depois de passados em farinha de rosca.

3) Finalmente temos a carne que ficou dos pedaços cozidos e os miúdos. Estes são regados em temperos e servem para rechear de um pastelão, cuja receita da massa é a seguinte:

Leva-se ao fogo uma xicara de leite e no começo a ferver junta-se 1 xicara de farinha de trigo mexendo para não pegar no fundo até formar uma bola solta. Tira-se do fogo, deixa-se esfriar e junta-se 1 co-

Senhor Avicultor:

Somente a vacinação preventiva pode evitar que a Doença de New Castle acabe com as suas aves

Vacine já

VACINA NEWCASTLE RHODIA

- 1.º) Máxima facilidade na vacinação: emprega-se, simplesmente, na água de beber. Pode ser utilizada, também, em injeções intramusculares.
- 2.º) Liofilizada (seca).
- 3.º) De eficiência comprovada (testada rigorosamente antes de ser posta à venda).
- 4.º) Não contamina.

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUÁRIA

lher de margarina, 1 de sal, 1 ovo e 1/2 colher de chá de fermento em pó. Sova-se bem a massa abrindo muito fina, com uma folha de papel. Divide-se em dois pedaços. Com um deles forra-se uma fôrma, coloca-se o recheio e com a outra cobre-se, apertando bem as bordas e formando um xadrez em tirinhas finas da massa. Pincele-se com gema de ovo levando ao forno regular durante 10 a 15 minutos.

Em Benefício do Consumidor

CADA TIPO DE AVE DEVE RECEBER ALIMENTAÇÃO ADEQUADA

O principal objetivo da criação de aves é transformar cereais, e outros ingredientes, em carne e ovos para consumo humano. Muitos criadores deixam de considerar a importância da boa nutrição na alimentação das aves, para obter em bom crescimento, carne de boa qualidade e ótima produção de ovos. O custo da alimentação representa cerca de 60% ou mais do total necessário para a produção de aves e ovos.

Torna-se óbvio, então, a necessidade de uma eficiente utilização das rações para se conseguir produção econômica de aves e ovos.

O número de quilos de ração necessária para produzir um quilo de frango ou uma dúzia de ovos é influenciado pela qualidade e quantidade de ração consumida. Uma ração de qualidade inferior não é consumida como outra melhor, nem pode produzir crescimento satisfatório ou boa produção de ovos.

O valor de uma ração para aves é bastante influenciado pela qualidade e quantidade relativas dos diferentes nutrientes que contém. Estes, por sua vez, dependem da finalidade para a qual as aves vão ser criadas. Uma ração para promover crescimento difere em vários aspectos de uma ração de engorda, assim como uma ração para produção de ovos para consumo difere de uma ração para aves em reprodução. O conhecimento dos fatores



res que afetam os resultados obtidos, com a utilização de diferentes qualidades de ração possibilitará ao avicultor alimentar suas aves de maneira

mais produtiva, e de modo que os produtos — "carne" e "ovo" — sejam, realmente, no interesse do consumidor, alimentos de alto padrão nutritivo.

A MELHOR PARA A AVICULTURA

Moinho Fluminense S.A.
Fundado em 1907

RIO: RUA URUGUAIANA, 110 - LOJA - C. P. 1350 - TEL. 41.304
S. PAULO: RUA BOA VISTA, 214 - 4º - C. P. 910 - TEL. 33.914
B. HORIZONTE: AV. DOS ANJOS, 841 - C. P. 141 - TEL. 24.8
CAMBÍAS: REP. TACILANTE TREMAGO - R. DUGUE DE CAXIAS, 181

e na sua cidade, procure o nosso representante

OVO — COMO ALIMENTO EMBELEZADOR

A alimentação é uma das principais condições que as mulheres devem considerar, para manutenção de sua beleza natural. A alimentação sadia e bem balanceada contribui decisivamente para a boa saúde do organismo. As mulheres belas geralmente se alimentam de maneira correta.

Além da escolha criteriosa do programa de alimentação, de acordo com o organismo e época do ano, é importante, para a manutenção da saúde e beleza, que os alimentos utilizados sejam de ótima qualidade. A qualidade das proteínas, vitaminas e sais minerais dos alimentos tem grande importância no suprimento dos elementos necessários ao organismo.

O ovo, pela sua riqueza em vitaminas, sais minerais e ácidos aminados de qualidade superior, é um dos principais alimentos a serem incluídos nos programas de alimentação, podendo ser utilizado em qualquer refeição e em qualquer época do ano.

Acondicionado em embalagem natural — a casca —, o ovo não pode ser falsificado, o que assegura às donas de casa in-



Medicação preventiva e curativa das pipocas (ou caroços) dos pintos e aves adultas

A venda à
RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o interior enviamos
pelo reembolso postal

corporarem à sua alimentação os elementos necessários à manutenção da saúde, vigor e bem-estar, e, portanto, às condições essenciais da beleza feminina.

(Conclusão da pág. 31)

numa área um pouco maior que o da projeção da copa (inclusive o estérco de galinha) e a seguir incorporados levemente ao solo superficial com enxada ou uma passagem rasa de grade.

A abertura de valetas para a incorporação de adubo (como muitos fruticultores ainda fazem com pessego, citruss, etc.), tem sem ostrado aumento prejudicial, pois um grande número de raízes são assim cortadas, com o que as plantas se recen-tem, derrubando grande volume de folhas e afetando o florestamento e frutificação.

Os próprios viveiros, são os primeiros a desaconselhar o plantio de oliveiras àqueles que não se propuserem a tratar e adubar convenientemente suas culturas! Portanto, variedades de MATRIZES PRODUTIVAS e ADUBAÇÃO TÉCNICAMENTE conduzidas são fatores de segurança;

Graças ao trabalho incansável de homens como esses, com a assistência dos Agrônomos e Técnicos da Secretaria da Agricultura, podemos hoje olhar com outros olhos para essa cultura que promete ser uma grande fonte de riquezas para a nossa Terra... E MOGI DAS CRUZES, pela iniciativa particular, está pois ocupando mais uma liderança no terreno da agricultura tecnicamente conduzida: centro de estudos e formação de mudas precoces, sadias, perfeitas, de variedades produtivas e o que é importantíssimo: com cadastro perfeito de MATRIZES PRODUTIVAS e estudos.

Mogi das Cruzes, Setembro de 1960

AUTORES:

Eng.º, Agr.º, EDISON CONSOLMAGNO — Eng.º, Agr.º, THOMAS JOSEPH BURKE

NOTA — Todas dúvidas e detalhes sobre assunto poderão ser esclarecidas ou explicadas escrevendo para os autores — endereço por escrito, consultas: à Rua Tenente Manoel Alves, 630 — Mogi das Cruzes — EFCB — Est. de São Paulo.

Kó-Kó-Ró-Kó

CORIZA

GOSMA

E

GOGO

MODO DE USAR

Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventiva — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente na bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuários

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367
RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA



Sociedade Nacional de Agricultura

PROPOSTA PARA SÓCIO

O abaixo assinado propõe para sócio

..... da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA:

Nome por extenso

Nacionalidade Profissão

Enderêço para cargo

Enderêço para correspondência

Nome ou nomes de fazendas que possui e Município ou Municípios em
que estiverem

Gênero de culturas a que se dedica

Variedade de gados que cria

E a propriedade registrada no Ministério da Agricultura

Em caso negativo, a Sociedade encarrega-se de promovê-lo, à pedido
do interessado.

OBSERVAÇÕES:

..... de de 19.....

Assinatura do proponente

Assinatura do proposto

CAPÍTULO II

Dos Sócios

Art. 4.º — O quadro social é composto das seguintes categorias: titulares, efetivos, correspondentes, honorários e beneméritos.

§ 1.º — São sócios titulares os que forem eleitos de acordo com o Art. 16 e seus parágrafos e seu número é limitado a 40;

§ 2.º — São sócios **correspondentes** as pessoas ou associações com residência ou sede no estrangeiro, que forem escolhidas pela Diretoria;

§ 3.º — São sócios **honorários** as pessoas que prestarem à agricultura serviços tão relevantes que a Diretoria as julgue merecedoras desse título;

§ 4.º — São sócios **beneméritos** as pessoas que, por sua dedicação e serviços excepcionais à Sociedade, forem por proposta da Diretoria, aprovada pela Assembléia Geral, consideradas dignas dessas investidura;

§ 5.º — São sócios **efetivos** as pessoas naturais ou jurídicas que, sediadas no país, forem propostas e aceitas pela Diretoria e se dividem, nas classes seguintes:

a) — **individuais** — as pessoas naturais, que pagarem no ato da admissão a jóia de Cr\$ 500,00 e a anuidade de Cr\$ 300,00;

b) — **coletivos** — as entidades ou organizações que pagarem a jóia de Cr\$ 1.000,00 e a anuidade de 500,00;

c) — **filiados** — as associações rurais ou de classe legalmente constituídas e registradas no órgão competente do Ministério da Agricultura, que contribuirão com a jóia de Cr\$ 5.000,00 e a anuidade bianualmente estabelecida pela Diretoria.

d) — **remidos** — os que estando em condições de serem aceitos como individuais e coletivos, pagarem, de uma só vez, a jóia e 15 anuidades.

Art. 5.º — Os coletivos e filiados deverão declarar o seu desejo de participarem do quadro social, ficando a aceitação dependente de resolução da Diretoria.

Parágrafo único. Os sócios efetivos deverão ser proposto por um ou mais sócios, à Diretoria, que deliberará a respeito.

Art. 6.º — Os sócios honorários e correspondentes não terão ingerência na direção da Sociedade, mas gozarão de todos os demais direitos de sócios.

Parágrafo único — Os sócios, em geral, não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 7.º — Poderão remir-se, em qualquer tempo, os sócios efetivos individuais e coletivos, podendo, para esse fim, lhes ser contado um terço das anuidades pagas, até o máximo de mil cruzeiros.

Art. 8.º — Aos sócios titulares, honorários e correspondentes serão expedidos gratuitamente, os diplomas.

AGORA **RURAL Jeep**

Agora em novas cores. Novo estilo do estofamento. Novo sistema de fechamento da tampa traseira. Câmbio na direção no modelo com tração em duas rodas. A RURAL "JEEP" apresenta a mesma excepcional reserva de potência, aproveitamento máximo de cada gota de gasolina e a velocidade que você deseja à mais leve pressão sobre o acelerador. Reunindo mais vantagens que qualquer outro, a RURAL "JEEP" é o veículo mais completo que existe! O alto índice de nacionalização da RURAL "JEEP" é a melhor garantia de completa assistência técnica.

Admire a RURAL "JEEP" - nova linha para 1961, com tração em 2 ou nas 4 rodas - nos Concessionários Willys

NOVA LINHA PARA 1961

WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S. A.

São Bernardo do Campo — Estado de São Paulo



FABRICANTE DOS VEÍCULOS DA LINHA "JEEP", DO AERO-WILLYS E RENAULT DAUPHINE



A FAO E O FOMENTO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NO SUL

A fábrica de leite em pó de Pelotas — Maior produtividade e novos métodos de trabalho — A importância das sementes forrageiras — Fala à reportagem o técnico E. Faber da F.A.O.

Já foi amplamente noticiado pela imprensa a construção da Fábrica de Leite em Pó de Pelotas, empreendimento industrial resultante da colaboração das Nações Unidas — através do FISI, que forneceu equipamentos, e da FAO, que proporcionou assistência técnica — e das autoridades e da indústria privada brasileiras — por intermédio dos Ministérios da Agricultura e da Educação, da Prefeitura pelotense e da Cooperativa Central de Laticínios

Mercado para o produto

Com a palavra o sr. Ejnar Faber:

— “O objetivo da minha missão, iniciada em julho de 1958, é onde assessorar a Cooperativa de Laticínios em todas as atividades relacionadas com o aumento e o aprimoramento da produção leiteira da região, ou, em outras palavras, assegurar à nova fábrica de leite em pó um amplo suprimento de leite da melhor qualidade. Antes do

te; durante este período inicial começamos a produção de sementes forrageiras”.

A importância da produção de sementes forrageiras

O agrônomo brasileiro dr. Osclro Bender, contratado pela Cooperativa para, trabalhando em cooperação com o técnico da FAO, dirigir os trabalhos de desenvolvimento da produção, aconselhou a criação de uma nova atividade baseada na produção de sementes forrageiras, associada a várias pequenas e grandes demonstrações com o fim de revelar as possibilidades de cultivo de pastos melhorados e de plantas forrageiras.

— “Assim” — prosseguiu — “no ano de 1960 tivemos 98 diferentes projetos de demonstração estabelecidos na região, projetos que contribuiram não somente para alertar os produtores quanto às possibilidades de melhoramento de seus pastos, como também para dar início à produção de sementes forrageiras, praticamente in-existent até então. Hoje pode-se dizer que Pelotas é um dos principais centros produtores de sementes no Rio Grande do Sul e a tendência é para aumentar a expansão desta atividade no futuro, uma vez que ela provou ser bastante lucrativa e, ainda mais, deu início à uma procura de plantas forrageiras até então desconhecidas na região”.

Acrecentou o nosso entrevistado que — “Os resultados obtidos até agora são modestos, porém estabeleceu-se uma base sólida que tornou possível expandir consideravelmente o trabalho de desenvolvimento da produção entre 300 produtores. Para que se tenha uma idéia de como creceu o interesse por pastos melhorados na região, é suficiente a seguinte informação: enquanto que em 1959 houve grande dificuldade em colocar 300 ks. de sementes forrageiras, este ano espera-se ultrapassar a venda de 30.000 ks”.

No aumento da produtividade reside a solução

Comenta-se a milão que a produção de sementes não está



Joseph Marty, especialista da FAO em administração de Fábricas, quando realizava ensaios no laboratório do estabelecimento.

da Região Sudeste do Rio Grande do Sul — que, respectivamente, construiu a fábrica, compra a produção total (pelo espaço de 10 anos), cedeu o terreno e proporelona o capital de movimento.

O objetivo desta nossa reportagem é trazer aos leitores o técnico dinamarquês Ejnar Faber, especialista da FAO em fomento de produção leiteira, que juntamente com o sulgo Joseph Marty (administração fabril), presta assistência técnica no empreendimento praticamente desde os seus primeiros dias.

funcionamento da fábrica de leite em pó, os produtores de leite da região tinham um mercado muito limitado para a colocação dos seus produtos, fato que muito contribuiu para que não se interessassem pelo aumento da produção leiteira, nem pelas nossas recomendações que se baseavam no melhoramento de seus métodos de trabalho. A fim de estabelecermos contato com os produtores, lançamos mão de outras atividades que nos permitissem auxiliá-los, posteriormente, com as técnicas da produção de lei-



É MAIS LUCRATIVO MULTIPLICAR A PRODUÇÃO DE 1 ALQUEIRE COM BOM ADUBO, QUE PLANTAR TRATAR E COLHER 3 ALQUEIRES-POIS SÓ A ECONOMIA DE BRAÇOS COMPENSA FARTAMENTE O SALITRE DO CHILE É UM ADUBO NATURAL QUE REFORÇA A PRODUTIVIDADE DO SOLO EXPERIMENTE-O!

SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE.

CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE

PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPÍRITO SANTO

RUA MÉXICO, 111 - 12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)

CAIXA POSTAL 875

TEL 31-1850 - rede interna

diretamente ligada à produção de laticínios, o que é exato até certo ponto, especialmente nos países onde existe em bom funcionamento um serviço de sementes. No caso do Brasil, porém, onde praticamente ele não existe e, em consequência, não se plantam pastos, pode-se dizer que esta foi a mais importante contribuição da assistência técnica da FAO no sentido de aumentar as possibilidades do campo de laticínios na região Sul. De um modo geral acredita-se que para aumentar a produção de leite o melhor seria obter um financiamento para aquisição de mais gado leiteiro. Prossegue o sr. Fa-

ber: — "Explorou-se a possibilidade durante um certo tempo, porém ao se analisar as condições dominantes das fazendas de laticínios e ao se observar o gado faminto vagando em terras improdutivas, chegou-se à única conclusão: a de que seria mais barato e mais simples melhorar as condições das fazendas com o fim de obter a melhor produção em média do gado leiteiro antes de se pensar em aumentá-lo. Fazendo-se um cálculo aproximado, verificamos que na região de Pelotas existem mais ou menos 25/30 000 vacas leiteiras dando em média uns 600/700 quilos de leite por lactação. Esta produção é bastante baixa e vem reforçar a nossa opinião de que a solução do problema não reside no aumento do rebanho e sim no aprimoramento de produção, através de melhores pastos e de superior administração, a fim de que seja atingida a média de, pelo menos, 1.500/2.000 quilos por lactação". — E aduziu:

— "Esta é a nossa meta; atingir aquela média com a introdução de novos métodos de trabalho. Uma vez ela alcançada, então haverá lugar para 3 fábricas de laticínios com a capacidade daquela que ora operamos (capacidade esta calculada em aproximadamente 20 milhões de quilos por ano), sem ter sido necessário aumentar o número de vacas existentes na região".

As grandes possibilidades de região



CIENTISTA BRASILEIRO APRESENTA INFORMAÇÃO NA CONFERÊNCIA MUNDIAL DA CARNE

Buenos Aires, Setembro — Entre os cientistas internacionais aqui reunidos esta semana para a conferência mundial sobre a produção de carne encontrou-se o Dr. João Barrison Villares, no centro, acima, gerente do Departamento de Produção Animal da Secretaria de Agricultura de São Paulo. A direita, o Dr. Robert M. Koch, cientista norte-americano, também presente a conferência, e, a esquerda, o Sr. Ronald Page, diretor veterinário regional da Squibb Internacional. A conferência, a que assistiram peritos em pecuária dos principais países produtores de carne, foi patrocinada pela Faculdade de Agronomia e Veterinária da Universidade de Buenos Aires em colaboração com a Squibb. A sua informação, o Dr. Villares deu ênfase ao papel importante da carne para a nutrição humana. A conferência teve como objetivo, ajudar a resolução do problema do aumento na demanda mundial de carne como resultado do melhoramento nos standards de vida. O Dr. Koch, da Universidade de Nebraska nos Estados Unidos, informou sobre um hormônio natural, synovex, que aumentou o rendimento da carne em novilhos, sem efeitos secundários e sem deixar resíduos na carne, durante uma série de testes. Também tomaram parte nas discussões cientistas do Canadá, México, Estados Unidos, Argentina, Austrália, Reino Unido e Japão.

A produção de laticínios é uma operação complexa e que requer conhecimento e uma certa habilidade. Os diversos aspectos desta operação, tais como alimentação adequada, saúde animal, administração e higiene do leite, etc., têm que ser ensinados aos produtores a fim de que se possa obter uma produção racional capaz de competir com a de outras regiões do Brasil e com a de outros países. O custo da produção em Pelotas é extremamente elevado, mesmo em comparação com as outras regiões do Brasil onde as condições naturais são menos favoráveis.

Finalizando, disse o sr. Fa-

ber: — "Estou certo de que a área de Pelotas é uma das mais promissoras para a produção de leite na América do Sul. Numa área limitada de Pelotas, temos hoje, como já fizemos anteriormente, cerca de 30.000 cabeças de gado leiteiro pastando em terras de ótima qualidade, dividida em numerosas pequenas propriedades de mais ou menos 25 a 50 hectares cada. E esta região, além do mais, tem o privilégio de possuir um clima temperado que oferece condições ideais para uma produção racional de laticínios. O único segredo consiste em adaptar melhores métodos de produção e fazer bom uso da terra".

ORDENS DE PREFERENCIA NOS TRATAMENTOS DO SOLO

De acôrdo com o Professor José Setzer, o tratamento do solo pode ser resumido em dois pontos essenciais:

- 1º) afogar bem o solo e o mais profundamente possível, procurando sempre o melhor contróle da erosão;
- 2º) enriquecer o solo com matéria orgânica na medida do possível, aplicando também, nos solos ácidos, calcário e alguma adubação.

Como indicações práticas para as condições do Estado de São Paulo, diz o Professor Setzer que é preferível enriquecer o solo com a matéria orgânica, atenuar a sua acidez e depois aumentar a sua riqueza química por meio de adubos, do que procurar nutrir diretamente as plantas com adubos minerais muito solúveis. O aumento da colheita, neste caso, é efêmero e pouco compensador, ao passo que as condições de fertilidade do solo não melhoram, e muitas vezes até pioram.

Os solos pouco ácidos precisam anualmente de meia tonelada de calcário moído por hectare; os bens ácidos, de uma tonelada, e os muito ácidos parecem de uma e meia tonelada por hectare.

No caso dos solos arenosos, estas doses podem ser diminuídas, enquanto que para os de brejo, podem ser aumentadas.

O efeito das calagens aparece a partir do segundo ano, e tanto mais depressa quanto mais argiloso, ácido e irrigado for o solo. Depois de cinco ou mais anos, se o efeito benéfico das calagens diminuir, será sinal de que a acidez já se acha bem atenuada. Pode-se, então, suspender-las por alguns anos.

Por outro lado, diz o referido Professor que quanto mais viva a cor do solo, seja ela vermelha, amarela, rosa, alaranjada ou creme, tanto maior é, geralmente, a necessidade de matéria orgânica.

Os solos argilosos, pesados, tornam-se mais permeáveis, fôto e profundos quando tratados com matéria orgânica e calcário durante vários anos. A adubação orgânica, principalmente o estrume, produz os maiores efeitos nas terras e nas arenosas e secas.



econômicos,
elicientes...
duram muito
mais!

DESINTEGRADORES

CASE

a martelos de rotação rápida

É o melhor para sua fazenda, granja, fábrica ou indústria. Construído em dois modelos - H-10-B de 15 a 20 HP e H-14-B de 20 a 23 HP - tritura, mói, desintegra alfafa, feno, bagaço e póipa de cana, milho em espiga (com ou sem palha), milho em grão, palha e casca de arroz, mandioca, café etc.. Peneiras com diferentes medidas de furos (de 1/32" até 2"), conforme o material moído. Dependendo do material, a capacidade de produção horária do desintegrador Case, funcionando com peneiras de 1/4", varia entre 440 e 1.670 quilos.

FATORES DE MAIOR RENDIMENTO

- Mesa de fácil alcance e grande alimentação.
- Moagem rápida, calha aperfeiçoada
- Ventilador poderoso, coletor-cilindro
- Manéis de rolamentos especiais
- Mate-

rial sólido que assegura muitos anos de uso.

MOINHOS DESINTEGRADORES

a martelos rotativos e com ensuadores.

Modelos H-10-B e M-14-B

Polla de 9 cm (3 1/2"), 3 000 a 3.400 RPM.



Distribuidores Exclusivos para o Estado da Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro)

Agentes nas principais cidades

G E O V I A — Comércio e Engenharia S/A
Rio: Av. Venezuela, 27 - s/208-210 - Tel. 43 6329

Precisamos aumentar os índices de produtividade de nossa agricultura

Eng. Agr. Geraldo Goulart da Silveira — Diretor da E.H.W.B.

Os índices de produtividade de nossa agricultura são, sem dúvida, muito baixos, comparados com os de outros países, o que reflete a prática de uma agricultura em grande parte ainda empírica e rotineira.

Entre outros, podemos citar como fatores determinantes do baixo rendimento de nossas culturas, os seguintes:

a) não utilização de sementes de variedades selecionadas, de alto ren-

dimento, resistente às condições adversas do meio e às doenças e pragas;

b) pouca ênfase dada à conservação da fertilidade do solo que deve ser conseguida não só através de práticas culturais racionais, como também através do emprego criterioso dos adubos e fertilizantes;

c) falta, na maioria dos casos, dos tratamentos fitossanitários nos mo-

mentos oportunos. Para que se tenha uma idéia do quanto podemos ainda melhorar nossa agricultura aumentando a produtividade, alinharemos adiante o rendimento por área cultivada, de alguns produtos agrícolas, entre nós, e em outros países:

1 — em primeiro lugar, vejamos o feijão, cujo consumo é tão grande em nosso país. Enquanto a média do rendimento do feijão no Brasil é de 630 quilos por hectare, nos Estados Unidos é aproximadamente o dobro (1320 quilos por hectare); na Turquia é de 1310 quilos por hectare e no Japão é de 1250 quilos por hectare;

2 — quanto ao trigo, que tanto nos interessa, pois precisamos, através, principalmente da utilização da boa semente, aumentar cada vez mais a produção de tão precioso cereal, não são mais animadores os dados. Enquanto o rendimento médio em nosso país é de aproximadamente 410 quilos por hectare, esse rendimento é cerca de cinco vezes maior na França e na Itália (respectivamente 2080 e 2030 quilos por hectare respectivamente); quatro vezes e meia maior nos Estados Unidos (1850 quilos por hectare); três vezes e meia maior na Austrália (1410 quilos por hectare) e cerca de três vezes maior na Argentina e no Canadá (respectivamente 1280 e 1200 quilos por hectare);

3 — quanto ao arroz, cereal de largo consumo entre nós, são, também, muito baixos os rendimentos. Enquanto o rendimento médio, entre nós, é de aproximadamente 1520 quilos por hectare, atinge a 4620 quilos por hectare no Japão, a 2940 quilos por hectare na Coreia do Sul, a 1700 quilos por hectare na Indonésia, etc.;

4 — quanto ao milho, tão apreciado, sob as mais diversas formas na alimentação humana e de tão elevado consumo na pecuária, não é, também, das mais auspiciosas a nossa situação. No Brasil a média de rendimen-



A cultura do milho híbrido deve ser intensificada em nosso país.

to do milho é de 1270 quilos por hectare, nos Estados Unidos é quase três vezes maior (3250 quilos por hectare) em virtude, principalmente, do uso do milho híbrido; na Itália o rendimento é de 3020 quilos por hectare, na Argentina de 2090 quilos por hectare, etc.

Os exemplos acima são bastante elucidativos e dizem bem da necessidade de encetarmos uma campanha de grande vulto, mobilizando esforços para o aumento da produtividade de nossa agricultura.

Necessitamos de Estações Experimentais e Centros de Pesquisas Agronômicas convenientemente aparelhados quer em material quer em pessoal para que possam levar adiante bons trabalhos de pesquisas e experimentações que conduzam a um racional zoneamento agrícola, à utilização de sementes de alta qualidade, as práticas culturais mais racionais e tantas outras medidas que concorrerão sem dúvida, para a elevação do rendimento de nossas principais culturas.

Releva salientar que em virtude de um trabalho bem conduzido de elevação do rendimento cultural, já temos conseguido bons resultados. O rendimento do café, por exemplo, vem aumentando gradativamente em nosso país. Enquanto que em 1957 o rendimento de café beneficiado em nosso país foi de 348 quilos por hectare, em 1958 esse rendimento subiu para 416 quilos por hectare e, finalmente, em 1959 esse rendimento foi de 513 quilos por hectare.

Não só a prática de uma cafeicultura mais racional no Estado de S. Paulo, graças, principalmente aos estudos e experimentações do Instituto Agronômico, de Campinas, mas também, à utilização de terras novas no norte do Estado do Paraná.

Cultura que vem ganhando cada vez mais expressão, principalmente no norte do país é a da pimenta do rei,



O trigo precisa e deve constituir uma cultura de grande expressão em nosso país.

no cujo rendimento por hectare passou de 1316 quilos em 1957, para 1643 quilos em 1958, e, finalmente, 1702 quilos, em 1959.

Convém salientar que os dados acima citados foram divulgados pela FAO através do Production Yearbook (1959), pelo Anuário Estatístico do Brasil (1960) e pelo Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura.

Em face do exposto, e considerando que já é tempo de formular-se uma meta da agricultura para ser alcançada tão cedo quanto possível em benefício de toda a população, pode-se con-

cluir que a elevação do rendimento em nossa agricultura é uma necessidade imperiosa que precisa e deve ser encarada com toda atenção.

Não basta produzir.

É preciso produzir; produzir mais racionalmente; produzir mais economicamente, através da utilização de boas sementes e de práticas culturais as mais recomendadas pela agronomia.

A elevação da produtividade de nossa agricultura não é só recomendável, mas, sobretudo, uma necessidade imperiosa que não pode ser descuidada.

CHEGOU O NOVO MODELO

Torqueses BURDIZZO

DE PRIMA MUNDIAL.

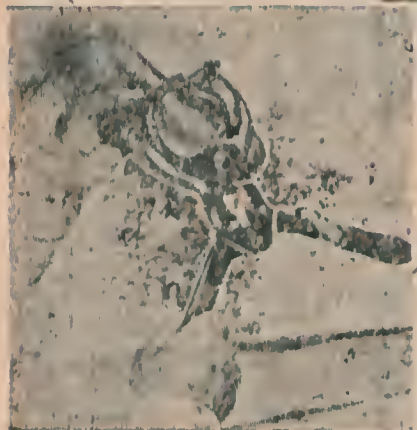
POSSUI DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTÍVEIS DE INFECÇÃO



Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR



Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.



Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão direito para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois a torquês



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGI-SE AOS DISTRIBUIDORES
HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália

Controle da broca do café

L. F. Fontes — Eng. Agrônomo

O presente ensaio, visando ao controle da broca do café, *Hypothenemus hampei*, foi instalado no dia 5 de dezembro de 1958 na Fazenda Agua Limpa, de propriedade do Sr. Cicero Guanais Simões Jr., em Garça, Estado de São Paulo.

O tempo apresentava-se bom, com temperatura muito elevada e chuvas esparsas. Trinta minutos após a aplicação do último tratamento, verificou-se a ocorrência de chuva pesada e passageira, de duração de mais ou menos 15 minutos, que seria suficiente para arrastar o inseticida e inutilizar o trabalho, caso o mesmo tivesse sido aplicado em pulverilhamento.

O talhão onde foi instalado o ensaio apresentava-se pesadamente infestado pela praga.

MATERIAL E METODO

O ensaio constou de 48 parcelas, dispostas segundo blocos de dobrados, consistindo cada parcela de 8 plantas, perfazendo um total de 384 plantas.

Os produtos, testados foram os seguintes:

Dieldrex, 15 C.E. a 18% — Endrex, C.E. a 19,5%.

As dosagens utilizadas foram as seguintes

1000 grs. de princípio ativo por 1.000 plantas

600 grs. de princípios ativo por 1.000 plantas

400 grs. de princípio ativo por 1.000 plantas.

Controle — nihil

Foram aplicadas as seguintes quantidades de inseticidas comerciais para cada tratamento — 4 parcelas — com um total de 32 plantas.

DOSAGEM	PRODUTO	
	ENDREX	DIELDREX
G.P.A.		
1.000	164	176
600	98	104
400	66	72
Controle	—	—

As aplicações foram feitas em pulverizações de baixo volume, usando-se um pulverizador costal comum marca Vermorell e bico de baixo volume Tecjet D2. Para cada tratamento (4 repetições — 32 plantas) foram consumidos 4 litros de emulsão o que dá em média, 125 litros 1.000 pés. Na execução da pulverização foi dada maior atenção aos 2/3 inferiores da planta.

As amostragens, contagens e registro de obser-



Cafesal adulto no sistema comum de elto, vendo-se gado de cria no primeiro plano

vações foram realizadas de acordo com os seguintes:

Crêterios de Amostragem

A primeira e segunda amostragens foram tomadas colhendo-se o maior número possível de frutos broqueados — praticamente todos — registrando-se o número e percentagens de frutos com broca vivas, intoxicadas, mortas e galerias abandonadas.

Na terceira amostragem, um grande número de frutos — entre 500 e 1.000 — foi tomado ao acaso, registrando-se o número e percentagem de frutos com broca vivas, intoxicadas, mortas e galerias abandonadas e também o número de frutos sãdos.

TOTAL DAS 3 AMOSTRAGENS

Percentagens dos Totais de Frutos Atacados Com Produtos e				
	Brocas			Galerias
Dosagens	Vivas	Intox.	Mortas	Abandonadas
Dieldrex				
1.000 gpa.	8,8	8,1	34,6	48,5
600 "	17,2	8,1	39,3	35,4
400 "	19,3	7,8	31,4	41,5
Contrôle	66,8	2,0	7,3	23,9
Endrex				
1.000 gpa.	9,1	5,1	39,1	40,7
600 "	16,9	7,8	29,7	45,0
400 "	23,1	7,5	23,1	46,3
Contrôle	74,9	2,3	6,2	16,6
Testemunha Absoluta	79,0	1,8	5,0	14,2

Percentagem de frutos broqueados, referida ao número total de frutos colhidos.

Percentagem de Frutos Com Produtos e				
	Brocas			Galerias
Dosagens	Vivas	Intox.	Mortas	Abandonadas
Dieldrex				
1.000 gpa.	0,72	0,07	2,85	4,01
600 "	2,16	1,01	4,01	4,42
400 "	2,23	0,90	3,02	4,78
Contrôle	7,07	0,21	0,77	2,53

Percentagem de Frutos Com Produtos e				
	Brocas			Galerias
Dosagens	Vivas	Intox.	Mortas	Abandonadas
Endrex				
1.000 gpa.	1,16	0,65	4,98	5,95
600 "	1,85	0,86	3,28	5,04
400 "	3,16	1,02	3,19	6,32
Contrôle	0,15	0,28	0,75	2,02
Testemunha Absoluta(1)	38,08	0,85	2,41	6,84

(5) — Os dados percentuais de brocas vivas, intoxicadas, mortas e galerias abandonadas da testemunha absoluta são baseados nas médias das testemunhas do ensaio, uma vez que, não foi possível examinar detalhadamente os frutos broqueados; da testemunha absoluta, dado que um número considerável de brocas vivas abandonou os frutos, furou os saquinhos de papel e estava se evadindo do envólucro.

A análise estatística dos dados das 3 amostragens, isoladamente ou em conjunto, conduz às mesmas conclusões gerais que são as seguintes:

- Não há diferença estatística significativa entre os inseticidas testados.
- Não há significância estatística entre as dosagens de 400, 600 e 1.000 gramas de princípio ativo por 1.000 pés.
- Tôdas as 3 dosagens foram altamente significativas com relação à testemunha.

Rendimento da Pulverização a Baixo Volume

O tempo gasto para a pulverização de tôdas as parcelas do ensaio, foi de 3 hs. min.

Se do número total de plantas do ensaio — 384 — subtrairmos o número de plantas das parcelas testemunhas — 96 — teremos que foram realmente pulverizadas 288 plantas.

Em 8 horas efetivas de serviço — 1 dia normal de trabalho — teríamos tratado 658 plantas.

Se considerarmos que para a execução do ensaio, foram preparadas 9 emulsões de concentrações e produtos diferentes e que o pulverizador e as provetas de medição foram lavados 2 vezes — para 3 produtos diferentes — e que para uma pulverização normal de lavoura esse trabalho inexiste, podemos afirmar com segurança que 1 operador devidamente orientado é capaz de pulverizar em média 1.000 pés por dia.

Precipitação Pluviométrica

A precipitação pluviométrica no período de 1.º de Dezembro de 1958 a 31 de Janeiro de 1959 foi de 571,7 mm, distribuídos por 31 dias.

O período de observação do ensaio foi de 13-12-1958 a 10-2-1959.

Conclusões

O presente ensaio nos conduz às seguintes conclusões:

- Os inseticidas Dieldrex 15 e Endrex aplicados em pulverizações de baixo volume são altamente eficientes para o controle da broca do café, em qualquer época do ataque.
- Uma única aplicação de qualquer um desses inseticidas é suficiente para controlar a infestação da broca do café durante o período de suscetibilidade ao ataque.
- A eficiência desses inseticidas foi excepcional mesmo sob condições totalmente desfavoráveis como:
 - Já no início do ensaio a lavoura se apresentava pesadamente infestada pela praga.
 - Mela hora após o término das aplicações verificou-se genda e ligeira precipitação pluviométrica — 0,2 mm.
 - Alta temperatura e alta pluviosidade durante o período de observação — aproximadamente 600 mm.
- Memo sob essas condições verificou-se controle eficientíssimo da praga durante o período de observação — 70 dias — com uma única aplicação dos inseticidas.
- A pulverização é perfeitamente viável; nos focos da praga, nos locais inaccessíveis às pol-

(Conclui na pág. 48)

FORMICIDA SHELL SUPER MATA A FORMIGA!



O novo Formicida Shell Super, à base de Aldrin, extermina realmente as formigas. Sua fórmula é o resultado dos longos anos de ensaios e experiências nos laboratórios e nos campos.

Veja como é fácil exterminar as formigas com o Formicida Shell Super.

1. - Localize o formigueiro e meça a área do terra solta, multiplicando o maior comprimento pela maior largura.

2. - Escolha os canais de maior diâmetro e de direção vertical ou oblíqua para o centro do formigueiro (nunca para fora do formigueiro).



3. - Aplique 30 gramas de formicida por metro quadrado de formigueiro (o que corresponde a 10 "bombadas" usando a Bomba Shell). Ex.: num formigueiro de 40 m² devem-se aplicar $40 \times 30 = 1.200$ gramas de formicida.

Se o formigueiro for grande, trate apenas os canais da periferia, ou seja, os canais que o circundam, não sendo necessário raspar toda a área do formigueiro.

Se o formigueiro for pequeno, raspe toda a terra solta e trate os melhores canais dois dias depois. Neste prazo, os canais entupidos já estarão reabertos, facilitando a operação.



Para exterminar os formigueiros de encosta, fure-se o terreno com a sonda JP ou trado, de modo a atingir as panelas ativas. Pelos furos, onde sai muita formiga, aplica-se o Formicida Shell Super.

Qualquer que seja o tipo de formigueiro tratado, ele deve ser observado após 60 dias. Se ainda houver alguns canais ativos, algumas bombadas significam a completa destruição do formigueiro.

Cuidados pessoais: evitar o contato e a aspiração do pó. Após o trabalho, lavar bem as mãos com água e sabão. Comparado com outros formicidas, o novo Formicida Shell Super é muito menos tóxico.

São surpreendentes os resultados que se obtém com o Formicida Shell Super. Basta seguir as instruções atentamente para livrar-se dessa terrível praga. Ataque imediatamente os formigueiros com Formicida Shell Super!



FORMICIDA SHELL SUPER

NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA

PRODUTOS QUÍMICOS



Notícias e Informações

Centro de Treinamento do Nordeste

O Centro de Treinamento do Nordeste (CETREINO) iniciou em março o segundo período do XIII Curso de Serviço de Extensão e Crédito Supervisionado com a matrícula de 87 técnicos, dos quais 40 engenheiros agrônomos, 39 economistas domésticos e 7 bancários, destinados a trabalhar no Serviço de Extensão do Nordeste.

Farinha de Algas

De acordo com dados divulgados pelo Departamento Horticultura do Clemson College

da Carolina do Sul, Estados Unidos, a farinha de algas atua como regulador do crescimento das plantas. Tratamentos feitos em sementes aceleraram a germinação; pulverizações em plantas estimularam o desenvolvimento de flores e de frutos.

Dia de Conservação do Solo

O dia 15 de Abril será festivamente comemorado em nosso país, pela primeira vez, como o Dia da Conservação do Solo.

A escolha da data é uma homenagem ao técnico Hugh

Bennet pioneiro das modernas técnicas de conservação do solo e proteção ao recursos naturais, pois coincide com a do seu aniversário natalício.

Curso de Extensão em Minas Gerais

Foi iniciado em março, na Escola Superior de Ciências Domésticas de Viçosa, Estado de Minas Gerais, sob o patrocínio do ABCAR, o primeiro Curso de Treinamento Especializado para Economistas Domésticas, visando preparar extensionistas para prestar melhor orientação técnica aos programas de alimentação e desenvolvimento rural em nossos países.

Venda de Açúcar aos EE. UU.

A venda de açúcar brasileiro aos Estados Unidos, embora pareça uma operação fácil, envolve uma série de problemas que dificilmente poderão ser solucionados a curto prazo. A aquisição desse produto, por parte dos EE. UU., obedece a normas rígidas estabelecidas pelo Congresso norte-americano, as quais impedem, inclusive, que o próprio Presidente da República transfira cota de um país para outro, mesmo que esse país faça parte do "Sugar Act" de 1928, do qual o Brasil não participa.

Quando a cota de Cuba foi cancelada, por motivos já do amplo conhecimento da opinião pública mundial, houve uma redistribuição automática entre os antigos cotistas, de acordo, aliás, com as cláusulas daquele Ato, a fim de que o abastecimento de açúcar dos Estados Unidos não sofresse qualquer impacto. Os países signatários do "Sugar Act", entretanto, não puderam atender totalmente à cota cubana, o que levou o Congresso norte-americano a autorizar o Presidente Eisenhower a adquirir cerca de 50 mil toneladas de açúcar de outros países, inclusive o Brasil que foi contemplado com a venda de 12 mil toneladas (a maior cota atribuída a uma nação não participante do "Sugar Act"), de modo a que fosse integralizada a cota retirada de Cuba.

— 444 —

(Conclusão da pág. 46)

vilhadelas motorizadas, onde normalmente é feito o polvilhamento manual, e em fazendas altamente colonizadas onde uma família cuida de um número relativamente pequeno de pés de café.

Conclusões de Ordem Econômica

Considerando

- a — Que os frutos contendo brocas vivas serão, até o final da colheita, completamente destruídos pela praga,
- b — Que o rendimento médio da lavoura não infestada pela praga fosse de 32 arrôbas/1.000 pés,

- c — Que 1 saca de 4 arrôbas de café beneficiado seja cotado ao baixo preço de Cr\$... 1.800,00.
- d — Que 1 homem/dia é capaz de colher 2 sacos de 110 litros de café em côco ou pulverizar 1.000 pés de café, ganhando Cr\$... 150,00,
- e — Que o inseticida custa Cr\$ 200,00 o litro.
- f — E, finalmente, após uma única aplicação, permanece uma infestação residual de brocas vivas que realmente não atinge 2%.

Podemos concluir, ponderando todos esses fatores, que o aumento líquido de produtividade atinge e ultrapassa 35%.



Retrato de uma família sadia...

Esta família, como tôdas as famílias de ontem e de hoje, tem sempre ao lado de si uns "bons amigos". Eles "aparecem" na foto no ar saudável de tôdos, na robustez, na alegria... representando o que há de mais importante na vida de todos nós: a saúde. Eles são nomes muito íntimos, que desde o vovô ao caçula, há muitas gerações, tôda a família pronuncia com satisfação: Os *Produtos Nestlé*!

Êstes "bons amigos da família", os *Produtos Nestlé*, sintetizam tôda uma linha de produtos alimentares que Nestlé vem introduzindo, há quase 50 anos, nos lares de todo o Brasil. E, de tal sorte, tem sido sua contribuição à saúde perfeita da família que, no retrato das gerações sadias, os *Produtos Nestlé* hão de ocupar sempre um lugar de absoluto destaque.

COMPANHIA INDUSTRIAL E COMERCIAL BRASILEIRA DE PRODUTOS ALIMENTARES



C. 8V-283/1/59

COMO COMBATER OS RATOS CASEIROS

F. Martinho Braga

INTRODUÇÃO: — É sabido que o rato é um elemento destruidor da economia humana, em todas as partes do mundo. Na Grã Bretanha os ratos causam anualmente, prejuízos avaliados em 75 milhões de libras esterlinas; nos Estados Unidos o prejuízo ultrapassa a casa de 200 milhões de libras; na França o prejuízo é calculado em 40 milhões de libras; na Alemanha em 200 milhões de marcos; na Dinamarca em 15 milhões de francos e na Índia foi calculado que os prejuízos montavam a 28 milhões de libras em 20 anos (Eurico Santos).

Um dos nossos mais notáveis cientistas o Dr. A. Petriassú, avallou que os prejuízos causados pelos ratos em todo o Brasil ascendem a mais 675 milhões de cruzéis, sendo que só no Rio de Janeiro, eles chegam a ser de 27 milhões de cruzéis.

A avicultura, os ratos causam enormes prejuízos, e estes foram calculados pelos cientistas que chegaram a conclusão seguinte: três ratos consomem ou destroem uma quantidade de ração igual à consumida por duas poedeiras durante um ano.

Agora esses desgastes à economia humana, os ratos são os agentes de várias doenças, entre as quais citaremos, a peste bubônica; a "Sodoca", a espiroquetose hemorrágica, e várias outras.

Notaram os jornais da Guanabara que até o oitavo mês do ano de 1959, haviam sido mordidas pelos ratos, cerca de 350 pessoas, sendo que uma criança faleceu.

Os ratos pertencem zoológicamente à ordem dos Rodentores, cujas características, por Milles e Cjidey, são da seguinte maneira:

"Mamíferos placentados, com cérebro e placentação de tipo generalizado; terrestres e fossários, ocasionalmente arbóreos ou semiaquáticos; pés ungüiculados, articula-

ção do braço e ante braço, sempre permitindo movimento rotatório livre do ante braço; fíbula nunca se articulando com o calcâneo; músculo masseter altamente especializado, dividido em três ou mais porções distintas, têm funções ligeiramente diferentes; cecum sem dobra espiral, fórmula dentária não excedendo, ate quando se conne-

1	0	2	3
ee, e —, c —, p —, m —	22;		
1	0	1	3

dentes permanentes; incisivos escalpriformes crescendo de polpas persistentes, o esmalte dos superiores não alcançando a superfície interna; distancias entre as series dentárias maxilares e mandibulares aproximadamente iguais, sendo ambos os pares de series dentárias capazes de se oporem parcial ou completamente ao mesmo tempo, o movimento primario das

mandibulas na mastigação sendo longitudinal ou obliquo".

Os ratos de que nos ocuparemos fazem parte da sub-ordem das Miorfos e pertencem a família dos Murídeos. Os característicos diferenciais desta sub-ordem, em relação as duas outras (Curomorfos e Histri-comorfos) são as seguintes:

Forame infraorbital; alargado e dando passagem a musculo; tem a porção angular da mandibula sem distorsão; são animais pequenos e todos possuem

os molares com a fórmula —

São especies cosmopolitas de há muito constituindo verdadeira calamidade publica no nosso pais e parece são todas oriundas do Oriente Médio.

A enorme variedade de ratos existentes na fauna indigena pertencem a família das Crietídias e não serão agora estudados.

A separação entre os representantes das famílias dos Murídeos e Crietídias pode ser feita pelas seguintes careteres. Nos Murídeos, portanto nos ru-



Tamanho comparativo: (A) Camendongo; (B) Rato preto, gambi; (C) Ratazana.

tos caseiros exóticos, os molares são cuspidados, e as cuspides dos molares superiores são triseriados, enquanto que nas Crictídeos, ratos indígenas, os molares são cuspidados, laminados ou prismáticos e as cuspides do tipo biseriados.

Os representantes da família dos Murídeos no Brasil estão incluídos nos generos *Rattus* e *Mus*.

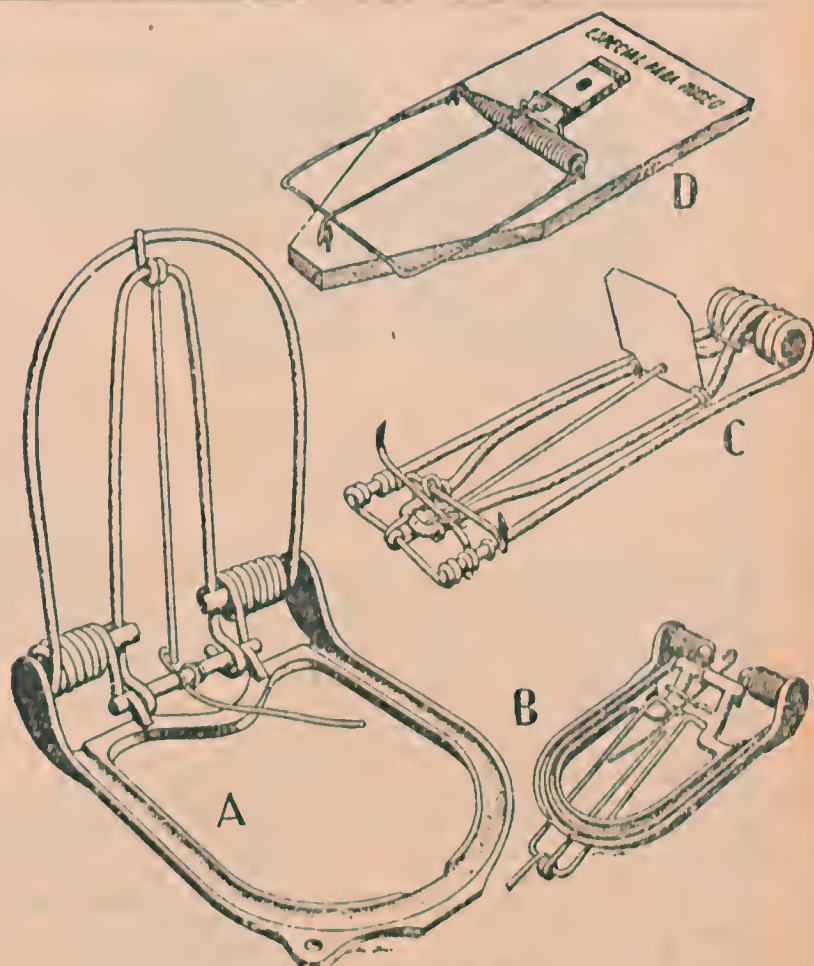
Vejamos como Moojen o nosso maior conhecedor do assunto caracteriza cada uma das espécies aqui estudadas:

A Ratazana: *Rattus norvegicus*, (Berk).

E também conhecida por "rato migrador" rato de esgoto, superfleite dorsal bruno-cinzentto-amarelado, mais amarelto-avermelhado nos lados do corpo; mede 210 mm da ponta do focinho a base da cauda; esta tem 180 mm. Dão cria com três ou quatro meses de idade e dão proles 4 ou 5 vezes por ano ou mais, sendo de 5 a 14 o número de crias em cada parição.

"A prole de um casal, tomando-se para base de cálculo de parições médias e atendendo-se às probabilidades de perda por morte, eleva-se a mais de mil ratazanas em um ano. Em 3 anos a descendência alcançara a cifra de 250.000 e em 10 anos cêrea de 48 trilhões. Uma fêmea pode parir cêrea de 500 filhotes durante a sua vida". Cada animal adulto pesa, em média, 250 a 450 gramas, podendo alcançar pesos maiores. Seus hábitos são semi-aquáticos, não procurando, em geral, as habitações humanas; formam galerias extensas a beira dos cursos de água doce, salgado ou salobra. Nadam e mergulham muito bem e para isso possuem membranas interdigitais.

Todos os alimentos lhes servem, diz Eurico Santos. "São de um onivorismo notável pois tanto comem grãos, como farinhas, resíduos de toda a espécie, de origem vegetal e animal; carne, ovos, peixe, animais mortos, atacando plantas e patos e outros pequenos animais. Como observação pessoal, afirmo que em uma criação de patos comuns, tive muitos atacados, a noite, pelos ratos. Sempre que acudi verificarei que atacavam pela cabeça, cegando logo o patinho". Outra interessante ob-



Diversos tipos de ratoeiras.

servação de Eurico Santos sobre esses animais; é inimigo dos demais ratos, que fogem dele com verdadeiro pavor para não serem devorados. Em uma fazenda do interior, observei galerias de ratazanas que partiam de um monte de pedras e parece desembocavam nas fossas, e muitas vezes vi esses indesejáveis hóspedes circulando por cima de mangedoura do gado, compartilhando da ração deles.

RATO PRETO, GABIRU — *RATTUS RATTUS RATTUS* (Linnaeus)

É este o famoso gabiru do nordeste brasileiro, também conhecido como rato de couro, rato inglês. Tem a superfície dorsal preto-ardosa lustroso, sendo igual a superfície ventral, apenas nessa região a cor preta é menos intensa. Os flancos têm uma coloração média entre a coloração do dorso e a ventral. Mede 190 mm da ponta do focinho a base da base da cauda e esta tem cêrea de 160

mm; é pois menor que a ratazana. Ao contrário desta, prefere viver em lugares secos, "portas a dentro da habitação humana", ou nos letos, nos forros, nos armazens, entre os sacos empilhados nos grandes depósitos dos mercados.

A reprodução começa aos três meses e parem três e quatro vezes por ano, sendo as barrigadas de 3 a 10 filhotes, cada uma. São onívoros mas não canibais, como as ratazanas. Do ponto de vista da saúde humana é necessariamente mais perigoso do que a ratazana, devido aos seus hábitos de vida.

Considera-se presentemente que há duas sub-espécies desse rato. Uma o *Rattus rattus alexandrinus* (I Geoffroy), conhecido vulgarmente por rato cinzento, rato pardo, rato de casa e também gabiru, que tem a superfície dorsal bruno-acinzentado e os lados mais bruno-fulvo e a parte ventral bruno-acinzentada, dando ao todo a coloração acinzentada. De hábi-



Fig. 1 — Armadilha feita de barril.

tos muito semelhantes ao rato preto, é entretanto possuído de tendências caseiras.

A outra sub-espécie é o *Rattus rattus frugivorus* (Rafinesque), conhecido pelo nome de rato de garriga branca, rato de paiol e também gabirú, que como o seu apelido indica, é o rato mais encontrado nos paióis de milho. Tem a superfície dorsal bruno-cinza-avermelhado e a superfície ventral branco puro e as dimensões mais ou menos iguais às dos outros ratos; porém a cauda é mais longa, do mesmo tamanho que a cabeça e corpo.

CAMONDONGO

Mus musculus brevirostris, (Wat.) É conhecido também por murganho ou morgarnro e catita, pois em realidade é até gracioso esse roedor ultra doméstico. A superfície dorsal bruno-cinza-amarelada com a barriga um pouco mais clara do que a região dorsal. Mede cerca de 90 mm de comprimento do focinho a base da cauda e esta tem a mesma dimensão anterior. A fêmea dá 4 a 5 crias anuais, sendo que cada barrigada pode dar 4 a 10 filhotes.

COMBATE AOS RATOS

As ações que visam combater os ratos podem ser consideradas como profiláticas (Antirratização) e destrutivas (deratização).

As medidas para evitar que os ratos se reproduzam em grandes

quantidades devem merecer toda a atenção do lavrador e do higienista. É preciso, pois, impedir por todos os meios possíveis que os ratos encontrem facilidade na sua faina destruidora.

As principais providências a tomar no caso são:

1. Construções a prova de rato;
2. Evitar que os alimentos fiquem ao alcance fácil desses roedores

As medidas de destruição, isto é, para matar os ratos podem ser catalogadas, como: meios químicos, meios físicos, meios mecânicos e meios biológicos.

Os meios químicos consistem no uso de venenos que matam os animais. Não há um veneno ideal; mas é certo que qualquer deles quando bem aplicado, dá bom resultado. Um dos segredos no combate aos ratos, está em saber "trabalhar" com os raticidas, pois os Ratos são ani-

mais inteligentes e ariscos — e qualquer descuido no uso dos venenos pode resultar improficuo o trabalho de sua destruição. Os principais tóxicos geralmente usados nas iscas são óxido de arsênico, carbonato de bário, sulfato de talio, sulfato de estricnina o fósforo branco, o cloneto de potássio, o fluoracetato de sódio e a cila vermelha. Com estes raticidas são preparados as iscas envenenadas. Quanto ao modo de distribuir o veneno eis como se manifesta, James Silver, um especialista no assunto.

"Uma colher de chá ou seu equivalente de cada três ou mais espécies de isca preparada devem ser postos em lugares frequentados pelos ratos. Dentro das casas as iscas devem ser colocadas em tiras de papel ou taboas de madeira a poderem ser facilmente retiradas.

Um método conveniente e feliz de expor as iscas é colocar uma colher de chá das mesmas em cada um dos vários pedacinhos de papel, deixando-os cair em lugares acessíveis aos ratos ou por eles frequentado. Os sacos devem ser fechados torcendo-se as partes de cima.

A isca distribuída desta maneira não despertam desconfiança dos ratos e será tomado por eles mais prontamente do que se for exposta em lugar aberto. É melhor não colocar os sacos junto as tocas, devendo se preferir espalhá-las promiscuamente em diversos lugares. Os ratos costumam levar os sacos para dentro das tocas ou para trás de objetos onde comem o conteúdo a vontade e mais completamente do que em um lugar aberto. Em lugares públicos on-

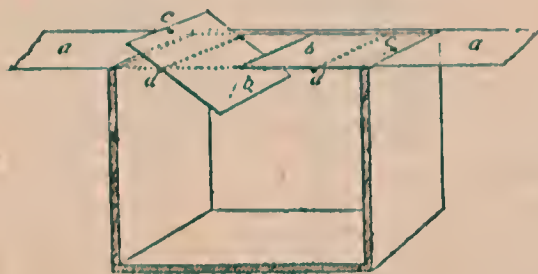


Fig. 2 — Armadilha de caixa.

Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais S.A.

Fundada em 1911

CAPITAL Cr\$ 500.000.000,00

RESERVA Cr\$ 220.000.000,00

Sede:	Belo Horizonte — Praça Sete de Setembro
Sucursais:	Rio de Janeiro — Rua Buenos Aires, 40 São Paulo — Rua da Quitanda, 126
Agências	BRASILIA — Quadra 107 — Conjuntos 28 e 29 PORTO ALEGRE — Rua 7 de Setembro, 116
em outras	CURITIBA — Rua Marechal Deodoro, 10 12 NITERÓI — Rua Almirante Teffé, 628 VITÓRIA — Rua Jerônimo Monteiro, 433
Capitais:	RECIFE — Avenida Marquês de Olinda, 67 GOIÂNIA — Avenida Goiás, 35

AGENCIAS NO ESTADO DA GUANABARA

CAMPO GRANDE	— Rua Campo Grande, 736
PRAÇA DA BANDEIRA	— Praça da Bandeira, 181-A
MADUREIRA	— Estrada do Portela, 40

E mais 90 Departamentos distribuídos pelos ESTADOS DE
MINAS GERAIS — GOIÁS — ESPÍRITO SANTO — RIO DE
JANEIRO — SÃO PAULO.

Correspondente em todo o País

de existe a possibilidade de ser a isca perturbada por pessoas, os sacos devem ser rotulados com a palavra "veneno".

Isca de três ou mais variedades devem ser expostas em grupos. Onde abundam os ratos as iscas podem ser expostas a intervalo de 10 a 20 pés. As iscas não comidas devem ser retiradas no dia seguinte e destruídas. Se se deixam ficar em lugares quentes por mais de um dia, as iscas azedam e o ácido resultante transforma gradualmente o bário em uma forma amarga que é extremamente desagradável aos ratos. Continua-se a distribuir iscas frescas em quantidades menores, todas as noites, repetindo as que são comidas livremente e substituindo as que forem menos apreciadas por outras da mesma classe até que os ratos desapareçam ou não tomem mais iscas.

Em casos difíceis poderá ser necessário adotar o recurso de

começar com iscas não envenenadas afim de apanhar os ratos mais velhos e mais astutos. Para isto expõem-se comidas frescas não envenenadas, todas as noites até que os ratos as tomem livremente, substituindo-as então pelas iscas envenenadas.

O veneno usado perto de galinheiros deve ser exposto em sítios inacessíveis às aves, tais como atrás ou embaixo de calções e as iscas devem ser muito molhadas ou de natureza que os ratos não as possam arrastar para fora.

Aconselha-se ainda "pegar o menos possível na isca ou segurá-la com luva ou pinça". (E. Santos).

Os inconvenientes do uso das raticidas acima mencionados são devido sobretudo as mortes violentas que causam aos roedores, fazendo com que os ratos não envenenados fiquem alarmados com o que vêem e assim não tocam mais nas iscas;

o outro inconveniente é que o rato vai morrer nas tocas causando uma enorme fedentina, bem característica; finalmente o maior inconveniente é que os raticidas nas concentrações que são usados, são também poderosos tóxicos para o homem, as crianças e os animais domésticos.

Eis algumas fórmulas para o preparo de iscas envenenadas, aconselhadas por Eurico Santos:

1) Farinha de trigo ou de mandioca 25 kg — fubá de milho 12½ kg — milho pilado 12½ kg.

Desta mistura tomam-se 8½ kg e junta-se 1½ kg de óxido de arsênico.

2) Mistura base (acima mencionada) 7 kg — carne fresca 1½ kg — Arsênico 1½ kg.

3) Mistura base 7 kg — Peixe fresco 1½ kg — Arsênico 1½ kg.

4) Mistura base 7 kg — San-

que cozido ou queijo ralado 1 ½ kg — Arsênico 1 ½.

5) Farinha de aveia ou outro cereal 3 partes — Carbonato de bário em pó 1 parte.

6) Cevada descascada 16 litros — Estricnina em pó 30 grammas — Goma de amido 175 grammas — Glicerina 1 colher de sopa — Sacarina 2 grammas.

Mistura-se a estricnina com o bicarbonato e a sacarina. Depois adiciona-se a goma misturando-se tudo muito bem. Depois passa-se a cevada nesta mistura que assim fica revestida com uma camada onde se encontra a estricnina. Depois que os grãos estão assim cobertos de pasta, estendem-se sobre um pano ou uma tela até ficarem secos. Acondiciona-se em caixas, convindo rotular com a palavra veneno.

7) Carne picada 100 gr. — Cita marítima vermelha 100 gr.

Algumas gotas de anis para dar aroma.

Até 1940 os venenos empre-

gados para acabar com os ratos eram os que mencionamos acima, quando o Dr. Karl Paul Link, da Universidade de Wisconsin preparou um curioso veneno químico que posteriormente denominou Warfarin e cujos efeitos na matança dos ratos, tem sido extraordinários. Informam os trabalhos científicos que mais de 5 mil testes realizados pelo governo americano provaram que o Warfarin exterminia colônias inteiras de ratos em menos de 15 dias. Foi observando a calma que reinava num curral de vacas intoxicadas e que iam morrendo uma a uma, como que adormecendo sem provocarem pânico, que ocorreu ao Dr. Link a idéia de um matarato diferente dos até então em uso. Descobriu assim que o produto que causava essas mortes lentas, suaves, era o Dicumarol, existente no trevo-de-cheiro deteriorado, que era comido pelas vacas. Foram então pre-

parados mais de 100 tipos de Dicumarol, sendo que o Composto 42, quando administrado em pequenas quantidades, durante cinco dias seguidos, matava todas as cobais em experiências. Vitimados por hemorragia interna, os ratos morriam devagar, mansamente,

quase impereceptivelmente. O Dr. Link deixando as vitoriosas experiências de laboratórios, passou a agir no campo prático, numa fazenda infestada de ratos. Misturou o Warfarin com diversas iscas que eram consumidas pelos ratos, e então todos eles morreram pacificamente, sem convulsões como se fossem dormir, não levando pois, o pânico aos demais membros de sua colônia, que continuavam a procurar as iscas como se nada estivesse acontecendo. E, mais ainda, os insucessos ocorridos em mais de 5.000 experiências provaram que o responsável pelo fracasso era o tipo de isca usado para o emprego do Warfarin.



A transmissão da peste.

O nome de Warfarin foi dado ao Composto 42 em honra da Associação do ex-alunos do Centro de Pesquisas de Wisconsin, usando suas iniciais: Wisconsin Alumni Research Foundation e Coumarina, base química do dicumarol.

O Warfarin é empregado nas iscas na proporção de uma parte para 4.000; por este motivo é que ele é inofensivo para a saúde humana e animais domésticos, pois ele tem que ser ingerido muitos dias seguidos para causar danos.

O Warfarin é um composto sem cor e inodoro; sua fórmula química é 3 (alfa-acetoni-benzil) 4 hidroxicoumarina. Age inibindo a formação da protombina e consequentemente a coagulação do sangue, provocando hemorragias capilares que terminam matando os ratos, para isso devendo ser ingerido pelo menos durante 5 dias em pequenas doses de cada vez.

Depois do Warfarin vários outros anticoagulantes foram descobertos e usados como rodenticidas. Assim hoje temos o **Tomorin**, derivado do Warfarin, e que provoca a morte mais rápida que o produto original.

Um novo preparado é o "Composto 63", cuja ação é tão efetiva quanto a do Warfarin.

Dois preparados: o Sorex-B dos Ingleses, e o Actosin, dos alemães são testados nos laboratórios e se apresentam como excelentes anticoagulantes.

Atualmente investiga-se com o objetivo de encontrar um composto ativo contra os insetos que atacam as iscas envenenadas e que seja ao mesmo tempo um rodenticida anticoagulante. Um dos primeiros preparados encontrados foi o Pivalil que possui as características requeridas.

O Pivalil, dizem os especialistas, numa concentração de 0,025% nos armazéns de cereais controla efetivamente as infestações de todas as espécies de ratos. Atualmente encontram-se nos mercados mais de 300 preparados anticoagulantes com diversas denominações comerciais.

Casa Rural de Tijucas

Concluída no ano de 1960
no Estado de S. Catarina



ASSOCIAÇÃO RURAL DE TIJUCAS



Os meios físicos consistem na aplicação de gases e lança-chamas e os meios mecânicos na utilização de ratoeiras, uso de vlsos, mantaça a tiro e por meio de pancadas. Estes meios estão hoje em dias quasi que sem aplicação devido aos rodenticidas anticoagu-

lantes. O mesmo sucedendo com os meios biológicos (emprego de inhafos e mantaça exclusivamente das fêmeas capturadas, soltando-se os machos). É preciso entretanto ter sempre em mente a necessidade da aplicação das medidas de antirratização, já expostas.



Irrigação de caçeral (Fazenda Luar) Tupã — São Paulo

Águas para as Plantas

Altir A. M. Corrêa
Engenheiro-Agrônomo

A irrigação é o fornecimento de água ao solo, na falta de chuvas, para aproveitamento pelas plantas, na época oportuna e em quantidade determinada. A maioria de nossas culturas é feita contando-se apenas com a sorte, isto é, se chover teremos boa produção; se não chover, toda a plantação estará perdida.

Já passou o tempo de assim procedermos. Hoje, em face do aumento da população, temos que produzir alimentos em maior quantidade, cada dia mais. Portanto, não

podemos jogar com a sorte, temos que progredir, fazer uma agricultura racional, dar à planta água na ocasião oportuna e em quantidade que seja aproveitada.

O excesso de água é tão prejudicial à planta quanto a sua falta. Não é por dispormos de muita água nos reservatórios que devemos inundar a terra constantemente. Cada cultura, em cada tipo de solo, tem uma quantidade de água adequada para sua maior produção.

Há vários métodos de irrigação. Todos são bons e

devem ser aplicados de acordo com as características do terreno, solo e planta, tendo em conta o custo de aquisição e de funcionamento.

A irrigação traz grandes vantagens ao agricultor, principalmente por proporcionar aumento da produção, além de assegurar-lhe uma produção certa. Uma boa irrigação é aquela feita em fase oportuna, fornecendo água não excessiva à planta e pelo método mais adequado.

VENDO SITIO

Vendo um sitio com cêrca de 4 alqueires, em Rodeio (Estado do Rio), com três casas de residência, piscina azulejada, com dois poços artesianos, luz e fôrça e telefone da Light, coqueiras, jardins, etc.

Tratar com Arthur Vianna, em Rodeio, fone 76, aos sábados e domingos; e no Rio 42-7848.

ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

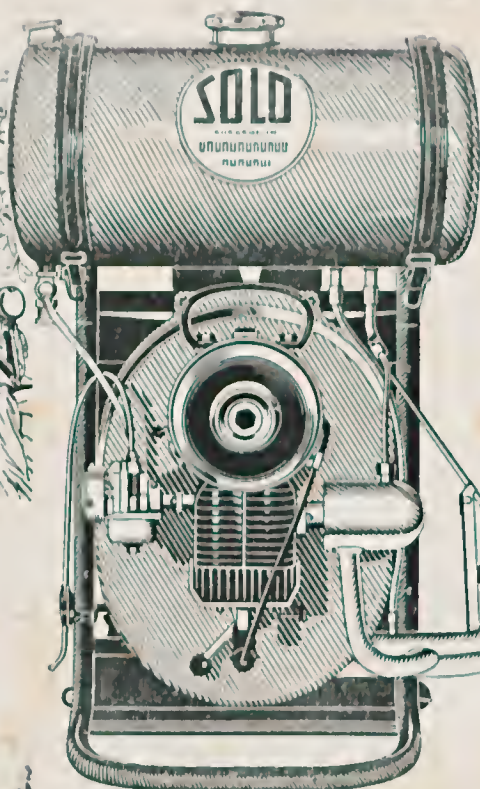
ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSE RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

1043
BIBLIOTECA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro - Brasil





POLVILHAÇÃO PULVERIZAÇÃO NEBULIZAÇÃO



**MOTO
POLVILHADEIRA**



Resultado da experiência das agricultores de toda o mundo, os aparelhos SOLO para proteção das colheitas oferecem estas vantagens:

- * Manejo fácil.
- * Depósito para 10 litros de pó ou líquido.
- * Leve de ser conduzida às castas.
- * Alcance do jato: cerca de 15 metros.
- * Pêso máximo da aparelho cheio: 25 quilos.
- * Motor a gasolina de alta rotação e de pequeno consumo.
- * Um só homem pode trabalhar 10 hectares por dia.
- * Cobertura total das plantas.
- * Ausência completa de trepidação.
- * Assistência técnica - amplo estoque de peças.

Distribuidores exclusivos:
SOCIEDADE COMERCIAL E
INDUSTRIAL

LASEC LTDA.
RUA CAMERINO, 61/81
Tels.: 43-4990 e 23-2101
RIO DE JANEIRO



A cultura da cana de açúcar constitui o alicerce da economia de certas regiões do nordeste. No foto acima podemos verificar as atividades em um canavial de Pernambuco, próspero e progressista Estado nordestino.

BIBLIOTÉCA

SERVIÇO FLORESTAL

Rio de Janeiro - Brasil

SUMÁRIO

	Pág.
A Agricultura e a Constituição da Guanabara	3
Tartarugas Marinhas — Rui Simões de Menezes	6
Reminiscências... — Dr. Augusto Ramos — Luiz Marques Poliano	9
Aproveitamento do Lixo	10
Produção Avícola Holandesa	16
A Classe Rural — Temas e Sugestões — Arruda Câmara	34
Decreto n.º 50.411 — De 5 de Abril de 1961	18
O Guzerá entrou em órbita! — José Resende Peres ..	25
Fazendeiros canadenses largam a charrete e pegam o avião.....	28
Desenvolvimento e organização de comunidade	30
S.N.A. — Relatório do Presidente Luiz Simões Lopes	38
Conselho Interamericano de Comércio e Produção	49

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PUBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo — Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Benemérito — Dr. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente — LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente — EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente — KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente — ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário — FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário — ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário — JOSE ARISTOBULO DE CASTRO FILGUEIRAS
4.º Secretário — GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro — RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro — OTTO FRENSEL
Secretário-Geral — LUIZ MARQUES POLLANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
BEN-HUR PEREIRA RAPOSO
ENNIO LUIZ LEITÃO
FLAVIO DA COSTA BRITO
OSMAR LOPES REZENDE
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
JULIO CESAR COVELLO
MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES)

CADEIRA

OCUPANTE

1 — ENNES DE SOUZA	—	Alberto Ravache
2 — MOURA BRASIL	—	Geraldo Goulart da Silveira
3 — CAMPOS DA PAZ	—	Kurt Repsold
4 — BARXO DE CAPANEMA	—	Luiz Marques Pollano
5 — ANTONIO FIALHO	—	Antonio de Arruda Camara
6 — WENCESLAU BELLO	—	Ennio Luiz Leitão
7 — SYLVIO RANGEL	—	Frederico Murtinho Braga
8 — PACHECO LEÃO	—	Valentim F. Bouças
9 — LAURO MULLER	—	Heltor Grillo
10 — MIGUEL CALMON	—	Joaquim Bertino de M. Carvalho
11 — LYRA CASTRO	—	Edgard Teixeira Leite
12 — AUGUSTO RAMOS	—	Luiz Simões Lopes
13 — SIMÕES LOPES	—	Rayne Bernardes Cotrim
14 — EDUARDO COTRIM	—	Paulo Simões Lopes
15 — PEDRO OZÓRIO	—	Antônio José Alves de Souza
16 — TRAJANO MEDEIROS	—	Luiz Guimarães Junior
17 — PAULINO CAVALCANTI	—	Iris Melnberg
18 — FERNANDO COSTA	—	Julio Cesar Covello
19 — SÉRGIO DE CARVALHO	—	Oswaldo Balarin
20 — GUSTAVO DUTRA	—	Ignácio Tosta Filho
21 — JOSÉ TRINDADE	—	José Augusto B. de Medeiros
22 — IGNÁCIO TOSTA	—	Pábio Luz Filho
23 — JOSÉ SATURNINO	—	Mário Penteado de F. e Silva
24 — JOSÉ KONIFÁCIO	—	Francisco de Assis Iglesias
25 — LUIZ DE QUEIROZ	—	Alfredo L. de Ferreira Chaves
26 — CARLOS MOREIRA	—	Honório Montelro Filho
27 — ALBERTO SAMPAIO	—	José Carlos de Macedo Soares
28 — NAVAIRIO DE ANDRADE	—	Rômulo Cavina
29 — ALBERTO TORRES	—	Otto Frensel
30 — SA FORTES	—	Oswaldo Lazzarini Peckolt
31 — THEODORO PECKOLT	—	Rômulo Joviano
32 — RICARDO DE CARVALHO	—	José Sampaio Fernandes
33 — BARBOSA RODRIGUES	—	Sylvio Fróes de Abreu
34 — GONZAGA CAMPOS	—	José Assis Ribeiro
35 — AMÉRICO BRAGA	—	Moneyr Alves de Souza
36 — EPAMINONDAS DE SOUZA	—	José Carlos Bello Lisboa
37 — MELLO LEITÃO	—	Milton Freitas de Souza
38 — ARISTIDES CAIRE	—	Paulo F. de Parreiras Horta
39 — VITAL BRASIL	—	Adamastor Lima
40 — GETÓLIO VARGAS	—	

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente do seguintes órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Pollano; Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil — Dr. Altino de Azevedo Sodré; Comissão Permanente de Estradas de Rodagem — Dr. Raul David de Sansom; Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Dr. Edgard Teixeira Leite; Comissão Consultiva de Acordos Comerciais (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; Comissão de Política Agrária (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente; Alberto Ravache; Conselho do Merito Agrícola — Luiz Simões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara — Abel de Almeida; Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara — Juvenal da Silva Azevedo.

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV

MAIO-JUNHO, 1961

A Agricultura e a Constituição da Guanabara

A Sociedade Nacional de Agricultura como órgão representativo que é (Federação) das Associações Rurais do Estado da Guanabara, tem na Constituição do Estado, promulgada em 27 de março do corrente ano, um roteiro para os seus trabalhos relacionados com a organização, incentivo e defesa da agropecuária estadual bem como dos seus recursos naturais.

A Sociedade teve oportunidade de apresentar à Assembléia Constituinte do Estado várias proposições, que lograram aceitação por parte dos Srs. Deputados Constituintes.

Com a promulgação da Constituição Estadual, a agricultura e os recursos naturais do Estado ficaram defendidos em vários de seus artigos constantes do Título V (Capítulo IV) e VI.

O Capítulo IV do Título V, estabelece em seu artigo 71, parágrafo 1, 2, 3, 4, 5 e 6 o seguinte:

"Art. 71 — A lei delimitará a zona rural, onde facilitará a formação de granjas, sítios e chácaras, não permitindo loteamento, de áreas inferiores a 5 hectares. ,

§ 1.º — A delimitação referida nesse artigo não exclui a instalação, na zona rural, de indústrias com residências, escolas e assistência médico-hospitalar.

§ 2.º — O Estado promoverá, nos termos que a lei estabelecer, a desapropriação de áreas improdutivas, a fim de assegurar, mediante justa distribuição da terra seu pleno aproveitamento agrícola, avícola ou pastoril.

§ 3.º — O Estado protegerá de modo especial os posseiros que, em zona rural, trabalhem pessoalmente área de terra não superior a 5 hectares.

§ 4.º — O Estado proporcionará assistência tecnológica e crédito especializado à produção agropecuária e avícola bem como estimulará o abastecimento, mediante a instalação de rede de armazéns, sítios e frigoríficos.

§ 5.º — A lei estimulará a formação de cooperativas de crédito, produção e consumo.

§ 6.º — No prazo de 2 anos, a partir da promulgação desta Constituição, será levantado o cadastro dos terrenos da zona rural".

De acôrdo com a Carta Magna do Estado da Guanabara seus problemas

poderiam ser assim enumerados:

- 1 — Delimitação da zona rural carioco;
- 2 — Facilidades para a formação de gronjas, sítios e chácaras;
- 3 — Proibição de loteamentos de áreas inferiores a 5 hectares;
- 4 — Desapropriação de áreas improdutivas, a fim de assegurar justa distribuição de terra e seu melhor aproveitamento agrícola, avícola ou pastoril;
- 5 — Proteção aos posseiros que na zona rural trabalham pessoalmente áreas não superiores a 5 hectares;
- 6 — Assistência técnica à produção agropecuária e avícola;
- 7 — Crédito especializado à produção agropecuária e avícola;
- 8 — Estímulo ao abastecimento do Estado, mediante a instalação de uma rede de armazéns, silos e frigoríficos;
- 9 — Estímulo à formação de cooperativos de crédito, produção e consumo;
- 10 — Levantamento do cadastro da zona rural do Estado, no prazo de dois anos, a partir de 27 de março do corrente ano, data da promulgação da Constituição da Guanabara.

Já no Título VI — Disposições Gerais, a Constituição da Guanabara estabelece:

Art. 75 — O Estado protegerá de modo especial, em colaboração com os órgãos federais competentes, os bens naturais assim como as obras e monumentos de valor histórico, artístico e cultural situados em seu território e as iniciativas que desenvolvem e estimulem o turismo.

Parágrafo Único — A lei regulará o uso e o destinação desses bens, de modo que lhes garanta integridade, perenidade e inalienabilidade.

Verifica-se, assim, que as sugestões apresentadas pela nossa Sociedade à Assembleia Constituinte foram aceitas em parte. Os Constituintes consideraram que a expressão "bens naturais" abrange a flora, a fauna, as florestas, etc. Já o parágrafo único desse artigo 75, transcreveu "in totum" o sugestão da S. N. A.

A extensão e variedade dessa matéria exigirão certamente a colaboração de especialistas vários, de acordo com o assunto a tratar.

Tendo em vista a orientação ora implantada nessa Sociedade, pelo atual Presidente Simões Lopes, tenho a honra de propor que a matéria constitucional acima indicada seja objeto de estudo, por comissões especializadas e de conferências públicas seguidas de debates para melhor orientação do público em geral, do Governo e da Câmara do Estado do Guanabara. Após esses estudos e debates estaríamos em condições de apresentar à Câmara do Estado, várias sugestões consubstanciada em ante-projetos com as medidas legais complementares à matéria constitucional mencionada. (Trabalho apresentado pelo Prof. Heitor Grillo, na Sessão da Diretoria de 19.4.61).

ADUBOS VIANNA

Fórmulas para todas as lavouras

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Caixa Postal 3572 — Endereço Telegráfico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO



Você não pode depender da estrada
QUANDO A PRODUÇÃO PRECISA SER VENDIDA!

PICK UP — o único veículo de sua categoria com
Jeep [®] **4** **TRAÇÃO NAS**
RODAS
E REDUZIDA

Motor de 6 cilindros e 90 H.P. — Chassi super-reforçada, com 5 travessas — Cabina falgada para três pessoas — Grande capacidade de carga — Freias precisas e seguras — Alta índice de nacionalização: garantia de completa assistência técnica.

NOS SÍTIOS, CHACARAS E FAZENDAS. OU NAS ENTREGAS URBANAS
 ...PICK UP "JEEP" É O VEÍCULO IDEAL PARA O BRASIL

O Pick-up "Jeep" está agora à sua escolha também em modelo com tração em 2 rodas

CONHEÇA-O
 NOS CONCESSIONÁRIOS



PICK UP "JEEP" é um produto da
WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S.A.
 FABRICANTE DOS VEÍCULOS DA LINHA "JEEP", DO AERO-WILLYS E DO
 RENAULT DAUPHINE — SÃO BERNARDO DO CAMPO — EST. DE SÃO PAULO

TARTARUGAS MARINHAS

Rui Simões de Menezes
Eng. Agrônomo

Segundo Ihering (1940, "Diccionario Animals Brasil"), há 3 espécies de tartarugas marinhas em nosso país: *Chelone imbricata*, *Caretta* e *Thalassochelys caretta*. Nunes Pereira (1938) informa que no Rio Grande do Norte, com o casco de *T. caretta*, são manufaturados pentes, caixas para joias, pilétras, pulseiras, cigarreiras, anéis; nesse Estado, pouca importância se dá à carne. Informa aquele autor que algumas tartarugas aparecem nos currais, vindas do alto mar, e são capturadas naquelas armadilhas; dão a praia acoçadas pelos tubarões, que as mutilam, ar-

rancando-lhes pedaços do casco e das patas.

Em Tambau, Paraíba, apanharam os pescadores, no curral próximo ao Cabo Branco, uma tartaruga monstro, pesando 2½ toneladas. O eng. Targino Pereira, administrador do porto de Cabedelo, adquiriu o animal e veio ofertá-lo ao Parque "Arruda Câmara, em João Pessoa" ("Fauna" A. Paulo, 1955, v. 14, n.º 8, p. 47). Noel Hume refere uma tartaruga gigante do Brasil (1954, "Wat. Life", v. 9, pp. 78-9). A pesca da tartaruga na Ilha da Trindade é esturra a *hi* "A Voz do Mar" (1925, v. 4 n.º 43). Eu-

rico Santos alude à criação de tartarugas marinhas, respondendo a uma consulta do Rio Grande do Norte (1949, "Chácaras e Quintais", v. 79, n.º 6, p. 714). Nunes Pereira estuda a tartaruga verdadeira do Brasil (1945, "1.º Congr. Nac. Pesca. Rio — 1934. Anexos", pp. 63-75). J.M.S. Monteiro focaliza tartarugas monstros (1955, "Fauna", v. 14, n.º 10, pp. 7-8).

Segundo R. Powell (1957, "The SPC Quarterly Bull", v. 7, n.º 3, pp. 41-2 — Box 5254, G.P.O., Sydney, Austrália), foram colhidos ovos de tartarugas verdes no atil Palmerston, nas Ilhas Cook. Devido ao êxito inicial dos experimentos, sugere o autor que a reprodução das tartarugas, em cativeiro, poderia constituir uma empresa comercial valiosa. C. Grant (1956), "The Sci. Monthly", v. 83, n.º 5, pp. 257-8) discute sumariamente a necessidade de uma legislação uniforme e de medidas de conservação, a fim de proteger de extinção as tartarugas marinhas.

Ingle & Smith (1949, "Sea Turtles and the Turtle Industry of the West Indies, etc.", Univ. Miami, Spec. Publ., pp. 1-107) referem 9 espécies de tartarugas marinhas nos mares tropicais e sub tropicais: *Chelonia agassizii* (Bocourt), *C. mydas* (L.), *Fretmochelys imbricata* (L.), *E. aquamala* (Agassiz), *Caretta caretta* (L.), *Lepidochelys kemii* (Garman) (L.), *L. olivacea* (Eracholtz), *Dermochelys coriacea* (L.) e *D. sclegelli*. As 3 espécies brasileiras, registradas por Ihering, estão na sinonímia destas 9, discriminadas por Anglo & Smith. Segundo estes autores, as tartarugas verdes: *C. Mydes*, distribuídas no Atlântico, entre 35º N e 35º S, são capturadas principalmente pela sua carne, que constitui 40% do peso corporal. Faz-se excelente sopa de sua carapaça. Nos mercados norte-americanos e europeus, a carne de tartaruga é destinada, sobretudo, ao prepa-

Srs. Prefeitos

Tornem suas cidades mais belas e mais atraentes, servindo-se do nosso grande estoque de plantas ornamentais para os mais variados fins
Há cerca de mais de MEIO SÉCULO nossa firma

Vem fornecendo BOAS MUDAS de plantas
frutíferas e ornamentais

CONSULTAS SEM COMPROMISSO

CATALOGOS E FOLHETOS GRATIS

Dierberger Agrícola Ltda.

Fazenda Citra — Caixa Postal 48

LIMEIRA — Estado de São Paulo

Para maior comodidade dos srs. interessados, atendemos também nos seguintes locais: PÓSTO DE VENDAS N.º 1 — situado no Km. 149 da Via Anhangüera, nas proximidades de Limeira e no PÓSTO DE VENDAS N.º 2, próximo à lagoa do Taquaral, no local onde inicia a estrada para Mogi-Mirim, em Campinas

ro de sopa de tartaruga, enlatada ou fresca. Na Flórida (USA), de maio a agosto — época de reprodução — é proibida a captura da tartaruga, cabendo aos infratores multa de US\$ 100 ou 60 dias de prisão. Naquele Estado foram desembarcados, em 1947, tartarugas no total de 605 56 libras-pés, so.

Na Ilha de Trindade (Brasil), há sido referida a devastação causada pelos porcos selvagens, nas pequenas tartarugas, eelodidas de ovos depositados nas praias, pelas tartarugas adultas. E' recomendada a extinção destes porcos — e das outras selvagens — pelos cientistas nacionais que têm estudado a Ilha de Trindade.

De acôrdo com Smilh (1954; "Fish Bull. 89", Wash., pp. 513-5), contribuíram para o declínio, em número, de tôdas as espécies de tartarugas marinhas, no Golfo do México, os fatores crescente de populações humanas nas praias arenosas utilizadas na nidificação das tartarugas e a pesca intensiva no passado.

Em Tampa, Flórida, USA, há uma companhia industrializando as tartarugas "Loggerhead". *Caretta caretta* (L.) São répteis colhidos em rédes "huge" no largo da costa mexicana e Ilhas Grand Cayman, ao sul de Cuba. Gasta a companhia 6 dias, na viagem, trazendo 225 tartarugas em cada viagem. Recebem os pescadores nativos US\$ 18 por tartaruga viva entregue ao barco. Os ovos consomem 60 dias na incubação. Pesam as tartarugas de 68 a 272 kg. e devem estar vivas, ao chegar à indústria. Se morrerem antes, não podem ser usadas. São capturadas, em sua maioría, na idade de 3 anos, porque não são muito indicadas para alimentação quando atingem idade mais avançada. Chegando à instalação industrial, são sangradas, e removidas a cabeça, barbatanas e carapaça do fundo. Corta-se a carne, a partir da extremidade da carapaça superior e m forma de "huge steaks", "stek meat" e outras peças, a fim de serem congeladas



econômicos,
eficientes...
duram muito
mais!

BIBLIOTÉCA
SERVIÇO FLORIANO
Rio de Janeiro

DESINTEGRADORES

CASE

a martelos de rotação rápida

É o melhor para sua fazenda, granja, fábrica ou indústria. Construído em dois modelos - H-10-B de 15 a 20 HP e H-14-B de 20 a 23 HP - tritura, mói, desintegra alfafa, feno, bagaço e pólpa de cana, milho em espiga (com ou sem palha), milho em grão, palha e casca de arroz, mandioca, café etc.. Peneiras com diferentes medidas de furos (de 1/32" até 2"), conforme o material moldo. Dependendo do material, a capacidade de produção horária do desintegrador Case, funcionando com peneiras de 1/4", varia entre 440 e 1.670 quilos.

FACTORES DE MAIOR RENDIMENTO

- Mesa de fácil alcance e grande alimentação.
- Moagem rápida, calha aperfeiçoada
- Ventilador poderoso, coletor-elcione
- Manuais de rolimentos especiais
- Mate-

rial sólido que assegura muitos anos de uso.

MOINHOS DESINTEGRADORES

a martelos rotativos e com ensacadores.

Modelos H-10-B e M-14-B

Pólia de 9 cm (3 1/2"), 3.000 a 3.400 RPM.



Distribuidores Exclusivos para o Estado da Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro)

Agentes nas principais cidades

G E O V I A — Comércio e Engenharia S/A
Rio: Av. Venezuela, 27 - s/208-210 - Tel. 43-6329
R Horizonte: Rua Tambores, 924 - Tel. 2-8248

para distribuição comercial. Há um desperdício aproximado de 40%, dos 4.536 kg de carne elaborada diariamente. São as carapaças serradas em pequenos quadrados, com uma serra lateral, e juntamente com as barbatanas, remetidas aos fabricantes de sopas. Destinam-se às galinhas e porcos os ovos colhidos na operação. Vende-se a carne da tartaruga, no retalho, por US\$ 0,55 a 0,60 por libra peso. O óleo é empregado em medicamentos. (1949), "Frosted Food Field", N. Y., v. 9, n.º 2, p. 4).

Produzem tartarugas, na América Latina: Cuba, Honduras e Venezuela. O livro de A. Carr, "The windward road. Adventures of a naturalist on remote Caribbean shores" (1956, Alfred A. Knopf, Publ., N. Y., pp. i-xvi+1-259), no 1.º e nos 2 últimos capí-

tulos, enfoca os hábitos e migração das tartarugas marinhas.

Alípio de Miranda Ribeiro ("O Campo", Rio, abril 1933, p. 31) refere as seguintes tartarugas do litoral brasileiro: — *Chelonia imbrica*, *C. mydas*, *Coretta coretta* L. e *Dermochelys* L. E reduz: "Estas 4 formas têm sido constatadas no Rio de Janeiro, Santos, Ilha da Trindade. *C. mydas* faz-se fluvial no Amazonas; O Museu Nacional possui crânios achados nos lagos interiores, o que prova que esta tartaruga ali foi retila pelas vasantes, não se aventurando a procurar de novo o rio, para encontrar o seu elemento principal".

Conforme N. J. Berrill (1951, "The Living Tide", Victor Gollancz Ltd., London, pp. 1-256), W. Beebe encontrou uma tartaruga

de 50 libras-peso no estômago de tubarão tigre de 13 pés de comprimento. Alimenta-se a tartaruga verde de erva de tartaruga ou erva de engula, que não são algas, mas ervas com flores, que abandonaram a terra pelo mar (como a própria tartaruga o fez). Prossegue o autor: — "Todavia, é a salada guarnecida com pequenos moluscos, crustáceos e mesmo os caramujos numa dieta de carne, ingerindo a "loggerhead" esponjas, possivelmente pelas miríadas de crustáceos e vermes que vivem no interior das ditas esponjas. Comem as tartarugas diversas "Jellyfishes" (celenterados), inclusive a "caravela" — durante cuja ingestão têm bastante senso para conservar os olhos fechados (os caçadores de tartarugas se prevalecem desta ocasião para capturá-las)."

"OPORTUNIDADES COMERCIAIS"

O Eseritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil, em Paris, acaba de enviar ao Ministério da Indústria e Comércio, a seguinte relação de firmas interessadas em entrar em contato com o mercado brasileiro para efeito de compra de produtos em nosso país: CAFÉ — 1) Piednonei (Michel) 828, Av. de la République — MARK — em Bardeul (Nord) FRANCE. 2) Raverdy & Cia. — 76, Boite Postale — VALENCIENNES (Nord) FRANCE. CASTANHAS DO PARÁ: 1) Andrés (A) — 24, Rue Lambardie — PARIS — (12.º) — Aleool — Societé Marseillaise d'Importation, 3, Rue Neuve Ste-Catherine — MARSEILLE — 7.º (B-du-R). CARNES E SUB-PRODUTOS: Intercontinentale des Vlandes, 29, Rue Jean Jacques Rousseau — PARIS — (1er). PRODUTOS ALIMENTÍCIOS: 1) France-Cocktail, 1, Passage Castel — FONTENAY — sus — BOIS (Seine) 2) Somle — 5 bis, rue des Zephires — BASTIA — (Corsel) FRANCE; 3) Reiss (A), 14, Rue A. de Geiger — SARREGUEMINES (Moselle) FRANCE. 4) Siepa, 280, Ed. St. — PARIS; 5) Bontex — Germahn — 6, Bd. de Lattve de Tassigny — ORAN — (ALGERIE). MADEIRAS: — Soclnbois, 77, Rue de Bourbon — BORDEUX (Gironde) FRANCE. FEIJÃO SOJA: Witterled (U.E.) 42, Rue de l'Echiquier — PARIS (10e). LAGOSTAS E CAMARÕES: The American Express Company, Inc., 11, Rue Serlbe — PARIS — (9e). MILHO: Paris — Phosto — André Cosson, 101, Rue Francois 1er — SAINT-DIZIER — (HTE-MARNE) FRANCE. OLEOS NATURAIS: (PAU ROSA ETC.) — ANCETS. BIng FILS. (Sté Anue) — 88, Av. Wagram — PARIS — (XVIIe). SEMENTES DE MAMONA E RAIZES DE IPECACUANHA: 1) Arnand, S/A (Ets. A) 22, Bis, Bd. de la Bastille — PARIS — 12.º 2) Witterled (J.E.), 42, Rue de l'Echiquier — PARIS — 10e. TORTAS DE CACAO: Eloy & Cie (MARCEL), 68, Rue de la Chaussée d'Antin — PARIS — (9e). PELES DE PORCO: Quintal (A), 171, Rue du Temple — PARIS (IIIe). ARTIGOS TEXTÉIS: 1) Randrianarivelo (M) — Rue Le Myre de Vilers — ANTISRABE (Madagascar). 2) S.G.C.C. Central de Compras, 61, Rue Boissière — PARIS — (16e). DIVERSOS: A.C.T. 32, Rue George Sand — PARIS — (16e) 2) Alminet S/A. 16, Rue de la Michodière — PARIS — (2e). 3) Cosnefroy (G) — 322, Rue Saint Martin — PARIS — (3e). 4) Gillot (M), 3, Rue Hannong — STRASBOURG — (B-Rkin) FRANCE. 5) Perrony, Gardy & Cie-MONTFERRAN (F. — de — D) FRANCE. 6) Cosnefroy (G), 322, Rue St. Martin — PARIS (IIIe). 7) Societé des Produits Henabo (Dépt. "Arachides et Fruits secs") — Especialmente castanhas do Pará, 35, Rue La Boétie — PARIS — (8e).

REMINISCÊNCIAS...

Dr. Augusto Ramos

LUIZ MARQUES POLIANO

A propósito do recente centenário de ilustre cidadão, alguns jornais ao mesmo se referiram como "fundador do Bondinho do Pão de Açúcar".

Tivemos o privilégio e a ventura de conhecer com o verdadeiro organizador do caminho aéreo que é hoje uma das grandes atrações turísticas da cidade. Trata-se do Dr. Augusto Ferreira Ramos, dedicado em sua longa e proveitosa vida a inúmeros setores da engenharia, da economia e das finanças brasileiras. Por muitos anos atendeu para os problemas da agricultura, militando no Rio e em São Paulo em duas entidades altamente representativas da classe: a Sociedade Paulista de Agricultura e a Sociedade Nacional de Agricultura, de que foi Presidente em 1930/1931.

Esta nota não tem o objetivo de reivindicar para o Dr. Augusto Ramos a autoria e a execução do projeto do Caminho Aéreo do Pão de Açúcar, que a outrem se pretendeu dar agora. Uma sua descendente (Da. Edith Ramos, filha cremos) já o fez e muito bem e oportunamente — num dos nossos diários.

Alás no nosso trabalho — *Resumo Histórico da S. N. A.* — havíamos dedicado àquele ilustre fluminense duas páginas, com dados biográficos muito resumidos, mas onde mesmo assim, pudemos assinalar que em 1945 "Projeteu e realizou a construção da linha aérea do Pão de Açúcar", sendo que, "pouco antes do seu falecimento, em sua homenagem, os funcionários e operários da Companhia Caminho Aéreo do Pão de Açúcar fizeram colocar o seu busto na Praça existente no alto do Morro da Urca".

Mas, para a classe agrícola a figura do Dr. Augusto Ramos avulta pelas iniciativas que tomou, através os estudos e interesse que sempre revelou pelos nossos problemas agrícolas, de que são exemplos o ter sido o inspirador do Convênio de Toubaté, de que resultou o plano para a primeira valorização do café, após estudo in-loco da situação de cada um dos países produtores da América Latina; o mesmo se deu quanto ao Congresso dos Fazendeiros, em 1903, quando propôs a criação da Caixa de Conversão, efetivada em 1906; tomou parte ativa nas Conferências Açucareiras da Bahia e de Vitória; militou durante anos nos trabalhos da S. N. A., onde ocupou vários postos de sua direção, inclusive a presidência.

Além de numerosos artigos e relatórios, escreveu: "O Café no Brasil e no Estrangeiro", "Eusino Agrícola", "Indústria Cafeeira", "A Questão Monetária". Foi diretor e fundador da revista "O Fazendeiro".

O construtor de estradas, o saneador, o financista, o economista, pode ainda voltar-se para empreendimento audacioso como esse do Caminho Aéreo, em cujo bondinho, segundo certa ocasião nos revelou, inspecionava diariamente, de pé, sobre o teto do veículo, os cabos que estendem entre a Praia Vermelha e a Urca e dêsse morro à penedra que é o símbolo da nossa cidade. Graças à retificação quanto à autoria e execução daquele projeto, nos foi dada a feliz oportunidade de focar mais uma vez a figura exemplar do ilustre brasileiro que foi o Dr. Augusto Ramos, falecido a 28 de junho de 1934.

APROVEITAMENTO DO LIXO

No começo deste século era uma prática comum na Holanda misturar o lixo com o recipiente dos vasos noturnos e vender o conjunto, depois de transformado em adubo, aos horticultores e fazendeiros fixados perto da cidade. Naqueles dias, o método era, sem dúvida, o mais higiênico e econômico.

Durante os últimos cinquenta anos, contudo, as condições se transformaram. A introdução de sistema de esgotos pôs de lado a utilização dos vasos noturnos, ao mesmo tempo que o crescente consumo de fertilizantes acarretou o declínio do uso de adubos orgânicos. Em

consequência disso, foram adotados outros métodos para a eliminação do lixo, como seu lançamento na terra ou na água, ou queimá-lo. O despejo em terra ou na água apresentava dificuldades, tanto do ponto de vista sanitário como pelo fato de exigir muito espaço, precioso nas proximidades dos centros urbanos, densamente povoados.

O método de queimar o lixo era satisfatório, do ponto de vista da higiene e rapidez, mas, por outro lado, do ponto de vista dos agricultores, a principal objeção contra o mesmo era que, dessa maneira, era destruída

grande quantidade de matéria orgânica, que poderia ser utilizada no adubo.

Ficou decidido, assim, em 1929, transportar o lixo de Hala e, posteriormente, de outras cidades, para Wijster, na Província de Drenthe, para que o mesmo fosse transformado em adubo. Para esse fim, foi fundada uma autarquia, que entrou em contato com as municipalidades interessadas. Há alguns anos, outra usina semelhante foi instalada em Mierlo, nas proximidades de Eindhoven, na Província Brabante Setentrional. As duas usinas têm uma capacidade de produção de adubo por ano.

Atualmente, 25 por cento do lixo de todas as cidades dos Países Baixos são transformados em adubo, 50 por cento são despejados em terra ou em água e 25 por cento queimados. Futuramente será maior a porcentagem de lixo aproveitado para adubo.

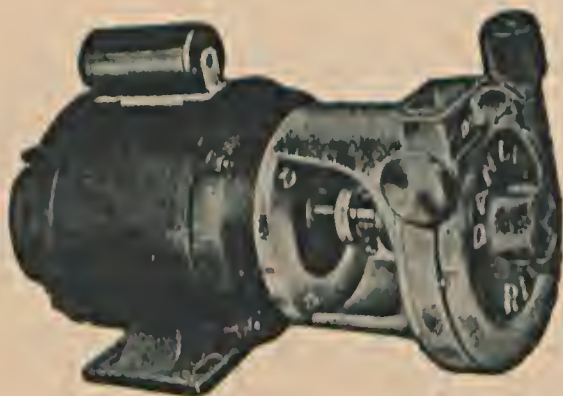
Ultimamente, a produção anual para adubo tem sido de cerca de 250.000 toneladas que, em sua maior parte, é usada na agricultura. Metade das terras cultivadas na Holanda consiste de um solo arenoso relativamente ácido que pode ser melhorado pela ação alcalina do adubo. O adubo é usado amplamente nas charnecas das Províncias de Drenthe e Groinga. Originalmente, essas terras eram cobertas de uma espessa camada de turfa, que foi retirada, para fins comerciais. A camada arenosa, misturada com o que restou da camada de turfa, reage bem à aplicação de adubo orgânico. O adubo é tanto mais importante naquela região quando ali não existia, praticamente, a criação de gado.

Parte do adubo é utilizado na horticultura. Duas fábricas de adubo para a região ocidental, onde é praticado

BOMBAS HIDRAULICAS

DANCOR

INDÚSTRIA BRASILEIRA



CENTRIFUGAS

- Com motores elétricos monofásicos de 1/4 a 1 H.P. trifásicos de 0,75 a 5 H.P.
- Com motores a gasolina auto-aspirante de 1, 1/4 H.P. alta pressão de 1, 1/2 a 5, 1/2 H.P.

A VENDA NAS DOAS CASAS
Fabricadas e garantidas pela

DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECÂNICA

Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "Dancor" — Rio de Janeiro

gostoso como
uma tarde no circo!

NOVO NESCAU

-vitaminado... instantâneo

Além de ser de facilíma digestão,
o Novo NESCAU é rico em vita-
minas... por isso, o Novo NESCAU
faz você crescer mais depressa e
sempre forte!

E você mesmo o prepara como
num passe de mágica: basta pôr
uma colher de Nescau no leite,
mexer... e pronto! O seu NESCAU
se desmancha todinho, sem
precisar bater!



Peça hoje mesmo
à mamãe o seu copo de

NESCAU

quente ou frio... é gostoso, é sadio!



a horticulura em larga escala, foram estabelecidas em Schiedam e Delft.

Os adubos também são adquiridos pelos fruticultores. Para os solos arenosos, são procurados fertilizantes bastante ácidos. Assim, está sendo estudada a possibilidade de se reduzir a alcalinidade do adubo pela apli-

cação de enxôfre, que é transformado em ácido sulfúrico pelas bactérias, de maneira que o produto resultante possa ser usado satisfatoriamente para plantas que prefiram um solo bastante ácido.

Como decorrer dos tempos, vários métodos foram criados a transformação do lixo em adubo. Esses méto-

dos podem ser agrupados em duas categorias, baseadas em princípios claramente diferentes: ou o lixo é primeiro fermentado e depois peneirado depois fermentado. Com o primeiro método, a preparação do adubo leva de 4 a 6 meses e com o segundo de 4 a 6 semanas.

Na fábrica de Wijster, as operações são feitas pelo primeiro método. Por meio de vagões especialmente construídos, cada um dos quais com capacidade de 33 toneladas, o lixo recebido das várias cidades, é transportado para um dos quatro viadutos de Wijster. Por meio de controle remoto, os vagões são descarregados em 30 segundos. O lixo é, em seguida, nivelado mecanicamente e espalha-se água por cima do mesmo. O processo de fermentação começa logo. Depois de alguns meses, a massa é revolvida, com o fim de misturar o lixo do inverno mais rico em cinzas que o lixo do verão, que contém muita matéria orgânica. Quando o material "amadurece", é colocado em vagões, por meio de guindastes especiais, e levado à fábrica, onde, por meio de correias transportadoras é levado para telas vibratórias com peneiras de tamanhos diferentes. O ferro é retirado por meio de um imã e os materiais mais grosseiros são triturados. Os pedaços maiores, que não podem ser utilizados para o adubo, são levados para depósitos de entulhos. A produção horária é de cerca de 80 toneladas.

Quando se adota o segundo método, o lixo é primeiro reduzido e peneirado. A vantagem desse método é que deixa menos cheiro e menor número de insetos que geralmente se acumulam nos depósitos de lixo. Esse processo exige, também, menos espaço, tornando possível estabelecer as fábricas mais perto das zonas residenciais. O lixo não fermentado pode ser usado, satisfatoriamente, como adubo de aquecimento, na horticulura. O sistema também permite a mistura do material provindo de esgoto.



MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Molibdeno
Níquel
Zinco

Para: Aves — Suínos —
Caninos — Carní-
voros em geral.

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos.

"não fique em dúvida; consulte um médico-veterinário!"

RM - 2

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Enxofre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Níquel
Zinco

Para: Bovinos — Equinos
Ovinos — Capri-
nos — Ruminantes
em geral.

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534-2º - RIO DE JANEIRO, D. F.



Previna-se contra
as pragas do solo com

Aldrin

Aplique ALDRIN, antes do plantio, para prevenir-se contra as pragas do solo, pois quando estas atacam a lavoura, já não há mais tempo para qualquer controle eficiente. Além do seu alto poder inseticida, ALDRIN não comunica gosto nem cheiro às culturas. ALDRIN pode ser adquirido sob forma de concentrado emulsionável, pó molhável e pós diluídos.

SHELL BRAZIL LIMITED

Rio de Janeiro: Praça Pio X, 15 - 7.º andar

São Paulo: Rua Conselheiro Nébias, 14 - 6.º andar

Porto Alegre: Rua Uruguai, 155 - 7.º andar

Recife: Rua do Imperador, 207 - 2.º andar



RECEBIDO NA S. N. A. O PRESIDENTE DO S. S. R.



Reunida a Diretoria da S. N. A., para receber o Presidente do SSR. Da esquerda para a direita: Ben-Hur Raposo e Alberto Ravache, Diretores Técnicos; Prof. Heitor Grillo, do Conselho Superior; Lutz Marques Poliano, Secretário Geral; o Presidente do SSR, sr. Oswaldo de Souza Martins; Lutz Simões Lopes, Presidente. De costas, Eliezer Moreira do C. N. do SSR; Amaro Cavalcanti da CRB; Antônio Alves de Souza, do Conselho Superior; Rafael Xavier, Kurt Repsold e Edgard Teixeira Leite, Tesoureiro, 2.º e 1.º Vice-Presidente.

Com a presença da quase totalidade do quadro diretor da Sociedade Nacional de Agricultura, foi recebido na reunião semanal da Diretoria daquela veterana instituição, de 14 de junho, o Dr. Oswaldo de Souza Martins, recentemente nomeado, por indicação da classe, pelo Sr. Presidente da República, para Presidente do Conselho Nacional do Serviço Social Rural.

Presidiu os trabalhos o Sr. Lutz Simões Lopes, que manifestou a satisfação da Casa em acolher o pecuarista e ruralista Oswaldo de Souza Martins, atualmente com as responsabilidades de orientar e dirigir a importante instituição que é o Serviço Social Rural, por que tanto batalhou a S. N. A. Empenhou a confiança da Sociedade, dadas as tradições do que é portador o titular do S. S. R., em que este atinja, o mais rápido e eficientemente possível, os altos objetivos que inspiraram a sua criação.

Agradecendo, o Sr. Souza Martins declarou sentir-se desvanecido ao ser acolhido pela instituição que classificou de célula mater do ruralismo brasileiro, e à qual

se devem, dentre outros serviços, a implantação do associativismo rural, que se desenvolve sob a égide do Decreto-Lei n.º 8.127, e o próprio Serviço Social Rural, que muitos anos antes da sua criação era já preocupação constante da S. N. A.

Tendo chegado ligeiramente atrasado à reunião, justificou essa demora pelo fato de ter deixado, havia pouco, uma reunião de técnicos em que foram traçadas as linhas gerais de um amplo programa para uma atuação mais direta do S. S. R., no nosso meio campestre.

Anunciou, como medidas já assentadas nessa programação, a imediata formação de 170 000 socorristas rurais, cuja função principal seria a de assistir a parturientes que em todo o Brasil, estão atualmente condenadas pela ignorância e pela falta de recursos à perda não só de seus rebentos como da própria vidas. Justificou amplamente essa iniciativa que, a seu ver, é um dos primeiros deveres da Autarquia que preside.

Comunicou que outro passo que o S. S. R. daria no sentido do levantamento do

(Continua na p. g. 32)



Fala o Presidente Oswaldo de Souza Martins, Presidente do SSR expondo com minúcias o seu programa para a Autarquia que dirige

a maquilagem
invisível da indústria

TALCO INDUSTRIAL



das minas do
Magnetita S. A. com
99,11% de talco puro.

uma indústria
o serviço da indústria

O talco entra na fabricação
e acabamento de milhares de manufaturas:
cosméticos, papel, tintas, cera, vernizes,
plásticos, porcelana, inseticidas e produtos
farmacêuticos. Temos para pronta entrega
o tipo de talco que a sua indústria precisa,
com a qualidade e finura tecnicamente
especificadas em laboratório.

Para maiores informações,
solicite o nosso folheto:
"É BRASILEIRO O MELHOR
TALCO DO MUNDO"

Magnetita S.A.

Endereço Telegráfico: MAGNETITA

RIO DE JANEIRO — Praça Pio X, 98 s/801/808
Tel. 43-3999 e 23-4751

BELO HORIZONTE — Av. Afonso Pena, 952, 3.º
C. P. 208 — Fábrica de Refratários: Cidade
Industrial - Tels. 2-4546 e 2-9851

SÃO PAULO — Talco-Repres: Marçal Ozório
de Mello - Representações e Comércio Ltda.
Lgo. 7 de Setembro, 34 - 4.º andar - sala 1
Telefone 33-7704

Notas 32.514

AVICULTURA

PRODUÇÃO AVICOLA HOLANDESA

É bem conhecida a velha pergunta: "Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?" É tão velha quanto ela é a certeza de que ninguém a poderá responder corretamente. Deixemo-la, portanto, de lado, o que não nos impede de formular outra pergunta: "Qual é a galinha número 1 do mundo,

do ponto de vista econômico?" E, nesse caso, a resposta não só é possível, como tem de ser imediata: é a galinha holandesa. Com efeito, a galinha holandesa põem em média, duzentos ovos por ano, o que constitui um recorde mundial, como é fácil provar de estatísticas em punho, e isso as-

Senhor Avicultor:

Somente a vacinação preventiva pode evitar que a Doença de New Castle acabe com as suas aves

Vacine já

VACINA NEWCASTLE RHODIA

- 1.º Máxima facilidade na vacinação: emprega-se simplesmente, na água de beber. Pode ser utilizada, também, em injeções intramusculares.
- 2.º Liofilizada (seca).
- 3.º De eficiência comprovada (testada rigorosamente antes de ser posta à venda).
- 4.º Não contamina.

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUARIA



Medicação preventiva e curativa das pipocas (ou caroços) dos pintos e aves adultas

A venda à

RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o interior enviamos
pelo reembolso postal

segura à Holanda o primeiro lugar, entre todos os países da terra, como exportadora de ovos.

O número de galinhas na Holanda atinge, atualmente, cerca de 25 milhões. E, como esses milhões de galinhas põem em média, duzentos ovos por ano, cada uma, a produção holandesa de ovos por ano é, em números redondos, de cinco bilhões. Para se fazer uma idéia aproximada do que isso significa, basta dizer que, se esses ovos fossem colocados um atrás do outro formariam uma cadeia que daria oito vezes a volta do globo.

Não é preciso dizer que essa extraordinária produtividade avícola só foi conseguida mediante muito trabalho e pesquisas. E constante a cooperação dos avicultores — que não cessam de explorar novos métodos para obter raças melhores — com os técnicos avícolas, que procuram novos materiais de reprodução; com os proprietários das granjas especializadas em incubação, de cujas máquinas saem milhares de pintos e,

finalmente, com os 125.000 proprietários de granjas avícolas existentes nos Países-Baixos.

Essas granjas estão concentradas, especialmente, nas regiões arenosas de leste e sudeste do país, onde se encontram centros de avicultura mundialmente conhecidos, como a chamada "mina de ovos" de Poermond e o mercado de ovos de Barneveld.

Mas para onde vão esses cinco bilhões de ovos que as galinhas holandesas produzem cada ano? Cerca da metade é consumida no próprio país e a outra é exportada. O maior comprador é a Alemanha Ocidental. Para se ter uma idéia da importância que tem para a Holanda a exportação de ovos, basta saber que a mesma corresponde a 4,5% do valor das exportações totais do país. O valor da exportação dos produtos avícolas vale a cerca de 520 milhões de florins, e essa exportação consiste principalmente de ovos, embora também tenha importância a exportação de carne. De ano para ano, aumenta a exportação de galinhas, vivas ou abatidas.

Esses resultados só foram conseguidos graças a muita experiência, conhecimento profissional, estudos e pesquisas. Entre as centenas de fatores para os quais os técnicos especializados em avicultura têm que atentar, citamos apenas alguns: peso do ovo, cor da gema, espessura da casca, cor e qualidade da carne da galinha.

"A LAVOURA"

Fundada em 1897

64 ANOS DE
tradição

Kó-Kó-Ró-Kó

C O R I Z A

G O S M A

E

G O G O

MODO DE USAR

Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventivo — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente no bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuarílos

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367

RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA



avevita

Rações
balanceadas
e prensadas!



A MELHOR PARA A AVICULTURA

Moinho
Fluminense S.A.
fundado em 1907

RIO: RUA URUGUAIANA, 118 - LOJA - C. P. 1350 - TEL. 43.906
S. PAULO: RUA BOA VISTA, 314 - 4º - C. P. 900 - TEL. 31.3164
B. HORIZONTE: AV. DOS ANDRADAS, 841 - C. P. 181 - TEL. 9.6694
CAMPINAS: R. MERCANTIL TREMARGO, R. DUQUE DE CAXIAS, 181

e em sua cidade, procure o nosso representante

De. Lacer 127

Decreto N.º 50.411 – De 5 de Abril de 1961

Fixa os preços básicos mínimos para o financiamento ou aquisição de cereais e outros géneros de produção nacional para o ano agrícola de 1960/61.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, n.º I, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 3.º da Lei n.º 1.506, de 19 de dezembro de 1951, decreta:

Art. 1.º Fica estabelecido que os preços básicos mínimos, para as operações de financiamento ou aquisição, no ano de 1962, de arroz, feijão, milho, amendoim e soja, são os constantes do art. 2.º deste Decreto.

§ 1.º Estes preços referem-se aos produtos postos nos principais centros de consumo do país, atendidas as condições de especificações decorrentes da Lei n.º 1.506, de 19 de dezembro de 1951.

§ 2.º Para os efeitos deste Decreto serão considerados centros de consumo os respectivos portos de escoamento ou as cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba, adotada a alternativa que mais convier ao produtor.

§ 3.º Os preços dos demais produtos, especificados no parágrafo único do art. 1.º da referida Lei, serão estabelecidos em Decreto posterior.

§ 4.º As operações a que alude este artigo serão privativas dos lavradores e suas cooperativas, podendo, no entanto, ser estendidas a terceiros, desde que comprovem haver efetuado suas aquisições diretamente dos produtores ou suas cooperativas e pelos preços mínimos a seguir fixados.

Art. 2.º Os preços básicos mínimos estabelecidos neste Decreto são os seguintes:

Arroz

Beneficiado, polido, do tipo dois, por saca de sessenta (60) quilos para a classe

se de grãos longos Cr\$... 1.755,00 (mil setecentos e cinquenta e cinco cruzeiros); para a de grãos médios, Cr\$ 1.644,00 (mil seiscentos e quarenta e quatro cruzeiros) e para a de grãos curtos, Cr\$ 1.505,00 (mil quinhentos e cinco cruzeiros); em casa, dos tipos um e dois por saca de sessenta (60) quilos para a classe de grãos longos, Cr\$ 1.174,00 (mil cento e setenta e quatro cruzeiros); para a de grãos médios, Cr\$... 1.120,00 (mil cento e vinte cruzeiros); e para a de grãos curtos, Cr\$ 1.005,00 (mil e cinco cruzeiros); todos, classes e tipos, de acordo com as especificações baixadas pelo Decreto número 28.093, de 10 de maio de 1950.

Frijão

Cr\$ 1.650,00 (mil seiscentos e cinquenta cruzeiros) por saca de sessenta (60) quilos de variedade branca; Cr\$ 1.560,00 (mil quinhentos e sessenta cruzeiros), das variedades de cores ou rajadas; Cr\$ 1.470,00 (mil quatrocentos e setenta cruzeiros), das variedades pretas, todos do tipo três das especificações baixadas pelo Decreto n.º 7.260, de 28 de maio de 1941.

Milho

Cr\$ 574,00 (quinhentos e setenta e quatro cruzeiros) do grupo (duro) e Cr\$ 547,00 (quinhentos e quarenta e sete cruzeiros) dos grupos "mole" ou "misto", todas as colorações amarela ou mesclada, por saca de sessenta (60) quilos, do tipo 3 das especificações baixadas pelo Decreto n.º 7.436, de 25 de junho de 1941.

Amendoim

Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros) por saca de vinte e cinco (25) quilos das classes "gráuda" ou "miúda" do tipo das especificações baixadas pelo Decreto número 7.263, de 29 de maio de 1941.

Soja

Cr\$ 900,00 (novecentos cruzeiros), por saca de sessenta (60) quilos, da variedade comum.

Art. 3.º Os preços de que trata o art. 2.º deste decreto referem-se à mercadoria embalada em sacaria nova, devidamente marcada com as necessárias indicações, classificada, expurgada e depositada nos armazéns mencionados na letra "a" do art. 6.º e no art. 7.º da Lei n.º 1.506, de 19 de dezembro de 1951.

Art. 4.º Os benefícios do presente decreto abrangerão os remanescentes do ano agrícola de 1960-61, comprovadamente em poder dos lavradores ou suas cooperativas.

Art. 5.º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 6.º Revogam-se as disposições em contrário:

Brasília, 5 de abril de 1961; 140.º da Independência e 73.º da República.

Jânio Quadros

Romero Cabral da Costa

OBSERVAÇÃO: Publicado no Diário Oficial da União (Seção I — Parte I) do dia 5 de abril de 1961.

EXPERIMENTE!



Esta é uma receita aprovada pela "Cozinha Royal"

Para um Café-da-Manhã
todo especial...

BÔLO DANÚBIO

INGREDIENTES:

- 1/2 xíc. de leite
- 1/2 xíc. de açúcar
- 1 colh. (chá) de sal
- 1/4 xíc. de manteiga
- 1/2 xíc. de água morna
- 1 1/2 colh. (sopa) Fermento Sêco Fleischmann ou 2 tabletes de Fermento Fleischmann
- 2 ovos
- 5 xíc. de farinha de trigo
- 300 g de amêndoas descascadas e picadas.

Ferva o leite. Junte o açúcar, o sal e a manteiga. Deixe amornar. Coloque a água numa vasilha, junte o fermento e deixe em repouso durante 20 minutos. Acrescente-lhe a mistura morna de leite. Junte os ovos batidos e, aos poucos, tôda a farinha, batendo tudo até ligar. Coloque a massa numa mesa enfarinhada e trabalhe-a até ficar elástica e soltar das mãos. Ponha então numa vasilha funda, cubra e deixe descansar em lugar quente, longe de corrente de ar, até dobrar de volume (mais ou menos 2 1/2 horas). Sove de novo a massa. Em seguida, abra-a com um rôlo. Recheie e enrole como rocambole. Feche as extremidades para que o recheio não escorra. Coloque numa fôrma untada, cubra e deixe crescer até dobrar de volume (mais ou menos 40 minutos). Pincele com uma gema de ovo, polvilhe com açúcar cristalizado e enfeite com amêndoas descascadas e picadas.

RECHEIO: 1/3 xíc. de mel - 1 xíc. de amêndoas picadas - 1/3 xíc. de manteiga derretida - 1 1/2 xíc. de passas de uva - 2 colh. (sopa) de canela em pó - Misture todos os ingredientes e empregue.

FERMENTO SÊCO FLEISCHMANN



GRÁTIS!

Peça à D. Maria Silveira,
Caixa Postal 1179, Dept.º
FS-2, Rio, o folheto "Con-
selhos Úteis" sobre o Fer-
mento Sêco Fleischmann.

Mais um produto de qualidade da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

7.940

BIBLIOTÉCA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro

Novos preços mínimos para produtos agrícolas

Na oportunidade em que promove medidas para a repressão ao abuso do poder econômico, visando, prioritariamente, ao mercado de subsistência alimentar e consubstanciando-as em mercado de todas providências de caráter eminentemente coercitivo, o Governo adota, paralelamente, e com maior determinação, outras de natureza econômica, as quais, promovendo direta e audaciosamente o incremento da produção agrícola — notadamente dos gêneros de primeira necessidade — complementam o sistema, apto e eficaz através do qual inicia a batalha contra o agravamento do custo de vida. Esta é também a profissão de fé de um governo que assim proclama e confirma sua crença no primado das leis econômicas.

Há cerca de dez anos, visando ao referido incremento, promulgava o governo do então a Lei n.º 1.506, instituindo, por meio da garantia de preços mínimos, remuneração adequada e estimulante às atividades agrícolas essenciais. Entretanto, e a despeito da medida legal, não funcionou o sistema instituído na forma e na extensão objetivadas, resultando daí, independentemente de interferência climáticas, alternativas de fartura e de escassez, com decorrência da insegurança em que permanecia o agricultor, indeciso, senão desorientado, ante as extremas flutuações de preços dos respectivos mercados consumidores. Malfazeja altera nância esta que, subtraindo ao produtor a indispensável e justa remuneração — fator de incremento — nega simultaneamente ao consumidor a estabilidade dos custos de vida — fator de equilíbrio orçamentário.

E porque não teria funcionado como fator de incre-

mento e estabilidade o sistema de preços mínimos coexistentes? Primeiramente porque as bases adotadas tinham sido de tal forma modestas, senão temerosas, que jamais se constituíram, em nenhuma oportunidade, naquela garantia de remuneração adequada indispensável ao processo estimulante que deveria cumprir.

Tomando como exemplo aquelas que vigoraram para as safras de 59/60, 60/61 e outras recém-decretadas temos a seguinte posição:

ANUNCIE

EM

"A

LAVOURA"

MAPA I

CONFRONTO ENTRE FIXAÇÕES DE PREÇOS MÍNIMOS E PREÇOS CORRENTES

I

PRODUTOS	Médias dos preços correntes do 2.º semestre de 1959	Preços mínimos para 1960
ARROZ (60 quilos) Beneficiado, polido, tipo 2 (1) grãos longos	1.721,00	870,00
FEIJÃO (60 quilos) Variedade Preta — tipo 3 (1)	2.596,00	870,00
MILHO (60 quilos) (1) grupo "duro"	617,00	315,00
AMENDOIM (25 quilos) grão ou miúdo — tipo 2 (2)	388,00	228,00
SOJA (60 quilos) Variedade comum	489,00	373,00

II

PRODUTOS	Médias dos preços correntes em 1960	Preços mínimos para 1961
ARROZ (60 quilos) Beneficiado, polido, tipo 2 (1) grãos longos	1.831,50	1.300,00
FEIJÃO (60 quilos) Variedade Preta — tipo 3 (1)	2.034,00	980,00
MILHO (60 quilos) (1) grupo "duro" (1)	498,00	425,00
AMENDOIM (25 quilos) Grão ou miúdo — tipo 2 (1)	642,00	400,00
SOJA (60 quilos) Variedade comum	928,80	600,00

22022

adubo é "Riqueza"
para sua lavoura

**GANHE MAIS
ADUBANDO MELHOR**

O solo esgota-se gradativamente com as sucessivas colheitas. Adubações periódicas e bem dosadas revitalizam e enriquecem sua lavoura. Adube melhor e ganhe mais, utilizando os fertilizantes "RIQUEZA" — fórmulas completas para qualquer tipo de cultura ou em elementos simples para suprir as necessidades do solo e das diversas culturas. Consulte nosso especializado corpo de técnicos para solução de qualquer dos problemas de sua lavoura.

FÓRMULAS COMPLETAS "RIQUEZA"

Passuínas fórmulas completas que atendem plenamente às necessidades da solo e das diversas culturas para uma excelente produção.

ELEMENTOS SIMPLES:

Salitre do Chile • Sulfato de amônio •
Uréia • Superfosfato simples • Superfas-
fato triplo • Fosfato de Olinda • Cloreto
de Potássio • Sulfato de Potássio.



CIA. INDUSTRIAL MERCANTIL E ADMINISTRATIVA
Divisão de Fertilizantes

Matriz: Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 103 - 7.º - Tels. 43-2540 e 43-0870, r. 15
- C. Postal 575 - End. Tel. "SALCIMA"

Filial: São Paulo - Rua XV de Novembro, 200 - 10.º andar - Tel. 37-4229 -
C. Postal 4677 - End. Tel. "SALCIMA"



III

PRODUTOS	Médias dos preços cor- rentes do 1. ^o trimestre de 1961	Preços mínimos
ARROZ (60 quilos)		
Beneficiado, polido, tipo 2 (1)		
grãos longos	1.821,00	1.755,00
FEIJÃO (60 quilos)		
Variedade Prêta — tipo 3 (1)	1.523,00	1.470,00
MILHO (60 quilos) (1)		
grupo "duro" (1)	627,00	574,00
AMENDOIM (25 quilos)		
grão ou miúdo — tipo 2 (2)	622,00	600,00
SOJA (60 quilos)		
Variedade comum	1.000,00	900,00

OBSERVAÇÕES: (1) Os preços médios correntes para arroz, feijão e milho foram obtidos pelas cotações da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Estado da Guanabara; os relativos ao amendoim e à soja foram apurados, respectivamente, em função das cotações alcançadas na capital do Estado de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

(2) A cotação do amendoim no ano de 1960 refere-se ao período de janeiro a setembro de 1960.

A simples manipulação dos quadros acima evidencia que os decretos fixadores dos preços mínimos para as safras de 59/60 e de 60/61 invalidavam-se, antecipadamente, em decorrência das próprias bases adotadas. Tendo presente esta circunstância e a necessidade imediata de reparar, na possível extensão, os respectivos efeitos em relação à safra pendente 60/61 deliberou o Governo antecipar a fixação dos novos preços mínimos para a futura safra 61/62 — tornando-os, nesta oportunidade, extensivos aos remanescentes da referida safra 60/61. Ainda que inovadores ou aparentemente tumultuária, confina-se a forma adotada aos estritos limites da lei 1.506, além do que se justifica e se impõe em fase de relevante caráter revisionista e reparador que encerra.

As bases dos preços mini-

mos hoje decretadas representam inquestionavelmente uma concessão ampla e corajosa deste Governo, defendida nos próprios termos solicitados pelos produtores rurais, circunstância essa que fatalmente lhes emprestará o caráter incrementador de que se ressentiam. Todavia, são bases realistas e enquanto o são, porque se situam nos níveis das últimas cotações médias das Bolsas Mercantis, não constituem, entretanto, — visto não ultrapassarem os respectivos tetos —, novo fator de agravamento dos custos de vida, não se devendo imputar-lhes responsabilidades na eventual hipótese de uma tendência alistas superveniente à sua adoção. E sendo estimulantes, porque remunerativas, sem que sejam inflacionárias, pois contidas dentro dos limites já vigentes, são, a um só tempo, legítimas e exequíveis, visto que se ajustam

à faixa das cotações internacionais, não concorrendo, portanto, para formação de excedentes gravosos. Assim é que, executando-se o arroz, cujas cotações internacionais ainda são ligeiramente inferiores aos novos preços mínimos estabelecidos — 10% todas as demais — situam-se em níveis superiores às bases recém-adotadas. Realeemos, de passagem, essa favorável circunstância que é, sem dúvida, consequência positiva da resolução 204 da Superintendência da Moeda e do Crédito.

Isto posto e retomando a crítica do sistema de garantia de preços mínimos vigente, evidencia-se, que, além dessa característica de timidez, observada em relação às bases adotadas na fixação dos preços, sofria o seu processo de execução outra grave distorção a ponto de invalidar-lhe os efeitos.

Referirmo-nos ao critério de utilização dos recursos consignados em lei, cuja aplicação nas respectivas operações de compra ou financiamento se exercia de forma discriminatória, com exclusão quase absoluta do produtor ou de suas cooperativas. Assim é que, no exercício de 60, foram mobilizados, para esse fim, mais de Cr\$ 2.000.000.000,00 (dois bilhões de cruzeiros), dos quais apenas treze milhões, ou seja, 0,7% se destinaram a operações com produtores ou suas cooperativas, valendo ressaltar que dos restantes 99,3% atribuídos a terceiros essencialmente não agricultores cerca de 44% convergiram para duas únicas firmas de origem e âmbito internacional.

Não pretendemos com esta observação, só por si altamente sugestiva, excluir do regime instituído a classe de intermediários — seja beneficiador, maquinista, ou exportador — até porque consideramos, de um modo geral, sua intervenção e do sistema que manipulam, quando legítima, efi-

MAPA II

PR O D U T O S	Novos preços mínimos F.O.B.	Col. Interna- cionais por tonelada F.O.B. US\$	Sua equivalên- cia em Cr\$ (Saco de 60 K)
(Blue-Rose Arroz (Japonês) * Feijão Preto Milho Amendoim (25 K) Soja	1.505,00/1.644,00 1.470,00 547,00/ 574,00 600,00 900,00	85,00/ 95,00 125,00/130,00 40,00/ 42,00 220,00/240,00 95,00	1.326,00/1.482,00 1.950,00 2.028,00 624,00 655,20 800,80 873,60 1.482,00

* — Os pedidos de exportação solicitados à CACEX com destino à Venezuela, México, Cuba e Costa Rica vêm consignando o valor de US\$ 150 00 por tonelada F.O.B. que equivaleriam a Cr\$ 2.340,00 por saco de 60 Ks. F.O.B.

caz, senão desejável contri-
buição ao processo normal
da circulação dos bens do
consumo, tanto mais expres-
siva na hipótese da presente
situação que a sua rede de
armazéns e silos emprestará

ao respectivo problema da
estocagem. Pretendemos tão
somente que estes interme-
diários, utilizando-se do sis-
tema e de suas facilidades,
o façam, entretanto, servin-
do adequadamente ao pro-

dutor ou às suas cooperati-
vas, cujas condições de in-
iciência não lhes propor-
cionem ainda direto acesso
às fontes de assistência da
Comissão de Financiamento
da Produção.

Visando este objetivo, al-
teramos a sistemática dos
decretos anteriores, com o
fim de, sem prejuízo da prio-
ridade conferida ao produ-
tor e suas cooperativas, es-
tender a terceiros os seus
efeitos, uma vez, com obser-
vância dos preços mínimos
vigorantes.

Corrigidas estas duas
principais omissões, enten-
demos que o sistema de de-
fesa dos preços mínimos,
instituído pela lei 1.506, deve
funcionar com eficácia e
amplitude, não somente vi-
sando à sua finalidade de
incrementador da produção,
mas simultaneamente e com
igual rendimento, a sua
função imediata de estabe-
lizador de preços.

Resolvendo dotá-lo de um
suporte econômico-adminis-
trativo capaz de assegurar-
lhe efetiva execução, serão
mobilizados, em caráter
prioritário e urgente, re-
cursos e serviços do Banco
do Brasil, através de suas
carteiras especializadas e
na medida em que os re-
clame o êxito da campanha
iniciada.

a) Romero Costa
Ministro da Agricultura

COMPANHIA SIDERURGICA BELGO MINEIRA

SEDE SOCIAL: SABARA — MINAS GERAIS

USINAS SIDERÚRGICAS EM SABARA E

JOAO MONLEVADE

ESCRITÓRIO CENTRAL:

Avenida Afonso Pena, 981 — 3.º Andar

Enderêço Telegráfico: "BELGOMINAS"

BELO HORIZONTE

ESCRITÓRIO CENTRAL DE VENDAS:

Avenida Nilo Peçanha, 26 — 4.º Andar

Enderêço Telegráfico: "BELGOMINAS"

RIO DE JANEIRO

AGENCIA EM SAO PAULO:

Rua Líbero Badaró, 293 — 12.º Andar

Enderêço Telegráfico: "BELGOMINAS"

SAO PAULO

CHEGOU O NOVO MODELO

Torqueses BURDIZZO

DE PRIMA MUNDIAL.

POSSUI DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTÍVEIS DE INFECÇÃO



Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR



Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão direito para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois o torquês.

Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGA-SE AOS DISTRIBUIDORES
HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália

O Guzerá entrou em Órbita

José Resende Peres Diretor da Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil

Quando, há dois anos, Durval Garcia de Menezes, a quem tanto deve a pecuária nacional, me transferiu um dos cargos de direção da Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil, jamais podia pensar, embora cheio de entusiasmo, de vontade

tuba, chegaram a mandar a contribuição em dobro. De Curvelo, São Fidelis, Cantagalo começaram a chegar notícias do grande impulso que o Guzerá estava tomando. Pela primeira vez, depois de um esforço de mais de meio século, os Abreus



A famosa vaca Guzerá, Primeira J. A., que produziu na 1.ª lactação 5.200 K de leite, talvez record mundial para vaca Zebu, pura de origem. Criador João de Abreu, Fazenda Itaóca (Cantagalo) Est. do Rio

de trabalhar, que dentro de pouco tempo um programa de esclarecimento sobre as reais vantagens da grande raça Indiana obteria tão surpreendentes resultados.

Embora alguns criadores séticos não nos estimulassem, a grande maioria aprovou em cheio nossa luta e alguns mesmo, como o Dr. Donald Strang, de Araça-

já não têm um só bezerro para pronta entrega, embora com mais se seiscentas fêmeas. Quem hoje quiser um bezerro J. A. tem de inscrever-se em uma lista de espera. Nós mesmos, que começamos há pouco, já estamos organizando a nossa lista para entrega na próxima semana... E hoje ninguém consegue um bom be-

zerro Guzerá por menos de umas cinquenta "abobrinhas".

Mas, que fez a nossa Associação para transformar tão violentamente uma atitude de indiferença de verdadeiro "rush"? Mentiu? Enganou? Enfeitou? Não. Apenas descortinou a inteligência de milhares de criadores fatos, números, estatísticas, depolimentos, lições de produtividade. Foi uma verdadeira "vassourada" nos campos. Provou-se que boi se cria para produzir carne e leite... e não orelhas, pintas, gaviões, marrafas, ou "outros pratos indigestos". Mostrou-se aos criadores de Guzerá que deviam cuidar de seus rebanhos, dedicar-lhes mais confiança, zelo e amor. Mostrou-se aos criadores de gado de corte que teriam novilhos mais precoces, mais pesados, se usassem sangue Guzerá. Provou-se aos criadores de gado leiteiro que o Guzerá daria mais rusticidade, mais caixa, sem grande quebra da carga de seus leiteiros, pois se a raça é mais pesada, e também mais leiteira das raças Indianas criadas no Brasil.

Páginas e páginas foram tomadas nas principais revistas e jornais do país. Mesmo no exterior o assunto foi ventilado. Dezenas de exemplares da "Epopéia do Zebu" foram ofertadas a autoridades, escolas, embaixadas, enfim, a pessoas que pudessem, pela natureza dos cargos ou posições que ocupassem, decidir algo sobre a pecuária. Dezenas de troféus foram distribuídos nas exposições, estimulando os bravos criadores que resistiram a um longo e injusto ostracismo.

Enfim, os resultados até então. Cartas e mais cartas são dirigidas à Associação pedindo lista de criadores. Da Argentina, da Venezuela chegam-nos consultas. Já não será apenas na Índia a preferência pela raça Guzerá, a mais querida, a mais utilizada para melhoramentos

(Continua na pág. 32)



Colocando-se os dois últimos bancos transforma-se a Kombi, de camioneta, em espaçosa automóvel para 9 pessoas.

O que V. deve saber sôbre a Kombi Volkswagen

A Kombi Volkswagen conquistou o seu lugar no transporte brasileiro: na verdade, mais de 35.000 lugares. A Kombi é tão diferente das demais camionetas, quanto o Sedan Volkswagen é diferente dos demais carros de passageiros. Ela possui capacidade de carga maior do que as camionetas do tipo pick-up e, mesmo assim, custa aproximadamente a metade em despesas de manutenção e de operação. Sem falar do seu preço de aquisição, que é muito menor.

Qual é o tamanho ideal para uma camioneta?

Muitos homens de negócio já se convenceram de que as camionetas convencionais (do tipo pick-up, por exemplo) se tornaram grandes demais para os seus orçamentos. Principalmente quando se trata de transporte de cargas pequenas, que sempre se torna anti-econômico

com camionetas dotadas de motores com 3 a 5 vezes mais cavalos que a Kombi. A Kombi pesa 1.010 kg — aproximadamente a metade do peso líquido das camionetas tipo pick-up com carroceria de aço. Isto significa que a Kombi praticamente atingiu a proporção de 1:1 entre carga útil e

peso próprio, considerada inatingível até poucos anos atrás pelas fabricantes de auto-veículos. As outras camionetas precisam carregar dois quilos de peso próprio para cada quilo de carga útil.

Como construir a camioneta ideal?

Para tal foram utilizados metais leves porém resistentes, bem como princípios de construção e fabricação inteiramente novos. O resultado: um bloco chassis-carroceria todo de aço e blindado de todos os lados, robusto e sem peso inútil. No motor, que pesa apenas 90 quilos, empregou-se, ao máximo, ligas de metais leves. Mais peso foi economizado pela refrigeração a ar, que dispensa radiador, mangueiras e, logicamente, a própria água. A distribuição de peso na Kombi é a mais racional possível: o motorista senta na frente, o motor acha-se atrás, e a carga viaja



sempre na melhor zona de suspensão, entre os eixos. Resultado: as mercadorias recebem tratamento de 1.ª classe, o que é particularmente importante para o transporte de produtos sensíveis a choques e trepidações.



Para que alimentar cavalas supérfluas?

Uma boa pergunta, principalmente quando se trata de cavalos que precisam ser alimentados com gasolina e óleo. Os 36 cavalos da Kombi levam cargas de 810 kg, rápida e seguramente ao seu destino. Vencem subidas de até 23%. Uma camioneta do tipo pick-up necessita para a mesma tarefa (e na realidade estas camionetas possuem capacidade de carga menor do que a Kombi) de 3 a 5 vezes mais cavalos de força. O consumo de gasolina e óleo dessas camionetas é o dobro. E você paga a diferença. Cada cavalo da Kombi rende mais, porque o motor se encontra diretamente sobre as rodas motrizes, encurtando o caminho de transmissão de força. O motor é mais simples, mais robusto. Refrigerado a ar, não ferve jamais, simplesmente porque o ar não pode ferver.

Quanto custam a operação e a manutenção de uma Kombi?

A Kombi, em condições normais de uso, faz mais de 10 km por litro de gasolina (o dobro das outras camionetas). O seu caráter precisa de apenas 2 1/2 litros de óleo e raras vezes v. terá de adicionar óleo entre duas trocas. Graças à sua construção sólida, a manutenção da Kombi é simples e econômica. A Kombi dá um mínimo de oficina — muito menos do que qualquer outro veículo de transporte médio. A experiência mostra que a média final de custos por quilômetro rodado numa Kombi VW, incluindo todas as despesas, exceto o salário do motorista, importa em aproximadamente a metade do respectivo custo de uma camioneta do tipo pick-up.

Garantia de fábrica e revisões gratuitas.

A Kombi, como todos os demais veículos VW, goza de garantia de fábrica até 10.000 km ou seis meses (prevalecendo o que for atingido primeiro). O Serviço VW, lhe oferece ainda revisões gratuitas aos 500, 2.500 e 5.000 km. O Livro de Serviços Técnicos, que acompanha cada veículo, indica com precisão os serviços a serem executados periodicamente para a perfeita conservação da sua Kombi. As raras vezes em que a sua Kombi necessitar de reparos, v. verificará que o serviço dos Revendedores Autorizados VW é tão bom quanto o próprio veículo: mecânicos treinados em cursos de especialização na fábrica e peças legítimas, são sólidas garantias para serviços rápidos, econômicos e perfeitos, à sua disposição em todo o Brasil.



Fácil de manobrar, fácil de carregar.

Alguns proprietários afirmam que o tempo que lhes economiza a Kombi é ainda mais importante do que o dinheiro. A Kombi pode fazer conversão direta num raio de seis metros. Ela pode estacionar em vagas que, simplesmente, não dão para camionetas convencionais. A ampla porta lateral de 2 folhas possibilita carregar e descarregar o veículo do nível da calçada, mesmo quando impressado entre outros dois. Além disso, o compartimento de carga é de fácil acesso, também pela porta traseira.



Os motoristas preferem guiar a Kombi.

A Kombi tem um molejo excepcional, graças à sua suspensão (exclusiva) independente nas quatro rodas, por barras de torção. A visibilidade é excelente. O câmbio é totalmente sincronizado, inclusive a primeira marcha. A direção é sensível e ao mesmo tempo segura. O motor traseiro garante tração perfeita mesmo em lama e areia. A Kombi é dotada de um sistema de renovação de ar, regulável, que beneficia motorista, passageiros e carga.

Um cartaz ambulante.

25 metros quadrados de superfície para propaganda. V. pode pintar todos os lados da carroçaria, inclusive o teto.



Modelos à sua escolha.

Os três principais modelos da camioneta Volkswagen são:

a Kombi-Standard, a Kombi-Especial (acabamento luxuoso, pintura em duas tonalidades, frisos cromados e revestimento interno em plástico) e o Furgão (um só banco para 3 pessoas, sem janelas no compartimento traseiro). Tanto a Kombi-Standard como a Kombi-Especial são igualmente úteis no transporte de até 9 pessoas (adultos) e de até 810 kg de carga (carga líquida, além do motorista). Os dois últimos bancos colocados — bastando para tal apertar 4 borbetas — transformam uma Kombi, de camioneta, em espaçoso e confortável carro de passageiros. O Furgão VW possui uma capacidade de carga ligeiramente superior à da Kombi: 830 kg. Procure o seu Revendedor VW: ele tem o modelo que melhor se adapta às suas necessidades.

VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.
S. Bernardo do Campo — Ext. de S. Paulo

o bom senso



sobre rodas

Fazendeiros canadenses largam a charrete e pegam o avião...

— I —

— Papai está chegando!!! gritam os meninos. Esta é uma cena comum na fazenda de Eldon McEachern, em Manitoba, pois ele é um dos muitos fazendeiros canadenses que adotaram o avião como meio de transporte. Há mesmo vários aeroclubes rurais com mais de 500 associados proprietários de aviões. Nas grandes fazendas das Pratarías, onde as distâncias não são pequenas, o transporte aéreo particular chega a ser uma necessidade, e assim, hoje em dia, é tão fácil e corriqueiro voar 300 milhas até uma cidade importante como andar 30 milhas por estradas esburacadas e poeirentas até ao vilarejo mais próximo.

— II —

O avião ajuda também a realizar numerosas tarefas agrícolas: pulverizar as plantações, localizar e abate de gado extraviadas, inspecionar cercas e açudes, lançar pedras de sal para o rebanho em invernações distantes e verificar o amadurecimento dos trigais antes da colheita.

— III —

Como todo bom fazendeiro Eldon conhece "um bocado" de mecânica a ele próprio faz os pequenos reparos no seu Piper Cub. Até o caçula já está se interessando pelo negócio... Na época da colheita então o avião não para. Se necessitam uma peça vital de um trator ou colhedeira, Eldon dá um pulo à cidade para apanhá-la, evitando que as demoras usuais na entrega



lhe dêem prejuízos deixando homens e equipamento parados até a sua substituição.

— IV —

Agora é o homem quem faz as compras da casa. Semanalmente Eldon abastece sua despensa, às vezes levando a mulher e os meninos.

— V —

Quer esteja procurando gado extraviado, levando empregados para áreas distantes ou transportando a família para o piquenique do clube, o avião é um auxiliar precioso do fazendeiro. Novas experiências estão sendo feitas com sucesso para semear os campos do ar, quando o solo lamacendo imobiliza os tratores. A so-

lidão da vida das fazendas está rapidamente desaparecendo e está ficando provado que estimular os fazendeiros a voar é uma boa maneira de os prender à terra.

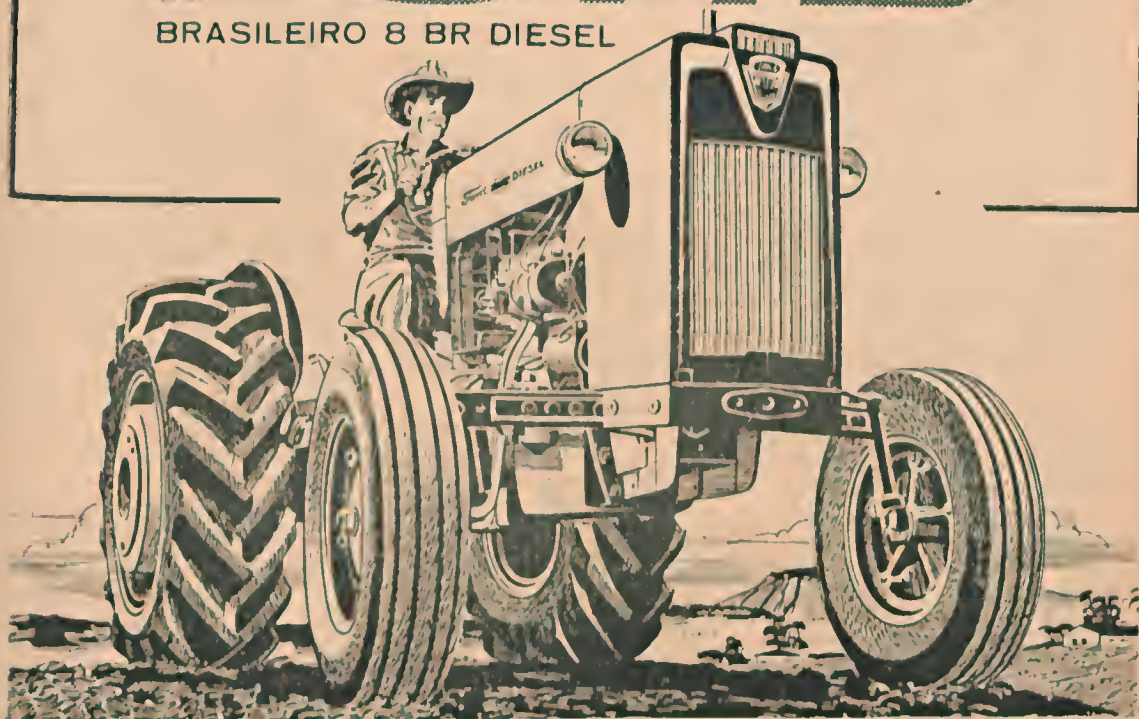
NOSSA CAPA

Não só as práticas agrícolas se modernizam. Até mesmo a vida do fazendeiro sofre o influxo do progresso. No foto vemos como os fazendeiros canadenses largam a charrete e se utilizam do avião.

Conheça de perto o notável Trator

FORD

BRASILEIRO 8 BR DIESEL



O 1.º trator realmente fabricado no Brasil! Veja agora, no seu Revendedor Ford, o Trator 8 BR Diesel—fabricado especialmente para o Brasil. Examine V. mesmo tôdas as vantagens que fazem do Ford 8 BR Diesel um dos melhores tratores de todo o mundo!



56 HP a 2.200 RPM! 44 HP na barra de tração! Serviço pesado e contínuo, no solo mais duro que houver, nunca é problema para o Ford 8 BR Diesel!



Engate em 3 pontos com levantamento hidráulico, para qualquer implemento, poupando tempo, aumentando o rendimento diário.

Tomada de força no eixo traseiro, com 1.000 RPM.

V. encontra sempre peças e serviço para o seu Trator Ford 8 BR Diesel — o 1.º trator brasileiro — nos Revendedores Ford de todo o Brasil.



Mais um produto da FORD MOTOR DO BRASIL S. A. — pioneira na mecanização da agricultura!

Desenvolvimento e organização de comunidade

O Sr. Domingo Sávio Guedes Pinto, Supervisor Regional do Serviço Social Rural (Conselho Regional do Estado do Rio de Janeiro), apresentou ao Presidente daquele Conselho o Relatório que a seguir publicamos, o qual, pela riqueza de dados e observações que encerra, merece ser conhecido pelos nossos líderes rurais.

O trabalho se refere ao Município de Santo Antônio de Pádua, a respeito do qual estudos foram feitos quanto a divisão de terras da população rural, nível educacional, produção agrícola, métodos de trabalho, etc., numa resumo, porém atual visão de conjunto daquela unidade municipal fluminense:

I — CONSIDERAÇÕES GERAIS

A finalidade do estudo "in loco" pelo Supervisor Regional foi de "verificar se o Município de Sto. Antônio de Pádua, apresenta condições favoráveis para se implantar um projeto do CR/RJ — em convênio com a FARERJ — de Desenvolvimento e Organização de Comunidade (D.O.C.).

O Serviço Social Rural, está em sua fase de implantação e a escolha das primeiras comunidades a serem manipuladas, deve obedecer certos requisitos que reduzam ao mínimo as possibilidades de insucessos, a fim de que, a área escolhida sirva de base para outros trabalhos, bem como, o sucesso, desperte nova era nos processos de se, melhorar o bem-estar das populações rurais empregando-se o "eminentemente educativo", que é o fundamento de D.O.C.

Baseado nestas premissas o Supervisor permaneceu sete dias no Município, realizando uma palestra no Rotary, à qual compareceram líderes da indústria, Comércio, profissionais da Agricultura, bem como intelectuais.

Acompanhado sempre do Dr. Jonas Lobato, Engenheiro-Agrônomo da Carteira Agrícola do Banco do Brasil e Presidente da Associação

II — DIVISÃO DA TERRA

— Área Rural	738 km ²
— 98,18 km ² — Cultivada	
— 385,10 km ² — Pastagens	
— 254,72 km ² — Não Cultivada (Pedreiras, matas, etc.)	
— Área Urbana	12 km ²
— Área total	750 km ²
População rural	22.112 habitantes
População Urbana	9.150 "
População Total	31.262 "
Propriedades Agrícolas	3.500 aprox.

Para se ter uma idéia da divisão de terra, tomou-se o maior distrito, em área territorial, APERIBE — 5.º distrito, com 601 propriedades rurais, com os resultados abaixo:

Propriedades até 20 ha.	478 — 79,5%
" acima de 20 ha. até 100 ha.	110 — 18,3%
" acima de 100 ha.	13 — 2,2%

São bem significativos estes números e os outros distritos acompanham, mais ou menos, o resultado acima.

III — PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA — Até 31 de Dezembro de 1960.

— Pecuária

— Bovinos	33.000 cabeças
— Suínos	42.000 "
— Produção leiteira	7.938.293 lts.

— Agrícola

— Arroz	119.000 sacos
— Milho	100.000 "
— Feijão	2.730 "
— Amendoim	80.000 quilos
— Café	15.000 arrobas

A avicultura está em início e tudo indica que será uma das grandes atividades, nos próximos anos. Há uma regular produção de cebola e também está se difundindo muito esta

ciação Rural de Pádua, realizou, aproximadamente, vinte e cinco contatos pessoais com líderes institucionais, uma visita a Aperibé, distrito de Pádua e uma pequena excursão pelo interior, entrevistando em sua própria casa, colonos proprietários.

O objetivo deste trabalho foi de se certificar da receptividade nas lideranças, a idéia novas que a natureza de D.O.C. impõe, bem como; divisão de terra população rural, nível educacional, produção-agrícola, métodos agrícolas etc., pontos que fornecem, embora superficialmente, uma visão de sua cultura.

cultura. A seca prolongada, reduziu, por morte, em 1959 de 30% o rebanho bovino.

IV — INDÚSTRIAS

— Máquinas de beneficiar arroz	27
— Cooperativas de Leite	2
— Indústrias de Papéis	2
— Fábrica de Móveis	1

V — EDUCAÇÃO

— Escolas Primárias Municipais	25
— Escolas Primárias Estaduais	72
— Ginásios	2
— Escolas Normais	2
— Escola Técnica de Contabilidade	1

A maioria das Escolas Primárias estão localizadas na Zona Rural. Uma professora primária municipal recebe de Cr\$ 1.250,00 a 1.550,00, mensais, por este motivo, não consta ter nenhuma professora municipal diplomada. A frequência escolar é regular, porém nos períodos de cultivo da terra baixa consideravelmente.

VI — SAÚDE

— Hospital particular	1
— Posto Médico Estadual	1

O Posto Médico Estadual possui uma ambulância, a qual percorre, com o médico, periodicamente, os distritos do município.

- Posto de Revenda do Fomento — M. Agricultura
 - 1 técnico agrícola
- Posto de Vigilância — Defesa Sanitária Animal
 - M. A.
 - 2 práticos vacinadores
- 4.º distrito Agro-Pecuário — Secr. Agric. do Estado.
 - 3 Práticos Rurais
 - 1 Técnico Agrícola
- Carteira Agrícola do Banco do Brasil S/A
 - 2 Agrônomos
 - 1 Técnico Agrícola.

A tabela, por si só, fala na penetração creditícia do Banco, dando uma média, nos 326 contratos, de Cr\$ 133.929,00 por contrato. E ainda torna-se mais significativo se compararmos esse quadro com a produção, sentindo-se os efeitos benéficos nos produtos que merecem melhor financiamento.

As outras entidades agrícolas, resta esclarecer, que as mesmas funcionam deficienteamente, pois além da falta de técnicos (o posto de Defesa Sanitária Animal, não possui um veterinário e há cinco anos que não recebe uma vacina contra aftosa) não possui um veículo, limitando a ação dos funcionários.

VIII — BANCOS

Banco Ribeiro Junqueira
Banco Predial do E. do Rio de Janeiro
Banco do Brasil S. A.
Banco Mineiro de Indústria e Comércio
Caixa Econômica.

IX — ASSOCIAÇÃO RURAL DE PÁDUA

Tem Associação Rural de Pádua regular atuação no meio rural do Município. Conta com mais de 220 associados. Boa sede própria, com terreno ao lado para ampliação de suas instalações. O movimento comercial é na ordem de Cr 250.000,00 mensais. A Diretoria procura atender os seus associados na aquisição de sementes selecionadas, por reem-

Contratos	Arroz	Milho	Café	Feijão	Totais
112	14.254.089,00	—	—	—	14.254.089,00
10	—	259.200,00	—	—	259.200,00
1	—	—	40.000,00	—	40.000,00
173	17.131.171,00	5.140.000,00	—	—	22.271.171,00
11	2.301.440,00	680.300,00	718.260,00	—	3.700.000,00
1	377.000,00	—	623.000,00	—	1.000.000,00
2	—	66.000,00	24.000,00	—	90.000,00
2	—	18.000,00	—	10.800,00	28.800,00
14 MELHORAMENTOS (Cercas, açudes, bombas, casas, etc.)					2.018.013,00
326					43.001.272,00

bolso, buscando-as nas fontes lóneas de produção. A sua Diretoria é constituída de autênticos líderes rurais, capazes e dispostos a uma ampla colaboração com o CR-RJ. Os planos da Diretoria são arrojados, mas lhes falta recursos técnicos e financeiros.

X — COLABORAÇÃO OFERECIDA AO PROJETO

A Associação Rural ofereceu suas instalações para nela ser montado o Escritório bem como o que for necessário e estiver ao seu alcance, para o bom êxito do programa. Tanto o Exmo. Sr. Prefeito Municipal como o Rotary Clube de Pádua, estão dispostos a colaborar na montagem do Escritório e Associação Comercial também, demonstrando interesse em colaborar.

Nos contatos que o Supervisor manteve com outros líderes institucionais e de entidades privadas, observou a disposição de todos os consultados a emprestar o mais decisivo apoio.

XI — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a predominância das pequenas e médias propriedades (+80%), reduz ao mínimo o assalariado rural, pois quase que exclusivamente da exploração agrícola, pois é pequeno o número de indústrias, e numerosa a população rural;

Considerando que Pádua, devido ao isolamento em que viveu, criou uma cultura própria, acostumando os seus municípios a tentarem resolver os seus problemas.

Considerando que nos contatos do Supervisor — ficou evidenciado o grande anseio de todas as lideranças institucionais em colaborar com S. S. R.;

Considerando que já existem diversos órgãos Federa-

rais e Estaduais atuando na zona rural, embora muitos deles deficiente, bastando para melhorá-los, a chefia do CR-RJ, entrar em entendimentos com as chefias dos mesmos expondo a necessidade de dinamizá-los, a fim de que, não venha a faltar a necessária e indispensável Assistência Técnica, como cobertura ao Trabalho Social;

Considerando que o número de escolas é fator de grande importância em nós, no trabalho, podendo ser motivadas, a fim de as mesmas criem os seus Clubes Agrícolas, tão úteis para formação educacional das crianças do meio rural;

Considerando que a Carreira Agrícola do Banco do Brasil vem dando a cobertura creditícia necessária para um desenvolvimento integral e harmonico;

Considerando que o órgão de classe — Associação Rural — é constituída de pessoas dedicadas, tendo boa atuação no meio rural páduano;

Considerando ser regular a produção Agropecuária, podendo ser triplicada se o CR-RJ tomar para si a coordenação de esforços para melhorar o nível de vida;

Considerando que o Município de Pádua lidera uma região agrícola do Estado do Rio e um projeto de D.O.C. nele instalado, vai naturalmente, ter repercussão;

Considerando ainda que o drama vivido pelos agricultores páduanos decorrente das enchentes que assolaram a região é fator psicológico importante;

O Supervisor Regional do CR-RJ recomenda que uma das três áreas do Plano de Trabalho para o ano de 1961, seja o município de Santo Antônio de Pádua.

Niterói, 20 de março de 1961.

Dr. Domingos Sávio G. Pinto
Supervisor Regional

(Conclusão da pág. 25)

dos rebanhos da grande nação asiática. Raça pura há milênios, no dizer de Oliver, já está com seus méritos inegáveis reconhecidos no Brasil, de norte a sul. Pena que pioneiros desaparecidos como João de Abreu Junior e Cristiano Penna, não possam contemplar a vitória retumbante do seus ideais. O fato é que tourinhos miniaturas e novilhas que só dão leite para criar seus bezerros sob regime, já começam a sobrar nos currais dos criadores menos avisados — que o Brasil resolve exportar carne e não mais importar produtos de latifúndios. Por isto o Guzerá, como um "sputnik", entrou em órbita: está voando alto sobre o panorama da pecuária nacional e quem não iniciar sua criação já, irá investir fortunas para começo de um plantel. Não por que o Guzerá seja imponente, majestoso. Porque dá leite e carne, porque é rústico e manso, porque é a melhor raça para a faixa intertropical.

(Conclusão da pág. 14)

nosso homem do campo é o da criação das Associações dos Trabalhadores Rurais, em moldes semelhantes a as em que se acha organizada atualmente a classe rural, ou seja, a do decreto-lei n.º 2.127.

A essas duas medidas será acrescida uma outra, também imediata, qual a da criação de Escolas Rurais Domésticas, o que, a seu vez, virá integrar a mulher na vida ativa do homem do campo, fazendo-a participar mais intimamente pelos conhecimentos que vai adquirir, dos trabalhos da gleba.

O Sr. Oswaldo de Souza Martins foi ouvido atentamente e interessadamente, tendo deixado na Sociedade Nacional de Agricultura a melhor das impressões.



Mãos que espalham
SALITRE DO CHILE
não ficam vazias ...

É MAIS LUCRATIVO MULTIPLICAR A PRO-
DUÇÃO DE 1 ALQUEIRE COM BOM ADUBO,
QUE PLANTAR TRATAR E COLHER 3
ALQUEIRES-POIS SÓ A ECONOMIA DE BRAÇOS
COMPENSA FARTAMENTE O SALITRE
DO CHILE É UM ADUBO NATURAL QUE
REFORÇA A PRODUTIVIDADE DO SOLO
EXPERIMENTE-O!

SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE.

CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE

PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPIRITO SANTO

RUA MÉXICO, 111 - 12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)

CAIXA POSTAL 875

TEL 31-1850 - rede interna

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA FÂMARA

— 301 —

CAES BRACO

Conhecidos por cães de mostra, cães rastejadores, o Braco sob as denominações como francês, ariège, bourbonniers, azul de auverne, de Duoult são Germano, alemão, italiano e outras raças.

O braco francês é oriundo da velha raça do Oyselstai como são o braco de Ariège, o São Germano e o braco de Bourbonnais, o de Dupuy.

Aspecto geral: — Animal vigoroso de grande e pequena porte que trabalha no campo, na mata e no brejo com inteligência, sagacidade e moderação. Presta-se a toda caça, rastejando a perdiz, o francolim, a narceja, o falsão, a galinhola, a lebre e o coelho tornando-se rapidamente um "arlever", mediante treino.

O braco francês, na opinião dos italianos, vem da Itália (vale Padana) onde é conhecido desde a idade média onde era empregado do falcão.

Caracteres essenciais: — **Aspecto geral:** raça retillínea, aspecto nobre, forte sem bruteza, robusto e de membros fortes. **Talhe:** 56 a 65 cm. **Pêso:** 25 a 32 ks. **Cabeça e pescoço:** — Cabeça grande, não muito pesada, crânio de forma oval apresentando sulco central pouco acusado, pretuberância ocipital pouco proeminente, depressão frontal pouco acentuada. **Focinho:** — direito ou ligeiramente encurvado, largo, retangular com bochechas caídas e as comissuras dos lábios bem plissadas. **Nariz:** — grosso, cor marron. **Narinas:** — bem abertas. **Olhos:** — bem abertos e perfeitamente encastrados nas órbitas, de cor marron ou amarelo escuro.

Olfar: — conflante e afetuosos. Nos cães de pouca idade a pálpebra inferior ligeiramente caída. **Orelha:** — tamanho médio, plantadas na altura dos olhos. **Pescoço:** — longo, ligeiramente arqueado. **Corpo:** — Pêlo largo de face, profundo de perfil, atingindo o nível do cotovelo. **Costeletas:** — arredondadas, sem exagero. **Dorso:** — largo, direito. **Cernelha:** — curta e ligeiramente oblíqua. **Flancos:** — chatos, pouco pronunciados. **Espáduas:** — muito musculosas e preferentemente compactas. **Membros posteriores:** — Jarretes — largos, medianamente acentuados, colocados baixos. **Pés-largos.** **Sola:** — bem fortes. **Cauda:** — encurtada continuando a convexidade de linha da garupa; a cauda longa, bem mantida, não constitui defeito.

Pêlo: — de preferência grosso e bem formado, mais fino na cabeça e nas orelhas.

Pelagem: — branca com malhas marron mais ou menos escuras com ou sem ralas. Intelramente manchadas e raladas de marron. Algumas vezes intelramente mosqueada com ou sem grandes manchas, porém com a cor de fogo os olhos, nas bochechas e nas patas, caso em que é chamado Braco Carlos X.

O tipo menor do Braco pequeno, quando adulto, mede 47 a 56 cm. e pesa 18 a 25 ks.

O Braco de Ariège é muitas vezes chamado de Toulouse. É oriundo do velho braco e do São Germano. **Caracteres essenciais:** — raça retillínea. Elegante apesar de sua sólida conformação. **Talhe:** — 60 a 65 cm. **Lábios:** — finos tornando o focinho quase quadrado. **Chanfro:** — longo e direito, ligando-se ao crânio

por uma depressão. **Crânio:** — bem esculpido, ligeiramente bombeado. **Bossa ocipital:** — pronunciada. **Pele da cabeça:** fina, flexível e sem rugas. **Olhos:** — cariciosos, bem abertos, francos e inteligentes, cor de ambar. **Orelhas:** — finas, ligadas na altura ou pouco abaixo dos olhos. **Pescoço:** — não muito longo, forte com pequena papada. **Corpo:** — Pêlo: — largo e profundo. **Costeletas:** — um pouco chatas. **Dorso:** — um pouco longo, arqueado, musculoso e largo. **Garupa:** — curta. **Flancos:** — chatos e bem desclidos. **Antebraços:** — fortes. **Membros anteriores:** — direitos, de forte ossatura. **Espáduas:** — direitas. **Cotovelos:** — apurados. **Metacarpos:** — compridos. **Membros posteriores:** — Coxas: — direitas, bem desclidas, musculosas. **Jarretes:** — largos, nervosos. **Canelas:** — curtas e de aprumo. **Pés:** — volumosos e fortes. **Cauda:** — nascendo um pouco abaixo da linha do lombo, se afinando regularmente, direita ou ligeiramente curva, geralmente cortada.

Pelagem: — branca ou dominando a cor branca, com algumas manchas assimétricas e mosqueadas de cor laranja ou marron. São quatro tipos: — sendo o primeiro branco, o segundo malhado de laranja ou marron, o terceiro malhado e mosqueado de laranja ou marron e o quarto simplesmente mosqueado. **Pele:** — bem fina. **Pêlo grosso,** brilhante com reflexos prateados. É comum cortar-se-lhe a cauda.

O braco Bourbonnais também chamado braco sem cauda. Animal elegante apesar de corpulento; **Orelha:** — É uma variedade do velho braco francês ao qual as amputações da cauda tornaram-se quase hereditárias.

Caracteres essenciais: — **Aspecto geral:** — raça retillínea. Cão vigoroso atarracado. **Talhe:** entre 55 e 60 cm. **Cabeça e pescoço:** — cabeça, pequena, não se parecendo com as dos demais

dracos. Focinho: — muito longo e estreito. Belcos: — um pouco caldos. Orelhas de tamanho médio, plantadas formando ângulo antes de cair. Olhos: — pardos; Pescoço: curto, com pouca papada. Corpo: Pelto largo e profundo; Espáduas: oblíquas e musculosas. Costelas: — arredondadas. Lombo: — curto e sólido. Membros: — fortes e nervosos. Coxas: — bem desenhadas. Pés: — redondos. Cauda: — rudimentar, inserta alto. Pelagem: — salpicada de branco e marron claro, variando a tonalidade; Pêlo — um tanto fino.

O braco azul de Auverne é um dos melhores cães de caça, grande firmeza elegância e robustez. Resistência permite caçadas com ânimo e disposição. Segundo o cinólogo Eurico Santos o Braco Azul de Auverne é dos bracos o cão mais adaptável ao nosso clima.

Origem: — de raça antiquíssima, os cavaleiros de

Malta, na idade média, já o usavam.

Caracteres essenciais: Aspecto geral: — Raça retilínea. Animal robusto, elegante, musculoso e ativo. Talhe: — macho de 57 a 63 cm., fêmea de 55 a 60 cm. Cabeça e pescoço: Cabeça: — longa, depressão frontal não muito acentuada, nariz bem posto, negro, bastante forte, bem aberto, avançando um pouco mais adiante dos lábios. Crânio: — oval na parte posterior, fronte desenvolvida. Olhos: — cor de avelã, expressão franca, pálpebras negras, não deixando ver a conjuntiva. Orelhas: — ligadas baixo, ao nível da linha do olho bem para trás. Pêlo flexível. Pescoço: — longo e forte, ligeiramente arqueado. Corpo: Petio: — desce até o cotovelo, argo e proporcionado à sua profundidade. Costelas: — arredondadas. Cernelhas: — não salientes. Dorso: — curto e direito. Lombo: — curto, arqueado, argo e mus-

culoso. Membros anteriores: direito. Espáduas: — oblíquas, bem musculosas, desembaraçadas em seus movimentos. Membros anteriores: — direitos. Antebraços: — fortes e musculosos. Canelas: — direitas, curtas e fortes, ossatura bem desenvolvida. Coxas: — musculosas, fortes, desembaraçadas. Cauda: — inserta quase na linha do dorso e trazida horizontalmente, encurtada em dois terços do comprimento. Pelagem: — pêlo curto, não muito fino. Cor: — de fundo branco com manchas negro-azuladas mosqueadas de negro. As malhas grandes e o mosqueado dão ao conjunto um reflexo azul. Admite-se duas pelagens, a primeira clara e a segunda escura, encaroada.

O braco de Dupuy tem o aspecto de um gaíco. É um animal de bom faro, ótima inteligência e gosto pela caça para a qual emprega força e agilidade.



MÁQUINAS AGRÍCOLAS

- MOINHOS DESINTEGRADORES A MARTELOS
- MISTURADORES DE CARGA SUBTERRÂNEA
- PICADEIRAS DE FORRAGEM
- ARADOS E GRADES DE TRAÇÃO MECÂNICA
- ROÇADEIRAS DE PASTO
- PLAINAS TERRACEADORAS
- CARRETAS AGRÍCOLAS DE TODOS OS TIPOS
- DISTRIBUIDORES DE CALCÁRIO
- IMPLEMENTOS DE TRAÇÃO ANIMAL, EM GERAL

PRONTA ENTREGA ASSISTÊNCIA MECÂNICA

THELA COMERCIAL S.A.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

Rua Mayrink Veiga, 31 - C. Postal 8466
Estado da Guanabara

MATRIZ

Av. Duque de Caxias, 133 - 153
São Paulo - S.P.

Origem: — uma cadela braco e um galgo, havendo quem lhe atribua uma cadela braco de Poltu e um galgo sendo orientado o cruzamento pelo caçador poltévino Pierre Dupuy.

Caracteres essenciais: — raça retilínea. Talhe: — machos de 67 a 68 cm., fêmeas 65 a 66 cm. Cabeça e pescoço: cabeça: — fina, longa, estreita e seca; Crânio: — acentuado. Ossos frontais proeminentes; bochechas chatas. Chanfro: — longo, estreito e fugidio, ligando-se ao crânio em linha direta. Nariz: — marron escuro, largo. Lábios: — finos, recobrando o inferior. Maxilar: — no eixo um do outro, dentadura muito forte. Olhos: — cor de ouro ou pardos, abertos, olhar doce e sonhador. Orelhas: — delecadas, estreitas e finas, ligeiramente trazidas para trás. Pescoço: — longo, arredondado, destacando-se da cernelha e das espáduas.

Corpo: Peto: — alto, bem desido e profundo. Costeelas: — chatas e longas. Esterno: — muito desenvolvido com saliência acusada na frente das espáduas. Cernelha: — bem destacada. Dorso: — bem mantido. Lombo: — ligeiramente harpado, forte, musculoso. Planeros: — um pouco cavados. Ancas: — longas, oblíquas e fortes. Membros anteriores: — de bons aprumos, fortes e nervosíssimos. Antebraços: — fortes. Cotovelos: — próximos ao corpo. Espáduas: — longas, musculosas. Metacarpo: — de bom comprimento, direito. Membros posteriores: Coxas: — longas, desidas, musculosas. Ponta da nádega: — ligeiramente saliente. Jarretes: — muito largos e secos, ligeiramente angulosos. Canelas: — compridas, fortes e na vertical. Pés: alongados, secos. Dados cerrados e nervosos. Unhas: — fortes. Cauda: — bem ligada e de média grossura, algumas vezes guarnecida de pelos bem longos, trazida baixa, ligeiramente recurvada. Pelagem: Pêlo liso, mais ou menos curto salvo na cabeça

e nas orelhas onde é sempre raso e de finura extrema, áspero ao contacto no dorso e no lombo. Pele: — muito fina. Cór: — Branca e marron. O fundo é branco com malhas marrons mosqueadas ou não.

O Draco de São Germano é ótimo companheiro para a caça na mata e no grejo.

Olfato apurado, elegante e atraente. Comportam-se como verdadeiros cães de aponta.

Origem: — também chamados Compléque, descendem de cães que floresceram na época de Luiz XV regenerados pelos ingleses. Deram origem ao Pointer que são ingleses, norte americanos e brasileiros.

Animais de talhe e muito ligeiros e ágéis possuem ótimo faro.

Sua pelagem branco e laranja apresenta os seguintes caracteres:

Talhe varia de 56 a 62 cm. para os machos e 54 a 59 cm. para as fêmeas. Cabeça e pescoço: Nariz: — rosa escuro, largo, avançado um pouco para a frente dos lábios. Narinas: — abertas, bem menos acusadas que no Pointer. Focinho: — rugitivo. Lábios: — finos, um pouco de bochechas cor de rosa. Chanfro-longo, direito ou ocipital saliente e ogival, de frente larga. Maxilares: — fortes, de igual comprimento, dentes forte e brancos. Olhos: — de bom tamanho e bem encaixados nas orbitas, cor amarelenta (amarelo escuro) olhar franco, melgo e bom. Orelhas: curtas em relação ao braco, mais longa que as do pointer, ligadas ao nível da linha dos olhos. Pescoço: — forte e bem musculoso, papada pequena e tolerada. Corpo: Peto: — largo, profundo e descendo ao nível do cotovelo. Costeelas: — compridas. Dorso: — curto e direito. Rim: — forte. Garupa: — óssea, ponta da nádega saliente. Membros anteriores: — fortes, musculosos, direitos, de forte ossatura. Espáduas: — fortes, longas, um pouco oblíquas, de bons aprumos

Membros posteriores: — Coxas: — direitas. Metacarpos: — curtos e bem direitos. Jarretes: — largos e direitos. Canelas: — curtas, de bons aprumos. Pés: — grandes e resistentes. Cauda: — ligada abaixo da linha dos rins, não passando a ponto do jarrete, grossa ao nascer diminuindo a seguir até ficar fina na extremidade. Pelagem: — branco-matê com manchas cor de laranja. Raros os mosqueamentos. Pêlo: — curto, não muito fino. :

O braco alemão é animal vigoroso, de boa ossatura.

Originário do antigo braco que era encontrado na Europa meridional.

São dois os tipos principais. O primeiro conhecido por braco alemão é o primitivo, pesado com o talhe de 80 centímetros de altura. O segundo, ligeiro, conhecido por braco continental com o talhe de 56 a 65 cm. para os machos e 56 a 60 cm. de altura para as fêmeas. O braco alemão comporta as seguintes variedades: — braco Haisaciano, braco de Hainovre, braco do Ruhr, braco de Velmar e braco de Westfalia.

O braco italiano é antiquíssimo, descende do braco lombardo com dois tipos: grande e pequeno. O talhe do maior é 65 a 70 cm. para os machos e 58 a 65 cm. para as fêmeas. O braco ligeiro difere dos demais por terem 55 a 60 cm. de altura com o peso de 25 a 28 quilos no máximo.

Na Itália alguns criadores têm tentado, mediante cruzamento, constituir uma raça a que chamam braco-pointer. (1).

— 302 — ACÁCIA

Dá-se o nome de Acácia. — *Acacia suaveoleolons* Wild., (*acacia angustifolius* Wendl. *acacia odorata* Desv.), da Família das Leguminosas (mimosódeas) arvoreta até 6 metros de altura; Flódios estreitos de 3 cm. a 8 cm. Flores amarelas, pequenas, dispostas em glomerulos globosos. Para jar-

dins e parques. Natural da Austrália.

Acacia branca *Acacia* sp, família das Leguminosae (mimosódeas) arbusto ou arvoreta cultivado nos jardins. Têm pendentes (ramos) e as flores alvas, dispostas em glomerulos globosos e aromáticos.

— 303 —

AÇAÍ

Dá-se o nome de Açaí a *Euterpe oleracea* Marti, da família das Palmáceas. Em toceiras de espique, cilíndricas, altas, elegantes, um pouco inclinadas, aneladas e duras. Bagas ovóides ou redondas, roxo-escuras, quase negro na maturidade, polpa da mesma cor, caroço duro, dispostos numa espádice ramosa. Frutos maduros, amassados em água quente, produzem a conhecida bebida de seu nome, purpurina e aromática, tomada com açúcar e farinha na bacia amazônica.

Do Amazonas à Bahia.

— 304 —

ACAFRÃO

Da família das Iridáceas dão-lhe o nome de *Crocus sativus* (*crocus officinalis*, Martin). Planta acaule, viçaz e bulbosa, com 6 a 10 folhas quase lineares. Flores violáceas, rosa ou avermelhadas, estigmas alongados, unidos pela base. Os estigmas dessecados produzem matéria corante amarelo claro ou cor de ouro, a safronina. — Inofensiva à saúde porém solúvel em água usada para cozinhar bebidas e outros produtos. Vem de longe o seu emprego na farmacopéia, como demagogo, nervino sedativo, ante espasmodico.

1-1) O pointer sob certos aspectos é o melhor cão do mundo, especializando-se em descobrir a caça pelas emanações, o que exige olfato super-sensível, qualida-

de que nenhum outro cão possui com mais apuro.

A raça é comum na Inglaterra, Estados Unidos e no Brasil.

ABIL AGRO COMERCIAL LTDA.

Casa fundada em 1940

Rua Buenos Aires, 87 Loja - Tel. 52-7527 - Caixa Postal 5222
RIO DE JANEIRO

Uma organização completa à sua disposição

A. B. I. L.

PASSAROS — Exposição permanente de pássaros Nacionais e Estrangeiros e todo o material necessário aos mesmos.

PEIXES — A maior organização no Estado da Guanabara de peixes ornamentais, plantas aquáticas (grandes e variado estoque de material para este fim).

PLANTAS — Plantas ornamentais e enxertos de plantas frutíferas.

SEMENTES — Sementes de flores, hortaliças dos melhores produtores estrangeiros, variedades de bulbos e de sementes de capim para pasto.

ADUBOS — Adubos Nacionais e Estrangeiros para todos os fins.

INSETICIDAS — Inseticidas para lavoura, Pecuária e outros fins.

FERRAMENTAS — Ferramentas para jardinagem e Lavoura, bem como máquinas para cortar grama, manual e elétricas, Lança Chamas Americano, Pulverizadores dos melhores fabricantes e para todos os fins.

VETERINARIA — Produtos veterinários dos melhores laboratórios, Seringas Nacionais e Estrangeiras e Ferramentas veterinárias.

APICULTURA — Todo e qualquer material para apicultura.

PESCA — Sortimento completo de material para pesca, Nacional e Estrangeiro, Molinetes, Caniços, Anzóis e grande sortimento de linhas de nylon.

LAVOURA E PECUARIA — Variado sortimento de produtos destinados à lavoura e pecuária.

Tubos de borracha e plásticos.

Todos esses artigos são encontrados na

A. B. I. L.

RUA BUENOS AIRES, 87 LOJA - EST. DA GUANABARA

BIBLIOTÉCA
SERVICO FLORESTAL

S. N. A. Relatório do Presidente Luiz Simões Lopes

Na Assembléia Geral Ordinária da Sociedade Nacional de Agricultura, realizada a 5 de abril último, o Presidente, Eng. Agrôn. Luiz Simões Lopes apresentou o seguinte relatório das atividades da instituição em 1960:

"Cumprindo determinação estatutária, venho apresentar-vos em sucinto relato os resultados administrativos do ano de 1960".

I — ARTHUR TORRES FILHO

Foi o fato culminante do ano para a nossa entidade o passamento, a 8 de agosto, do Presidente Arthur Torres Filho.

Após uma luta contra a morte, que durou cerca de 15 anos, sucumbiu sem, contudo, deixar um só momento de servir, com devotamento e acerto, a esta Sociedade, que considerava uma parte importante de sua vida.

Com efeito, durante a sua passagem pela administração desta Casa, primeiro como vice-presidente em exercício, de 1930 a 1945, daí em diante como Presidente, importantes eventos marcaram indelévelmente uma atuação cheia de serviços à própria entidade e à agricultura nacional.

As dificuldades que defrontou foram grandes; o cancelamento do auxílio oficial ao começo da sua gestão; a perda da sede à rua 1.^o de Março, em 1935; o incêndio em 1942, quando a Sociedade apenas restaram um nome consagrado e um grupo de diretores dedicados.

Apesar disto, o empenho e a determinação de Torres Filho permitiram que hoje tenhamos a magnífica sede própria em que nos encontramos; a ele devemos iniciativas como o decreto-lei 8.127, de 24 de outubro de 1945; a reorganização da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello"; a reforma administrativa da Sociedade e a ampliação de seus serviços.

Até mesmo a criação do Serviço Social Rural, complemento da organização associativa em constante crescer pelo Brasil, teve em Torres Filho, o seu iniciador, através a comissão que, a pedido do então Presidente Getúlio Vargas, constituiu nesta Sociedade, e cujo trabalho serviu de base ao importante organismo.

Seria ocioso referir aqui todos os serviços de Torres Filho à agricultura e à Sociedade.

Daselo apenas deixar assinalado neste meu relatório, como depositário de seu grande acervo de serviços, o entusiasmo o espírito público e o amor à causa da agricultura, que sempre foram uma constante na vida do saudoso amigo e colega.

Morreu pensando e trabalhando por ela. A nossa revista e outras publicações, invariavelmente estampavam seus artigos. A sua

voz ainda se fez ouvir após o passamento no artigo que deixou para "A Lavoura" e no qual conclamava os responsáveis pela nossa vida rural a cuidarem do ensino primário no seio das populações rurais, sem o que — dizia — dificilmente seriam coroados de êxito os esforços pelo seu soergulmento.

Comparecia pontualmente às nossas reuniões semanais, era sempre o primeiro a chegar. Faziam-lhe falta o convívio dos companheiros e o ambiente amigo que formou a sua volta, graças aos seus elevados e inconfundíveis dotes de espírito.

A perda não foi somente para esta Casa, mas para o país, que lhe deve uma soma interminável de grandes serviços.

Daqui lhe pranteamos o desaparecimento físico, já que, pelo exemplo, pela sua permanência em tudo o que nos rodeia nesta Casa, lhe sentimos a presença e o estímulo.

II — FALECIMENTOS

Não somente o Presidente Torres nos faltou. No exercício, outras perdas irreparáveis se verificaram no corpo social.

A 2 de janeiro, faleceu Itagyba Barçante. Aquil se encontrava desde que se aposentara no Ministério da Agricultura. Quando desapareceu, exercia as funções de Diretor Técnico do Conselho Regional do Serviço Social Rural, o que era uma forma de cooperação com esta Sociedade.

A seguir, em 7 de maio, Cynéas Lima Guimarães. Na ocasião, além do seu cargo de 3.^o Secretário na Diretoria preenchido por Aristóbulo de Castro Filgueiras, ocupava o de Diretor da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello". Ali deixou traços muito fortes de sua grande personalidade como técnico e como administrador.

Em setembro, a 30, faleceu quase que repentinamente Antonio Francisco Magarinos Torres, irmão do Presidente Torres Filho. Era nosso Diretor Técnico havia longos anos. A família e a Sociedade foram, assim, duplamente golpeadas em 1960.

Também dois antigos sócios, os Srs. Filogonio Peixoto e Pedro Fontes, ambos, por coincidência cacauicultores na Bahia, faleceram respectivamente a 28 de junho e 30 de dezembro.

III — NOVOS DIRETORES

Com a nossa ascensão à presidência, algumas modificações, de acordo com os es-

tatutos, se operaram no corpo diretor da Sociedade. Assim, o nosso companheiro Edgard Teixeira Leite assumiu a 1.^a Vice-Presidência; na sua vaga entrou o antigo Tesoureiro Kurt Repsold; para este cargo foi chamado o velho colaborador desta Casa, Rafael da Silva Xavier, a quem o atual Governo acertadamente acaba de entregar a presidência do IBGE.

IV — CONSELHO SUPERIOR

O nosso quadro de Sócios Titulares, como se sabe, constitui o Conselho Superior, com 40 membros. Com o falecimento do Presidente Torres Filho, abriu-se vaga na cadeira n.º 1, para a qual foi eleito a 31 de agosto o seu irmão, logo depois falecido, continuando assim, o claro na Cadeira patrocinada por Ennes de Souza.

Na vaga de Itagyba Barçante entrou o nosso companheiro Julio Cesar Covelo, eleito na sessão de ... de abril.

Eleito na sessão de 17 de agosto, ocupou a cadeira de Cynéas Lima Guimarães o seu irmão e nosso antigo consócio, Luiz Guimarães Junior, agrônomo como aquele saudoso companheiro.

Ainda não foi possível fazer a sessão solene da posse coletiva do Conselho. Todas as providências para essa solenidade já foram tomadas, estando a presidência cogitando da data.

Será o derradeiro passo para a necessária integração desse organismo estatutário ao corpo administrativo da Sociedade.

V — PRÊMIO ENNES DE SOUZA

Instituindo pela Resolução da Diretoria de 5 de janeiro de 1955, foi distribuído três vezes nos anos de 1955, 1956 e 1958, tendo sido os Veterinários e Agrônomos Jerôme Langenegger, Walker André Chagas, José Carlos Ferreira Campêlo e Walter Augusto Cross Braun, os laureados.

A idéia deste galardão destinado ao estímulo dos diplomandos pelas nossas Faculdades de Agronomia e Medicina Veterinária, nos veio de fato de que o prêmio oficial (Simões Lopes) não é distribuído há muitos anos. A verba a ele destinada, constituída de um fundo, não pôde, por motivos de ordem administrativa, ser aplicada. Os estudantes que ao mesmo faziam jus, não recebiam a medalha de ouro correspondente. Um desses agronomandos, o Sr. Francisco de Paula Storino em tempo procurou a Sociedade, tendo a Diretoria concordado em custear a cunhagem da medalha, que lhe foi entregue em sessão solene. Dal, então, entendeu a diretoria que necessário se tornava a instituição de um prêmio semelhante. Na impossibilidade de lhe dar o mesmo nome e a mesma finalidade, designou-o com o nome do

fundador da Sociedade, estendendo-o a todas as Faculdades do país, com as seções de Veterinária e Agronomia.

Este ano, por falta de concorrentes, não foi distribuído. Impõe-se uma modificação no Regulamento, visando a facilitar as inscrições, que, no estado atual, são adstritas somente aos recém-formados. Talvez a extensão das inscrições aos veterinários e agrônomos formados nos três últimos anos seja a solução para o caso.

VI — BIBLIOTECA

O grande incêndio que destruiu o edifício do Park Royal, em 1942, e onde tínhamos a nossa sede provisória, consumiu, sem deixar um único volume, a preciosa biblioteca da Sociedade, acumulada durante quase meio século. Alojados em duas salas do Edifício

A LAVOURA

(ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL
DE AGRICULTURA E DAS CLASSES RURAIS
DO ESTADO DA GUANABARA)

Fundada em 1897

Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES LOPES

Presidente da Sociedade

LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor Responsável e Redator-Secretário

Eng.º Agrônomo ANTONIO DE ARRUDA

CAMARA

Diretor

Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Diretor Técnico

Eng.º Agrônomo GERALDO GOULART

DA SILVEIRA

Redator-Técnico

CARLOS ALBERTO SOARES

Chefe de Publicidade

Redação e Administração:

General Justo, 171

Telefone: 42-2981

Caixa Postal: 1245

Rio de Janeiro

Nem a redação da Revista nem a Sociedade Nacional de Agricultura são responsáveis pelos conceitos emitidos em artigos assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar — Tel:

43-1432 — End. Tel.: "LINEFE" C. P., 7257

— SÃO PAULO —

São Borja, não dispunhamos de espaço onde iniciar a nossa Biblioteca, que só passou a ser cogitada quando a Sociedade se mudou para o Edifício Itanagra, quando uma pequena sala lhe foi destinada. Mais para guardar as doações que nos chegavam, porque em organização não se podia pensar então. Ali eram depositados os livros oferecidos, até que com a mudança, em 1955, para este edifício, pudemos instalar em local apropriado e relativamente amplo o acervo depositado no Itanagra.

Preliminarmente, foi necessário um trabalho de escolha, de seleção. Muitos livros não condiziam com a nossa finalidade. Outros, eram duplicatas. Feita a separação, foi iniciada a organização da Biblioteca. Tem sido um trabalho de paciência em que se associam o interesse do nosso corpo social e a vontade da Diretoria de voltar a possuir uma livreria condigna. Isto não teria sido conseguido sem a valiosa cooperação do corpo social, já que a escassez de recursos financeiros, nos impediam de aquisições maiores, mas muito já foi feito.

O mobiliário é tão satisfatório quanto possível, apresentando-se a nossa Biblioteca com a grande maioria dos volumes encadernados.

Embora não facultando ainda acesso ao público em geral, a Biblioteca vem atendendo às consultas providas do Serviço Social Rural, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, da Confederação Rural Brasileira e da Diretoria e dos sócios da Sociedade, cumprindo assim, parte de sua finalidade primordial. Teremos de, quando possível, adquirir obras novas, a fim de a pôr em dia com a matéria de que cogita.

Acham-se em andamento os seguintes trabalhos:

- a) revisão completa da coleção de publicações periódicas e solicitação, às instituições editoras, dos números que faltam no nosso acervo;
- b) separação das obras de referência do acervo geral para uma estante especial visando as maiores necessidades dos futuros leitores e de acordo com a moderna técnica biblioteconômica.

Concluída que esteja esta última etapa da organização, estará a mesma em condições de ser franqueada ao público.

Hoje, o acervo da Biblioteca pode ser assim resumido:

LIVROS

N.º de livros catalogados e prontos para consulta	4.277	
N.º de livros em fase de pesquisa e catalogação	1.872	6.149

FOLHETOS

N.º de folhetos catalogados e prontos para consulta:		
a) encadernados	2.118	
b) brochura	453	2.571
N.º de folhetos em fase de pesquisa e catalogação	2.063	2.063 4.634

PERIÓDICOS (Total de títulos existentes: 1.028)

N.º de periódicos registrados e encadernados	2.078	
N.º de periódicos registrados e em brochura	14.084	
N.º de periódicos registrados em fase de encad.	159	
N.º de periódicos em fase de seleção e registro	774	17.095

MAPOTECA

N.º de mapas	153	153
--------------	-----	-----

COLEÇÃO GETÚLIO VARGAS

N.º de livros	568	
N.º de folhetos	346	
N.º de periódicos	161	
N.º de mapas	1	1.076
TOTAL DO ACERVO		29.107

TOTAL DE FICHAS ELABORADAS PARA DIVERSOS CATALOGOS:

Cat. dicionário	23.405	
Cat. oficial	5.474	
Cat. classificado	3.223	
Cat. de cabeçalhos de assunto	3.482	35.584
Fichas de controle de periódicos		1.120
TOTAL		36.704

VII — TESOURARIA E CONTABILIDADE

A despeito dos aumentos salariais e, em geral, do custo de todas as utilidades, o exercício financeiro se encerrou com resultados satisfatórios.

Dentro de uma receita de Cr\$ 12.981.186,20, verificou-se a despesa de Cr\$ 9.366.056,10 — com um saldo positivo de Cr\$ 3.615.930,10 — representado por uma disponibilidade em caixa e nos bancos de Cr\$ 875.855,80 — sendo a diferença levada à conta de móveis, utensílios e outros bens patrimoniais.

Embora comprimindo ao máximo as despesas, pode a Diretoria atender, sem prejuízo

maior dos serviços normais da entidade, a todas as suas obrigações financeiras. Nesta rubrica pode ser também incluído um reforço à Escola de Horticultura "Wenceslau Bello", na importância de cerca de Cr\$... 100.000,00 para que esta pudesse atender, ao fim do exercício, à elevação do salário mínimo e outros aumentos de custeio.

Em anexo, junta-se o balanço geral do exercício sobre o qual terá de manifestar-se a assembléa. Em virtude da inclusão do movimento financeiro dos quatro acordos em execução o movimento contábil atingiu a Cr\$ 158.589.680,70.

A Tesouraria, semanalmente, fornece à Diretoria um boletim pelo qual pode ser acompanhada a situação financeira da entidade, periodicamente.

VIII — A LAVOURA

O velho órgão desta Casa, que em julho próximo completa 64 anos, é hoje a mais antiga publicação no gênero em circulação no Brasil.

Vem saindo bimestralmente e está rigorosamente em dia. Além das suas seções permanentes tradicionais, inclui uma seção destinada ao Departamento das Associações Rurais do Estado da Guanabara.

O seu corpo redacional é constituído dos Srs. Kurt Repsold e Geraldo Gonart da Silveira — técnicos; Luiz Marques Pollano, Redator-Secretário, além de numerosos colaboradores, que através "A Lavoura" levam seus conhecimentos e conselhos aos nossos leitores. Um dos que sempre estiveram presentes em suas páginas foi o Presidente Torres Filho.

IX — ESCOLA DE HORTICULTURA "WENCESLAU BELLO"

O nosso velho estabelecimento de ensino, malgrado as suas notórias deficiências materiais, vem prestando os melhores serviços no campo do ensino agrícola em que é especializado.

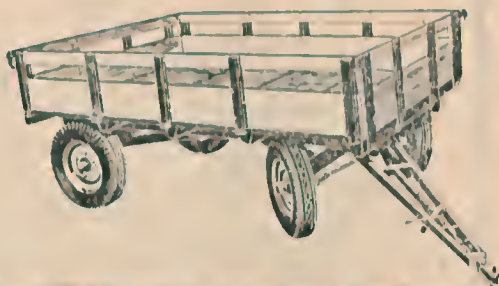
No ano em curso, a verba federal de Cr\$ 450.000,00 lhe foi cortada no plano de economia. Os recursos próprios da Sociedade, contudo, não deixaram que os seus programas de ensino sofressem maiores danos. Além disso, o recurso dos acordos possibilitou, ao contrário, uma expansão apreciável no trabalho escolar e de melhoramentos materiais, como a reforma de imóveis e de reaparelhamento de instalações.

Tais acordos e convênios continuarão, aumentados para o corrente exercício, de forma que é de esperar-se um trabalho mais amplo em 1961.

Com a soma de esforços e recursos proporcionados pelo regime de trabalho em colaboração, através daqueles acordos, foram realizados em 1960:

- a) *Cursos Profissionais* — abrangendo os cursos de Hortelão, Fruticultor e Floricultor, sob regime de internato, e com a duração de dois anos.

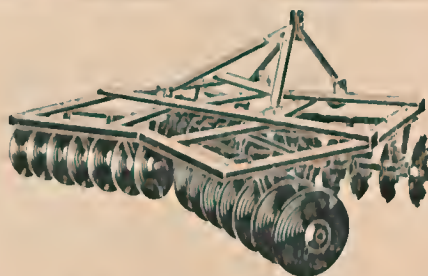
CARRÊTAS



ARADOS



GRADES



...e outros implementos agrícolas

PONTAL

PONTAL, MATERIAL RODANTE S/A.
Vendas pelos revendedores autorizados de
PONTAL MERCANTIL S. A.

à PONTAL MERCANTIL S. A.

Av. do Estado, 5783 - S. PAULO - C. Postal 8.333 - Fone 37-4195

Peço enviar-me grátis, folhetos do(s) artigo(s) assinalado(s) e de revendedores mais próximos.

Nome:

Rua

Cidade

C. P.

Estado

☐ CARRÊTAS

☐ RODEIROS

☐ CARRINHOS

☐ TROLÊTE

☐ RODAS

☐ IMPLEMENTOS

Marque no quadradinho o artigo de seu interesse.

VERMES ? OPILAÇÃO ?

PANVERMINA

GLOBULOS DE GELATINA (JÁ PURGATIVOS)

Golpe certo

CONTRATADOS os VERMES

LABORATORIO PANVERMINA

RUA SAMPAIO FERRAZ, 38-RIO

Nos referidos cursos matricularam-se *quarenta e seis* alunos, dos quais *trinta e dois* no primeiro ano e *quatorze* no segundo ano.

- b) *Curso Prévio* — com a duração de quatro meses, sob regime de internato e destinado a consolidar os conhecimentos de nível primário dos alunos candidatos à matrícula na primeira série dos cursos profissionais. No *Curso Prévio* concluído em março matricularam-se *vinte e cinco* alunos e no iniciado em novembro matricularam-se *dezoito* alunos.
- c) *Curso Especial de Auxiliares de Comunidades Rurais*, iniciado em 1959 e concluído em 1960, com a duração de quatro meses, e destinado ao aperfeiçoamento de alunos concluintes dos cursos profissionais da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", para que os mesmos se capacitem para os trabalhos que o CR-GB do SSR está realizando na zona rural do Estado da Guanabara. No referido curso, que funcionou sob regime de internato, matriculando-se *setecentos e trinta e um* alunos.

O movimento global de matrículas na Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" foi, em 1960, de *oitocentos e trinta e nove* matrículas, assim distribuídas:

	matricula
Cursos Práticos Agrícolas	731
Cursos Profissionais (1.º e 2.º anos)	46
Cursos Prévios (dois)	43
Cursos Especiais	19
TOTAL	839

O número total de cursos realizados em 1960 foi de *cinquenta e um*, assim distribuídos:

Cursos Profissionais	3
Cursos Práticos Agrícolas	45
Curso Prévio	2
Cursos Especiais	1
TOTAL	51

Quanto ao regime de funcionamento, *quarenta e cinco* cursos funcionaram sob regime externato e *seis*, sob regime de internato.

Foram os seguintes os Cursos Práticos Agrícolas ministrados em 1960: Botânica, Alimentação de Pequenos Animais Domésticos, Organização de Pomares, Administração de Propriedades Rurais, Floricultura, Enxertia, Hortas Domésticas, Solos e Adubação, Máquinas de Defesa Sanitária Vegetal, Organização de Sementelhas e Viveiros, Reflorestamento, Cooperativismo Rural, Cultura de Raízes e Tubérculos Hortícolas; — Contabilidade Agrícola, Inseticidas e Fungicidas, Criação de Porcos, Cultura de Solanáceas Hortícolas, Restauração de Pomares, Defesa de Recursos Naturais, Zoologia Agrícola, Multiplicação Vegetal, Doenças de Pragas de Hortas e Pomares, Combate às Ervas Daninhas, Cálculos e Medidas Agrárias, Instalações Rurais, Cultura de Hortaliças Folíaceas, Cooperativismo Rural, Organização de Pomares, Cultura de Citrus, Animais Nocivos, — Preparo e Plantio de Essências Florestais, Cultura de Hortaliças de Verão, Criação de Abelhas e Preparo e Aplicação de Inseticidas e Fungicidas.

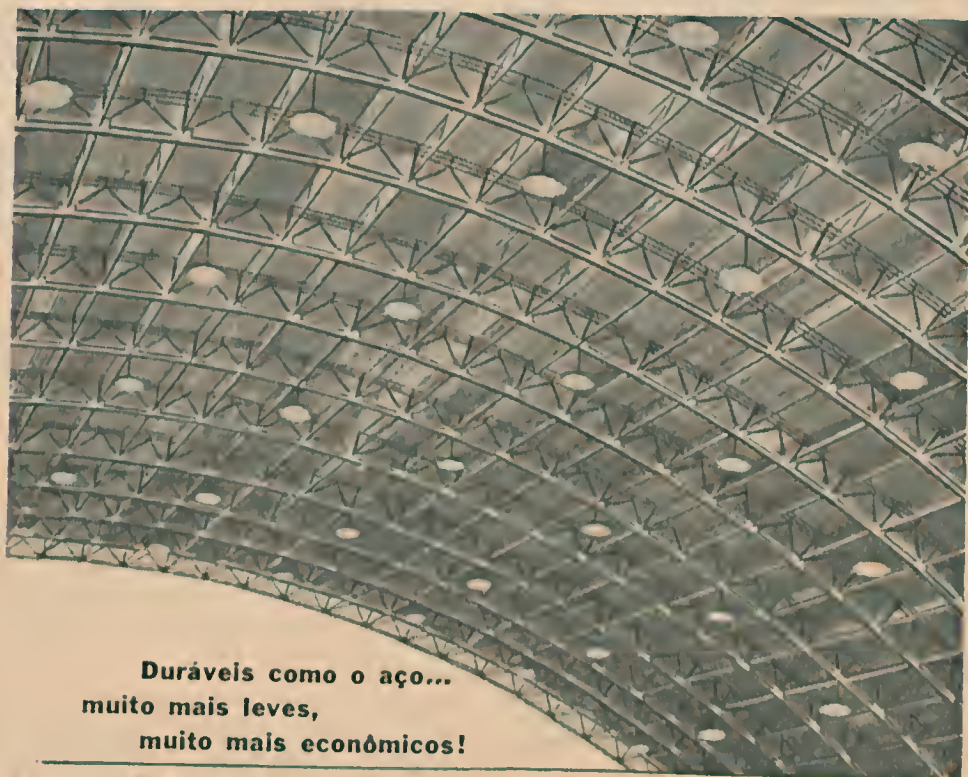
Com o falecimento durante o ano, do diretor Prof. Cyneas Lima Guimarães, assumiu a direção o Vice-Diretor, Prof. Geraldo Goulart da Silveira.

X — DEPARTAMENTO DAS ASSOCIAÇÕES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

O DAREG efetua sessões quinzenais, às quais comparece elevado número de lavradores. Tem acompanhado, orientação e auxiliado a lavoura do Estado da Guanabara nas contendas e reivindicações que se apresentaram, quer na esfera administrativa, perante os poderes públicos, quer na alçada judicial.

O DAREG é constituído atualmente por 11 associações rurais, 16 cooperativas e 1 associação especializada.

O Departamento distribui entre os associados das entidades que lhe são filiadas, milhares de sacos de resíduos "in natura" para atender à alimentação dos seus rebanhos.



**Duráveis como o aço...
muito mais leves,
muito mais econômicos!**

Perfis extrudados de alumínio **ALBRA**

— o maior nome na indústria do alumínio! —

*Beleza e durabilidade na construção de edifícios industriais,
de prédios e residências de grande estrutura*

Os perfis de ligas especiais de Alumínio ALBRA apresentam resistência estrutural comparável à do próprio aço, com apenas um terço do peso deste. Fabricados com o melhor alumínio do mundo, os perfis extrudados ALBRA são incomparavelmente mais fortes, em proporção à seu peso, do que

qualquer liga de outros metais não ferrosos. Resistentes à corrosão! Os perfis extrudados de Alumínio ALBRA são de grande resistência à corrosão, têm acabamento impecável para toda a vida... e dispensam pintura, possibilitando economia de manutenção.

*O alumínio ALBRA e nossa experiência
podem ajudá-lo em seu negócio.*

Técnicos especializados, que representam uma experiência de vários decênios, fazem com que ALBRA lidere o desenvolvimento e estabeleça padrões de qualidade do alumínio em nosso país. Nós sabemos a que o alumínio pode fazer por seu negócio. Consulte-nos.

Os perfis extrudados de Alumínio ALBRA são feitos ainda para esquadrias de janelas e portas, para divisões internas, e para as mais diversas aplicações



ALUMÍNIO DO BRASIL S. A.

São Paulo: Av. São João, 413 — 22.º andar
Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 57 — 18.º andar
Porto Alegre: Rua Uruguai, 155 — 3.º andar
Recife: Praça do Carmo, 34 — 12.º andar

No ano em curso, porém, em virtude da acentuada escassez do aludido produto, as quotas que lhe eram destinadas pela COFAP não foram despachadas pelos moinhos, ocasionando tal ocorrência graves conseqüências para os agricultores e criadores da lavoura carioca. Este ano, segundo previsões do Setor de Trigo e Derivados da Comissão Federal de Abastecimento e Preços, o DAREG deverá receber suas quotas com regularidade.

Por intermédio de representantes da lavoura na Câmara Municipal, destacadamente o vereador Osmar Rezende, agrônomo membro da S.N.A., várias entidades filiadas ao DAREG obtiveram dotações orçamentárias da então municipalidade. Contudo, essas subvenções em virtude de exigências da lei municipal, não puderam ser pagas, sob o fundamento absurdo de que os Estatutos das associações rurais necessitam de modificações que os adaptem perfeitamente a legislação local. Apenas esta Sociedade obteve o empenho da verba de Cr\$ 150.000,000 (Cento e cinquenta mil cruzelros), a qual ainda não foi recebida.

Com referência às modificações exigidas nos estatutos das associações rurais, o vereador Osmar Rezende preparou um substitutivo à lei municipal, visando a afastar as dificuldades surgidas. Por iniciativa do mesmo vereador foram incluídas no orçamento para 1960 várias verbas de subvenções por intermédio da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio e que orçam em Cr\$ 2.700.000,00, conforme publicou o Diário Municipal, Suplemento ao n.º 181, de segunda-feira, 30 de novembro de 1959, na forma abaixo:

ASSOCIAÇÕES RURAIS

Associação Rural de Cachamorra	50.000,00
Associação Rural de Coqueiros ..	50.000,00
Associação Rural de Guaratiba ..	50.000,00
Associação Rural de Jacarepaguá	50.000,00
Associação Rural de Mendanha	200.000,00
Associação Rural de Palmares ..	50.000,00
Associação Rural de Realengo ..	50.000,00
Associação Rural da Reta do Rio Grande	50.000,00
Associação Rural do Rio da Prata	50.000,00
Associação Rural de Sta. Eugênia	50.000,00
Associação Rural de Viégas	50.000,00
Sociedade Nacional de Agricultura	1.000.000,00

Pela SECRETARIA GERAL DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Cooperativa dos Agrícos. Criads. Ilha da Guaratiba	500.000,00
Associação Carioca de Avicultura	50.000,00
Coop. Agrícola de Bangú	50.000,00
Coop. Agrícos. Criads. C. Grande	50.000,00
Coop. Agrícos. Criads. Irajá Ltda.	50.000,00

Coop. Agrícos. Criads. de Jacarepaguá	50.000,00
Coop. Agrícos. Criads. Mato Alto	50.000,00
Coop. Agrícos. Sertão de Jacarepaguá-Guaratiba	50.000,00
Coop. Agro-Avíc. Mista da Vila da Penha Ltda.	50.000,00
Coop. Avicultores de Benfica ..	50.000,00
Coop. Avicultores de Santa Cruz	50.000,00
Coop. Bandeirantes	50.000,00
Coop. Avíc. Dom. de Jacarepaguá	50.000,00
Coop. Iavrats. Criads. Zona Rural Ltda.	50.000,00
Coop. Mista Agro-Pec. Sta. Cruz	50.000,00
Coop. Mista Guanabara, Resp. Ltda.	50.000,00
Sociedade União dos Agricultores	50.000,00
União das Coop. do Estado da Guanabara (UCOEG)	50.000,00
Sociedade Nacional de Agricultura (DAREG)	300.000,00
Para matrícula de menores, filhos de lavradores registrados na SGAIC, na Escola de Horticultura "Wenceslão Bello"	1.000.000,00

As nossas duas verbas de Cr- 1.000.000,00 acima referidas, a respeito de todos os esforços, ainda não foram pagas, e apesar da promessa em telegrama do Governador Carlos Lacerda.

São os serviços diários do Departamento executados por um Encarregado do Expediente, um auxiliar-datiógrafo e um servente, superintendidos, como determinam os Estatutos da S.N.A., pelo Secretário Geral da Sociedade.

O Diretor do Departamento, Sr. Flávio da Costa Britto, cumprindo velha praxe, amavelmente visita a zona rural tendo contato direto com as entidades filiadas.

São de assinalar as seguintes atividades do DAREG em 1960:

1. Visita do presidente de organizações filiadas às autoridades estaduais sobre obstáculos burocráticos ao pagamento de subvenções.
2. Intervenção na Associação Rural de Rio da Prata devido à renúncia da sua diretoria. Nomeada e empossada uma junta governativa dentro do prazo estabelecido pela Secretaria geral da S.N.A., procedeu-se legal e estatutariamente às eleições, sendo empossada a nova diretoria e suspensa a intervenção.
3. Atendimento a agricultores e seus familiares no terreno da assistência médica domiciliar com o comparecimento semanal, regular e diário, de

médicos e enfermeiros do Serviço Assistencial das Pioneiras Sociais, de acordo com um convênio entre aquela organização e o Conselho Regional do Serviço Social Rural da Guanabara.

4. Assistência judiciária aos lavradores de Mendanha e de Rio da Prata do Cabuçú, ameaçados por falsos proprietários de terras de há muito ocupados por agricultores posseiros de boa-fé.
5. Distribuição regular de revistas e publicações de caráter informativo sobre a vida rural destacando-se dentre estas as revistas: "A Lavoura", órgão oficial da S.N.A. e "Gleba", da Confederação Rural Brasileira.

XI — SECRETARIA

Embora dispondo de reduzido pessoal, a Secretaria vem cumprindo a contento a sua missão.

Durante o ano, além dos serviços normais que lhe cabem (cópias, arquivo, protocolo, expedição, etc.) apresentou o seguinte movimento no expediente:

EXPEDIDO		RECEBIDO	
Ofícios	287	Ofícios	298
Cartas	236	Cartas	107
Circulares ...	1.130	Circulares	62
Telegramas ..	206	Telegramas ...	74
Cartões	270	Cartões	53
	2.129	Requerimentos .	37
			629

O Gabinete do Secretário Geral complementa certos serviços da Secretaria, o qual, dispondo de uma secretária-dattilógrafa executiva os serviços de maior responsabilidade tendo inclusive arquivo próprio. Ali, também, por carência de um número maior de empregados, é realizado todo o serviço do pessoal (Carteiras, Anotações, Registro, etc.). Esta parte aumentou de muito o trabalho, já que pelo Acordo com o Conselho Regional do Serviço Social Rural da Guanabara, todo o movimento do pessoal que lá funciona, em virtude do contrato, é realizado no Gabinete do Secretário Geral.

XII — CONGRESSOS, CONFERÊNCIAS, REUNIÕES

Durante o ano esteve a Sociedade presente a diversos acontecimentos de interesse da nossa agricultura.

Ativamente, participou ela do "Forum Econômico Paulo de Frontin", sendo a nossa

delegação chefiada pelo Doutor Heltor Vinícius da Silveira Grillo. A contribuição da Sociedade foi muito positiva, estando seus comentários condensados nas publicações inseridas em nossa revista. Foi um grupo, muito atuante, logo depois transformando em Comissão Permanente de Estudos Agro-Pecuários do Estado da Guanabara. Essa Comissão realizou diversas reuniões, daí resultando a contribuição da entidade à elaboração da Constituição do Estado, sendo de notar que as suas sugestões sobre preservação de recursos naturais do Estado e iniciativa privada foram integralmente acolhidos. Um subgrupo de trabalho, a pedido do Governador, ofereceu sugestões para as modificações a serem introduzidas no Código Tributário.

Estivemos presentes, dentre outras, às seguintes reuniões, conferências e congressos:

Congresso Nacional de Conservação do Solo, patrocinado pela Secretaria Geral de Agricultura do Estado de São Paulo, de 17 de julho.

Semana do Fazendeiro realizada na Universidade Rural, de 24 a 30 de julho.

Semana Nacional da Agricultura comemorando o centenário do Ministério da Agricultura, de 22 a 28 de julho.

Comissão que trata do art. 4.º da Lei 878, de 14.11.1956 que institui prêmios aos lavradores e criadores. Desta nossa participação resultou brilhante relatório, publicado em "A Lavoura".

Concentração de Orientação Rural, promovida pela Confederação Rural Brasileira de 28 a 29 de outubro, em Florianópolis — SC.

Formatura dos alunos da Escola Nacional de Agronomia.

XIII — CONJUNTURA AGRO-PECUÁRIA

Em virtude de proposta aprovada, em sessão de 14 de janeiro de 1955 ficou resolvido que a Sociedade organizasse e lançasse um periódico, sem prejuízo de "A Lavoura", intitulado — "Conjuntura Agro-Pecuária". O título foi desde logo registrado no Departamento Nacional da Propriedade Industrial.

Na curta gestão do Ministro Barros Carvalho, o assunto foi a ele levado pelo presidente e de S. Excia. tivemos todo o apoio, inclusive na parte financeira visto como uma publicação dessa natureza exigir para o seu lançamento recursos apreciáveis.

XIV — LEGISLAÇÃO AGRÍCOLA DO BRASIL

Como contribuição às comemorações do sesquicentenário de D. João VI, na reunião

de 16 de abril de 1956 foi proposta e aceita a idéia de a Sociedade publicar, em reedição, revista e aumentada, a Legislação Agrícola do Brasil, que dera à lume em 1910, em 3 volumes, de há muito esgotados.

Conseguida verba no orçamento federal do exercício em estudo, nomeou a Diretoria uma comissão composta do autor da proposta, Sr. Luiz Marques Pollano, do Dr. Ben-Hur Raposo e do Dr. Frederico Murinho Braga, para se incumbir do trabalho.

A comissão organizou um plano, aprovado pela Diretoria, segundo o qual seria utilizado o sistema usado nos três volumes citados, empregando-se agora critério rigorosamente cronológico, de modo a ensejar o estudo crítico das várias fases de nossa evolução, obedecendo ao seguinte esquema:

Brasil Reino	1808 — 1822
1.º Reinado	1822 — 1831
Regência	1831 — 1840
2.º Reinado	1840 — 1889
1.º Per. Republicano	1889 — 1930
2.º Per. Republicano	1930 — 1937
Estado Novo	1937 — 1945
3.º Per. Republicano	1945 — em diante

O primeiro fascículo já saiu, estando em provas de página o segundo, referente ao 1.º Reinado.

XV — SESSÕES E REUNIÕES

Durante o ano realizaram-se 37 reuniões da Diretoria e numerosas outras Comissões e Grupos de Trabalho, sendo lavradas atas das primeiras.

A 29 de junho, em segunda convocação, teve lugar a assembléa geral ordinária, para apreciação do Relatório e exame de Contas da Diretoria.

XVI — CURSO DE ADMINISTRADORES DE COOPERATIVAS

A Diretoria está cogitando de organizar e fazer funcionar um Curso de Administradores de Cooperativas em colaboração com a Cooperativa Agrícola de Cotia, face a algumas manifestações de líderes cooperativistas, que assinalaram dificuldades no provimento de determinados cargos nas suas organizações.

Considerou a Diretoria, após os entendimentos preliminares com a C.A.C., ser indispensável a obtenção, da parte das próprias cooperativas, de informações que lhe possibilitem dar à iniciativa um sentido útil e prático.

Assim, solicitou em circular às principais cooperativas do país, principalmente às da região centro-sul, os dados necessários. Só de posse desses elementos é que os estudos para a estruturação do Curso poderão ser encarados realisticamente.

UM FILTRO AFAMADO NO MUNDO INTEIRO

Água rigorosamente pura



Com 2, 3 e 4 velas
Fabricadas pelo

Processo Esterilizante
S E N U N

Informações: FABRICA — Rua Figueira, 237

XVII — MÉRITO AGRÍCOLA

Faz parte a Sociedade do Conselho da Medalha do Mérito Agrícola, instituída pela Confederação Rural Brasileira. E seu representante ali, o Presidente da Sociedade.

Na primeira distribuição, ocorrida o ano passado, não pudemos estar presentes, tendo a Sociedade sido representada pelo suplente, Dr. Ben-Hur Ferrelira Raposo, que participou da escolha dos primeiros agraciados, dentre os quais, na Secção *Ação Social no Campo*, foi contemplado o nosso saudoso presidente, infelizmente logo após desaparecido. Os demais foram: Ciências Angelo Moreira Costa Lima; Divulgação, o nosso velho companheiro Eurico Santos; Agricultura, o Embaixador Assis Chateaubriand; Pecuária, o estancieiro gaúcho Antonio Martins Bastos.

XVIII — DR. TORRES FILHO — HOMENAGENS PÓSTUMAS

Programou a Diretoria várias homenagens ao seu saudoso presidente:

- a aposição de uma placa de bronze na sala da presidência, que passará a ter o seu nome;
- a colocação de uma outra do mesmo material, em seu jazigo, no cemitério de São João Batista, com uma romana na ocasião;
- a inauguração de seu busto em bronze, obra do escultor Paulo Mazzuchelli, na sede da Sociedade;

— a colocação de uma cópia d'este em frente ao Pavilhão que traz o seu nome na Escola de Horticultura "Wenceslão Beilo".

Estamos preparando um programa para estas homenagens que desejamos se façam em períodos espaçados para que se mantenha sempre acêso o culto àquele grande saudoso amigo. Tanto as placas quanto as hermas já se acham fundidas.

A Diretoria da Confederação Rural Brasileira, logo após o falecimento do seu Presidente de Honra fez inaugurar o retrato a óleo do Dr. Torres, de autoria do Prof. Jordão de Oliveira, no Gabinete da presidência daquela entidade.

Ainda teremos de realizar uma grande sessão solene e publicar um número especial de "A Lavoura", que pensamos constituir parte de um programa comemorativo do primeiro aniversário de sua morte.

XIX — A CASA DA AGRICULTURA

O edifício-sede da Sociedade Nacional de Agricultura merece uma referência especial no seu aspecto financeiro, neste nosso primeiro relatório como presidente da entidade.

Custo total da construção, inclusive projeto e fiscalização e juros à Caixa Econômica, durante as obras	15.841.336,50
Conservação	83.555,00
Juros e amortização, em 37 prestações (rigorosamente em dia)	5.922.393,10
Total dispendido até 31.12.61	26.353.815,20

NAO DESEMBOLSAMOS

No balanço de 31 de dezembro este imóvel é representado pelo valor de Cr\$ 50.000.000,00, em face a uma reavaliação a que procedemos dado o elevado custo no local por metro quadrado. Sem considerarmos a ótima qualidade da construção, nesta parte da cidade não será hoje o preço unitário de menos de de 20.000,00, o que daria à Casa da Agricultura um valor de 50 milhões (5.000 metros quadrados).

XX — ARRENDAMENTO RURAL

A Diretoria constituiu uma comissão destinada a estudar a questão do arrendamento rural no Brasil, sob a presidência do nosso Ilustre 1.º Vice-Presidente, Dr. Edgard Teixeira Leite e da qual fazem parte os companheiros Adamastor Lima, Rafael da Silva Xavier, Ben-Hur Ferreira Raposo e o nosso Secretário Geral.

Considera a Sociedade indispensável uma lei que discipline o arrendamento rural, como um passo decisivo para a tão debatida questão da reforma agrária. O trabalho agrícola em terra alheia representa cerca de 80% de nossa agricultura, e tal estado de coisas está gerando movimentos sociais de grande convergadura. Assim pensando, incumbiu a

Diretoria a essa Ilustre comissão da elaboração de um trabalho estruturando uma lei, na qual, se incluísse a criação de uma justiça especial, rápida e barata, com a participação do associativismo rural, a qual teria por finalidade dirimir as questões entre arrendatários e arrendadores. Como sabe, estas disputas constituem a quase totalidade das diferenças entre uns e outros. A comissão tem trabalho com a lei e espera ultimar a sua tarefa brevemente.

XXI — PESSOAL

A exigüidade de nossos recursos financeiros terá obrigado a Diretoria a não aumentar o quadro do pessoal que, ainda assim, representa a rubrica mais pesada nas despesas administrativas. Por outro lado, a Justiça do Trabalho funciona hoje, junto aos empregadores, como árbitro dos salários, de tal forma que, a cada ano que passa os reajustamentos e a fixação de novos salários mínimos contribuem com aumentos periódicos nas folhas do pessoal, dos empregados particulares entre os quais nos enquadrados, para esse efeito. Tal política, justificada pelo encarecimento da vida, é estimada pela Previdência Social, que, desses reajustamentos auferia atualmente um substancial aumento de receita.

Não havendo uma contrapartida na receita, cuida a Diretoria de apenas atender nos salários do pessoal existente, sem possibilidade de aumentá-lo numericamente. Não se dá na Sociedade o rerurso do aumento do preço — no comércio e na indústria. Malgrado o volume de trabalho, que tem crescido em face a novas obrigações e tarefas, tem o pessoal correspondido às exigências do serviço, o que é motivo de nossos louvores à sua dedicação e esforços.

XXII — ÓRGÃOS DE QUE PARTICIPA A S.N.A.

Em caráter permanente, participa a Sociedade dos seguintes órgãos públicos e privados:

- Confederação Rural Brasileira.
- Comissão Permanente de Exposições e Feiras.
- Conselho Consultivo da E.F.C.B.
- Comissão Permanente de Estradas de Rodagem.
- Instituto Brasileiro de Educação e Cultura.
- Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais.
- Conselho Interamericano de Comércio e Produção.
- Comissão Consultiva de Acórdos Comerciais.
- Comissão de Política Agrária.
- Conselho do Mérito Agrícola.
- Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara.
- Conselho Superior dos Recursos Fiscais do Estado da Guanabara.

Alguns desses órgãos não funcionavam, nem se reúnem, sem embargo de sua extinção não constar à Sociedade.

—xx—

Ai estão, senhores consócios, em linhas muito rápidas, o que foi o exercício de 1961 na Sociedade Nacional de Agricultura. Apenas uma parte me cabe nesse trabalho, já que ainda em agosto se encontrava à testa

de nossos destinos o Presidente Torres Filho, de imorredoura memória.

Daqui agradeço aos meus companheiros da Diretoria a colaboração e o apoio que me têm dado, e que espero continuar recebendo, a fim de levarmos a nossa Sociedade aos seus altos destinos, continuando-lhe a tradição de serviços à nossa agricultura, na sua já longa existência.

DEPOSITO DE LEITE

Adubos

fortificam as terras fracas

Dep. Prop. CADAL

ESTOCOLMO (SIP) —
Um depósito, para leite, pré-fabricado e padronizado, desenhado primeiramente para granjas pequenas ou de tamanho médio, onde não haja possibilidade de ampliação dos estábulos, foi introduzido no mercado pela companhia Alfa-Laval, os mais importantes fabricantes de equipamento para leiteiras na Suécia.

O depósito pode ser entregue já pronto, ou em seções para sua montagem no local de destino. Foi desenhado em colaboração com a Svenska Mettälverken, tem uma base de aproximadamente 3x2,5m e um telhado inclinado. O depósito é de madeira, enquanto que o teto e as paredes estão revestidos de chapa de alumínio corrugada. O isolamento é assegurado mediante um revestimento de lã mineral. Um sistema de ventilação embutido constitui outro detalhe.

Há o necessário para a instalação de uma caldeira para água quente, refrigerador, aparelho de lavagem etc... Os sistemas de tubulação existentes podem comunicar-se diretamente com o depósito suficientemente grande para guardar um "tanque" de 900 litros de leite.

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES GRATUITAMENTE
CADAL
CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
Agentes exclusivos do Salitre do Chile para os Estados da Guanabara, do Rio e Espírito Santo
Rua México, 111 - 12.º andar (Sede própria)
Caixa Postal, 875 — Telefone: 31-1850-rêde interna

Conselho Interamericano de Comércio e Produção

Em abril, realizou-se em Montevideu, a IX Reunião Plenária do Conselho Interamericano de Comércio e Produção e que tem sede naquela Capital, constitui-se pelas sessões regionais em todos os países do continente, a maior rede de associações de iniciativa privada do hemisfério.

A Sociedade Nacional de Agricultura de há longos anos é participante da Seção Brasileira pelo Dr. Edgard Telxela Leite, que vem sendo sucessivamente escolhido para um dos seus vice-presidentes.

Em nome da Sociedade, apresentou a contribuição que integralmente aprovada pela Seção Brasileira, vai ser levada à Reunião Plenária em Montevideu, e traduzido em espanhol e inglês, largamente difundida por todas as Seções do Continente.

Neste trabalho, o seu autor procurou traduzir o pensamento da S.N.A., a respeito dos problemas da Reforma Agrária, sob seus dois grandes aspectos: o acesso à terra do ruralista sem terra e de amparo ao ruralista que cultiva a terra alheia.

I — O PROBLEMA DO ACESSO A TERRA

A Reforma Agrária pelo seu alto conteúdo emocional e pelo seu grande rendimento político, sob o ângulo eleitoral e demagógico, tem sofrido grandes distorções na sua conceituação. Tem sido utilizada como "fórmula mágica" capaz de atender e resolver os mais variados problemas da produção agrícola entre eles o êxodo rural a baixa produtividade, a elevação do standard de vida das populações rurais, sobretudo da região em que elas estão em estágio de sub-proletariado.

Tem sido prejudicado enormemente o encaminhamento de sua solução. Em termos estritos de política agrária, e no seu sentido clássico ela é um processo de ordem institucional, com modificações da estrutura jurídica, com implicações na distribuição da renda e que apresenta três características: *universalidade, compulsividade e obrigatoriedade*.

Exemplos típicos no continente latino-americano, são as executadas no México e na Bolívia, com expropriação compulsória e generalizada de latifúndios.

De outro lado, pelo menos no Brasil, está verificado que as medidas de ordem institucionais não são necessárias para que se processe uma modificação das estruturas agrárias, compreendida a estrutura agrária como sendo a interdependência — decorrente de fatores físicos

(solo, clima) e de fatores econômicos e jurídicos — (relação terra-homem e dos jurídicos). A constituição brasileira já consagrou numerosos princípios que possibilitam reformas substanciais no setor rural.

Assim nela está consagrado que o "uso da propriedade, de ser condicionado ao bem estar social" e que a "lei poderá promover uma justa distribuição de propriedade (de terra sobretudo) com igual oportunidade para todos".

—x—

Diante da confusão generalizada que se criou, pelo menos em algumas áreas da América Latina, notadamente no Brasil, talvez se pudesse considerar uma modificação do conceito de "reforma agrária", que teria como vantagem facilitar a sua aceitação generalizada.

Assim poder-se-ia conceituá-la nos termos propostos pelo Instituto Brasileiro da Ação Democrática: "entende-se por reforma agrária um conjunto de medidas ordenadas imediatamente à elevação e dignificação das populações rurais e imediatamente à melhoria do nível político e social e econômico do povo".

—x—

Numa reforma agrária (qualquer que seja o conceito em que se a enquadre), há dois aspectos a considerar: o social e o econômico,

e cuja preponderância varia de país a país, e dentro do mesmo país, de acordo com as regiões. Isso decorre da multiplicidade de "estruturas agrárias" que são as mais diversas, e que assumindo condições as mais variadas, exigem tratamentos inteiramente diferentes. Basta neste sentido lembrar as regiões onde há excesso de terra (0,7 habitantes por Km² na Amazônia) e 323 habitantes por Km² para outras áreas do nordeste brasileiro onde o fator água é determinante das acumulações demográficas.

Outro fator decisivo é do baixo índice de capacidade empresarial do ruralista, que tendo vivido gerações seguidas sob o regime de simples executor de tarefas, não tem possibilidades econômicas, mesmo para uma modesta empresa.

É o que explica — e é aspecto de alta relevância a ser considerado — o pouco êxito econômico e o fracasso da reforma agrária de caráter generalizado e compulsório, em certos países, e mesmo o da pequena propriedade isolada, desassistida. Isto ocorre mesmo nas organizações oficiais de colonização e, sobretudo pelo recrutamento indiscriminado dos futuros proprietários e deficiência do próprio poder público preparando-os para assumirem a plena gerência da unidade agrícola. Vale pôr em evidência esta lição para se antever o que ocorreria no caso de uma reforma agrária, de caráter generalizada, como

se tem preconizado, baseado na expectativa da assistência do poder público ao ruralista bisonho, tornado inesperadamente proprietário.

É que não basta dar a terra ao homem, para que ele produza. Constitue o sólo apenas um dos "agentes" da produção, o que a sabedoria do camponês brasileiro pôs em seus exatos termos, com o provérbio de que "terra sozinho só dá capim".

Na verdade, não pode uma reforma agrária, em termos de acesso à terra própria ser reançada mediante leis e decretos que não funcionam por si sós, mas com avultadas inversões. *Não se deve perder na verdade que a reforma agrária é no campo da atividade do estado uma das mais dispendiosas iniciativas.*

Tão importante quanto o fator humano é o do custo da reforma agrária, quando visa o acesso à terra própria.

Na Reunião de Campinas (Brasil), promovida em 1953, sob o patrocínio da FAO, sobre o Problema da Terra, foi posta em justa evidência este relevante aspecto de uma reforma agrária: "o seu funcionamento é um dos problemas mais difíceis num país de escasos recursos".

Mesmo não havendo dispêndio com a desapropriação como no caso da terra do Estado, são enormes as inversões com a *instalação da propriedade*. Há exemplos numerosos de reforma agrária na Europa, em que o lavrador já explorava o solo que lhe coube, com residência, instalações, material agrícola e com longa experiência gerencial. Houve nestes casos apenas modificações das relações jurídicas. O caso latino-americano, em geral, é diferente. A criação de uma unidade agrícola, isto é, casa de moradia, construções rurais, instrumental agrícola, embora reduzido a material elemtar e a pequeno número de animais de trabalho e de criatório, e o fornecimento para sementes, etc., a manutenção do lavrador e da família no primeiro ano, exige uma avultada inversão. Há ainda a considerar as instalações administrativas e assistenciais de vários tipos, como escolas, centros de assistência, médico-social, despesas com pessoal para atendimento destas atividades, etc.

Aos preços atuais, só as despesas de instalação e manutenção no primeiro ano (sem levar em conta o preço da terra) atingirão o custo

em torno de um milhão de cruzelos, por unidade.

Por isso, em São Paulo no plano de Revolução Agrária Paulista, segundo declaração oficial, apenas poderão ser instaladas de 500 a 800 unidades por ano.

De acordo com estes enunciados, vê-se que a reforma agrária, tem de ser forçosamente demorada, pelos problemas de ordem financeira que suscita e pela dificuldade de recrutamento do material humano.

Cabe recordar à luz do que foi dito anteriormente, que qualquer reforma agrária ou renovação rural de grande amplitude, por paradoxal que pareça, tem de começar pelo homem.

A solução sob este aspecto é o da preparação do ruralista para sua adaptação, transformando-o de *simples trabalhador braçal*, de limitada iniciativa gerencial a pequeno empresário e, pela escolha, entre os atuais rurícolas os que tenham demonstrado capacidade empresarial, evitado o aproveitamento indiscriminado, sobretudo pelo favoritismo eleitoral.

II — O AMPARO AO TRABALHADOR RURAL

Proporcionando menos "rendimento" demagógico e



Fazendo como eu...
faras o certo!!!

111 ANOS DE EXPERIENCIA
NO CULTIVO DE SEMENTES
1850 - 1961

Sementes de	Hortaliças
"	" Flores
"	" Forrageiras
"	" Grama
Bulbos	" Palmas

Importadora
L. Daehnsfeldt, Ltda.



Av. Barão de Tefé, 7 - Grupo 301/302 — Caixa Postal 1141
Fones 23-0467 — 43-2183 — End. Telefônico: DAEHNSFELDT
Rio de Janeiro Estado da Guanabara

SÍTIOS, CHÁCARAS E GRANJAS

A 90 MINUTOS DA PRAÇA MAUA

Terras fertilíssimas, tôdas planas ou com pequenas elevações, boas matas e cortadas por diversos rios e nascentes. — Áreas de 3.000 a 20.000 m². — Com frente para estradas de 12 metros de largura. — Três linhas de ônibus com mais de 13 horários diários passando junto ao loteamento. SEM ENTRADA, prestações a partir de Cr\$ 1.802,00. — Informações e vendas:

MERCANTIL RIO DE JANEIRO S. A.

Av. Rio Branco, 120, 12.c — Salas 1.220 a 1.224 — Tels.: 32-9211 e 52-5172

eleitoral que o aspecto de acesso à terra própria, tendo sido relegado a plano secundário, o do amparo ao lavrador que explora a terra alheia. Entretanto, medidas de amparo deste tipo, além de atender a maior número de famílias, apresentam maiores facilidades de pronta execução, pois se resume em firmar leis de rápido andamento.

Em certas áreas da América Latina, é reduzido o número de lavradores proprietários, (no Brasil são apenas 15%), havendo assim 85% de lavradores que seriam beneficiados por uma legislação eficaz que regule as relações entre o dono da terra e o seu ocupante. Entre locadores e locatários.

A regra em todo o mundo é a forma predominante na exploração agrícola, em exceção talvez da Dinamarca onde a percentagem é apenas de 8%.

Há por certo uma legislação, tem todos eles que regu-

la as obrigações dos inquilinos rurais (arrendatários ou parceiros), mas na verdade, necessitam, de uma revisão, pois consubstanciam praxes, usos e normas, remanejando de antigas e superadas estruturas, não proporcionando elementos de defesa dos locatários, não lhes dando meios adequados de amparo.

Uma revisão geral — tentativa para resolver certos problemas criando relações jurídicas mais humanas, sem dúvida constitui medida de alto interesse para a paz social no meio rural. Na verdade a agitação nele verificada (como as Ligas Camponesas no Brasil) tem o seu remédio mais numa adequada legislação que dê direitos e garantias ao homem sem terra, que medidas demoradas e dispendiosas que dê terra ao homem sem terra. E, aliás, este o próprio ponto-de-vista defendido pelos mais autênticos líderes das Ligas Camponesas e recen-

temente exposto pelo Deputado Francisco Julião, numa entrevista à imprensa do Rio de Janeiro.

Teria esta revisão como pontos principais:

- regular o preço do arrendamento e da parceria, de acordo com o valor da terra (para incentivar o proprietário), levando também em conta o valor da produção para não desestimular o inquilino);
- possibilidades de sua revisão, de modo a proporcionar reajustamento, de acordo com modificações conjunturais (secas, chuvas, baixas de preços, etc.);
- segurança de prazos, e possibilidade de revisão de contratos;
- garantias de indenização para as benfeitorias, de modo a estimular a formação de propriedades produtivas e não apenas a exploração predatória do solo;
- metodização de proces-

**BIBLIOTECA
SERVIÇO FLORESTAL**

"I. P. E. C."

Irmãos Peixoto

ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES LTDA.

Por Empreitada ou Administração

INCORPORA E VENDE

Avenida

Pres. Antônio Carlos. 615

7.º and., gr. 705 — Tel. 22-2323

RIO DE JANEIRO

tos de cultura visando a assegurar a conservação do solo;

- f) criação de uma justiça especial para resolver os dissídios entre proprietários e inquilinos, sem as delongas e dispêndios que a justiça comum acarreta, quase sempre funcionando contra a parte mais fraca.

Este último aspecto é de alta relevância, e no Brasil está sendo adotado em vários setores para dirimir conflitos entre empregados e empregadores (justiça de trabalho, tribunais marítimos, juntas de conciliação criados pelo Estatuto da Lavoura Canavieira, etc.) e que tem funcionado com sucesso. Existem já aliás, justiças rurais, especializadas, em vários países, como na Holanda, a França, a Suécia, Bélgica, etc.

A sua adaptação nos diversos países latino-ameri-

canos, de acordo com o direito costumeiro e a legislação existente, seria uma das medidas mais recomendadas para exercer uma modificação nas atuais estruturas em benefício da paz social nos meios rurais.

Estes pontos de vista foram apresentados pelo Conselho Nacional de Economia, em pareceres e na sua Exposição Geral de 1958, sendo então calorosamente proposta a criação de uma justiça especial, para atender os problemas de dissídios entre locadores e locatários rurais.

A Sociedade Nacional de Agricultura seguindo a linha de pensamento do Conselho Nacional de Economia, está elaborando um ante-projeto de lei, a ser encaminhado ao Governo.

Examinando os problemas que constituem os dois grandes setores da reforma agrária ou renovação agrícola, o

Conselho Interamericano de Comércio e Produção apóia as resoluções das Medidas de Melhoramento Social da XXXIX Reunião da Comissão Executiva.

RECOMENDA:

- a) que a concretização da reforma agrária seja ampliada, de modo a compreender "medidas de vários tipos, em benefício da melhoria das condições do rural e de sua família visando rápida "renovação rural".
- b) que no problema ao acesso à terra própria seja dado ao preparo do homem caráter fundamental, capacitando-o para assumir a direção autônoma e eficiente da pequena propriedade, quer pela seleção cuidadosa entre os operários rurais mais idôneos.
- c) que na execução do programa e planos da reforma agrária, seja examinado a fundo o problema do custo da instalação das unidades agrícolas, da sua manutenção na fase inicial e do custo dos serviços auxiliares até a plena emancipação das áreas beneficiadas.
- d) que se aconselhe uma revisão da legislação reguladora da locação rural, levando em conta os direitos das partes contratantes, e também dos interesses da nação sob o aspecto da conservação do solo, evitando a sua exploração predatória.
- e) que se proponha a criação de juntas de conciliação, de justiça rural, para que se evite que continue adstrita a justiça comum, sempre demorada e dispendiosa, os conflitos suscitados entre locadores e locatários.
- f) que sejam as juntas de conciliação presididas por um magistrado de justiça comum e de membros representantes de empregados e empregadores, recrutados pelas associações rurais.

ALAVOURA

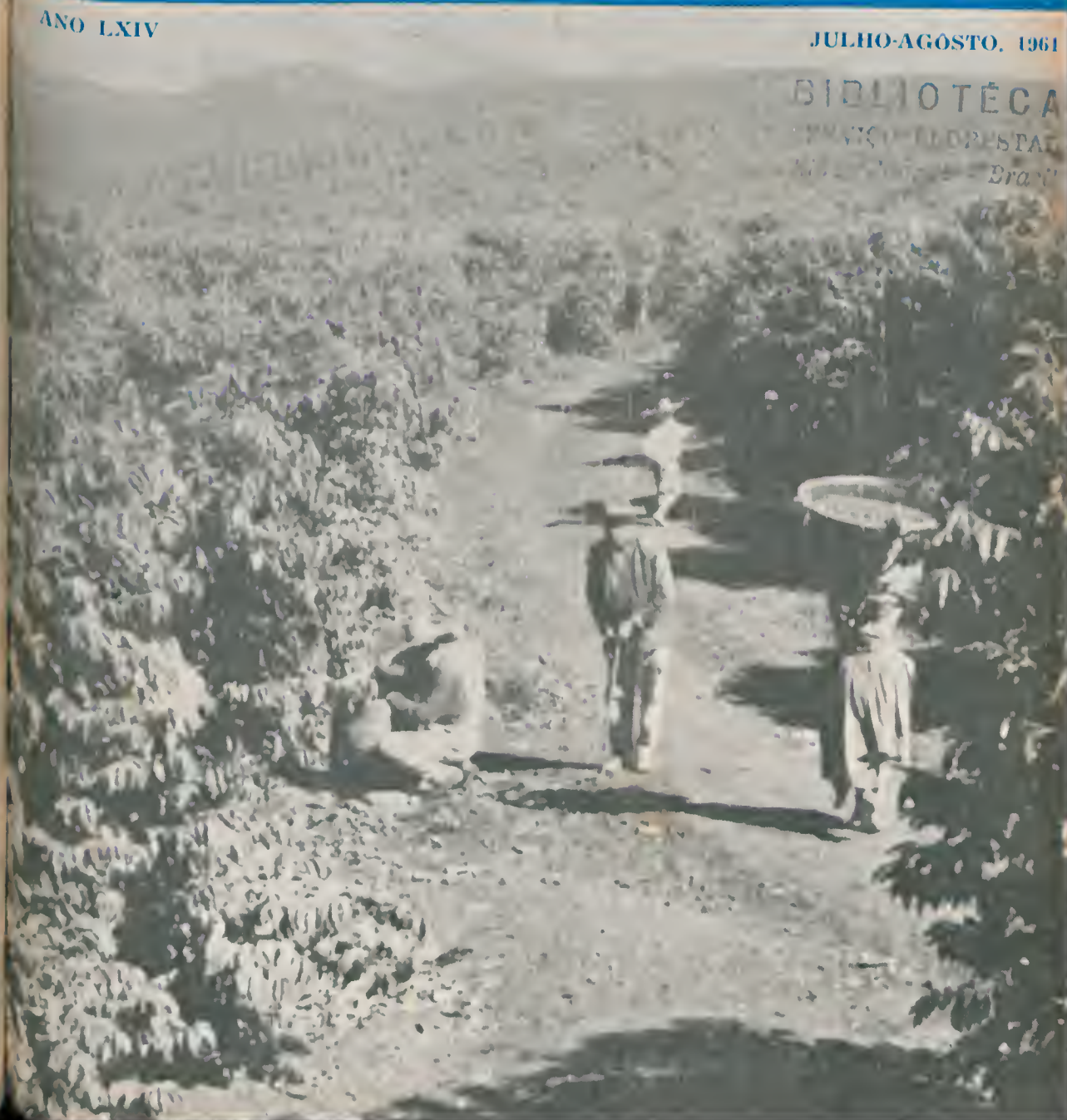
FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSE RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

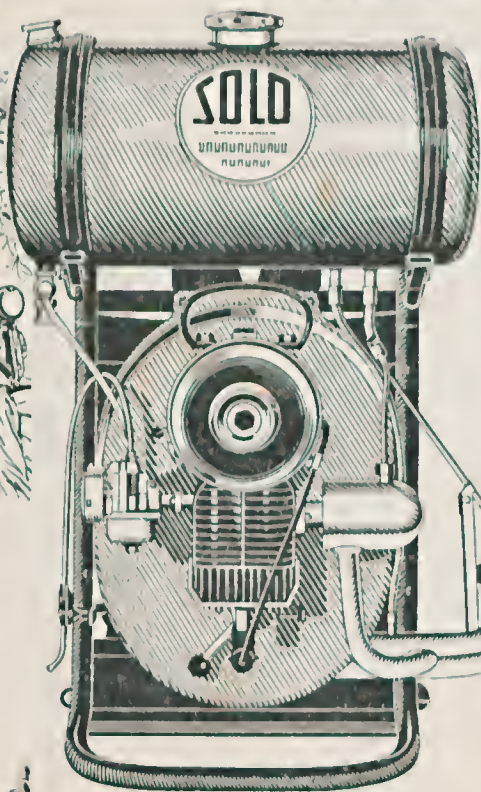
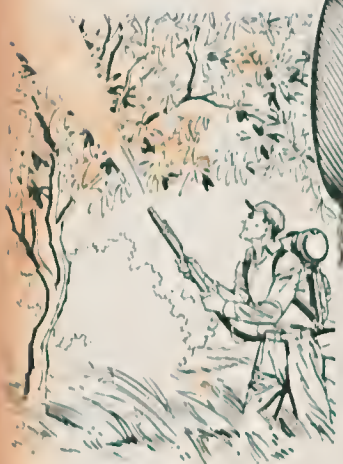
ANO LXIV

JULHO-AGOSTO, 1961

BIBLIOTÉCA
MUSEU DE AGRICULTURA
E ZOOLOGIA
Rio de Janeiro, Brasil



POLVILHAÇÃO PULVERIZAÇÃO NEBULIZAÇÃO



**MOTO
POLVILHADEIRA**



Resultado da experiência dos agricultores de todo o mundo, os aparelhos SOLO para proteção dos colheitos oferecem estas vantagens:

- * Manejo fácil.
- * Depósito para 10 litros de pó ou líquido.
- * Leve de ser conduzido às costas.
- * Alcance do jato: cerca de 15 metros.
- * Pêso máximo do aparelho cheio: 25 quilos.
- * Motor a gasolina de alta rotação e de pequeno consumo.
- * Um só homem pode trabalhar 10 hectares por dia.
- * Cobertura total das plantas.
- * Ausência completa de trepidação.
- * Assistência técnica - amplo estoque de peças.

Distribuidores exclusivos:
**SOCIEDADE COMERCIAL E
INDUSTRIAL**

LASEC LTDA.

RUA CAMERINO, 61/81
Tels.: 43-4990 e 23-2101
RIO DE JANEIRO

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV

JULHO-AGOSTO, 1961

A LAVOURA

ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO
DA GUANABARA

FUNDADA EM 1897

Presidente da Sociedade
Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES
LOPES

Diretor Responsável e Redator-
Secretário
LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor
Eng.º Agrônomo ANTONIO DE
ARRUDA CAMARA

Diretor Técnico
Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Redator Técnico
Eng.º Agrônomo GERALDO GOU-
LART DA SILVEIRA

Chefe de Publicidade
CARLOS ALBERTO SOARES

Redação e Administração:

GENERAL JUSTO, 171
Telefone: 42-2981
Caixa Postal: 1245
RIO DE JANEIRO

Nem a redação do Revista nem
a Sociedade Nacional de Agri-
cultura são responsáveis pelos
conceitos emitidos em artigos
assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar
— Tel.: 33-1432 — End. Tel.:
"LINEFE," C. P. 7257
— SAO PAULO —

NOSSA

Capa

No cafezal de alta produ-
tividade o trabalho de co-
lheita rende quatro vezes
mais. E' possível, então,
colher cuidadosamente vi-
sando a produção de um
café superior.



GLEBA ARINOS — Milho, resultado a partir do 2.º ano
(noticiário na página numero 30)

SUMÁRIO

A Terra	3
A Jura — Luiz Marques Poliano	5
A Classe Rural Temas e Sugestões) Arruda Câmara ..	6
Saudação a um companheiro — Fábio Luiz Filho ...	10
Ameaçados os brasileiros de passar fome no ano de 2.000 — Altair A. M. Corrêa	11
Reforma Agrária de Minas Gerais	14
Cultura da Seringueira — A. de Miranda Bastos ..	20
Serviço Social Rural	22
Cooperativismo Escolar e Proletariado — Helly R. de Souza	21
Coceldeo — O Eterno Problema — Haroldo de Vas- concellos	24
Colheita do Bananal — Cap. I	28
Colonização bem dirigida	30
I Encontro Regional do Abastecimento	34
Associativismo Rural	37
Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" — Prof. Geraldo G. da Silveira	42

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo — DR. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Benemérito — DR. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente	—	LUÍZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente	—	EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente	—	KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente	—	ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário	—	FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário	—	ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário	—	JOSÉ ARISTOBULO DE CASTRO FILGUEIRAS
4.º Secretário	—	GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro	—	RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro	—	OTTO FRENSEL
Secretário-Geral	—	LUÍZ MARQUES POLIANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE	FLAVIO DA COSTA BRITTO
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ	OSMAR LOPES REZENDE
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO	JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
ENNIO LUIZ LEITÃO	JULIO CESAR COVELLO
	MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES)

CADEIRA

OCUPANTE

1 — ENNES DE SOUZA	—	Alberto Ravache
2 — MOURA BRASIL	—	Geraldo Goulart da Silveira
3 — CAMPOS DA PAZ	—	Kurt Repsold
4 — HARÃO DE CAPANEMA	—	Luiz Marques Poliano
5 — ANTONIO FIALHO	—	Antonio de Arruda Camara
6 — WENCESLAU BELLO	—	Ennio Luiz Leitão
7 — SYLVIO RANGEL	—	Frederico Murtinho Braga
8 — PACHECO LEÃO	—	Valestlin F. Bouças
9 — LAURO MULLER	—	Heltor Grillo
10 — MIGUEL CALMON	—	Joaquim Bertino de M. Carvalho
11 — LYRA CASTRO	—	Edgard Teixeira Leite
12 — AUGUSTO RAMOS	—	Luiz Simões Lopes
13 — SIMÕES LOPES	—	Rayme Bernardes Cotrim
14 — EDUARDO COTRIM	—	Paulo Simões Lopes
15 — PEDRO OZÓRIO	—	Antônio José Alves de Souza
16 — TRAJANO MEDEIROS	—	Luiz Guimarães Junior
17 — PAULINO CAVALCANTI	—	Iris Meinberg
18 — FERNANDO COSTA	—	Julio Cesar Covello
19 — SÉRGIO DE CARVALHO	—	Oswaldo Balarin
20 — GUSTAVO DUTRA	—	Ignácio Tosta Filho
21 — JOSÉ TRINDADE	—	José Augusto B. de Medeiros
22 — IGNÁCIO TOSTA	—	Pábio Luz Filho
23 — JOSÉ SATURNINO	—	Mário Peotendo de F. e Silva
24 — JOSÉ BONIFÁCIO	—	Francisco de Assis Iglésias
25 — LUIZ DE QUEIROZ	—	Alfredo L. de Ferreira Chaves
26 — CARLOS MOREIRA	—	Hooório Montelro Filho
27 — ALBERTO SAMPAIO	—	José Carlos de Macedo Soares
28 — NAVARRO DE ANDRADE	—	Rômulo Cavina
29 — ALBERTO TORRES	—	Otto Frensel
30 — SÁ FORTES	—	Oswaldo Lazzarini Peckolt
31 — THEODORO PECKOLT	—	Rômulo Joviano
32 — RICARDO DE CARVALHO	—	José Sampaio Fernandes
33 — BARBOSA RODRIGUES	—	Sylvio Fróes de Abreu
34 — GONZAGA CAMPOS	—	José Assis Ribeiro
35 — AMÉRICO BRAGA	—	Moacyr Alves de Souza
36 — EPAMINONDAS DE SOUZA	—	José Carlos Bello Lisboa
37 — MELLO LEITÃO	—	Milton Freitas de Souza
38 — ARISTIDES CAIRE	—	Paulo F. de Parreiras Horta
39 — VITAL BRASIL	—	Adamastor Lima
40 — GETÓLIO VARGAS	—	

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente do seguintes Órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Poliano; Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil — Dr. Altino de Azevedo Sodré; Comissão Permanente de Estradas de Rodagem — Dr. Raul David de Sansom; Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Dr. Edgard Teixeira Leite; Comissão Consultiva de Acordos Comerciais (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; Comissão de Política Agrária (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente: Alberto Ravache; Conselho do Merito Agrícola — Luiz Simões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara — Abel de Almeida; Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara — Juvenal da Silva Azevedo.

A

T

e

r

r

a

E' o maior patrimônio da Nação. Dela vem tudo o de que necessita um povo para viver. Indispensável, para isso, que seja convenientemente aproveitada. Esse aproveitamento depende, essencialmente, do emprêgo de métodos racionais de exploração, que não o prejudiquem, antes o valorizem, e de um regime legal que assegure um mínimo de estabilidade àquele que o cultive.

Infelizmente, temos até aqui agido em relação à terra de modo exatamente ao contrário. Temo-la espoliado, destruindo a riqueza natural, prejudicando-lhe as fontes da vida: as águas, a flora e a fauna.

Fala-se agora, insistentemente, em Reforma Agrária. De um modo geral, limitam-na a uma política de dar terra a quem não a tem. E' nesse ponto que muitos fixam o eixo do movimento "reformista" que polariza a atenção de parlamentares, de homens de Governo, de organismos públicos e privados.

Mas, dar a terra, simplesmente, não é Reforma Agrária. Não será por esse processo simplista, de certa forma demagógico, que esboçaremos o nosso regime de terras agrícolas — recentemente taxado de caduco — dos seus mais gritantes defeitos.

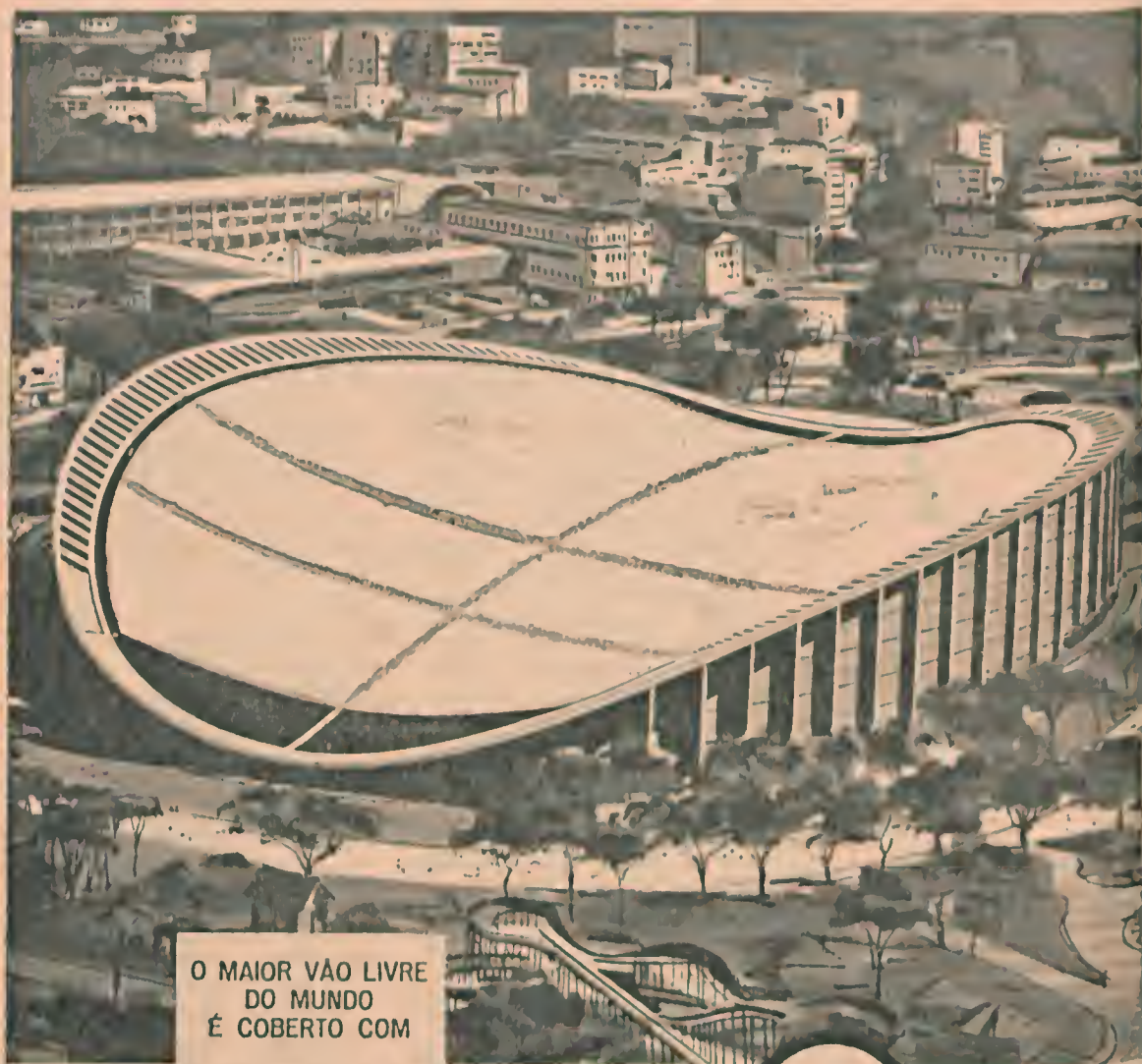
Reforma Agrária — temos

de repeti-lo — é um conjunto de providências que habilitem o agricultor a utilizar a terra em benefício próprio e também no da coletividade; que ensine o proprietário a respeitar esse imenso bem coletivo, a conservá-lo e, sobretudo, a melhorá-lo pela técnica e pelo emprêgo de uma série de medidas que possibilitem a sua utilização tão completa quanto possível.

As precárias condições atuais de nossas terras agrícolas nos convencem de que aqueles que já hoje as dejetem, com raríssimas exceções, ainda não as souberam — ou não as puderam — utilizar convenientemente.

Dando terra, simplesmente, não solucionaremos o problema. Talvez até o agravemos com o aumento do número de seus detentores — pois que isto acarretaria maior déficit de assistência técnica, de crédito, de transportes, de mercados, de distribuição e colocação da produção, enfim, de todo um complexo de medidas que seria ocioso alinhar, porque está no consenso de quantos estudam e patrioticamente se dedicam ao grave problema.

Decida-se o Governo a enfrentá-lo sob aqueles aspectos, através uma lei agrária livre de interesses políticos, e, sem saltos nem sobressaltos, terá para ele a solução que convém.



CHAPAS TRAPEZOIDAIS DE ALUMÍNIO **ALBRA**

Exposição Internacional
de Indústria e Comércio
do Rio de Janeiro
— 28.000 m² de área
coberta!

E por que não também em sua indústria?

A gigantesca Exposição Internacional de Indústria e Comércio da cidade do Rio de Janeiro permanecerá, pelos anos afora, como um local permanente para mostra de produtos nacionais. Sua área coberta é de 28.000 m² — o maior vão livre coberto do mundo! Para essa cobertura, era preciso um material que durasse mais, sempre mantendo uma boa aparência, que refletisse o

calor, e que, por sua leveza, fôsse adequado ao projeto. A escolha rigorosa recaiu sobre as CHAPAS DE ALUMÍNIO ALBRA, produto brasileiro, que reúne todas as qualidades exigidas! Aproveite a experiência dos construtores da Exposição Internacional. Faça a cobertura de sua indústria com CHAPAS DE ALUMÍNIO ALBRA e veja como as vantagens compensam e ultrapassam o custo!

- São mais leves — permitem áreas cobertas maiores, com menor gasto de suportes e colunas!
- Refletem o calor — tornam o ambiente interior muito mais agradável!
- Duram mais — não enferrujam, nem se deformam!

UM PRODUTO DA
ALUMÍNIO DO BRASIL S.A.

São Paulo: Av. São João, 473 — 22.º andar
Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 87 — 18.º andar
Porto Alegre: Rua Uruguai, 188 — 9.º andar
Recife: Praça do Carmo, 38 — 13.º andar

A JUTA

LUIZ MARQUES POLIANO

O Brasil, como país produtor e exportador de café, não podia desinteressar-se do problema da sacaria e, pois, de sua matéria prima tradicional — a juta. Lá pelos idos de 1919 o debate a respeito do preço da juta entre nós repercutia até na Índia — país produtor da fibra. Segundo um cearense lá radicado, (ha cearenses em todo o mundo...), Sr. Antonino da Silva Neves, negociante em Bombaim, afirmava que, "tratando-se de juta e outras coisas idênticas, dizem-se no Brasil verdades e mentiras. Estas avultam mais do que aquelas" — conforme se vê de uma carta sua à S.N.A.

Mas, uma verdade era inconteste: a existência da fome da fibra no Brasil e o seu alto preço. Custava um "Bale" de juta 400 libras, FOB, em rúpias (cerca de 2\$000 ao câmbio da época), de 90 a 195, de acordo com o tipo; as qualidades "First", de 76 a 120 rúpias; finalmente, a de mais baixa qualidade, 12 a 52 rúpias. E' o que diz na sua missiva aquê falcado cearense, que tivemos oportunidade de conhecer pessoalmente.

Foi por isso que o Governo resolveu, em abril de 1918, enviar dois técnicos ao Oriente, para "verificar quais as vantagens e possibilidades da introdução e da cultura da juta no Brasil": o dr. E. Navarro de Andrade e o dr. Rodrigues Caldas.

Ambos seguiram para o Oriente via Estados Unidos, a fim de que o sr. Navarro de Andrade pudesse primeiro ir a Cuba, para in loco examinar as culturas experimentais que se dizia lá existirem, assim como a máquina descortecedora do sr. Girondier; e o segundo, para que pudesse informar-se nos Estados Unidos e no Japão, a respeito das culturas nas Filipinas e em Formosa, as quais pretendia visitar.

O dr. Navarro seguiu para Cuba e o dr. Caldas soube em Washington, pelo "Botanist in Charge of Fiber Investigation" do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos que naquelas Ilhas não existia nenhuma plantação da fibra.

Embora fôsse do seu desejo certificar-se pessoalmente da informação do Departamento de Agricultura, dificuldades em obter condução para Manila e Tathoku fizeram com que seguisse diretamente para a Índia. Chegou a Calcutá quatro meses e sete dias após ter saído do Brasil. Foi seu auxiliar nessa viagem o dr. Bello Lisboa, depois diretor da Escola Agrícola de Viçosa e nome estreitamente ligado, até hoje, aos nossos problemas agrícolas.

Não temos notícia dos resultados da viagem do dr. Navarro de Andrade, mas o dr. Caldas deixou substancial e extenso relatório de tudo quanto viu no país, que, ao tempo, era o único produtor de juta no mundo.

Duas foram, então, as suas conclusões principais, talvez justificáveis para a época mas que, na atualidade do Brasil, estão inteiramente superadas:

"1.º) Igualem-se ou suprimam-se gradativamente os direitos aduaneiros da juta bruta, da anagem e dos sacos, e a crise dos preços cessará prontamente;
2.º) Nas condições econômicas atuais do país não é aconselhável a introdução da juta".

Era, como se vê, apenas o problema de preço da matéria prima que preocupava o Governo. Tanto que, alguns anos depois, foi a cultura da juta introduzida na Amazônia e ali prosperou, a ponto de já se cogitar até de exportar excedentes.

Os dados estatísticos de que dispomos dizem que, em 1944 produzimos 6.357 toneladas, no valor de 61 milhões de cruzetros, subindo o volume produzido, em 1959, a 32.284 toneladas, no valor de 466 milhões de cruzetros.

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

AMM'DA CÂMARA

ALIMENTAÇÃO

O comendador e escritor Luis da Câmara Cascudo, no seu DICCIONARIO DO FOLCLORE BRASILEIRO, descreve os seguintes ALIMENTOS:

1) AARU: — bôlo preparado pelos Cocuzos (indígenas da região central de Mato Grosso) soando-se num pilão um tatu inteiro, até trituração completa dos ossos, e depois misturando-o à massa de mandioca feita beiju;

2) ABALA: — massa preparada da mesma maneira que para o "nearaje", juntando-se azeite doce (azeite de cheiro) e pimenta à vontade. Com uma colher de sopa, vai-se tirando a massa em pequena quantidade (uma xícara pequena) e embrulhando-se em folhas de bananeira (verdes); cada porção da massa leva um camarão sêco, bem cozido, inteiro. Os embrulhos são cozinhados em banho-maria;

3) ABARA: — prato da cozinha afro-bahiana, — põe-se o feijão fradinho em vaso com água até que permita desprendê-lo da casca, e depois de lavado na pedra com cebola e sal, junta-se azeite de cheiro (azeite de dendê), revolvendo-se tudo com uma colher de madeira. Finalmente, envolve-se pequenas quantidades em folhas de bananeira e coze-se em banho-maria;

4) ABEREM: — conduto da culinária afro-bahiana, inevitável nos cardápios de festas típicas na cidade do Salvador. Prepara-se o milho como se fôra para o "acará", e dele se fazem bolas semelhantes às de bilhar, que são envolvidas em folhas secas de bananeiras, aproveitando-se a fibra que se retira do tronco para atar o aberem. É servido com cururu e também com mel-de-abelhas. Dissolvido na água e açúcar dá um excelente refrigerante. Havia ainda o aberem preparado com açúcar e limão.

5) ABRAZO: — O mesmo que "ambrazô" — comida africana, constante de pequenos bôlos, feitos de farinha de milho ou de mandioca, azeite de dendê (de cheiro) pimenta e outros temperos, fritos no mesmo azeite, também chamado "ambrazô";

6) ABUNA: — comida feita com ovos de quelônios (tartaruga, tracajá, nuquã, mucanguê, aratub), alimentação no interior da Amazônia;

7) ACAÇA: — na cozinha afro-bahiana é um dos pratos indispensáveis ao paladar coletivo. Espécie de bôlo de arroz ou de milho ralado na pedra, moldo no ponto de gelatina e cozido, em forma retangular, ficando o bôlo, envolvido em folhas verdes de bananeiras, protuberante no centro e achatado para os bordos. Servem como pilão para o vatapá e o cururu ou dissolvendo em água e açúcar fornece uma bebida refrigerante a que chamam garapa de açuca, aconselhado para as mulheres que amamentam. Há também o açuca-de-leite, açuca-de-leite-de-coco;

8) ACARA: — O mesmo Acarajé;

9) ACARAJE: — bôlo de fradinho (ver ABARA) com molho especial de pimenta malagueta, cebola, camarões, — mais suculento que o "abara";

10) ADO: — gulodice negra da Bahia. Milho torrado, reduzido a pó e temperado com azeite de dendê (de cheiro) e mel de abelhas;

11) AFURA: — bôlo de arroz fermentado e moldo na pedra. Serve-se com água açucarada na qual dissolve, formando bebida refrigerante muito apreciada pelos Nagôs e pela população de Salvador;

12) AIPIM: — Mandioca doce, macaxeira. Ocaim da macaxeira era bebida apreciadíssima. O aipim comem cozinhado e assado, servem para farinha de beiju;

13) ALAMBICA: — O mesmo que ABOBRA. Jerimum, serve-se cozido, em sopa, etc. Jerimu cubelo, jerimu de leite; muranga (jerimu cubelo);

14) ALFELÔ: — Doce conhecido como alfeóllo, felô, alfélua, alféloa, — de origem árabe, típico e popularíssimo em sua simplicidade para fazer comer. Pasta de mel que preferem em "ponto grosso", diz-se "felô" e "puva-puxa" en-

VERMES ? OPILAÇÃO ?

PANVERMINA

GLOBULOS DE GELATINA (JÁ PURGATIVOS)

Golpe certo

CONTRA TODOS os VERMES

LABORATORIO PANVERMINA

RUA SAMPAIO FERRAZ, 38-RIO

trado no Brasil, por intermédio da Província Ibérica que o havia importado;

15) ALFENIM: — Massa de açúcar seca, vendida em forma de flores, aninços, sapatas, cachimbos, peixes etc., origem árabe, valendo, alvo, branco;

16) ALHO: — diaforético, tosse, influenza, dor de dentes; friccionado nos pulsos e dado a cheirar, vale como éter. Usam-no como chá, lambedor (xarope). O alho plantado na noite de São João nasce antes do amanhecer; o odor afasta as feitiçarias, que não resistem à barreira invisível criada por ele. Onde existir alho, não há bruxaria. O calhoro foge de quem mastiga alho. É tempero apreciado;

17) ALIMENTAÇÃO: — Vide COMER

18) ANEL: — bólo de anel, bólo de festa natalícia dos solteiros, consiste em pôr um anel na massa e quem o encontrar casa-se dentro de um ano;

19) AMBRAZÓ: — Comida feita de farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos;

20) AMENDOIM: — Mendobi, amendoim. Plantam-se amendoins em terra solta e úmida, em a qual a planta se beneficia; as índias costumam plantar; nesta lavoura não entra homem senão as plantas não nascem. Há diversas abusões;

21) AMORI: — Prato afro-bahiano feito com folhas de mostarda, sem cortar, temperadas como o efô, fritas no azeite de dendê (de chelro). Chamam, também, LATIPÁ;

22) ANTA: — Era o maior mamífero do Brasil, pre-colonial; é extraordinariamente forte; na Amazônia acreditam na anta-cachorro fantástica; é boa caça, os índios chamam na TAPIRA;

23) ARU: — Pirão de ovos de tartaruga, traça, ou outro quelônio, com farinha e açúcar na Amazônia; vide ABUNA;

24) ARACU: — Peixe do gênero Leporinos Anostomídeos cujos tipos principais são plava ou plaba, chimboré, tanchina, etc.;

25) ARAMAÇA: — Pataca, Urumaça, Maracatuba, Linguado e Solha;

26) ARITICA: — Felção com rapadura. O mesmo que granfanja, usada no Rio Grande do Norte;

27) ARROZ DE AUSSA: — Arroz cozido em água sem sal formando purê, servindo-se com um molho substancial;

28) ARUA: — O mesmo que urná, arruá, — molusco gasterópode, gênero ampulária, — encontra-se nos riachos; no Ceará é uma ostra de água doce, em Alagoas chamam Caranguejo. É preconizado como tendo virtudes de ser bom para moléstia do peito, — usam-no como lambedor;

29) ARUBÉ: — Massa feita de mandioca, puba, sal, alho e pimenta da terra, misturam com molho de peixe; também chamado uarubé;

30) ARRUDA: — Ruta graveolens, aperitivo e fortificante;

31) ATAPU: — Uatapu do Pará, gnatapu, gnatapi, — no mercado do peixe usam o buzio para chamar a freguezia;

32) ATARE: — Pimenta do Costa, — condi-

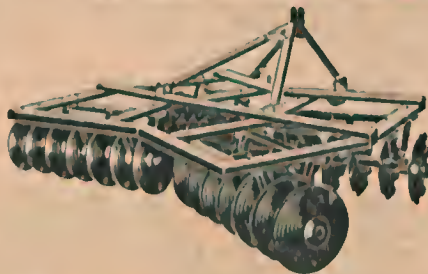
CARRÊTAS



ARADOS



GRADES



...e outros implementos agrícolas

PONTAL

PONTAL MATERIAL RODANTE S/A.
Vendas pelos revendedores autorizados de
PONTAL MERCANTIL S.A.

à PONTAL MERCANTIL S.A.
Av. do Estado, 5783 - S. PAULO - C. Postal 8313 - Fone 37 4195
Para enviar-me grátis, folheto da(s) artigo(s) assinado(s) a de
revendedores mais próximos:

Nome: _____ Estado: _____
Rua: _____
Cidade: _____
☐ CARRÊTAS ☐ CARRINHOS ☐ RODAS
☐ RODEIROS ☐ TROLÊS ☐ IMPLEMENTOS
Marque no quadrinho o artigo de seu interesse.

mento apreciado na cozinha afro-bahiana; é a pimenta malagueta;

33) AVES: — Diferentes espécies; algumas com variadas plumagens úteis à alimentação;

34) AVIU: — Espécie de camarão de que fazem apreciada sopa engrossada com farinha de tapioca nas praias de Cametá e do Tocantins;

35) AZEITE DE DENDÊ (de "CHEIRO"): — Óleo extraído do fruto da palmeira dendê, *dendzeiro Elais guineensis*;

36) BABA DE MOÇA: — Um dos doces mais velhos e populares do Brasil;

37) BACABA: — Fruto da bacabeira, — palmeira da espécie *Oenocarpus bacaba* e *O. distichus*, de que se extrai a bacabada;

38) BACURI: — *Platanus insipida*, Mart, do mesocarpo do fruto fazem compota;

39) BAGRE: — Peixe de pele, silurido muito apreciado;

40) BATAO-DE-DOIS: — Prato popular no Ceará;

41) BAMBA: — Borra de azeite de dendê (fino). Farofa de bambá, farinha de mandioca temperada no bambá. Prato angolez;

42) BANANEIRA: — *Musa sapientum*, L., *Musa paradisiaca*. Tem sua história e mistérios. Na noite de São João quem meter uma faca na bananeira verá o nome da futura noiva ou do futuro noivo. Quando val dar encho a bananeira geme. "Quem cortar atravessadas as pacobas ou bananas, ver-lhes-á no meio uma feição de crucifixo". Diversas variedades; entre as espécies e variedades cultivadas no Brasil, figuram: — ouro, prata, maçã, São Tomé, anã ou nanica, comprida ou da terra, farta vilhaco, etc.;

43) BAZULAQUE: — Doce feito de côco ralado e mel de furo chamado pé-de-moleque;

44) BEIJU: — Bôlo de massa de mandioca, do tupi mbelu, alimento indígena muito apreciado; beijos de tapioca chamados punhos crespos;

45) BEM-CASADOS: — Nome de um biscoito de goma;

46) BIARIBU: — Modo peculiar dos selvagens cozinhar a caça e o peixe, moquear;

47) BIJACICA: — Bolinho, tipo rôska, feito de polvilho, ovos e açúcar, frito na banha;

48) BOBÓ: — Comida África usada na Bahia, feita de feijão-mendubi ou feijão-mulatinho, bem cozido em pouca água com algum sal e banana da terra quase madura. Reduzido o feijão a massa junta-se-lhe azeite de dendê (de cheiro);

49) BOLA: — Doce de açúcar refinado em ponto vítreo, envolto em papel; bola de açúcar queimado; bola de açúcar e côco; rebuçado;

50) BOTADA: — Jantar dado nos engenhos de açúcar por ocasião da botada ou início de funcionamento;

51) BROTE: — Bola de pão, pão (do holandês), vendido nos Estados (nordeste);

52) BUCHA: — Comida ligeira;

53) BUCHADA: — Prato tradicional na norte e nordeste brasileiro; indigesto;

54) BURITI: — Vinho e doce de buriti, — palmeira das espécies *Mauritia vinifera* art., *M. armata*;

55) BUTARGA: — Conserva de ovas de peixe, caviar brasileiro;

56) CAAPI: — Bebida extraída do cipó *Banisteria caapi* usada no Rio Unpê;

57) CEBELOURO: — Tendão;

58) CABIDEIA: — Guisado de galinha, pato, ganso, peru, etc.;

59) CACHAÇA: — Aguardente;

60) CACHIMBO: — Bebida feita com mel de abelha e aguardente;

61) CAPOFA: Comida feita com carne seca, frita, misturada com farinha;

62) CAIÇUMA: — Bebida serrana; café muito forte, quente, com ou sem açúcar, com leite apoiado;

64) CANJICA: — Canjiquinha, creme de milho verde; pupa de milho verde com leite de vaca ou de côco e açúcar;

65) CARIMA: — Bôlo preparado com a massa de mandioca e água, em forma de discos e secos ao sol, empregado em papas e mingaus;

66) CARNE-DO-CEARA: — Carne seca, jabá, indústria das salinas do Rio Grande do Norte e do Ceará (Aracati e Camocim);

67) CARURU: — Iguaria de origem africana, sudanesca, muito popular na Bahia;

68) CARURU-DOS-MENINOS: — Prato oferecido aos meninos que frequentam os candomblés;

69) CARTOLA: — Prato ligeiro de sobremesa de bananas fritas, queijo assado, açúcar e canela;

70) CAUI: — Também chamado CAUIM, água de bêbedo, cachapa, etc., toda bebida fermentada espirituosa ou aquosa;

71) CERIMONIA: — Prato ligeiro de sobremesa, feito de bananas, fritas, queijo assado, açúcar e canela. Nordeste do Brasil;

72) CERIMÔNIA: — Um pouco de comida que é costume deixar-se em cada prato na refeição em casas alheias, por parecer mal comer tudo;

73) CUIOURIÇO: — Doce feito com sangue de porco e outras especiarias. Linguiça, tripa chela de carne, temperada com sangue cozido com temperos, eboriço doce, morcela, linguiça de sangue com açúcar e temperos, doce de sangue com farinha de mandioca e temperos (pimenta do reino (bem pilada) gengibre, cravo e canela); prato comum no Nordeste;

74) CHURRASCO: — Alimentação rio-grandense do sul, que se tornou conhecida; carne assada na brasa, — é a carne de espeto servida com farinha, às vezes com molho;

75) COCADA: — Doce de côco, com açúcar, cortada a massa em quadradinhos;

76) COCO: — Fruto e tempero; dança muito comum no Nordeste (Alagoas, etc.);

77) COERANA: — Fruto da solanácea gênero *Cestrus* com diversas espécies;

78) COMER: — Refeições;

79) CONSOADA: — Refeição tomada à noite nos dias de jejum;

80) CRAVO: — Tempero;

81) CRUSTACEOS: — Caranguejos, siris;

82) CUXA: — Arroz cozido em folhas de vinagreira e e quilabo, com gergelim torrado reduzido a pó misturado com farinha de mandioca, no Maranhão;

gostoso como
uma tarde no circo!

NOVO NESCAU

-vitaminado... instantâneo

Além de ser de facilíssima digestão,
o Novo NESCAU é rico em vitami-
nas... por isso, o Novo NESCAU
faz você crescer mais depressa e
sempre forte!

E você mesmo o prepara como
num passe de mágica: basta pôr
uma colher de Nescau no leite,
mexer... e pronto! O seu NESCAU
se desmancha tudinho, sem
precisar bater!



Puxe hoje mesmo
o mamão e seu copo de

NESCAU

quente ou frio... é gostoso, é saudável!

- 83) DABUCURI: — Banquete, festa de convite em que se declara a comida, dada de tribo a tribo, em sinal de amizade e boa vizinhança;
- 84) DENDÊ: — Azeite obtido da palmeira *Elaeis guineensis*, Jack, o azeite de dendê (de cheiro) é indispensável à cozinha afro-bahiana;
- 85) DENGUE: — Milho branco, cozido com pouco açúcar;
- 86) EBO: — Farinha de milho branco, sem sal. Depois de cozida certas tribos africanas dão azeite de dendê ou o ouri. Empregam para o consumo misturado com feijão fradinho torrado, água e sal;
- 87) ECURU: — Farofa de massa de feijão-fradinho, diluída em mel de abelhas ou azeite de dendê e sai semelhante ao acarajé;
- 88) EFÔ: — Cortam-se em pedacinhos as folhas de língua-de-vaca ou de taloba, as fervem-se, escorre-se a água numa panela, tempera-se com camarões secos dessecados e molhos, cebolas, coentro, pimenta e sal. Adiciona-se um pedaço de peixe seco ou bacalhau, cozinha-se em água até ficar bem cozida e enxuta. Põe-se azeite de dendê, mexe-se bem e serve-se;
- 89) EFUN-OGUEDÊ: — Corta-se banana São Tomé, não madura e põe-se a secar as fatias ao sol, reduz-se a farinha;
- 90) EGUSSI: — Pevide de abóbora ou melancia;
- 91) EMBIRICICA: — Fielra de peixe, camabada;
- 92) ERAN-PATERÊ: — Pedaço de carne verde, bem fresca, salgada e frita no azeite de dendê (de cheiro);
- 93) FARINHA-de mandioca, de milho, etc.: gente como farinha, ganhar diuheiro como farinha; peixe no prato-farinha na cula;
- 94) FARINHA (CASA DE): — Dependência onde se fabrica farinha, farinha d'água, farinha seca, farinha de pau;
- 95) FAROFA DE CASCO: — Aberta a tartaruga, tirados os ovos, vísceras, quartos, filés, o casco (carapaça) fica aparentemente limpo. Levado, porém, ao fogo, depois de lavado e temperado com sal e limão, escorrega-lhe abundante gordura para o fundo da carapaça sob a ação do calor. Essa gordura, misturada no próprio casco, usa-se na alimentação. Os pobres fazem render o acepipe, levando ao fogo, durante dias e adicionando novas doses de farinha;
- 96) FAZER AS ONZE: — Almôço ligeiro;
- 97) FEIJAO: — Passos de dança (côco), alimento, feijão fradinho, mulatinho, etc.;
- 98) FEIJOADA: — Prato popular preferido por todas as classes; a feijoada completa é tradicional e substancial reunindo verduras e carne, linguiça, paio, charque orelhas de porco, abóbora, alpin ou mûcaxeira; diferentes as receitas;
- 99) FESTAS: — A festa é a do Natal e de São João, Santo Antônio São Pedro e Senhora Sant'Ana ou Natal, Páscoa e São João;
- 100) FURRUNDUM: — Doce de cidra ralada, feito com mel ou rapadura, açúcar;
- 101) GARAPA: — Nome comum de diversas bebidas refrigerantes; *caldo de ...*
- 102) GARRADA: — Remédio preparado pelos curandeiros;
- 103) GAZERIO: — Godério, goderio, para-sita, vadio, flâneur, papa-jantar;
- 104) GEMADA: — Bebida feita com gemas de ovo, açúcar e leite quente;
- 105) GROGUE: — Bebidas misturadas; está grogue, embriagado;
- 106) GRUDE: — Espécie de bôlo de goma ou massa de mandioca, com açúcar e côco, envolvido em folhas de bananeira;
- 107) GUAIAMUN: — Caranguejo terrestre, azulado. Também chamam gualimu, golamum, fumbaba, golamum;
- 108) GUAJÁ: — Crustáceo vermelho do gênero GUAIA;
- 109) GUERERÊ: — Alimento. Guisado com as vértebras dorsais e a tripa do pirarucu;
- 110) IERÊ: — Semente semelhante à do coentro, usada na velha culinária afro-bahiana como tempero para o caruru, peixe e galinha;
- 111) IMBU: — Arvore que dá de beber *Spondias tuberosa*, Arruda Câmara, de I-im-û (Teodoro Sampaio);
- 112) INAMBU: — Aves da família Tinamida, gênero *Crypturus*. Chamam inamu, enambu, nambu, nhambu;
- 113) INDEZ: — Ovos que se deitam no ninho de galinhas;
- 114) INHAME: — Tùbera de origem africana *Dioscorea sativa*, Linn.;
- 115) IPANDU: — Arbusto de que se extrai a cocaina *Erythroxyloncoca*. Os caboclos torram-lhes as folhas, fazem delas, po, adicionam pó das folhas de embauba, polvilho da taploca, constituem o Itambu; caçadores e pescadores trazem-na na boca durante o serviço para enganar a fome;
- 116) IPETÊ: — Iguaria de inhame, cortado miúdo, fervido, tempera-se com azeite de dendê, cebola, pimenta e camarão, passados na pedra;
- 117) IRU: — Fava grande, de um centímetro, usada pelos afro-bahianos como condimento, embora em porção mínima;
- 118) JABA: — Carne seca, carne salgada, charque; alimento utilizado mormente no Nordeste;
- 119) JABUTI: — Tartaruga terrestre *Testudo tabulata* Spix., consumido como alimento;
- 120) JACUBA: — Café com farinha, — alimento feito com farinha, água e rapadura, acompanhado de café;
- 121) JAMANTA: — Arrala grande;
- 122) JAPANA: — arbusto *Eupatorium aya-* para. erva de cheiro;
- 123) JANTA: — Terebra e última refeição, considerado a principal refeição do dia;
- 124) JAPUAQU: — Japu grande verde-amarelo com manchas amarelo ferrugem bleo cinzento com a extremidade vermelho-cinábrio;
- 125) JEJUM: — Dia de jejum, pretexto para jantar bem;
- 126) JENIPAPO: — Fruto jenipapeiro *Genipa brasiliensis*;
- 127) JFRIBITA: — Aguardente ou cachaça, feita de bôrras de açúcar e mel-de-furo;
- 128) JINJIMBIRRA: — Bebida refrigerante e picante;
- 129) JUARAU: — Peixe-bol

(Continua)

Ameaçados os brasileiros de passar fome no ano de 2.000

A DESTRUIÇÃO ACELERADA DOS RECURSOS NATURAIS DEVE CAUSAR PREOCUPAÇÃO

Altir A. M. Corrêa
Engenheiro-Agrônomo

Os métodos primitivos de exploração da terra — a derrubada e queima da mata, o plantio morro abaixo, os incêndios repetidos das florestas e dos campos — têm tornado o território brasileiro empobrecido pela ação intensa dos agentes provocadores do flagelo da erosão.

O País, de acordo com as estimativas, seguindo o mesmo ritmo de aumento da população, deverá ter, no ano 2.000 — 156 milhões de habitantes. Como se alimentará a totalidade dos brasileiros daquela época, se persistirem as práticas atuais depredatórias dos recursos naturais? As gerações futuras deverão retirar do mesmo solo que hoje está sendo incenssantemente espoliado os elementos necessários para a subsistência. ALIMENTAÇÃO E USO DA TERRA — A área do País explorada com lavoura é de cerca de 25 milhões de hectares. A produção atual, nesse superfície dividida pela população, dá a média de apenas 500 gramas, diárias, de alimentos para cada habitante. Em face da quantidade mínima, julgada necessária para a sobrevivência do ser humano, de 1600 gramas, somos induzidos a concluir que

a maior parte dos ocupantes do território nacional está sujeita a um regime de fome, refletido no maior índice de mortalidade do mundo.

Considerando que a deficiência alimentar há que aumentar três vezes, a atual produção somente dará para atender ao presente número de habitantes. Para o ano 2.000, face ao crescimento da população, aquela deve ser multiplicada por 25. Há, então, que elevar a quantidade de alimentos e matérias-primas para sete e meia (7,5) mais, a do presente. Será possível a ampliação da área explorada para obtenção da produção necessária?

As terras utilizadas com agricultura, pecuária e as grandes superfícies que antes eram cobertas de mata, hoje estão seriamente danificadas pela erosão, portanto, com reduzida capacidade produtiva. A estrutura topográfica, com declives acentuados em muitas regiões, a existência de vasta área convertida em catinga, cerrados e campos, são fatores limitantes para a expansão da área agrícola. A região amazônica, que compreende grande parte do território brasileiro, é sujeita

a inundações periódicas, e devido a fortes chuvas e solo fraco só permite a exploração com lavoura por poucos anos. Como proceder, portanto, em vista da situação que se apresenta? Somente a utilização em escala intensa das técnicas agronômicas, com renúncia das práticas de conservação do solo e da água, permitirão ao País possibilitar a manutenção de sua população.

O uso racional das áreas agrícolas compreende duas fases, que se completam — proteção contra os agentes da erosão e melhoramento da fertilidade. As terras devem ter planejada a exploração das atividades agro-pastorais em função da sua capacidade produtiva, possibilitando o sistema de maior produção sem ocasional danos da constituição.

Dentre as técnicas agronômicas, que devem ser adotadas por todos os agricultores, como rotina de trabalho, podem ser mencionadas: preparo do solo e sementeira seguindo a curva de nível; uso de sementes de maior produção; rotação de culturas e de pastos; adubações químicas e orgânicas; irrigação; manutenção de florestas nas encostas íngremes.

Se não houver uma coibição contra as práticas depredatórias dos recursos naturais, o País não terá condições para alimentar os seus filhos nas próximas décadas, salvo se, por determinação governamental, por instituída lei que limite o nascimento de brasileiros. Porém não acreditamos que governo algum queira adotar tão drástica quanto antipática medida. Urge, portanto, que seja protegido eficientemente o solo, para que as gerações vindouras possam ter de onde retirar os alimentos necessários à subsistência, porém como uma raça forte. NAO HA POVO SADIO, SEM UM SOLO FERTIL!

ADUBOS VIANNA

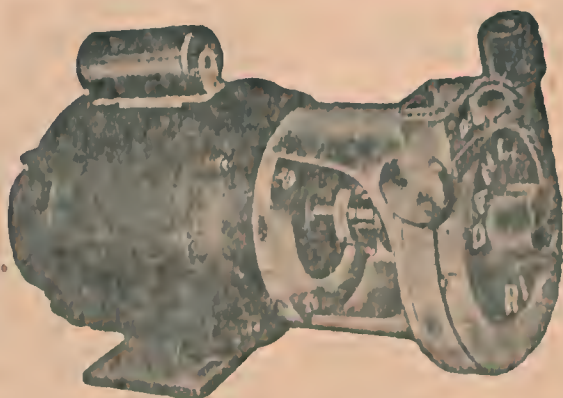
Fórmulas para todas as lavouras

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Caixa Postal 3572 — Endereço Telegráfico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO

BOMBAS HIDRÁULICAS

DANCOR
INDÚSTRIA BRASILEIRA



CENTRÍFUGAS

- Com motores elétricos monofásicos de 1/4 a 1 H.P. trifásicos de 0,75 a 5 H.P.
- Com motores a gasolina auto-aspirante de 1, 1/4 H.P. auto-aspirante de 1, 1/2 a 5, 1/2 H.P.

A VENDA NAS BOIAS CASAS

Fabricadas e garantidas pela

DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECÂNICA

Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "Dancor" — Rio de Janeiro

UMA VACA

2 LITROS DE LEITE POR DIA

A produção de leite dos rebanhos que abastecem o Rio de Janeiro, comparada

com a de vários países, apresenta um contraste chocante. É 4 vezes menor que a



das vacas da Suíça e as da Dinamarca, 4 vezes e meia inferior à das cavas da Holanda.

Na verdade, não passa, em média, de 730 litros por vaca, anualmente, seja, 2 litros por dia.

A desvantagem provém em primeiro lugar, da fraca quantidade do gado. Os rebanhos finos, da raça holandesa, jersey ou ouara, são poucos e pequenos. Na grande maioria, são apenas vacas crioulas ou mestiças, de reduzida produção.

Outra circunstância desfavorável é a falta de boas pastagens. É insignificante o número de fazendeiros que dão rações adequadas e que tratam das pastagens para evitar que sejam pisoteadas em excesso, ou invadidas pelo mato. O pernicioso costume de queimar os campos no fim do inverno, a pretexto de limpar os das ervas daninhas e do capim que secou, destrói quantidades enormes de substâncias que deveriam ser incorporadas ao solo para melhorar o seu valor.

Em vista deste fato, um alqueire de terra não aguenta mais do que duas vacas, nas regiões que abastecem de leite o Rio de Janeiro. Nada menos de 800.000 vacas espalhadas pelos campos de 58 municípios dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, e até de São Paulo e do Espírito Santo, estão sendo ordenhadas para fornecer o leite, o queijo e a manteiga que o Rio de Janeiro, e, naturalmente, essas regiões produtoras, consomem.

Para poderem atender às necessidades do consumo, que aumenta bastante de ano para ano, os responsáveis pela solução do problema estão indo buscar leite

(Continua na pág. 41)

"Alcega da Brasília". Proprietário: Gilberto Resende Peres — São Pedro dos Ferros — Minas Gerais

CHEGOU O NOVO MODELO

Torqueses BURDIZZO

DE FAMA MUNDIAL.

POSSUÍ DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTÍVEIS DE INFECÇÃO



Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR



Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.



Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão direito para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois a torquês



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGI-SE AOS DISTRIBUIDORES
HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália

Reforma Agrária de Minas Gerais

O Professor Belo Lisboa, numa das últimas reuniões de Diretoria da SNA, leu, com aplausos gerais, respondendo a perguntas, as seguintes conclusões e sugestões do Círculo de Estudos da Sociedade Mineira de Engenheiros, promotora da "Semana Agrária", realizada em B. Horizonte, de 29 de maio a 3 de junho de 1961

É de interesse geral que a legislação a ser estabelecida, obedeça às peculiaridades do nosso país, de cada estado e até de regiões e que imprima diretrizes seguras a uma estruturação agrária em bases tais que favoreça a recuperação e o desenvolvimento da agricultura, com incentivo à exploração da terra e valorização do homem do campo.

Essa legislação deve ter finalidade plurilateral, sob aspecto global, eliminando, por um lado, todas as anomalias de estrutura fundiária e, por outro, instituindo medidas efetivas de justiça social, de técnica de produção, de assistência multiforme, de defesa e restauração do solo, de elevação da capacidade produtiva dos obreiros e de proteção aos recursos naturais.

Reconhecida a sua necessidade, não se pode deixar de considerar que também se faz urgente a ação imediata, sem perda de tempo, com planejamento, visando resultados práticos mais próximos, através da utilização dos recursos já existentes.

As medidas que se estabelecerem não deverão de forma alguma prejudicar, antes, beneficiar a atual e já deficiente produção agrícola. E mais, não se fugir da determinante que a renovação agrária, por ser tão difícil e de tão longo alcance, deverá se processar por etapas.

Condição preliminar para se alcançar êxito na campanha visando o progresso rural que será julgado, sem dúvida, pelo aumento da produção de alimentos de origem vegetal e animal, o mais breve possível, é dar-se conveniente funcionalidade às propriedades agrícolas existentes, proporcionando-lhes a assistência que reclamam, ficando a certeza de que

o homem tem de representar a principal meta de se atingir.

O crédito fácil e imediato, com taxas e prazos compatíveis com a sua aplicação, deve ser estabelecido instantaneamente, porém, sem as complicadas e atuais exigências com avaliações, registros e caras fiscalizações. Ressalte-se, ainda, como indesejáveis e prejudiciais, as frequentes idas dos clientes às sedes bancárias, quase sempre distantes. Até que se organize o crédito atual especializado, é necessário que os estabelecimentos existentes organizem a sua carteira rural sem subalternidade à comercial e mais, com dotação específica e a obrigatoriedade de seu emprego.

Os agricultores necessitam de financiamento não só para o custeio de suas culturas ou de sua pecuária, mas, também, de investimentos de melhoria, especialmente para residências de empregados, construção de terraços absolutamente indispensáveis ao combate da erosão, etc., etc. É claro que deverá haver rigorosa exigência de honrabilidade na aplicação dos recursos destinados a esta finalidade.

É recomendável que o governo dê imediata execução ao sistema de eletrificação rural que permita a instalação de indústrias regionais e locais, além de propiciar no rural as vantagens das máquinas de benefício e o conforto dos aparelhos eletrodomésticos.

O preço compensador é das mais importantes providências que se poderão levar ou oferecer aos agricultores, eis que ainda obtêm a sua produção com enorme sacrifício e torturante incerteza. É louvável o início da ação de fixação de preços mínimos conforme estabeleceu o Governo Federal. Por outro lado, a rede de armazéns gerais e si-

los, em crescimento no Estado de Minas Gerais, apresenta boa vantagem de crédito para defesa do preço sob garantia da produção alcançada, proporcionando aos agricultores a oportunidade de não ficarem sujeitos às ofertas aviltadas dos atacadistas. Não alcançado a produção preço razoável, jamais se conseguirá boa agricultura, e, para tanto, deverão ser criados órgãos competentes em cada zona agrícola, procurando-se, entretanto, evitar a situação gravosa.

A comercialização da produção deverá ser feita, preferencialmente, por intermédio das Cooperativas, atribuindo-se-lhes, no entanto, a maior responsabilidade quanto à prestação de contas. A padronização dos produtos agrícolas, a embalagem conveniente e principalmente a sacaria estão a exigir aperfeiçoamentos.

Deverá constituir ou merecer atenção dos Poderes Públicos, o escoamento fácil da produção, que somente será garantido por boas estradas de rodagem e rodovias, bem organizadas empresas de transportes e, sobretudo, com o reaparelhamento técnico e administrativo de nossas ferrovias, as quais, infelizmente e prejudicialmente, estão deixando muito a desejar no que concerne a horário, eficiência e segurança.

O imposto de vendas não deverá incidir tão pesadamente sobre a produção agropecuária, por motivo de incerteza a que está sujeita, relativamente a riscos e prejuízos. Os produtos agrícolas são conseguidos com muito maior esforço que os da indústria e do comércio. O imposto territorial não deverá perder a finalidade para que foi criado, tal a de compellir a boa produção agrícola e ainda transformar terras inaproveitadas em úteis para o bem estar social e ru-



DA ROÇA À CIDADE



DO CELEIRO AO ARMAZÉM...O

FORD F-350

—faz
todo o
serviço!



TAMANHO EXATO — Nem grande, nem pequeno. Circula em qualquer caminho ou estrada.

VIDA ÚTIL MAIS LONGA — Construído para durar anos, sempre dando lucros. Chassis super-reforçado. Pistões de curso reduzido.

POTÊNCIA DE SOBRA — 167 HP de potência; menos desgaste, maior economia, boa reserva de potência para os esforços extras...

SEGURO E CONFORTÁVEL — Espaçosa cabina. Perfeita segurança. Máximo conforto.



Converse com o seu Revendedor FORD

VENDAS • PEÇAS • SERVIÇO — EM TODO O BRASIL...

ral.

Os proprietários, grandes e médios, deverão filiar-se, com urgência, às associações rurais, uma em cada município, e, aos seus núcleos, nos distritos mais distantes. E ainda, às cooperativas de compra, de venda ou crédito que se estabelecerem, isto porque, por intermédio delas deverão ser distribuídos créditos e grande volume de artigos de que carecem, tanto dos órgãos centrais, dos de classe ou oficiais. As referidas associações devem alcançar categoria ou prerrogativas do atacadista, que as possibilitem comprar diretamente nas fontes de produção, pelo preço mínimo, tudo aquilo de que necessita a agricultura, sem recorrer aos atacadistas e intermediários.

A assistência técnica tem grande programa a cumprir no nosso Estado, como se conclui pela observação dos métodos de cultura e criação ainda praticados, e pela qualidade e quantidades da produção. A pesquisa, o ensino e a extensão terão muito de se aperfeiçoar, para conservarem e alcançarem seu principal objetivo, o de adquirir e propagar conhecimentos úteis à agricultura. A extensão deverá ser, de preferência, com caráter de continuidade, com dotação de assistência técnica ao meio rural e exercida por profissionais competentes da agronomia, fivados no ambiente de trabalho. A agricultura roga agrônomos para a gleba.

O campo para obter menor custo da produção, necessita de patrulhas moto-mecanizadas e de oficinas que dêem manutenção a preços razoáveis; de sementes selecionadas e de animais de boa linhagem; de combate sistemático a pragas e doenças, através de fugicidas e inseticidas; de garantia de fornecimento de adubos; de facilidades para irrigação; de criação de estações meteorológicas; de laboratórios para análise sumária da terra; de equipamento de máquinas agrícolas e, exploração, para o que são utilíssimas a CAMIC e a FRIMISA.

A agricultura mineira muito se beneficiará se a pesquisa, o

ensino, a extensão, a defesa agrícola a veterinária e outros trabalhos do seu interesse, ficarem sob a orientação do Estado, para que se evite a diversidade de ação sobre o mesmo assunto, muitas vezes causadora de confusão, desavenças e também de desperdício de verbas e pessoal técnico. É bom lembrar que essa mesma agricultura, nos últimos trinta anos, adquiriu conhecimentos e a necessária prática que a credenciam a participar da administração dos estabelecimentos de pesquisa e ensino, do seu direto interesse.

A maior aflição da agricultura, nos últimos tempos, é representada pela falta de braços no meio rural. Na verdade, as zonas agrícolas estão se despovoando assustadoramente. Urgê que se retenha o resto que lá permanece e que se atraiam novos obreiros para se evitar o seu aniquilamento total. Como é sabido, o êxodo rural tem origem, principalmente, em duas causas, quais a concorrência de muitas novas atividades que se têm estabelecido no Estado e o abandono em que se acham as populações rurais, sem qualquer tipo de assistência e esquecidas.

Recente pesquisa social realizada, apurou ou elucidou que os trabalhadores rurais aspiram: salário satisfatório; tabeamento de gêneros alimentícios; correspondência entre salário e custo de vida; bons preços para seus produtos; ensino na roça; assistência religiosa harmonia entre os trabalhadores; combate ao alto custo de vida; boas casas; assistência dentária; assistência governamental; boa vontade dos patrões; severa fiscalização de preços; estatuto legal; diversões, luz elétrica; instalação de água; governo propiciar melhores recursos à lavoura; boa administração e progresso.

Grande parte da assistência reclamada pelos trabalhadores poderá ser assegurada por uma ação mais efetiva dos muitos estabelecimentos que o Estado já possui, daqueles da alçada federal, de responsabilidade municipal e outros de caráter privado ou da esfera eclesiásti-

ca, tais como: Secretarias de Agricultura, Educação, Saúde e Assistência, do Trabalho (fuluramente Serviço Social Rural Associações Rurais, Sociedade Mineira de Agricultura ACAI, escolas de agricultura e veterinária, hospitais (nas cidades do interior), e muitos outros, os quais seriam convocados num esforço conjunto, coordenado e dinamizado por um órgão diretamente subordinado ao Governador do Estado.

Sendo uma exigência dos nossos dias, o Estado já se ressentia da necessidade de ser estabelecida no meio rural, Justiça própria e adequada, fácil, acessível e gratuita, idêntica esta empossada pela Confederação Rural Brasileira, visando disciplinar os aspectos contratuais e sociais do trabalho no campo, obedecendo as condições peculiares das diversas zonas do Estado e tendo em vista a melhoria das relações entre patrões e empregados.

Até que tenhamos a elaboração do estatuto do trabalho rural, poder-se-ia adotar, de acordo com as partes, em cada cidade mineira, Juntas de Conciliação, sob o aspecto de arbitragem, que resolveriam as questões em primeira instância. Seriam constituídas de igual número de representantes das classes e presididas por elemento escolhido entre ambas. Em segunda instância, na cidade de maior importância de cada grupo de municípios que formarem a região, com o mesmo espírito e constituição, mas sob a presidência do Juiz de Direito da Comarca.

Também os trabalhadores rurais deverão se associar formando órgãos de classe que servirão de intérpretes de seus anseios e reivindicações, funcionando como elementos de agregação da classe e propagando pela paz social no campo. O Circulo é de opinião que essas associações deverão se formar, como no caso dos proprietários, dentro do espírito da Lei n. 8427 e, não sendo possível, que ambas as classes sigam juntas a condição sindical estabelecida pelo Decreto 7038, fls. no entanto, nos princípios de são e permanen-

te entendimento e colaboração com os Poderes Públicos.

O despovoamento da gleba tem se agravado também pelo decréscimo de casamentos no meio rural. As moças, principalmente as de menoridade, são atraídas para serviços domésticos na Cidade. Também o serviço militar desloca os rapazes para as Cidades, as quais, cheias de atrativos acabam por matar o interesse dos mesmos pelo meio rural. Corretivos se impõem, como o da licença paterna para as moças, devidamente visada pelo Juízo de menores do município onde residir. Para os rapazes deverá ser a instrução militar levada ao interior e ainda, prestigiar-se a Mensagem 365, do Executivo Federal, em moroso trâmite no Congresso.

O acesso à propriedade deve voltar a ser considerado pelo Estado como o foi em tempos passados com a criação de colônias agrícolas do tipo das de Ponte Nova, Viçosa e outras, cuja legislação não foi revogada. Também o Governo Federal pelo Decreto que criou

o INIC, está dotado de poderes e meios para praticar benéfica ação, com a criação de propriedades convenientes.

Representando os proprietários parte importante no partilhamento de terras, não se pode deixar de conhecer seus pontos de vista sobre o assunto, conforme resoluções firmadas em Viçosa — pela quarta conferência rural brasileira, em Fortaleza e — ultimamente, pela Confederação Rural Brasileira as quais, de modo inequívoco, revelaram que eles não se opõem como não se opõem àquele partilhamento, antes, o admitem, desde que para fins, de colonização por interesse social e, respeitados, sempre, os princípios constitucionais vigentes.

As terras devolutas ou de propriedade do Estado, dos Municípios e da União, existentes em Minas Gerais, deverão, mediante acôrdo entre os Poderes, ser as primeiras a serem distribuídas, visto não se fazer necessária a aquisição ou desapropriação, con-

quanto, convém frizar, apresentem boas condições de produtividade e de transporte o que propiciem a fixação do homem à terra. E distribuídas somente àqueles que apresentem comprovadas condições de comando, de economia e de permanência na gleba. Os latifúndios, realmente classificados, pela extensão, pela improdutividade e pelo abandono, também poderão ser atingidos, desde que apresentem, efetivamente, boas condições para agricultura, sob aspecto técnico e econômico. A este respeito, devem ser tomadas providências a fim de que não se repitam os abusos praticados contra a limitação constitucional de dez (10) mil hectares.

As terras devolutas ou de propriedade do Estado, dos Municípios e da União, existentes em Minas Gerais, deverão, mediante acôrdo entre os Poderes, ser as primeiras a serem distribuídas, visto não se fazer necessária a aquisição ou desapropriação, con-



MÁQUINAS AGRÍCOLAS

- MOINHOS DESINTEGRADORES A MARTELOS
- MISTURADORES DE CARGA SUBTERRANEA
- PICADEIRAS DE FORRAGEM
- ARADOS E GRADES DE TRAÇÃO MECANICA
- ROÇADEIRAS DE PASTO
- PLAINAS TERRACEADORAS
- CARRETAS AGRICOLAS DE TODOS OS TIPOS
- DISTRIBUIDORES DE CALCAREO
- IMPLEMENTOS DE TRAÇÃO ANIMAL, EM GERAL

PRONTA ENTREGA ASSISTÊNCIA MECANICA

THELA COMERCIAL S.A.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

Rua Mayrink Velga, 31 - C. Postal 8466
Estado da Guanabara

MATRIZ

Av. Duque de Caxias, 133 - 153
São Paulo — S.P.

transporte e que propiciem a fixação do homem à terra. E distribuídas somente àqueles que apresentarem comprovadas condições de comando, de economia e de permanência na gleba. Os latifúndios, realmente classificados, pela extensão, pela improdutividade e pelo abandono, também poderão ser atingidos, desde que apresentem, efetivamente, boas condições para agricultura, sob aspecto técnico e econômico. A este respeito, devem ser tomadas providências a fim de que não se repitam os abusos praticados contra a limitação constitucional de dez (10) mil hectares.

As propriedades agrícolas médias, também chamadas "fazendas familiares", com área variando de vinte (20) a cem (100) hectares de terras de cultura e de pastagens e com capacidade econômica assegurada, representam o melhor tipo para o partilhamento. Um programa deverá ser estabelecido de modo a serem as propriedades agrícolas dotadas das instalações necessárias ao seu funcionamento, cujos trabalhos deverão ser executados pelo proprietário e pessoas da própria família. São elas as que apresentam os melhores índices ou resultados econômicos, possibilitando, além da alimentação, os recursos indispensáveis ao trato da saúde e a educação de filhos e, ainda, oportunidade de progresso social.

Existindo em Minas Gerais considerável número de propriedades semelhantes do tipo acima referido, será recomendável que a ela se dê especial atenção, de modo a torná-las econômicas e em condições de oferecer aos seus proprietários, a melhoria de vida que merecem, dependendo somente de assistência necessária até que possam manter-se pelo próprio esforço. Maior número existe de propriedades com área demasiadamente pequena, o que as torna improdutiva e negativas ao conforto mínimo a que tem direito o homem, dando-lhe, apenas, escassa alimentação. Das serem classificadas, sob o ponto de vista econômico, em "propriedades de subsistência".

A política de acesso à terra, com a concessão de terrenos devolutos e partilhamento de propriedades e a aglomeração de pequenas propriedades de

subsistência, será melhor executada se ficar a cargo de sociedades de economia mista. Estas sociedades deverão ser dotadas de recursos entre todas as classes que já se beneficiaram, em boa parte, e de certa forma, à custa do aniquilamento rural e, ainda, por todas aquelas que vão receber vantagens, em consequências da maior, produtividade do campo, que se vai alcançar, com sua organização. Será injusto e impossível que se procure estabelecer a agricultura valendo-se tão só da sua pobreza material e social, daí a imperiosa necessidade da criação de fundos agrários pelos Governos da União e do Estado.

É óbvio que os gastos com a obtenção de terrenos, montagem moderna das propriedades com as construções necessárias, equipamento para produção, despesas iniciais e outras, não poderão ser fazer sob a forma de simples doação, mas, de financiamento, ao prazo mínimo de dez (10) anos, a juros máximos de 6% a.a. (seis por cento ao ano) e com a condição indispensável e imperiosa de não se prejudicar a exploração, em virtude de alienação ou transferência "causa-mortis".

Para não se enfraquecer a ação de acesso à terra por proprietários com capacidade econômica que contribuem para o bem estar rural, deverá o Poder Público sancionar leis que proíbam loteamentos de características urbanas no meio rural, ressaltando, é claro, a criação ou formação ou fundação de povoados, vilas e cidades.

É urgente que o Estado faça cumprir, energeticamente, todas as medidas legais de preservação das reservas florestais que ainda existem e, também, estimule o reflorestamento com espécies convenientes para se poder recuperar, tanto quanto possível, o desmatamento realizado nos últimos trinta (30) anos, que colocou Minas Gerais à frente dos destruidores florestais, em todo o universo e garantir, finalmente, à agricultura, terras férteis e águas permanentes. De modo idêntico deverá agir em relação à caça e pesca.

O Círculo de Estudos lembra que cabendo ao Município importantes papel na renovação

poderes executivo e legislativo agrária em tela, deverão os federal e estadual, proporem-lhe os recursos indispensáveis aos serviços da sua alçada, tais como: ensino primário, estradas de rodagem, pontes vicinais, vilas, povoados, assistência preventiva à saúde, etc., etc.

O Círculo, por último, agradece o inestimável e decidido apoio que lhe prestou a valerosa imprensa mineira no curso da semana agrária promovida pela Sociedade Mineira de Engenheiros, conclamando-a a que continue prestigiando qualquer ação que vise a prosperidade e a dignificação da agricultura e dos seus homens.

Engs.: Vicente Assumpção — presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros.

J. C. Belo Lisboa — coordenador e presidente do Círculo de Estudos.

José Moreira M. da Costa

Virgílio José M. Bastos

Victor Figueira de Freitas

Aníbal de Andrade Câmara

Paulo Costa

Joaquim Maia

Paulo Velga Salles

Archimedes Manso M. Bastos

Themistocles Barcellos

Manoel Pimentel Godoy

Sinval Macedo

Alberto Teixeira

Ari Meilo Scilzário

Alderico Rodrigues de Paula.
Secretários:

João Maria Belo Lisboa — Eng.
agrônomo

Adolfo Neves Martins da Costa — Eng. civil

Jehovah de Andrade Carvalho
— Advogado.

ANUNCIE

em

"A LAVOURA"



É MAIS LUCRATIVO MULTIPLICAR A PRODUÇÃO DE 1 ALQUEIRE COM BOM ADUBO, QUE PLANTAR TRATAR E COLHER 3 ALQUEIRES-POIS SÓ A ECONOMIA DE BRAÇOS COMPENSA FARTAMENTE O SALITRE DO CHILE É UM ADUBO NATURAL QUE REFORÇA A PRODUTIVIDADE DO SOLO EXPERIMENTE-O!

SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE.



CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE

PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPIRITO SANTO

RUA MÉXICO, 111 - 12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)

CAIXA POSTAL 875

— —

TEL 31-1850 - rede interna

CULTURA DA SERINGUEIRA

A. de Miranda Bastos
(Naturalista do M.A.)

O Ministério da Agricultura está empenhado, desde um ano, na campanha de impulsionar no país a cultura da seringueira, a mais importante das plantas produtoras de borracha.

Nos princípios deste século, o Brasil era o quase exclusivo fornecedor de toda a borracha que se consumia no mundo. Ao aumentar, porém, de maneira acelerada, o consumo desta matéria-prima, os ingleses perceberam que nesta estava um excelente meio de ganhar dinheiro e, com sementes levadas da Amazônia, fizeram na ilha de Ceilão, ao sul da Índia, as primeiras plantações desta preciosa árvore em terras estrangeiras. Outras plantações

se seguiram, nas ilhas de Java e de Sumatra, então, colônias da Holanda, bem assim em outros pontos da Ásia, Oceania e África. E como a borracha oriunda dessas culturas podia ser vendida muito mais barata que a nossa, os produtores do Brasil acabaram não encontrando mais para quem oferecer as suas safras e sofrendo tremendos prejuízos.

Hoje a situação é outra, porque, devido à instalação de grandes fábricas de câmara de ar e pneumáticos, em São Paulo e no Rio, o Brasil se tornou, por sua vez, um grande consumidor de borracha. Desde 1951 importamos borracha para completar as necessidades das fabri-

cas. E este ano teremos de importar cerca de 40.000 toneladas, porque a nossa produção anual não tem saído, nos últimos tempos, da casa das 23.000 toneladas.

É preciso evitar o enorme gasto de divisas que estamos fazendo com essa importação, daí o empenho do Governo em proporcionar a assistência que lhe for possível aos que quiserem fazer plantações de seringueiras.

A empresa de plantar seringueira nas regiões brasileiras de solo e clima favoráveis, na Amazônia, no sul da Bahia, em certos trechos de São Paulo, talvez em outras regiões, ainda, é das mais interessantes, não só porque os nossos técnicos já conhecem o que devem fazer para obter êxito, como pelo fato de que, já aos 7, 8 anos de idade uma seringueira pode começar a produzir "latex".

Algumas empresas e alguns particulares vêm se dedicando a esta atividade. Todavia, é indispensável fazer muito mais. Cálculos de um ano atrás indicaram que precisávamos plantar em 5 anos cerca de 50 milhões de seringueiras para podermos ter borracha para o consumo previsto das nossas fábricas.

CONSTRUTORA IBÉRICA LTDA.

ARQUITETURA, MÓVEIS

E

DECORAÇÕES DE INTERIORES

Rua 24 de Fevereiro, 39-A

Rio de Janeiro

☆

Estado da Guanabara

O COOPERATIVISMO ESCOLAR E PROLETARIADO

Helly Sylvia R. de Souza
(do Serv. de Econ. Rural)

É com satisfação que vemos aos poucos, surgirem os frutos de nossa campanha em pró do cooperativismo escolar no Estado da Guanabara.

Recentemente, fomos procurada por D. Jardeina Bastos, responsável pela Escola São Sebastião, da Favela de Parada de Lucas, que veio solicitar nossa orientação para organizar, naquela Escola de zona proletária, uma cooperativa escolar.

Dadas as instruções preliminares, seguimos uma terça-feira, de sol brilhante e quente, para a fundação da pequena e longínqua sociedade. Jamais nos ocorrera aceitação tão espontânea, tão entusiasmada de 58 crianças, faveladas de idades várias! Instalada a assembléia, no Grêmio Recreativo, observamos que, as mães dos alunos participavam daquele entusiasmo, conchitando as que permaneciam ainda um pouco distancadas da idéia de verem seus filhos "com responsabilidade de gente grande", "fazendo-se candidatos", como

"qualquer vereador ou deputado", permitir-lhes o ingresso na cooperativa.

Quando da instalação dos trabalhos notamos, a princípio, um pouco de hesitação; as crianças estavam, naturalmente, ainda um tanto acanhadas mas, algumas palavras de D. Jardeina deixaram-nas mais à vontade... Que perguntassem à "moça do Ministério", que ali estava para esclarecer-lhes qualquer dúvida... Começaram as Interrogações de início meio tímidas e, logo após, num clima de crescente cordialidade e confiança, iam os juvenzinhos sendo esclarecidos. Chegou, enfim, o momento culminante, o da escolha dos dirigentes da Cooperativa que, por decisão unânime, não foi pelo voto secreto, mas, por aclamação e, notem bem, sem desordem e alarido! Com que disciplina e com que base motivaram a razão de suas escolhas... O Presidente por que era o mais velho, o mais ponderado... O

Secretário, aliás a Secretária, porque "tinha muito jeito para escrever"...; os gerentes, os mais populares e "despaehados para negócios"... Um deles, garoto escurinho, de dentes claros, sorridente e simpático, até biageou: — "Olhe, moça, eu me chamo Ademir, mas, não é por causa do nome que eles me escolheram não"...

Tendo-se empossado a Diretoria, houve o "discurso" do Presidente ao encerrar a sessão...

Minutos após reuniram-se pela primeira vez os dirigentes da entidade; tratariam de, em conjunto, redigir o comunicado que seria transmitido à toda Favela do Serviço de autotofalantes.

Sei que, brevemente, lá voltaremos para assistir à inauguração da lojinha da Cooperativa Escolar que será construída pelos próprios associados nas suas horas de folga. Finalizando estas notas, lembro aos descrentes da utilidade do cooperativismo escolar verificarem o alto valor educativo e não o asoberbamento de tarefas que traz a cooperação entre crianças. Verifiquem, também, o exemplo de crianças pobres, de vida difícil, mas que logo darão aos pais a compensação pelos sacrifícios que, continuamente, fazem em verem os seus filhos com perspectivas de uma vida melhor...



Fazendo como eu...
faras o certo!!!

111 ANOS DE EXPERIENCIA
NO CULTIVO DE SEMENTES
1850 - 1961

Sementes de	Hortaliças
"	" Flores
"	" Forrageiras
"	" Grama
Bulbos	" Palmas

Importadora
L. Daehnsfeldt, Ltda.



Av. Barão de Tefé, 7 - Grupo 301/302 — Caixa Postal 1141
Fones: 23-0467 — 43-2183 — End. Telegráfico: DAEHNSELDT
Rio de Janeiro Estado da Guanabara

SERVIÇO SOCIAL RURAL

FALA O PRESIDENTE DA AUTARQUIA

Entrevista coletiva do Dr. Oswaldo de Souza Martins, presidente do C.N/SSR concedida à imprensa falada e escrita em 26-6-61.

— Não vamos ficar contemplando os graves problemas que afligem o trabalhador rural. Vamos enfrentá-los corajosamente com o objetivo de resolvê-los, para o que contamos com o apoio técnico e financeiro indispensável e com a aprovação do presidente Jânio Quadros — declarou hoje à imprensa o sr. Oswaldo de Souza Martins, presidente do Conselho Nacional do Serviço Social Rural.

Os jornalistas foram recebidos pelo sociólogo paulista, hoje elevado à presidência do S. S. R., para um primeiro contato durante o qual anunciou as principais linhas do plano que está elaborando e cuja execução dará efetiva existência à importante autarquia.

170 MIL SOCORRISTAS RURAIS

O Sr. Oswaldo de Souza Martins manifestou que está tendo o apoio do presidente da República e que vai, de imediato, atacar importante setor das atividades ruralistas — o da assistência social.

— É nosso objetivo — disse ele — preparar, em três anos, 170 mil socorristas rurais, sendo que até o fim deste ano deverão estar operando dez mil. Sabemos que é elevado o índice de mortalidade infantil nos campos, devido especialmente à falta de assistência adequada às parturientes. Há quase completa ausência de assepsia, carecendo o trabalho das chamadas "aparaelras" de qualquer rudimento técnico. Com isso, toma vulto espantoso o chamado "mal de 7 dias", a febre puerperal,

Pois bem. Vamos ensinar, primeiramente, a essas "aparaelras" como agir, dando-lhes não só noções de como fazer, como também o material básico necessário. Para facilitar essa grande empresa, vamos assinar convênios com hospitais, santas casas, maternidades, ambulatórios e todos os órgãos que se dediquem à prática da Medicina. Todos esses organismos tomarão a seu cuidado o preparo das socorristas rurais, livrando assim os meios rurais do país da alarmante cifra de mortalidade infantil.

DIFICULDADES

Continuou o presidente do Serviço Social Rural:

— Estamos perfeitamente conscientes da grandeza do problema que ora abordamos. Mas, como já disse, estamos preparados financeiramente e contamos com o máximo apoio do presidente Jânio Quadros. O Serviço Social Rural vai atuar eficazmente e realizar seus fins. Além dos convênios a que já nos referimos, vamos providenciar a breve instalação das Juntas Municipais, cuja atuação tornará exequível o nosso plano de ação, pois contarão com elementos técnicos mais ajustados às peculiaridades de cada região e assim poderão não só atuar, como fiscalizar a utilização dos recursos humanos e materiais consideráveis que vamos empregar.

— A tarefa está repleta de dificuldades. Mas o planejamento que estamos elaborando, a preparação dos técnicos e a expansão dos nossos veículos de ação — os Conselhos Regionais e as Juntas Municipais — mostrarão que as finalidades do Serviço Social Rural não são simples promessa go-

vernamental, mas uma efetiva contribuição para a integração dos rurícolas na comunidade nacional. O problema, repito, é complexo e não pretendemos resolvê-lo de forma total e imediata. Iremos por etapas, elevando em consideração principalmente que praticamente nada se fez até hoje e que a enorme extensão territorial do nosso país exige o ajustamento das providências e soluções às peculiaridades de cada região.

— De qualquer forma — accentuou o presidente do SSR — enquanto estruturando racionalmente o Serviço Social Rural e tornando efetiva a sua presença em todo o país, atacaremos o problema das socorristas, por ser fundamental. Até fins de 1963, contamos ter em atividade mil delas. Não haverá mais "aparaelra" ignorante das modernas práticas de higiene. Não pensem que se trata de invenção minha. No Estado do Maranhão, já se faz isso em escala apreciável e com resultados dignos de registro.

ARTESANATO E COOPERATIVISMO

Referiu-se o Sr. Oswaldo de Souza Martins, em seguida, ao problema do artesanato. Disse que, nas viagens que realizou pelo País, especialmente pelo Nordeste, verificou, nos contatos mantidos com os Conselhos Regionais e presidentes das Federações e Associações Rurais, que o artesanato está perdendo seu sentido social. Está faltando o apoio do poder público. Não contam os artesãos com meios de trabalho, sendo obrigados a entregar o produto do seu esforço a preços vis.

— Entretanto — frisou o presidente do S.S.R. — o interesse pelo artesanato permanece em alto nível. Todos compreendem o seu elevado sentido social, lutando para conservá-lo. Vamos, então, auxiliar essa corrente, evitando que tal atividade se debilita até, talvez, a extinção. A profissão, hoje não é rendosa, mas poderá vir a ser. Citei, por exemplo, o caso das rendelinas do Norte e do Nor-

deste. Os preços obtidos na região são mínimos, incapazes de sustentar a atividade. Mas as belas e delicadas rendas alcançam, aqui no Sul, preços elevadíssimos. Faltam meios de defesa a esses artesãos. Al entrará o Serviço Social Rural. Vamos levar aos artesãos a formação de cooperativas, facilitando-lhes os meios necessários. Assim arregimentados, terão compensado seu trabalho e se integrarão como grandes valores na comunidade rural.

RUMO AOS CAMPOS

— A entidade que dirijo foi criada para operar no campo. E no campo que devemos estar. É para lá que vamos seguir. Basta de atitude contemplativa. Vamos obedecer à palavra de ordem do Sr. Presidente da República, e dar ao rurícola tudo o que ele precisa — educação, saúde e meios de trabalho, como fatores de sua perfeita integração na comunidade nacional.

S. S. R. E SUDENE

— Somos dos que acreditam na SUDENE. Estamos convencidos de que seus esforços no Nordeste tornarão mais exequível e eficiente a ação do Serviço Social Rural. Vamos, pois, estabelecer entrosamento com o sr. Celso Furtado, um dos mais legítimos valores da atual geração de administradores do País, certos de que os dois órgãos autárquicos lograrão apressar a solução dos grandes e complexos problemas do nosso meio rural, unindo seus esforços numa ação decisiva.

Concluiu o Presidente do Serviço Social Rural:

— Desejo agradecer aos senhores jornalistas a oportunidade que me proporcionam de expor, em linhas gerais, o plano que vamos realizar. Para lograr o nosso intento, não podemos dispensar a colaboração e o apoio da imprensa em

todos os seus setores de atividades — jornal, rádio, televisão e cinema. Todos juntos, alcançaremos nossos objetivos e assim corresponderemos ao apelo que faz o Sr. Presiden-

te da República de levar à comunidade rural os elementos de que ela precisa para sua maior integração na vida nacional.

a marca de confiança

VITACAMPO

da agropecuária.

MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Molibdeno
Níquel
Zinco

Para: Aves — Suínos —
Caninos — Carni-
voros em geral.

RM - 2

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Enxofre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Níquel
Zinco

Para: Bovinos — Equinos
Ovinos — Capri-
nos — Ruminantes
em geral.

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos.

"não fique em dúvida; consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534 - 2º - RIO DE JANEIRO, D. F.

AVICULTURA

COCCIDIOSE — O ETERNO PROBLEMA

Haroldo de Vasconcellos —
Técnico do Projeto 42 e da Co-
missão Nacional de Avicultura

O aparecimento, nos últimos tempos, de surtos graves de coccidiose em granjas de vários avicultores, alguns deles bem tarinhados, veio alertar a todos da gravidade do pro-

blema.

Com o emprego em larga escala dos eficientes preventivos da coccidiose, chegou-se mesmo a dizer que a coccidiose era doença do passado e que

Senhor Avicultor:

Somente a vacinação preventiva pode evitar que a Doença de New Castle acabe com as suas aves

Vacine já

VACINA NEWCASTLE RHODIA

- 1.º Máxima facilidade na vacinação: emprega-se simplesmente, na água de beber. Pode ser utilizada, também, em injeções intramusculares.
- 2.º Liofilisada (seca).
- 3.º De eficiência comprovada (testada rigorosamente antes de ser posta à venda).
- 4.º Não contamina.

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUÁRIA



THUYA SIMÕES

Medicação preventiva e curativa das pipocas (ou caroços) dos pintos e aves adultas

A venda à

RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o interior enviamos
pelo reembolso postal

somente viria a sentir seus desastrosos efeitos o avicultor que não quisesse usar uma ração medicada.

Chegamos ao estado de excesso de confiança na ação protetora dos coccidiostáticos, com o relaxamento daquelas clássicas medidas sanitárias e de bom manejo que nunca, jamais, deveriam ter seu valor subestimado.

Os avicultores e técnicos, procurando explicar o reaparecimento de uma doença, já considerada do passado, aventaram a possibilidade, muito viável, de tudo ser decorrência da formação do hábito, da resistência do microrganismo ao medicamento. Passaram, então, a sugerir o rodízio dos coccidiostáticos, com a substituição, de 5 em 5 meses, do preventivo usado na ração.

Pelo que tenho lido nas publicações americanas recentes, a mesma coisa anda acontecendo por lá. Dois artigos, em especial, chamaram a atenção para o problema(encarando-o de uma maneira muito prática e objetiva. Num deles, o Dr. Cover, da Universidade de Delanare, (Nutrition Conference of 1959, University of Maryland) diz o seguinte:

GRANJA COMARY

F A Í S Õ E S

Vendem-se para corte e reprodução

Teresópolis (Alto)

Tratar com o Sr. Rubem - Fone: 2725

"Com muita frequência os avicultores se esquecem de que a coccidiose é uma doença relacionada com a falta de higiene. O emprego extensivo de preventivos (coccidiostáticos) levou muitos avicultores a acreditar que seu uso, de por si, era o bastante para combater essa doença. Se bem seja verdade que o uso de alguns produtos químicos reduzirá a possibilidade da infecção clínica ocorrer num lote de aves, devemos reconhecer que esses preventivos são apenas um auxiliar do trabalho do avicultor".

Continua o Dr. Cover, afirmando o seguinte:

1 — Somente teremos coccidiose com a ingestão de microorganismo pela ave. Desta forma, as condições do meio ambiente, especialmente da cunha, desempenham o papel mais importante:

2 — Os coccídios (elmérias) apenas se multiplicam quando novamente ingeridos, por outra ave. Desta forma, sua



A MELHOR PARA A AVICULTURA

Moinho Fluminense S.A.
Fundado em 1887

210 - RUA URUGUAIANA, 118 - LOJA - C. P. 3150 - TEL. 41.994
3 - PAUJO - RUA BOA VISTA, 314 - 4º - C. P. 820 - TEL. 33.3144
5 - HORIZONTE - AV. DOS ANHÉDAS, 941 - C. P. 140 - TEL. 9.8097
CAMINHO REP. MERCANTIL TREMARDU, R. DUQUE DE CAXIAS, 101

e na sua cidade, procure o nosso representante

Dr. Lea. 1/59

Kó-Kó-Ró-Kó

CORIZA

GOSMA

E

GOGO

MODO DE USAR

Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventivo — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente no bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuaríais

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367
RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA



passagem através de várias aves é necessária para a manutenção de seu número;

3 — Os coccídios exigem uma temperatura e uma umidade determinada, quando fora do organismo das aves, para se tornarem infectantes;

4 — É necessária a ingestão de determinado número de coccídios para que tenhamos as manifestações da coccidiose”.

Conclui o Dr. Cover dizendo:

“Nossas experiências recentes, realizada na primavera, verão e outono de 1958 deixaram claro que os coccidiotáticos sozinho absolutamente não conseguem controlar a doença. Muitas são as razões prováveis destes surtos recentes de coccidiose. Em primeiro lugar, não nos embalsamos numa sensação de falsa segurança que os coccidiotáticos nos vieram proporcionar. Em segundo lugar, nos relaxamos nosso programa sanitário. Em terceiro lugar, se recordamos como foi 1958 (calor, umidade etc.), veremos que foi um ano perfeito para coccidiose, se considerarmos especialmente o estado em que fi-

caram as camas dos galinheiros. Um fator importante foi, ainda, a resistência aparente de certos coccídios aos coccidiotáticos que se estavam usando. Se tivéssemos prestado mais atenção às medidas sanitárias, muito teríamos contribuído para reduzir nossas perdas pela coccidiose. A coccidiose poderá ser controlada pelo homem e pela medicina. Se o avicultor cuidar do meio ambiente e reduzir ao máximo as possibilidades da infecção inicial, então os coccidiotáticos agirão melhor sobre os poucos coccídios que restarem”.

Nun outro artigo que li, escrito pelos responsáveis pela Granja My-Line dos Estados Unidos, várias afirmativas muito interessantes foram feitas, muitas delas oportuníssimas às nossas atuais condições avícolas:

- 1) “Usar ração medicada até a 24a. semana de idade;
- 2) Além disso, fazer tratamentos rotineiros de coccidiose, como se estivessemos diante de um surto clínico de coccidiose na 4a., 8a., 12a., 16a., 20a., e 24a. semanas.

3) Parece que, todos os tipos de Elmeria, a E. acervulina, é a responsável pelo maior número de surtos ocorridos nos Estados Unidos.

4) Vários são os coccidiotáticos que poderão ser usados como preventivos, durante as 24 semanas. Os vários tratamentos rotineiros devem, porém ser feitos com a Sulfaquinoxalina na ração. Em nossa experiência, nenhum outro coccidiotático supera a SQ no tratamento da coccidiose.

5) Não encontramos, ainda, nenhuma relação entre o tratamento pela Sulfaquinoxalina e o aparecimento de condições hemorrágicas nas aves”.

Além desses dois artigos mencionados, merecem destaque algumas recomendações de um dos fabricantes de coccidiotáticos nos Estados Unidos (Dr. Salsburg Laboratories):

1) A experiência demonstra que nem mesmo a ração melhor medicada dará os melhores resultados a menos que seja acompanhada de um cuidadoso manejo.

2) No caso especial dos coccidiotáticos, sua ação ficará grandemente prejudicada se as aves sofrerem qualquer forma de “stress”.

3) O uso de um bom coccidiotático é apenas uma parte do bom manejo. Para obter os melhores resultados, deem também às suas aves um bom galinheiro, boa ração, boas medidas sanitárias e o melhor manejo possível.

A LAVOURA

a mais antiga
revista agrí-
cola em cir-
culação no
Brasil.



Previna-se contra
as pragas do solo com

Aldrin

Aplique ALDRIN, antes do plantio, para prevenir-se contra as pragas do solo, pois quando estas atacam a lavoura, já não há mais tempo para qualquer controle eficiente. Além do seu alto poder inseticida, ALDRIN não comunica gosto nem cheiro às culturas. ALDRIN pode ser adquirido sob forma de concentrado emulsionável, pó molhável e pós diluídos.

SHELL BRAZIL LIMITED

Rio de Janeiro: Praça Pio X, 15 - 7.º andar

São Paulo: Rua Conselheiro Nêbias, 14 - 6.º andar

Porto Alegre: Rua Uruguai, 155 - 7.º andar

Recife: Rua do Imperador, 207 - 2.º andar



Colheita do bananal

Cap. I

EXTRAÍDO DO LIVRO "CULTURA DA BANANEIRA",
DE AUTORIA DE JOAO FERREIRA DA CUNHA.

ÉPOCA DE COLHEITA — Atingindo o bananal a idade de produção depois de completado um ano e alguns meses mais, há sempre cachos no ponto de colheita em qualquer época que se procure. A bananeira produz em todas as estações do ano, porém a carga sofre variações máximas e mínimas, de conformidade com os períodos de maior calor e chuvas, assim como no tempo de frio e seca.

Durante o período das chuvas intensas, com temperatura mais elevada e atmosfera saturada de umidade, quando as condições são mais propícias

para o desenvolvimento das bananeiras, observa-se que a carga do bananal é maior em quantidade de cachos, assim como estes são também maiores quanto ao número de pencas e tamanho das frutas. O contrário se dá no período de estiagem e alguns meses após este, pois as plantas que se desenvolvem durante a quadra desfavorável não podem apresentar colheitas boas, imediatamente após uma fase em que os fatores de vegetação não foram adequados.

A época da colheita para bananas não é definida, como acontece com a maioria das

frutas. As bananas podem ser colhidas em qualquer época do ano.

As colheitas ficam dependendo, quase que exclusivamente, das negociações comerciais para a colocação do produto.

PONTO DE COLHEITA — O ponto de colheita, ou o estado de desenvolvimento das frutas que os cachos devem ser colhidos, é determinado por dois fatores: a) o número de dias necessário para que a fruta seja transportada do centro produtor ao consumidor; b) pela estação do ano.

De um modo geral, as bananas são colhidas tanto mais atrasadas em seu grande desenvolvimento, quanto maior for o tempo preciso para as transportar do bananal ao mercado consumidor e quanto mais quanto for a estação do ano.

Inversamente, quanto mais fria for a estação do ano e mais próximo o mercado consumidor do centro produtor, as bananas podem ser colhidas com



SANTOS — TROLEY CARREGADO COM BANANAS

um grau de maturação mais avançado.

Quanto ao grau de desenvolvimento, as bananas são classificadas em: magras, 3/4 magras, 3/4 cheias ou gordas e gordas.

Bananas "magras" são aquelas cujos cachos foram colhidos antes que as frutas tivessem atingido um estado de desenvolvimento normal. As bananas desse tipo geralmente não amadurecem ou, então, a sua maturação é muito tardia e imperfeita.

São designadas por 3/4 magras, as frutas cujo desenvolvimento é mais avançado do que o das magras. A sua maturação, se bem que seja morada, chega, entretanto, a se efetuar.

São chamadas 3/4 simplesmente as bananas um pouco mais desenvolvidas em grossura que as do tipo anterior. Em condições idênticas, a sua maturação é mais acelerada.

Concluindo, 3/4 gordas são mais grossas ou cheias do que as 3/4. A casca tem quinhas menos vivas, porém sua cor continua verde forte.

Bananas "gordas" são as bem desenvolvidas, grossas, cujas quinhas já estão quase desaparecidas, arredondadas, e a cor da casca passa a ser verde-clara, desmatada, combinando para a amarelada. Em poucos dias passam à cor amarela e completam a maturação.

As bananas são mais sabrosas quando colhidas verdes para completar a maturação e guardadas em lugares apropriados. Os cachos colhidos com as bananas muito gordas já maduras não têm as frutas tão macias, doces e perfumadas que satisfacem tão bem o paladar e ao olfato quanto as do tipo anterior.

Em geral, para os mercados locais ou internos, situados a poucos dias de viagem, são colhidas bananas 3/4 a 3/4 cheias.

Para os mercados sul-americanos (Argentina Uruguai), colhem-se bananas 3/4 até 3/4 magras durante o período de calor e 3/4 a 3/4 cheias durante o inverno.

Para os mercados europeus, são colhidos cachos 3/4 magros e 3/4. O grau da fruta precisa ser um pouco mais avançado, pois grande é o número de dias despendidos na viagem até os centros de consumo.

(Continua)



econômicos,
eficientes...
'duram muito
mais!

DESINTEGRADORES

CASE

a martelos de rotação rápida

É o melhor para sua fazenda, granja, fábrica ou indústria. Construído em dois modelos - H-10-B de 15 a 20 HP e H-14-B de 20 a 23 HP - tritura, mol, desintegra alfafa, feno, bagaço e póipa de cana, milho em espiga (com ou sem palha), milho em grão, palha e casca de arroz, mandioca, café etc.. Penelras com diferentes medidas de furos (de 1/32" até 2"), conforme o material moído. Dependendo do material, a capacidade de produção horária do desintegrador Case, funcionando com penelras de 1/4", varia entre 440 e 1.670 quilos.

FATORES DE MAIOR RENDIMENTO

● Mesa de fácil alcance e grande alimentação. Moagem rápida, com a aperfeiçoada ● Ventilador poderoso, coletor-ciclone ● Manuais de rolagens especiais ● Mate-

rial sólido que assegura muitos anos de uso.

MOINHOS DESINTEGRADORES

a martelos rotativos e com ensacadores.

Modelos H-10-B e M-14-B

Póipa de 9 cm (3/4"), 3.000 a 3.400 RPM.



Distribuidores Exclusivos para o Estado da Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro)

Agentes nas principais cidades

G E O V I A — Comércio e Engenharia S/A
Rio: Av. Venezuela, 27 - R/208-210 - Tel. 43 0329
R. Horizonte: Rua Tamoios, 924 - Tel. 2-8248

COLONIZAÇÃO BEM DIRIGIDA

O Sr. Edgard Teixeira Leite, Vice-Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura e da Confederação Rural Brasileira, iniciou a palestra com as seguintes palavras:

"Antes de começar a exibição da documentação com filmes e "slides", e que constitui a parte principal desta reunião, promovida pela Confederação Rural Brasileira e pela Sociedade Nacional de Agricultura, vale indicar alguns aspectos da mais alta relevância sobre a obra que um grupo de brasileiros, com direção brasileira, com capitais brasileiros, de exclusiva iniciativa privada, através da Companhia Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda. (CONOMALI) está realizando no Estado de Mato Grosso. É, sem dúvida, um grande exemplo e uma significativa lição para governantes, economistas, sociólogos e para todos que se inte-

ressam pelo futuro do Brasil, tais as suas implicações, algumas delas, com problemas fundamentais da nossa Pátria.

O primeiro é a contribuição para o enchimento, através de colonização organizada, da imensa área que é a interlândia brasileira, com imensos espaços geográficos baixamente povoados, ou mesmo inteiramente desertos.

Na verdade, a região em que a empresa CONOMALI exerce suas atividades, está situada nas nascentes do rio Arinos, formador do Jurueña, afluente do Tapajó, que é um grandes cursos d'água que desaguam no Amazonas. Está situada, pois, em plena Hiléia Amazônica, que ocupa mais da metade da superfície do Brasil, com cerca de cinco milhões de quilômetros quadrados, com limitada população de dois milhões e mil habitantes, com uma densidade de 0,44 habitantes por quilômetro quadrado, isto é, de **quarenta e sete quilômetros quadrados para cada habitante.**

É altamente valiosa, porisso, a lição que traz a CONOMALI para a solução deste problema, que vale repetir, é dos maiores do país, isto é, a luta contra o seu vazio demográfico — que cada dia mais se agrava como problema político — quando nos defrontamos com um mundo com três bilhões de habitantes e onde, em outras regiões há imensos excedentes humanos, ávidos de terras, criando dificuldades, cujo remédio é indicado justamente a Amazônia, através de uma longa publicidade, em livros, jornais, revistas e em debates no seio da Organização das Nações Unidas.

Se é importante o simples povoamento, mais valioso ainda é o "povoamento", isto é, da "colonização bem dirigida", de que vamos ter uma demonstração significativa através da documentação fotográfica que vamos assistir.

O homem na Gleba Arinos não está praticando uma economia predatória, derubando a mata, destruindo áreas enormes pelo fogo, para realizar a lavoura durante alguns anos, até que a terra se



Planta do Reino no primeiro ano

exgote, e depois, continuar para mais adiante, "fazedor de desertos", numa agricultura itinerante, de que tanto temos exemplos em todo o país.

Na CONOMALI, o homem, construiu sua casa, plantou lavoura permanente, procura estabelecer uma economia estável; enfim, se "fixou ao solo", mediante de uma empresa produtiva, que é o grande objetivo de toda sadia política agrônômica.

A CANOMALI dá, assim, um exemplo do que pode fazer a iniciativa provocada: abrindo em pleno deserto amazônico uma zona de povoamento organizado isto é de verdadeira colonização, em que o aspecto meramente financeiro, se realiza ao lado do atendimento dos aspectos humanos, no objetivo de praticar uma obra permanente de civilização, instalando-se numa região, que, há dez anos atrás, figurava nos mapas como desconhecida e inabitada", situada a quatrocentos quilômetros do mais próximo povoado (Diamant'no), a seiscentos e cinquenta quilômetros de Cuiabá. Para tanto abre na floresta amazônica uma clareira de milhares de hectares, plantando mais de um milhão de seringueiras, efetua lavouras de café, que já atingem a 800.000 pés, de cacau, de arroz, de cereais, e de tantas outras plantas alimentícias e inicia a pecuária, constrói quatro escolas, um hospital, bem aparelhado, levanta três igrejas, para os diferentes credos religiosos de sua população, prepara quinhentos quilômetros de estradas carroçáveis, — distância bem maior que do Rio São Paulo — organizando comunicações, com o preparo de três campos de pouso, um dos quais já homologado pelo Ministério de Aviação para aviões DC-3 e uma linha de navegação fluvial — isto é — fazendo da Gleba Arinos um centro de civilização a centenas de quilômetros da capital de Mato Grosso, em plena selva Amazônica.

E, no momento em que a Nação Brasileira, realiza o tremendo esforço da mudança da sua capital para o Interior de ocupação da nossa pátria, n'uma afirmação do que desejamos, não apenas possuí-lo politicamente, mas de ocupá-lo definitivamente, levando a sua interlândia todos os recursos da civilização — a obra pioneira da CANOMALI, é uma demonstração da capacidade da iniciativa privada.



Seringueiras já enxertadas

da, dando uma excelente contribuição ao esforço oficial.

Há ainda outro aspecto que precisa ser pôsto em evidência:

Quando tanto se debate, tanto se escreve e tanto se opina sobre a Reforma Agrária, aí está um exemplo — e dos melhores da reforma agrária que o Brasil precisa — no sentido de promover acesso à terra, ao homem brasileiro, fixando-o

Bombas HIDRÁULICAS

para
LAVOURA
INDÚSTRIA e
QUAISQUER FINS
Peçam orçamentos e questionários, sem compromisso.

à

HAUPT & CIA. LTDA.

RIO DE JANEIRO  FUNDADA EM 1873

RUA TEÓFILO OTONI, 133

TELEFONE 23-2321
RIO DE JANEIRO

ao solo, mas de modo produtivo e permanente, não entregando-lhe apenas um lote de terra, e largando-o à sua própria sorte, sem assistência técnica e financeira.

Ainda também uma lição de extrema importância nos dá a CONOMALI.

Como sabeis é generalizada a crença, baseada em estudos e observações extremamente incompletos, realizados em limitadas áreas, e que se transformaram em sentença condenatória, irrecorrível, de que o solo da Amazônia é imprópria para uma agricultura rentável; que destruído pelo fogo ou pela lavoura, a camada de humus, acumulada pela floresta durante milênios, o solo se torna estéril, só permitindo minguadas lavouras.

Esta fama da esterilidade do solo da Amazônia, corre mundo, proclamada em livros escritos em várias linguas.

Ireis assistir, documentadamente um desmentido a tão falaz asseveração. É uma grande prova e uma grande lição que não deve ser esquecida.

Mais do que tudo isso, porém, é a obra dêste grupo de pioneiros gaúchos, é um exemplo — um esplêndido exemplo, de que o espírito das bandeiras que foi tão decisivo na formação territorial, política e econômica do “continente” brasileiro, se mantém vivo e adaptando-se às contingências criadas pela civilização se

conserva nesta magnífica demonstração, que é também uma demonstração de confiança, no Brasil, que estamos construindo como uma lição escrita na terra, em plena Hiléia Amazônica, pelo esforço da iniciativa privada”.

Avese especiais para consumo

Nem todas as aves dão carnes saborosas. A técnica moderna de criação e seleção fabrica “as raças especiais” de carnes mais apetitosas. Dai o formidável aumento de consumo de carnes de aves nos Estados Unidos, só possibilitado depois que os galinhames comuns foram substituídos pelas raças especializadas, como a “New Hampshire”, a a formação de plantéia para a produção de mestisos industriais.

PRODUÇÃO DE JUTA

Neste número, na seção “Reminiscências” tratamos de juta. A seguir, publicamos uma estatística completa da produção e do valor dessa fibra produzida no país, de 1944 a 1959.

1944	6.357	28.053
1945	6.357	29.597
1946	8.124	30.786
1947	6.317	25.023
1948	9.370	45.783
1949	13.110	61.157
1950	14.054	61.223
1951	22.322	114.015
1952	14.840	79.311
1953	20.821	121.573
1954	23.322	140.373
1955	24.466	158.777
1956	31.665	306.435
1957	32.929	331.908
1958	31.240	340.969
1959	32.284	400.329

AS SEMANAIS DA S. N. A.



Reunião de 14 de junho: da esquerda para a direita: Renato Xavier, Diretor do Centro Agrícola de Treinamento Cooperativo, em execução na E.H.W.B.; Ben-Hur Raposo, Alberto Ravache, Diretores Técnicos; Heitor Grillo, Sócio Titular; Lutz Marques Pollano, Secretário Geral; Lutz Simões Lopes, Presidente; Edgard Teixeira Leite e Kurt Repsold, Primeiro e Segundo Vice-Presidentes; Rafael Xavier, Primeiro Tesoureiro; Alves de Souza, Sócio Titular; Amaro Cavalcanti, Sócio e Diretor Tesoureiro da CRB; Eliezer Moreira, Sócio e Membro Suplente do Conselho Nacional do SSR. Na foto abaixo outro aspecto da reunião.



I ENCONTRO REGIONAL DO ABASTECIMENTO

CONCLUSÕES DO ENCONTRO DA REGIÃO LESTE MERIDIONAL, ABRANGENDO OS ESTADOS DO ESPÍRITO SANTO, RIO DE JANEIRO E GUANABARA, REFERENTE A PRODUÇÃO REGIONAL PARA O ABASTECIMENTO.

A Lavoura divulga hoje algumas das conclusões do I Encontro Regional do Abastecimento do qual participou a Sociedade Nacional de Agricultura pelo seu delegado Prof. Geraldo Goulart da Silveira.

II — PRODUÇÃO REGIONAL PARA O ABASTECIMENTO

II-a) EXTRATIVA VEGETAL

a.1 — Solicitar aos Governos Federal e Estaduais todo apoio ao reflorestamento regional, sendo, pelos órgãos aos quais está vinculado o referido programa, dinamizada a fiscalização, para evitar a devastação das matas e incentivar o plantio sistemático de novas mudas.

II-b PRODUÇÃO AGRÍCOLA E PRODUTOS DERIVADOS

b.1 — Solicitar aos Governos Federal e Estaduais um programa de dinamização integrada dos Serviços de Engenharia Rural, a fim de racionalizar as culturas em que são recomendáveis a mecanização e a irrigação.

b.2 — Solicitar aos Governos Federal e Estaduais um programa integrado de diversificação agrícola com especial ênfase às culturas de subsistência.

II-c) PRODUÇÃO — PECUÁRIA (CARNES, LEITE E DERIVADOS)

c.1 — Solicitar aos Governos Federal e Estaduais, através do Ministério e Secretarias de Agricultura, planejamento zootécnico integrado, objetivando a melhoria do rebanho, do seu estado sanitário, com emprego de medidas profiláticas, alimentação

adequada e menos onerosa, introdução de campos de leguminosas e outros forragens, rúta da qual ao fim adubação e maior racionalização produtiva, inclusive com incentivos à criação de laboratórios especializados, e de campos de cooperação e de pesquisas entre o Poder Público e os Produtores e a ampliação dos quadros técnicos do Ministério e Secretaria da Agricultura.

c.2 — Solicitar ao Governo Federal financiamento oficial, destinado ao reaparelhamento do Entrepósito de Leite de Niterói e à implantação do Entrepósito de Leite de Campos, com instalações integradas com todas as fases, desde a recepção, tratamento, conservação frigorificada, engarrafamento ou embalagem e distribuição racionalizada, inclusive frotas de veículos.

c.3 — Tendo em vista o amparo à agropecuária e à criação de aves e pequenos animais, solicitar ao Governo Federal, através do Ministério da Indústria e Comércio, sejam destinados aos Produtores e Cooperativas de Produtores o tráfego indispensável ao desenvolvimento de suas atividades, zelando o Poder Público pela mais pronta regularidade e ampliação desse mercado.

c.4 — Solicitar ao Governo Federal a criação de um Grupo de Trabalho para estudar no mais breve prazo, em todos os seus aspectos e profundidade, o problema da produção e abastecimento do leite, em todas as etapas tanto de produção como de industrialização, distribuição, circulação, comercialização e consumo do leite e todos os seus derivados, propondo, a final, as soluções mais adequadas a tão amplo e fundamental sócio-econômico.

II-d) PRODUÇÃO — PESCA

d.1 — Solicitar ao Governo Federal que a pesca seja considerada indústria de base para efeito de financiamento pelo BNDE.

d.2 — Solicitar ao Governo Federal todo apoio ao CODEPE — Conselho do Desenvolvimento de Pesca, através da cooperação integrada de toda a Administração Pública, dando ênfase especial em alguns seguintes aspectos:

- fixação dentro do mais breve prazo possível, da política econômica a ser seguida, no quadro de um planejamento global, do problema da pesca, do desenvolvimento da indústria de construção de barcos pesqueiros e das indústrias correlatas;

- levantamento imediato de toda a costa brasileira para a fixação da Carta Pesqueira, de importância vital para o estudo definitivo das possibilidades econômicas industriais da Pesca no Brasil;

- mobilização de substancial reforço de todos os recursos em moeda nacional e estrangeira para atender ao Plano Nacional de Pesca;

- visando uma etapa inicial mínima de produção do peixe atual, nos próximos cinco anos, o estabelecimento de uma frota pesqueira de 80 a 100 barcos de grande e média tonelagem;

- Implantação de uma Rede de Frigoríficos e Fábricas de Gelo, nos Estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Guanabara, Bahia, Rio Grande do Norte, Maranhão, Ceará, Pará, e Pernambuco, além de outros;

- destinação inicial mínima de recursos em divisas da ordem de cem milhões de dólares, ou equivalente, para o financiamento, a médio e longo prazo, da construção de frigoríficos, compra e construção de barcos pesqueiros, distribuição de

- que o problema seja tratado sem burocracia e com a

- mobilização de todas as entidades, empresas e especialistas que possam cooperar, com efetivo espírito público na defesa do bem comum;
- realização periódica de Congresso Nacional de Pesca, de largo alcance, deles participando Delegações dos Governos Estaduais e Municipais, com apoio decisivo do Governo Federal e com eficiente publicidade em torno do mesmo, contando ainda com representações estrangeiras que seriam convidadas nos diversos países pesqueiros, com a seguinte sugestão de Têmario básico:
 - Pesca Artesanal:
 - pescador individual
 - agrupamento de pescadores (colônias da Pesca, Federações e Confederação de Pescadores);
 - Grande Pesca Industrial:
 - médio armador;
 - grande armador;
- Tipos de Barcos:
 - pequeno
 - médio
 - grande;
- Constituição e Ampliação dos Frigoríficos existente e sua localização em ordem de prioridade;
- Estudos econômicos:
 - recursos financeiros
 - financiamento a médio e longo prazo;
- Estudos para a fixação de Indústrias de Construção de Barcos Pesqueiros e correlatas;
- Tripulação de Barcos Pesqueiros:
 - brasileiros
 - brasileiros e estrangeiros (guarnições mistas)
- Indústria de Conserva de Pescado;
- Industrialização do Peixe:
 - empacotamento
 - distribuição
 - farinha de peixe
 - óleo de peixe
- adubos
- frigorificação;
- Certificados de Construção:
 - companhias de seguros
 - fiscalização na compra e construção de barcos;
- Edição de revistas especializadas sobre a pesca e indústrias pesqueiras;
- Propaganda de pescado para o aumento de consumo de pescado "per-capita", em razão direta do aumento da população;
- Reforma da legislação atual da pesca;
- Piscicultura — Pesca Interior:
 - rios interiores
 - lagos
 - açudes
 - lagoas;
- Cooperativas de Pesca — Produção;
 - nos portos pesqueiros e
- Escolas de Pesca — Localização:
 - locais adequados
 - anexas às escolas de

Banco Agro Industrial e Mercantil

Soc. Cooperativa de Resp. Ltda.

CAPITAL INTEGRALIZADO	Cr\$ 19.999.700,00
DEPÓSITOS	Cr\$ 5.598.072,00
EMPRÉSTIMOS	Cr\$ 20.072.093,40

Séde: Rua Barata Ribeiro, 639-D — Telefone 57-8835

Dep. Imobiliário: Rua Constante Ramos, 114 — Tel.: 57-6552

Presidente: JOÃO DA SILVA VALENTE FILHO

Gerente: RENATO DE CRASTO

- aprendizes do marinhheiro e da marinha mercante;
- Assistência Social aos Pescadores e suas Famílias:
 - escolas primárias
 - maternidade
 - creche
 - vilas residenciais
 - clubes esportivos
 - cinemas e teatros
 - cooperativas de consumo
 - ambulatórios médicos e dentários.

d.3 — Solicitar aos Governos Federal e Estaduais, através do Ministério e das Secretarias da Agricultura, um programa integrado de exploração das lagoas do Estado do Rio e Estado da Guanabara pelas Cooperativas de pescadores profissionais e sociedade mista com financiamento através do Banco Nacional das Cooperativas e Banco do Estado, para pôr em prática o plano de piscicultura.

II.e) PRODUÇÃO — HORTIGRANJEIROS (BATATAS, LEGUMES, AVES OVOS, ETC.)

e.1 — Solicitar ao Governo Federal, através dos Bancos oficiais, facilidades creditícias para o pequeno agricultor, objetivando o incremento da produção de hortigranjeiros nas proximidades dos grandes centros de consumo da Região assegurada a defesa do produto, sua armazenagem e frigorificação adequadas, comercialização, garantia de preços mínimos e a criação de Postos Agrotécnicos nas zonas de produção

e.2 — Solicitar aos Governos Federal e Estaduais a criação de um Grupo de Técnicos em Agrostologia e Rações Balanceadas, Economia Rural e Avicultura, para incremento das pesquisas sobre a produção de alimentos, de origem hortigranjeiras cujos resultados sejam secundados por uma ação efetiva dos serviços de fomento federais e estaduais, para produção desses alimentos, complementado pela ação dos órgãos de avicultura públicos ou privados.

e.3 — Solicitar ao Governo Federal, através do Ministério da Agricultura, o incentivo à

Adubos

fortificam as terras fracas

Dep. Prop. CADAL

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES GRATUITAMENTE

CADAL

CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

Agentes exclusivos do Salitre do Chile para os Estados da Guanabara, do Rio e Espírito Santo

Rua México, 111 — 12.º andar (Sede própria)

Caixa Postal, 875

Telefone: 31-1850-rêde interna

criação de granjas, com o desenvolvimento de avicultura e horticultura, seleção de aves e assistência técnica financeira ao produtor.

e.4 — Solicitar ao Governo do Guanabara as necessárias providências para que, dentre as áreas disponíveis, sejam selecionadas as especialmente destinadas à produção hortigranjeira, planejada e intensiva.

e.5 — Solicitar aos Governos Federal e Estaduais, através do Ministério e Secretarias da Agricultura, e Bancos oficiais, todo incentivo à constituição

da Cooperativa Central dos Produtores Hortigranjeiros.

II-f) PRODUÇÃO — FRUTAS REGIONAIS E DERIVADOS

f.1 — Solicitar aos Governos Federal e Estaduais, mediante convênio, através do Ministério e da Secretaria da Agricultura e Bancos oficiais, todo o incentivo à cultura regional da bananeira, com a orientação técnica e supervisionada, visando, especialmente, a sua adequada comercialização e industrialização.

ASSOCIATIVISMO RURAL

Fundada a Associação Rural de Galla

Foi fundada em Julho, a Associação Rural de Galla, Estado de São Paulo, sendo então eleita e empossada a sua primeira diretoria, assim constituída:

- Presidente:** Celso Bonini
Vice-Presidente: João Franco
1.º Secretário: José Antônio Banau
2.º Secretário: Jorge Rezeto Andery
1.º Tesoureiro: José Cury Junior
2.º Tesoureiro: José Avato

Cooperativa de Cafeicultores

Com sede no município de

Camboriú, foi fundada a 1.ª Cooperativa de Cafeicultores de Santa Catarina com 500 associados.

Associações Rurais reconhecidas

Foram reconhecidas e registradas no serviço competente do Ministério da Agricultura, as seguintes Associações Rurais de Benedito Leite e de Una, Estado de Minas Gerais.

Cooperativa em Limoeiro do Norte

No Estado do Ceará foi fundada em junho, a Cooperativa Agrícola Mista de Limoeiro do Norte sendo escolhido para presidir-lhe o Sr. Getúlio Gonçalves Santiago.

Novas diretorias das Associações Rurais

Associação Rural de Timon — Presidente: Helly B. de Alburquerque;

Associação Rural de São Vicente Ferer — Presidente: Adauto Ferreira Santos

Associação Rural de Canoinhas — Presidente: Ewaldo Zipperer.

Presidente e Federações de Associações Rurais

Foram reeleitos presidentes de Federações de Associações Rurais, o Sr. Odorico Ferreira de Souza (Federações das Associações Rurais do Estado do Rio Grande do Norte) e o Sr. Euripides Ferreira Lins (Federação das Associações Rurais do Estado de Amazonas).

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A.

Matriz: ITAJAI — Santa Catarina

Fundado em 23 de Fevereiro de 1935

Capital e Reservas: Cr\$ 750.000.000,00

Agências no Estado da Guanabara:

Rua Visconde de Inhaúma, 134-C — Loja

(23-4844 — (Rêde interna)

Telefone: (23-0566 — Diretoria

(43-1112 — Sub-Gerência

Rua do Carmo, 66 — Telefone: 31-3844

Agências nos Estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo,

Rio de Janeiro e Brasília (DF)

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

Visão dos problemas da Agricultura Brasileira

CONTRATO ENTRE A FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS E O DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS E.U.

Um contrato entre o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e a Fundação Getúlio Vargas, foi assinado pelo seu presidente, Dr. Luiz Simões Lopes, tendo por objeto uma ampla investigação das condições econômicas da agricultura brasileira com vistas a projeções sobre a forma global de alimentos no Brasil em 1965 e 1975. Do ponto de vista do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, esta investigação faz parte de um projeto mais amplo que engloba grande número de países e que servirá para orientar a própria política econômica norte americana no setor agrícola. Do ponto de vista da Fundação Getúlio Vargas a construção das projeções acima referidas vão significar estudo em profundidades quer a respeito de condições sócio-econômicas em áreas rurais, permitindo por conseguinte, que chegue ao final do trabalho com uma visão geral e quantitativa dos problemas da agricultura brasileira. Como representante do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos assinara o contrato o Sr. Ford M. Millan, Adido Agrícola da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil."



Assinatura do documento pelos representantes da FGV (Luiz Simões Lopes) e do DAEU (Sr. Ford M. Millan).



No grupo tendo após a assinatura do contrato FGV/DAEU; agradece o Dr. Eugenio Gudon.



Esta é uma receita aprovada pela "Cozinha Royal" Prove o "Pão Irlandês" com Chá Tender Leaf

Uma especialidade irlandesa a seu alcance

PÃO IRLANDÊS COM PASSAS

INGREDIENTES :

- 1 colh. (sopa) de Fermento Sêco Fleischmann ou 2 tabletas de Fermento Fleischmann
- 1/4 xíc. de batatas amassadas (cozidas sem casca)
- 1 xíc. de água em que foram cozidas as batatas
- 8 colh. (sopa) de açúcar
- 4 xíc. de farinha de trigo
- 1 colh. (chá) de sal
- 2 ovos
- 4 colh. (sopa) de manteiga ou banha
- 2 xíc. de passas de uva

Ponha o fermento em 1/2 xíc. de água morna. Deixe repousar 10 minutos. Mexa até dissolver. Junte as batatas, 2 colh. (sopa) de açúcar e 1 xíc. de farinha. Bata levemente. Cubra e deixe crescer até formar bolhas. Mexa e junte o açúcar restante, o sal, e 1 xíc. de farinha. Bata de leve. Junte os ovos batidos, a manteiga e o restante da farinha. Polvilhe uma superfície com 1/2 xíc. de farinha. Coloque ali a massa e trabalhe-a até ficar lisa e soltar completamente da mesa. Dê à massa o feitiço de bola. Coloque numa fôrma untada, cubra e deixe crescer até dobrar de tamanho. Sove a massa e divida-a em 4 partes iguais. Abra com o rôlo. Recheie cada uma com passas, e enrole como rocambole. Coloque-as a pouca distância uma da outra, 2 a 2, em fôrma alta, retangular, e deixe crescer até dobrarem de tamanho e ficarem unidas. Pincele com ovo batido e asse em forno moderado durante 40 minutos.

FERMENTO SÊCO FLEISCHMANN



GRÁTIS!

Peço à D. Maria Silveira,
Caixa Postal 1179 - Depto.
FS-3 - Rio de Janeiro, o
folheto "Conselhos Úteis"
sobre o Fermento Sêco
Fleischmann.

Mais um produto de qualidade da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.

SAUDAÇÃO A UM COMPANHEIRO

Fábio Luz Filho

Embora não pertença aos quadros funcionais do B. N. C. C. minha presença na justa homenagem prestada a Valdiki Moura se justificou por vínculos de ordem histórica, cultural, afetiva e ideológica. Temos estreita afinidade de idéias; é longa e sincera nossa confraternização em tantos anos de propaganda; fui um dos que participaram da elaboração do decreto-lei 5803, embora vencido em muitos pontos, e, com José Ariuda de Albuquerque, o primeiro e ilustre diretor do B. N. C. C., Valdiki Moura e outros, del meu contingente de colaboração para que se tornasse realidade a Caixa de Crédito Cooperativo, hoje B. N. C. C.; meu filho é o Contador Geral desse Banco e

há a minha condição de publicista. Parece-me que também minha atitude, com o Dr. Tertuliano Mitchell, então assistente-jurídico do S. E. R. e, mais tarde, consultor-jurídico do Ministério da Agricultura, minha atitude, no aqodamento com que o movimento paulista sobretudo revogou o decreto-lei 5803, ter salvo a disposições pertinentes à Caixa de Crédito Cooperativo constantes do decreto-lei 8.401, também me credenela para ter estado presente e dizer de minha satisfação em ver Valdiki Moura, isto é, um publicista de mérito ineonteste, e técnico dos mais capazes, integrante dos quadros funcionais do B. N. C. C., ser alçado ao posto de diretor, fato que ocorre pela primeira vez

na história dessa organização e poucas vezes, ao parecer, tem sucedido em outras autarquias. Estão, assim, de parabens os dignos funcionários do B. N. C. C. como o movimento cooperativo brasileiro. Quebra-se, desta forma, uma tradição, que, talvez, de certos ângulos, se possa justificar e no geral constitui rotina na administração brasileira, sendo mesmo, muita vez, inevitável pelas maranhãs político-partidárias ou regionais, não devendo, porém, potergar os verdadeiros valores. A política tem suas exigências e seus cânones respeitáveis quando política no sentido de arte de direção correta dos negócios públicos através de colaboradores idôneos. Os políticos colocados no comando final não podem nem devem marginalizar os verdadeiros especialistas, sobretudo quando as tarefas são essencialmente técnicas, os assuntos especializados. Há necessidade de uma temperilha de equilíbrio... Admite-se o critério político na escolha de pessoas capazes para a direção geral, mas nunca com o afastamento sistemático, como disse, daqueles técnicos ou colaboradores especializados que podem constituir ou constituem as moedas vitais de qualquer empresa, sobretudo quando estatal e com atribuições específicas, de uma repercussão ímpar no conjunto da economia de um país, como são os órgãos creditícios, notadamente aqueles de crédito especializado. Cooperativismo é movimento respeitável de idéias, é método de organização seletiva que precisa de preparação especial, de um corpo adequado de colaboradores no sentido técnico e no sentido moral, de vez que há necessidade, no campo cooperativo sul-americano, de um indermido apostolizar, de uma aculturação, vamos dizer, constante de um trabalho educativo sem desfalências, de uma mistica, enfim, e na própria Argentina, como me acaba de fazer sentir Del Gludica, o culto e dinâmico publicista que preside aos destinos de "Ediciones Intercoop" (que acaba de lançar em Buenos Aires o meu livro "El cooperativismo y el Estado", em "Cuadernos de

Srs. Prefeitos

Tornem suas cidades mais belas e mais atraentes, servindo-se do nosso grande estoque de plantas ornamentais para os mais variados fins. Há cerca de mais de MEIO SÉCULO nossa firma

Vem fornecendo BOAS MUDAS de plantas frutíferas e ornamentais

CONSULTAS SEM COMPROMISSO

CATALOGOS E FOLHETOS GRATIS

Dierberger Agrícola Ltda.

Fazenda Citra — Caixa Postal 48

LIMEIRA — Estado de São Paulo

Para maior comodidade dos srs. interessados, atendemos também nos seguintes locais: POSTO DE VENDAS N.º 1 — situado no Km. 149 da Via Anhangüera, nas proximidades de Limeira e no POSTO DE VENDAS N.º 2, próximo à lagoa do Taquaral, no local onde inicia a estrada para Mogi-Mirim, em Campinas

"I. P. E. C."

Irmãos Peixoto

**ENGENHARIA E
CONSTRUÇÕES LTDA.**

Por Empreitada ou Administração

INCORPORA E VENDE

Avenida

Pres. Antônio Carlos. 615

7.º and., gr. 705 — Tel. 22-2323

RIO DE JANEIRO

Cultura Cooperativa", ótima coleção rigorosamente selecionada, de grande divulgação na América do Sul), se na Argentina, nem cinco por cento das cooperativas se interessam pelas edições acima, logo pelo aspecto cultural do movimento, pela transcendência de sua filosofia, imagine-se o que será no Brasil. A Argentina possui, como todos sabem, um movimento mais sólido e de maior teor ortodoxo, embora cá e lá más fadas existam...

Má ainda mais, para que não pensem que carregue nas costas: lancei em 1959, por São Paulo, meu livro "Crédito Agrícola e Problema Agrário" (hoje quase esgotado), os editores, como era natural, enviaram-no, pelo reembolso postal, a numerosas cooperativistas, tendo acontecido esta coisa surpreendente: nada menos de 111 cooperativistas devolveram o livro, alegando que o assunto não lhes interessava, sendo que nesse número

estavam muitas cooperativas de crédito e a própria Agência do Banco Nacional de Crédito Cooperativo em São Paulo: O livro, sem falsa modéstia, de mais de 300 páginas em grande formato e ótima apresentação/gráfica, contém capítulos enormes sobre o que são os princípios normativos da doutrina cooperativa, as características técnicas do crédito agrícola em geral, sua teoria e sua prática no mundo e no Brasil; os vários aspectos de crédito agrícola cooperativo e do crédito orientado e supervisionado, e seu caráter decisivo de um dos fatores da reforma agrária, que focalizo no mundo e no Brasil, e aceno para as soluções convinháveis. Foi um livro que suscitou pronunciamentos favoráveis dos mais insuspeitos, de economistas brasileiros e estrangeiros, e da crítica jornalística. Pois, de 111 presidentes de cooperativas brasileiras pareceu

um muxôxo de desprezo...

Assim sendo, quando se vê um técnico do valor de Valdir Moura ser alçado ao alto posto de diretor do B. N. C. C., para sentar-se ao lado de três ilustres diretores militantes do movimento cooperativo brasileiro, como que sentimos que alguma coisa está mudando e que essa nova orientação só poderá ser benéfica para o nosso movimento, capaz de criar uma outra mentalidade e abrir horizontes educativos à massa cooperadora brasileira adjutorando os órgãos federal e estaduais de cooperativismo, sempre baídos de verbas e elementos humanos, massa ingente cruzada de esclarecimento, que já tarda. Em trinta e cinco anos de intenso labor teórico e prático, fiz como publicista e como funcionário, o que me era possível e até o impossível para esse esclarecimento, com sacrifício de minha própria saúde e postergação de interesses materiais, pois já me encontro aposentado e sem ter um teto próprio sob o qual albergar a minha velhice.

Assim, a nomeação de Valdir Moura para diretor do B. N. C. C., ao lado de operoso e dignos militantes, conforta-me e me faz confiante, certo de que a cruzada continuará em boas mãos e o aspecto cultural do movimento será devidamente considerado como um fator decisivo no campo do próprio crédito especializado, como do há muito já o compreendeu o Banco Nacional de Costa Rica, dentre outros.

(Conclusão da pág. 12)

em lugares que, em certos casos, ficam a mais de quatrocentos quilômetros de distância do Rio. Mas não é essa a solução completa. O que é preciso fazer, sobretudo, é selecionar o gado, para ter apenas vacas de boa produção. E ter também boas pastagens e rações, sem o que nenhum rebanho, por melhor que seja, produzir; de acordo com as aptidões felétricas.

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA ESCOLA DE HORTICULTURA "WENCESLÃO BELLO" REFERENTE AO ANO LETIVO DE 1960

(APRESENTADO AO PRESIDENTE DA SNA PELO PROFESSOR GERALDO GOULART DA SILVEIRA, DIRETOR DA EHNB)

I — Generalidades

Foram auspiciosas e de mais elevado alcance as atividades referentes ao ensino, desenvolvidas na Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", durante o ano de 1960.

Mantida na Penha, Estado da Guanabara, pela Sociedade Nacional de Agricultura, contou o tradicional estabelecimento de ensino profissional agrícola, com a colaboração, através de acordos e convênios, das seguintes entidades, todas elas de elevado conceito no país:

- a) *Serviço Social Rural*, por intermédio do Conselho Regional do Estado da Guanabara (Resolução n. 155 CN, Acordo CR-GB — SNA).
- b) *Escrifório Técnico de Agricultura Brasileira-Estados Unidos (ETA)*, através do Projeto n. 38 ETA-SNA.
- c) *Comissão Brasileira de Assistência Educativa às Populações Rurais (C.B.A.R.)*, através do Projeto CBAR, P-23.

Com a soma de esforços e de recursos proporcionados pelo regime de trabalho em colaboração, vem a Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" realizando um eficiente e oportuno programa de atividades no setor do ensino profissional agrícola, digno de ser destacado.

Foram os seguintes os cursos ministrados na Escola, em 1960:

1 — Cursos sob regime de internato:

- a) — *Cursos Profissionais*, abrangendo os Cursos de Hortelão, de Fruticultor e de Floricultor, com a duração de dois anos.
- b) — *Curso Prévio*, com a duração de quatro meses e destinado a consolidar os conhecimentos de nível primário dos alunos candidatos à matrícula no 1.º ano dos cursos profissionais.
- c) — *Curso Especial de Auxiliares de Comunidades Rurais*, iniciado em 1959 e concluído em 1960, com a duração de quatro meses, e destinado ao aperfeiçoamento de alunos concluintes dos Cursos Profissionais da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" para que os mesmos se capacitem para os trabalhos que o CR-GB do SSR está realizando na zona rural do Estado da Guanabara.

2 — Cursos sob regime de externato

Cursos Práticos Agrícolas, funcionando aos sábados (período da tarde) e domingos (período da manhã), com a duração de vinte e quatro aulas e versando sobre os mais diversos assuntos de interesse agrícola.

Releva salientar que todos os cursos quer os ministrados sob regime de internato, quer

os sob de externato, foram inteiramente gratuitos.

O movimento global de matrículas na Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", foi, em 1960, de *oitocentos e trinta e nove* matrículas, assim distribuídas:

Cursos Práticos Agrícolas: ..	731	matrículas
Cursos Profissionais (1.º e 2.º anos)	46	"
Curso Prévio (2)	43	"
Curso Especial (1)	19	"

T O T A L 839 matrículas

O número total de cursos realizados em 1960 foi *cincoenta e um*, assim discriminados:

Cursos Profissionais	3
Cursos Práticos Agrícolas	45
Cursos Especiais	1
Curso Prévio	2

51

Quanto ao regime de funcionamento, *quarenta e cinco* (45) cursos funcionaram sob regime de externato e *seis* (6), sob o regime de internato.

II — Curso Prévio

A implantação do Curso Prévio na Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", velho anseio da direção do estabelecimento, só foi possível graças ao convênio estabelecido entre o Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara e a Sociedade Nacional de Agricultura.

A realização do *Curso Prévio*, veio resolver dois problemas que sempre preocupam a administração da Escola:

- a — elevação do nível de preparo dos alunos dos Cursos Profissionais, com a matrícula, no 1.º ano, de candidatos mais capazes, preparados e selecionados no *Curso Prévio* e, justamente, consolidar os conhecimentos gerais, dos que concluíam, na zona rural, o curso primário;
- b) — manutenção das atividades de ensino durante todo o ano, pois o *Curso Prévio* funciona, com esse fim, no período de férias dos Cursos Profissionais (20 de novembro de um ano a 20 de março do ano seguinte).

No *Curso Prévio* iniciado em 20 de novembro de 1959, matricularam-se *vinte e cinco* (25) alunos, assim distribuídos:

- a — de acordo com a procedência:

Est. da Guanabara	10 alunos
" do Espírito Santo	7 "
" de Minas Gerais	6 "
" do Rio de Janeiro	1 "
" do Piauí	1 "

b — de acôrdo com as idades:

15 anos	11 "
16 anos	6 "
17 anos	5 "
18 anos	1 "
22 anos	1 "
23 anos	1 "

E' a seguinte a relação dos alunos matriculados no Curso Prêvio iniciado em 20 de novembro de 1959 e terminado em 20 de março de 1960.

Antonio Gastão Barbosa
Arno Pautz
Celso Antonio Barbosa
Edmundo Felix de Souza
Erasmo Berger
Flávio Neves
Humberto Lirio Farneze
Ildefonso Augusto de Oliveira
José Sanelér Corrêa
Jordão Rodrigues Pereira
Laurindo Alves de Azevedo
Marcos Humberto de Oliveira
Sebastião Xavier Barbosa
Sérgio Borges
Antonio Cortêze
Aroldo de Souza Santos
Augusto Cesar de Freitas
Herbert Kuster
Jurandir Julião Rispoli
Jorge Duarte da Silva
José Afonso Ribamar Osório Lopes
Aelmar da Silva Ramos
Alvin Barbosa Monteiro
Hamilton Burato
José da Conceição.

Nos exames realizados, foram aprovados, e, consequentemente, considerados aptos para matrícula no 1.º ano dos Cursos Profissionais, os seguintes *dezenove* (19) alunos, dos *vinete e cinco* (25) matriculados:

Antonio Gastão Barbosa
Celso Antonio Barbosa
Edmundo Felix de Souza
Erasmo Berger
Ildefonso Augusto de Oliveira
José Sanelér Pereira
Jordão Rodrigues Pereira
Laurindo Alves de Azevedo
Marcos Humberto de Oliveira
Sebastião Xavier Barbosa
Sérgio Borges
Antonio Cortêze
Aroldo de Souza Santos
Herbert Kuster

**ADQUIRA
AGORA O SEU
PICK UP
Jeep®**



DA GASTAL

PARA TER GARANTIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE E PEÇAS WILLYS GENUINAS PARA TÔDA A VIDA, ALÉM DESTAS EXCEPCIONAIS FACILIDADES DE COMPRA:

**PEQUENA ENTRADA
E O RESTANTE
A LONGO PRAZO**

■ TRAÇÃO NAS 4 RODAS ■ CABINE CONFORTÁVEL, PARA 3 PESSOAS ■ CHASSIS REFORÇADO, C/5 TRAVESSAS ■ CARROÇARIA DE AÇO ■ GRANDE CAPACIDADE DE CARGA.

Venha hoje mesmo à

GASTAL S.A.

Av. Brasil, 2298
Rua Voluntários da Pátria, 48

Jurandir Jullão Rispoli
 Jorge Duarte da Silva
 José Afonso Ribamar Osório Lopes
 Affmar da Silva Ramos
 Alvim Barbosa Montelro
 Hamilton Burato
 José da Conceição.

No curso Prévio iniciado em 1960 (terminará em 20 de março de 1961), estavam matriculados até dezembro, dezoito (18) assim distribuídos:

- a — de acordo com a procedência:
 Estado da Guanabara 15 alunos
 Estado do Piauí 3 "
- b — de acordo com as idades:
 15 anos 15 alunos
 16 anos 11 "
 17 anos 1 "
 19 anos 1 "

E' a seguinte a relação dos alunos matriculados no Curso Prévio que terminará em março de 1961:

Eriberto José do Nascimento
 Gleidston da Silva Leitão
 Hildeburg de Oliveira Franco
 Ivan Figueiredo Vieira
 Ivo Gonçalves de Amorim
 Jorge de Oliveira
 José Corrêa da Silva
 José Lopes de Souza
 Luiz Carlos Costa Alves
 Manoel Guimarães de Oliveira
 Sidnei Nascimento Gomes
 Antonio Ricardo de Carvalho
 José de Aranjó Netto
 Francisco Carvalho Chaves
 Mauri Dias de Lima
 Umberto de Freitas
 Paulo César Batista
 Luciano Berger

Nesse último curso, em virtude do estabelecido pelo Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, foram oferecidas doze (12) matrículas a filhos de lavradores que tenham cursado escola primária rural do Estado da Guanabara, através do Distrito de Educação Rural, a quem coube a seleção dos candidatos.

Foram os seguintes os alunos selecionados pelo Distrito de Educação Rural do Estado da Guanabara:

Eriberto José do Nascimento
 Gleidston da Silva Leitão
 Hildebrugo de Oliveira Franco
 Ivo Gonçalves de Amorim
 Sidnei Nascimento Gomes
 Ivan Figueiredo Vieira
 Luiz Carlos Costa Alves
 José Corrêa da Silva
 José Lopes de Souza
 Manoel Guimarães Gomes
 Jorge de Oliveira

Como uma maneira mais perfeita de entrosamento entre o associativismo rural e o Serviço Social Rural, os candidatos à matrícula no Curso Prévio quando provenientes de

zona rural do Estado da Guanabara são, de preferência encaminhados à Escola para efeito de matrícula, por intermédio das Associações Rurais.

Com isso consegue-se:

- a — fortalecer o associativismo rural, dando uma posição de destaque às associações rurais no encaminhamento dos jovens da zona rural para um estabelecimento de ensino profissional agrícola;
- b — fazer sentir ao rurícola a presença do Serviço Social Rural que procurava através do ensino profissional, orientar para as lides agrícolas, os filhos de lavradores.

Em resumo, foi o seguinte o movimento de matrículas no referido curso:

Curso Prévio	Matriculados	Aprovados
Iniciados em .. 1959 e concluídos em 1960 ...	25	19
Iniciado em ... 1960	18	—

III — Cursos Profissionais

Em 1960, atingiu a quarenta e seis (46), o número de matrículas nos Cursos Profissionais de Hortelão, Fruticultura e Floricultura, provenientes de zona rural da Guanabara e de outros Estados da Federação, assim distribuídos nos dois anos que abrangem os cursos:

1.º ano	32 alunos
2.º ano	14 "
T O T A L	46 "

Foi a seguinte a distribuição dos alunos nos referidos cursos, em 1960, de acordo com a procedência:

Estados	N.º de alunos		Totais
	1.º ano	2.º ano	
Minas Gerais ..	8	3	11
Guanabara ...	12	5	17
Est. do Rio ..	6	1	9
Espírito Santo ..	5	1	6
Piauí	1	—	1
R. G. do Sul ..	—	1	1
Goiás	—	1	1
Totais	32	14	46

De acordo com as respectivas idades, foi a seguinte a distribuição dos alunos:

Idades	N.º de alunos		Totais
	1.º ano	2.º ano	
15 anos	12	1	13
16 anos	1	1	13
17 anos	7	8	15
18 anos	2	1	3
19 anos	2	1	3
20 anos	1	1	2
21 anos	—	—	—
22 anos	—	—	—
23 anos	1	—	1
Totais	32	14	46

Matrícularam-se na 1.ª série dos Cursos Profissionais, em 1960, os seguintes alunos:

Antonio Gastão Barbosa
Ahyr Delício Mozer
Alcimar da Silva Ramos
Alvim Barbosa Monteiro
Antonio Cortêze
Aureswaldir Larrubia da Silva
Aroldo de Souza Santos
Augusto César Freitas
Alberto Carlos Corrêa da Silva
Celso Antonio Barbosa
Carlos Alves de Souza
Edmundo Felix de Souza
Erasmus Berger

Geraldo Gonçalves Barbosa
Hamilton Burato
Herbert Kuster
Humberto Lirio Farnese
Ildefonso Augusto de Oliveira
Ivan Fernandes Ramôa
Jorge Duarte da Silva
José Afonso Ribamar Osório Lopes
José da Conceição
José Sanceler Corrêa
Jordão Rodrigues Pereira
Jurandir Julião Rispoli
José Leonil Bastos Filho
José Roberto Spitz
Laurindo Alves de Azevedo
Marcos Humberto de Oliveira
Pedro Ivo Batista
Sérgio Borges
Sebastião Xavier Barbosa

Matrícularam-se na 2.ª série dos Cursos Profissionais, em 1960 os seguintes alunos:

Carlos Garcia Simas
Dorival Maciel da Rosa
Edgard Jesus dos Santos
Enio Palção
Jacy da Silva
José Nery de Souza
José do Carmo Delavale
João Geraldo Batista
Joel Santos de Souza
Jorge Santos de Souza
Olyntho Silva Nogueira
Ovídio Berger
Olegário de Araújo Mendes

Foi o seguinte em 1960, o movimento dos exames dos Cursos Profissionais:

NÚMERO DE ALUNOS

	Matriculados	Aprovados submetidos a exame	Aprovados	Para 2.ª época
Primeira série	32 14	16 13	8 13	8 0
Segunda série	46	29	21	8
Totais				

Foram promovidos, em 1960, da 1.ª série para a 2.ª série dos Cursos Profissionais, os seguintes alunos:—

Ahyr Delício Mozer
Alcimar da Silva Esmos
Aroldo de Souza Santos
Erasmus Berger
Geraldo Gonçalves Barbosa
Herbert Kuster
José Sanceler Corrêa
José Roberto Spitz
Ficaram dependentes de exame de 2.ª época para promoção à segunda série dos

Cursos Profissionais os seguintes alunos:—

Alvim Barbosa Monteiro
Hamilton Burato
José Afonso Ribamar Osório Lopes
Jordão Rodrigues Pereira
Jurandir Julião Rispoli
José Leonil Bastos Filho
Pedro Ivo Batista
Sérgio Borges

Concluíram os Cursos Profissionais em 1960, os seguintes alunos:—

Carlos Garcia Simas
Dorival Maciel da Rosa
Edgard Jesus dos Santos

Enlo Palxão
 Geraldo Xavier Barbosa
 Jacy da Silva
 José Nery de Souza
 José do Carmo Dolavale
 João Geraldo Batista
 Joel Santos de Souza
 Jorge Santos de Souza
 Olynho Silva Nogueira
 Ovidio Berger
 Olegario de Araújo Mendes

No dia 22 de novembro, às dezessete horas, no auditório da Escola, teve lugar a solenidade de formatura dos alunos concluintes dos Cursos Profissionais no auditório da Escola, com o comparecimento do Dr. Luiz Guimarães Júnior, representante do Ministério da Agricultura, Dr. Jalmirz Guimarães Gomes, representante da Divisão de Defesa Sanitária Vegetal do Ministério da Agricultura, Dr. Kurt Repsold, Presidente do Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, Flavio Brito, representante da Cooperativa Agrícola de Coia, Professora Irene de Melo Carvalho, Diretora do Departamento de Ensino da Fundação Getúlio Vargas, Diretores da Sociedade Nacional de Agricultura, Professores da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", pais e parentes dos diplomandos.

A turma, que teve como paranimfo o Dr. Luiz Simões Lopes, Presidente da S.N.A., prestou as seguintes homenagens:—

Homenagens Especiais.

Dr. Kurt Repsold — Presidente do CR/Gb do S.S.R.

Dr. Luiz Marques Poliano — Secretário Geral da S.N.A.

Homenagens Póstumas —

Prof. Arthur Torres Filho

Prof. Cynéas Lima Guimarães

Homenagens da turma.

Diretor da Escola: Prof. Geraldo Goulart

da Silveira

Professores:

Dario Sampalo Cruz
 Hélio Raposo
 Jalmirz Guimarães Gomes
 Ney Brandão
 Pedro Pais de Barros
 Subael Magalhães da Silva
 Pedró Goulart da Silveira Filho
 Agrícola Castelo Borges

Assistentes de ensino.

João Nunes Castello

André da Silva Neto

Foi orador da turma, o concluinte Jorge Santos de Souza.

No mesmo dia, com a presença das autoridades acima foi prestado pela administração, pelo corpo docente e pelo corpo discente uma justa homenagem ao Dr. Cynéas Lima Guimarães, ex-Diretor do estabelecimento, já falecido, com a inauguração, na Sala de Reuniões dos Professores, de seu retrato. Falaram na ocasião, em nome dos alunos, o concluinte Carlos Gare a Simas e em nome da Administração, o Professor Geraldo Goulart da Silveira.

IV Cursos Práticos Agrícolas.

Foram administrados na Escola de Horticultura "Wenceslau Bello", em 1960, *quarenta e cinco Cursos Práticos Agrícolas* distribuídos em três séries, cada uma delas com *quinze cursos* assim distribuídos:

- a — primeira série, no período de Abril: Junho
- b — segunda série, no período de Junho: Setembro
- c — terceira série, no período de Setembro: Dezembro.

Nos referidos cursos matricularam-se *setecentos e trinta e um* (731) alunos, dos quais *seiscentos e setenta e quatro* (674) do sexo masculino e *cinquenta e sete* (57) do sexo feminino, assim distribuídos:

Entidade	n.º de cursos	masculinos	femininos	total
CBAR	21	359	35	394
SSR	23	292	22	314
ETA	1	23	0	23
Totais	45	674	57	731

Foi a seguinte a distribuição dos cursos na primeira série dos Cursos Práticos Agrícolas de 1960:

Entidades	Cursos Práticos Agrícolas
CBAR (9 cursos)	Botânica Agrícola Alimentação de Pequenos Animais Domésticos Organização de Pomares Administração de Propriedades Rurais Floricultura Enxertia Hortas Domésticas Solos e Adubação Máquinas de Defesa Sanitária Vegetal

(6 cursos) SSR	Organização de Sementelras e Viveiros Rebrotamento Cooperativismo Rural Cultura de Raízes e Tubérculos Contabilidade Agrícola Inseticidas e Fungicidas
-------------------	---

Na segunda série de Cursos Práticos Agrícolas, ministrados no período de Junho a Setembro de 1960 foram ministrados os seguintes cursos:

Entidades	Cursos Práticos Agrícolas
CBAR (9 cursos)	Criação de Porcos Cultura de Solanáceas Hortícolas Restauração de Pomares Defesa de Recursos Naturais Contabilidade Agrícola Zoologia Agrícola Multiplicação Vegetal Solos e Adubação Doenças e Pragas de Hortas e Pomares
SSR (6 cursos)	Combate às Ervas Daninhas Cálculos e Medidas Agrárias Conservação do Sólido Instalação Rurais Cultura de Hortalças Folíaceas Cooperativismo Rural

Foi a seguinte a distribuição dos alunos na Terceira Série dos Cursos Práticos Agrícolas ministrados no período de Setembro a Dezembro de 1960.

Entidades	Cursos
CBAR (3 cursos)	Cultura de Citrus Enxertia Organização de Pomares Animais Nocivos
ETA (1 curso)	
SSR (11 cursos)	Preparo e Plantio de Essências Florestais Cultura de Hortalças de Verão Preparo e Aplicação de Inseticidas e Fungicidas Contabilidade Agrícola Administração de Propriedades Rurais Cooperativismo Rural Criação de Porcos Criação de Abelhas Conservação do Sólido Solos e Adubação Doenças e Pragas de Hortas e Pomares

Em resumo, foi a seguinte a distribuição dos quarenta e cinco Cursos Práticos Agrícolas.

Série de cursos	Número de cursos			
	CBAR	SSR	ETA	Totais
1. ^a Série	9	6	0	15
2. ^a Série	9	6	0	15
3. ^a Série	3	11	1	15
Totais	21	23	1	45

O movimento dos exames referentes aos cursos acima foi o seguinte:

Entidades	N.º de	N.º de	Número de alunos		
	cursos	matriculas	Examinados	aprovados	Reprovados
CBAR	21	394	249	238	11
SSR	23	314	195	170	25
ETA	1	23	12	12	0
—	45	731	456	420	36

Form os seguintes os Cursos Práticos Agrícolas ministrados, especificando-se o número de vezes que foram realizados:

Cursos Práticos Agrícolas	Número de vezes
Contabilidade Agrícola	3
Cooperativismo Rural	3
Solos e Adubação	3
Organização de Pomares	2
Administração de Propriedades Rurais	2
Enxertia	2
Criação de Porcos	2
Doenças e Pragas de Hortas e Pomares	2
Conservação do Solo	2
Botânica Agrícola	1
Alimentação de Pequenos Animais Domésticos	1
Floricultura	1
Hortas Domésticas	1
Máquinas de Defesa Sanitária Vegetal	1
Cultura de Solanáceas Hortícolas	1
Restauração de Pomares	1
Defesa de Recursos Naturais	1
Zoologia Agrícola	1
Multiplicação Vegetal	1
Cultura de Citrus	1
Combate aos Animais Nocivos	1
Organização de Sementeiros e Viveiros	1
Reflorestamento	1
Cultura de Raízes e Tubérculos Hortícolas	1
Inseticidas e Fungicidas	1
Combate às Ervas Daninhas	1
Cálculos e Medidas Agrárias	1
Instalações Rurais	1
Cultura de Hortaliças Folíáceas	1
Preparo e Plantio de Essências Florestais	1
Cultura de Hortaliças de Verão	1
Preparo e Aplicação de Inseticidas e Fungicidas	1
Criação de Abelhas	1

MUSEU FLORESTAL SUÉCO

ESTOCOLMO (SIP) — O primeiro Museu Florestal Suéco foi inaugurado em Växjö, Suécia do Sul, recentemente, pelo Ministro da Agricultura, Sr. Gösta Netzén. Växjö está situado na província de Småland, ao sul da Suécia, onde a indústria florestal tem revelado enorme expansão durante os últimos anos. O novo museu abrange todos os aspectos da silvicultura e da indústria florestal, apresentando métodos dos velhos tempos, assim como os mais modernos, e maquinaria para seu uso, no bosque e nas fábricas. Dois museus florestais de tipo semelhante serão inaugurados nas cidades do norte da Suécia, Gävle e Sundsvall.

24

ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSE RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV

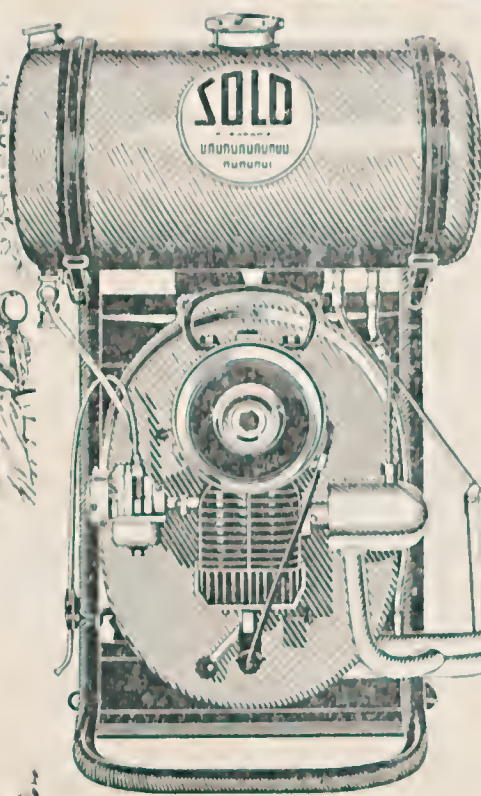
FEBREIRO OUTUBRO 1961

CONSELHO FISCAL
Rio de Janeiro - 1961





POLVILHAÇÃO PULVERIZAÇÃO NEBULIZAÇÃO



**MOTO
POLVILHADEIRA**



Resultado da experiência dos agricultores de todo o mundo, os aparelhos SOLO para proteção dos colheitos oferecem estas vantagens:

- * Manejo fácil.
- * Depósito para 10 litros de pó ou líquido.
- * Leve de ser conduzido às costas.
- * Alcance do jato: cerca de 15 metros.
- * Peso máximo do aparelho cheio: 25 quilos.
- * Motor a gasolina de alta rotação e de pequeno consumo.
- * Um só homem pode trabalhar 10 hectares por dia.
- * Cobertura total das plantas.
- * Ausência completa de trepidação.
- * Assistência técnica - amplo estoque de peças.

Distribuidores exclusivos:
SOCIÉDADÉ COMERCIAL E
INDUSTRIAL

LASEC LTDA.
RUA CAMERINO, 61/81
Tels.: 43-4900 e 23-2101
RIO DE JANEIRO

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV

SETEMBRO-OUTUBRO, 1961

A LAVOURA

ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO
DA GUANABARA

FUNDADA EM 1897

Presidente da Sociedade
Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES
LOPES

Diretor Responsável e Redator-
Secretário
LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor
Eng.º Agrônomo ANTONIO DE
ARRUDA CAMARA

Diretor Técnico
Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Redator Técnico
Eng.º Agrônomo GERALDO GOU-
LART DA SILVEIRA

Chefe de Publicidade
CARLOS ALBERTO SOARES

Redação e Administração:

GENERAL JUSTO, 171
Telefone: 42-2981
Caixa Postal: 1245
RIO DE JANEIRO

Nem a redação da Revista nem
a Sociedade Nacional de Agri-
cultura são responsáveis pelas
cancelas emitidas em artigos
assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar
— Tel.: 33-1432 — End. Tel.:
"LINEFE," C. P. 7257
— SÃO PAULO —

NOSSA CAPA

Em 1935 no Estado de Arkansas, o feijão soja começou a ser plantado com êxito absoluto, e em pouco tempo tornou-se a terceira lavoura em todo o território estadual. Mas ao mesmo tempo que as plantações de feijão soja cresciam, começaram a ser feitas numerosas pesquisas na "Arkansas Experiment Station", destinadas a selecionar o melhor tipo de feijão soja para as terras locais, tendo em vista ainda o clima e a resistência da planta a determinadas pragas. Essas pesquisas foram realizadas em colaboração com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, e os seus resultados são cada vez mais úteis ao progresso agrícola de Arkansas. A foto nos mostra um agricultor conduzindo um trator "Case", representante no Est. da Guanabara "Giovina - Com. Eng. S. A.", próprio para o movimento da cultura do feijão soja, (I.P.S. especial e exclusivo para "A Lavoura".



Do bom estado fitossanitário dos Citrus dependem as colheitas abundantes e de boa qualidade.

SUMÁRIO

	Pág.
A Classe Rural e o Técnico	3
Reminiscências — A Escola de Horticultura "Wenceslão Bello" Luiz Marques Poliano	5
Aplicação de Hormônios na preparação da carne	9
Reforma Agrária - Ligas Camponesas - Justiça Social - Edgard Tetzela Leite	10
As Belas Casas — Eurico Santos	18
A Classe Rural — Arruda Camara	24
Credito Agrícola — Ben-Hur Raposo	28
A Raça Guzerá — José Resende Peres	31
Cultura do trigo — Adalberto Serra	34
Escola de Horticultura Wenceslão Bello - Prof. Geraldo G. da Silveira	38

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1915

Presidente Perpétuo — Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Benemérito — Dr. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente — LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente — EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente — KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente — ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário — FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário — ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário — JOSÉ ARISTÓBULO DE CASTRO FILGUEIRAS
4.º Secretário — GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro — RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro — OTTO FRENSEL
Secretário-Geral — LUIZ MARQUES POLLANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO
ENNIO LUIZ LEITÃO

FLAVIO DA COSTA BRITTO
OSMAR LOPES REZENDE
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
JÓLIO CESAR COVELLO
MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES)

CADERA

OCUPANTE

1 — ENNES DE SOUZA	—	Vaga
2 — MOURA BRASIL	—	Alberto Ravache
3 — CAMPOS DA PAZ	—	Geraldo Goulart da Silveira
4 — BARÃO DE CAPANEMA	—	Kurt Repsold
5 — ANTONIO FILHO	—	Luiz Marques Pollano
6 — WENCESLAU BELLO	—	Antonio de Arruda Camara
7 — SYLVIO RANGEL	—	Ennio Luiz Leitão
8 — PACHECO LEÃO	—	Frederico Murtinho Braga
9 — LAURO MULLER	—	Valentim F. Bouças
10 — MIGUEL CALMON	—	Heitor Grillo
11 — LYRA CASTRO	—	Joaquim Bertino de M. Carvalho
12 — AUGUSTO RAMOS	—	Edgard Teixeira Leite
13 — SIMÕES LOPES	—	Luiz Simões Lopes
14 — EDUARDO COTRIM	—	Layne Bernardes Cotrim
15 — PEDRO OZÓRIO	—	Paulo Simões Lopes
16 — TRIANO MEDEIROS	—	Antônio José Alves de Souza
17 — PAULINO CAVALCANTI	—	Luiz Guimarães Junior
18 — FERNANDO COSTA	—	Iris Meinberg
19 — SÉRGIO DE CARVALHO	—	Julio Cesar Covello
20 — GUSTAVO DUTRA	—	Oswaldo Balarin
21 — JOSÉ TRINDADE	—	Ignácio Tosta Filho
22 — IGNÁCIO TOSTA	—	José Augusto B. de Medeiros
23 — JOSÉ SATURNINO	—	Fábio Luiz Filho
24 — JOSÉ BONIFÁCIO	—	Mário Penteado de F. e Silva
25 — LUIZ DE QUEIROZ	—	Francisco de Assis Iglesias
26 — CARLOS MOREIRA	—	Alfredo L. de Ferreira Chaves
27 — ALBERTO SAMPAIO	—	Honório Montelero Filho
28 — NAVARRO DE ANDRADE	—	José Carlos de Macedo Soares
29 — ALBERTO TORRES	—	Rômulo Cavina
30 — SA FORTES	—	Otto Frensel
31 — THEODORO PECKOLT	—	Oswaldo Lazzarini Peckolt
32 — RICARDO DE CARVALHO	—	Rômulo Joviano
33 — BARRIOSA RODRIGUES	—	José Sampaio Fernandes
34 — GONZAGA CAMPOS	—	Sylvio Fróes de Abreu
35 — AMÉRICO BRAGA	—	José Assis Ribeiro
36 — EPAMINONDAS DE SOUZA	—	Moacyr Alves de Souza
37 — MELLO LEITÃO	—	José Carlos Bello Lisboa
38 — ARISTIDES CAHRE	—	Milton Freitas de Souza
39 — VITAL BRASIL	—	Vaga
40 — GETÓLIO VARGAS	—	Adamastor Lima

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente do seguintes órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Pollano; Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil — Dr. Altino de Azevedo Sodré; Comissão Permanente de Estradas de Rodagem — Dr. Raul David de Sansom; Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Dr. Edgard Teixeira Leite; Comissão Consultiva de Acordos Comerciais (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; Comissão de Política Agrária (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente: Alberto Ravache; Conselho do Mérito Agrícola — Luiz Simões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara — Abel de Almeida; Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara — Juvenal da Silva Azevedo.

A CLASSE RURAL E O TÉCNICO

BIBLIOTECA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro - Brasil

No último dia vinte e sete de setembro assistimos a uma festa consagratória da nossa Agronomia pelos ruralistas organizados sob a cúpula da Confederação Rural Brasileira.

Foi realmente uma consagração da classe rural à profissão de que tanto dependem as tarefas do homem que trabalha a terra e dela retira o sustento para esta imensa população de 70 milhões de almas e, além disso, suprem de matéria prima às Indústrias do país e ainda carrelam do exterior as divisas com que atendemos às nossas ferrovias, à pavimentação de nossas estradas, ao equipamento de nossas Indústrias, e a tudo o mais que nos vem de fora.

Allás, o aprêço da classe aos agrônomos e veterinários e a todos quantos — cientistas ou técnicos — orientam e ajudam a atividade agrícola, vem de muito longe. Mas, já em 1945, este princípio era consagrado na letra "b" do art. 4.º do decreto 19.882 ao considerar "profissional da agricultura", para efeito de sua arregimentação no movimento associativista, o técnico ligado àquela atividade.

Como todos sabem, este decreto resultou dos estudos de uma comissão de ruralistas que regulamentou a organização associativa da classe, segundo preceitos do decreto-lei número 8.127, de 24 de outubro de 1945.

Não foi pois por simples coincidência que a última distribuição da Medalha do Mérito Agrícola recaiu exatamente em cinco Agrônomos brasileiros, que se distinguiram nos setores da Ciência, da Sociologia Rural, do Jornalismo Agrícola, da Lavoura e da Criação. Todos eles, agrônomos soberbamente conhecidos no Brasil e até no estrangeiro. Foi um preito da classe a esses técnicos, que tanto contribuíram e ainda contribuem para o levantamento da atividade rural, pois sem o seu auxílio continuaria ela a girar na órbita do empirismo, da baixa produtividade, dos métodos predatórios que desde os primeiros dias do descobrimento vêm presidindo ao nosso sistema de explorar a terra.

Que o gesto da classe sirva de exemplo às nossas autoridades públicas, dando aos técnicos o tratamento que merecem no cenário das atividades produtivas do país, assegurando-lhes remuneração condigna; fornecendo-lhes os meios materiais de que não prescindem para o exercício das suas profissões; cercando-os, enfim, dos elementos indispensáveis e estimulando-lhes o interesse em continuarem a servir ao Brasil, servindo à sua agricultura.

Há no mundo fome de agrônomos e de veterinários, porque essas profissões exigem, além do saber, muita dedicação, muito desprendimento e muito patriotismo. Se assim não forem as coisas encaminhadas, as nossas Faculdades de Agronomia e de Veterinária continuarão sublotadas e a nossa agricultura desprovida de um dos elementos — talvez o mais importante — para que alcancem um grau de desenvolvimento compatível com o inegável crescimento do país em outros setores.

gostoso como
uma tarde no circo!

NOVO NESCAU

-vitaminado... instantâneo

Além de ser de facilíssima digestão,
o Novo NESCAU é rico em vitami-
nas... por isso, o Novo NESCAU
faz você crescer mais depressa e
sempre forte!

E você mesmo o prepara como
num passe de mágica, basta pôr
uma colher de Nescau no leite,
mexer... e pronto! O seu NESCAU
se desmancha todinho, sem
precisar bater!



Peça hoje mesmo

à mamãe o seu copo de

NESCAU

quente ou frio... é gostoso, e saudável!



MS BV 3/5/71

REMINISCÊNCIAS

A Escola de Horticultura «Wenceslão Bello»

LUIZ MARQUES POLIANO

BIBLIOTECA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro - Brasil

Ao me perguntarem quando foi fundado o único estabelecimento de ensino agrícola existente no Estado da Guanabara, informo que em 1899. Realmente, é essa a data em que foi entregue à Sociedade Nacional de Agricultura o Hórtio Frutícola da Penha, onde, logo depois, começou a funcionar, em caráter evidentemente precário, o Aprendizado Agrícola que, após o falecimento, a 11 de abril de 1911, do dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, tomou o seu nome.

Com efeito, foi naquele último ano do século passado que o então Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, dr. Severino Vieira transferiu à Sociedade a antiga Horta Vitícola e Estação Filoxérica da Penha, subordinada àquêle Ministério — o qual acumulava a responsabilidade da orientação e do fomento da nossa agricultura desde a extinção, em 1891, da Secretaria específica no quadro do nosso Executivo.

A entrega definitiva se deu em 1917.

No projeto do dr. Domingos Sergio de Carvalho, para a criação de uma Escola Prática de Agricultura no então Distrito Federal (1902) projeto esse elaborado em virtude de acôrdo entre o Governo da União e o Prefeito da Capital, Xavier da Silveira, entendimentos de que foi coordenador o Conselheiro Leônido de Carvalho, lá figura que nas fazendas da Penha e de Santa Mônica (esta última, na época, estava também entregue à Sociedade) "seriam admitidos aprendizes externos, meninos de 12 anos, aos quais seria ministrado o ensino necessário ao operário agrícola".

Até 1912, todos os enxertos de citrus que povoaram as terras do antigo Distrito Federal e do Estado do Rio — pode-se afirmar sem receio de erro — saíram do Hórtio Frutícola da Penha, que, assim, cumpria duas finalidades diferentes: estabelecimento de ensino e produtor de mudas, não só de citrus, mas de todas as espécies frutícolas adaptáveis à região.

Pela sua direção passaram Philippe Aristides Catre, Manoel Paulino Cavalcante, Vitor Lelvas, Jorge Aguirre, Ottom Soares de Freitas, Antonio de Arruda Câmara, Cynéus Lima Guimarães e, no momento, Geraldo Goulart da Silveira. Durante a vacância da administração Arruda Câmara exercemos por mais de um ano a direção da parte administrativa do estabelecimento, juntamente com o atual diretor, que se incumbia da parte técnica.

Na presidência Ildelfonso Simões Lopes foi o Aprendizado transformado na atual Escola de Horticultura. Mantemos a afirmativa da sua fundação em 1899. As transformações posteriores não lhe tiram a permanência, desde aquele ano, pois que vem funcionando ininterruptamente, embora com outra denominação.

Da mesma maneira que o Ministério da Agricultura, que o ano passado comemorou o seu centenário, fundado que foi a 28-6-1860 (Lei n. 1.607), sob o título de Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, e aí foi extinto pela lei republicana de 22 de dezembro de 1892, para ser restabelecido em 1907. Não necessitaremos citar outros exemplos.

Para terminar, em se tratando da Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", vale lembrar que, a 27 de outubro de 1909, o primeiro titular da pasta da Agricultura, Dr. José Candido Rodrigues, visitou o estabelecimento, acompanhado de grande comitiva. Chamava-se ainda Aprendizado Agrícola do Hórtio da Penha.

UMA PLACA COMEMORATIVA

Aproveitando o ensejo da realização, a 2 de agosto, deste ano na sala da congregação da Escola de Horticultura Wenceslão Belio, de uma reunião ordinária da Diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura, mantenedora, há longos anos, daquele estabelecimento de ensino, o Sr. Luiz Marques Pollano, ao iniciar-

-se a sessão, descerrou, uma placa de prala colocada sobre a mesa que, de 1942 a 1945, servia às reuniões da SNA, antes da mudança da entidade para a sede atual, a "Casa da Agricultura", a qual contém os seguintes dizeres:

MESA DE REUNIÕES DA DIRETORIA DA S. N. A. (1942 — 1945)

O atual associativismo rural teve aqui o seu início com o primeiro ante-projeto de Kurt Repsold (1943), bem como os debates e as resoluções de que resultaram o decreto-lei 8.127, de 24.10.1945 (em substituição ao 7.449, de 30-5) a cargo da seguinte Comissão:

Arthur Tôrres Filho (SNA); Antonio de Arruda Câmara (SER); Iris Meinberg (UAAPCB,SP); Oscar Daut Filho (FARSUL); Candido Gomes de Freitas (SUA); Luiz Marques Poliano, Secretário.

PRESERVAÇÃO DA MADEIRA PELO POLIETILENO

ESTOCOLMO (SIP) — Um novo método para a preservação de objetos de madeira mediante impregnação de polietilenoglicol sob pressão ao vácuo, foi incrementado pelo Sr. Tore Bostrom, engenheiro de Estocolmo, e chefe do Departamento Técnico do Patrimônio Histórico Sueco. O plantas decorativas se este método foi provado em objetos de madeira pertencentes ao navio "Wasa" (do século XVII), recentemente alçado das profundezas oceânicas, tendo dado bons resultados.

Visando evitar rachaduras ou contrações nas esculturas e outros achados a bordo do "Wasa" — o qual permaneceu submerso junto ao porto de Estocolmo desde 1628 — os objetos foram mergulhados num "banho" contendo 30% de solução de polietilenoglicol.

Deixando evaporar a água à elevada temperatura, durante um período bastante

longo de tempo, a água contida nos objetos é gradualmente substituída por polietilenoglicol. Os objetos ficam então preservados no que se refere à dimensão e aparência.

Funciona assim o novo método, o qual resulta mais rápido e mais eficiente para certos achados: pesa-se o objeto quando ainda molhado e logo se repousa este, para que a água aflore à superfície.

De novo é então pesado, para que se conheça o volume de água expulso, só então começando o processo de impregnação: o objeto é colocado num cilindro hermeticamente fechado, de aço. O ar é evacuado com uma bomba de vácuo, e o cilindro enchido com polietilenoglicol, enquanto a pressão é gradualmente aumentada até aproximadamente 10 kg/cm². O tempo médio normal de impregnação para uma escultura de

madeira de tamanho mediano é de cerca de 1 hora.

Após a primeira impregnação o objeto de madeira é pôsto para secar sob controle, uma vez que o polietilenoglicol atua de tal forma que a água contida no interior da madeira só pode atravessá-la lentamente. Quando uma suficiente quantidade de água foi extraída, o objeto é submetido a um novo tratamento de impregnação, o qual, na maioria dos casos ainda se repete uma 3.^a vez.

Quando o grão de mistura fica reduzido ao normal, o polietilenoglicol superfluo é extraído com emprêgo de álcool. A esta altura, a superfície da madeira já recuperou quase sua aparência original. Através do emprêgo de diferentes classes de líquidos de impregnação, o sistema pode ser utilizado para conservação de outros objetos porosos, tais como couros, ossos, achados arqueológicos de metal etc...

(Do Swidild International Pressbanss)

Para seu rebanho...



**exija o legítimo
sal de macau
das marcas:
"NAVIO" ou
"BOIADEIRO"**



Produtos da

CIA. COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO - Macau - Rio Grande do Norte



VENDAS

CIA. INDUSTRIAL MERCANTIL E ADMINISTRATIVA

Av. Rio Branco, 103 - 7.º - Tels.: 43-2540 e 43-0870, Ramal 15
Caixa Postal 575 - End. Teleg.: "SALCIMA"

22021

Aplicação de Hormônios na preparação da Carne

Ao Senhor Ministro da Agricultura, o Dr. Miguel Clone Parâ, Diretor do Departamento Nacional da Produção Animal, dirigia exposição a respeito da reunião de Técnicos que tratou da importante matéria.

Publicamos não só essa exposição com a portaria n. 545, de 5 de julho último, que disciplina a matéria.

Como complemento estamos informados de que o Secretário de Agricultura, pelas mesmas razões, tomou idênticas providências a respeito da importante matéria.

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a, a realização e os resultados a que chegou em uma "reunião de técnicos", promovido por este Departamento, para tratar de assuntos referentes ao "emprêgo de hormônios na preparação da carne".

2. A referida reunião compareceram os Diretores do I.B.A., I.Z.D.D.S.A. e da D.I.P.O.A., bem como representantes do Departamento Nacional de Saúde, da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, do Conselho Nacional de Economia e do Serviço de Informação Agrícola.

3. Os debates iniciaram-se às 15,30 horas, terminando às 19,00 horas, em 31-5-61.

4. A matéria foi estudada em seu triplice aspecto — o de saúde pública, o zootécnico e o econômico.

5. Os participantes apresentaram seus pontos de vista e, unanimemente, concordaram na apreciação da matéria de maneira a permitir a elaboração das seguintes conclusões: —

a) São controversas as opiniões sob o ponto de vista de saúde pública, no que diz respeito aos riscos causados pelo consumo de carnes de animais preparados para o abate, com o emprêgo de hormônios. Há, inclusive, indicações sobre a capacidade cancerígena tanto de hormônios sexuais, como parassexuais, e, o que é mais grave, não se tem conhecimentos suficientes sobre a capacidade de eliminação de hormônios, quando ingeridos em quantidades grandes, havendo, mesmo, os maiores

indícios de que possam causar lesões degenerativas, indelévels, de tecidos glandulares nobres.

b) É difícil o controle da aplicação hormonal de vez que sua prática é orientada com a finalidade imediatista de lucros financeiros e, também, porque a detecção de níveis hormonais nos alimentos de origem animal não pode servir como base de controle, pois, esses níveis são variáveis conforme a alimentação; no período de brotação, por exemplo, as forragelras fornecem altos contingentes hormonais, que saem de laboratório;

c) Sob o ponto de vista zootécnico, também as opiniões não são pacíficas quanto ao emprêgo de hormônios; muito ao contrário, o aumento de peso dos animais de açougue pode ser obtido com regularidade e segurança com a aplicação de medidas visando a erradicação da doença (especialmente parasitárias), a melhoria do padrão alimentar, e um manejo mais conveniente do gado em fase de crescimento e engorda; há também estudos demonstrando que o uso de antibióticos nas rações pode ter efeitos satisfatórios;

d) Os mercadores europeus vêm manifestando a sua intenção de adotar medidas restritivas à importação de carnes preparadas com hormônios; como acontece com a Itália, que promulgou lei proibindo a importação (Lei n.º 4, de 3-2-61, do Ministério da Saúde).

5. Nestas condições, Senhor Ministro, encaminho a V. Ex.^a as medidas que poderão

ser postas em vigor, no sentido de evitar a evolução de um problema que ainda não representa, em nosso País, um impacto político-financeiro, como ocorre nos E.E.UU.

a) desestimular a indústria especializada na fabricação de produtos hormonais, tanto naturais como sintéticos, através de:

- 1.º — meios informativos convenientes;
- 2.º — não concessão de registro de produtos hormonais;
- 3.º — cancelar as autorizações concedidas, em caráter provisório, a produtos dessa natureza;

b) levantar o volume do produto importado existente no Brasil, visando a possibilidade de seu aproveitamento no preparo de produtos terapêuticos, para aplicação sob indicação médica ou veterinária.

c) solicitar aos países que mantêm relações diplomáticas com o Brasil e que dispõe de elementos técnicos sobre a matéria, as informações que poderão esclarecer a atitude tomada pelos respectivos governos.

d) organizar um grupo de estudos para os levantamentos necessários e na medida do possível, para levar a efeito experimentos sobre o assunto, aproveitando-se os conhecimentos de que já se dispõe e os recursos do I.Z. (S.F.P.R.I.A.) e o I.B.A., que sem maiores modificações poderão sediar esses trabalhos.

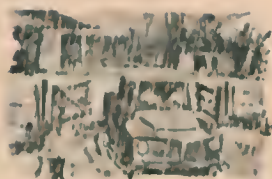
6. Em suma, as indicações, decaídas nas conclusões que se obtiveram na "Reunião de Técnicos" visam a maior prudência no desenvolvimento de um tema, sobre o qual palram controvérsias e podem prejudicar fortemente o nosso incipiente comércio de carnes e trazer consequências para a saúde humana.

7. Com esse pensamento, foi evitada qualquer divulgação sobre a reunião, com o fito de não tumultuar a situação, que, evidentemente

(Continua na pág. 29)



**Você não pode
dependar da estrada...**



Fazia uma semana que a chuva caía. Anticamente, naquele fim de mundo, a lagoa e laguns da cidade era até perigo. A estrada lamacenta, os atores esmagados, feita sabão, a gente não podia pensar em atravessar aquela com a camioneta da vila. Patinava, rodava em fúria e não saindo do lugar. Tinha quase da para o colheita, levar a tropa de mula para o bucho manimento - dos dias de viagem, no mínimo.



Quando o "Pick-up Jeep" rumo ao povoado, eu ia pensando em tudo isso, quando tropei a carro de baú atolado na loda. Oleni ainda. Passamos a corda na camioneta e na carga da junta de boi. Tudo pronto, puxei, empolei e reluzindo sei devagar, até a carga esticar. Ai a ideia mais um pouco, o carro de boi se soltou e veio atrás me acompanhando. Na espádua da mata parei, tirei-me a corda. Segui viagem leve, a carga até o destino, talvez de novo para a vila.



Na vila conseguiu com os mantimentos em da encontro o carro rumo a estrada. Aguardou mais uma vez. Continui viagem, logo estava na fazenda. A chuva ainda caía mas eu estava satisfeito. Nada mais podia atrapalhar o andamento do serviço.

QUANDO O TRABALHO TEM DE SER FEITO!

PICK UP
Jeep

Agora é sua escolha
também em modelo com tração em 2 rodas

— o único veículo de sua categoria com

**TRAÇÃO NAS
4 RODAS E REDUZIDA**

A qualquer momento, você pode ligar a tração dianteira e as 4 rodas passam a trabalhar juntas, impulsionando o Pick-up "Jeep" e vencendo os piores obstáculos!

O Pick-up "Jeep" pode ter sua força aumentada quando você engatar e engatar a engatagem de baixa velocidade da caixa de transmissão. Mais força que chega ao rodal: as piores trechos são vencidos com mais facilidade!

Motor de 6 cilindros e 50 H.P. — Chassi super reforçado, com 5 travessas — Cabina folgada para três pessoas
Grande capacidade de carga — Freios precisos e seguros — Alto índice de nacionalização: garantia de completa assistência técnica

NOS SÍTIOS, CHÁCARAS E FAZENDAS, OU NAS ENTREGAS URBANAS... PICK-UP "JEEP" É O VEÍCULO IDEAL PARA O BRASIL

CONHEÇA-O
NOS CONCESSIONÁRIOS



PICK-UP "JEEP" é um produto de
WILLYS-OVERLAND DO BRASIL S. A.

Fabricante dos veículos da linha "Jeep", da Aero-Willys e da Renault Dauphine
SÃO GERNARDO DO CAMPO - ESTADO DE SÃO PAULO

Reforma Agrária - Ligas Camponesas - Justiça Rural

CONFERENCIA PROFERIDA PELO SR. EDGARD TEIXEIRA LEITE NO
INSTITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS

Se é excepcional, honra falar nesta Casa, das mais conceituadas academias jurídicas de nossa Pátria, mesmo para aqueles que possuem credenciais de elevada categoria no campo específico do Instituto dos Advogados Brasileiros, atinge às ralas da temeridade vir aqui, alguém que nada possui para merecer tal distinção.

Vale, porém, como desculpa a tal audácia, o propósito de submeter ao vosso exame, alguns problemas ligados às relações jurídicas que condicionam a vida rural e interferem estreitamente na política agrária de nossa País.

Estou aqui, pois, apenas, para propor, consultar e, sobretudo, aprender. E, também, pedir que o Instituto dê sua ajuda, tão valiosa quanto indispensável, em questões que já agora começam a constituir ameaças para a paz social em dilatadas regiões de nossa Pátria.

REFORMA AGRÁRIA — LIGAS CAMPONESAS — JUSTIÇA RURAL é o temaário desta despretenciosa palestra.

Antes de abordá-lo especificamente, é indispensável fazer em rápidos traços o que se poderia denominar "croquis" grosseiro do "teatro das operações".

Na verdade, pelas suas múltiplas implicações, vale recordar que muitas das questões com que vamos nos defrontar, têm suas raízes na economia dualista e na estrutura social dualista do Brasil, e que é um dos traços marcantes do nosso País.

De um lado, as velhas estruturas agrárias, com suas características próprias, algumas de evidente origem feudal, conservadora, regulam sistemas de relações

jurídicas, que guardam, até em suas denominações sabor colonial, e de outro lado, o País, que se lançou na industrialização e que vai, nas grandes cidades e um pouco por toda parte, constituindo centros de civilização, que se equiparam, sob muitos ângulos, com os mais adiantados do mundo.

E' preciso ter bem em mente esses dois aspectos: o Brasil arcaico e o Brasil moderno; o primeiro se alastrou por todo o espaço geográfico de efetiva ocupação econômica, espécie de fundo de quadro de imensas proporções, e o outro que como encrustado nêle, são, aqui e ali, "ilhas" de alto índice de progresso de que São Paulo e Rio de Janeiro são os mais expressivos. Estas "ilhas" vão se multiplicando, num esforço imenso de nosso povo, para encher o fôssco que separa esses dois Brasis, distante vários séculos um do outro, tão diferentes mas unidos pelos mesmos sentimentos, pelas mesmas tradições históricas e ambos, agora, empolgados pela mesma ânsia de desenvolvimento.

Da ocupação política, econômica e social, de nosso território, resultou a atual estrutura agrária, que, melhor se diria, as suas várias estruturas agrárias, decorrentes das condições de exploração da terra, das culturas nela praticadas e das relações jurídicas, entre os que nela vivem, como proprietários ou ocupantes. Estratificadas, consolidadas por vários séculos de funcionamento, criando mentalidades que se foram lentamente sedimentando, não podem ser modificadas com a rapidez que alguns "reformadores" pretendem, por meio de leis e decretos e de abundante pregação, à qual

não faltam, muitas vezes, traços de evidente demagogia. E porque é matéria das mais pertinentes ao tema em exame, vale recordar que a estrutura arcaica se baseia na propriedade rural explorada de modo extensivo, quer dizer, largas áreas, pouco capital, muito trabalho manual, com o esgotamento do solo de sua fertilidade primitiva, sem qualquer preocupação de sua reposição por meio de fertilizantes.

Disso decorreu uma agricultura itinerante, de que o café é exemplo, tendo percorrido, em menos de dois séculos, superfície igual à da França e Alemanha, numa tremenda delapidação do solo, sem par em todo o cinturão tropical do Planeta.

E, em decorrência deste empirismo, também a itinerância das lavouras, dentro da mesma propriedade, donde a necessidade de grandes espaços, para permitir o repouso da terra durante largos períodos, às vezes por três, quatro e seis anos, conforme elucidativo estudo da Comissão Nacional de Política Agrária e do I.B.G.E.. Por isso, o que na Hungria, na Tchecoslováquia e na Polónia constituem latifúndios, propriedades de 50 hectares, no Brasil são modestos sítios. E, ainda como traço marcante, o fato de empregar a lavoura brasileira, como quase exclusiva força de trabalho, o esforço muscular do homem, pela utilização da enxada, da foice e do machado, verdadeiros símbolos da agricultura nacional.

Na verdade, pouco expressão tem os 70.000 tratores que se supõe existirem nas 2.200.000 e está belecimentos agrícolas que o Brasil possui, maquinária de uso precário e parcelar e, não raro, paralisada pelas dificuldades de

manutenção e seu elevado custo operacional. Desta pobreza de aparelhamento, deu há dias testemunho, tão insuspeito quanto valioso, D. José Vasques Dias, Bispo de Bom Jesus do Piauí, quando, num apelo ao povo paulista informava, que, na sua prelazia, com 85.000 quilômetros quadrados, superficialmente igual à dos Estados do Rio e Espírito Santo reunidos, o "arado é inteiramente desconhecido". Outro aspecto relevante é o do insignificante emprego de fertilizantes, não indo os elementos nobres, a não ser os fosfatos, além de 100.000 toneladas, para os 25.000.000 de hectares, que se calcula ocupados anualmente pelas lavouras brasileiras, o que equivale à proporção de uma colher de açúcar, num reservatório de 10.000 litros de água. É também indispensável indicar — sendo ao mesmo tempo causa e efeito — o baixo nível técnico de nossa agricultura. De todas as condicionantes da produção primária de nosso País, é ele, sem dúvida, o mais decisivo. É mais importante do que o próprio solo, porque, um agricultor experiente, pode enriquecer em terra mais fértil, não raro empobrecendo-a, porque não a soube cultivar.

É, sem dúvida, o maior de todos os obstáculos com que se defronta a nação — governo e iniciativa privada — para a renovação agrícola do País.

Neste rápido quadro que estou tentando esboçar, não há lugar para detalhar o gravíssimo problema do baixo nível técnico já referido.

Quero, entretanto, lembrar que cada dia se reclama contra o reduzido número de agrônomos, de veterinários, calculando-se o nosso déficit, em termos modestos, em 5.000. Há, na verdade, extrema penúria no que se poderia chamar de quadros do estado maior da agricultura brasileira, uma vez que, para o atendimento dos dois milhões e duzentas mil propriedades agrícolas, não dispomos, para atividades oficiais e privadas, nem de cinco mil técnicos.

Fala-se também na escassez de nossas escolas de agricultura e veterinária. São elas, segundo os dados mais recentes, em número de 12, estando matriculados 1830 alunos, em 1959, tendo o número de diplomados, no último ano, atingido a cêrea de 370.

Estes números, por si só, dizem bem alto da deficiência do aparelhamento técnico, de nível superior. Mais grave ainda, é a situação do operário agrícola, que é o instrumento através o qual, se realiza a produção primária. Equivale ele ao soldado, que executa as determinações do Estado Maior. Este é, sem dúvida, excelente; são oficiais superiores, possuidores das técnicas mais adelantadas, mas que não dispõem do instrumental capaz de pô-las em execução. É como num exército, de armas modernas, que fosse composto por soldados que soubessem apenas manejar o arco e a flecha. E a analogia tem todo o cabimento, pois o nosso trabalhador rural, pratica, ainda métodos de lavouras, muitos deles, aprendidos dos indígenas. Os ensinamentos recebidos são da "escola tapuia" dos seus maiores.

Embora fugindo extritamente ao tema, não posso silenciar sobre a solicitação dos Governos Estaduais, à criação de novas escolas superiores de agricultura, de medicina veterinária, algumas, em cidades sem qualquer condição de êxito, enquanto se relega ao mais inconcebível abandono, o ensino do verdadeiro artifício da produção agrícola, que é o trabalhador braçal. Nas 31 escolas de tipo médio de Iniciação Agrícola, de Mestría Agrícola, etc., onde, em 1960, estavam matriculados 4.604 alunos, só têm possibilidade de matrícula, menores com curso primário completo. Assim, além da escassez de escolas, falta o ruralista com a impossibilidade de ter a elas acesso, pelo generalizado analfabetismo dos meios rurais. Daí o camponês adolescente, analfabeto ou sem curso primário, não ter possibilidades de adquirir técnicas

de sua profissão, além das que obteve na escola tapuia de agricultura, cursada por seus antepassados, onde aprendeu a utilização de instrumental precário e, a par de métodos primários, o uso da aguardente, para suprir a deficiência alimentar, e, como forma de evasão de sua miséria econômica e social.

Encerrando esta digressão, cabe mencionar, como participando do quadro que me propuz de esboçar, o contraste de imensos espaços vazios, indo do território do Rio Branco onde cada habitante conta com cêrea de 11 km², ao minifúndio de certas regiões do nordeste, em que o acesso à água determinou a pulverização da propriedade agrícola, reduzida ao minifúndio improdutivo, onde o homem vive em miséria disfarçada e com a qual, de tal forma se habituou que quase dela não tem consciência.

Este Brasil de tantos contrastes é como um continente imenso, de *terras sem gente e de gente sem terras*.

E, para completar o quadro, como elemento de singular significação, o fato do Brasil ser o maior país extrativista do mundo. Quer isto dizer, tem a sua economia baseada na apanha e coleta de produtos vegetais e animais, o que inclui mais de metade de nosso território — a Hiléia Amazônica — isto é, mais de 5 milhões de km², e cuja população, nos dois Estados e quatro territórios da Região Norte, nela incluídos, é apenas de 2.400.000 habitantes, com uma densidade demográfica de 0,6 habitantes por quilômetro quadrado, no estágio mais primitivo sob o aspecto econômico, dependendo, além disso, de outras áreas para a maior parte de sua alimentação, pela sua limitada superfície cultivada com lavouras de subsistência.

És o "centro das operações", onde surge, com o ímpeto das soluções salvadoras, a Reforma Agrária.

Reforma Agrária

O problema da Reforma Agrária empolgou o País. Desbordando dos meios ru-

raia, avasculou a opinião nacional; objeto de debate acalorado em todos os círculos, no Parlamento, na Administração, nos meios estudantis, no operariado, entre as intelectuais, sensibilizando vivamente o Clero, que tem feito calorosa pregação das diretrizes que formulou.

Discutida e manipulada, por pessoas de tão variadas tendências e formação as mais dispare, constituiu-se, pelo clima de exaltação que está gerando, numa "idéia-força", de explosivo conteúdo emocional.

Foi hasteada como "bandeira" de redenção nacional e transformada em "cruzada", nem sempre com propósitos desinteressados.

Tornou-se como que solução demilúrgica, espécie de felicidade social e econômica, prescindindo, os que a recelam, de maiores justificações e, até mesmo, de definições.

E, como acontece tantas vezes na História, as "fórmulas mágicas" passam a receber, gratuitamente caloroso apelo popular, pronto todos a aplaudir as terapêuticas milagrosas, capazes de propiciar cura sem dor, e riqueza sem esforço, tornando sentença irrecorrível no tribunal da opinião pública.

Para a balza produtividade — reforma agrária.

Para o êxodo rural — reforma agrária.

Para as Ligas Camponesas — reforma agrária.

Para combate ao comunismo — reforma agrária.

Se inquerimos, entretanto, de muitos dos debatedores mais entusiasmados, pedindo-lhes uma definição, ou mesmo a indicação de seus objetivos, obteremos respostas "imprecisas" e as vezes até esdrúxulas.

É o que sucede, comumente, com as "fórmulas mágicas" da farmacopéia política: a medicação é tomada na fé do paciente, confluindo no prestígio adquirido pelo remédio, popularizado por propaganda bem feita e bem conduzida.

Sem que sejam entretanto precisados os termos do

problema, equacionando-o devidamente, partindo de objetivos rigorosamente formulados, impossível encontrar soluções adequadas. E mais até, porque as medidas preconizadas, poderão atuar como instrumento de desorganização, com tremendo impacto sobre uma atividade que, afinal de contas, constitui ainda, e constituirá por longos anos, a base da estrutura econômica de nossa Pátria.

Indispensável, por isso colocar o problema em seus exatos termos.

Para tanto, três indagações devem ser respondidas.

O que é Reforma Agrária?

Porque uma Reforma Agrária no Brasil?

Como executar a Reforma Agrária no País?

Na sua "conceituação clássica", fica bem definida como movimento pacífico ou violento, tendo por objetivo proporcionar o acesso à terra própria, tirando-a de seus donos, utilizando para tanto, quer soluções dentro de formas legais, quer por métodos revolucionários, indo assim da desapropriação, com indenização prévia ou parcelada, à expropriação pura e simples, pelo esbarrão e confisco.

Esta conceituação da idéia bem exata do que a história registra com numerosos exemplos.

Vale, porém, descer até ao âmago da questão. A terra, sob seus vários aspectos, indispensável à vida, é um bem inelástico, enquanto a população cresce constantemente. Temos assim, expansão demográfica, defrontando-se com áreas agrícolas cada vez mais limitadas. E, como sempre houve, resistência dos detentores do solo, às vezes acumulada nas mãos de um pequeno número de pessoas formando poderoso grupo econômico e político, não é de estranhar que o acesso à terra própria (que é a essência da Reforma Agrária), se tenha processado através de agitações e violências. Movimentos deste tipo, é o que ocorreu no Egito, cerca de 3.000 anos antes de Cristo; na Europa, na Ásia e na América do Sul. De todas, a

mais radical sem dúvida foi a realizada na Rússia, em que, além dos bens imóveis, foram confiscados os bens de produção. Neste continente, há vários exemplos de reforma agrária do tipo clássico, que, como foi dito, tem precipuamente como objetivo a distribuição da terra, com três características fundamentais: universalidade, obrigatoriedade e compulsoriedade. É o que acontece no México, Bolívia, Cuba, Guatemala.

Trocurel indicar, através uma definição descritiva, o que seja Reforma Agrária do tipo clássico.

Várias outras se poderia mencionar, como por exemplo: "Uma revisão de relações jurídicas e econômicas, relativas à propriedade rural, visando melhor distribuição da renda e, para tanto, fazendo modificações estruturais e institucionais que forem necessárias."

É uma definição, sem dúvida, mais técnica, e que, na minuciosa observação de um pregador reformista, tem a vantagem de tranquilizar as classes proprietárias, mascarando a verdadeira meta, que é, tirar terras de quem tem, para entregá-las a quem não as tem.

Vamos, porém, examinar a questão em termos de Brasil.

Partidário convicto, da imperiosa necessidade de proporcionar o acesso à terra ao maior número dos nossos patriotas que vivem no campo, sou, entretanto, dos que pensam que ela não pode se limitar a simples distribuição de terra.

Bato-me por uma reforma agrária brasileira — de caráter democrático, isto é, constituindo-se num verdadeiro movimento de renovação rural; verdadeira revolução agrícola, de caráter "global", em que se proporcione, além do solo, e até em caráter prioritário, amparo e proteção ao rurícola que explora e vive em terra alheia; pela educação da população rural adulta, notadamente a que emerge da adolescência e que, como já foi mencionado, está hoje impossibilitada de adquirir melhores condições de trabalho pela dificuldade de



DA ROÇA À CIDADE



DO CELEIRO AO ARMAZÉM...O

FORD F-350



—faz
todo o
serviço!

TAMANHO EXATO — Nem grande, nem pequeno. Circula em qualquer caminho ou estrada.

VIDA ÚTIL MAIS LONGA — Construído para durar anos, sempre dando lucros. Chassis super-reforçado. Pistões de curso reduzido.

POTÊNCIA DE SOBRA — 167 HP de potência; menos desgaste, maior economia, boa reserva de potência para os esforços extras...

SEGURO E CONFORTÁVEL — Espaciosa cabina. Perfeita segurança. Máximo conforto.



Converse com o seu Revendedor FORD

VENDAS • PEÇAS • SERVIÇO — EM TODO O BRASIL...

sua "técnificação". Isto é, pelo seu enriquecimento com conhecimentos técnicos. E, ao lado destas três principais providências, todas as que sejam necessárias para a implantação de uma agricultura com regular produtividade: crédito supervisionado, assistência de vários tipos, garantia de preços razoáveis e de escoamento das safras, etc..

Alega-se que essas providências, não devem ser incluídas no quadro de uma reforma agrária. Sob o ponto de vista, rigorosamente técnico, a crítica é procedente. Mas o que importa, não é obedecer a figurinos estrangeiros, mas talhar um vestuário de acordo com o corpo que vai vesti-lo.

Quero insistir sobre um aspecto que reputo fundamental. Na verdade, pelas condições econômicas e sociais da população rural brasileira, na maioria dos casos, a simples distribuição do solo equivaleria a distribuição de miséria. É que a terra representa, apenas, um dos fatores de produção agrícola, e às vezes, nem é o mais importante, porque, como já disse e vale repetir, o agricultor experimentalado, prospera, mesmo em solo fraco e o lavrador bizonho e incapaz, mesmo nos mais férteis, vive em condições precárias. Os exemplos são fáceis de encontrar em todo o País. Mesmo nas áreas mais progressistas, é comum encontrar-se a pequena propriedade com baixa produtividade, vivendo o seu dono em miséria apenas disfarçada.

É que a "terra sôzinha só dá capim", no lapidar conceito do sertanejo nordestino. Daí, o grande equívoco em que laboram os partidários da distribuição intensiva e indiscriminada do solo, sem levar em conta a complexidade da produção agrícola. Na verdade, cada dia mais se afirma a importância da técnica, o chamado *Know-how* que, juntamente com a organização, é fator decisivo em qualquer empresa de caráter econômico e, notadamente, na agricultura.

Nelas, às vezes simples modificação de método de trabalho, sem inversão quase de capital, acresce consideravelmente a produtividade. E, por exemplo, o caso da vacinação, na pecuária, onde, com insignificante despesa, se consegue debelar moléstias que determinam enormes prejuízos aos rebanhos.

Além disso, para fazer prosperar a pequena propriedade mesmo quando existem organizadas as chamadas economias externas, isto é, transporte, mercados, etc. — é preciso capacidade empresarial e também experiência profissional.

Este é exatamente o *punctum dolens* da reforma agrária no Brasil e que não querem ver, ou que subestimam, os pregadores de cátedra, sem vivência mais aproximadas do problema. Entregar pequenas glebas, a lavradores mal preparados, vale insistir, será inevitavelmente criar lavoura deficitária, deduzida produtividade, economicamente condenável e que sob a pressão, de condições adversas, estará concorrendo para a degradação do solo. Dificilmente prosperará, mesmo que lhe seja feita doação integralmente gratuita do seu lote.

É preciso não esquecer, que o êxito obtido com a Reforma Agrária em vários países de velha tradição agrícola, foi assegurado porque os novos proprietários já cultivavam, às vezes, o solo que lhes foi entregue; possuíam larga experiência profissional e não raro eram possuidores do aparelhamento necessário, animais de trabalho e de criação, etc.. Houve, no caso, uma simples modificação de ordem jurídica.

O caso brasileiro é diferente. Indispensável, portanto, que, ao lado do acesso à terra se culde da escolha e do preparo daquele que vai cultivá-la. É constante a referência ao colono japonês que, apenas chegado ao Brasil, prospera e até enriquece. É que, previamente, antes de emigrar, sofreu ele em centros especializados, no Japão, uma seleção cuidadosa e, depois, recebeu em

escolas primárias organizadas uma eficiente aprendizagem de agricultura tropical. É um exemplo a ser cuidadosamente examinado, se, sem proveitos demagógicos, quisermos tornar a Reforma Agrária, um grande instrumento de paz social e prosperidade econômica. O caso dos nossos núcleos coloniais, mostra bem a que nos conduziria uma reforma agrária de simples distribuição de terra, pois, na sua maioria, depois de tantos anos, os seus colonos continuam a depender do suprimento oficial de verbas e toda sorte de ajuda. Para que a reforma agrária não seja um insucesso no Brasil, teremos de começar pelo homem e não pela terra, a fim de que ela seja feita em benefício do homem e não contra o homem, fazendo-o permanente tutelado do Estado, o que seria, em suas últimas conseqüências, trabalhar contra o Brasil. Por isso, na altura destas considerações, quero lembrar a excelente definição proposta pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática: a reforma agrária é "Conjunto de Medidas Ordenadas visando imediatamente a elevação e dignificação das populações rurais e imediatamente a melhoria de nível político, social e econômico do povo." É uma conceitualização de ordem global, e que inclui todas as medidas, para que a decantada providência possa ter realmente êxito.

Convém completar, embora sucintamente, o quadro de conceitualização de reforma agrária, lembrando que há uma corrente que, partindo de concepções de ordem exclusivamente filosófica e sociológica, preconiza movimento radicais, visando, sobretudo, uma modificação de nossa estrutura agrária. Vale mencionar o ponto de vista de um dos mais destacados defensores desta corrente, o jovem e brilhante sociólogo José Arthur Rios, assim se expressou no Simpósio realizado pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática: "Julgamos essencial o combate ao latifúndio porque ele é obstáculo à mu-

dança cultural consequentemente num obstáculo ao processo da modalidade histórica brasileira. Não me refiro apenas ao latifúndio improdutivo. Costuma-se atenuar o problema, dizendo-se que a Reforma Agrária deve combater apenas o latifúndio improdutivo.

Somos muito mais radicais."

Por mais respeitáveis que sejam as razões invocadas, que o Prof. Arthur Rios desenvolve com raro brilho, seria altamente imprudente incluir, na mesma chave, para efeitos de desapropriação, a grande propriedade, organizada, de razoável produtividade e as terras improdutivas de grandes extensões. Além das razões de ordem social, há a encarar o aspecto econômico. A Reforma Agrária não deve ser causa de desorganização da produção agrícola do País. Neste sentido, cabe examinar a fundo uma das razões invocadas pelos partidários da corrente radical. Alegam que o latifúndio produtivo, dividido em pequenas e médias propriedades, proporelönará as mesmas safras, se devidamente orientado pelo Estado, através do aparelhamento que neste sentido se organizasse. Não são favoráveis tais perspectivas, de tal modo se tem revelado incapaz a agricultura oficial. Basta um exame mesmo perfunctório, para pôr em evidência que falta ao Estado a autoridade moral do exemplo, para tranquilizar a opinião conciente do país sobre a sua capacidade de dar, em larga escala, assistência de vários tipos, garantindo a mesma produtividade da iniciativa privada. No caso de reforma radical, do tipo mencionado, iria, possivelmente, ocorrer o que aconteceu no México, cuja desorganização agrícola chegou ao extremo, tendo de importar milho, que é base da alimentação de seu povo, quando, antes, era grande exportador desse cereal. Vale lembrar que a propriedade, grande ou pequena, quando apresenta satisfatória produtividade, está rigorosamente enquadrada no dispositivo constitucional, que determina seja seu uso

condicionado ao bem estar social (Constituição, Artigo 147).

As distorções de ordem social, que se verificam no latifúndio altamente produtivo, têm o seu corretivo em medidas de outra natureza, que assegurem a todos os integrantes de sua exploração a existência digna, de que fala a Constituição. E isto pode ser obtido através de legislação específica, sem desorganizar o serviço de alimentação de seu povo, sem redução de suprimento do mercado internacional, e de matérias primas para as suas indústrias.

Peço particular atenção para um ângulo do problema, que não é sequer mencionado, ou é tratado de maneira extremamente simples: o do financiamento da reforma agrária.

Há propagandadores, até no Parlamento, que preconizam a reforma agrária *simultânea em todo o país*, com a criação de milhares de pequenas propriedades, bem como de loteamentos de vastas proporções. Alguns mais prudentes, indicam o número de 100.000, por ano, outros, elevam até 500.000.

Há, no Brasil, entretanto, um exemplo a ser examinado.

O Governo de São Paulo, com a prudência que deve ser atributo de uma administração conscienciosa, apesar dos enormes recursos destinados ao plano de Revisão Agrária, vai organizar por ano, apenas 1.000 unidades. Vale a pena repetir: apenas 1.000 propriedades serão criadas anualmente. Cada uma delas, segundo fontes oficiais, custará, para sua instalação, não levando em conta o valor da terra, um milhão de cruzelos. O programa anual custará, pois, um bilhão de cruzelos.

Envolvidos pelos aspectos sociais e levados por devaneios mas ou menos tópicos muitos partidários de uma reforma agrária intensiva esqueceram-se de calcular o custo da terra, as despesas de instalação da propriedade e do aparelhamento assistencial (escolas, serviços médicos, administrativos, etc.) e também, as despesas

de manutenção da família até à primeira colheita.

Muita gente pouco informada, porém, está sacando largamente sobre os 20 bilhões de dólares, do programa americano de "Alínea para o Progresso" e consideram, por isso, superado o problema do custeio da reforma agrária no Brasil. Mesmo se todos esses recursos, que deverão ser distribuídos por vinte nações, num prazo dilatado e para várias finalidades, fôsse aplicado tão somente no Brasil, subsistiria, em sua plenitude, o despreparo profissional daqueles que iriam assumir a direção milhares de propriedades que esta enorme massa de recursos possibilitaria.

Mas, não há apenas a considerar as enormes despesas do poder público.

Indispensável examinar a outra face da questão do pagamento, por parte do novo proprietário, do lote que lhe foi entregue, isto é, além do custo da terra, e das instalações.

Pelo método de lavoura extensiva seria problema quase insolúvel, para o lavrador de pequena propriedade, pagar em vinte ou trinta anos, mesmo sem juros, novecentos ou um milhão de cruzelos.

Só com lavoura de cultura intensiva, isto é, muita técnica e muito capital, para a qual não está preparado, permitiria obter, anualmente, de cerca de trinta mil cruzelos para a prestação de seu lote.

É uma sobrecarga demasiada, para o pequeno lavrador, de modo geral, aferrado aos métodos extensivos e dispondo quase que apenas da força de trabalho familiar.

Peço atenção para este aspecto, que é fundamental.

Estes números e estes fatos, relativos à implantação da pequena propriedade, é que constituem o grande tropêço e que, de modo geral, vale repetir, não têm sido devidamente examinados. Veremos mais adiante um exemplo no caso das Ligas Camponesas.

Relativamente à execução da Reforma Agrária, tem

sido inteiramente omitida a contribuição da iniciativa privada.

Devidamente a inparada, poderá trazer uma inestimável ajuda, pela colonização estimulada pelo poder público. Existem no País cerca de vinte empresas com esta finalidade. Também, pela dinamização a ação da Carteira de Colonização do Banco do Brasil, e tomando uma série de medidas, de vários tipos, para promover o acesso à terra, de modo produtivo, ao maior número.

Indispensável, também sobretudo falando numa casa de juristas, fazer menção, embora rápida, à tão debatida tese da necessidade da alteração do parágrafo 16, do artigo 141, da Constituição, que condiciona a "desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, à indenização prévia e justa em dinheiro."

Pleiteia-se tal modificação, para que ela possa ser feita mediante o pagamento em títulos da dívida pública, ou paga parceladamente, quando em dinheiro, em largo prazo.

Visam também, uma interpretação diferente quanto ao preço justo, mencionado no mesmo texto aludido.

Devo, de início, esclarecer que não sou contrário à modificação, no que se refere ao pagamento parcelado, em títulos da dívida pública.

Entretanto, para que a desapropriação não se transforme num verdadeiro esbulho, em face da constante degradação monetária, deveria ser incluído um dispositivo, permitindo a compensação pelo reajustamento do valor do título, mediante uma escala móvel em termos de moeda estável. A ideia não é nova. No Brasil, tal providência tem sido defendida pelo Conselho Nacional de Economia, em caráter geral, para que seja estimulado o encaminhamento da poupança nacional para o Estado, através de títulos da Dívida Pública, com rendimentos e valores compensados pelo reajustamento já referido.

Quero declarar, porém, com a maior ênfase, que

não julgo indispensável o julgo mesmo desaconselhável a modificação referida. Eis as minhas razões: As propriedades a serem desapropriadas, anualmente, serão em número relativamente reduzido, no caso de uma reforma agrária prudente, condicionada à possibilidade do aproveitamento organizado e efetivo das mesmas, dado o elevado dispêndio de sua instalação como já foi mencionado.

Neste caso, o custo da terra não apresentaria obstáculo maior. Há, porém, um argumento que, para o caso, é decisivo. Tal providência, iria protelar por muito tempo, o início da reforma agrária, que tudo indica, deve ser votada sem mais demora. Haveria, numa reforma constitucional fortes resistências a vencer, tornando sua tramitação demorada. Não se pense que poderia ser votada em termos de urgência urgentíssima, do Ato Adicional. Vou lembrar, a título de amenidade, como costumava dizer o inesquecível Arthur Nelson, o depoimento de um proprietário rural, dono de muitas terras, que ainda assemblando com tudo isso. Num grupo de amigos, encontrá-me defendendo com ardor uma medida que seria evidentemente contrária aos seus interesses. Estranhei-lhe a atitude. Explicou-me, depois as suas razões: "Não vê que qualquer mudança na Constituição vai tomar muito tempo e, assim, será protelada a Reforma Agrária?"

Precisamos, em hora tão decisiva, de ser objetivos e pragmáticos; utilizar os dispositivos do nosso arsenal legislativo e completá-los com medidas práticas, tornando exequível, em bases seguras e prudentes a Reforma Agrária Brasileira.

Por estranho que pareça, são hoje as classes rurais, pelos seus elementos mais esclarecidos, que a desejam. A demagogia de certos projetos que tramitam na Câmara e que receberam, sem maior exame, até apoio oficial e que encerram não apenas dispositivos inconstitucionais mas até insen-

satos, o altamente imprudentes, estão alarmando os meios rurais, desestimulando os proprietários, intranquilizando-os e instalando a insegurança na agricultura brasileira.

Esta inquietação, foi bem traduzida, pela observação de um grande fazendeiro, que dirige pessoalmente a sua exploração, com terras altamente aproveitadas: "Não podemos demorar mais a Reforma. Quero saber o que restará depois de tudo isto, para mim e minha família."

Esta ameaça permanente precisa ser definitivamente afastada, para não trazer mais profundas perturbações. Mas, é preciso acenar: ela tem de ser realçada, não contra uma classe, em favor, talvez apenas aparente, de outra, mas em benefício de toda a Nação.

DO INQUILINATO RURAL

Já indico que a reforma agrária no Brasil não pode se limitar ao simples acesso à propriedade da terra. Se não for dada a maior ênfase e até em caráter prioritário, à proteção ao homem que trabalha em terra alheia, no sentido de suas relações de ordem econômica, na exploração do solo, será uma reforma agrária falha, de limitadíssima e, sobretudo demoradíssima atuação, como tantas leis e códigos que enriquecem o nosso arsenal legislativo.

Quero dizer, com toda a franqueza, que nenhum dos projetos ora em tramitação regimental no Congresso, quer o da Comissão Especial, mais conhecido como projeto José Joffily e que tanta repercussão obteve, pelo apoio que recebeu da Presidente Jânio Quadros, quer o do deputado Gileno Di Carli, como o da Ação Democrática Parlamentar, conhecido pelo nome do relator Deputado Fernando Ribeiro, preenchem as condições fundamentais para resolver a situação verdadeiramente alarmante de seis milhões de rurícolas.

Deixarum, todos eles, de lado ou apenas fazem lim-

(Continua na pág. 56)

FORMICIDA SHELL SUPER MATA A FORMIGA!



O novo Formicida Shell Super, à base de Aldrin, extermina realmente as formigas. Sua fórmula é o resultado de longos anos de ensaios e experiências nos laboratórios e nos campos.

Veja como é fácil exterminar as formigas com o Formicida Shell Super.

1. - Localize o formiguelo e meça a área de terra sóta, multiplicando o maior comprimento pela maior largura.

2. - Escolha os canais de maior diâmetro e de direção vortical ou oblíqua para o centro do formiguelo (nunca para fora do formiguelo).



3. - Aplique 30 gramas de formicida por metro quadrado de formiguelo (o que corresponde a 10 "bombadas" usando a Bomba Shell). Ex.: num formiguelo de 40 m² devem-se aplicar $40 \times 30 = 1.200$ gramas de formicida.

Se o formiguelo for grande, trate apenas os canais da periferia, ou seja, os canais que o circundam, não sendo necessário raspar toda a área do formiguelo.

Se o formiguelo for pequeno, raspe toda a terra sóta e trate os melhores canais dois dias depois. Neste prazo, os canais entupidos já estarão reabertos, facilitando a operação.



Para exterminar os formigueiros de encosta, fura-se o terreno com a sonda JP ou trado, de modo a atingir as panelas ativas. Pelos furos, onde sai muita formiga, aplica-se o Formicida Shell Super.

Qualquer que seja o tipo de formiguelo tratado, ele deve ser observado após 60 dias. Se ainda houver alguns canais ativos, algumas bombadas significam a completa destruição do formiguelo.

Cuidados pessoais: evitar o contato e a aspiração do pó. Após o trabalho, lavar bem as mãos com água e sabão. Comparado com outros formicidas, o novo Formicida Shell Super é muito menos tóxico.

São surpreendentes os resultados que se obtêm com o Formicida Shell Super. Basta seguir as instruções atentamente para livrar-se dessa terrível praga. Ataque imediatamente os formigueiros com Formicida Shell Super!



FORMICIDA SHELL SUPER

NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA

PRODUTOS QUÍMICOS



ARVORES ORNAMENTAIS

— AS BELAS CASSIAS

EURICO SANTOS

Quase todos já viram, principalmente os habitantes do Rio de Janeiro, um arbusto de galhos tortuosos, que se deixando quase despir das folhas, entre outubro e dezembro, lança generosas pencas de flores amarelas. Quer pelos jardins cuidados dos bairros aristocráticos, quer pelos jardins pobres da gente suburbana, aquele vegetal de frondes esgalhadas entornando inflorescências pendulosas em cascatas de ouro e, por isso, o povo, simbolicamente, lhe chama chuva-de-ouro, ou dinheiro em peneira. Os botânicos, porém, batizaram-no sob o nome de CASSIA FISTULA.

Todos conhecem esta planta pela beleza das flores, mas poucos sabem que aquele vegetal, na sua terra natal (Índia), não é, como entre nós, um arbusto, mas uma árvore que atinge a 15 metros de altura. Assim, CASSIA FISTULA limita-se a extasiar-nos os olhos com a apoteose áurea dos seus cachos, mas além deste

préstimo estético a natureza encarregou-a de tarefas grandiosas.

Na mucilagem que reveste as sementes de seus frutos, que são longas vagens cilíndricas — há substâncias preciosas, usadas para o preparo de fumos orientais, princípios químicos, como a catartina, açúcar, goma, pectina e glutina, que a farmacopeia utiliza e até a arte da docaria dela sabe se aproveitar. Mas a cassia-imperial, como igualmente lhe chamam na sua pátria, fornece madeira para muitos fins e também aqui, onde já se nacionalizou, poderia dar-nos cabos para ferramentas, casca para extração de tanino etc.

Entretanto seu préstimo maior, como arbusto em que se transformou na sua pátria adotiva, é proporcionar-nos aquelas lindas pencas douradas que tão grande beleza emprestam aos jardins ao findar do ano e constituem uma espécie de votos pelo feliz ano novo que já vem próximo e, abundante

em ouro, como nos parece estar prometendo as flores do dinheiro-em-peneira.

Essa leguminosa exótica encontra no Brasil uma grande parentela, que por vezes gera confusão, pois ao comêço o nome vulgar foi a própria designação científica a ponto de todas as outras espécies serem englobadas com o mesmo nome de canafistula. Uma das mais comuns é a CASSIA APOUCOUITA (Groçal-Azeite).

Trata-se de árvores de estatura mãe, conhecida por membrina Amazônia e que lá, por vezes, se agiganta. As folhas são pinadas, ovais, ou elípticas ovaladas, acuminadas, um quase nada obtusas. Seus ramos mostram-se curtos, multi-flores, surgindo dos nódulos dos galhos grossos, solitários ou fasciculados, e muito raramente os encontramos nos pequenos ramos folhosos. Isso muito favorece a identificação dessa CASSIA, cujas flores ostentam pétalas cor de ouro. Seus frutos — vagens de 10 a 20 cm de comprimento chegam a ter 3 cm de largo. Essa espécie pelos nossos parques e até merece ainda maior difusão na arborização de estradas e largas avenidas. Ocorre em todo o Brasil e floresce de dezembro a janeiro.

CANAFISTULA AMARELA



Fazendo como eu...
faras o certo!!!

111 ANOS DE EXPERIENCIA
NO CULTIVO DE SEMENTES
1850 - 1961

Sementes de Hortaliças
" " Flores
" " Forrageiras
" " Grama
Bulbos " Palmas

Importadora
L. Daehnsfeldt, Ltda.



Av. Barão de Tefé, 7 - Grupo 301/302 — Caixa Postal 1141
Fones 23-0467 — 43-2183 — End. Telegráfico: DAHNSELDT
Rio de Janeiro Estado da Guanabara

(*Cassia ferrugínia*) — É na realidade apenas um nome artificioso, para distinguir a planta da outra sua congênera, a chuva-de-ouro de que anteriormente falamos, a qual tem igualmente flôres amarelas.

Defato as duas CASSIAS bem se parecem, mas a do que estamos, agora, tratando, além de ser brasileira, ocorrendo em todo o Brasil, do Ceará ao Paraná e Minas, é de grande crescimento (10 metros de altura por vezes) e tem a particularidade de apresentar flôres perfumadas e folhas menores. É entre as de seu gênero com a sua rival asiática, chovendo o ouro de suas flôres, em longos pendões, que as balançam entre o verde das folhas, já escassas. Esses ramos pendentes têm por vezes trinta centímetros de comprimento e os seus frutos, aquelas longas vagens cilíndricas, atingem não raro, a 68 cm de longo. São magnificamente decorativas e dão aos parques e jardins perspectivas luminosas, pois iluminam com o ouro das suas inflorescências os caminhos ensombrados e perfumam as amplas alamedas.

Mas não devemos somente citar os aspectos ploréscos e belos. O utilitarismo, mesmo neste terreno, tem seu lugar. CASSIA FERRUGÍNEA fornece madeira de cerne pardo-claro, uniforme, ou amarelo-claro, com manchas escuras, de tecido fraco, pouco recomendável para obras expostas, mas aproveitável para obras internas, carpintaria, caixa-tória, fósforos, pasta para papel.

Como se vê, cheia de utilidades, não se falando da casca muito apreciada para curtume, embora encerre teor de tanino.

As Cassias são tão numerosas e prestantes e sobretudo tão ornamentais, que é aliás, o aspecto visado nesta galeria de árvores, que somos forçados mais para adiante a tratar de outra espécie: a baratinha.

É claro que não sairemos fora de nossos modestos propósitos, pois só a tribo das CASSIAS, com cerca de

quatrocentos e cinquenta espécies, desafia a paciência de um botânico que quisesse traçar-lhes ligeiramente o perfil.

Há entre elas de tudo, desde ervinhas modestas, rasteiras, insignificantes, até árvores triunfais e importantes, plantas do mato, a que o povo empresta virtudes medicinais, como os fedegosos, até a CASSIA MULTIFUGA, uma das lindíssimas árvores a que o povo dá o nome de aleluia, porque costuma florir pela Páscoa, época em que, pelas encostas das florestas conjugam em contraste o ouro alegre de suas flôres com o roxo quase triste das quaresmeiras.

Descrevendo, apenas, os aspectos exteriores das duas CASSIAS, não nos ofereceu ensejo de mexer-las sobre a sua íntima, sobre a sua biologia; entretanto direi, que, se se parecem, especialmente com frutos bem maduros, encontram melhor período para a germinação, dando

maior porcentagem de plantas. Germinação 7 e 8 dias depois de semeadas. Semear na época das chuvas.

OBSERVAÇÃO — Há, por vezes, alguma confusão sobre CASSIAS e ACASSIAS; ambas são leguminosas e da subfamília das MIMOSOIDES, porém a mais difundida e de aplicação em arborização de ruas e estradas e usadas no paisagismo é a ACACIA, da qual existe duas variedades bem conhecidas: a CHUVA-DE-OURO e a ROSA, de fácil multiplicação, pois se reproduzem por sementes, estas colhidas das vagens ou bainhas quando estão maduras, antes de ficarem muito secas, pois, se assim acontecer, as sementes demoram muito a germinar. As sementeiras podem ser feitas em canteiros de sementeiras ou em caixotes ou latas. Seis meses após a semeadura poderá ser levada para o local definitivo, onde são plantadas na distância de 5 a 8 metros.

HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO
VEM A NOSSA FIRMA
FORNECENDO BÔAS
MUDAS DE

Plantas Frutíferas e Ornamentais

FOLHETOS GRATIS — ORÇAMENTOS SEM
COMPROMISSO

Dierberger Agrícola Ltda.

Fazenda Citra

Cx Postal 48 — fone 1121 — Telg "DIERCO"
LIMEIRA — Est. de São Paulo

AVICULTURA

AÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO ADUBO DE AVES

Uma das mais fortes razões do consórcio entre a criação racional de aves e a agricultura prende-se à utilização do estêrco produzido pelas aves, na adubação das terras. De fato, o estêrco das aves é um excelente adubo, como provam suas análises químicas.

Quatro vezes mais rico de azoto do que o estêrco de curral, o valor de estêrco da galinha está na fortíssima ativação de bactérias do solo pela ação dos micro-elementos presentes na sua composição através da ração balanceada recebida pelas aves.

E isto ocorre pois as rações balanceadas recebem, em suplemento, misturas de cálcio, fósforos, manganês, ferro,

zinco, cobre, iodo, cobalto, cloro e sódio. Como somente uma parte é assimilada pelas aves, o saldo é expelido através dos excrementos, valorizando de madeira extraordinária o estêrco. A ação biótica do estêrco de galinhas evidenciou-se em prova prática realizada na Alemanha, quando foram esterçadas duas áreas: uma com estêrco de galinha puro e outra com uma cópia sintética do mesmo, segundo sua composição química. O rendimento agrícola com a área adubada com estêrco puro de galinha foi muito superior ao da área em que foi empregado o estêrco sintético. Que a ação do estêrco das aves tem sido real e extraordinário no solo, é inegável.

Senhor Avicultor:

Somente a vacinação preventiva pode evitar que a Doença de New Castle acabe com as suas aves

Vacine já

VACINA NEWCASTLE RHODIA

- 1.º Máxima facilidade na vacinação: emprega-se simplesmente, na água de beber. Pode ser utilizada, também, em injeções intramusculares.
- 2.º Liofilizada (seca).
- 3.º De eficiência comprovada (testada rigorosamente antes de ser posta à venda).
- 4.º Não contamina.

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUÁRIA

TECNICAS ESPECIALIZADAS: — MELHORES AVES DE CORTE

Nos grandes centros consumidores estrangeiros, principalmente na Inglaterra, Canadá e Estados Unidos, as aves abatidas fornecidas ao público são classificadas de acordo com o estado das careças e qualidade das carnes. Estas condições asseguram melhores preços para os produtores de boas aves de consumo. Milhares de criadores dedicam-se, exclusivamente, ao trabalho de produzir aves de corte das melhores classificações. Não depende esta classificação apenas do estado de engorda da ave. Leva-se em conta, também, o volume de carne em relação ao esqueleto e outras regiões do corpo não aproveitáveis. Aquelas condições, como é evidente, são obtidas não só através do trabalho de seleção das raças especializadas, como ainda, e principalmente, da nutrição especial a que são submetidas os lotes de aves criados para fornecimento de carnes. O paladar da carne apresenta, igualmente, condições para melhores preços, e depende, de modo relativo, à idade em que a ave é abatida. O fator

principal, contudo, é a alimentação. Para produzir aves especiais, com quantidades apreciáveis de carne de bom paladar, tenras e de gosto delicado, é preciso dispor de rações de engorda constituídas de alimentos capazes de formarem músculos delicados.

No Brasil, a avicultura está se orientando no sentido da especialização, que é, realmente, o caminho mais aconselhável. É preciso, por isto mesmo, que a indústria de rações se oriente no mesmo sentido, aparelhando-se para fornecer alimentos especiais à formação de aves de boas carnes. Somente com rações especiais — a experiência estrangeira documenta muito bem a afirmação — é possível fazer com que os pintos adquirem peso mais rapidamente e se transformem em bons fornecedores de carnes de alta qualidade.

Indicada para todas as dietas

Até há pouco, recomendava-se a não inclusão de alimentos gordurosos nas dietas de muitas pessoas, principalmente dos hipertensos ou portadores de vários reatos do aumento da taxa de colesterol no sangue, além de outros prováveis transtornos. Este reato baseava-se numa ação idêntica de-se na crença generalizada de todas as gorduras introduzidas no organismo. Atualmente, sabe-se que as matérias gordurosas não agem da mesma forma, dependendo que são da disposição química de suas moléculas. As gorduras dos alimentos, ou mais propriamente os ácidos graxos, são de duas ordens: saturadas e não saturadas. As matérias gordas do leite, manteiga, dos óleos vegetais e animais, são exemplos de ácidos graxos saturados, enquanto certas gorduras, principalmente de origem animal, são matérias gordas não saturadas. Os primeiros são positivamente

considerados como capazes de elevar a taxa do colesterol sanguíneo, o que contraindica o emprego dos alimentos que os contêm nas dietas de determinadas pessoas. Já os segundos são incapazes de elevar a taxa de colesterol, podendo, assim, ser ingeridos sem inconvenientes mesmo pelas pessoas que sofrem de distúrbios circulatórios.

O esclarecimento destes fatos é de grande importância a fim de evitar impressões errôneas sobre o valor das carnes das diferentes espécies. Enquanto as de algumas podem ser contraindicadas em certas dietas, as das aves não sofrem quaisquer restrições, principalmente com relação ao problema do colesterol sanguíneo. Normalmente, o colesterol é produzido no organismo, mas a introdução frequente de alimentos com



**THUYA
SIMÕES**

Medicação preventiva e curativa das pipocas (ou carapças) dos pintos e aves adultas

A venda A

RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o interior enviamos
pelo reembolso postal

avevita

Rações
balanceadas
e prensadas!



A MELHOR PARA A AVICULTURA

**F. Moinho
Fluminense S.A.**
Fundada em 1887

RIO: RUA URUGUAIANA, 118 - LOJA - C. P. 1150 - TEL. 41.3004
S. PAULO: RUA BOA VISTA, 314 - 6º - C. P. 243 - TEL. 33.3144
B. HORIZONTE: AV. DOS ANDEADAS, 841 - C. P. 143 - TEL. 9.0002
CAMPINAS: REP. MERCANTIL TELMARGO - R. DUQUE DE CAXIAS, 103

e na sua cidade, procure o nome representante

Kó-Kó-Ró-Kó

C O R I Z A

G O S M A

E

G O G O

MODO DE USAR

Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventivo — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente no bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuários

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367

RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA



ácidos graxos saturados aumenta sua produção, o que não ocorre quando a matéria gorda dos alimentos é constituída de ácidos graxos não saturados. É este precisamente o caso das gorduras contidas nas carnes das aves.

*Equilíbrio de preços com a
frigorificação de ovos pelos
produtores*

A produção de ovos é caracterizada por flutuações sazonais, que se repetem anualmente, com entradas volumosas de ovos no mercado nos meses de agosto a outubro (época de plena produção das poedeiras) e reduzidas nos meses de abril a junho. Enquanto se verificam essas flutuações na produção, motivando variações também nos preços, o consumo se mantém praticamente estável. Estas circunstâncias antagônicas (variações sazonais e consumo estável) tornam necessária a armazenagem do produto em grandes quantidades, por um espaço de tempo relativamente longo, até que seja entregue no consumo.

Nos Estados Unidos, a frigorificação em grande escala possibilitou diminuir o desnível de preços entre a safra e a entre-safra, além de garantir ao consumidor um produto de alta qualidade durante o ano todo. No Brasil, em geral, a frigorificação é feita pelos intermediários, que adquirem os ovos a preços baixos na safra e os revendem a preços durante a época de declínio elevados, aos consumidores, da produção. Nestas condições, para que o consumidor brasileiro também seja beneficiado com um produto de bom valor, a preços justos, tanto na safra como na entre-safra, é necessário que se criem condições para que os produtores, através de cooperativas ou associações, façam a frigorificação.

Seja um

assinante de

"A Lavoura"

UM NOVO ÓLEO BRASILEIRO

As amplas pesquisas realizadas nos últimos 10 (dez) anos, entre povos de diferentes países, demonstraram claramente um aumento gradativo da incidência da arteriosclerose como fator de mortalidade.

Os estudos realizados nesse sentido, permitiram à renomada e tradicional indústria brasileira, a orientação necessária para a produção de um novo tipo de óleo comestível, derivado de café e de caroço de algodão. A principal virtude deste novo produto, é a de não aumentar o colesterol no sangue, pois, como é sabido, a arteriosclerose resulta do depósito excessivo de substâncias gordurosas nas artérias.

Ao contrário das gorduras animais, que concorrem para o aumento do colesterol no sangue, os óleos vegetais, por serem ricos em ácido linoléico, não produzem colesterol, sendo, portanto, os mais recomendáveis para a nossa saúde.

THOR, duplamente vegetal, é o mais indicado de todos.

AUMENTA O CONSUMO DE VEGETAIS

ESTOCOLMO (SIP) — O consumo de frutas, legumes e verduras, pelos suecos, se elevou no ano passado a 1 bilhão, e 400 milhões de corôas, revela um estudo aparecido no diário estocolmês Svenska Dagbladet. Com referência ao volume isto significa um aumento de 50% durante os últimos 20 anos, incluindo um incremento de 100% para frutas e legumes importados.

As compras de flores e varam no ano passado a mais de 220 milhões. Tomando-se em conta a depreciação da moedatur ante o período, a soma indica que as compras permaneceram iguais no tocante ao volume desde 1939.

(Do Swildisd International Pressbanss)



UMA BOA COLHEITA COMEÇA COM



ESSO SPRAY OIL C

- a fungicida de ação pronta e eficaz que elimina a mal de "sigatoka"

A "sigatoka" também chamada "cercosporiose da bananeira" é a doença que ataca as folhas da bananeira, causando uma grande redução no tamanho da fruta, diminuindo sua qualidade e amadurecendo-a de modo desigual e prematuro.

Para eliminar esse mal, o Centro Esso de Pesquisa criou o Esso Spray Oil C, de ação rápida e eficiente, já demonstrada em milhares de aplicações. Esso Spray Oil C não é fitotóxica. Graças à sua viscosidade, pode ser facilmente pulverizado sobre a plantação protegendo-a, assegurando melhores colheitas e maiores lucros para você!

PARA CONSULTAS, DIRIJA-SE À ESSO BRASILEIRA DE PETRÓLEO

Rio: Av. Presidente Vargas, 409
S. Paulo: Rua Pedro Américo, 68
Recife: Rua do Sol, 143
ou o endereço Esso mais próximo.

ESSO SPRAY OIL C



Maiores safras... melhores frutos com Produtos Esso para a Agricultura

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARIUDA CÂMARA

ALIMENTAÇÃO

(Continuação e revisão)

130 — LIMÃO: — Fruto popular e universal. Basta trazê-lo para evitá-lo o Mal-do-mar ou o enjôo nas viagens aéreas; Para muitos é contra-veneno. Na culinária e na terapêutica o limão é soberano;

131 — LÍNGUA: — Estirar a língua é insulto; no Tibet é maneira de saudar; três séculos antes de Cristo têm a mesma significação que atualmente; alimento muito apreciado;

132 — MAAUAÇU: — Banquete em que os convidados trazem alguma coisa. A comida que os caçadores e os pescadores fazem em comum é custeada pelos participantes;

133 — MAÇA: — Carnosidade que os "barranqueiros-caçadores" acreditam haver no bucho do animal, e conservam em segredo, servem para afastar malefícios e para apanhar a caça; o mesmo que "pedra do caçador";

134 — MACAXEIRA: — O mesmo que alpin, mandioca doce, mandioca mansa, macaxeira-pacaré, macaxela ou alpin amarelo;

135 — MANDRAÇA: — Beberagem;

136 — MANGUSTA: — Lanche ou merenda;

137 — MANI: — Euforbiácea muito usada na alimentação;

138 — MANIÇOBA: — Prato preparado com folhas de maniçoba; Iguaire excelente, perante a higiene alimentar; depois de fervida junta-se língua, mocotó, tripa, flambre, cabeça de porco e serve-se;

139 — MANTEIGA DE TARTARUGA: — É a gordura extraída dos ovos de tartaruga, também chamada "harará", "leaua";

140 — MANUÊ ou MANA-UÊ: — Bôlo de fubá de milho, mel, etc.; bôlo de mandioca fresca, leite de côco, uma colher de sopa de manteiga, água e açúcar ao gosto; espreme-se a massa com os ingredientes, enrola-se, assa-se;

141 — MAO-DE-MILHO: — Medida brasileira compreende 50 espigas de milho; meia mão vinte e cinco espigas;

141 — MAO-DE-VACA: — Com o nome de MOCOTÓ registra Sodré Viana a seguinte receita típica: Unhas de vaca, tripas (tripas grossas são mais gordas e mais saborosas), dobradinhas (chamadas na Bahia "Lívro"), coalheira, bucho, um pedaço de bofe, bem tratado. Machucam-se hortelã, pimenta-do-reino, temperos, cuminho e sal. Levam-se a cozinhar em fogo brando. Mexe-se bem e leva-se novamente a cozinhar com charque, linguiça e um pedaço de toucinho. Quando a unha estiver esmigalhada o mocotó está pronto. Faz-se pirão com o caldo que ficou na panela; a medida que esfria o pirão endurece; serve com molho de pimenta, bastante limão e folhas de hortelã;

142 — MATA-FOME: — Espécie de bôlo;

143 — MATETÊ: — Caldo gordo, engrossado com farinha sessada;

144 — MEXIRIBOCA: — Carne seca, arroz, farinha e outros ingredientes misturados e cozidos; "a mexiriboca consta de galinha, carne, feijão, arroz, farinha, molho de pimenta, cerveja";

145 — MINEIRO COM BOTAS: — Sobremesa de bananas, queijo e golabada;

146 — MINGAU: — Doce de consistência mole também chamada "PAPINHA" ou "PAPA" feito com far-

inhas (milho, arroz, mandioca, tapioca), cozidas em água e sal; entre outros mingaus há o mingau-petinga, mingau-de-banana, este com leite de castanha do Pará;

147 — MOCÓ: — Pequeno roedor *Cavia rupestris*, Wied. É caça apreciável; emprega marmadilhas para apanhá-lo nos sertões pedregosos do Nordeste. Exemplo a serra velha no Estado da Paraíba, em que o moco era abundante e muito procurado. Da pele fazem bolsas, onde os sertanejos guardam dinheiro e objetos miúdos. É feitiço, amuleto que fascina as mulheres, ajudam a amolecer o coração...;

148 — MOCOTÓ: — Ver Mao de vaca;

149 — MOQUEM: — Gra-deado para facitar assar sobre o lume o peixe e a sem o contato com as cinzas;

150 — MUA: — Camarão. *Mocoin Mui* para os indígenas Uapes do Rio Negro. Tarianas da raça aruaca;

151 — MUÇU: — O mesmo que mucin, mucum frequente nos poços de rio (água doce), tanques e alagados;

152 — MUÇUA: — Quelônio preferido nas comemorações festivas da planície;

153 — MUGUNZA: — Espécie de papa feita com milho descascado, leite de côco ou leite de vaca ou de cabra, açúcar, canela;

154 — MUJANGUÊ: — Massa de ovos crus, de tartaruga, de tracajá, galvotas, misturados com água e açúcar. É um acepipe muito usado na planície;

155 — MUJICA: — Prato paraense preparado com arrala, sendo engrossado o caldo com farinha de mandioca sessada. Além da arrala usam-se outros peixes;

156 — MUTIRÃO: — Auxílio dos vizinhos nos trabalhos rurais;

157 — NAZARÉ: — Festa em que preparam pratos especiais em Belém do Pará; é a festa popular de Nossa Senhora de Nazaré;

158 — OGUEDÊ: — Nome que corresponde à BANANA DA TERRA frita no azeite de

cheiro (dendê) na cozinha afro-balana; vocábulo NAGÔ que significa "BANANA";

159 — OLUHÔ: — Prato afro-balano que consiste em descascar a mandioca, cortá-la em fatias delgadas, levá-la a secar ao sol. No momento preciso são levadas ao pilão e trituradas e passadas na peneira ou "urupema". O oluhô é uma espécie de pirão;

160 — OMALA: — Comida de santo; o omala de Ibeji compõe-se de caruru, acarajé, abará, e azeite de dendê (farofa de). É conhecida como "caruru de Cosme e Damião";

161 — OVA: — Nome genérico dos ovos de peixe. Ova de talinha alimento precioso. Sêca ao sol e, depois de assada ou frita, faz parte das melhores mesas;

162 — OVOS DE PASCOA: — Conhecidos há muitos anos em todos os países católicos. São disputados como alimento;

163 — PACICA: — Quitute preparado com os miúdos da tartaruga, temperados e cozinhados no próprio casco;

164 — PAÇOCA: — Alimento que consiste numa mistura de carne seca, farinha de mandioca ou de milho, às vezes acrescida de rapadura;

165 — OSSÊ: — Alimentação na cerimônia do casamento das filhas dos santos (jeje-nagôs) que alimentam-se de "ourobô" e pipoca, caruru, etc.;

166 — PADÉ-DE-EXÚ: — Oferta de alimento ritual feita ao orixá Exú, — pipocas e farinha de azeite de dendê;

167 — PALAURO: — Bebida fermentada feita de bijú queimada;

168 — PAJÊ: — Médico, conselheiro padre, feiticeiro da tribo. A posição é reservada aos forjes;

169 — PAMONHA: — Espécie de bolo de luba de milho ou de arroz cozido com água e sal ale ficar gelatinoso; Iguaçu para as festas de Santa Antônio, São Pedro, etc.;

170 — PANEIADA: — Co-

Adubos

fortificam as terras fracas

Dep. Prop. CADAL

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE

CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

Agentes exclusivos do Salitre do Chile para os Estados da Guanabara, do Rio e Espírito Santo

Rua México, 111 — 12.º andar (Sede própria)

Caixa Postal, 875 — Telefone: 31-1850-rede interna

zido, preparado com intestinos, pés e certos miúdos, toucinho, linguiça ou chouriço, convenientemente temperado. Do caldo fazem pirão escaldado; indigesto;

171 — PANQUECA: — Espécie de fritada de ovos batidos, frita na manteiga, de ambos os lados, e depois coberta de açúcar polvilhado com amendoim. É prato da sobremesa;

172 — PAO: — As superstições e tradições sobre o pão apontam-no como vindo de Portugal. A fabricação de pão, com suas cerimônias, cruzes na massa, en-

saimos para crescer, afogar, dourar a crosta, foram correntes no Brasil;

173 — PAO DE LÓ: — "Pandeló": — Bolo tradicional dos doentes e das famílias enlutadas;

174 — PAPA-JERIMUN: — Nome dado ao norte rio-grandenses; desde o tempo do governador Lopo Jonquim de Almeida Henriques que administrou a Capitania de 30 de Agosto de 1802 a 19 de Fevereiro de 1806;

175 — PAPRICA: — Fruta do pimenteiro e o pó extraído da mesma planta. Tarrado e moldo para aspi-

rar pelo nariz. E' tomado com leite pelos Muras;

175 — **PE-DE-MOLEQUE.** — Tradicional bolo de mandioca, escuro, macio. Em Pernambuco preparam com ovos, massa de mandioca, coco, manteiga, cravo, erva açucar, castanhas de caju, doce, leva-se ao fogo;

177 — **PEITO-DE-FORNO:** — Picado de tartaruga com limão, sal e pimenta, recoberto com farinha d'água, serve-se no próprio caseo;

178 — **PEQUI:** — Também designado PEQUIÁ;

179 — **PESCA COM BOTO:** — E' comum em Santa Catarina;

180 — **PICADINHO:** — Guisado de carne;

181 — **PIABA:** — Pequeno peixe de água doce;

182 — **PIMENTA:** — Consumidas as diversas espécies;

183 — **PIPOCA:** — Milho torrado muito empregado na culinária tanto na afro-brasileira como em outras;

184 — **PIRAO:** — Espécie de massa de farinha de mandioca, fubá ou batata inglesa;

185 — **PIRARUCU:** — Muito criado nas águas doces,

186 — **PITINGA:** — Espécie de mingau com massa de mandioca, sal e pimenta;

187 — **PREA:** — Apariá, aperiá. Pequeno roedor muito apreciado como caça;

187 — **PUBA:** — Mandioca puba, amolecida na água;

189 — **PUXA-DE-COCO:** — Também designado Puxa-puxa;

190 — **QUERERÊ:** — Alimento preparado com vertebrae, intestinos de peixe (pirarucu) na Amazônia;

191 — **QUIBEBE:** — Alimento preparado com abóbora, banana, água e sal;

192 — **QUIMBEMBÊ:** — Bebida preparada com milho fermentado; o mesmo que Aluá;

193 — **QUIPATA:** — Porção de peixe que distribuem aos pescadores que não puderam comparecer à pescaria;

194 — **RABADA:** — Cozido preparado com carne (rabadilha), de boi ou de vaca — A carne cozida, adubada com condimentos tradicionais, é servida com pirão do

próprio caldo, ajudado pelo mólho de pimenta malaguetta; é um prato domingueiro ainda prestigioso;

195 — **REFEIÇÕES:** — O horário das refeições no interior é: almoço, (9 horas), jantar (ao meio dia), merenda e ceia, à tardinha;

196 — **REMATE:** — Caldo de carne fresca ou peixe com pirão para rematar a refeição;

197 — **RESTILHO:** — Aguardente;

198 — **RIBAÇA:** — Ave de arribação que se apanha na época, engorda-se e come-se;

199 — **ROLETE:** — Pedaco de cana descascada para chupar;

200 — **SANÇA:** — Cula ou casco de jabuti, trazido pelos escravos para o Brasil;

201 — **SARAPATEL:** — Prato feito com sangue, miúdos de porco, ou outro animal, condimentos, salsa, louro, coentro, cebola, alho, cominho, cravo, sumo de limão. Come-se com farinha. O guisado, picadinho, bem cozinhado, constitui iguaria tradicional;

202 — **SARRABULHO:** — Semelhante ao sarapatel;

203 — **SEQUILHOS:** — Doces secos, bôlinhos, rosquinhas de massa seca com amêndoas ou sem elas, de vários feitios;

204 — **SIRI:** — Crustáceo do mar e dos rios, até onde atinge a influência das marés;

205 — **SOLHA:** — Aramaça, sola, maracatuba, da família dos linguados;

206 — **SOPA DE CAVALO CANSADO:** — Assim denominam a sopa de vinho tinto com açúcar, canela e pão torrado;

207 — **SORVETE:** — Iguaria gelada;

208 — **TACACÁ:** — Papa de goma, alho, sal e pimenta a que alguns juntam camarões;

209 — **TAINHA:** — Peixe que aparece em abundância (vários lugares);

210 — **TAJÁS:** — São diversos os tajás. Entre os indígenas consideram tajá a taloba, a sopa, o caruru cozidos de taloba; o tajá é denominado tambajá;

211 — **TAMANDUA:** — Tamanduá pequeno, embora adulto;

212 — **TARTARUGA:** — da água salgada;

213 — **TARUPÁ:** — Beljú preparado para fazer o "caxiri" de que se extrai a "TIQUIRA";

214 — **TATU:** — Casta de mamíferos conhecidas várias espécies entre as quais citaremos: tatu peba, tatu verdadeiro e tatu bola;

215 — **TINGUIJABA:** — Pescaria feita com o envenenamento do peixe;

216 — **TIJUCA:** — Leite extralido quando a vaca está com ubere esgotado ou quase;

217 — **TUCUPI:** — Um dos molhos tradicionais da cozinha amazônica e do Maranhão com o famoso "pato ao tucupi". E' o sumo da mandioca fresca, apurado ao fogo, até tomar a consistência e a cor do mel de cana; e aconselhado para a cura da beribéri;

218 — **Medula dos ossos,** de predileção popular;

219 — **TUTU:** — Em Minas Gerais e São Paulo o "Tutu-de-feijão" é prato popular;

220 — **UALRI:** — Tamanduá em banana;

221 — **UÇÁ:** — Caranguejo uçá ou *oussá*;

222 — **UMBU:** — Ombu, ambu, *Spondia tuberosa*; Ver Imbu;

223 — **URUCU:** — Pasta de cor vermelha extralido da *Bicha oleran*, Linn usada pelos ameríndios; serve de condimento;

224 — **URUÇU:** — Abelha indígena que fornece apreciado mel;

225 — **USINA:** — Instalação industrial na região açucareira;

226 — **VATAPÁ:** — Prato da cozinha afro-bahiana;

227 — **XIRÓ:** — Caldo de arroz temperado com sal;

228 — **ZAMBELÊ:** — O mesmo que JAÓ, apreciada caça pela delicadeza da carne;

229 — **ZORÓ:** — Prato tradicional feito com "Mulato velho, camarão, azeite de dendê (de chelo) salsa, pimenta do reino, cebola, ce-

(Continúa na pág. 29)



*econômicos,
eficientes...
duram muito
mais!*



DESINTEGRADORES

CASE

a martelos de rotação rápida



É o melhor para sua fazenda, granja, fábrica ou indústria. Construído em dois modelos - H-10-B de 15 a 20 HP e H-14-B de 20 a 23 HP - tritura, mói, desintegra alfafa, feno, bagaço e pólpa de cana, milho em espiga (com ou sem palha), milho em grão, palha e casca de arroz, mandioca, café etc., Peneiras com diferentes medidas de furos (de 1/32" até 2"), conforme o material moído. Dependendo do material, a capacidade de produção horária do desintegrador Case, funcionando com peneiras de 1/4", varia entre 440 e 1.670 quilos.



Distribuidores Exclusivos para o Estado da Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro)
Agentes nas principais cidades

G E O V I A — Comércio e Engenharia S/A
Rio: Av. Venezuela, 27 - B/208-210 - Tel. 43-6329
R. Horizonte: Rua Tambores, 924 - Tel. 2-8248

FATORES DE MAIOR RENDIMENTO

- Mesa de fácil alcance e grande alimentação.
- Mongem rápida, e a lha aperfeiçoada
- Ventilador poderoso, coletor-clone
- Manuais de rolamentos especiais
- Material sólido que assegura muitos anos de uso.



MOINHOS DESINTEGRADORES

a martelos rotativos e com ensacadores.

Modelos H - 10 - B e M - 14 - B

Póla de 9 em (3 1/2"),
3.000 a 3.400 RPM.

CRÉDITO AGRÍCOLA

Ben-Hur Raposo
Diretor Técnico da SNA

Ao se examinar a realidade rural brasileira, não há como fugir ao reconhecimento de uma verdade séria, de todos conhecida e por muitos proclamada através dos tempos — e essa verdade relaciona-se com a política creditícia, porque um dos fatores negativos básicos que entravam o progresso de nossa economia agropastoril é, inegavelmente, a falta do crédito que se documenta de modo irretorquível com a inexistência, até hoje, de um Banco Rural.

Sem assistência financeira específica e adequada, os agrários dificilmente podem organizar racionalmente suas atividades e permanecem, por isso, em rudimentar estágio técnico-comercial, incapaz de dar à produção o vulto reclamado pelo consumo nacional e pelas necessidades de nosso balanço comercial.

A Confederação Rural Brasileira, após várias Conferências Nacionais, e tendo sempre em vista também as conclusões do Seminário Sulamericano de Crédito Agrícola, promovido pela F.A.O., já assim expressou as diretrizes da Classe sobre o grave problema:

1 — É urgente a reforma do sistema bancário brasileiro, no sentido de que seja o país dotado de um BANCO CENTRAL que a tenda aos mais modernos requisitos econômicos de política monetária e creditícia, e de um CONSELHO MONETÁRIO, com representação paritária das Classes Produtoras.

2 — Igualmente inadiável é a criação de um BANCO RURAL, que, para atender completamente às suas finalidades, deverá estar integrado no sistema do Banco Central.

3 — A Classe Rural em prestará o seu apoio a toda e qualquer iniciativa pública ou privada consubstanciada na organização de novas ins-

tuições de crédito que visem, principalmente, a sua aplicação no meio rural.

4 — A C.R.B. reitera aos organismos competentes a necessidade do aproveitamento, ao máximo, da rede bancária nacional, no sentido de permitir distribuição de crédito nas zonas rurais, inclusive, ampliando a, com a colaboração das associações rurais e cooperativas.

5 — O Sistema Cooperativo é um dos melhores meios para ampliar a difusão do crédito agrícola.

6 — A criação de um FUNDO DE CRÉDITO RURAL, formado por verbas consignadas no Orçamento Anual da República, para ser distribuído através das instituições especializadas de crédito agrícola já existentes ou que venham a ser criada, é outra diretriz correspondente aos interesses da produção.

7 — Dentro dessas diretrizes, impõe-se a ampliação dos recursos à disposição do Banco Nacional de Crédito Cooperativo.

8 — Enquanto não for criado o Banco Rural a C.R.B. julga indispensável que os Poderes Públicos providenciem no sentido de que seja canalizada para a Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil S.A. a maior soma possível de recursos financeiros.

9 — Considera uma necessidade imperiosa o incremento, em todo o país, do crédito agrícola, especialmente para os pequenos produtores.

10 — A recomendação do Seminário Sulamericano de Crédito Agrícola no sentido da criação, no país, de um organismo coordenador do crédito agrícola, com a participação da Classe Rural, merece o apoio da C.R.B.

11 — Os programas de extensão agrícola e crédito rural supervisionado já em pleno desenvolvimento atra-

vés da ACAR, da ANCAR, da ASCAR, e outras entidades semelhantes, parecem a Classe de real proveito às atividades produtivas.

12 — As Investigações socio-econômicas, tendo em vista a necessidade do desenvolvimento do crédito agrícola no país, devem constituir tarefa urgente dos governos.

13 — A política de crédito agrícola deve integrar-se na política nacional de desenvolvimento econômico.

14 — Impõe-se a necessidade de uma taxa de juros preferencial para os empréstimos agrícolas, tendo em vista as características peculiares às atividades agropastorais.

15 — A realização de cursos de diversos níveis para os que trabalham em crédito agrícola é providência oportuna, uma vez que de elemento humano bem capacitado depende, em parte, a eficácia da instituição creditícia.

Ao proceder agora ao exame do assunto, a Classe não pode fugir ao reconhecimento de que até hoje foram malogradas todas as tentativas para o estabelecimento do verdadeiro crédito às atividades de produção rural, lacuna essa atestada pelo incessante clamor das classes interessadas, porque persistem três erros fundamentais:

- 1.º — preferência do crédito à produção rural em vez de ao trabalho rural, isto é, os financiamentos beneficiam mercadorias, valores já realizados, em mãos do comércio, fugindo ao risco de ajudar a formação das safras;
- 2.º — inadaptação dos prazos e tipos de empréstimos aos diversos setores do trabalho agropastoril;
- 3.º — menosprezo do crédito pessoal, de tanta expressão nos setores das atividades agrícolas.

Essas lacunas e esses erros foram confirmados através de pesquisas realizadas pela

Comissão Nacional de Política Agrária e, baseado nesses resultados, a "Conjuntura Social", da Fundação Getúlio Vargas, firmou as seguintes conclusões:

- a) a distribuição do crédito entre nos obedece mais a critérios políticos que econômicos propriamente ditos;
- b) a concessão de crédito bem sempre corresponde a uma orientação uniforme, oscilando segundo a maior ou menor pressão do momento;
- c) o monopólio do crédito pelas grandes culturas, nas grandes regiões, leva a um tipo de financiamento quase desnecessário sobretudo quando concedido a agricultores de forte potencial econômico-financeiro;
- d) a utilização do crédito como medida de política econômica em nada corresponde às nossas reais exigências em termos de expansão econômica, diversificação de culturas ou domínio econômico sobre certas áreas do país.

Essas deturpações persistem e devem merecer a melhor atenção dos planejadores e executores da política creditícia governamental.

bolinha e tomates. Serve-se com angü de milho.

REVISÃO

Deixamos de incluir os seguintes verbetes da cozinha Ameríndia e Afro-Bahiana:

230 — ACUTIPURU: — Cotia enfeitada (Stradelli) no idioma tupi. O mesmo que Caxinguelê, — pequena coedor muito estimado pelos indígenas; Ver Quatipuru;

231 — ALFAZEMA: — Perfunte tradicional dos enxovals das erlanças; Apontado para "banhos-de-chelro";

232 — ANGITE: — Espécie de angü de negro e minha na ou de caruru; consumido na Bahia;

233 — ANGUZO: — Espargado de ervas; come-se com angü de arroz ou de milho;

Conclusão da pág. n.º 26

234 — ANHUMA: — Inhu-ma, hinhuma, canitau. Avo que traz felicidade ao caçador;

235 — CHARUTO: — Bebida feita com mel de abelhas; designação pejorativa dos negros;

236 — CIME: — Bebida feita com água, em que foi desmanchada um pouco de farinha de mandioca. É bebida refrescante. Chamam também *cimbe* e *cibé*;

237 — COREDOR: — Femur, bater o corredor, extrair o tutano dos ossos;

238 — CUCURA: — No Rio Negro e no Paraná do Rio Solimões são frutas (várías) com sabor adocicado, cultivadas e silvestres, que designam purumã, figura da lenda do Jurupari;

Aqui concluímos o nosso apanhado.

Conclusão da pág. n.º 8

te, envolve interesses financeiros e comerciais de relativa monta.

8. A Federação de Associações Rurais, embora convidada, só mandou a sua contribuição através de seu representante, o Dr. Durval Garcia de Menezes, no dia seguinte. Tive então, a oportunidade de reconhecer a

de vista desse órgão, com o perfeita identidade de ponto que já tínhamos então elaborado.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Ex.^a os meus protestos de elevado apreço e consideração.

ass. — Miguel Clone
Pardi — Diretor Geral



CUPIM

GARANTIA DE 8 ANOS

Rugani & Cia. Ltda.

SERVIÇOS EXECUTADOS COM
INSEICIDAS "IPIRANGA"

contra insetos e ratos

RUA SÃO JOSE, 90-S/1.205 Telefones 22-3289 e 22-0873

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO



CHEGOU O NOVO MODELO

Torqueses BURDIZZO

DE FAMA MUNDIAL.

POSSUI DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTIVEIS DE INFECÇÃO



Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR



Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.



Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão direito para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois a torquês



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGI-SE AOS DISTRIBUIDORES
HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO
A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO
Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália



Reprodutores Guzerá, propriedade da Cia. Agro-Pastoril Vargem Grande
Itaboraí — Estado do Rio de Janeiro

A RAÇA GUZERÁ

José Resende Peres
Diretor da A.C.G.B.

Ao sabor da "moda", de vez em quando uma das raças zebuínas assumia o primeiro lugar na preferência dos criadores brasileiros. Mas os fatores que determinavam esta escolha nunca eram de ordem econômica. As vezes a cor da pelagem, outras o tamanho das orelhas, e não raro motivos até mesmo inexplicáveis.

Todavia, com a evolução da mentalidade nos centros de criação, e principalmente com os trabalhos realizados pelo D.P.A. do Estado de São Paulo criando os Concursos de Ganho de Peso, com a instalação de balanças em muitas fazendas, o critério de escolha foi tomando um caminho mais científico, mais econômicos, deixando para segundo plano os caracteres raciais antes predominantes, os caracteres ornamentais. Com esta nova fase o gado Guzerá voltou a ser o mais procurado, pois inegavelmente é a melhor raça para a faixa intertropical, não por ser imponente, belo, mas por

produzir mais carne em menos tempo e mais leite com menos ração.

Os estudiosos dos rebanhos indianos classificaram o Guzerá, que na Índia é conhecido como "Kankrej" como raça tronco do 1.º Grupo de raças da grande nação oriental. Os primeiros importadores de gado indiano trouxeram no princípio grandes rebanhos de Guzerá para o Brasil, pois o grande porte da raça os impressionou, sendo que na Índia é também a raça preferida para melhoramentos dos rebanhos. Como ainda não tinhamos padrão da raça, como os das raças Mavi, Hissar e Tharparkar vinham nos mesmos lotes, sendo cruzados aqui, donde nem todos os nossos plantéis se-animals do mesmo tronco rem de fato puros Kankrejs. Mas grandes criadores tiveram o mérito de manter a pureza de seus rebanhos, donde existir hoje no Brasil muitos rebanhos praticamente puros de origem.

O nome aqui dado ao Kankrej, Guzerá, talvez se explique pela origem dos animais importados, em grande maioria da província da Gujarat, cujo idioma possui também a mesma denominação. Talvez tenha acontecido o mesmo que se deu com o "Pinho de Riga". Como Riga era o principal porto do mar Báltico a exportar pinho para o Brasil, todo o pinho importante até o princípio do século pelo Brasil passou a ser conhecido como "de Riga", posto fôsse indiferentemente da Letônia, Estônia ou Lituânia.

O famoso Boletim XXVII do Conselho indiano de Pesquisas Agrícolas define o Kankrej como "uma das raças mais pesadas da Índia. Tem o corpo vigoroso, com peito amplo e lombo reto, e enclim desenvolvido. O andar do Kankrej é muito característico: o movimento é suave, dificilmente se percebe qualquer movimento do corpo; a cabeça é mantida notavelmente alta e o passo é largo e fácil; os cascos trazelos pisam bem adiante dos rastros dos cascos dianteiros; os criadores dizem que o andar do Kankrej é de 1 passo e um quarto." (Continúa na pág. 37)

1

Teste do vão livre: coloque uma bola de futebol, tamanho oficial no solo, em frente à sua camioneta. Passe por cima dela, como mostramos em nossa ilustração. A Kombi passa por este teste sem sequer tocar na bola. A Kombi possui um vão livre de 24 cm (o que lhe permite atravessar troços de lama ou areia sem qualquer dificuldade). Não tem caixa de diferencial saliente para prender no chão.



A sua atual camioneta

3

Teste de carregamento: v. pode carregar ou descarregar a sua camioneta quando está "imprensada" entre dois veículos? Com a Kombi é fácil fazê-lo, tanto pela ampla porta lateral como pela porta traseira. O carregamento e o descarregamento da Kombi Volkswagen pode ser feito diretamente do nível da calçada e, portanto, com muito menor esforço e em menos tempo.





2

Teste de espaço: v. pode levar 8 bozinhos em sua atual camioneta? Na Kombi isto não representa problema. A Kombi possui uma capacidade de carga líquida — sem motorista — de 810 quilos e espaço útil de 4,8 m³. Ela vem pronta para ser usada. Não há necessidade de fazer custosas adaptações de carroçarias especiais ou sequer toldos de longa duração: a mercadoria está sempre protegida da chuva, sol e poeira.

passa por estes testes?



4

Teste da economia: quanto lhe custa, por mês, a sua atual camioneta, em gasolina, óleo e manutenção? A Kombi faz, em média, 10,5 km por litro de gasolina. Construção simples e robusta da menos onerosa. Relatórios demonstram que a Kombi (sem se falar em seu preço de aquisição que é muito mais baixo), custa 50% menos em despesas de operação e manutenção do que uma camioneta do tipo pick-up.

Procure seu Revendedor Autorizado VW.
VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.
S. Bernardo do Campo — Est. de São Paulo.



CULTURA DO TRIGO

Adalberto Serra

As zonas tritícolas do País foram bem definidas ecológicamente pelo professor Azzi desde 1939. Contudo, informações obtidas no Atlas Climatológico do Brasil, de publicação recente, nos permitirão precisar com melhor detalhe aquelas regiões.

Desde logo, só caberá estudar o trigo de "Inverno", típico da zona tropical, e limitado com o de "primavera" pelas isotermas de — 6.º do mês mais frio ou — 12.º de média das mínimas, ambas muito além das nossas fronteiras. Como a gramínea em causa só pode ser cultivada entre as temperaturas anuais de 3.º e 20.º, a carta 52 do Atlas delimita uma área ao sul da isoterma 20º, abrangendo as serras e o planalto de Minas ou Estado do Rio, pequeno trecho central de São Paulo, e quasi todo o interior do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Não nos interessam os limites polares, definidos pela média anual de 3.º ou isoterma do 14.º mês mais quente, ambas fora do País. (fig. 1) caberá nova restrição pela temperatura de 20.º nos "dois meses antes da colheita", acima de cujo valor o trigo não produz satisfatoriamente. Como aquela operação ocorre em dezembro no Sul, marcáremos a citada isoterma pela carta 50 do Atlas, relativa a novembro, restando como faixa aproveitável o centro e serras do Rio Grande do Sul, quase toda a área de Santa Catarina, salvo o litoral, e o interior do Paraná.

Ao norte da latitude 24.º, onde os requisitos de chuva permitem o plantio mais cedo, a isoterma de 20.º poderá ser tomada em outubro pela carta 49, nesse caso abrangendo o sul de São Paulo e

as serras de Minas e Estado do Rio.

A zona que preenche as duas condições está asshurada na fig. 1.

Nova delimitação deve agora ser feita pela carta 104: Neia se constata uma chuva anual excessiva em toda a região tritícola (fig. 2), e que de muito ultrapassa o extremo de 750 mm (se o Nordeste fosse frio, seria uma zona ideal).

Na verdade, salvo pequena faixa em São Paulo abaixo de 1250 mm, praticamente toda a área recebe mais que este total, ficando assim a cultura muito sujeita a pragas. Além disso, como só o clima seco dá um cereal rico de azoto, o nosso grão será sempre pobre deste elemento, pois a chuva lava o solo, dele retirando o azoto que cabia á planta. Também o encharcamento dos tecidos produz um crescimento demasiado, grandes talos impedindo a circulação do ar e favorecendo o ataque por doenças. Assim, marcamos em ashura na fig. 2 as zonas mais secas, e em pequenos círculos as que preenchem os requisitos térmicos da fig. 1.

Quanto às demais áreas desta figura, a cultura, embora possível, estará longe de ótima, dado o excesso de precipitação.

Outras restrições ainda deverão ser feitas, tendo em vista novos fatores.

O gorgulho ou fuligem pode surgir quando na "germinação" a temperatura do solo permanece entre 15º e 22º. Tal praga não ocorre quando a referida temperatura está abaixo de 5º ou acima de 22º. Como só alguns dias transcorrem da sementeira a germinação, e a temperatura do solo no ou-

tono e inverno se compara a do ar, bastará para evitar o mal semear nos meses e zonas de temperatura acima de 22º ou então abaixo de 14º, em que a praga é menos provável.

Mesmo na faixa quente, será preciso que a temperatura do solo não ultrapasse 25º, quando o ataque de outra praga, "white ants" — (formiga branca) — pode ocorrer, vindo quase certamente em nível térmico além de 30º.

Torna-se claro, pelo exame das cartas 40 a 52, que o plantio no verão preencheria tais requisitos, com grandes áreas acima de 22º. As exigências de temperatura e chuva levam porém a sementeira para o período de abril a junho.

A carta 43 mostra que em abril todas as temperaturas ultrapassam 14º. Em maio (carta 44) só o plantio de Santa Catarina e Paraná está mais favorável, abaixo daquele nível (fig. 2).

A sementeira em junho (carta 45) já permite melhores condições em maior área: partes elevadas de Minas, Paraná, Santa Catarina e sul do Rio Grande, ou seja, na verdade, quase toda a zona ecológica.

Marcamos assim, na fig. 2, em pequenas cruzeiras a área menos sujeita á fuligem, mas contida nos limites da fig. 1. Quanto á praga "white ants", não será de temer.

Segundo a prática dos Estados Unidos, o inverno deve ser frio e seco; seco igualmente o mês que antecede de três outros a colheita.

A boa distribuição das chuvas exige que elas não ocorram 20 dias após a floração, mas que chova bastante na formação das cabeças.

Por serem muito vagos tais requisitos, melhor será seguirmos as indicações precisas do professor Azzi, que são as seguintes:

N.º	Fase	Chuva mensal		Temperatura média °C			M e s e s			
		Excesso	Falta	Excesso	Ótimo	Falta	A sul de 24.º		A norte de 24.º	
							Zona 1	Zona 2	Zona 3	Zona 4
1	Semeadura à germinação	200	50	20º	—	0º	Maio	Maio	Abril	Maio
2	Germinação ao fim do Perfilhamento	80	30	20º	8.º,5	7.º	Junho	Junho	Maio	Junho
3	Fim do Perfilhamento ao Espigamento	—	40	20º	—	8º	Julho	Julho	Junho	Julho
4	Espigamento à Maturação	60	15	24º	18	14º	Agosto	Agosto	Julho	Agosto
5	Colheita	Mín.	Mín.				Setem- bro	Setem- bro	Agosto	Setem- bro
							Outu- bro	Outu- bro	Julho	Agosto
							Novem- bro	Novem- bro	Agosto	Setem- bro
							Dezem- bro	Dezem- bro	Setem- bro	Outu- bro

Com base em tais limites cabe lembrar: a) que o plantio é feito ao sul do paralelo 24ºS de 15 de maio a 15 de junho, levando a cultura cerca de 150 a 200 dias, com a colheita em dezembro na zona 1, ou em outubro-novembro na faixa 2; b) que ao norte do paralelo 24ºS, e devido à maior temperatura, o plantio ocorre de 15 de maio a 15 de junho, levando a evolução 120 a 150 dias na zona 4, com colheita e montubro.

Planta-se porém de 15 de abril a 15 de maio, colhendo-se em outubro, na zona 3, mais fria.

A fig. 3 indica o zoneamento descrito, dela constando as quatro regiões principais e a faixa restante 5, decididamente imprópria.

Nessas condições, confeccionamos 8 grafias *ideais* de chuva de temperatura, que foram superpostas aos gráficos "reais" da variação mensal destes elementos em toda a rede meteorológica,

de Minas ao Rio Grande do Sul. Desde logo se verifica que as épocas de plantio não devem sofrer alteração, uma vez que o retardo, embora melhore as temperaturas agrava a seca, o oposto de verificando com a antecipação.

Desse trabalho resultaram as condições expressas nas figs. 4 e 5 respectivamente para chuva e temperatura, sob as convecções que seguem:

Fig. 4

- d — chuva deficiente
- d — chuva regular
- e — chuva excessiva: e₁ (no 4º período) e e₂₋₄ (nos 2º e 4º períodos) e e₄₋₂ (no 2º, e 1º e 2º excessos no 4º), finalmente e₋ (em todos os períodos).

Fig. 5 —

- O — Temperatura ótima: (fria).
- B — Temperatura boa: (normal).

M — Temperatura má: (quente).

Da superposição de ambas as figuras e levando em conta as anteriores, resultaram como ecologicamente mais recomendáveis para o trigo as áreas delimitadas na fig. 7.

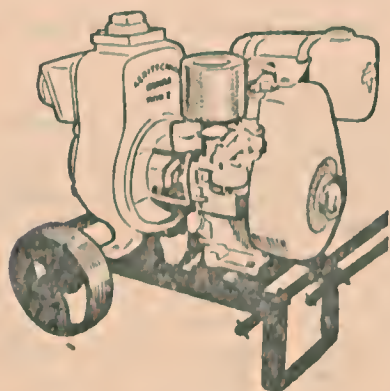
Resta finalmente o problema da ferrugem; para evitá-la, a zona não deve estar sujeita, no período de maturação da espiga, a calmaria, dias quentes e úmidos, ou noites quentes, sendo maior o perigo quando após a infecção houver frio, umidade e chuva.

Das cartas do Atlas extraímos isolinhas da frequência de calmas e dias quentes (outubro), de noites quentes (novembro) e as isolinhas de umidade (outubro), todas constando da fig. 6.

Conclui-se que toda a área tritícola é sujeita à praga, por nela dominarem os dias quentes; salvo em três pequenas zonas, das quais a

Como última novidade em nossa linha de produção de equipamentos hidráulicos, temos o prazer de apresentar

MOTO-BOMBA "Agritécnica" Modelo 2



De grande aceitação pela multiplicidade de operações a que ela se presta, é especialmente na lavoura onde encontra o seu principal campo de aplicação, seja para irrigação por infiltração, inundação ou aspersão (chuva artificial) em pequenas áreas. É também utilizada para o uso doméstico ou industrial, em abastecimento, lavagem de carro, irrigação de jardins e gramadas, alimentação e esvaziamento de piscinas ou qualquer finalidade em que se impenha o bombeio de águas limpas.

A Moto-Bomba "Agritécnica" Modelo 2, é centrífuga, auto-escorvante, com entrada e saída de 2". Capacidade de bombeio 20.000 litros por hora a altura de 15 metros. Motor a gasolina marca "CLINTON", com partida manual de 3 1/4 H.P., 3.600 r.p.m., 4 tempos, 1 cilindro, rolamento de esferas e tanque com capacidade de 3/4 de galão.

Assim senhor agricultor, se o seu problema é água, a Moto Bomba "Agritécnica" Modelo 2, dar-lhe-á a solução certa, pronta e econômica.



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Escritório: Av. Franklin Roosevelt, 126 - 2.º, S/201/2

NÚCLEO INDUSTRIAL

ESTRADA DA ILHA, 3.073 — CAMPO GRANDE — ESTADO DA GUANABARA

mais seca figura em tracejado no sul do Rio Grande, e as duas outras, já mais perigosas, em pequenos círculos. De qualquer modo, o ataque poderá ocorrer ou não, conforme as condições do ano.

Resumindo, parece-nos mais rendoso cultivar o trigo nas áreas ashuradas, constantes da fig. 8, cujas zonas em branco são menos recomendáveis.

Na fig. 8 estão delimitadas as zonas mais recomendáveis para a cultura, obtidas excluindo da fig. 7 as áreas de chuva excessiva ou deficiente em todos os períodos.

A melhor região é constituída pelos municípios de precipitação adequada, no sueste de São Paulo:

Avaré, Cerqueira César, Itaberá, Itai, Itaporanga, Manduri, Oleo, Pirajú, Santa Bárbara do Rio Pardo, Taquariluba.

Seguem-se, em condições ainda regulares, os de chuvas excessivas apenas no 4º

período, e localizadas em:

São Paulo: Apiaí, Burl, Guapiara, Itapeva, Parana-panema, Ribeirão Branco.

Paraná: Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Cerro Azul, Colombo, Piracura, São José dos Pinhais.

Santa Catarina: Bom Retiro, Itapopolis, Indaial, Ituporanga, Mafra, Rio do Sul, Rio Negrinho, Vidal Ramos.

Por último os de condições apenas razoáveis, pois a chuva é excessiva no 2º e 4º períodos:

Paraná: Almirante Tamandaré, Araucária, Campo Largo, Curitiba, Paulo Frontin, Rio Branco do Sul, São Mateus do Sul.

Santa Catarina: Canoinhas, Criciúma, Curitiba, Lajes, Lauro Müller, Orleans, Papanduva, Porto União, São Joaquim, Turvo, Urubici, Urussanga.

Rio Grande do Sul: Arroio Grande, Bagé, Bom Jesus, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Cauderária, Cangussu, Carazinho, Encruzilhada do Sul, Erechim, Herval, Ja-

guarão, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Pardo, Sarandi.

A fig. 9, seleciona dentre as regiões acima, as que oferecerem resistência natural às pragas, as aber:

Imune à ferrugem:

Rio Grande do Sul: Municípios de Bagé, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Encruzilhada do Sul, Herval, Pinheiro Machado, Piratini.

Imune à fuligem:

Paraná: Municípios de Almirante Tamandaré, Araucária, Campo Largo, Curitiba, Paulo Frontin, Rio Branco do Sul, São Mateus do Sul.

Santa Catarina: Canoinhas, Criciúma, Itapopolis, Lajes, Mafra, Papanduva, Porto União, Rio Negrinho, São Joaquim, Urubici.

Imune à fuligem e à ferrugem:

Rio Grande do Sul: Bom Jesus.

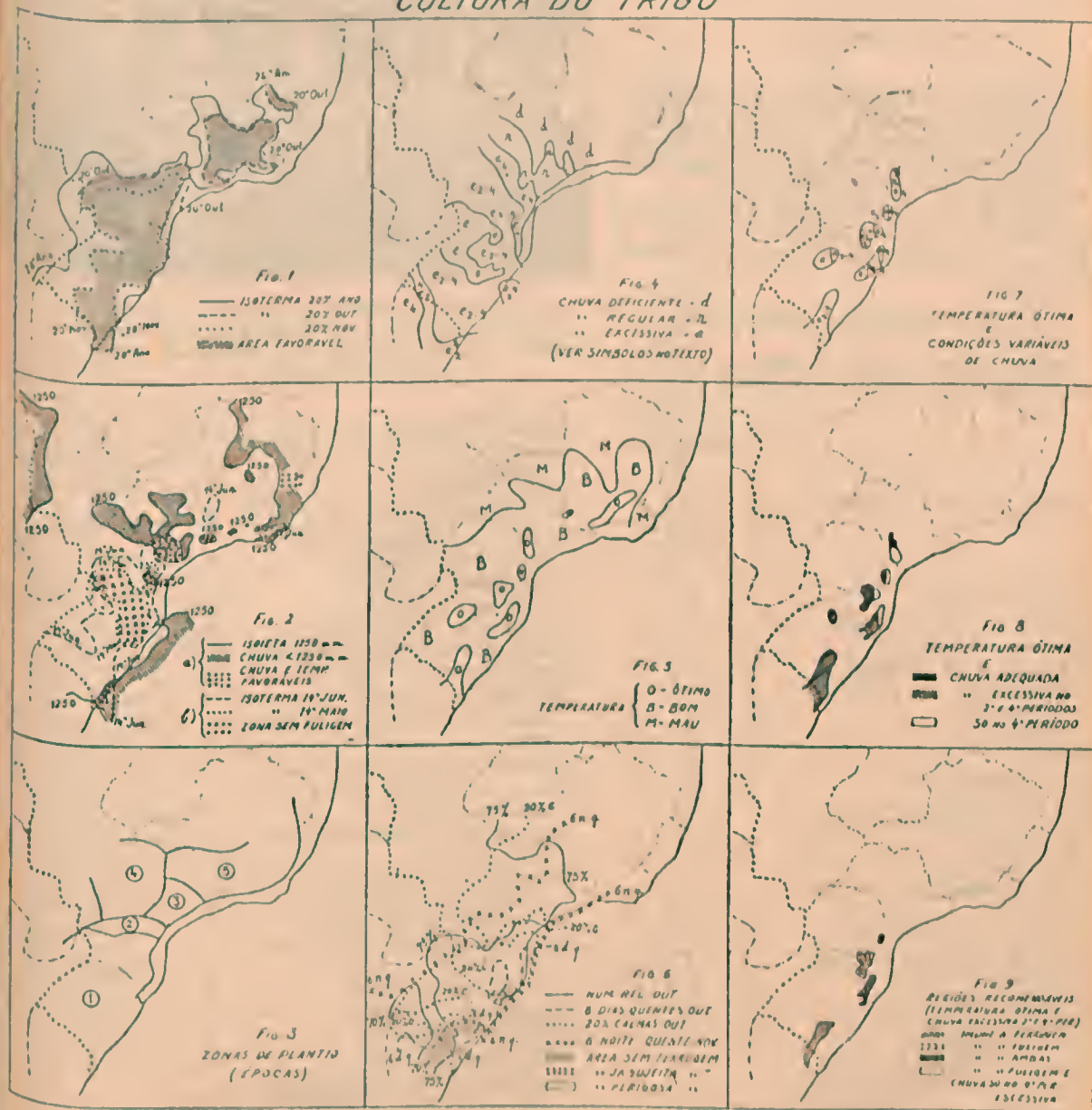
O plantio nas zonas acima selecionadas trará resultados compensadores, pois serão raros os anos de prejuízo. Além disso, constituindo fun-

bitat mais natural para o trigo nelas haverá menores problemas de degenerescência das sementes ou ataque de pragas. O emprego de

créditos ou capital se justificará mais naqueles municípios, que em outros não constantes da lista, onde a cultura, embora com resul-

tados esporadicamente bons não terá as condições de garantia que exige um programa de abastecimento permanente.

CULTURA DO TRIGO



(Continuação da pág. 31)
côr do macho, continua o Boletim citado, "é cinza prateada, cinza de aço e até preta; os quartos dianteiros, cupim e quartos traseiros são sempre mais escuros que o corpo. Os membros têm manchas pretas. A coroa dos cascos é sempre preta. A cor e as manchas são

sempre mais claras nas fêmeas que nos machos. Nesta raça a cor vermelha pode ocorrer. Os bezerros recém-nascidos têm o alto da cabeça vermelho ferrugem ou amarelado, mas esta cor desaparece entre os seis e nove meses de idade".

Como produtor de carne o Guzerá tem se distinguido

em todos os concursos realizados no Brasil devido à sua grande precocidade, fornecendo novilhos de corte de grande peso aos 33 meses. Vence 8 anos de "Feeding-Tests" em São Paulo.

Como produtor de leite é a única raça zebuina controlada oficialmente pela A.P.

(Conclusão na pág. 64)

Relatório das Atividades da Escola de Horticultura
"Wenceslão Bello" referente ao Ano Letivo de 1960

(Apresentado ao Presidente da SNA pelo Pro-
fessor Geraldo Goulart da Silveira, Diretor da
E.H.W.B.)

— (Continuação) —

Concluímos neste número a publicação do
relatório das atividades do ensino da Escola
de Horticultura Wenceslão Bello, mantida na
Penha, Estado da Guanabara, pela Sociedade
Nacional de Agricultura, desde 1898.

Trata-se de um trabalho que dá bem
uma idéia do muito que vem realizando o
referido estabelecimento de ensino agrícola
da S.N.A.:

CURSOS PRATICOS AGRICOLAS

Foi o seguinte o movimento de matricu-
las em cada Curso Prático Agrícola:

Cursos Práticos Agrícolas	N.º matriculas		
	Masc.	Fem.	Total
Botânica Agrícola	15	3	19
Alimentação de Pequenos Animais Domésticos	11	1	12
Organização de Pomares ..	31	2	33
Administração de Proprieda- des Rurais	21	—	21
Floricultura	11	3	14
Enxertia	35	3	38
Hortas Domésticas	12	3	15
Solos e Adubação	10	1	11
Máquinas de Defesa Sanitá- ria Vegetal	12	—	12
Criação de Porcos	17	—	17
Cultura de Solanáceas Horti- cícolas	23	7	35
Restauração de Pomares ..	19	2	21
Defesa de Recursos Naturais	13	1	14
Contabilidade Agrícola	10	—	10
Zoologia Agrícola	26	3	29
Multiplicação Vegetal	26	3	29
Solos e Adubação	11	1	12
Doenças e Pragas das Plan- tas de Hortas e Pomares	18	2	20
Organização de Pomares ..	10	—	10
Cultura de Citrus	21	2	23
Enxertia	16	1	17



Um detalhe do prédio da Escola de Horticul-
tura "Wenceslão Bello", mantida na Penha,
Estado da Guanabara pela Sociedade Nacio-
nal de Agricultura

Animais Noéivos	23	—	23
Organização de Sementeiras e Viveiros	10	1	11
Reflorestamento	10	—	10
Cooperativismo Rural	7	—	7
Cultura de Ralises e Tubér- culos Hortícolas	13	1	14
Contabilidade Agrícola	30	1	31
Insetícidas e Fungicidas ...	16	1	17
Combate às Ervas Daninhas	6	1	7
Cálculos e Medidas Agrárias	10	1	11
Conservação do Solo	21	2	23
Instalações Rurais	14	—	14
Cultura de Hortaliças Foliá- ceas	16	5	21
Cooperativismo Rural	18	3	21
Preparo e Plantio de Essên- cias Florestais	10	—	10
Cultura de Hortaliças de Ve- rão	12	1	13
Preparo e Aplicação de Inse- sticidas e Fungicidas ...	12	—	12
Contabilidade Agrícola	10	—	10
Administração de Proprieda- des Rurais	9	1	10
Cooperativismo Rural	8	—	8
Criação de Porcos	13	1	14
Criação de Abelhas	19	1	20
Conservação do Solo	10	1	11
Doenças e Pragas das Plan- tas de Hortas e Pomares	10	—	10
TOTAL	674	57	731

1897 — 1961

"A LAVOURA", 64 anos a serviço da
Agricultura do Brasil

Foi a seguinte a distribuição dos alunos matriculados de acordo com as respectivas profissões :

Profissões	Cursos da CBAR	Cursos do SSR	Cursos do ETA	Totais
Agentes de Prop. industrial	1	2	—	3
Motoristas	1	—	—	1
Serventes	7	4	1	12
Escrivães	7	7	—	14
Estudantes	187	125	8	320
Eletricistas	4	—	—	4
Vendedores	10	10	—	26
Militares	34	25	2	61
Bancários	14	10	1	25
Funcionários Públicos	12	14	1	27
Professoras	14	4	—	18
Desenhistas	7	5	—	12
Fazendeiros	—	1	—	1
Conferentes	4	4	—	8
Advogados	7	9	2	18
Funcionários Autárquicos	6	7	—	13
Comerciantes	123	123	123	123
Lavradores	20	21	3	44
Lavradores	1	1	—	2
Aux. Escritório	—	3	—	3
Aprendizes de Torneiro	—	1	—	1
Contabilista	—	2	—	2
Domésticas	4	5	—	9
Médicos	5	8	—	13
Artífices	3	1	—	4
Pracistas	1	—	—	1
Estoqueiros	2	—	—	2
Aseenssoristas	3	—	—	3
Assistentes Sociais	2	3	—	5
Oficiais Prop. Industrial	1	—	—	1
Topógrafo	1	1	—	2
Contadores	3	4	—	7
Fruticultores	3	2	—	5
Horticultores	1	1	—	2
Químicos	3	4	—	7
Econômicos	2	—	—	2
Aeronautas	4	2	1	7
Agricultores	3	1	—	4
Aux. Contabilidade	5	4	—	9
Industriais	1	2	1	4
Desenhistas de Máquinas	2	2	—	4
Dactilógrafos	5	1	1	7
Lustradores	1	—	—	1
Industriais	1	2	—	3
Lapidários	1	2	1	4
Avicultores	—	3	1	4
Economistas	—	5	—	5
Projetistas	—	1	—	1
	399	309	23	731

ADUBOS VIANNA

Fórmulas para todas as lavouras

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRICOLAS

Caixa Postal 3572 — Endereço Telefônico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO

De acordo com as idades, foi a seguinte a distribuição dos alunos:

Idades	N.º de alunos
10 a 20 anos	271
20 a 30 anos	195
30 a 40 anos	104
40 a 50 anos	119
Mais de 50 anos . . .	42
	731

Iniciado no dia 20 de novembro de 1960, terminou no dia 20 de março de 1961, o Curso Especial de Auxiliares de Comunidades Rurais no qual matricularam-se dezoito alunos.

Foram os seguintes os alunos matriculados:

Arnóbio Mota
Arl Ferreira da Silva
Boanerges Leobino de Albuquerque
Deraldo José Nascimento
Divino Ello da Mota
Dalciro Vilca Elras
Edson Fernandes Ramôa
Fernando Antonio Gulmarães
João Nunes Castello
Dedyr Pacheco Rollin
Linaldo Souza

a — Cursos ministrados pela CBAR

Número de alunos				
IDADES	1a. série	2a. série	3a. série	Total
10 a 20 anos	80	58	18	156
20 a 30 anos	45	50	13	108
30 a 40 anos	16	27	10	53
40 a 50 anos	20	27	10	57
mais de 50 anos	12	8	1	21

b — Cursos ministrados pelo SSR

Número de alunos				
IDADES	1a. série	2a. série	3a. série	Total
10 a 20 anos	484	29	30	107
20 a 30 anos	18	34	34	82
30 a 40 anos	8	15	23	46
40 a 50 anos	8	20	30	58
mais de 50 anos	7	3	10	20
	89	97	127	313

c — Curso ministrado pelo ETA

Idades	n.º de alunos
10 — 20 anos	3
20 — 30 anos	5
30 — 40 anos	5
40 — 50 anos	4
Mais de 50 anos	1

Moacyr Rozalém
Uellton Castelo Rodrigues
Waldir da Costa
Hiltho Francisco Curty
Pedro Gabriel de Campos
Demétrio Szusko
Aquiles Feletti
Augusto Roberto Vieira

De acordo com as profissões foi a seguinte a distribuição dos alunos matriculados:

Fruticultores	15
Funcionários Públicos . .	2
Técnicos Agrícolas	1
Técnicos Rurais	1

V — Curso Especial de Auxiliares de Comunidades Rurais

T O T A L

19

De acordo com as idades foi a seguinte a distribuição dos alunos:

Entre 17 e 20 anos	8 alunos
Entre 20 e 30 anos	9 "
Entre 30 e 35 anos	2 "

TOTAL 19 alunos

Foi o seguinte o resultado dos exames:

Número de alunos			
Matriculados	Submetidos a exame	Aprovados	Reprovados
19	6	5	1

Foram os seguintes os alunos aprovados:

Níltho Francisco Cury
Edson Fernandes Ramôa
Pedro Gabriel de Campos
Fernando Antônio Guimarães
Demétrio Szusko.

A contribuição do SSR e a dinamização da Escola

Graças à valiosa colaboração e cooperação do Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, foi possível à Sociedade Nacional de Agricultura, dinamizar a Escola de Horticultura Wenceslão Bello com:

- criação do Curso Prévio
- a ampliação dos Cursos Práticos Agrícolas
- o funcionamento dos Cursos Avulsos
- a criação de um Curso Especial
- o desenvolvimento dos Cursos Profissionais.

O Curso Prévio, cuja implantação só foi possível graças aos recursos concedidos pelo CR/Gb, constitui uma decorrência do que específica a cláusula segunda, Item I, do Acórdão entre o Conselho Regional do Estado da Guanabara e a Sociedade Nacional de Agricultura, e veio resolver dois problemas que sempre preocuparam a administração do tradicional estabelecimento.

- elevação do nível de preparo dos alunos dos Cursos Profissionais, com a matrícula, no 1.º ano, de candidatos mais capazes, preparados e selecionados no Curso Prévio, cujo objetivo é, justamente, consolidar os conhecimentos gerais, dos que concluíam, na zona rural, o curso primário;
- manutenção das atividades de ensino durante o ano, pois o Curso Prévio funciona, com esse fim, no período de férias dos Cursos Profissionais (20 de novembro de um ano a 20 de março do ano seguinte).

Os Cursos Práticos Agrícolas, que sempre tiveram grande aceitação no Estado da Guanabara, foram muito ampliados com a co-

VERMES ? OPILAÇÃO ?
PANVERMINA
GLOBULOS DE GELATINA (LÁPURGATIVOS)
Golpe certo
CONTRA TODOS os VERMES
LABORATORIO PANVERMINA
RUA SAMPAIO FERRAZ, 38-RIO

laboração do Serviço Social Rural, através de seu Conselho Regional.

Nos anos anteriores, apenas com a colaboração da Comissão Brasileira Educativa das Populações Rurais (CBAR, e do Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos (ETA), funcionavam na Escola de Horticultura Wenceslão Bello, em média, vinte (20) Cursos Práticos Agrícolas por ano.

Em 1959 (o acordo entre a SNA e o CR/Gb foi homologado pelo CN em setembro), e em 1960, foram realizados quarenta e cinco (45) cursos.

Os Cursos Práticos Agrícolas se destinam, principalmente àqueles que embora exercendo outras atividades desejam dedicar-se à lavoura e à pecuária, e procuram, através dos mesmos, adquirir os conhecimentos básicos para exercê-los com segurança e acerto, com grandes vantagens, portanto para a zona rural.

Os que passam pelos Cursos Práticos Agrícolas muito contribuem para a melhoria do padrão de trabalho na agricultura e na pecuária, com o seu exemplo de lavradores e criadores esclarecidos.

Entre os que frequentaram os Cursos Práticos Agrícolas houve uma predominância muito acentuada de estudantes de todos os níveis (primário, secundário, normal, e superior), militares, funcionários públicos, comerciantes e bancários entre cinquenta e oito (58) profissões dos matriculados nos referidos cursos no biênio 1959-1960.

A ampliação dos Cursos Práticos Agríco-

las foi uma decorrência da letra "b", do item I, da cláusula segunda, do referido acôrdo.

Os Cursos Avulsos foram, também, uma decorrência do que estipula a mesma letra e o mesmo item da cláusula segunda do referido acôrdo.

Tais cursos, um pouco mais amplo que os Cursos Práticos Agrícolas, (os avulsos têm a duração de 36 aulas e os Práticos Agrícolas, de 24 aulas), abrangem de um modo mais amplo, determinados assuntos (avicultura, apicultura, etc.), e, igualmente, vem despertando grande interesse, e encaminham para as lides agrícolas, pessoas esclarecidas e bem orientadas, capazes portanto, de exercerem a lavoura e a pecuária em bases racionais.

Pretende a direção do estabelecimento ampliar as atividades dos Cursos Avulsos, principalmente no setor da avicultura, graças à articulação da Escola com o Convento entre a Comissão Nacional de Avicultura e o Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara.

O Curso de Auxiliares de Comunidades Rurais foi uma decorrência do que estipula a letra "a", do item I, da cláusula segunda do acôrdo entre a SNA e o CR/Gb.

Só foi ministrado um curso em 1959, destinado aos diplomados pela Escola de Horticultura Wenceslão Bello.

Os Cursos Profissionais, que vinham sendo mantidos pela SNA, com grande esforço e colaboração do ETA tiveram novas perspectivas com a colaboração do CR-Gb, pois o acôrdo entre a SNA e o referido Conselho prevê, em sua letra "a", item I da cláusula segunda, a ampliação e o desenvolvimento dos mesmos.

Com uma maneira de um mais perfeito entrosamento entre o Associativismo Rural e o Serviço Social Rural, os candidatos à matrícula nos Cursos Profissionais da Escola de Horticultura Wenceslão Bello provenientes da zona rural do Estado da Guanabara, são encaminhados à Escola para efeito de seleção, por intermédio das Associações Rurais.

Com isso consegue-se:

- fortalecer o associativismo rural, dando uma posição de destaque à Associações Rurais, no encaminhamento dos jovens da zona rural para no estabelecimento de ensino profissional agrícola;
- fazer sentir ao rurícola a presença do Serviço Social Rural que procura, através do ensino profissional, orientar para as lides agrícolas, os filhos de lavradores.

Para o Curso Prévio, além do mesmo critério adotado para os Cursos Profissionais (encaminhamento de candidatos através das Associações Rurais), tem a Escola adotado também um outro critério.

Trata-se de uma articulação com o Distrito de Educação Rural que recebe, por iniciativa do CR-Gb um determinado número de bolsas (12 bolsas para 1961), destinadas à alunos que tenham feito o curso primário em escola rural e, quando estudantes, tenham sido sócios de Clubes Agrícolas, prestigiando assim:

UM FILTRO AFAMADO NO MUNDO INTEIRO

Água rigorosamente pura



Com 2, 3 e 4 velas

Fabricadas pelo

Processo Esterilizante

S E N U N

Informações: FABRICA — Rua Figueira, 237

- o ensino primário rural
- o movimento dos Clubes Agrícolas Escolares.

VII — A colaboração do ETA e o desenvolvimento das atividades da Escola

Não só valiosos tem sido o auxílio do Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos para a manutenção dos Cursos Profissionais e Cursos Práticos Agrícolas — desde 1957 —, como também inestimável tem sido o seu auxílio sob os pontos de vista de:

- colaboração técnica, através de técnicos brasileiros e americanos que, por intermédio do Projeto 38, tem ajudado a Escola a resolver os seus problemas;
- equipamento da Escola com material importado pelo ETA e posto à disposição da mesma através do Projeto 38.

Graças ao equipamento cedido pelo Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos, foi possível à Escola:

- introduzir técnicas modernas de trabalho através o concurso da irrigação por aspersão e pela mecanização dos trabalhos hoteícolas;
- melhorar o padrão de ensino com o concurso de material audio-visual;
- realizar serviços cinematográficos para alunos e pessoas interessadas, com a exibição de filmes técnicos sobre agricultura, pecuária e economia doméstica, defesa de recursos naturais, silvicultura, etc. (colaboram, nesse sentido, a Embaixada dos Estados Unidos e do Canadá.

VIII — A contribuição da CBAR

Desde 1954 vem a CBAR colaborando com a Escola de Horticultura Wenceslão Bello, auxiliando:

- a manutenção dos Cursos Profissionais, através de recursos para a ajuda da aquisição de gêneros alimentícios e de material escolar;
- a realização de Cursos Práticos Agrícolas, que sempre tiveram grande aceitação.

A CBAR (Comissão Brasileira Educativa das Populações Rurais) continuou mantendo, assim, na Escola de Horticultura Wenceslão Bello, o que até 1954 vinha sendo feito pela Fundação Getúlio Vargas, através do seu Departamento de Ensino.

Além, releva salientar que atuação maior da CBAR tem sido, desde o início, principalmente no sentido da realização dos Cursos Práticos Agrícolas, já tradicionalmente conhecidos no Estado da Guanabara.

IX — Considerações finais

Face o exposto, não exige meditação concluir-se o quanto valioso tem sido para a Escola de Horticultura Wenceslão Bello, o regime de convênio entre a Sociedade Nacional de Agricultura e outras entidades como o Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, o Escritório Técnico

de Agricultura Brasil-Estados Unidos e a Comissão Brasileira de Assistência às Populações Rurais. Graças aos referidos convênios (Projeto 38, ETA/SNA; Projeto CBAR, P-23 e acordo CR/Gb-SNA), foi possível dinamizar-se o estabelecimento do ensino que desde 1898 a Sociedade Nacional de Agricultura com idealismo e grande soma de esforço e boa vontade mantém, na Penha, Estado da Guanabara, com a ampliação e desenvolvimento dos cursos existentes (Cursos Profissionais e Cursos Práticos Agrícolas) e a criação de outros cursos (Cursos avulsos, Curso Prévio e Cursos Especiais).

Em 1961, por exemplo, será reaberto no referido estabelecimento de ensino agrícola o primeiro Curso de Monitores de Associativismo Rural, visando capacitar pessoas para o trabalho de dinamização das Associações Rurais do Estado, consequência do acordo com o CR-Gb e será introduzido no currículo da Escola a disciplina "Trabalho em Oficina" consequência do Projeto 38, ETA-SNA.

Releva salientar ainda que a Escola de Horticultura "Wenceslão Bello", mantém, permanentemente, uma assistência técnica aos lavradores do sertão Carioca, atendendo-os sempre com solicitude, em sua sede e fornecendo-lhes as necessárias instruções e esclarecimentos para a solução de seus problemas.

Geraldo Goulart da Silveira

Diretor da E.H.W.B.



MÁQUINAS AGRÍCOLAS

- MOINHOS DESINTEGRADORES A MARTELOS
- MISTURADORES DE CARGA SUBTERRÂNEA
- PICADEIRAS DE FORRAGEM
- ARADOS E GRADES DE TRACÇÃO MECÂNICA
- ROÇADEIRAS DE PASTO
- PLAINAS TERRACEADORAS
- CARRETAS AGRÍCOLAS DE TODOS OS TIPOS
- DISTRIBUIDORES DE CALCAREO
- IMPLEMENTOS DE TRACÇÃO ANIMAL, EM GERAL

PRONTA ENTREGA ASSISTÊNCIA MECÂNICA

THELA COMERCIAL S. A.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

Rua Mayrink Veiga, 31 - C. Postal 8466
Estado da Guanabara

MATRIZ

Av. Duque de Caxias, 133 - 153
São Paulo - S.P.

Extensão das Leis Trabalhistas ao Campo

PARECER DA ASSESSORIA JURÍDICA DA FARESP

Para conhecimento da classe, a seguir damos, na íntegra, a exposição da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo ao Sr. Presidente do Senado Federal, a respeito do momentoso assunto enviado no projeto n.º 1837-D/60, da Câmara dos Senhores Deputados.

"Em nome da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo, temos a honra de encaminhar a Vossa Excelência, com a presente representação, uma série de pareceres de nossa Assessoria Jurídica a respeito do projeto de lei da Câmara dos Deputados n.º 1.937-D/60, sobre a extensão das leis trabalhistas ao meio rural, que acaba de dar entrada nessa Ilustre Casa do Congresso Nacional, bem como um esboço de substitutivo ao projeto n.º 1.938/56 do deputado Lourival de Almeida, enviado à Câmara dos Deputados em 1957.

Tendo em vista que os estudos e o substitutivo anexos representam uma contribuição objetiva, esta Federação solicita ao Egrégio Senado que a tome em consideração, antes de decidir a respeito do aludido projeto da Câmara.

Esperando que o magno assunto versado por este projeto não seja discutido em regime de urgência na segunda fase de sua tramitação, esta entidade pede vênia para apresentar os motivos pelos quais não pode aplaudir o aludido documento, sugerindo substituí-lo por uma proposição humana e prudente, coerente e equânime.

Os problemas jurídicos gerados pelo trabalho rural são mais complexos do que os manifestos no trabalho urbano. Enquanto na cidade predomina a relação de emprego, na roça o empregado é excecção. Por isso, no meio urbano prevalece o contrato de trabalho, enquanto no mundo agrário preferem-se as avenças de produção. O operário citadino, deseja o

emprego por sentir nele uma garantia de subsistência, um encosto, um abrigo, um agasalho contra as vicissitudes da vida. No meio roçeiro trabalha-se, ao contrário, visando o risco da produção, na esperança de obter resultados máximos. Diante desta diversidade de conceitualização do labor de cada um, pecará lastimavelmente uma legislação que enfrente as preferências do trabalhador, transformando os contratos de produção em relações de emprego. O homem do campo geralmente não gosta de ficar à disposição de outrem, senão quando despidido de ousadia ou de capacidade para produzir. É irresistível, para a maioria camponesa, o desejo de agir por conta própria, seja arrendando um imóvel onde possa atuar à vontade, seja empreitando um serviço em cuja execução não esteja sujeito à disciplina do dono, seja ajustando uma parceria, a fim de colocar-se como sócio do proprietário em posição de dono também. Eterno cavaleiro da esperança, ele contrata à base de sua capacidade de trabalho. Não lhe interessa precipuamente a regularidade do ordenado, como não lhe apraz a sujeição a uma vontade que frequentemente não coincide com a sua. Na ignorância desse aspecto psicológico do trabalho na roça, e observando os abusos que às vezes se praticam na contratação, na execução e na liquidação desses tipos de contrato, — busca-se dar-lhes o característico da relação de emprego, com a intenção de amparar o contratante sem terra. Mas o remédio contra tais abusos não consiste em conferir ao protegido direitos que não se relacionam com seu objetivo e obrigações que ele

detesta, por infensas a sua liberdade de contratar, que é sem dúvida estímulo indispensável à produção. Em nosso regime, é crime estrangular por essa forma a livre iniciativa.

O que cumpre é colir os abusos porventura constatados, por via de disposições que não contrariem essa liberdade e não ffram a natureza de cada contrato. Assim o fez a Consolidação das Leis do Trabalho, regulamentando a relação de emprego por via de legislação específica. Estende-se agora ao contrato de trabalho rural o amparo dessa legislação, com o cuidado de não ferir os interesses legítimos das partes. A esse respeito, os problemas mais difíceis de solucionar são os que concernem à aposentadoria, à invalidez permanente ou temporária, total ou parcial. Devem essas dificuldades ser solucionadas em seguida, por via de lei especial.

Quanto aos contratos de produção, regimes pelo Código Civil, não há razão para que sejam desnaturados, bastando que se tomem oportunamente medidas legislativas criteriosas, com o fim de prevenir abusos de qualquer dos contratantes.

O que não é possível admitir sem protesto é a orientação desastrosa que o projeto da Câmara pretende dar ao problema, condenando em uma só peça legislativa disposições concernentes aos mais diversos aspectos do trabalho e da produção, bem como a setores jurídicos diversos. O resultado dessa falta de orientação técnica é a salda indigesta que o projeto representa, constituindo, por isso, grave ameaça a nossa precária economia rural.

Aproveitamos a oportunidade para renovar a Vossa Excelência nossos protestos de elevada estima e consideração.

a) Clóvis de Salles Santos
Presidente

ASSOCIATIVISMO RURAL

Clube de Engenharia de Alagoas

Foi eleita e empossada a seguinte diretoria:

Presidente: Manoel Faria Filho

Vice-Presidente: José Clóvis de Andrade

1.º Secretário: Fernando Cardoso Gama

2.º Secretário: Vinícius Maia Nobre

1.º Tesoureiro: Amadeu Martins

2.º Tesoureiro: Carlos Reinaldo Mendes Gama

I Curso de Auxiliares de Associativismo

Realizou-se em S. José, Estado de Santa Catarina, no período de 20 de fevereiro à 18 de março, o I Curso de Auxiliares de Associativismo.

Associação Rural de Fernandópolis

A Sociedade Nacional de Agricultura vem recebendo regularmente o "Boletim Informativo" da Associação Rural de Fernandópolis.

Centro Social "Coronel Pedro Osório"

Foi eleito presidente do Centro Social Coronel Pedro Osório, da Escola Agrotécnica Visconde de Pirajá, o Sr. José Inácio Pedro Silva.

Associação Rural de Alagoas

É a seguinte a atual diretoria da Associação Rural de Alagoas:

Presidente: Manoel

Taveira Barbosa

Vice-Presidente: José

Osmar P. de Castro

1.º Secretário: Samuel de Vilhena Valadão

2.º " : Zeuzis Barbosa Videira

1.º Tesoureiro: Guaracy Engel Videira

2.º " : Augusto Tavares de Souza

Federação das Associações Rurais de Pernambuco

Foi eleito para presidir os destinos da Federação das Associações Rurais do Estado

de Pernambuco o ruralista Arnaldo Peixoto de Oliveira.

Associação Rural do Vale do Rio Grande

Foi eleito presidente da

Associação Rural do Vale do Rio Grande, em Barreto, Estado de São Paulo, o pecuarista Lourival Ribeiro de Mendonça.

Associação Rural de Santa Vitória do Palmar

Foi eleito presidente da Associação Rural de Santa Vitória do Palmar, o ruralista Dr. Flór Amaral.



MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Molibdeno
Níquel
Zinco

RM - 2

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Enxofre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Níquel
Zinco

Para: Aves — Suínos —
Caninos — Carní-
voros em geral.

Para: Bovinos — Equinos
Ovinos — Capri-
nos — Ruminantes
em geral.

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos.

"não fique em dúvida; consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534-2, RIO DE JANEIRO, D. F.

CR DO SERVIÇO SOCIAL RURAL DA GUANABARA

Ao Senhor Presidente do Conselho Nacional do SSR, o Sr. Kurt Repsold, Vice-Presidente do SNA, Presidente do Conselho Regional da Autarquia na Guanabara, apresentou relatório das suas atividades em 1960, do qual relatamos a respectiva introdução, que se segue:

"No início do ano de 1960, este Conselho Regional, fazendo, em largos traços o levantamento da situação sócio-econômica do Estado da Guanabara, visualizou um panorama em que muitos órgãos federais e estaduais, instalados para prestar serviços à comunidade rural, não atendiam às suas finalidades, por motivos, os mais diversos e, principalmente, porque a morosidade burocrática e o empenhamento das verbas anulavam a eficiência e a operosidade dos mais dignos servidores da União e do Estado.

Essa situação, já insustentável para os quadros administrativos e insuportável para aqueles aos quais os serviços públicos são destinados, estava a exigir remédio vigoroso e este Conselho Regional, providencialmente, dele dispunha condensado no artigo terceiro da lei 2.613, criadora do SSR e cujos itens estabelecem:

- I — a prestação de serviços sociais no meio rural, visando a melhoria das condições de vida e da sua população no que concerne:
 - a) à alimentação, ao vestuário e à habitação;
 - b) à saúde, à educação e à assistência sanitária;
 - c) ao incentivo à atividade produtiva e a quaisquer empreendimentos de molde a valorizar o rústico e a fixá-lo à terra.
- II — promover a aprendizagem e o aperfeiçoamento das técnicas de trabalho adequadas ao meio rural;
- III — fomentar no meio rural a economia das pequenas propriedades e as atividades domésticas;
- IV — incentivar a criação de comunidades, cooperativas ou associações rurais;
- V — realizar inquéritos e estudos para conhecimentos e divulgação das necessidades sociais e econômicas do homem no campo.

Atendendo às diretrizes deste artigo básico de todo o trabalho desta Autarquia, foi possível a este Conselho ir ao encontro de várias instituições e serviços públicos, na comunidade rural da guanabarina, procurando conhecer os seus problemas e oferecendo-lhes os recursos humanos e financeiros capazes de dinamizá-los para efetivação plena de seus objetivos, quaisquer fossem os seus setores: trabalhos, saúde, higiene, motomecanização dos trabalhos da lavoura, recuperação de solos, problemas de produtividade, seleção de sementes, fitossanitarismo, zootecnia, extensão agrícola, associativismo, cooperativismo, clubismo escolar, e tantos outros.

Estava este Conselho diante de uma realidade sócio-econômica, configurada em aspectos tão chocantes, que as medidas a longo prazo, e as divagações filosóficas, além de uma ambiência de

deserédito capaz de, ao final, comprometer os mais dedicados e bem intencionados que se deixassem enlelar por inexequíveis filosofias, importadas de países cujo panorama social é gritantemente, diferente do nosso.

Os problemas do Estado da Guanabara são aspectos vivos de uma situação, a exigir soluções peculiares que nada têm a ver com os problemas de outros Estados, a não ser naquilo que a generalidade permite saúde, educação, economia — mas não, em números à parte, que a Estatística logo reclama, em números à parte, fundamente particularizando o perfil social da comunidade e, afastando, como inúteis, as medidas gerais, simplistas, pré-fabricadas.

Os nossos problemas regionais clamam por soluções próprias, consentâneas com a sua dinâmica social. Só os que vivem no epicentro das condições ecológicas e geográficas de uma região, estão em condições de propor e conduzir qualquer solução de ordem social, inseparável da ordem econômica, quer queiram, quer não, os teóricos.

Este Conselho sempre entendeu que a ação do Serviço Social Rural não deve ser limitada, senão pelas lindes da própria lei não há, praticamente, atividades que lhe sejam específicas e outras que lhe sejam proibidas. Foi sempre ponto de vista sustentado por este Colegiado que o SSR tem, sim, uma área específica — a comunidade rural, e, tudo o que a ela se refira é objeto de ação de Autarquia.

Coordenando, supervisionando, dinamizando esforços de Ministérios, de Secretarias, de entidade, de grupos, de indivíduos, o SSR tem função social total na transmissão da herança cultural, na melhoria da produtividade, no aproveitamento das riquezas naturais, na criação de um novo padrão de vida, enfim, o que, em resumo, é a humanização do próprio homem.

O Serviço Social Rural, como este Conselho o entende, não é somente um órgão

a mais na vida administrativa catalizador de todos os órtiva brasileira; é o agente gãos para dar-lhes mais vitalidades, mais pujança, suprimindo possíveis lacunas e vencendo naturais obstáculos.

Assim o entendemos, porque a experiência nos tem ensinado que a burocracia cria obstáculos quase intransponíveis à liberação de verbas no momento em que elas são úteis, provocando, desse modo, a descontinuidade dos trabalhos, o descontentamento público, a crítica infundada, a injustiça a administradores angustiados e sem estímulo para o trabalho que tanto desejariam realizar.

Foi considerando este drama até agora sem solução que este Conselho orientou os seus trabalhos, em 1960, no sentido de dinamizar as atividades já existentes na vida rural carioca, tornando-se assim conhecido, através de outras instituições idôneas e respeitáveis. Esse critério tomou novo vigor quando, em maio de 1960, o Egrégio Conselho Nacional

houve por bem aprovar a Resolução n.º 250, que substancia uma política palpante, condizendo plenamente com os problemas concretos que se nos depa-ram, Brasil a dentro, e que o teorismo só, não conseguiria solucionar. A população rural brasileira brada por medidas práticas que se traduzem por palavras simples que os manuais de filosofia não registram, a não ser por acaso: *pão, escola, remédio, habitação.*

Foi pensando nestas palavras banais mas de funda repercussão na realidade rural carioca, que o Conselho Regional da Guanabara organizou o seu Plano de Trabalho para 1960, acreditando mais do que nunca, que Merdã estava divinamente inspirado quando em seu livro — "Uma Economia Internacional" — escreveu com as letras de fogo da verdade:

"O futuro não é uma fatalidade; está entregue à nossa responsabilidade"

É dessa responsabilidade que daqui por diante, passamos a dar contas a esse

Conselho, a cujo espírito de alta compreensão devemos a aprovação dos acordos propostos e, consequentemente, da linha de conduta que este Conselho Regional se traçou.

Em ofício de 26 de abril, o Dr. Osvaldo de Souza Martins, Presidente do Conselho Nacional do SSR enviou ao Dr. Kust Itapsold o parecer daquele conselho a respeito, concebido nos seguintes termos:

Em atenção aos termos do Ofício CR/GB 086/61, encaminhando Relatório Geral das atividades desse Conselho, durante o ano de 1960, comunico que o Conselho Nacional, aprovando, por unanimidade, parecer do Conselheiro Manuel Diêgues Júnior, decidiu fosse enviado um voto de congratulações a V. Sa. pelo bom êxito de sua gestão em 1960, o que ora faço com o maior prazer.

Valho-me do ensejo para reiterar a V. Sa. protestos de elevada estima e distinta consideração.

MOVEIS KASTRUP

Poltronas para Cinemas

Moveis para escritórios

Moveis escolares

Moveis Residenciais

RIO

NITERÓI

Av. Franklin Roosevelt, 146-B
Tel. 52-2070

Rua José Clemente, 23/25
Tel. 5331

CR do Serviço Social Rural da Guanabara

Está em vigor um Acôrdo com a Campanha Nacional de Educação Rural, dêle partilhando, também a Sociedade Nacional de Agricultura.

A Campanha Nacional de Educação Rural, que foi criada em 1952, através do Departamento Nacional de Educação, originou-se do propósito de se desenvolver, no Brasil, um programa de trabalho e experiências relativos à Fundação Rural.

As suas equipes de trabalho, norteiam-se pelo senso de atenuar as diferenças sócio-econômica que o surto industrial acentua entre a população urbana e rural.

A Campanha Nacional de Educação Rural dispõe-se, assim, a apressar o ritmo da evolução do homem rural, despertando o seu espírito comunitário, inculcandolhe o espírito de responsabilidade, a confiança em si mesmo, abrindo-lhe possibilidades de novos trabalhos, com a aprendizagem de novas técnicas, novas atitudes mentais nascidas do conhecimento do seu próprio valor como ser humano.

Enfim, a CNER faz a Educação de Base, tal como a definem os Educadores Modernos, tal como a UNESCO a conceitua.

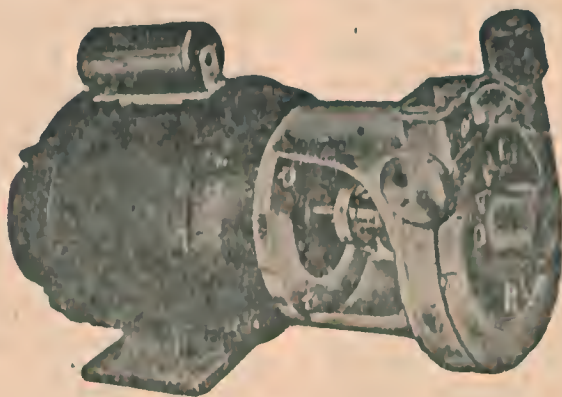
Este Conselho, tomando conhecimento dos trabalhos que a CNER mantém em todo o Brasil — todos eles ligados aos problemas sócio-econômicos da comunidade, não teve dúvidas em reconhecer que as suas afinidades com o Serviço Social Rural são totais e irrefutáveis.

E, dentre os trabalhos que a CNER realiza em todo o Brasil, êsse Conselho fixou-se em dois — o centro de Treinamento de Cooperativismo Agrícola e o Centro Audio-Visual; aquele, educando os jovens rurais, dentro do regime cooperativista, inculcandolhes o amor à terra e o interesse pela vida rural, pela exploração racional dos recursos naturais, produção de material educativo e difusão de novos métodos e técnicas de comunicação.

BOMBAS HIDRÁULICAS

DANCOR

INDÚSTRIA BRASILEIRA



CENTRÍFUGAS

- Com motores elétricos
monofásicos de 1 H.P.
trifásicos de 0,75 a 11 H.P.
- Com motores a gasolina
auto-aspirante de 1, 1/4 H.P.
alta pressão de 1, 1/2 a 5, 1/2 H.P.

A VENDA NAS BOAS CASAS

Fabricadas e garantidas pela

DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECÂNICA

Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "DancoR" — Rio de Janeiro

Para instalação e funcionamento desses dois Centros no Estado da Guanabara, foi a minuta do acôrdo preparada por um grupo do trabalho da Divisão Técnica do DTA e encaminhada à consideração do Conselho Nacional, em 6-10-60.

Naquela minuta, as finalidades desses dois centros estão assim discriminadas:

O Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola treinará os filhos de agricultores, sob regime cooperativo em técnicas agropecuárias, para exploração econômica e racional das propriedades de seus pais. O Centro Audio-Visual, difundirá as técnicas de comunicação áudio-visual, através da realização de cursos de treinamento para pro-

fessores rurais, agrônomos, veterinários e outros que, atuam no meio rural; produzirá auxílios áudio-visuais: cartazes, gravações, diafilmes, fotografias, impressos, programas de rádio, etc., para atender aos programas de ação do Conselho Regional da Guanabara; supervisionará e assistirá as comunidades onde estão sendo utilizados os auxílios áudio-visuais; avaliará os meios de comunicação utilizados, acompanhando o desenvolvimento do emprego desses meios e resultados obtidos. Este acôrdo se encontra em execução, estando já funcionando os dois Centros nele previstos.

PORTARIA N.º 545, DE 5 DE JULHO DE 1961

PUBLICADA NO D. O. DE 15-7-1961

O MINISTRO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA, tendo em vista a "Reunião de Técnicos" organizada pelo D.N.P.A., realizada em 31-5-61, e parecer do Diretor Geral do D.N.P.A. constante do ofício n.º 290, de 15-6-1961, o considerando que:

a) Há controvérsias sobre o emprego e consequências da aplicação de hormônios visando o aumento de peso de animais destinados ao abate;

b) Não há comprovação definitiva que assegure a absoluta inocuidade quanto ao emprego dessas substâncias, quando aplicadas sem o devido controle;

c) O consumo de carnes e produtos derivados provenientes de animais submetidos ao processo em apreço pode oferecer riscos à saúde pública;

d) O emprego de outros processos existentes, zootécnicos e econômicos — higiênico-sanitários e de nutrição, possibilitam a obtenção de rendimento em peso dos animais de matadouro, cujas carnes, quando consumidas, seguramente, não trazem consequências à saúde humana;

e) Vários países já legislaram e adotaram medidas restritivas à utilização de hormônios estrogênicos, para fins de ganho de peso, pela neutralização sexual ou aceleração de crescimento, pelo perigo que tais processos podem trazer ao consumidor;

f) É da competência governamental zelar pela saúde pública, adotar normas visando a nacionalização da indústria pastoril, e ainda, determinar medidas que possibilitem a expansão do comércio exportador de produtos de origem animal, tendo-se em vista medidas proibitivas à importação de carnes e derivados, provenientes de animais submetidos ao emprego de hormônios;

RESOLVE, proibir, em todo o Território Nacional, até

ulterior deliberação, o emprego de hormônios, naturais ou sintéticos, para fins de aceleração de crescimento, aumento de peso ou de neutralização sexual de animais de abate;

Determinando ao D.N.P.A., "ex-vi" dos artigos 55 e 58 do Decreto n.º 2.500, de 16-3-38, modificado pelo de

n.º 3.100, de 22-9-38, baixar instruções, no sentido de a D.D.S.A. não efetuar o registro, e mandar rever as autorizações provisórias, já existentes, para quaisquer produtos hormonais, destinados aos fins em causa bem como, oferecer elementos à D.I.P.O.A. para os fins de expedição de certificados negativos de emprego de hormônios na preparação de carnes, quer para fins de consumo no País, quer para fins de exportação.

ass. — ROMERO COSTA

ABIL AGRO COMERCIAL LTDA.

Casa fundada em 1940

Rua Buenos Aires, 87 Loja - Tel. 52-7527 - Caixa Postal 5222
RIO DE JANEIRO

Uma organização completa à sua disposição

A. B. I. L.

PASSAROS — Exposição permanente de pássaros Nacionais e Estrangeiros e todo o material necessário aos mesmos.

PEIXES — A maior organização no Estado da Guanabara de peixes ornamentais, plantas aquáticas, grandes e variado estoque de material para este fim.

PLANTAS — Plantas ornamentais e enxertos de plantas frutíferas.

SEMENTES — Sementes de flores, hortaliças dos melhores produtores estrangeiros, variedades de bulbos e de sementes de capim para pasto.

ADUBOS — Adubos Nacionais e Estrangeiros para todos os fins.

INSETICIDAS — Inseticidas para lavoura, Pecuária e outros fins.

FERRAMENTAS — Ferramentas para jardinagem e Lavoura, bem como máquinas para cortar grama, manual e elétricas, Lança Chamas Americano, Pulverizadores dos melhores fabricantes e para todos os fins.

VETERINARIA — Produtos veterinários dos melhores laboratórios, Seringas Nacionais e Estrangeiras e Ferramentas veterinárias.

APICULTURA — Todo e qualquer material para apicultura.

PESCA — Sortimento completo de material para pesca, Nacional e Estrangeiro, Molinetes, Canções, Anzóis e grande sortimento de linhas de nylon.

LAVOURA E PECUARIA — Variado sortimento de produtos destinados à lavoura e pecuária.

Tubos de borracha e plásticos.

Todos esses artigos são encontrados na

A. B. I. L.

RUA BUENOS AIRES, 87 LOJA - EST. DA GUANABARA

SERVIÇO SOCIAL RURAL

PROGRAMA DE TRABALHO

O Dr. Oswaldo de Souza Martins, Presidente do Conselho Nacional do Serviço Social Rural, apresentou ao referido Conselho a seguinte exposição:

"Vamos expor ao Conselho as conclusões a que chegamos, produto de observações e de estudos, para propormos, em seguida, uma ordenação de idéias que possam embasar um plano de ação de desenvolvimento de comunidades rurais que seja, a um tempo, simples, objetivo, exequível, fundado em princípios científicos, com base cultural e que se case, particularmente, com a realidade social brasileira, no que tange ao seu extenso setor agrário.

Vamos, a nosso ver, deixar de contemplar a realidade agrária brasileira, tentando abordá-la não trato específico e prudente de seus problemas mais pungentes. Tal missão não pode deixar de ser desempenhada com prudência, que não afasta a coragem nem o desassombro de atitude, desde que aferida como necessária às conveniências nacionais.

Em princípio, nada pretendemos alterar do que está firmado pelo consenso unânime, inclusive por nossa D. T., conservando-se por inteiro a inteligência do que se convencionou chamar a "Filosofia do Serviço Social Rural". Contudo, pretendemos organizar uma estrutura de ordem nacional em que o trato dos problemas ofereça continuidade de abordagem, com equivalência de resultados.

Este Serviço conta com arrecadação de fundos e também possui uma estrutura administrativa. Em que pesem as modificações desejáveis quanto à estrutura administrativa, o que é certo é que, boa ou má, existe. A distribuição dos recursos contempla o Conselho Nacional com 20%, aos Conselhos Regionais com igual percentagem e

às Juntas Municipais com 60%. Vale dizer: que dada a autonomia dos CC.RR. e das JJ.MM. na aplicação de seus recursos, embora ao Conselho Nacional cabia lhes aprovar o plano de trabalho, disso se deve esperar que aqueles órgãos ofereçam planejamentos, ora de feição municipal, ora de feição estadual. Mas a alta conveniência do país só pode ser a decorrência de um plano nacional de execução, onde o aspecto global do magno problema seja tratado com a amplitude necessária.

As aplicações do Conselho Nacional têm-se limitado ao exercício de convênios com entidades públicas ou privadas, todas de boa intenção e profícuo trabalho, sem contudo perder características locais e tantas vezes, na afã de fazer, perdendo o rigor daquelas diretrizes e bases que nos impusera o Congresso de Fortaleza, hoje plasmadas com o concurso de cientistas nacionais e estrangeiros de grande porte, de molde a constituir a já lembrada "Filosofia do Serviço Social Rural".

Em resumo: cabe nos afirmar que o programa, que ora objetivamos organizar, destina-se à aplicação dos fundos do Conselho Nacional, com a total preservação das verbas destinadas aos Conselhos Regionais e às Juntas Municipais.

Nosso programa objetiva promover, com base eminentemente educacional, com inspiração científica aplicada à realidade social brasileira, o desenvolvimento das comunidades rurais.

Esse pressuposto compreende, preliminarmente, uma

série de considerações, de cujo mérito devem decorrer providências resultantes e necessárias, diante da realidade brasileira.

PLANO GLOBAL

O plano, com as proporções a que nos propomos, não pode deixar de contemplar toda a realidade do mundo agrário brasileiro, em extensão nacional, com visão global.

Desenvolvimento de comunidades, como resultante de sua formulação e de seus objetivos constitui "Um Processo de Mudança Cultural Dirigida". O processo deve ser organizado com base na realidade social, com emprego de recursos eficazes, de molde a despertar a consciência das comunidades e aparelhá-las, educacionalmente, para suscitar e resolverem, com recursos próprios, os seus próprios problemas.

O processo implica, e deve mesmo implicar, em mudança de estrutura, o que equivale dizer que não poderá ser local, hipótese em que trataria aspectos. Há de ser global para atingir o plano superior. No processo global, o plano nacional tratado, cria condições de potencialidade e coordenação para atingir o plano local, sendo inexequível o inverso, por falta de potencialidade e coordenação. O plano deverá assegurar, com o emprego de meios irreversíveis, a plena participação da população rural na sua execução, despertando e selecionando o treinamento militares de líderes espontâneos, porque só eles conseguirão produzir a renovação e mudar a mentalidade de milhões de seguidores. A população rural precisa querer a mudança e a isso só se chegará pela atuação de líderes espontâneos que eliminem as resistências culturais. A esses resultados não poderá chegar sem a criação de condições capazes de remover uma estrutura e criar outra estrutura que isso possibilite.

Temos que razoavelmente

mentalidade do rurícola brasileiro seja comparável a uma jornada de mil milhas, na qual, com este programa, daremos o primeiro passo. Contudo, o primeiro passo há de ser seguro, firme e dado exatamente na direção certa, de molde a criar condições irreversíveis que por si sejam capazes de prosseguir em desdobramento, criando novas condições, todas propícias à condução do resultado procurado.

Devemos compor uma situação de ordem prática, geradora de condições eficazes, que propicie, como resultado fatal, a formação de uma rede nacional de líderes naturais, renovadores, constituída de mulheres e de homens. Esses líderes despertados devem ser selecionados e treinados para inocular o processo da mudança e limpar a resistência natural das comunidades. Devem, notadamente, realçar as aspirações da comunidade, dando orientação imprescindível ao sucesso no emprêgo do "Processo de Mudança Cultural Dirigida". Tanto mais se há de considerar que as comunidades recebem e transmitem influências, as mudanças introduzidas acarretam novas mudanças e somente os líderes espontâneos, pela sua sensibilidade que decorre da vivência, poderão dar a exata extensão dos problemas para a aquacionamento administrativo e adequação do processo.

DEFESA DO POTENCIAL HUMANO PELA EDUCAÇÃO. REDE NACIONAL DE LÍDERES. 170.000 SOCORRISTAS RURAIS

Devemos alertar que nosso propósito de nenhum modo é o de encampar problemas de saúde na zona rural, dando a nosso trabalho um sentido sanitarista. Nem de outra forma é nosso objetivo tratar o problema que vamos versar como fim específico, antes o trato que lhe daremos constituirá apenas um meio para atingir a um objetivo muito mais extenso e que até mesmo se encontra fugidito na apresentação à primeira vista.

Quando preconizamos o abordamento, na zona rural, do problema do parto, não o fazemos no sentido médico que focaliza um parto apenas, mas, no sentido sociológico, que, de uma feita, focaliza milhões de partos.

O exame das condições sanitárias no meio rural dá conta de uma precariedade exacerbada de recursos culturais e falta de educação e de higiene, como decorência, sacrificam-se brasileiros recém-nascidos e parturientes e maldade alarmante, que por véses se eleva a 50%.

Portanto, não é o problema médico de cada parto, de cada recém-nascido ou de cada parturiente que interessa ao sociólogo e sim a

mortalidade generalizada, que por deficiência cultural ataca e desfibra o próprio potencial humano do país. É em torno desse fenômeno social brasileiro, com características nacionais, que vamos despertar os primeiros líderes espontâneos, aos quais caberá o pesado encargo de, sob a orientação do Serviço Social Rural, depois de selecionados e treinados, atacar as comunidades rurais, começando a criar condições irreversíveis de mudança de mentalidade.

Por ser o fato gerador da vida, por ser o próprio desmembramento da vida, o fenômeno do nascimento desperta em qualquer comunidade, não só o impulso natural de solidariedade humana, como cria no exercício dela, condições de eclosão de líderes espontâneos. O socorro espontâneo e natural que uma mulher presta a outra mulher nessa contingência grave da vida constitui mais do que uma manifestação de solidariedade humana, um pouco de que resulta o próprio despertar da liderança espontânea. É em torno desse fenômeno, com essas características e com essas motivações que, com as socorristas rurais, constituiremos a primeira rede nacional de líderes espontâneos, pois aí estão contempladas as condições naturais comportamento diante de fatos comuns, genéricos, disseminados e uniformes. Trata-se de fato único, in-



TERRAS no planalto de MATO GROSSO

Vendemos na mais próspera. Colonia Agrícola

GLEBA ARINOS

Terras férteis e virgens com muita madeira de lei e boas agências ou com grandes culturas de seringueiras enxertadas, cacau, café, pimenta, cravo, chá, bamiu, castanhas, mamão, cana, fumo, amendoim, feijões, cereais, frutas, legumes etc. Há escolas, igrejas, hospital, hotel, serrarias, oficinas, moinhos, farmácia, força e luz, criação de gado leiteiro, suínos, aves etc. Transp. rodov. aéreo e fluvial. Assist. tecn. moderna. Damos escrit. def. imediata. Também formamos seringueiros, pastag. etc. e administ. Inf. docum. plantas mapas, fotos etc. direto na

CONOMALI

Av. Pres. Vargas, 417-A sala 1105

considerar que a mudança da finitamente repetido.

Ao despertar a mulher para o serviço social ainda vamos contemplar o elemento de maior capacidade potencial da comunidade, a quem está reservada uma atuação negativa e a quem daremos uma atuação altamente positiva. Podem as mulheres, por suas condições naturais bem cultivadas, ser os arautos da mudança que procuramos. Essa capacidade feminina, de potencial de atuação negativa, deve ser despertada, selecionada e treinada para atingir aquela atuação positiva desejável, com uma função social e uma função econômica. Despertadas as mulheres, educacionalmente, para essas funções, motivada sua natural capacidade potencial, diante de problemas comuns e efetivos, não de revelar condições de liderança espontânea que serão aproveitadas com seleção e treinamento por técnicos, para que se constituam em líderes da Mudança Cultural Dirigida. Essa natural capacidade há de ser despertada diante do problema comum do grupo que, já de ordinário, a desperta. Esse problema é geral, afeta todos os grupos e deve continuar a afetá-los por todo o sempre, criando motivações constantes e resultados sentidos e apreciados, inspirando novas mudanças e prestigiando outras que possam ser desejadas. Ademais, o problema sobre ser comum é tanto mais desejável de abordagem porque constitui um dano para o grupo e pode, por educacional tratamento, ser eliminado. Vale dizer: que esse dano resulta da ignorância e pode ser extirpado pela introdução de conhecimentos. O resultado de tudo é a formação de uma convicção geral de que haja uma necessidade de mudança, porque a cultura desenvolvida elimina perigos que a ignorância agravava.

Na zona rural, na atualidade, elevada é a percentagem da morte de recém-nascidos pelo malsinado

"mal de sete dias", ou seja, óbitos das parturientes em virtude da infecção puerperal. Os cuidados com a parturiente e com o recém-nascido não são prestados por deficiência cultural, pois que as velhas práticas nesse meio induzem as mulheres a assistir às parturientes sem um mínimo de asseio, sem sequer lavarem as mãos para uma intervenção e, o que é mais danoso, mettendo picuman ou fumo machado no tenro umbigo do recém-nascido.

Com referência ao problema, no meio rural brasileiro, encontramos uma situação que foi a própria situação do mundo antes de Pasteur, cuja figura clássica anunciando ao mundo a descoberta das bactérias, é daquele notável cientista com o braço posto sobre a perna, em meditação diante de uma parturiente que se estendia sobre uma cama e a quem ele, pela prática do asseio primário de ferver ferros e pano e lavar as mãos com sabão, procurava preservar da infecção puerperal. A grande verdade é que o meio rural brasileiro, por falta de conhecimentos culturais mínimos, constitui um verdadeiro mundo (42.000.000 de pessoas), que se encontra em fase anterior às descobertas de Pasteur. Daí, os partos assistidos sem asseio, motivando em elevado grau a morte da parturiente e a morte do recém-nascido, por infecções graves contraídas exatamente na hora do parto. Essa situação só é remediável por educação e a educação aí deve ser específica e generalizada, dando ao rural o primeiro impacto e a primeira mudança que ele deve aceitar e deve querer, convenido por fatos e não por palavras de que uma mulher adequadamente assistida, nesse momento, preserva sua própria vida e a do filho. Será para o rural uma idéia nova, de fácil comprovação como útil de resultado aparente, que lhe vai despertar a convicção da necessidade da mudança, de emprego de novos métodos que ele não

conhece, mas que conhecidos e utilizados são de fácil execução, constituindo mera mudança, não onerosa, no modo de proceder e que apresenta resultados facilmente verificáveis e altamente desejáveis.

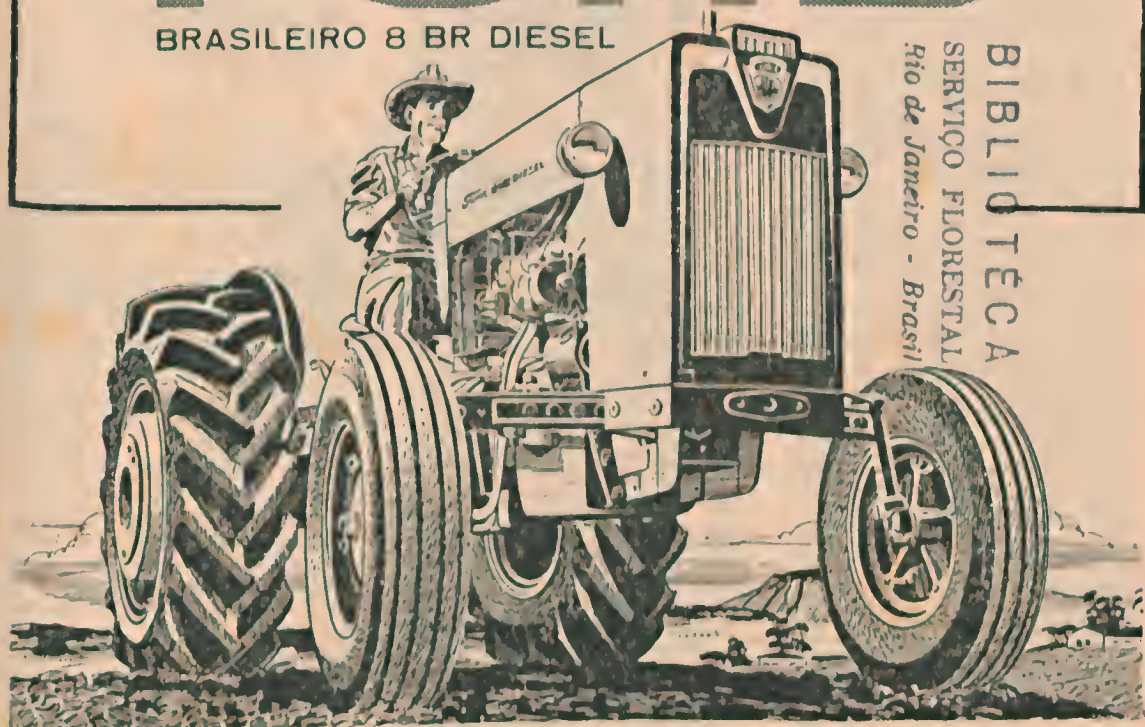
É claro que bem conhecemos e sabemos que o desejável para as comunidades seria que as parturientes, mesmo desde o princípio da gestação, fossem assistidas por médicos especialistas que acompanhassem a evolução de seu estado e que terminasse em maternidade bem provida, para que o brasileiro tivesse, ao nascer, criadas condições de alta proteção do Estado. Contudo, prometemos que enfrentaríamos a realidade nacional sem temor e cabe-nos lembrar a esta altura que dos 2.763 municípios brasileiros, 900 deles não contam com um médico sequer. No Estado do Amazonas, cuja divisão administrativa compreende 70 municípios, todos eles de áreas demasiadamente extensas, somente 2 desses municípios contam com médicos em sua sede. Vale dizer que, notadamente no Norte e no Nordeste brasileiros, o sacrifício do potencial humano se exercita em proporções verdadeiramente aterradoras. No Centro e no Sul, se é menor o sacrifício, de nenhuma forma foi eliminado ou caminha para a eliminação porque, como se pode verificar de estatísticas paulistas realizadas no coração da cidade de São Paulo, no Distrito de Ipiranga, um dos mais industrializados da própria América do Sul, colhem-se estes resultados: em 1.548 partos recentes, foram realizados em hospital 667 e nas residências 876, destes últimos foram assistidos por "curiosas" 714, sobrando apenas 146 para serem assistidos por parteiras diplomadas e a irrisória quantidade de 5 assistidos por médicos, ficando ainda 11 sem qualquer assistência. (Serviço de Hidratação Infantil do Pronto Socorro Municipal — Posto de Pinheiros o tétano umbilical, de ou-

Conheça de perto o notável Trator

FORD

BRASILEIRO 8 BR DIESEL

BIBLIOTÉCA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro - Brasil



O 1.º trator realmente fabricado no Brasil! Veja agora, no seu Revendedor Ford, o Trator 8 BR Diesel — fabricado especialmente para o Brasil. Examine V. mesmo tôdas as vantagens que fazem do Ford 8 BR Diesel um dos melhores tratores de todo o mundo!



56 HP a 2.200 RPM! 44 HP na barra de tração! Serviço pesado e contínuo, no solo mais duro que houver, nunca é problema para o Ford 8 BR Diesel!



Engate em 3 pontos com levantamento hidráulico, para qualquer implemento, poupando tempo, aumentando o rendimento diário.

Tomada de força no eixo traseiro, com 1.000 RPM.

V. encontra sempre peças e serviço para o seu Trator Ford 8 BR Diesel — o 1.º trator brasileiro — nos Revendedores Ford de todo o Brasil.



Mais um produto da **FORD MOTOR DO BRASIL S. A.** — pioneira na mecanização da agricultura!

— Médico: Dr. Dácio Pinheiro — Dados revelados pelo Prof. Carlos da Silva Laeaz, Catedrático de Microbiologia e Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo).

Portanto, estamos diante de um problema nacional, de embasamento social que por deficiência cultural afeta desastrosamente o potencial humano brasileiro. Logo, em torno dêsse fato generalizado, despertar-se a liderança feminina para, através dêsses líderes, promover a mudança da mentalidade na zona rural é uma providência de ordem educacional e científica que deve inspirar seriamente o Serviço Social Rural. Daí porque propomos que se convoquem, em todas as comunidades rurais brasileiras, mulheres, especialmente moças, que sejam conduzidas aos grandes centros urbanos e nas maternidades, nas casas de saúde e nos hospitais em geral, recebam um curso de treinamento de 20 dias, ministrado por médicos e de acordo com programas previamente estabelecidos pela Saúde Pública, obtendo os recursos culturais necessários para assistirem a uma parturiente e a um recém-nascido, com um mínimo de cuidados higiênicos, que alimnem o perigo à vida. Essas mulheres serão as "socristas rurais". Além dos cuidados com a parturiente e com o recém-nascido, receberão elas noções gerais e até cívicas, por força das quais terão a exata consciência de que só poderão assistir aos partos normais, devendo chamar o médico ou conduzir a ele a parturiente, se houver indícios de anormalidade. Deverão receber a noção exata de que a certidão de nascimento faz um cidadão portador de direitos e de deveres, devendo a socrista cuidar também disso para que todos os recém-nascidos sejam registrados. A programação nesse sentido será perfeitamente adequada e tomará por base o resultado apresentado por vários cursos de socristas

rurais já realizados, com relevante proveito, no Estado do Maranhão, no Estado do Paraná e até mesmo no município de Araraquara, em São Paulo, além de outros. A socrista rural, depois de julgada habilitada, receberá um avental, em que estará escrita "Serviço Social Rural — Socrista", além de uma bolsa que contenha uma tesoura, um par de luvas, cordão de umbigo, seringa de injeção para aplicar vacina e o que mais se possa reputar como imprescindível mínimo ao desempenho de seu mistério. Essa socrista não terá remuneração; será apenas uma mulher preparada para fazer proveitosamente, pela educação, o que antes ela já fazia danosamente em virtude de lhe carecer um mínimo de conhecimentos. Essas socristas voltarão às suas comunidades, prestarão êsses serviços para os quais foram preparadas, ficarão registradas no Serviço Social Rural e serão solicitadas para novos cursos posteriores, onde, já selecionadas, serão submetidas a novos treinamentos que as tornem capazes de desenvolver a atividade desejável, para que sejam os verdadeiros arautos da Mudança Cultural Dirigida que se procura com o desenvolvimento das comunidades. Quais sejam os programas posteriores para seleção e treinamento, cabe aos técnicos elaborar de acordo com as peculiaridades oferecidas, através dessa primeira extensa sondagem nacional.

É relevante insistir que não criamos nada; apenas procuramos introduzir cultura, valendo-nos de um fenômeno nacional que apresenta características uniformes em todo o território.

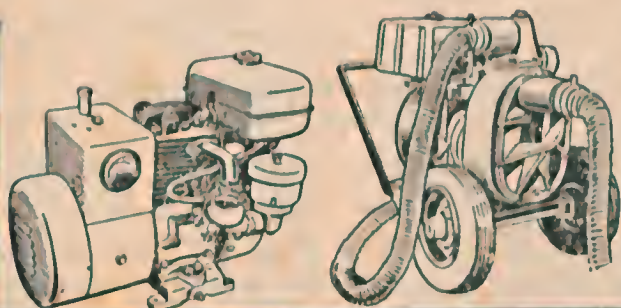
Vamos transformar as "curiosas" ou "aparedeiras" em elemento educado para não produzir mal pela ignorância. Vamos, à medida que educamos o povo rural, eliminar o terrível resultado focalizado em estatísticas nacionais e defender o potencial humano. Será essa a função social da mu-

lher. Mas isso não basta. É preciso que na comunidade se lhe dê também uma função econômica.

ESCOLAS DE ECONOMIA RURAL DOMÉSTICA

Se procuramos despertar a mulher para a liderança, educacionalmente, num trabalho social, devemos por igual despertá-la para esse mesmo mistério numa função econômica. Daí propomos a formação de uma rede nacional de Escolas de Economia Rural Doméstica. Algumas fixas e regionais, outras montadas sobre rodas para percorrer as regiões mais inhóspitas e destituídas de recursos, dando à mulher rural, pelo aprendizado, o conhecimento de que está cercada de muitas utilidades inaproveitadas mas, que poderão ser por ela aproveitadas, para maior conforto de sua casa e de sua família, dando-lhe margem, também, para transformá-las e vendê-las, constituindo nova fonte de renda para o lar. Será fomento e assistência ao artesanato, a base sólida e generalizada para formação da indústria onde ela inexistente, como acontece em certas partes do Brasil. A mulher artesã assim despertada para uma função econômica que atualmente não possui no meio rural, será por igual selecionada e treinada para a liderança espontânea, para, juntamente com as socristas e com aqueles mesmos fundamentos, operar no processo de Mudança Cultural Dirigida. Por igual será registrada no S.S.R. e periodicamente convocada a novos cursos, quando receberá novos ensinamentos e encargos de liderança. As Escolas de Economia Rural Doméstica, ainda que pre-conizadas, estipendizadas e formadas pelo Serviço Social Rural, bem como até por ele dirigidas na sua preparação e no seu funcionamento, ficarão a cargo do cargo da Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário.

Se despertarmos a mulher



BOMBAS EM GERAL

MOTORES A GASOLINA-GERADORES DE LUZ E FORÇA

COCITO IRMÃOS TÉCNICA E COMERCIAL S.A.

RIO — Rua Mayrink Veiga, 31-A — Tel.: 43-6055

para uma função social e uma função econômica no meio rural, como as socorristas e as artesãs, deve também o homem ser despertado para que na comunidade venha a exercer a liderança imprescindível masculina que, aliada à feminina, criará condições necessárias à mudança cultural pretendida.

ASSOCIAÇÕES DE TRABALHADORES RURAIS

Os trabalhadores rurais deverão ser arregimentados em associações bem inspiradas. Orientados por técnicos do SSR tomarão consciência dos seus problemas comuns e de suas reivindicações, passando a lutar por elas. Nessa arregimentação os trabalhadores rurais serão preparados para receber os grandes impactos que os aguardam, com a legislação trabalhista, a reforma agrária e a própria sindicalização rural. Deverão estar preparados para receber essas grandes inovações, desejando-as e notadamente sabendo desejá-las, para que sejam, nesse sentido politizados e educados, os líderes de suas próprias reivindicações, sem sofrer a influência de orientadores

que os lançam à luta, nem sempre para proveito deles mesmos trabalhadores. Arregimentados e ses trabalhadores em associações, também oferecerão o seu contingente de líderes espontâneos, que serão selecionados e treinados para se colocarem junto com as mulheres a serviço do processo de mudança.

Quer com a socorrista, quer com o artesão ou trabalhador arregimentado, o que se procura invariavelmente é despertar líderes para selecioná-los e treiná-los, para que eles venham a constituir a base efetiva e séria do processo de mudança cultural.

Se constituirmos as bases da liderança disseminada, precisamos de outra feita imaginar um processo de comunicação constante e eficaz com esses líderes, para, de forma genérica e proveitosa, provê-los dos recursos necessários. Este deverá ser o quarto e último ponto do programa, que objetivará as

ESCOLAS RADIOFÔNICAS

Valendo-nos dos recursos técnicos mais modernos e de sua extensa capacidade de penetração, de moderado custo, se comparado ao mas

extensas áreas que atingem, as Escolas Radiofônicas Regionais, dirigidas por técnicos, deverão constituir o o ponto crucial do programa.

As Escolas Radiofônicas, de prática já tão generalizada no país, devem ser pelo Estado cuidadas e organizadas, porque os seus contatos têm capacidade de multiplicação infinita, de molde a atingir as áreas mais extensas, levando ao rural as melhores e mais atualizados ensinamentos. A esta altura, a Escola Radiofônica poderá funcionar em termos nacionais, porque as socorristas, as artesãs e os trabalhadores arregimentados poderão ser os verdadeiros monitores, para organizar e assegurar assistência aos Cursos que as Escolas Radiofônicas ministrarão.

Pensamos que, dada a realidade do mundo social agrário brasileiro e a extensão continental do país, outras providências não podem substituir as indicadas para se fazer o desenvolvimento das comunidades rurais, criando-se condições efetivas e estruturais de mudança. Registramos aqui apenas a orientação que deverá seguir a nossa Divisão Técnica para que elabore, com as mínimas necessárias, um plano nacional de execução de serviço social rural, que poderá conceber para uma realização em 3 anos.

Assim, devidamente aprovado pelo Conselho Nacional, entregamos esta ordenação de idéias à D. T. para que elabore os planos de execução".

A Lavoura

a mais antiga revista agrícola em circulação no

Brasil.

REFORMA AGRÁRIA - LIGAS CAMPONESAS ...

(Conclusão da pág. n.º 16)

tada referência, a esta importante face do problema agrário de nosso país: o amparo e proteção do homem sem terra. Há outros projetos no Parlamento que cuidam disso, mas estão arquivados, de acordo com as normas regimentais do Congresso Nacional.

É indispensável, pois, examinar este ângulo do problema agrário de nosso país.

A luz das estatísticas disponíveis, o número apurado, pelo Censo de 1950, da população rural Brasileira, que trabalha terra própria é um pouco maior que o de estabelecimentos rurais, como é natural, pois a mesma propriedade pertence a vários indivíduos. Esse número vai a 2.559.966 homens.

Os que trabalham terra alheia atingem a 6.108.587, incluindo homens, mulheres e crianças, o que, no caso do inquilinato rural, é de suma importância, pois que todos eles são atingidos pelos desajustamentos entre os chefes de família e os donos de terra.

População Trabalhando
Terra Alheia — 1950

Total	6.108.587
Homens	4.128.938
Mulheres	1.120.870
Menores	1.835.499

Como se vê, é de decisiva significação, na estrutura agrária brasileira, o inquilinato rural. Sob essa denominação, para maior facilidade da exposição da matéria e, sobretudo, por que exprime a exata realidade, foram compreendidos todos aqueles que, não sendo proprietários, vivem ou ocupam terra alheia. Temos, assim, dois grandes setores, em que se divide a nossa população agrícola ativa, em relação ao uso da terra.

Esse inquilinato pode ser ostensivo ou disfarçado. Na primeira categoria estão compreendidos a locação rural e a parceria, nos termos da definição do Código Civil. Não se apresentam, entretanto, na prática, com delimitações rigorosas, como bem salientou Antonio Corrêa da Silva, num excelente

trabalho da Comissão Nacional de Política Agrária. Verifica-se, na realidade, um regime heterogêneo, com a existência simultânea de arrendatários, parceiros e colonos, numa gama extrema de variações. A modalidade da venda ao proprietário de toda a produção, e também a obrigatoriedade de beneficiamento em maquinaria dele, quando for o caso, nos moinhos de fabricação de fubá, nas casas de farinha, nas prensas de óleo e boladeiras de algodão, num emaranhado de condições e tipos de remuneração pelo uso da terra, com extrema multiplicidade de denominações, que vão a cerca de meia centena. Basta, entretanto, indicar as linhas gerais do problema: para 2.559.000 proprietários, há mais de 6.000.000 de rurícolas, que trabalham solo alheio, representando, conforme as regiões, de 80 até 90% da nossa população ativa agrícola. E, aliás, características dos países subdesenvolvidos, pois a possibilidade de aquisição, só lentamente se vai realizando, pela reduzida poupança que o sistema extensivo permite e pela pouca ou nenhuma ajuda que o crédito oficial ou privado concede para tal fim. Basta recordar que só recentemente o regulamento do Banco do Brasil permitiu empréstimos para isto e, mesmo assim, em termos tal, que são praticamente inoperantes. E sobretudo pelo fato de a sucessão que a terra se vai estendendo a número cada vez maior de pessoas. A maioria dos trabalhadores rurais não vive, porém, apenas, do salário. Rotulados como colonos, moradores, agregados, residem, quase sempre, nas propriedades onde trabalham; cultivam ali pequenas áreas, morando em ranchos barracos e choças, quase sempre construídas por eles, com as más precárias condições de higiene, onde se acumulam, numa dolorosa promiscuidade, em poucos metros quadrados proles às vezes numerosas, sem água, sem

instalação sanitária. É assim que habitam, é preciso dizer a dura verdade, a quase totalidade da força de trabalho da agricultura brasileira, milhões de nossos patrícios, de cujo esforço muscular depende a alimentação de 70.000.000, da exportação para o estrangeiro, e de que abastece de matérias primas do nosso crescente parque industrial.

Merece especial atenção esse aspecto, sem dúvida gravíssimo, do nosso assalariamento rural, que ocupa o mais baixo escalão social e recebe também os mais baixos remunerações do País. O seu destino é permanecer toda a vida na qualidade de assalariado, pois suas possibilidades de ascensão social são limitadíssimas, quando permanece no meio em que vive. Mergulhado na sua vida de miséria, não tinha, até há alguns anos atrás, exata consciência de sua situação. Mas as estradas de rodagem e outros modos de comunicação, como o rádio, aceleraram a evolução das massas rurais. O caminhão que traz o "pau-de-arara" para os centros industriais, leva, à Interlândia, uma soma de formações que descrevem o processo de vida melhor. E quando se evadem para as favelas do Rio e São Paulo encontram ali condições que o colocam em situação muito superior à que tinha no meio donde provém: salário mínimo da cidade; assistência médica; possibilidade de escola para os filhos e, também, uma provável ascensão social. A verdade é que a favela urbana representa para o rurícola um estágio social mais avançado: tanto que é raro o favelado que regressa ao meio de que se evadiu.

Observador estrangeiro chamou-me a atenção para um fato que estereotipadamente, num só relance, a situação do nosso trabalho rural. É a mudança de uma família camponesa. Às vezes, depois de 30 ou 40 anos de trabalho ativo, quando se transfere de re-

siência, pouco tem que transportar: mobiliário tóxico, reduzido material doméstico que, entretanto, foi tudo que pôde acumular numa árdua atividade de sol a sol. É o doloroso espetáculo da miséria itinerante.

Para complementação do seu salário, realiza o trabalhador rural pequena lavoura feita nas horas de folga com o auxílio da mulher e dos filhos. Alguns têm culturas bem consideráveis, organizando pequenos sítios, com plantações permanentes de café, mandioca, cana de açúcar; criam aves e suínos e os mais prósperos possuem animais de sela. A contribuição, dessas pequenas culturas, é considerável na alimentação do trabalhador rural e explica a possibilidade de sua sobrevivência com os baixos salários e custo crescente da alimentação. Autores e observadores apressados não levam em conta a importância desse auto-abastecimento, quando indicam a baixa quantidade de calorias de que dispõe o nosso rurícola, por eles calculada na base dos alimentos que podem adquirir apenas com o salário. O nosso quadro rural é já bastante sombrio, para esuerecê-lo ainda mais.

Não tem ele em geral o amparo de nenhum contrato verbal ou escrito. Prevalece o costume da região, o direito de fazer o seu rancho, morar nele, realizar lavouras em pequenas áreas residir ali e trabalhar na propriedade, enquanto for do agrado e do interesse do dono da terra. As benfeitorias que realizam, modestas construções e lavouras, bem pouco em valor mas que, entretanto, representa todos os seus haveres, está na dependência do bem-querer do patrão, que pode despejá-lo a qualquer momento. A lei lhe dá direitos, mas não basta passuí-los; é preciso poder exercer esses direitos.

Tem-se feito, ultimamente, grande alarde da extensão ao campo da legislação trabalhista. Como veremos, adiante por si só não corrige esta situação. É preciso complementá-la pela legis-

lação adequada à locação e à parceria.

Não entrarei, a respeito, em maiores detalhes; lembrei apenas que o arrendamento da terra é uma contingência de nossa estrutura agrária, que não pode ser superada por medida legislativa. É ela, sem dúvida, altamente inconveniente, sob qualquer dos ângulos que se a examine. É, aliás, o conceito reinante em todos os países, mesmo naqueles, onde o arrendamento, é regulado por leis que impeçam o regime predatório da exploração do solo. Mas a realidade, que temos de admitir, enquanto a propriedade não for possível para a generalidade do povo rural, o arrendamento há de ser modalidade indispensável na agricultura brasileira. Verifique-se, pois, quanto é urgente regularizá-la para que sejam resguardados os interesses, as do lavrador, do proprietário e, também, os da nação, que a tanto equivale a defesa e conservação do solo. Para tanto uma legislação deste tipo deverá preencher certas condições essenciais: estabilidade da área ocupada; prazo certo para exploração; possibilidade de renovação de contrato; pagamento compatível com a produção obtida; estímulo para a utilização racional do solo; desenvolvimento de benfeitorias e emprego de técnicas adequadas. Num excelente parecer de 15 de junho de 1954, o Conselho Nacional de Economia examinou e o ministério o problema propondo soluções as mais adequadas.

Quero apenas recordar dois aspectos fundamentais, raramente mencionados. O primeiro é sobre a possibilidade de corrigir a oscilação dos preços, que influem sobre o aluguel da terra, sobretudo de arrendamento em dinheiro. A solução seria em benefício de ambas as partes, pela possibilidade de reajuste, favorecendo o locatário, na eventualidade de queda acentuada de principal produto da lavoura, e assegurar ao lavrador remuneração equitativa, na hipótese de excessiva desvalorização monetária. Em segundo

lugar, vale lembrar uma melhor conceitualização da benfeitoria que modo que se estimule a inversão de capitais na terra arrendada, o que ocorrerá uma vez seja assegurada a sua recuperação no término do contrato, ou de uma eventual rescisão.

Entre as razões que tem retardado a legislação reguladora da parceria e da locação figuram as dificuldades criadas pela enorme gama, já mencionada, das condições vigentes nos meios rurais.

É difícil, numa lei, prever todas as modalidades, que possam regular as relações entre os donos de terras e seus locatários e parceiros.

Para dirimi-las, tenho sugerido a adoção, no Brasil, de uma solução vigente na legislação francesa: o contrato padrão. Para cada região, para cada cultura atendidas as condições geoeconômicas e, também, os usos e costumes locais, seriam organizados contratos padrões. Tal tarefa caberia às associações rurais dos municípios e às federações respectivas, de acordo com os dispositivos previstos em lei. Homologados pelo modo que se estipulasse, dariam solução a um dos mais difíceis problemas de uma legislação agrária no Brasil: a impossibilidade de legislação uniforme para atender condições inteiramente diferentes.

Já temos, aliás, em nosso arsenal legislativo, medida que se assemelha à que ora indico. Na verdade, nos Estatutos da Lavoura Canavieira (decreto 3.855 de 21 de novembro de 1941, no artigo 89), se lê: o "Instituto do Açúcar e do Alcool, fixará a renda normal, pela utilização da terra, tendo-se em vista as condições de vida peculiar a cada zona canavieira, o preço usual do arrendamento, a natureza do terreno, os benefícios sociais e as vantagens proporcionadas pelo proprietário ao fornecedor". É, como se vê, a organização, para cada região, de contratos padrões nos termos do artigo mencionado, neste caso restringida a cultura da cana.

Ligas Camponesas

Do que foi dito, pode-se inferir a insegurança em que vivem os que trabalham solo alheio e que representam, como várias vezes foi mencionado, oitenta por cento das massas rurais, pela ausência de uma legislação específica, que regule os seus direitos.

Os atritos surgem a toda hora, e cada dia de forma mais grave, porque o nosso ruralista vai rapidamente adquirindo consciência de seus direitos. A olhos vistos, vai se esborroando a nossa velha estrutura agrária, de caráter paternalista, nascida com a Nação, e que como disse constitui o arcabouço da agricultura brasileira, em que o homem, sem terra, vive sob a proteção do proprietário; em que o patrão, além de dono, era protetor, às vezes amigo e, também, juiz julgando de pleno em todas as instâncias dentro dos direitos concedidos pelos usos e costumes de cada região, muitos deles com raízes coloniais. Aqui e ali, este movimento de renovação se manifesta com sentido de franca revolta, como premonições das convulsões sísmicas, e poderão atingir a subversão social insustentável. Terrível é a cólera dos injustiçados; e as revoltas dos fracos são sempre violentas. A história, esse registro da dolorosa ascensão da humanidade, menciona numerosos exemplos, deste tipo, nos meios rurais. No Brasil. Vale recordar a "Balalada", que convulsionou o Maranhão, durante vários anos. É um exemplo dos mais característicos do que poderá ocorrer com a deflagração de revolta nas populações camponesas. E também o cangaço, que teve sua geratriz na injustiça social o que atuou durante longo tempo com mas mais variadas e graves repercussões em amplas áreas do País, notadamente no nordeste. As Ligas Camponesas são a diátese de um mal deste tipo, e que cabe menção detalhada.

Como tantos acontecimentos, que depois avultaram

nos fastos sociais, tiveram origem muito modesta, a similitude de cursos d'água, que com insignificante nascente, se transformaram em caudais de insustentável efervescência, nas suas manifestações agudas nos períodos de cheia.

O seu berço foi Pernambuco, no Município de Vitória de Santa Antão, que já figura na história pátria, como cenário de glorioso feito da luta contra os holandeses, a batalha das "Taboas", em que os nossos patrícios, homens e mulheres, mal armados, com indomável bravura, infligiram, entretanto, espetacular derrota às forças flamênas bem organizadas.

O exato local foi o Engenho Galileia, nome da antiga província da Palestina, tão intimamente ligado à vida de Cristo. É uma propriedade rural situada nos limites da faixa açucareira, com superfície de cerca de 500 hectares de terras, exploradas há vários séculos, e onde viviam cerca de 150 famílias de modestos lavradores, como locatários, mediante regime que recebe o nome de "fôro", denominação herdada do Brasil colonial, o por que pagam "fôro", são denominados "foreiros".

Pela extensão da propriedade e o número dos ocupantes, cada foreiro poderia trabalhar três hectares, mas na verdade, as áreas lavradas são bem menores, de poucas quadras, na medida agrária da região.

É o que o "foreiro" da Galileia, lá buscar a complementação de sua modesta subsistência em outras atividades, como salarizado nas propriedades vizinhas em pequenas tarefas, empreitadas, artesanato rústico, etc.

Vale reter esses dados, que explicam muita coisa no desenrolar dos acontecimentos.

Tudo começou quando os "foreiros" da Galileia quiseram criar uma "mutua". Este movimento associativo teve suas origens nas condições sociais da região. O homem de modestas posses, quando morre é levado ao túmulo no "caixão" da "ca-

ridade", que a Prefeitura fornece, ou melhor, concede por empréstimo, pois é volta depois para depósito municipal. Ser enterrado desta forma, constitui demonstração da mais extrema miséria. Ou caixão de caridade ou réde. Foi desse sentimento, que nasceu a "mutua", que tinha por objetivo reunir modestas contribuições, que permitisse a cada sócio ter garantido quando morresse, um caixão "pessoal", evitando a suprema desdita do *Caixão da caridade*.

A criação de associações deste tipo não foi bem recebida pelos proprietários do engenho Galileia e o administrador recebeu ordens de despejar vários lavradores, justamente aqueles que tiveram mais influência na organização.

A história dura vários anos, com muitos lances. É comprida, e para resumí-la, vamos transcrever o depoimento de um morador do engenho, colhido pelo "Estado de São Paulo", numa série de excelentes reportagens de Cezar Tacito Lopes da Costa, enviado especial do grande órgão da imprensa brasileira e publicado na sua edição de 8 de agosto último. Foi ilustrada pela fotografia do modesto rancho, em cujo frontal se lê "Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores", que é o nome exato da entidade que hoje se projetou em todo o Brasil, conhecida como Ligas Camponesas. O "velho Zézé", simpático caboclo, de cabelos embranquecidos e de voz mansa, nos fala de suas atividades: "fundamos essa sociedade para lutar contra uma ação de despejo que nos movia o proprietário do engenho. Ele morava em Recife, cobrava fôro de todos nós, sem se interessar pelo que aqui sucedia. A terra não produz quase nada, mas nós fomos vivendo. De repente, o proprietário resolveu aumentar o foro. Nós não podíamos pagar mais. Recusamos. Como a polícia não resolvia o caso, o senhor de engenho recorreu à Justiça. A ação durou muitos anos. Tínhamos que nos defender e, por isso, fundamos a so-



Mãos que espalham
SALITRE DO CHILE
não ficam vazias ...

É MAIS LUCRATIVO MULTIPLICAR A PRODUÇÃO DE 1 ALQUEIRE COM BOM ADUBO, QUE PLANTAR TRATAR E COLHER 3 ALQUEIRES-POIS SÓ A ECONOMIA DE BRAÇOS COMPENSA FARTAMENTE O SALITRE DO CHILE É UM ADUBO NATURAL QUE REFORÇA A PRODUTIVIDADE DO SOLO EXPERIMENTE-O!

SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE.

CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE
PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPIRITO SANTO
RUA MEXICO, 111 - 12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)

— TEL 31-1850 - rede interna

cidade. O Dr. Jullão se encarregou da parte legal.

Transcrevo, ainda da reportagem: "As Ligas, o velho Zézé Presidente da Sociedade, explica: "estão defendendo os nossos direitos e nos estão ajudando. "Veja, antes, quando um de nós morria, o calção era emprestado pela Prefeitura. Depois que o corpo era levado à vala comum, o calção voltava para o depósito municipal. Hoje, a Liga paga o enterro, e o calção desce com o corpo."

Como se vê da reportagem, a questão do despêjo, nos vários lances do processo, tinha transcurso muito demorado. Para contornar esta situação, um proleto de lei mandando desapropriar o Engenho de Gallela, foi proposto à Assembléia Legislativa de Pernambuco, pelo deputado Francisco Jullão. Releito na época, foi no governo de Cld Sampaio transformado em lei, em virtude da qual se processou a desapropriação do imóvel.

O Governador Cld Sampaio organizou então um serviço especial para executar o loteamento do imóvel, dentro da melhores técnicas da colonização rural.

Vamos ouvir novamente o Presidente Zézé: "O governo pretende dividir a propriedade — 500 hectares divididos em lotes de dez hectares. Só 47 famílias (das 150 que moram em Gallela) poderão ficar no imóvel. As restantes, perto de cem, serão transferidas para outras propriedades adquiridas pelo Estado. Os técnicos oficiais, depois de um exame detido das condições do solo, concluíram por julgar que dez hectares era o número que uma família precisava para sustentar-se". O velho Zézé, porém, está em desacórdio, com ele, quase todos os moradores do mesmo engenho. "Lutamos tanto para continuar na posse da terra onde nascemos e crescemos e, agora, o governo quer nos mandar embora. Não precisamos mais do que o espaço que temos. De que nos servirão 10 hectares se não podemos cultivá-los?"

A seu ver, continua a reportagem, a assistência técnica que o governo pretende proporcionar-lhes nada valerá. "Os agrônomos podem ter estudado muito, mas nós sabemos onde devemos plantar. Deixe-nos viver onde estamos vivendo. Nós só queríamos não ser explorados pelos proprietários. A terra agora é nossa. Não nos tirem daqui."

Repetidas declarações do Camponesas, o deputado mentor ostensivo das Ligas Francisco Jullão, feitas nesta capital, em São Paulo, no Recife, e confirmam estes pontos de vista, aliás, oficialmente registrados num documento que as Ligas Camponesas, de Gallela, enviaram ao Governador Cld Sampaio. Mas, preferi mencionar o testemunho na sua rústica autenticidade, do caboblo de Vitória, que pela sua espontaneidade, exprime o pensamento de grande número do rurícolas do Brasil, que ocupando a terra alheia e não tendo recursos para adquiri-la, desejam mais que terra, a *segurança de permanência no solo onde vivem e lavram*. E' que mais sabe o tolo do que é seu que o entendido no alheio.

Não me deterei em mencionar as consequências das Ligas Camponesas, que começam a eclodir com caráter de subversão, alastrando-se pelo País, e nem sempre apenas em caráter de agitação pacífica das massas rurais.

Em Pernambuco, as "Ligas" têm se apossado, à força, de propriedades rurais, desorganizando as atividades agrícolas, criando um generalizado clima de inquietação.

E' bem sabido, — e essa é uma das faces graves do problema que estão servindo como instrumento subversivo para comunistas, grupo certamente pequeno, mas de grande atividade, que avulta, sobretudo diante da displicência e de apatia das forças democráticas, isto é, da maioria da Nação. Aquel e ali, como tem sido apurado pelo Exército e, creio que, pelo Conselho de Segurança Nacional, a ação esquerdista, nas Ligas Camponesas

com a presença de instrumentos comunistas, as vezes disfarçados, mas cuja identidade está bem caracterizada. E' o caso do elemento altamente politizado, encontrado pela reportagem do "O Estado de São Paulo", ressaltando no meio da quase ingenuidade da população de Gallela, na pessoa de João Virgino, um caboclo que visitou Cuba, que fala em linguagem estereotipada e que, depois verificou o enviado do jornal paulista, se tratava d'um sargento reformado do exército.

Para os objetivos dessa exposição, alguns aspectos precisam ser postos em evidência: a ação do despêjo contra velhos moradores do Engenho Gallela e a sua protelada decisão, arrastando-se por longos anos na Justiça comum; o propósito do governo do Estado, de resolver o problema dando terra própria, com lotes de 10 hectares, vendidos a prazos longos aos antigos foreiros; a *declaração taxativa que a solução proposta não podia ser aceita, o que equivale dizer que não era terra própria que eles desejavam, mas apenas o direito do uso da terra, com as devidas garantias*.

O caso do Engenho Gallela proporcione uma lição valiosa para uma sadia orientação, na solução do problema de milhares de rurícolas que trabalham e vivem em terra alheia, e que só em Pernambuco, segundo o depoimento do deputado Francisco Jullão, atinge a ... 160.000 famílias. Mais uma vez se verifica que a solução simplista apontada, por alguns pregadores da Reforma Agrária, da distribuição de terra *não atende ao problema das Ligas Camponesas*. E' solução, além de dispendiosa, extremamente demorada. E a prova inequívoca é que a agitação no Engenho Gallela continuou quando o governo pretendia distribuir lotes de terras aos moradores dali. Vale repetir que eles não queriam terra que excedesse as suas possibilidades de trabalho, mas desejava *segurança* na área que ocupam, a *segurança* de

prazo da locação, segurança de condições de pagamento das benfeitorias, e sobretudo a *segurança* para a solução rápida e barata dos dissídios, que ocorrem entre o dono da terra e seus ocupantes, sem as delongas da Justiça comum, evitada a maior das injustiças, que é uma justiça demorada.

JUSTIÇA RURAL

Essa situação de insegurança, que atinge de maneira mais ou menos aguda 6 milhões de rurícolas, tem terapêutica segura numa legislação adequada sobre parceria e locação rural, como já foi indicado. A que institui o regime jurídico do trabalhador rural, ao contrário do que tem sido apregoado, por si só não resolve o problema, senão sob limitados aspectos. A conclusão ressalta evidente do exame dos diversos projetos que transitam no Congresso. Nos termos em que estão postos, a situação não melhorará. Dele são excluídos, até taxativamente, os arrendatários de terra, que eram meio milhão já em 1950 e cujo número só tende a crescer.

Os prazos dos contratos, preços e condições de locação e de parceria e, sobretudo, as questões relativas a benfeitorias, apenas para citar alguns dos itens mais destacados de uma legislação sobre inquilinato rural, não estão incluídos no chamado projeto Ferrari. Por isso, insisto, a medida que institui o regime jurídico no campo, precisa e deve ser complementada, como aliás judiciosamente indicou o deputado Munhoz da Rocha, no seu parecer na Comissão de Economia, da Câmara dos Deputados. Mas, para que possa funcionar é indispensável que não fique sujeita à *justiça comum*. E isto é fundamental.

Quero trazer aqui o depoimento do eminente homem público do Paraná, seu antigo Governador, ex-Ministro da Agricultura, o Deputado Munhoz da Rocha. "A solução estaria na formação de juntas rurais com âmbito regional, incluindo vários

Municípios, uma ou várias comarcas, e constituídas, digamos assim, por dois empregados, dois empregadores, e um representante do Ministério Público, e cujos julgamentos seriam sumários.

Recebi, quando Governador do Paraná, uma série infindável de lavradores, fraudados em seus direitos, pela ambição dos proprietários. Vinham apelar para o Governo, que a única coisa que podia fazer era encaminhá-los para o Promotor da Comarca."

Depoimentos deste tipo tenho colhido numerosos, na própria esfera do Poder Judiciário. De um antigo Juiz de Direito do Paraná ouvi a sua compungida declaração sobre a impossibilidade de poder, como magistrado, atuar eficientemente em defesa do rurícola, pelas dificuldades do sistema processual, o elevadíssimo dispêndio em questões cujo valor, às vezes é agravado com honorários, custas, perícias e, sobretudo, com a demora da decisão do pleito nas diversas instâncias.

Certa feita, (contou-me um advogado de um dos Estados do Nordeste) modesto lavrador em terra arrendada num Município onde residia, teve suas lavouras violentamente destruída por um método bem moderno e eficiente: por um possante traor, guiado por um dos filhos ao senhor do engenho. Tudo o que constituía o resultado de seu trabalho, em vinte anos de vida laboriosa, foi praticamente destruído, inclusive modestas instalações do seu pequeno sítio. Recorre ao delegado local, que se prontificou a ajudá-lo, mas que ao saber o nome do proprietário, desistiu de seu propósito, encaminhando-o ao Juiz da Comarca. Expôs ao magistrado as suas razões, pedindo-lhe orientação. Aconselhou-o a constituir advogado, propor a ação competente e aguardar o resultado do pleito. O intuito, na sua ignorância e boa fé, indagou. "Será que demora muito? Será coisa para 15 dias?" E o Juiz, paciente, explicou a tramitação: vários meses, talvez dois anos, quem sabe, três

ou mais, até, se houve recurso e apelação. O lavrador, ouviu desarvorado, as explicações do magistrado e retornou à casa com a alma em desespero e o coração em revolta. Mandou a família para bem longe, no sertão. Durante dias esperou a hora de obter pelas próprias mãos reparação que as dificuldades da justiça não lhe possibilitava de outra forma e, no quarto dia, no luar fúsculo da madrugada, matou a tiros o autor de sua ruína, o administrador que o acompanhava e desapareceu para sempre, com o amparo tacito de seus vizinhos, que sentiram no ato de desespero a desforra que não lhe proplara uma justiça comum, em moldes cegos.

Antonio Callado, em seu livro "Os Industriais da Sêca" e os Gauleus de Pernambuco", menciona com detalhes o problema da Justiça comum, no caso do Engenho Galliléa. Nele se verifica quanto que ocorreu para azedar os ânimos, a demorada tramitação da ação de despejo, assunto que a justiça rural poderia ter resolvido rapidamente no nascedouro.

Quero deixar aqui a manifestação de apreço que tenho à magistratura brasileira, que cada dia se aprimora, pelo saber, pela independência de seus componentes, e que constitui na vastidão do Brasil, sobretudo nas zonas rurais, um elemento de equilíbrio social de inestimável valia. Mas isto não evita a necessidade de se estabelecer uma justiça rural de ação expedita, sobretudo para dissídios de pequena monta e que, dirimidos no nascedouro, evitariam as consequências do que ocorreu no caso do Engenho da Galliléa.

O Conselho Nacional de Economia foi, sem dúvida, o primeiro órgão do Poder Público que sugeriu em 1951 a criação de justiça deste tipo, em caráter *generalizado para todo o País*; eis o que diz: "Em face do notório atraso de grande parte dos meios rurais do País, é inequívoco que a execução da Lei de Locação Rural enfrenta as maiores dificuldades, en-

so os dissídios suscitados, sejam entregues à justiça comum. Pode-se bem imaginar o que seria do lavrador de modesta área, de poucos recursos e de limitada instrução, que tivesse de recorrer à justiça para obter reparação dos seus direitos, promovendo o arbitramento judicial, reclamando perdas e danos, dentro de uma tramitação processual sabidamente complicada, demorada e dispendiosa. O direito rural brasileiro, que se está rapidamente constituindo, exige, para que seja adequadamente aplicado, a criação de uma justiça rural de características próprias ao meio em que vai atuar.

É o que ocorre noutros campos de atividade social e econômica, havendo sido para tanto estabelecida a Justiça do Trabalho, os Tribunais marítimos e as Juntas do Comércio. Aliás, em nossa legislação já existem vários destes tribunais especializados para a agricultura, como a Câmara de Reajustamento Econômico, para a liquidação das dívidas da fazenda, e as Juntas de Conciliação, criada pelo Estatuto da Lavoura Canavieira.

É o parecer conciliador: "É oportuno sugerir que, a fim de disciplinar a locação de imóveis rurais, sejam constituídas as juntas partidárias da conciliação, para decidir sem grande dispêndio de tempo e de dinheiro as questões surgidas na aplicação da lei. Constituído pelo representante das classes interessadas, locadores e locatários, escolhidos entre os melhores conhecedores das condições locais, por eles indicados e nomeados pelo Governador Federal, funcionarão sob a presidência do Juiz de Direito da Comarca, na sede de cada um dos Municípios existentes, ou em casos especiais, em Municípios determinados abrangendo uma zona geo-econômica.

Em grau de recurso, os litígios serão levados aos Tribunais, sediados nas capitais dos Estados, sendo o processo, tanto quanto possível, simplificado."

Na sua Exposição Geral, de 1958, o Conselho Nacional de Economia, sobre o mesmo

assunto assim se manifestou: "Seria um grande passo, sem dúvida, criar um sistema que assegure a solução rápida nos conflitos entre proprietários e arrendatários, concorrendo para a estabilidade e a segurança nos meios rurais."

A idéia do Conselho encontrou, a princípio, viva resistência. Foi, porém, lenta mas seguramente, caminhando, de tal forma que, em seis anos obteve decisiva penetração nos meios judiciais e rurais, sobretudo nesses últimos, sempre temerosos de justiça especializadas.

Em simpósios, conferências, reuniões de classes rurais, a idéia vai recebendo continuadas adesões. Vale mencionar a que obteve na reunião sobre reforma agrária, promovida pela prestigiosa Sociedade Mineira de Engenheiros, recentemente realizada em Belo Horizonte.

O problema está cada vez mais tornando-se premente, pela expansão das Ligas Camponesas, cujo desenvolvimento, como movimento coletivo, vale repetir, se deve à dificuldades e resolver satisfatoriamente o despejo em terras ocupadas pelos foreiros do Engenho Galiléia.

A Sociedade Nacional de Agricultura, que tão larga atuação tem tido na vida rural do Brasil, preocupada com a questão, criou, em setembro de 1960, um grupo de trabalho destinado ao exame dos diversos aspectos do inquilinato rural, notadamente de uma justiça especializada. Dele fazem parte, além de quem vos fala, os Srs. Adamastor Lima, Benhur Ferreira Raposo e Luiz Marques Pollano.

Ao ilustre Dr. Adamastor Lima, professor de direito, com profundos conhecimentos do direito agrário, tendo sido o primeiro Presidente do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, destacado membro da Diretoria da S.N.A., coube redigir, na sua forma definitiva, o anteprojeto que prevê a criação de Juntas de Conciliação Rural, para dirimir os dissídios decorrentes de arrendamento e da parceria agrícola. Serão constitu-

das em cada Município de um Juiz de Direito, como presidente, sendo os vogais escolhidos em escrutínio secreto, pela respectiva Associação Rural e outro pela Câmara Municipal. A Junta de Conciliação, que agirá buscando o entendimento entre as partes desavindas, verificando a impossibilidade de resolver um conflito de interesse por essa forma, lavrará termo desta impossibilidade, e passará imediatamente a decidir, de acordo com a lei, a analogia de os costumes e os princípios gerais de Direito (Lei da Introdução do Código Civil Brasileiro, art. 4.º).

A Junta de Conciliação terá ampla liberdade na direção do processo, e velará pelo andamento rápido das causas, podendo determinar quaisquer diligências necessárias ao esclarecimento delas. Nas capitais dos Estados, nos Territórios Federais, e no Distrito Federal haverá um Tribunal Rural, composto de cinco membros para conhecimento de recursos, interpostos das decisões proferidas pelas Juntas de Conciliação. Será constituído por um Desembargador ou Juiz de Direito, que exercerá a presidência. Dois vogais, eleitos pela Federação Rural, e dois outros, eleitos pela Câmara Municipal da sede do governo estadual ou territorial.

São essas, em linhas gerais, as soluções propostas. A Junta agindo no meio onde os dissídios foram suscitados, pelo conhecimento direto dos usos e costumes que regem as atividades da região, pela facilidade de contatos com as partes litigantes, poderão atuar como elementos de entendimento e de pacificação, para a pronta solução das divergências antes que se agravem em conflitos de maior extensão.

A minha convicção, é que sem a instituição de organismo deste tipo, facilitando ao lavrador o acesso à justiça, tornando-a rápida e barata, qualquer legislação sobre arrendamento e parceria agrícola, não terá os benefícios esperados, tais as dificuldades que o agricultor

de pequenas posses e limitada instrução, encontrará na defesa de seus direitos, como foi indicado pelo Conselho Nacional de Economia.

Quero, mais uma vez, insistir além do mais que na maioria dos casos, o objeto dos dissídios é de tão reduzido valor, que não permitiria o apelo à justiça comum, obrigando o rurícola a deixar em abandono a defesa de seus direitos.

Há exatamente dez anos, quase dia por dia, teve lugar neste Instituto uma conferência do Dr. Vicente Chermont de Miranda sobre o Direito Agrário, excelente pela forma e pela documentação. Nela foi estudada, em seus detalhes, uma das legislações desse tipo, instituída pelo Estatuto da Lavoura Canavieira.

O mencionado Estatuto (Decreto-lei n.º 3.855, de 21-11-51) foi organizada no governo Getúlio Vargas, quando era presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, o deputado Barbosa Lima Sobrinho, que contou com a colaboração das classes interessadas. Pôs ordem e disciplina num campo de atividade econômica que, pela extensão das áreas cultivadas, pelo número de suas fábricas, operariado que utiliza, avultado capital investido, e pelo valor da produção, é a mais importante agro-indústria do Brasil, concorrendo hoje para o abastecimento interno de açúcar e de álcool e como fonte de divisas com cerca de 100 milhões de dólares.

Desapareceu, desde então, o clima de desconfiança, gerador de atritos entre usineiros e fornecedores, por questões de quotas e pesagem, de qualidade de cana e, sobretudo, estabeleceu o regime de composição de litígios por comissões de conciliação, órgãos de julgamento do processo, de decisões de recursos e de métodos de execução.

E, sem dúvida, a mais notável codificação no setor agrário realizado no País, apresentando um aspecto que precisa ser ressaltado: é uma legislação que realmente funciona, com uma

experiência de aplicação frutuosa, de cerca de vinte anos.

A criação da justiça rural, nos moldes indicados, tem sofrido impugnações, por solução está na legislação parte dos que pensam que a específica do Ministério do Trabalho.

Entre eles, pela sua objetividade, vale mencionar o que se estipulou a respeito projeto Ferrari, de que foi no substitutivo ao chamado relator o deputado Geraldo Guedes.

No Título 2.º, foi prevista a criação da Justiça do Trabalho Rural, para decidir os conflitos individuais.

No Art. 80 se lê: A Justiça do Trabalho Rural é constituída do Tribunal Rural, para conhecer, processar e julgar as questões oriundas de interpretação e execução desta lei.

No art. 81 foi determinado: Fica criado em cada Comarca um Tribunal Rural, composto de Juiz de Direito da Comarca onde estiver situada a propriedade agrícola, e de dois membros designados pelo Sindicato dos Proprietários Rurais e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais."

Acontece entretanto que não existem as duas categorias acima referidas. O Decreto-lei n.º 7.038, de 19 de novembro de 1944, no seu art. 1.º declara: "É lícito a associação para fins de estudo, defesa e coordenação de seus interesses econômicos aos profissionais de todos os que, como empregadores ou empregados, exerçam atividades ou profissão rural."

Pelo art. 6.º o reconhecimento dos sindicatos rurais, foi atribuído ao Ministério do Trabalho.

O decreto 7.038, porém encontrou a maior repulsa das classes rurais, que lutavam por se organizarem em associações que gravitassem na órbita do Ministério da Agricultura.

Quase um ano depois, foi expedido o Decreto-lei número 8.127, de 24 de outubro de 1945, que estabeleceu o Associativismo Rural, cabendo, pelo art. 26, ao Mi-

nistério da Agricultura, resolver os dissídios a respeito do mesmo decreto.

Incluída a sindicalização agrícola, no que se refere a organização patronal rural, ficou revogada por encerrar incompatibilidade já que foi ela baseada em associações municipais, estaduais e federais, e no âmbito nacional à Confederação Rural Brasileira. (decreto 8.127)

O assunto tem sido objeto de controvérsias e acalorados debates. Sem entrar a fundo no problema o que importa esclarecer é que o sindicato agrícola dos trabalhadores não está ainda devidamente organizado, não podendo, por isso, oferecer condições para se tornar base da justiça nos termos lembrados. Ainda recentemente o deputado Gileno di Carli indicou a urgente necessidade de se promover a sindicalização dos trabalhadores rurais. É, sem dúvida, uma medida que irá concorrer para disciplinar as forças do trabalho agrícola, criando condições para sua ascensão social. Mas, para o caso presente, o sindicato não existe, e condicionar as medidas visando a implantação da justiça rural, à sua organização, seria proferir-la por muitos anos talvez. Iria se defrontar na quase totalidade dos Municípios brasileiros, com a falta de interesse dos próprios trabalhadores, ou cair na órbita da política local e, mesmo, tornar-se instrumento das classes patronais.

A conjuntura não comporta delongas e quando o incêndio se desenrola e ameaça o quarteirão inteiro é mais útil e prático empregar baldes de água que esperar a criação de um corpo de bombeiros com aparelhamento moderno. Vamos nos utilizar do material de combate de que dispomos e tentar prevenir a grande fogueira que está prestes a se acender nos meios rurais, notadamente no nordeste. Vamos utilizar o que existe em cada Município: um magistrado, o Juiz de Direito cuja autoridade funcional é conhecida e aceita por todos; do aparelhamento da justiça, escrevão e tabelião, que tem

do-o como chefe, darão corpo a nova estrutura; vamos aproveitar a Câmara dos Vereadores, das quais, cada vez mais, as classes trabalhadoras participam; vamos aproveitar as associações rurais, para indicar os representantes dos empregadores. Destas últimas, vale lembrar que já existem no Brasil, devidamente organizadas, mil e oitocentas unidades, que congregadas em federações estaduais, formam, com a Confederação Rural, arcabouço da movimentação das classes agrícolas do Brasil. E em torno desse quadro organizado já existente é que imaginamos a criação da Justiça Rural, mediante lei que poderia ser votada em poucos meses e que, quero insistir, representaria um instrumento poderoso e efetivamente atuante da pacificação das classes rurais do País.

A estes exemplos, colhidos no Brasil, podemos acrescentar o da legislação de vários países, onde Tribunais Rurais já foram constituídos, moldes indicados, para resolver dúvidas.

Assim, a Inglaterra, pelo Agriculture Act, de 1947, criou o Agriculture Land Tribunal, constituído de um proprietário rural, de um agricultor, um advogado e quando necessário, de assessores profissionais.

Na Holanda, de há muitos anos, existem os chamados tribunais Arrendamento, encarregados de intermediar judicialmente, em questões referentes à posição jurídica das partes interessadas dos contratos de arrendamento. Além, deles, há os Tribunais de Terra, que se ocupam de assuntos que são mais de caráter agro-econômico. Controlam os preços de arrendamento, que são fixados por decreto com variações regionais ou mesmo locais, na base da fertilidade das terras e seu aproveitamento.

Na França, como no Brasil, o problema do arrendamento rural era regulado pelo Código Civil. Datando de 1804, revelando-se obsoleto, neste setor, e foram feitas várias tentativas para modernizá-lo. É o que tentaram as leis de 15 de julho de 1942 e setembro de 1943,

que erlaram as Comissões Paritárias encarregadas de julgar todos os processos determinados por dissídios entre locador, locatário e parceiro.

O Statut du Pomoge (Lei de 17 de outubro de 1945), conservou o sistema, que se transformou em Tribunais Paritários que são compostos de um juiz e dois assessores (um proprietário e um locatário, ou parceiro).

Em outros Países — e neste continente a Argentina e o Uruguai possuem organizações deste tipo.

Os exemplos citados são, entretanto, suficientes para mostrar que não se trata de novidade, mas de medida que países, de velha tradição agrícola, já adotaram.

Poderemos basear nesta legislação orientação e estímulo para criarmos entre nós os tribunais de justiça rural, providência que, repito, é urgente.

CONCLUSÃO

É preciso concluir — e também de tudo que foi dito algumas conclusões. A mais importante de todas, é que ao lado do Instrumental legislativo a Reforma Agrária Brasileira, se organize o aparelhamento técnico e administrativo, capaz de pô-lo em execução.

De outro modo, iremos aumentar o nosso magnífico arsenal de leis, decretos e regulamentos, que serão apenas o atestado de nossa capacidade de ver os problemas, equacioná-los, demonstração de boas intenções mas também da incapacidade de resolvê-los, na prática.

É indispensável que, por isso, a *Renovação Agrícola* se escreva na terra e não apenas se trace no papel.

Sem um Ministério de Agricultura realmente eficiente, que assuma o comando com toda a autoridade, da política agrícola do país, a Reforma Agrária será um sonho, uma utopia e, estará fatalmente, fadada ao fracasso. Outra conclusão que se impõe é que sejam feitas profundas modificações na

educação rural do Brasil, de modo que possa atender no objetivos de preparo ruralista, para a *Revolução Agrícola* que o país está reclamando.

É assunto de prioridade número um, pois a reforma agrária, para que não seja um fracasso, tem como foi dito de começar pelo homem.

Outra conclusão — e esta é a final — para pedir que o Instituto dos Advogados Brasileiros assuma o comando com a autoridade e a capacidade que dispõe, do exame dos aspectos jurídicos da Reforma Agrária, notadamente da Justiça Rural.

E com um apelo vehemente neste sentido que concluo estas considerações, agradecendo a atenção com que me ouviram e pondo-me a disposição dos que desejarem quaisquer esclarecimentos.

(Conclusão da pág. n. 37)

C.B., com publicações na Revista dos Criadores dos resultados do controle. É ainda a raça mantigueira que produz o leite mais gordo do mundo, com taxas até de 11%, sendo comum médias acima de 6%.

Não resta, pois, a menor dúvida que o Guezerá é a raça de dupla aptidão mais indicada para a faixa intertropical, não só em face das qualidades acima citadas, mas também pela sua fabulosa rusticidade, resistência a longos períodos de pastagens fracas, invernos rigorosos e longas caminhadas.

Mostrando aos criadores de todo o Brasil estas qualidades extraordinárias a Associações dos Criadores de Guezerá do Brasil provocou uma verdadeira "corrida" atrás de reprodutores Guezerá, sendo normal hoje a maioria dos criadores terem "filas" de interessados aguardando bezerros desmanados para serem futuros melhoradores de seus plantéis. Só que essa procura será para sempre, que se assenta em fatos econômicos, não em manias.

ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSE RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANEXO IV

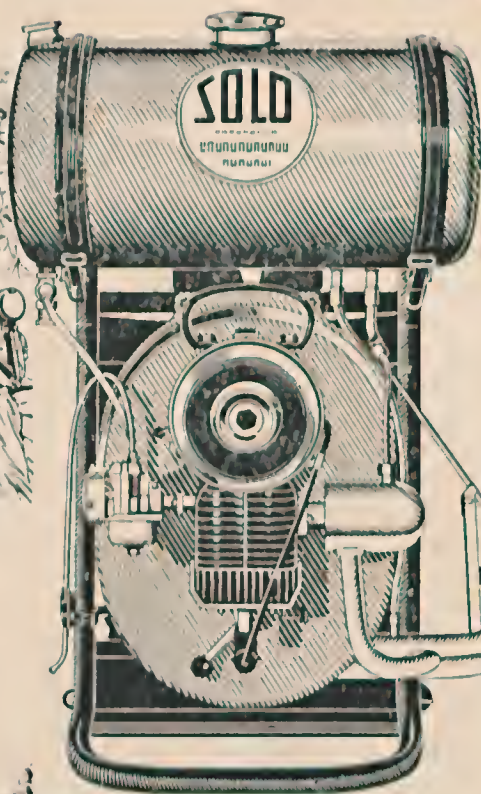
NOVEMBRO-DEZEMBRO 1961

BIBLIOTÉCA
SERVIÇO FLORESTAL
Rio de Janeiro - Brasil





POLVILHAÇÃO PULVERIZAÇÃO NEBULIZAÇÃO



**MOTO
POLVILHADEIRA**



Resultado da experiência dos agricultores de todo o mundo, os aparelhos SOLO para proteção das colheitas oferecem estas vantagens:

- * Manejo fácil.
- * Depósito para 10 litros de pó ou líquido.
- * Leve de ser conduzida às costas.
- * Alcance do jato: cerca de 15 metros.
- * Peso máximo do aparelho cheio: 25 quilos.
- * Motor a gasolina de alta rotação e de pequeno consumo.
- * Um só homem pode trabalhar 10 hectares por dia.
- * Cobertura total das plantas.
- * Ausência completa de trepidação.
- * Assistência técnica - amplo estoque de peças.

Distribuidores exclusivos:
SOCIEDADE COMERCIAL E
INDUSTRIAL

LASEC LTDA.

RUA CAMERINO, 61/81
Tels.: 43-4090 e 23-2101
RIO DE JANEIRO

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV

NOVEMBRO-DEZEMBRO, 1961

A LAVOURA

ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO
DA GUANABARA

FUNDADA EM 1897

Presidente da Sociedade
Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES
LOPES

Diretor Responsável e Redator-
Secretaria
LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor
Eng.º Agrônomo ANTONIO DE
ARRUDA CAMARA

Diretor Técnico
Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Redator Técnico
Eng.º Agrônomo GERALDO GOU-
LART DA SILVEIRA

Chefe da Publicidade
CARLOS ALBERTO SOARES

Redação e Administração:

GENERAL JUSTO, 171
Telefone: 42-2981
Caixa Postal: 1245
RIO DE JANEIRO

Nem a redação da Revista nem
a Sociedade Nacional da Agri-
cultura são responsáveis pelos
conceitos emitidos em artigos
assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar
— Tel.: 33-1432 — End. Tel.:
"LINEFE," C. P. 7257
— SÃO PAULO —



Fotografia da colheita de batatinhas, experiência feita pelo
Sr. Lauro Trichês, Presidente da Associação Rural de Turvo,
sob a orientação do Escritório do ETA-Projeto 17 — Acrese.
Sementes adquiridas no Campo experimental do Projeto 10
— do ETA de Lages.

SUMÁRIO

	Pág.
Reminiscências — O Ministério da Agricultura — Luiz Marques Poliano	5
Nôvo plano para a América Latina	6
Distribuição de Prêmios aos Lavradores Cariocas — Eng.º Agr.º Geraldo Goulart da Silveira	8
Eucalipto	10
Alguns aspectos que se destacam na situação agrícola mundial	13
Cooperativismo Rural	21
Problemas de Pesca no Mar do Norte — R. P. Korrings ..	22
A Lição de um Centenário — Edgard Teixeira Leite ...	24
Boletim Cooperativista — Osório Távares	26
Novos Técnicos em Agricultura	27
O Associativismo na Colonização — Eng.º Agr.º Ney Prandão	28
A Classe Rural — Temas e Sugestões — Arruda Câmara	29
As Cooperativas Centrais — Fábio Luz Filho	36



A Cana de Açúcar, des-
de os primórdios de nossa
história tem contribuído
decisivamente para a eco-
nomia nacional.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo — Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Honorário — Dr. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente — LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente — EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente — KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente — ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário — FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário — ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário — JOSÉ ARISTÓTELO DE CASTRO FILGUEIRAS
4.º Secretário — GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro — RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro — OTTO FRENSEL
Secretário-Geral — LUIZ MARQUES POLIANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO
ENNIO LUIZ LEITÃO

FLAVIO DA COSTA BRITTO
OSMAR LOPES REZENDE
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
JULIO CESAR COVELLO
MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES)

CADEIRA

1 — ENNES DE SOUZA
2 — MOURA BRASIL
3 — CAMPOS DA PAZ
4 — BARÃO DE CAPANEMA
5 — ANTONIO FIALHO
6 — WENCESLAU BELLO
7 — SYLVIO RANGEL
8 — PACHECO LEÃO
9 — LAURO MULLER
10 — MIGUEL CALMON
11 — LYRA CASTRO
12 — AUGUSTO RAMOS
13 — SIMÕES LOPES
14 — EDUARDO COTRIM
15 — PEDRO OZÓRIO
16 — TRAJANO MEDEIROS
17 — PAULINO CAVALCANTI
18 — FERNANDO COSTA
19 — SÉRGIO DE CARVALHO
20 — GUSTAVO DUTRA
21 — JOSÉ TRINDADE
22 — IGNÁCIO TOSTA
23 — JOSÉ SATURNINO
24 — JOSÉ BONIFÁCIO
25 — LUIZ DE QUEIROZ
26 — CARLOS MOREIRA
27 — ALBERTO SAMPAIO
28 — NAVARRO DE ANDRADE
29 — ALBERTO TORRES
30 — SÁ FORTES
31 — THEODORO PECKOLT
32 — RICARDO DE CARVALHO
33 — BARBOSA RODRIGUES
34 — GONZAGA CAMPOS
35 — AMÉRICO BRAGA
36 — EPAMINONDAS DE SOUZA
37 — MELO LEITÃO
38 — ARISTIDES CAIRE
39 — VITAL BRASIL
40 — GETÚLIO VARGAS

OCUPANTE

Vaga
Alberto Ravache
Geraldo Goulart da Silveira
Kurt Repsold
Luiz Marques Poliano
Antonio de Arruda Camara
Ennio Luiz Leitão
Frederico Murtinho Braga
Valentin F. Honças
Heltor Grillo
Joaquim Bertino de M. Carvalho
Edgard Teixeira Leite
Luiz Simões Lopes
Mayme Bernardes Cotrim
Paulo Simões Lopes
Antônio José Alves de Souza
Luiz Guimarães Junior
Iris Meinberg
Julio Cesar Covello
Oswaldo Balarin
Ignácio Tosta Filho
José Augusto B. de Medeiros
Fábio Luz Filho
Mário Penteado de F. e Silva
Francisco de Assis Iglesias
Alfredo L. de Ferreira Chaves
Honório Monteiro Filho
José Carlos de Macedo Soares
Rômulo Cavina
Otto Frensel
Rômulo Joviano
Oswaldo Lazzarini Peckolt
José Sampaio Fernandes
Sylvio Fróes de Abreu
José Assis Ribeiro
Moncyr Alves de Souza
José Carlos Bello Lisboa
Milton Freitas de Souza
Vaga
Adamastor Lima

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente do seguintes órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Poliano; Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil — Dr. Altino de Azevedo Sodré; Comissão Permanente de Estradas de Rodagem — Dr. Raul David de Sansom; Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Dr. Edgard Teixeira Leite; Comissão Consultiva de Acordos Comerciais (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; Comissão de Política Agrária (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente; Alberto Ravache; Conselho do Mérito Agrícola — Luiz Simões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara — Abel de Almeida; Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara — Juvenal da Silva Azevedo.

BIBLIOTECA
do Museu Nacional
Rio de Janeiro - Brasil

Dificuldades do Ministério da Agricultura

Ao findar 1961, ano que se caracterizou por um quase colapso na administração federal, primeiro, pela transferência da capital para Brasília, segundo, pelos acontecimentos de agosto, trauma de que até hoje ainda não se recuperou a vida nacional, sérias preocupações assaltam a classe rural.

A mudança para Brasília — parcial, tanto no pessoal como no material, sobretudo no que tange ao Ministério da Agricultura, afetou de muito a ação deste Departamento, não se sabendo ao certo até hoje, para onde dirigir-se o interessado — se para o Rio ou para a Nova Capital, quando algum assunto o leve a procurar suas repartições. Dos projetos do governo substituído em agosto último, muitas providências foram esboçadas, mas nenhuma, ao que sabemos, concretizada no setor da Produção. Assim, a mudança e a renúncia foram nefastas para a Pasta que nos diz respeito. Há casos de auxílios a estabelecimentos de ensino, para a manutenção de alunos que, até hoje, não foram pagos.

Se antes o Ministério da Agricultura, pela mesquinhez das verbas que lhe votava o Congresso; pelos cortes oriundos dos chamados planos de economia; e ainda pela irregularidade e retardamentos que sofria a distribuição dos seus recursos, indispensáveis ao atendimento dos respectivos serviços, já se encontrava com sua ação seriamente comprometida, é de esperar-se, quando ainda nem sabemos com quanto foi ele aquinhado no orçamento do ano próximo, procurem os responsáveis pela importante Pasta atentar seriamente para o problema, a fim de reduzir ao mínimo as dificuldades que se avizinham, capazes de sufocar o programa de ação do Ministério entregue no zelo e à competência do Sr. Armando Montelero, de cujas disposições e boa vontade estamos plenamente convencidos.

As pragas não avisam da hora de sua chegada, da mesma forma que as calamidades climáticas; as colheitas e as semeaduras obedecem a calendários que não se podem mudar; o pessoal da verba tão numeroso no Ministério da Agricultura — precisa comer e vestir-se para poder trabalhar. Por outro lado, a produção deve aumentar, para que não se agrave ainda mais a crise de insuficiência de gêneros alimentícios pois, aí, encarecerá ainda mais a vida, com os seus maléficos reflexos sobre a população, já tão angustiada pelas dificuldades atuais, a cada hora.

Mas, para que a produção aumente, ou, pelo menos não diminua, é necessário que não falem recursos no Ministério da Agricultura — que a sua ação, a final, seja facilitada e não, como até aqui, travada por uma incorrigível burocracia que já devia ter de há muito cedido lugar a processos mais modernos de administração.

Esta é a reprodução do bronze comemorativo do 40º aniversário das atividades dos Produtos Nestlé no Brasil, iniciadas com a instalação da fábrica de Araras, em São Paulo, no ano de 1921. Constitui a mais elevada, especial e carinhosa homenagem à Mãe Brasileira, que continua na marca Nestlé como sinônimo de produtos nutritivos, de qualidade garantida, para auxiliá-la na difícil missão de cuidar de nossa infância.



NA PASSAGEM DO SEU **40^o** ANIVERSÁRIO,
A HOMENAGEM
DOS PRODUTOS
NESTLÉ

À MÃE BRASILEIRA, de cujo amor e abnegação tanto dependem as gerações de amanhã;

AOS PEDIATRAS, dedicados protetores da saúde de nossa infância;

AOS DISTRIBUIDORES, constantes e entusiásticos divulgadores dos Produtos Nestlé;

AOS NOSSOS FORNECEDORES, que garantem o suprimento regular das matérias-primas indispensáveis aos nossos produtos;

AOS NOSSOS FUNCIONÁRIOS, que com profícuo trabalho tornam possível à empresa a plena realização dos objetivos por ela idealizados.



C-11V, 44/51, 1

PRODUTOS NESTLÉ - 1921 - 1961
40 ANOS A SERVIÇO DA FAMÍLIA BRASILEIRA

REMINICÊNCIAS

O Ministério da Agricultura

LUIZ MARQUES POLIANO

O Dr. Joaquim Inácio Tosta, deputado federal pela Bahia, dirigindo-se, em tempo, à Sociedade Nacional de Agricultura, assim se expressava: "A criação do Ministério da Agricultura foi proclamada necessidade inadiável da lavoura em 1901, no Congresso Nacional de Agricultura, convocado pela Sociedade Nacional de Agricultura que, dessa data em diante, nunca interrompeu a sua patriótica e valiosa propaganda em prol da realização da idéia, cabendo-lhe, portanto, a parte principal da vitória que se aproxima."

Fora aquêle ilustre parlamentar relator do projeto da criação do Ministério da Agricultura, em obediência à primeira das 96 conclusões daquele memorável certame, realizado no Rio de Janeiro.

Mas, não estamos aqui para reivindicar para a Casa de Ennes de Souza a idéia vencedora em 1906 e concretizá-la alguns anos depois. O que queremos, agora, é fazer uma curiosa comparação do que, por ocasião do projeto, se pretendia gastar na nova Secretaria de Estado, com o que agora se gasta (1961) com a repartição votada ao fomento e defesa da nossa produção agro-pecuária.

Note-se que, naquela época, o café, o açúcar, o mate, a sal, o arroz, o pinho e outros produtos das indústrias agrícola e extrativa não dispunham das antargistas que detes hoje cuidam especificadamente: o Ministro ganharia 36:000\$000 por ano; o diretor geral, 15:000\$000, o Chefe da Seção de Contabilidade, o de Caminhos Públicos e Transportes, o de Meteorologia Agrícola, e tantos outros, 10:000\$000, por ano. Para resumir, todo o orçamento do Ministério da Agricultura, segundo o projeto, consumiria por exercício inclusive 49:000\$00 de Eventuais, a "elevada" quantia de mil e seiscentos contos de reis, ou, traduzindo para a nossa moeda atual, um milhão e seiscentos mil cruzetiros!

Bem, não faremos de quanto ganham hoje o Ministro, os Diretores Gerais, os Chefes de Seção. Talvez ganhem muito pouco ainda, mas basta que coloquemos ao lado do "audacioso" orçamento do Deputado Cristino Cruz, de 1905, o montante do orçamento geral do Ministério da Agricultura para 1961: Cr\$ 14.646.633.462,00 (Quatorze bilhões, seiscentos e quarenta e seis milhões, seiscentos e trinta e três mil e quatrocentos e sessenta e dois cruzetiros). O de 1962 deve ser um pouco maior e dete não tivemos ainda conhecimento.

E' verdade que, áqueles idos, o dolar não havia ainda alcançado a casa dos 400...

NOVO PLANO PARA A AMÉRICA LATINA

Concentrando cerca de 190 milhões de habitantes, numa área geográfica de 20 milhões de quilômetros quadrados, a América Latina possui, no entanto, um dos mais baixos índices de desenvolvimento do mundo. Agravando, ainda mais, o seu quadro sócio-econômico, vem esta parte do Continente sofrendo um contínuo processo de empobrecimento, com uma renda "per capita", representando 1/3 da renda da Europa Ocidental e 1/7 da dos Estados Unidos, causando assustadoramente no seu índice de crescimento. De 2,7% ao ano, registrados no período de 1945 a 1955, a elevação da renda "per capita" dos latino-americanos desceu, entre 1955 e 1959, para 1,2%. Sua agricultura, por outro lado, que absorve 60% da população, contribui com apenas 25% para a formação do produto bruto total, em face das profundas distorções que apresenta na sua distribuição, extremamente desfavorável e anti-econômica, pois cerca de 60 a 80% de suas áreas cultiváveis se encontram em poder de um número reduzido de proprietários que varia entre 3 a 8%. Junta-se a este o problema da educação e o seu comércio internacional, sensivelmente desigual, o que torna, cada dia mais árdua, a luta dos seus habitantes pela sobrevivência.

Para mudar esse quadro é que foi criado o plano "Aliança para o Progresso", de inspiração do presidente Kennedy, cujo objetivo principal é a consolidação de todos os planos de desenvolvimento econômico e social das Américas, visando ao apro-

veitamento máximo dos recursos próprios de cada país e dos provenientes de fontes públicas e privadas dos Estados Unidos, calculados, só estes últimos, em vinte bilhões de dólares, em dez anos.

A chamada "Carta de Punta del Este", assinada pelos representantes de todas as nações latino-americanas, com exceção de Cuba, é o instrumento básico de execução dessa nova política e através dela os seus signatários fixaram os seguintes objetivos: a) distribuição mais equitativa da renda nacional; b) diversificação equilibrada das estruturas econômicas, tanto as relacionadas com o plano interno, como as de sentido internacional; c) aumento da produtividade global da economia, utilizando, plenamente, todos os recursos, racionalizando a industrialização e aumentando a produtividade agrícola através de uma série de reformas básicas no regime de distribuição de terras, de crédito e de assistência técnica, a fim de que constituam a base da estabilidade econômica para os homens que nelas trabalham; d) eliminação do analfabetismo entre os adultos garantindo, em 1970, um mínimo de seis anos de educação primária a toda criança em idade escolar na América Latina; modernização e ampliação dos meios para o ensino secundário, vocacional, técnico e superior; e) melhoria das condições de vida das populações, garantindo:

- 1) água potável e esgotos a pelo menos 71% da população urbana e 52% da rural;

- 2) a redução da mortalidade infantil;
- 3) a erradicação das enfermidades;
- 4) a melhoria da alimentação, formando e aperfeiçoando profissionais auxiliares de saúde;
- 5) a utilização mais efetiva dos conhecimentos derivados da investigação científica para a prevenção e cura das enfermidades. f) aumentar a construção de habitações econômicas para famílias de baixo nível de renda; g) manter níveis de preços razoavelmente estáveis, evitando a inflação e a deflação; h) fortalecer a integração econômica, visando à criação de um mercado comunitário-americano; i) evitar as flutuações excessivas dos lucros em divisas procedentes de exportações primárias.

Além desses itens, as repúblicas americanas reconheceram ainda a necessidade de estabelecer os requisitos básicos, visando o desenvolvimento econômico e social através de programas nacionais amplos e bem concebidos. Dentre estes, bem como a utilização mais produtiva dos recursos a serem extraídos do exterior, sem os quais não seria possível o financiamento da produção de bens de capital e consumo durável, ou alternativamente, para sua importação, cuja disponibilidade é sabidamente escassa na região. Por outro lado ficou patente que, nos próximos meses, os representantes das nações norte-americanas que participaram da Conferência da Punta del Este formularão todos esses programas de desenvolvimento a longo prazo.

Para nós do Brasil, particularmente, que tivemos as-

(continua na página 8)

ADUBOS VIANNA

Fórmulas para todas as lavouras

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Caixa Postal 3572 — Endereço Telefônico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO

FORMICIDA SHELL SUPER MATA A FORMIGA!



O novo Formicida Shell Super, à base do Aldrin, extermina roalmente as formigas. Sua fórmula é o resultado de longos anos de ensaios e experiências nos laboratórios o nos campos.

Veja como é fácil exterminar as formigas com o Formicida Shell Super.

1.- Localize o formigueiro e meça a área do terra solta, multiplicando o maior comprimento pela maior largura.

2.- Escolha os canais de maior diâmetro o do direção vortical ou oblíqua para o centro do formigueiro (nunca para fora do formigueiro).



3.- Aplique 30 gramas do formicida por metro quadrado de formigueiro (o que corresponde a 10 "bombadas" usando a Bomba Shell). Ex.: num formigueiro de 40 m² devem-se aplicar $40 \times 30 = 1.200$ gramas de formicida.

Se o formigueiro for grande, trate apenas os canais da periferia, ou seja, os canais que o circundam, não sendo necessário raspar toda a área do formigueiro.

Se o formigueiro for pequeno, raspe toda a terra solta e trate os melhores canais dois dias depois. Neste prazo, os canais entupidos já estarão reabertos, facilitando a operação.

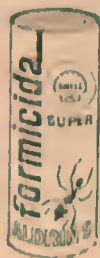


Para exterminar os formigueiros de encosta, fura-se o terreno com a sonda JP ou trado, de modo a atingir as panelas ativas. Pelos furos, onde sai muita formiga, aplica-se o Formicida Shell Super.

Qualquer que seja o tipo de formigueiro tratado, ele deve ser observado após 60 dias. Se ainda houver alguns canais ativos, algumas bombadas significam a completa destruição do formigueiro.

Cuidados pessoais: evitar o contato o a aspiração do pó. Após o trabalho, lavar bem as mãos com água e sabão. Comparado com outros formicidas, o novo Formicida Shell Super é muito menos tóxico.

São surpreendentes os resultados que se obtêm com o Formicida Shell Super. Basta seguir as instruções atentamente para livrar-se dessa terrível praga. Ataque imediatamente os formigueiros com Formicida Shell Super!



FORMICIDA SHELL SUPER

NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA

PRODUTOS QUÍMICOS



DISTRIBUIÇÃO DE PRÊMIOS AOS LAVRADORES CARIOCAS

Eng. Agr.
Geraldo Goulart da Silveira
Membro da Comissão de
Juizamento

Com a presença de altas autoridades foram distribuídos, em solenidade realizada no Sertão Carioca no dia 21 de setembro — Dia do Lavrador Carioca — os prêmios instituídos pela Lei n.º 878 de 14.11.1956.

Foram os seguintes os prêmios distribuídos nas diferentes categorias:

I — Categoria de Organização

Esta categoria abrangeu uma única classe, com prêmio no valor de cem mil cruzeiros, destinado ao lavrador e criador que mantivesse melhor organização rural, considerando-se a eficiência e a exatidão de sua escritura no movimento produtivo e despesas gerais, dentro de um cunho prático, cuja adoção possa ser generalizada.

Concorreram ao prêmio sete agricultores sendo classificado em primeiro lugar, com um total de noventa e cinco pontos, o sr. Acácio Miguel Szechy, da jurisdição do Posto Agrícola IV.

II — Categoria de Produtividade

Na classe IIa., com prêmio no valor de cinquenta mil cruzeiros, destinado ao lavrador que apresentasse, por um hectare, maior rendimento no cultivo de hortaliças, foram inscritos seis lavradores, alcançando o primeiro lugar, com setenta e oito pontos, o sr. João Pinto Rodrigues, da jurisdição do Posto Agrícola II.

Na classe IIb. com prêmio no valor de cinquenta mil cruzeiros, destinado ao lavrador e criador que apresentasse maior produção de ovos, tomando-se por base um plantel de quinhentas aves, foram inscritos nove produtores, alcançando o primeiro lugar, o sr. Sylvio Maui, com noventa e seis pontos e quarenta e um dé-

clinos, da jurisdição do Posto Agrícola IV.

Na classe IIc. com prêmio no valor de cinquenta mil cruzeiros, destinado ao lavrador que produzisse o melhor lote de pintos de um dia, tomando-se por base um lote de quinhentas cabeças, inscreveram-se sete criadores, alcançando o primeiro lugar, com oitenta e três pontos e oitenta e um decimos, o sr. José Martins de Santa Rosa, da jurisdição do Posto Agrícola IV.

Na classe IId. com prêmio no valor de trinta mil cruzeiros destinado ao lavrador que apresentasse maior produtividade agrícola, qualitativa e quantitativamente, tomando-se por base cinco colmeias, inscreveram-se dois apicultores, logrando o primeiro lugar, com noventa pontos, o sr. Francisco Cardoso da Fonseca, da jurisdição do Posto IV.

III — Categoria de Mecanização

Esta categoria abrangeu uma única classe com prêmio no valor de cem mil cruzeiros, destinado ao lavrador que mediante o emprego de máquinas agrícolas reduzisse comprovadamente os gastos de manutenção da mão de obra da sua propriedade agrícola tomando-se por base uma área de cinco hectares. Inscreveram-se dois lavradores, alcançando o primeiro lugar, com noventa e seis pontos, o sr. Masanao Togashi, da jurisdição do Posto VI.

IV — Categoria de Defesa de Recursos Naturais

Na classe IVb. com prêmio de cinquenta mil cruzeiros, destinado ao lavrador e criador que reflorestasse uma área contigua de três hectares, de terreno fortemente inclinado, obedecendo melhor critério técnico increve-

ram-se dois lavradores logrando o primeiro lugar, com noventa e dois pontos, o sr. Fernando Larranny Mellen, da jurisdição do Posto Agrícola II.

V — Categoria de Economia Doméstica

Nesta categoria, que abrangeu uma só classe, com prêmio no valor de trinta mil cruzeiros, destinado ao lavrador ou criador que apresentasse maior diversidade de indústrias caseiras, como atividade subsidiária, só foi inscrito o sr. João de Deus Oliveira, da jurisdição do Posto V que atingiu oitenta e oito pontos e foi premiado.

VI — Categoria de Abastecimento

Nesta categoria, que abrangeu uma só classe, com prêmio de cem mil cruzeiros, destinado ao lavrador que concorresse com maior volume de produção para o abastecimento da cidade considerando-se a diversidade de cultura em uma área base de cinco hectares, concorreram oito lavradores, alcançando o primeiro lugar o sr. Angelo Hoshiva, com cem pontos, da jurisdição do Posto Agrícola VI.

ANUNCIE EM “ A LAVOURA ”

(conclusão da pág. 6)

segurado um financiamento em dólares no valor de 369,1 milhões, dentro do Plano de Emergência, as normas preconizadas pelo “Aliança para o Progresso”, representam uma nova perspectiva na luta contra o sub-desenvolvimento que, acreditamos, ser o maior de todos os problemas com que nos defrontamos juntamente com toda a América Latina. Do seu êxito, espera-se melhor futuro para essa região, não só no seu plano social como também no seu desenvolvimento econômico



I ENCONTRO RURAL DA GUANABARA

Ao alto os Srs. Flavio da Costa Brito, Presidente do Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara, tendo a esquerda o Sr. Luiz Marques Pollaro, Secretário Geral do S.N.A. (órgão Federativo do Estado) e ainda, a Professora Eliete Auler, que compareceu a fim de esclarecer os presentes a respeito da Campanha (que leva o maior êxito) da vacinação em massa (Sabin); em baixo, grupo de ruralistas presentes, aos quais foram expostos os desejos do CR da GB de dar maior entrosamento com as associações rurais e cooperativas do Estado. A reunião realizou-se na magnífica sede da Associação Carioca de Agricultura, em Campo Grande, presidida pelo Sr. Pelajo Vidal Martins.

EUCALIPTO

Bibliografia - (*)

"Não pretendemos na presente Bibliografia, arrolar todo o material existente sobre Eucalipto dada a extensão do que foi escrito sobre o assunto. Limitamo-nos, apenas, a compilar as obras existentes sobre a matéria em pauta nas Bibliotecas das seguintes instituições:

Biblioteca Nacional (BN)
Escritório Técnico de Agricultura (ETA)
Instituto Brasileiro de Biblioteca e Documentação (IBBD)
Serviço de Informação Agrícola (SIA)
Serviço Florestal (SF)
Sociedade Nacional de Agricultura (SNA)"

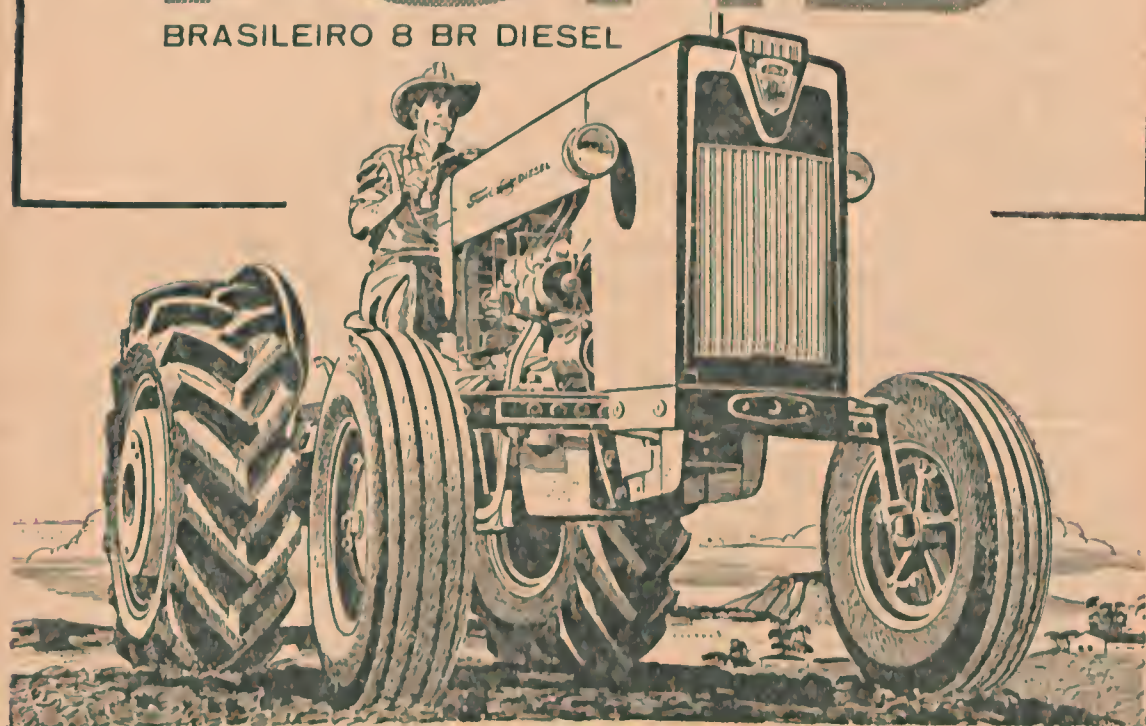
- 1) ACCORSI, Walter Radamés — Dispositivo analforme, coroado de pêlos absorventes, nos "seedling" de Eucalyptus (IN *Anais do LV Congresso Nacional da Sociedade Botânica do Brasil*, Recife: 278-279, 1953. — IBBBD)
- 2) ACCORSI, Walter Radamés — Eucalyptus tereticornis Smith e Eucalyptus Clivicodora Hooker ... Piracicaba, S. Paulo, 1941. 89 p. ilus. — SIA
- 3) ACCORSI, Walter Radamés — Sobre a ocorrência de órgão cupuliforme, com bordos pelíferos, no colo dos "seedlings" de eucalyptus ... [2 p.] — [s.n.t.] — ETA
- 4) ALMEIDA, Djalma Guilherme de — Estudo comparativo de cinco talhões de "eucalyptus" (IN *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, Rev. do Jardim Botânico, ano V (14): 367-373, 1941. — SNA)
- 5) AMSHOFF, G. J. H. — Myrtaceae (IN *Mededelingen*, 79-93, 1940-43; 97-106, 1943) — SF
- 6) ANDRADE, Edmundo Navarro de — A cultura do eucalipto (IN *Boletim de Agricultura*, São Paulo (9-10): 28.^a série, 1927) — SNA
- 7) ANDRADE, Edmundo Navarro de — A cultura do eucalipto (IN *Boletim de Agricultura*, São Paulo: 606-633, 1927) — SNA
- 8) ANDRADE, Edmundo Navarro de — A cultura do eucalipto nos Estados Unidos. São Paulo, Typ. Brazil, 1910. 108 p. ilus. — SIA
- 9) ANDRADE, Edmundo Navarro de — O eucalipto. São Paulo, Chácara e quintais, 1939. 124 p. ilus. — SNA
- 10) ANDRADE, Edmundo Navarro de — O eucalipto... São Paulo, Chácara e quintais, 1949. 121 p. ilus. — ENA
- 11) ANDRADE, Edmundo Navarro de — O eucalipto e suas aplicações. São Paulo, Diretoria de publicidade, 1928. XVII, 143 p. ilus. — SIA
- 12) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Instruções para el cultivo del eucalipto. Buenos Aires, M. da agricultura y ganaderia. Publicación miscelanea n. 334, 1954. 48 p. — SIA
- 13) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Instruções para a cultura do eucalypto... São Paulo [Rev. dos Tribunais] 1936 — ENA
- 14) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Manual do plantador de eucalyptes. São Paulo, Tip. Brasil, 1911. 343 p. ilus. — SNA
- 15) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Manual do plantador de eucalyptos. São Paulo, Tip. Brasil, 1911. 339 p. ilus. — SNA
- 16) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Uma praga do eucalypto (IN *Chácara e quintais*, São Paulo. 37(5): 463-65, 1928) — SNA
- 17) ANDRÉ, Edouard François — Eucalytus globulus... Paris, Lib. agrícola de la maison rustique, 14 p. ilus. — BN
- 18) ARGENTINA, Dirección de agronomía, Departamento forestal — Forestación mazonal, fabricación de masetas de barro de crudo — [Buenos Aires] 1950. 28 p. ilus. — BN
- 19) ARGENTINA, Dirección forestal. División de silvicultura — Instrucciones prácticas para el cultivo del eucalipto... Buenos Aires, Dirección de Información 1945. 15 p. ilus. — BN
- 20) ARRUDA, S. C — Observações sobre algumas doenças do eucalypto no Est. de São Paulo (IN *O Biológico*, São Paulo, Inst. Biológico, ano IX (6): 140-144, 1942. — BN
- 21) AZEVEDO, J. A. de — Eucalyptus globulus sua utilidade e cultura; apontamentos oferecidos à Associação brasileira de aclimação... Rio de Janeiro, Typ. Imperial Inst. artístico, 1873. 8 p. BN
- 22) AZEVEDO, Joaquim de — Eucalyptus globulus... Rio de Janeiro, Typ. do Imperial Inst. artístico, 1874. 39. — BN
- 23) BARBOSA, Oswaldo — O reflorestamento com eucalyptus (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, Instituto nac. do pinho, ano 7 (7): 63-67, 1954) — SNA
- 24) BARRETO, Antônio — A industrialização dos eucalyptos (IN *Agronomia*, Rio de Janeiro, Diretório acad. da Esc. nac. de agronomia, I (1): 5, 1941. — SIA
- 25) BARROS, Dirceu Paes de — Eucalyptos; coleção de eucalyptos do Horto Florestal de São Simão... São Paulo, Divisão de pub. agrícola, 1957. 5 p. — SIA
- 26) BARROS, Dirceu Paes de — Viveiros para

(*) Trabalho realizado pelas bibliotecárias da SNA, Cely de Souza Soares Pereira e Lygia de Lourdes Saide,

Conheça de perto o notável Trator

FORD

BRASILEIRO 8 BR DIESEL



O 1.º trator realmente fabricado no Brasil! Veja agora, no seu Revendedor Ford, o Trator 8 BR Diesel—fabricado especialmente para o Brasil. Examine V. mesmo tôdas as vantagens que fazem do Ford 8 BR Diesel um dos melhores tratores de todo o mundo!



56 HP a 2.200 RPM! 44 HP na barra de tração! Serviço pesado e contínuo, no solo mais duro que houver, nunca é problema para o Ford 8 BR Diesel!



Engate em 3 pontos com levantamento hidráulico, para qualquer implemento, poupando tempo, aumentando o rendimento diário.

Tomada de força no eixo traseiro, com 1.000 RPM.

V. encontra sempre peças e serviço para o seu Trator Ford 8 BR Diesel — o 1.º trator brasileiro — nos Revendedores Ford de todo o Brasil.



Mais um produto da **FORD MOTOR DO BRASIL S. A.** — pioneira na mecanização da agricultura!

- eucaliptos, São Paulo, Diretoria de publ. agrícola, 1957. SIA
- 27) BARROS, Wanderbilt Duarte de — O eucalipto, pioneiro da silvicultura no Brasil (IN Anuário brasileiro de economia florestal, Rio de Janeiro, Inst. nac. do pinho, ano 4 (4): 95-98, 1951. — SNA
 - 28) BAUCKE, Osvaldo — Bicho do cêsto em eucalipto (IN Lav. arrozeira, 12(137):173, maio 1958). — SNA
 - 29) BERTHERAND, Émile Louis — L'eucalyptus au point de vue de l'hygiène en Algérie... Alger, Typ. V. Aillaud, 1876. — BN
 - 30) BLAKELY, W F — Myrtaceae (IN Proceedings of the Linnean Society — N. S. Wales, v. 55, part 5 1930; v. 62, part. 1 2, 1938; v. 61/62. — SF
 - 31) BRANDÃO SOBRINHO, Júlio — Eucalyptus (IN Boletim de agricultura de S. Paulo, Campinas, Inst. agronômico, 1901. — SNA
 - 32) BRASIL, Serviço de Estatística da Produção, Seção de publicidade — Notas sobre a cultura dos eucaliptos, 4. p. — BN
 - 33) BRASIL, Serviço florestal, Reunião florestal do Itatiaia, 1957 — O consumo d'água dos eucaliptos... Rio de Janeiro, Irmãos Di Giorgi, 1957, 6 p. — ETA
 - 34) CAMPAGE, R H — Myrtaceae (IN Proceedings of the Linnean Society — N. S. Wales — v. 51, parte 3, 1926; v. 49/51. — SF
 - 35) CHIEL, E — Myrtaceae (IN Proceedings of the Linnean Society — N. S. Wales, v. 55, parte 1 — 1931. — SF
 - 36) CHILE, Ministerio de Industria y obras publicas, Seccion de aguas y bosques — La caoba de las vegas, o eucalyptus robusta, por Frederico Albert... Santiago do Chile, Imp. Cervantes, 1907, 23 p. — BN
 - 37) COHEN, W. E. — Pasta e papel de eucaliptos (IN Anuário brasileiro de economia florestal, Rio de Janeiro, Inst. nac. do pinho, ano 4(4):185-195, 1951). — SNA
 - 38) COSSON, Ernest Saint Charles — Note sur l'acclimatation de l'eucalyptus globulus... Paris, Imp. de E. Martinet 5 p. — BN
 - 39) COSTA, Francisco Leite Alves — Plantação de eucalyptus no Morro Velho (IN Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro, Serv. de informações, ano VIII(3):77-80, 1919 — SNA
 - 40) COZZO, Domingo — Eucalyptus y Eucalyptotecnia... Buenos Aires Lib. El Ateneo Editorial 393 p. illus. — SPSF
 - 41) CULTURA DA CANNA DE ASSUCAR, DO EUCALIPTUS E DO LINHO (IN Boletim de agricultura, São Paulo, (6):172-173, 1919). SNA
 - 42) CULTURA DO EUCALIPTUS (IN Boletim de agricultura, São Paulo (4):397-308 1918. SNA
 - 43) DE CANDOLLE, A. P. — Mémoire sur la famille des Myrtacées: 61 22 gr. — SF
 - 44) EUCALIPTO — (IN Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, Bahia, Serv. de divulgação, ano XLVIII (8):146, 1951. — SIA
 - 45) O EUCALIPTO — Mal com ele, pior sem ele (IN Seleções agrícolas, Rio de Janeiro, Ed. Seleções agrícolas, ano IV (39):74, 1949). — SNA
 - 46) O EUCALIPTO e as abelhas; com quatro espécies de eucaliptos obtém-se, o ano inteiro, floração para abelhas (IN Seleções agrícolas, Rio de Janeiro, Editora Seleções agrícolas, ano II (16):54, 1947). — SNA
 - 47) O EUCALIPTO nas zonas subtropicais (IN Seleções agrícolas, Rio de Janeiro, Ed. Seleções agrícolas, ano III(30):43, 1948). — SNA
 - 48) EUCALIPTUS, Quais as espécies preferidas? (IN Seleções agrícolas, Rio de Janeiro, Ed. Seleções agrícolas, ano I (4):41-42, 1946. — SNA
 - 49) EUCALIPTUS (IN Corrêa, M. Plo, Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas, Rio de Janeiro, M. da Agricultura, 2:614-635, 1931). SNA
 - 50) EUCALYPTO colossal (IN Boletim de agricultura, São Paulo, Diretoria de agricultura: 222-227, 1908). — SNA
 - 51) FONSECA, J. P. da — Ataques de cupins a plantações de eucalipto (IN O Biológico, São Paulo, Inst. biológico, ano VI (8):222-223, 1940). — SIA
 - 52) FRASER, L e Vickery, J — Myrtaceae (IN Proceedings of the Linnean Society — N. S. Wales, v. 62 parte 5-6, parte 1 2, 1939; v. 61/62, v. 63-65). — SF
 - 53) GOES, Ernesto — Os Eucaliptos em Portugal, Identificação e monografia de 90 espécies... Lisboa, M. da economia Secretaria de Estado da Agricultura, Direção geral dos serviços florestais e agrícolas, 1960, 298 p. illus. — SF
 - 54) GUBIER, Adolpho Marie — Sur l'eucalyptus globulus et son emploi thérapeutique... Paris, Typ. A. Hennynet, 1871, 31 p. — BN
 - 55) GUIMARAES, Rubens Foot — Ensaio de esparçamento em Eucalyptus saligna, sm. para produção de lenha, Rio Claro, Companhia paulista de estradas de ferro, 1956, 42 p. — IBBD
 - 56) GUIMARAES, Rubens Foot — Tratamento de sementes de eucalipto e seu efeito sobre o desenvolvimento das mudas (IN Anuário brasileiro de economia florestal, Rio de Janeiro, Inst. nac. do pinho, ano 7 (7):280-287, 1954). — SNA
 - 57) GUIMARAES, Rubens Foot e Gomes, Frederico Pimentel — Comportamento de espécies de eucalyptus em solo arenito pobre, Jundiaí, Companhia paulista de estradas de ferro 1957, 38 p. — IBBD
 - 58) GURGEL, J. T. Amaral e J. Soubire Sobrinho — Poliembrionia em Myrtaceas frutíferas, Bragança, Campinas II (16): 141-163, abr./jun. 1951. — SNA
 - 59) GURGEL FILHO, O. A. — Nota prévia sobre a competição de espécies de eucalipto para lenha, Rev. de Agricultura, São Paulo, 31(2):83-84, jun 1956. — SNA
 - 60) HERZOG, Wolfgang — Produção de lenha do eucalipto, Rural, 38(442):72-73, fev. 1958. — SNA
 - 61) INGHAM, Norman — Eucalyptus in Cult.

- fornia, California, Agricultural experiment station /s.d./ 141 p. illus. (California Agricultura (Experiment Station, Bulletin n. 196). — SIA
- 62) JOFFILY, José Maria — Ferrugem do eucalipto (IN Bragança, Campinas, 4(8):475-487, 1944). — SNA
- 63) KIAERSKOU, H — Enumeratio myrtacearum brasiliensium Hauniae, 1893. — SF
- 64) KOSCINSKI, Mansueto Estanislau — O eucalipto... 2. ed. São Paulo, Melhoramentos s. d. 31 p. illus. (AEC do lavrador prático, n. 1). — SNA
- 65) LEINGRE — L'eucalyptus globulus Nancy. Buzer, Leurant, 1875, 19 p. — BN
- 66) LOPES, Luiz Simões — Instruções para a cultura dos eucalyptus. Rio de Janeiro, Serv. de Inf. do M. da Agricultura, 1928, 45 p. — SIA
- 67) LOPES, Luiz Simões — Instruções para a cultura dos eucalyptus... Rio de Janeiro, Serv. de Inf. agrícola, 1942, 26 p. illus. — SNA
- 68) LOPES, Luiz Simões — Instruções para a cultura dos eucalyptus... 4. ed. Rio de Janeiro, Serv. de Inf. agrícola, 1948, 35 p. illus. — SIA
- 69) LOPES, Oscar — O eucalipto (IN Agro-nômica, Rio de Janeiro, 12(1):33-35, 1953). — SIA
- 70) LOPES, Oscar — O eucalipto. Boletim de agricultura (B Horizonte) 6(11,12):55-58, nov./dez, 1957. — SNA
- 71) LOPES, Oscar — O eucalipto (IN Seleções agrícolas. Rio de Janeiro, ano VII(74):29, 1952). — SNA
- 72) LOPES, Oscar — O eucalipto e o melhora-mento das terras de pastagens (IN Ceres, Viçosa, 9(52):234-37, 1954). — SIA
- 73) MCCLATCHIE, Alfred James — Eucalypts cultivated in the United States... Washington, Govt. print. off., 1902, 106 p. illus. — SF
- 74) MAGALHAES, Carlos Leôncio — As reservas florestais do mundo (IN Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro ano XVI(2):248-257, 1957). — SNA
- 75) MARICONI, Francisco de Assis Menezes — Alguns bezouros depredadores de eucalyptos, na região de Piracicaba. O Biológico, 22(1):1-14, jan. 1956. — SNA
- 76) MATTOS, Horácio Peres Sampaio de — Estudos da ocorrência dos eucalyptos na Austrália. Arq. Serv. Florestal, Rio de Janeiro, 7:71-149, 1953. — SNA
- 77) MATTOS, Horácio Peres Sampaio de — O eucalipto na fabricação do papel. Rio de Janeiro, Serv. gráfico do IBGE, 1956, 26 p. illus. — SNA
- 78) MELLO, Heládio do Amaral — Nota prévia sobre a enxertia de borbulha em eucalyptos. Rev. de agricultura, São Paulo, 32(1):7-8, mar. 1957. — SNA
- 79) METCALF, Woodbridge — Growth of eucalyptus in California plantations. California, Univ. California publications, 1924, 59 p. illus. — SIA
- 80) MULLER, F — A descriptive atlas of the Eucalyptus of Australia and adjoining islands, Melbourne, 1879 1664 — SF
- 81) MYRTACEAE — (IN Flora of Suriname, Koninklijke vereniging Koloniaal Instituut,



MÁQUINAS AGRÍCOLAS

- MOINHOS DESINTEGRADORES A MARTELOS
- MISTURADORES DE CARGA SUBTERRANEA
- PICADEIRAS DE FORRAGEM
- ARADOS E GRADES DE TRAÇÃO MECANICA
- ROÇADEIRAS DE PASTO
- PLAINAS TERRACEADORAS
- CARRETAS AGRÍCOLAS DE TODOS OS TIPOS
- DISTRIBUIDORES DE CALCAREO
- IMPLEMENTOS DE TRAÇÃO ANIMAL, EM GERAL

PRONTA ENTREGA ASSISTÊNCIA MECANICA

THELA COMERCIAL S. A.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

MATRIZ

Rua Mayrluk Velga, 31 - C. Postal 8466
Estado da Guanabara

Av. Duque de Caxias, 133 - 153
São Paulo — S.P.

- MED. 30 - Afd. 11 - v. 3, pt. 2 1951.) — SF
- 82) ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA — El eucalipto en la repoblación forestal. Roma, 1956 431 p. — BN
- 83) OSBORN, G B — (IN *Proceedings of Linnean Society* — N. S. Wales, v. 62, part. 12, 1937; v. 61/62) — SF
- 84) OSSE, Laércio — Eucalipto e siderurgia... Rio de Janeiro — Irmãos Di Giorgio 1957. — ETA
- 85) PEREIRA, Lúcio Arce — El cultivo del eucalipto [La Paz, Servicio agrícola interamericano, 1955] — ETA
- 86) PESQUISAS sobre o eucalipto no reflorestamento (IN *Seleções agrícolas*, Rio de Janeiro, ano 11(29):47, 1948. — SNA
- 87) PINHEIRO, Jayme Vieira — Contribuição para o conhecimento de insetos eucaliptais no Brasil (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, ano 5(5): 330-339, 1952). — SNA
- 88) PYTRIE, Arthur H K — Myrtaceae (IN *Proceedings of the Linnean Society* — N. S. Wales, v. 50, parte 2 — 1952). SF
- 89) POCHOU, J — L'influence de plantations d'eucalyptus au Maroc, sur la microflore et hummus du sol (IN *Annales de L'Institut Pasteur*, Paris, Masson et cie., 93(3): 403-406, 1959). — SIA
- 90) O PROBLEMA do reflorestamento; aproveitamento do eucalipto. (IN *Rev. Cons. Nac. Econ.* 42:23-28, nov./dez. 1956 1^o Mesa Redonda Municipal realizada em 23 de novembro de 1956, em Jundiaí, Estado de São Paulo") — SNA
- 91) RAMEL, P — Des eucalyptos envisagés au point de vue de la production du miel de la cire [Paris, Imp. Lefebvre, 1864?] — 4 p. — BN
- 92) RAMEL, P — L'eucalyptus globulus de Tasmanie (Tasmanian blue gum)... Alger, Imp. administrative Goussio, 1870, 10 p. — BN
- 93) REIS, BRENO G — O eucalipto no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Seção de informações e publicidade agrícola, 1948, 23 p. illus. (Série B) — SIA
- 94) RODRIGUES, J. Barbosa — Myrtacées du Paraguay. Recueilles par Emile Hassler et déterminées par J. Barbosa Rodrigues. Bruxelles, 1903, 20 p. est. — SF
- 95) ROMBOUSTS, João — Uma moléstia do "Eucalyptus" e da "Populus", na Bahia, causada por "Corticium Salmonicolor" B. et Bred (IN *Rodriguesia*, Rio de Janeiro, ano II (7):301-305, 1936). — SNA
- 96) ROSCINSKI, Mansueto E — O eucalipto. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1949, 31 p. illus. (ABC do lavrador prático). — SNA
- 97) SA, Cristovam Ferreira de — O Eucalipto e o reflorestamento do Brasil no Quadro da Natureza... São Paulo, 1952, 71 p. — SF
- 98) SAMPAIO, Armando Navarro — O aperfeiçoamento dos métodos da cultura do eucalipto no Serviço florestal da Cia. Paulista de E. de Ferro... Campinas, Sec. paulista de agronomia, 1947, 27 f. illus. (IN *Boletim n.º 1 da Sociedade paulista de agronomia*). — SNA
- 99) SAMPAIO, Armando Navarro — Aplicações da madeira de eucalipto (IN *Anuário Brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, ano 4(4): 79-94, 1951) — SNA
- 100) SAMPAIO, Armando Navarro — Os eucaliptos no reflorestamento do Brasil... Rio de Janeiro [Irmãos Di Giorgio, 1957] — ETA
- 101) SAMPAIO, Armando Navarro — Instruções para o plantio do eucalipto. Piracicaba, Typ. Jornal de Piracicaba, 1952, 25 p. illus. — SIA
- 102) SAMPAIO, Armando Navarro — Viagem de estudos dos eucaliptos a Austrália (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, ano 5 (5): 97-111, 1952) — SNA
- 103) SOLIS, M. Acosta — El eucalipto en el Ecuador, 2. ed. Quito, Editorial Ecuador, 1949, 47 p. illus. — SIA
- 104) TATTO, Lino — Instruções para a produção e plantio de mudas de eucalipto (IN *O Campo*, Rio de Janeiro, ano XVI (183): 25-29) — SNA
- 105) THE', Fausto Welmar Silva — Eucaliptos na cerca (IN *Chácaras e quintais*, S. Paulo, 78(2): 213, ag. 1948) — SNA
- 106) VASCONCELOS, Philippe Westin Cabral de — Consorciação de Sequaragi e eucaliptos (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, ano 7 (7): 302-306, 1954) — SNA
- 107) VAUGHAN, Raimundo Bandeira de — Cultura do eucalipto; conselhos e comentários. São Paulo, Chácaras e quintais, 1948 18 p. illus. (Vamos para o campo) — SIA
- 108) VAUGHAN, Raimundo Bandeira de — Eucaliptos na Divisa (IN *Chácaras e quintais*, São Paulo, 77(5): 575, maio 1948) — SNA
- 109) VAUGHAN, Raimundo Bandeira de — Pau no fisco... e de eucalipto (IN *Seleções agrícolas*, Rio de Janeiro, ano II (17): 57, 1947) — SNA
- 110) VAUGHAN, Raimundo Bandeira de — Respeitemos a velhice também dos Eucaliptos! (IN *Chácaras e quintais*, São Paulo, 77(2): 164, fev. 1948) — SNA
- 111) VILLAÇA, Helena e Mário Guimarães Ferri — On the morphology of the stomata of *Eucalyptus tereticornis*, *Orateia spectabilis* and *Cedrela fissilis*. Bot. Fac. Fil. Cienc. e Let. Univ. S. Paulo, 173. Botânica II: 33-51, 1951 — IBBD
- 112) VILLAÇA, Helena e Mário Guimarães Ferri — Sobre a morfologia dos estômatos de *Eucalyptus tereticornis*, *Orateia spectabilis* e *Cedrela fissilis*. Cienc. e Cult. São Paulo — 5(4): 211-212, dez. 1953 [Resumo de Comunicação e V Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências. Curitiba, 11-18, nov. 1953] IBBD
- 113) VILLAÇA, Helena e Mário Guimarães Ferri — Transpiração de *Eucalyptus tereticornis*. Bot. Fac. Fil. Cienc. e Let. Univ. S. Paulo, 173 Botânica II: 3-29, 1954. — IBBD
- 114) ZON, Raphael — *Eucalyptus in Florida* by Raphael Zon... and John M. Birseol... Washington, Govt. print. off., 1911, 47 p. illus. — BN

a maquiagem
invisível da indústria

TALCO INDUSTRIAL

das minas do
Magnesita S. A. com
99,11% de talco puro.

Magnesita S.A.

O talco entra na fabricação e acabamento de milhares de manufaturas: cosméticos, papel, tintas, cêra, vernizes, plásticos, porcelana, inseticidas e produtos farmacêuticos. Temos para pronta entrega o tipo de talco que a sua indústria precisa, com a qualidade e finura tecnicamente especificadas em laboratório.

Para maiores informações,
solicite o nosso folheto:
"É BRASILEIRO O MELHOR"
TALCO DO MUNDO

Endereço Telefônico: MAGNESITA
RIO DE JANEIRO — Praça Pio X, 98 s/201.808
Tel. 43-3999 e 23-4751
BELO HORIZONTE — Av. Afonso Pena, 952.3º
C.P. 208 — Fábrica de Refratórios. Cidade Industrial - Tel. 2-4546 e 2-9851
SÃO PAULO — Toko-Repret: Marcel Ozório de Melo - Representações e Comércio Ltda. Lq. 7 de Setembro, 34 - 4.º andar - Jd. I Telefone 33-7704

Moeda 3204

AVICULTURA

A INDUSTRIALIZAÇÃO CONCORRE PARA MAIOR PRODUÇÃO AVÍCOLA

A criação de galinhas nos Estados Unidos concorre substancialmente para o abastecimento de suas cidades. O povo norte-americano consome cerca de 400 ovos por pessoa e por ano. A carne de aves alcança um consumo superior a 15 quilos, tam-

bém por pessoa e por ano. Para alcançar tal situação, os Estados Unidos orientaram os criadores no sentido de alimentarem racionalmente suas aves. E é graças ao regime a que estão submetidas que a produção de ovos atinge proporções de vulto, maior que em outro país do mundo. A alimentação, tanto das galinhas em postura como dos frangos de

corte, não constitui problema naquele país.

O avicultor, nos Estados Unidos, como regra, não fabrica rações. Ele as adquire prontas no mercado. Liberta-se, assim, do problema da aquisição de farelos de cereais (milho, trigo etc), das tortas, das farinhas de carne ou peixe, das vitaminas e sais minerais, e sua mistura conveniente. Transfere este problema e sua solução para as fábricas de rações, que representam, um fator de impulso à produção avícola.

A nossa produção também, por certo, se beneficiará quando o país tiver dotado de boas fábricas de rações, fiscalizadas ou controladas por órgãos técnicos. Alguma coisa já se tem feito neste sentido, mas ainda estamos longe do ideal. A lição americana aí está para ser apreendida: somente a especialização permite o progresso avícola. As fábricas de rações devem existir em benefício dos avicultores para que estes possam dedicar todo o seu tempo aos demais problemas técnicos das granjas.

Senhor Avicultor:

Somente a vacinação preventiva pode evitar que a Doença de New Castle acabe com as suas aves

Vacine já

VACINA NEWCASTLE RHODIA

- 1.º Máxima facilidade na vacinação: emprega-se simplesmente, na água de beber. Pode ser utilizada, também, em injeções intramusculares.
- 2.º Liofilizada (seca).
- 3.º De eficiência comprovada (testada rigorosamente antes de ser posta à venda).
- 4.º Não contamina.

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUARIA

AVICULTURA FONTE DE PROTEÍNA

O fornecimento de proteínas de origem animal às populações humanas (carne, leite, gorduras e ovos) só pode ser assegurado na base de uma política de produção rápida dos alimentos que contenham aquelas substâncias. É lógico que as espécies de produção mais rápida tem a preferência não só para as soluções de emergência, como para as definitivas.

Um exemplo prático, neste sentido, é o que nos dá a Inglaterra, cuja área agrícola com possibilidades de exploração pecuária, mista, tem limitações já bastante conhecidas. Nas áreas limitadas, é preciso colher, com segurança, as espécies animais que vão ser criadas, para não acarretar transtornos econômicos e deficiência no sistema geral de abastecimento. Atualmente, em virtude da política geral da agricultura inglesa, os criadores es-

tão criando um número cada vez maior de aves. As estatísticas revelam que o efetivo avícola de frangos e frangas de menos de seis meses aumentou de 59% em um ano; por outro lado, o rebanho bovino só teve um aumento de 3%, enquanto que o de suínos diminuiu de 12%.

Em valor protéico, os ovos e as carnes de aves são iguais ou superiores aos alimentos de outras origens. Com relação, porém ao tempo de produção, com o objetivo de fornecimento rápido de bons alimentos às cidades, sua superioridade não encontra similar. Por isto mesmo é que a avicultura está sendo incentivada em todos os países que apresentam problemas de abastecimento e alimentação de seus povos.

COMPLEMENTAÇÃO VITAMÍNICA PELO CONSUMO DE CARNE DE GALINHA

Evidentemente, não se pode considerar as carnes, em geral, como alimentos completos, em relação às vitaminas. Algumas destas substâncias, contudo, integram aquele alimento, qualquer que seja a espécie animal de que derivam. De modo geral, a vitamina A só é encontrada em quantidades regulares nas carnes de carneiro e cavalo; em quantidades médias, na carne de boi e de porco. As vitaminas C e D não são encontradas, praticamente. Já o chamado complexo B participa do valor alimentício das carnes de todas as espécies. Uma das mais ricas em niacina é a de galinha, possuindo 8,400 miligramas. Somente lhe são superiores a carne de coelho (natural) e as carnes de boi e de porco (quando industrializadas e desidratadas). Em condições naturais, isto é, como carnes de açougue, as suas quantidades de niacina são inferiores (boi magro — 5,500; vitela magra — 8,900; porco — 7,000). Quanto à tiamina, a carne de ave possui 85 microgramas, um pouco inferior às das demais es-

pécies; com relação, porém, à riboflavina, a quantidade citada pelos tratadistas é de 12 microgramas, apreciável em relação às de outras procedências. Sabendo-se que é a niacina uma das mais importantes integrantes do chamado complexo B, indispensável ao aproveitamento das gorduras, o muito estável, não eliminada pela cocção, compreende-se que a carne de aves, principalmente de galinhas, pode ser considerada como fornecedora daquela vitamina. As carências das vitaminas A, C e D são de mais fácil compensação através de outros alimentos. As carnes, particularmente as de galinhas, representam, quanto ao chamado complexo Z, um adjuvante valioso para a complementação diária das quantidades totais de vitaminas que devem estar incluídas nas refeições.



**THUYA
SIMÕES**

Medicação preventiva e curativa das pipocas (ou caroços) dos pintos e aves adultas

A venda à
RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o Interior enviamos
pelo reembolso postal



avevita
Rações
balanceadas
e prensadas!

A MELHOR PARA A AVICULTURA

**Moinho
Fluminense S.A.**
fundada em 1887

RIO, RUA URUGUAIANA, 119 - LOJA - C. P. 1150 - TEL. 41.3006
S. PAULO, RUA BOA VISTA, 314 - A. - C. P. 900 - TEL. 21.1164
S. HORIZONTE, AV. DOS ANDRADES, 841 - C. P. 143 - TEL. 9.6089
CAMPINAS, RUA MERCANTIL TREMARGO, 8 - DUQUE DE CARIAS, 163

e na sua cidade, procure o melhor representante

Div. Lida 9/7

Kó - Kó-Ró-Kó

C O R I Z A

G O S M A

E

G O G O

MODO DE USAR

Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventivo — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente no bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuaríais

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367

RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA



VANTAGENS DO ESTÊRÇO DE AVES

As nossas terras cansadas podem recuperar a vitalidade agrícola através da prática intensiva da adubação e outras medidas de defesa da fertilidade do solo. O exemplo de São Paulo restaurando seus cafezais em zonas que já tinham abandonado esta cultura, é muito evidente. A adubação com o estêrco de galinhas garante o êxito desta recuperação. Outras são, também, beneficiadas com o estêrco das aves, pois este adubo orgânico é muito superior ao de outros. Basta referir que ele é 4 vezes mais rico que o estrume de curral. O estêrco das aves ativa, fortemente, a ação das bactérias do solo, em virtude da ação de micro-organismos presentes na sua composição, os quais derivam da alimentação balanceada que as aves, em geral, são submetidas. Ai está o segredo do grande valor deste adubo, embora outras causas, como a secreção de enzimas e a "forte" desaminação epitelial do intestino das aves" sejam outros fatores biológicos para estimular a proliferação das bactérias do solo.

Os lavradores devem, na defesa de suas terras, tornar-se, também, avicultores. Terão, assim, excepcional adubo para garantir fartas colheitas, como ainda ovos e carnes para sua alimentação ou fornecimento às cidades, o que permitirá maior rendimento econômico de sua atividade agrícola.

OS SEGREDOS DE UM BOM CHURRASCO DE FRANGO

O hábito de comer "churrasco" de frango já se vai aprofundando por todas as camadas sociais. Inclusive nas grandes cidades, onde as churrasqueiras elétricas foram introduzidas (Rio, São Paulo etc.) A preparação de um bom churrasco, apetitoso, não é fácil, principalmente nos grandes restaurantes e casas que não podem usar o carvão como fonte de calor. O primeiro segredo de um bom churrasco é, exatamente, este: carvão. Mas, como diz o ditado: quem não tem cão, caça com gato; não tendo carvão, a eletricidade pode servir... O outro segredo, que deriva do primeiro, logicamente, é o cozimento lento. Churrasco preparado "depressa" não é lá muito bom. Os tempos recomendados, pelos especialistas, são os seguintes: 55 minutos para cada metade do frango de meio quilo; se a metade for de 700 gramas, mais 7 minutos. Ai está um outro segredo re-

velado: é sempre melhor churrasquear os frangos pela metade. E finalmente, o último segredo, que é de grande valor: o molho. Depois de limpas, as metades devem ficar imersas em molho alguns minutos (quanto mais tempo, melhor).

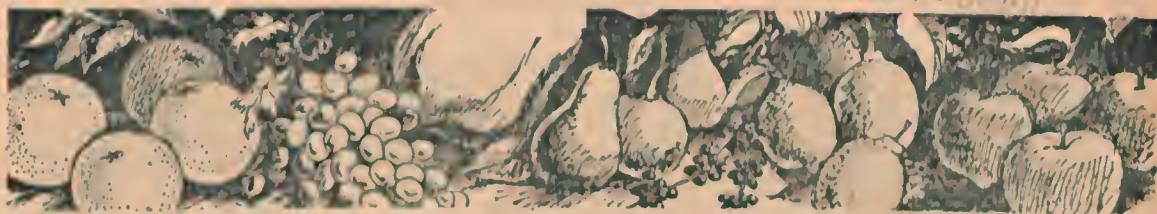
Quando vão para a grelha, são pinceladas a cada viragem, de 5 em 5 minutos. Um detalhe: o molho deve ficar ao lado da churrasqueira, para que esteja ligeiramente aquecido.

Existem muitas receitas para o molho e é lógico que cada churrasqueiro tem seus segredos, para acertar o gosto final. Aqui vai uma receita que dá um sabor especial ao churrasco de frango: a meio litro de água, junta-se um litro de vinagre de primeira; aquece-se e se juntam 250 gramas de boa manteiga, uma colher de sopa de sal e molho inglês até o ponto picante; ajuda-se este ponto com algumas folhas de louro, cebolinha picada e um boqueto de salsa. Quem gostar de "churrasco bem forte" em lugar de molho inglês, pode utilizar pimenta esmagada.

A Lavoura

a mais antiga revista agrícola em circulação no

Bra'sil



BONS FRUTOS... MAIORES LUCROS... com



MULSÓLEO 85

- a inseticida emulsionável, especialmente indicado para combater as cochonilhas e outros insetos, nos laranjais, árvores frutíferas, cafézeis, etc.

Obtenha mais e melhores frutos das suas árvores frutíferas e cafézeis com Mulsóleo 85.

Criado e testado pelo Centro Esso de Pesquisa, o Mulsóleo 85 é um inseticida de contato, à base de óleo mineral, especialmente indicado para eliminar as cochonilhas e outros insetos que prejudicam laranjais, outras árvores frutíferas, cafézeis, etc.

Mulsóleo 85 não é venenoso e pode ser misturado com outros inseticidas e fungicidas, constituindo excelente "adesivo" para pós molháveis. Mulsóleo 85 é aplicado com pulverizadores comuns e assegura a máxima proteção às suas plantações.

Para consultas, dirija-se à Esso Brasileira de Petróleo

Rio: Av. Presidente Vargas, 409
S. Paulo: Rua Pedro Américo, 68
Recife: Rua do Sol, 143
ou a enderêço Esso mais próximo.

MULSÓLEO 85



Maiores safras... melhores frutos com os Produtos Esso para a Agricultura



Vista geral da fábrica dos produtos Nestlé em Barra Mansa (Estado do Rio). Foi construída em 1936.

NESTLÉ: — 40 ANOS ESTIMULANDO A PECUÁRIA LEITEIRA

Em todos os lares do Brasil, todos conhecem o nome NESTLÉ como marca de alimentos de qualidade garantida. Tão grande confiança — sem dúvida, o maior laurel de qualquer empresa possa orgulhar-se — foi conseguida mercê do admirável trabalho que Produtos Nestlé desenvolveram em proveito de nossa alimentação, nestes 40 anos que agora estão completando. Tendo iniciado suas atividades em Araras (1921), hoje Produtos Nestlé contribuem decisivamente para o desenvolvimento de numerosos ramos de nossas atividades, como sejam a indústria açucareira, a indústria madeireira, a indústria do aço, a indústria de papel, as companhias de transporte, os produtores de cacau e cereais e os milhares de seus revendedores.

Nestlé e os Fornecedores de Leite

Dentre suas atividades contínuas, há de se destacar o enorme estímulo que proporcionam aos produtores de leite. As fábricas dos Produtos Nestlé, atualmente seis, fixam-se nas zonas agro-pecuárias com os olhos voltados para os rebanhos. Assim, a área de influência dessa indústria abrange uma superfície calculada em ... 65.100 km². Para canalizar as fábricas o leite de tão vasta região, contam com uma frota de mais de 200 veículos e dispõem de 20 Postos de Recepção, nos quais o leite já é analisado. Isso, para o fazendeiro, é de grande significado, pela colocação certa de todo o leite produzido (em 1960, foram adquiridos 230 milhões de litros).

Mas há ainda que se men-

cionar um empreendimento de profunda repercussão: a "Assistência Nestlé aos Produtores de Leite" (ANPL) — serviço a cargo de veterinários e agrônomos, que visitam as fazendas, levando ensinamentos e técnicas modernas ao homem do campo. Nesse sentido, mudas de capim, indicadas para cada clima e tipo de gado são fornecidas e plantadas; silos e instruções específicas sobre silagem passam a valorizar o patrimônio do fazendeiro; o gado é tratado e vacinado contra doenças e epidemias; os problemas atinentes à produção leiteira merecem atenção especial, dando-se orientação sobre a ordenha, higiene e cuidados com o leite, sua manutenção e transporte. Enfim, todas e quaisquer dúvidas do fazendeiro são resolvidas prontamente. E assim, incentivando a pecuária, a agricultura, o comércio e a indústria e fabricando produtos de mais alta qualidade, que os Produtos Nestlé marcam sua presença no Brasil de hoje.

COOPERATIVISMO RURAL

SEGUNDA REUNIAO TÉCNICA LATINO-AMERICANA

Um temário de sete pontos foi discutido no México pela Segunda Reunião Latino-Americana de Cooperação Rural. Delegados de setenta países da parte norte do continente reuniram-se em sessões durante treze dias, englobando, finalmente, suas conclusões e recomendações, e num relatório que foi aprovado unanimemente ao encerrar-se o conclave, na segunda quinzena de outubro último. Colaboraram nas deliberações, representantes da FAO, da OIT e da OEA, assim como de outros organismos cooperativos internacionais.

A agenda provisória constava de seis pontos, a saber: O Estado e o Cooperativismo; Contribuição das Cooperativas para o Desenvolvimento Rural; Intercâmbio Cooperativo com fins Econômicos; Cooperativas Artesanais; Problemas de Financiamento; e Educação Cooperativa. Ao aprovar o temário, acrescentou-se um sétimo ponto: — A Reforma Agrária Integral e o Cooperativismo, cuja discussão conduziu ao que se convencionou chamar de "Declaração do México", sobre cooperativas rurais, crédito supervisionado e desenvolvimento de comunidades em que se precisa o conceito de reforma agrária integral e se expressa o papel que podem desempenhar as cooperativas, canalizando os serviços complementares, racionalizando o uso da terra e tornando possível o amplo emprego da técnica nas práticas rurais.

Estiveram presentes delegações da Colômbia, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Venezuela e atuaram no certame como assessores técnicos, representantes da FAO, da OIT, e da OEA, entidades que, juntamente com o Governo do México, patrocinaram esta Segunda Reunião Técnica Latino-Americana de Cooperação Rural. A

Confederação de Cooperativas das Caraíbas, o Departamento de Extensão Mundial da Associação Nacional de União de Crédito e a Aliança Cooperativa Internacional enviaram observadores que participaram muito ativamente dos debates, eram presentes organismos como a CEPAL, o CREFAL, o

22022

adubo é "Riqueza" para sua lavoura

GANHE MAIS ADUBANDO MELHOR

O solo esgota-se gradativamente com os sucessivos colheitos. Adubações periódicas e bem dosadas revitalizam e enriquecem sua lavoura. Adube melhor e ganhe mais, utilizando os fertilizantes "RIQUEZA" — fórmulas completas para qualquer tipo de cultura ou em elementos simples para suprir as necessidades do solo e das diversas culturas. Consulte nosso especializado corpo de técnicos para solução de qualquer dos problemas de sua lavoura.

FÓRMULAS COMPLETAS "RIQUEZA"

Possuímos fórmulas completas que atendem plenamente às necessidades do solo e das diversas culturas para uma excelente produção.

ELEMENTOS SIMPLES:

Solitre do Chile • Sulfato de amônio • Uréia • Superfosfato simples • Superfosfato triplo • Fosfato de Olinda • Cloreto de Potássio • Sulfato de Potássio.



CIA. INDUSTRIAL MERCANTIL E ADMINISTRATIVA
Divisão de Fertilizantes

Matriz: Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 103 - 7.º - Tels. 43-2540 e 43-0870, r. 15 - C. Postal 575 - End. Tel. "SAICIMA"

Filial: São Paulo - Rua XV de Novembro, 200 - 10.º andar - Tel. 37-4229 - C. Postal 4677 - End. Tel. "SAICIMA"

Banco Internacional, a F. I. P. A., etc., o que torna particularmente autorizado o relatório final desta Reunião Técnica.

A LAVOURA

a mais antiga revista agrícola em circulação no Brasil.



PROBLEMAS DE PESCA NO MAR DO NORTE

por DR. P. KORRINGS
Biólogo holandês.

Nossos antepassados jamais souberam dar a devida consideração à riqueza dos mares. Pescavam nas regiões costeiras e julgavam que as mesmas condições de pesca eram encontradas em toda a vasta extensão de água que cobre o globo inteiro. Mais tarde, porém, verificaram que freqüentemente, as águas pouco profundas das regiões costeiras continham muito mais peixes que os oceanos e que os peixes não estavam, de modo algum, divididos igualmente por todas as águas. Em resumo: chegaram à conclusão de que cardumes de certas espécies de peixes viviam, habitualmente, numa área muito mais limitada do que poderiam viver. O esgotamento prematuro desses recursos naturais não era, e não é, apenas fruto da imaginação, e a medida que as técnicas da pesca vão se aperfeiçoando, expressões como "pesca excessiva" e "proteção dos peixes" vão se tornando banais.

Evidentemente, não estamos querendo dizer que haja perigo de serem extintas certas espécies de peixe de grande importância comercial. A expressão "pesca excessiva" tem um caráter mais econômico. De fato, essa maneira de pescar constitui uma maneira pouco eficiente de administrar os bens que nos foram doados pela Natureza. A exploração desses recursos deveria ser feita de maneira saudável, para assegurar um rendimento máximo, sem pôr em risco as possibilidades futuras.

Podemos falar de "pesca excessiva" quando são pescados peixes jovens em excesso. Passa muito tempo antes que o aumento da duração da vida do peixe seja compensado pela mortalidade natural. No Mar do Norte, isso aconteceu por diversas vezes. Podemos comprovar o fato com os dados relativos aos resultados da

pesca, durante várias décadas. O fato é que, nos períodos que se seguiram imediatamente às duas guerras mundiais, foram pescados peixes muito maiores de certas variedades que nos períodos que precederam imediatamente às guerras. O fato é de fácil explicação, pois, durante as hostilidades, era muito perigoso para os pescadores afastarem-se das águas costeiras. E constitui fato digno de nota a constatação de que, presentemente, o tamanho médio dos peixes de muitas variedades de grande procura e a quantidade total do seu abastecimento estão decrescendo de novo, sem sombra de dúvida.

Tal fato não implica, necessariamente, a conclusão de que o declínio temporário da proliferação de certas espécies seja o responsável. Vejamos um exemplo: depois de 1950, a pesca de sôlha no Mar do Norte apresentou um rendimento sem precedentes. Pesquisas científicas, contudo, revelaram que estavam sendo pescadas sôlhas em excesso, que as riquezas naturais não estavam sendo bem administradas. O motivo disso era o fato de terem surgido circunstâncias particularmente favoráveis, tais como temperaturas elevadas durante a desova e crescimento dos peixes, com o consequente aumento dos cardumes.

A Holanda não é o único país interessado na exploração eficiente dos recursos de pesca do Mar do Norte. Os outros países banhados por esse mar têm o mesmo interesse e vêm discutindo, em seu conjunto, as medidas que devem ser tomadas para tal fim. Em 1946, foi firmada a "Convenção de Pesca Excessiva", estabelecendo os tamanhos mínimos que podiam ser pescados de cada espécie de peixe. Tratava-se, sem dúvida, de um passo de grande importância na direção correta.

Essas medidas de proteção deram aos peixes jovens maiores possibilidades de crescer, embora tais vantagens pudessem ser anuladas, se os pescadores tratassem de fazer pescarias mais intensas e mais freqüentes. E, assim, a exploração eficiente dos recursos de pesca do Mar do Norte exige medidas cada vez de maior alcance, inclusive certas restrições a respeito da extensão da pesca.

Outro aspecto que poderia ser estudado seria a conveniência do fechamento dos pontos de desova e especialmente do ponto onde se criam os peixes jovens. Isso seria de importância particular para proteger as espécies de arenque. Sem dúvida, seria extremamente difícil baixar regulamentos relativos a um mar onde qualquer país tem o direito de pescar. Assim, o acordo sobre as restrições a ser impostas à pesca deveria ter caráter voluntário.

Até recentemente, julgava-se que a noção de "pesca excessiva" não se aplicava necessariamente ao arenque, pois essa espécie de peixe tem um período de crescimento relativamente curto e um índice elevado de mortalidade natural.

Técnicos de todas as nações interessadas estão convencidos de que o modo mais eficiente de resolver os problemas acabará assegurando produtividade mais elevada e melhores resultados financeiros. É grato, pois, saber que no começo deste ano chegou-se a um acordo sobre o texto de nova convenção, uma espécie de "constituição" para a pesca no Atlântico Nordeste. Essa constituição poderá servir de base a inúmeros regulamentos técnicos, mas será difícil às diversas nações chegar a um acordo sobre medidas emanadas dessa constituição, uma vez que os interesses desses países são, com freqüência, opostos. E ainda terão de ser resolvidos muitos problemas jurídicos antes dos pescadores ficarem em condições de lançar suas redes de consciência limpa.

CENTRO SOCIAL DE CAMPO GRANDE



Durante a sessão inaugural do Centro Social de Campo Grande, pioneiro de uma série de outros que serão implantados em vários pontos da zona rural da Guanabara em virtude de Convênio entre o C. R. do S.S.R. local e o Governo do Estado, foi batida a foto acima. Nela aparecem, de pé, o Dr. Romeu Loures, Administrador Regional de Campo Grande; à sua direita, o Sr. Flávio da Costa Brito, Presidente do C.R. do S. S. R.; o Sr. Abel de Almeida, representante da classe rural no mesmo Conselho; à direita, o Sr. Roberto Sanchez, representante do Presidente do Conselho Nacional; o Sr. Luiz Marques Poliano, Secretário Geral da Sociedade Nacional de Agricultura; finalmente, o Sr. Juvenal Azevedo, Executor do Convênio.

A LIÇÃO DE UM CENTENÁRIO

EDGARD TEIXEIRA LEITE

Ao se celebrar o Centenário da criação do Ministério da Agricultura vale ressaltar as muitas restrições a sua atuação e examinar a sua procedência. Na solenidade da inauguração, as próprias classes mais diretamente interessadas, pela palavra de sua entidade máxima, a Confederação Rural Brasileira, ao pôr em evidência os incontestáveis e valiosos serviços por ele prestados deixou em termos muito claros a necessidade de uma participação mais efetiva e eficientemente no aprimoramento da produção primária. Vale recordar que o centenário de "criação" não significam cem anos de "funcionamento". Datando de 1860, extinto em 1892, tendo apenas funciona cerca de 30 anos, no período imperial, sendo pois restabelecido em 1910, por Nilo Peçanha, tem exatamente apenas cinquenta anos de existência na era republicana.

Depois de 17 anos de ausência dos quadros administrativos do país, iria arcar com a imensa responsabilidade de preparar o seu próprio instrumental, quando foi restaurado num país praticamente sem profissionais de agronomia e medicina veterinária.

Sofreu as inevitáveis contingências de uma fase de improvisações de toda ordem, de grandes erros, de medidas ineficientes e inadequadas — com muitas falhas e poucos acertos, pois não havia no Brasil, como se disse, material humano capaz de fazer movimentar os seus laboratórios, as suas estações experimentais, as cátedras de suas escolas, realizar trabalhos de fomento em contacto com os lavradores, tendo sido recrutados elementos nem sempre os mais idôneos, muitos de atividade inteiramente alheias aos problemas da terra e que eram, no conceito de

Calógeras, que presidiu o Ministério, "verdadeiros naufragos de todas as profissões". Em torno disso constituiu um rico anedotário que circula em todo o país e de que Monteiro Lobato estigmatizou em páginas inesquecíveis e que é insistentemente citado como representando a realidade atual. Nada menos exato. O problema de então, era como o de um hospital fundado numa região, onde não houvesse nem médico nem enfermeiros, funcionando como elementos improvisados ao sabor das circunstâncias.

Mas esta fase está superada. Organizadas escolas de agricultura e de medicina veterinária, começou a surgir o material humano de primeira ordem, que pode assegurar o funcionamento do Ministério da Agricultura em padrões técnicos científicos do mais alto nível.

O risco de hoje é de outra ordem e que vale mencionar com toda clareza. É o esvaziamento do Ministério de seus quadros técnicos, por outros órgãos que remunerando melhor, estão lhe fazendo terrível concorrência no mercado de trabalho, com a criação de serviços paralelos, autarquias, órgãos para-estatais, objetivando os mesmos fins, lavrando a mesma seara.

É preciso pois que se reformule corajosamente a política de agricultura nacional. Que se dê um balanço rigoroso e exato desta situação e se ponha em seus devidos termos o problema, e sobretudo que se entregue, as alavancas do comando desta política ao Ministério da Agricultura, dotando-o, ordem orçamentária, mas da de recursos, não apenas de indispensável autoridade, para que possa assumir de fato a realização da urgente tarefa que lhe cabe realizar.

Nada melhor, para isso

que o ano do Centenário da sua criação e de seu funcionamento na era republicana. Já temos uma valiosa experiência colhida nestes cinquenta anos de atividade, para que se possa traçar com segurança as diretrizes e bases para a política agrícola brasileira.

Numa época tão decisiva para o Brasil em que o desenvolvimento se situa entre os grandes problemas da nacionalidade, é indispensável que os nossos homens responsáveis — os do Governo e das suas classes produtoras — meditem sobre três questões fundamentais da nossa economia: o da alimentação de 70 milhões de bocas, que antes do fim do século serão 120 milhões numa população que cresce de 2 milhões por ano e aumenta não só suas exigências quantitativas mas também qualitativas, no da obtenção de matérias primas, essenciais para suprimento de nosso crescente parque industrial para que não seja tolhida sua expansão e finalmente a criação de um mercado interno, grande e rico, consumidor da produção industrial e que só pode ser alcançado com a melhoria das condições de vida das populações rurais.

Esta "revolução" dará ao desenvolvimento econômico do país um passo decisivo, e indispensável, pois não pode continuar a se alargar o fosso que separa cada dia mais as regiões urbanas e as regiões rurais, com tremendos desníveis de vida, que se manifestam pela inquietação de suas populações, acumulando problemas sociais de extrema gravidade, que eclodem, de vez em quando, em signos precursores de imprevisível desfecho.

Estamos numa hora crucial de transição, da passagem de uma agricultura extensiva, de largo emprego do esforço muscular do homem, da qual a enxada e o fogo são símbolos — para uma agricultura intensiva, em que a técnica, sob a forma

de métodos e de máquinas, de processos racionais, de irrigação, de largo emprego de fertilizantes, e caracterizando a transformação de uma agricultura de trabalho, para uma agricultura de capital.

Esta renovação terá, como bases principais, a pesquisa e a experimentação, entendidas no seu mais amplo sentido, de um lado, e, de outro lado a educação agrícola compreendida nos seus mais variados escalões, dada particular ênfase à educação das massas rurais, levantando o nível profissional de milhões de nossos rurícolas — num decidido esforço da modernização agrícola do país.

Vale insistir também que qualquer remodelação do Ministério não se pode restringir a uma simples modificação dos quadros administrativos. Ela deve ser feita em função da política agrícola que se trace para o país, de modo a torná-lo o órgão executor desta política.

Também não adianta aumentar recursos financeiros, com largas dotações orçamentárias sem que ele disponha de quadros técnicos capazes de aplicá-los com eficiência. E, a base está na melhor remuneração dos profissionais de várias categorias que terão de realizá-la.

Disso resultou, como foi dito o esvaziamento do Ministério, não apenas em função, mas sobretudo em autoridade. É preciso enquadrar todos estes órgãos dispersos como acaba de ser feito para o Ministério da Indústria e do Comércio — na área do Ministério da Agricultura. Não se trata de centralização ou de extingui-los; apenas transferir numerosos comandos, dispersos, que não raro agem descontraidamente, a um comando central capaz de realizar uma "política" para a agricultura nacional.



*econômicos,
eficientes...
duram muito
mais!*

DESINTEGRADORES

CASE

a martelos de rotação rápida

É o melhor para sua fazenda, granja, fábrica ou indústria. Construído em dois modelos - H-10-B de 15 a 20 HP e H-14-B de 20 a 23 HP - tritura, mói, desintegra alfafa, feno, bagaço e polpa de cana, milho em espiga (com ou sem palha), milho em grão, palha e casca de arroz, mandioca, café etc.. Peneiras com diferentes medidas de furos (de 1/32" até 2"), conforme o material moído. Dependendo do material, a capacidade de produção horária do desintegrador Case, funcionando com peneiras de 1/4", varia entre 440 e 1.670 quilos.

FATORES DE MAIOR RENDIMENTO

● Mesa de fácil alcance e grande alimentação. Moagem rápida, calha aperfeiçoada ● Ventilador poderoso, coletor ciclone ● Mancais de rolamentos especiais ● Mate-

rial sólido que assegura muitos anos de uso.

MOINHOS DESINTEGRADORES

a martelos rotativos e com ensacadores.

Modelos H-10-B e M-14-B

Polpa de 9 cm (3 1/2"), 3 000 a 3.400 RPM.



Distribuidores Exclusivos para o Estado da Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro)

Agentes nas principais cidades

G E O V I A — Comércio e Engenharia S/A
Rio: Av. Venezuela, 27 - s/208-210 - Tel. 43-6320
B. Horizonte: Rua Tambores, 924 - Tel. 2-8248

BILHETE COOPERATIVISTA

OSOINO TAVARES

Quem por esse Brasil, de norte a sul, não conhece Fábio Luz Filho? É o grande líder dos postulados cooperativistas. Um apóstolo também. Não cede um milímetro em desprimor dos ideais que abraçou. Luta pela aplicação correta e lisa dos princípios da grande doutrina. É um encanto o contacto directo com esse provecto brasileiro que, agora, o espantado da aposentadoria afastou daquela surrada cadeira giratória, diante de um velho e arcaico "bureau", no Serviço de Economia Rural. O mundo cooperativista de nossa Pátria já conhecia o temperamento do mestre. Casos encenecados, difíceis? Lá vinha de longas plagas, de caminhão, ônibus ou trem, o director comercial ou o presidente da Cooperativa. Os novatos, acanhados, vacilantes, pensavam em penetrar naquele recinto, dirigido por Fábio Luz Filho, donde emana para as 6.690 cooperativas e diretrizes para a solução de seus problemas. Muitos julgavam encontrar um estufado, orgulhoso, pedante. Mas defrontavam, surpresos, a doçura, a bondade, o cavalheirismo e a sabedoria. E a palavra de ordem de Fábio Luz Filho fortaleceu não sei quantas estruturas de cooperativas

condenadas ao desmoronamento.

Fábio Luz Filho retirou-se, há dias, tristonho, para o que levava toda tarde, de seu subúrbio distante. É regresso ao santo lar, a impressão imorredoura dos casos e problemas de suas filhas diletas — essas 6.900 Cooperativas que representam a sementeira para o maior esplendor de uma Pátria. Viveu cerca de 40 anos, a trepidação de um velho ideal. Apaixonou-se por ele e sua inteligência luminosa irradiou-se, como um clarão bendito, através das maravilhosas páginas dos numerosos livros que são hoje patrimônio do Brasil. Fábio Luz Filho, essa jóia de saber e bondade, tem seu nome projetado além das fronteiras deste país. Alguns livros seus — relicários de sábios ensinamentos — foram traduzidos em edições especiais.

Soube, contristado, de um acidente com o provecto mestre. Ao atravessar uma rua — talvez com o pensamento voltado para uma Cooperativa — sofreu um forte esbarro de um loteção, sendo jogado ao chão. Acha-se em restabelecimento do choque recebido. Fábio Luz Filho precisa recuperar, rápido, sua saúde. Vamos, Cooperativistas existentes nas

Estâncias de Água do Sul do Estado, promover uma conspiração? Vamos raptar, com cuidado, sem alarde o grande mestre para uma temporada de repouso. Passará com seus familiares por exemplo, 15 dias em Cambuquira e mais 15 dias em Cambubú? E Araxá? Estou vendo que o querido mestre será intimado a cortar, até o fim do ano, as relações com a Cidade Maravilhosa... Minas Gerais com suas montanhas e cordilheiras terá a honra insigne de agasalhar, durante uma temporada, quem tudo deu em período tão longo de trabalho, dedicação tão extremada em prol da irradiação em solo pátrio de uma doutrina que tem suas raízes estendidas por quase todas as nações do universo.

Alô, Alô, presidentes e directores comerciais das Cooperativas sediadas no Sul de Minas. Eis o endereço do lustre mestre que sempre soube dar, nos seus ensinamentos e conselhos, somas de entusiasmo às entidades cooperativas da velha Província de Minas Gerais — Rua José do Patrocínio, 390 — Grajaú — Rio de Janeiro — (Estado da Guanabara). Desejo também, se possível, que qualquer gesto nobre neste sentido seja comunicado par esta Secção — Bilhete Cooperativista — que a Direção da querida "Folha de Minas" vem agasalhando tão carinhosamente em página destacada.



TERRAS no planalto de MATO GROSSO

Vendemos na mais próspera Colonia Agrícola

GLEBA ARINOS

Terras férteis e virgens com muita madeira de lei e boas aguadas ou com grandes culturas de seringueiras enxertadas, cacau, café, pimenta, cravo, chá, baunilha, castanhas, mamona, cana, fumo, amendoim, feijões, cereais, frutas, legumes etc. Há escolas, igrejas, hospital, hotel, serrarias, oficinas, moinhos, farmácia, força e luz, criação de gado leiteiro, suínos, aves etc. Transp. rodov. aéreo e fluvial. Assist. tecn. moderna. Damos escrit. def. imediata. Também formamos seringueiros, pastag. etc. e administ. Int. docum. plantas mapas, fotos etc. direto na

CONOMALI

Av. Pres. Vargas, 417 A sala 1105

NOVOS TÉCNICOS EM HORTICULTURA

Realizou-se, no dia 25 de Novembro, na sede da Escola de Horticultura Wenceslão Bello, a solenidade de conclusão de curso dos diplomandos de 1961, abrangendo quinze técnicos em horticultura, fruticultura e floricultura.

A sessão teve início às dezoito horas, no auditório da Escola, sob a presidência do Diretor, Professor Geraldo Goulart da Silveira, tomando assento na mesa, o paraninfo, Dr. Edgard Teixeira Leite, Vice-Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, o Dr. Flávio da Costa Brito, Presidente do Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, o Sr. Luiz Marques Follano, Secretário Geral da Sociedade Nacional de Agricultura, D. Clara Magalhães Torres, esposa do patrono da turma, o saudoso Prof. Arthur Torres Filho, Mr. Merrill Assay, representante do Co-Diretor Americano do Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos, Dr. Lincoln Rodrigues, representante do Co-Diretor Brasileiro do ETA, Dr. Angelo Pluhelro, representante do Diretor do Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola e o Prof. Subael Magalhães da Silva, representante dos professores da Escola.

Ao ato compareceram todos os professores, elevado número de pais, parentes e amigos dos diplomandos.

Após a leitura do termo de formatura, pelo Diretor da Escola, foram distribuídos os diplomas aos concluintes, e dada a palavra ao orador da turma, Geraldo Gonçalves Barbosa, cujo discurso foi muito aplaudido.

Usou da palavra a seguir, o paraninfo Dr. Edgard Teixeira Leite, lustrado homem público e ruralista, que fez um oportuno e brilhante discurso.

A cada um dos diplomandos, ofereceu a direção da Escola um presente, em colaboração com o Serviço de Informação Agrícola.

Usaram da palavra, ainda, durante a solenidade, o Sr. Luiz Marques Pollano, Executor do Convênio entre o Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, a Sociedade Nacional de Agricultura e a Campanha Nacional de Educação Rural e o Diretor da Escola, Prof. Geraldo Goulart da Silveira que em nome da direção e do corpo docente congratulou-se com os diplomandos.

Foram os seguintes os homenageados pelos diplomandos de 1961, da Escola de Horticultura Wenceslão Bello: —

Patrono: Professor Arthur Torres Filho.

Homenagem de honra: Dr. Luiz Simões Lopes — Presidente da S.N.A.

Paraninfo: Dr. Edgard Teixeira Leite — Vice-Presidente da S.N.A.

Homenagens Especiais: Dr. Flávio da Costa Brito — Presidente do CR-GB do SSR, Dr. Luiz Marques Pollano — Executor do Convênio CR-SNA-CNER.

Homenagens da Turma: Diretor da E.H.W.B.: Eng.^o

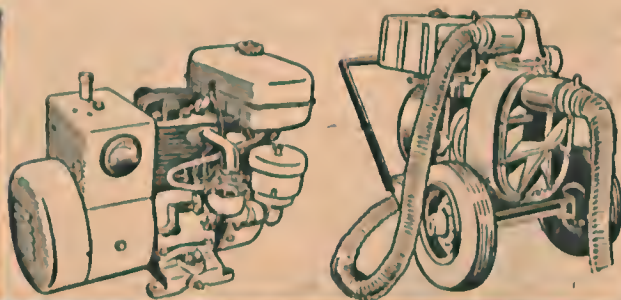
Ag.^o Geraldo Goulart da Silveira.

Profes. da E.H.W.B.: Eng.^{os} Darlo Sampaio Cruz; Helle Raposo; Jalmiriz Guimarães Gomes; Ney Brandão; Pedro Pals de Barros; Subael Magalhães da Silva e Merrill Assay. Contador: Pedro Goulart da Silveira Filho. Hort.: Agrícola Castello Borges, Ass. da E.H.W.B.: Hort.: André da Silva Neto; João Nunes Castello, Diretor do CCTA Eng. Ag.^o Renato de Almeida Xavier; Prof. do CCTA: Eng. Agr.^o Angelo dos Santos Pluhelro; Prof. Aloisio Cardoso Garcez.

Diplomandos: Geraldo Gonçalves Barbosa (orador); Almyr Delleo Mozer; Aleluar da Silva Ramos; Alvim Barbosa Montelro; Aroldo de Souza Santos; Erasmo Berger; Hamilton Burato; Herbert Kuster; José Afonso Ribamar Osório Lopes; José Saneler Corrêa; Jordão Rodrigues Perelra; Jurandir Julião Rispoli; José Roberto Spitz; Pedro Ivo Batista e Sérgio Borges.

Após a solenidade ofereceu a direção da Escola um lanche aos convidados.

Releva salientar que muitos pais dos diplomandos vieram do interior para prestigiar a solenidade realizada no tradicional estabelecimento de ensino mantido na Penha, pela Sociedade Nacional de Agricultura.



BOMBAS EM GERAL

MOTORES A GASOLINA-GERADORES DE LUZ E FORÇA

COCITO IRMÃOS TÉCNICA E COMERCIAL S.A.

RIO — Rua Mayrink Veiga, 31-A — Tel.: 43-6055

O ASSOCIATIVISMO NA COLONIZAÇÃO

NEY BRANDÃO
Eng.º Agr.º

O homem rural brasileiro, por decorrência e consequência de seu processo cultural, é impregnadamente anti-social. Participa ao mínimo das atividades de seu grupo de vizinhança; tem apenas os contactos absolutamente indispensáveis a sua sobrevivência. É preciso convir que não são apenas responsáveis pela situação os aspectos sociológicos e também psicológicos de sua educação; interferem drasticamente as condições ambientais e nelas, com principal ênfase, o acesso, aos transportes e a densidade demográfica. Se é esta a situação, urge um encaminhamento para uma solução adequada, que possibilite e traga a necessidade e o hábito de uma maior convivência social.

Necessidade e hábito porque o homem é cada vez mais, um produto e consequência da coletividade. Os programas de colonização sustentados pelo poder público ou pela iniciativa particular, não têm reconhecimento ou consideração, em seus

planejamentos de ação, a importância de atividades executivas que, através dos recursos da dinamização de grupos, organização e desenvolvimento de comunidades, extensão rural, entre outras, tragam o progressivo e contínuo aperfeiçoamento do agricultor, valorizando-o como ativo componente de uma sociedade em organização.

Para a constituição e dinamização de grupos, destacam-se como técnicas e processos modernos e práticos, os referentes ao associativismo rural. Até o momento, as circunstâncias estruturais têm limitado o movimento associativista aqueles agricultores que, embora, pelo gênero de suas atividades possam ser considerados como colonos, não estão subordinados ou orientados por uma administração central e além do mais, não se localizam dentro de áreas com características que as possam definir como núcleos ou colônias. Mas o movimento associativista dia após dia se afirma e se alastra dentro

da população rural, definindo e dando expressão pública à laboriosa e sempre esquecida classe rural. E a esta classe rural pertencem, o que não pode me absolutamente merecer qualquer contestação, os agricultores que estejam vinculados aos programas colonizadores.

Devem portanto, ser estabelecidas entre as empresas de colonização e a Confederação Rural Brasileira, com a necessária orientação do poder público, efetivas relações de trabalho e supervisão, que se consubstanciem em projetos locais que venham possibilitar não só a adesão dos colonos às "associações ou núcleos rurais" existentes nas respectivas regiões, como também a fundação e funcionamento de outras. A consequente união dos colonos assim conseguida dará condições e recursos mais favoráveis ao seu desenvolvimento sócio-econômico através das vantagens que a entidade de classe possibilita, não só pela sua própria estrutura, como também por representar uma base física que atrairá pelo seu prestígio e utilidade, a colaboração e ajuda de instituições outras que têm programas no meio rural, como por exemplo as que se dedicam ao crédito rural, saúde e saneamento, educação de base, etc..



111 ANOS DE EXPERIENCIA
NO CULTIVO DE SEMENTES
1850 - 1961

Sementes de	Hortaliças
"	" Flores
"	" Forrageiras
"	" Grama
Bulbos	" Palmas

Importadora

L. Daehnsfeldt, Ltda.



Fazendo como eu...
faras o certo!!!

Av. Barão de Tefé, 7 - Grupo 301/302 — Caixa Postal 1141
Fones 23-0467 — 43-2183 — End. Telegráfico: DAEHNSELDT
Rio de Janeiro Estado da Guanabara

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA CÂMARA

— 307 —

MANIÇOBA

Segundo o professor Renato Braga PLANTAS DO NORDESTE, ESPECIALMENTE DO CEARÁ) são os MANIÇOBAIS — denominações comuns às euforcias, — gênero MANIHOT, — produtores de borracha.

São mais conhecidas a Manihot Glazovii, Muel (Maniçoba do Ceará, também conhecida por Maniçoba Verdadeira), manihot plauhyensis, Ue. (Maniçoba do Piauí), Manihot micodendro, Ue. (Maniçoba rasleira, também conhecida por Maniçobinha), todas fornecedoras de borracha.

As três variedades fornecem folhas apreciadas para o consumo como ensopado.

A maniçoba verdadeira ou do Ceará cresce até vinte metros de altura, tronco roxo denegrido, ramificado a partir do seu último terço. Folhas palmadas ovais, glabras, com cinco estrías. Sementes brilhantes, duras, amarelas, pintadas de castanho.

Planta rica em latex, cujo produto se tornou conhecido como borracha do Ceará. Madeira leve e porosa, indicada para cachoteria e para tamancos. As rasas das raízes, secas ao sol, constituem alimento para o gado leiteiro.

A maniçoba do Piauí alcança até 6 metros de altura com tronco castanho-escuro. Folhas obovais regulares verde-claro ou verde-escuras. Cápsulas ovoides globulosas, de arestas salientes. Sementes ovais achatadas, pardo-escuras e castanhas.

A maniçoba vastleira é pequena arvoreta até 2 metros de altura. Folhas palmadas, verde-escuro na face superior e verde claro na face inferior. Cápsula de 30 a 40 mm de comprimento só-

bre 34-38 mm de largura, gomos arredondados. Sementes castanho cinzento claro ocorre no Piauí, Bahia e Goiás.

Com a crise na produção de borracha é aconselhável aumentar as plantações sobretudo da variedade da verdadeira.

— 308 —

ORTICICA

A orticica *Licania rigida* Benth. (*Pleuraginia umbrosissima* Ar. Cam.) da família das Rosaceas. Atinge até 15 metros de altura e o seu tronco grosso ramifica-se a pouca distância do solo, formando aprazível copa de 15-20 m. de circunferência. Folhas alternas pecioladas e com nervuras bem pronunciadas, medindo 12 cm de comprimento por 6 cm de largura. Flores de 3 cm de diâmetro, amarelas, ovadas, espigas ramosas. Fruto drupáceo, fusiforme ou ovado, de 2,5-7,5 cm. de comprimento, com caroço envolto em massa amarelada, rala, de cheiro pouco agradável e fibrosa. A casca do fruto é verde, mesmo quando maduro, mas se torna amarelo-escuro quando seca. Árvore magestosa no porte, cresce nos aluviões dos rios e riachos formando longas e estreitas alambradas à orla dos barrancos, manchando do verde-escuro da sua folhagem de ramagem densa as várzeas. Com seus ramos forma sombra permanente. Na frente das casas formam-se latadas. As folhas, extremamente rígidas e coriáceas, prestam-se para polir artefatos de chifre. O seu valor em tintas e vernizes resulta de sua riqueza em óleo (60%). O óleo é secativo. Uma orticica produz 75 kg de frutos secos, e tem-se registrado exemplos de até

1.500 kg. por árvore em algumas safras. Produz do Piauí até a Bahia.

— 309 —

CARÁS

São designados por esse nome e seus compostos os carás (caranambú, caratonga, etc.). Ascendem a centenas de plantas indígenas a família, sendo conhecidas como Dioscorea e inhame.

Entre as primeiras citamos as seguintes:

Dioscorea altissima, Lamb. (*D. alata* variedade *altissima* Griseb. *D. enondrocarpa*, Griseb., *Similax acuminata* Willd.) Trepa-de-lra grande, glabrosa, caules fortes e grossos, quadrangulares, mais ou menos alados (as pecioladas, pecíolos às vezes armados) folhas longo-pecioladas, acuminadas, alternas, raramente subopostas, lâmina ovalada ou orbiculada, acuminada na base até 18 cts de largura e 24 cts. de comprimento, membranosas, densamente pontuadas com fiabras pelucidas na página inferior; flores solitárias, sésseis, aproximadas; inflorescência masculina em espigas solitárias; fruto cápsula oblonga, glabra, cartilaginosa de 3 cts. de comprimento e 15 mm de diâmetro. Ocorre no Rio de Janeiro e Paraná.

Dioscorea amazonum Griseb. (*D. elegantula* Kunth, *D. megalobotrya* Kunth, *D. surinamensis* Mey.). Planta arbustiva de caule cilíndrico e glabro; folhas variáveis, pecioladas, as superiores elíptico-cordiformes até 12 cts. de comprimento, quando adultas maiores e subcordiformes-arredondadas, agudas e acuminadas, 7-nervadas, sendo tridentes as nervuras da página inferior, glabras; flores solitárias, carnosas, as masculinas dispostas em panículas compostas mais ou menos de 30 cts. as femininas dispostas em espigas simples, raramente compostas. Deita espécie, cuja distribuição geográfica se estende desde as Guianas no Ceará, há no norte do Brasil as seguintes variedades: — *Buchell Uline* (*D. amazonum* variedade

longepetiolata Ullne, de l^{as}. lhas ovadas truncado-cordiformes ou largo-cordiformes na base, pecíolo mais comprido, membranosos; *consanguinea* Ullne (*D. cuspidata* Kunth, *Helmita consanguinea*, Kunth); *robustior* Ullne, de caule mais forte e fôlhas rígido-coriáceas, largamente hastado-cordiformes e com os lobos arredondados; *Sprucei* Kunth de fôlhas basilares hastado-cordiformes com os lobos obtusos, ricos mais compridos e flôres menores.

Dioscorea anomala Griseb. (*Helmita anomala* Kunth). Planta glabra, de caule fino e pequeno, até 30 cts. de altura, comprido e anguloso; fôlhas aproximadas, curto-pecioladas, lâmina linear-lanceolada, até 7 cts. de comprimento e 7 mm. de largura, mucronada, rígida, 3-nervadas, puntada na página superior e saliente-nervada na inferior; flôres curtíssima-pediceladas dispostas em rácinios terminais compostos, 2-5 fasciculados. Ocorre no Estado de Minas Gerais.

Dioscorea aspera Humb. e Bonpl. (*D. scabra* variedade *aspera* Kunth *D. multiflora* variedade *aspericaulis* Ullne, *Hernia aspera* Kunth). Espécie idêntica à *D. scabra* Humb. e Bonpl., da Venezuela.

Dioscorea bahianensis Kunth. Trepadeira glabra de fôlhas alternas, pecioladas, lâmina de 6 cts. de comprimento e 15 mm. de largura, lanceolada, 5-nervadas, flôres dispostas em espigas de 20 cts. longo-pedunculadas; fruto cápsula arredondada de 12 mm. de comprimento e 10 mm. de largura. Sementes aladas de 3-4 mm. Ocorre na Bahia e Minas Gerais, onde lhe dão o nome de *herve de fôlhas mltidas*.

Dioscorea catharinensis Knuth. Planta glabra de caule cilíndrico-anguloso, sublenhoso, com tubérculos esparsos; fôlhas grosso-pecioladas, lâmina ovada, arredondada na base, acumulada no ápice, 5-nervadas, até 10 cts. de comprimento 6 cts. de largura rígida saliente-nervada na página inferior; flôres sésseis, solitárias pálidas, dispostas em

Adubos



Dep. Prop. CADAL

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE
CADAL
 CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
 Agentes exclusivos do Sulite do Chile para os Estados da Guanabara, do Rio e Espírito Santo
 Rua México, 111 — 12.º andar (Sede própria)
 Caixa Postal, 875 — Telefone: 31-1850-rêde interna

espigas compostas. Ocorre nos Estados de São Paulo e de Santa Catarina.

Dioscorea ceratandra Ullne. Planta completamente glabra e de caules finos e cilíndricos; fôlhas pecioladas, limbo ovado-deltóideo acumulado, largo-cordiformes na base, até 5 cts. de comprimento e 4 cts. de largura, inteiras ou obscuremente sinuadas, membranosas, 7-nervadas; flôres do perianto campanulado, 6 estames, sendo 3 verticais, reunidos 2-3 em glomérulos. Espécie conhecida no litoral de São Paulo e da Ilha dos Alcantrazes.

Dioscorea corumbensis Knuth. Trepadeira de caule fino e frágil, sulcado e com diminutos tubérculos; fôlhas alternas, distancadas de 5-8 cts., pecioladas, lâmina ovado-arredondada, aguda e abruptamente contralida no ápice, mais ou menos retusa na base, 7-nervada, papirácea; flôres solitárias, nuperosas, sésseis, dispostos em espigas de 10 cts. de comprimento. Ocorre no Estado de Mato Grosso.

Dioscorea curytipensis Knuth., Trepadeira pequena, até 3 metros de altura, caule fino, completamente glabra; fôlhas alternas distancadas, pecioladas (pecíolo

de 2 cts.), lâmina triquetra-cordiforme, aguda no ápice e inclada na base, inteira, 7-nervadas; flôres dispostas em espigas simples de 6 cts., solitárias. Ocorre no Estado do Paraná.

Dioscorea cuyabensis Knuth. Planta de caules finos, quase trepadeira, completamente glabra; folhas alternas, distancadas de 6-10 cts., pecioladas, lâmina 3-lóbada, lobo médio lancilado, macronado, 3 nervado e lóbo lateral auriforme, contraídos na base, salientes-nervados na página inferior; flôres sésseis, solitárias, reunidas em espigas simples de 4-9 cts., solitárias ou aglomeradas. Ocorre no Estado de Mato Grosso.

Dioscorea cynachofolia Griseb. Trepadeira glabra de caule filiforme, cilíndrico, frágil e liso, desenvolvendo-se para a direita; folhas pecioladas (pecíolo de 1 ct.), ovado-oblongos ou ovado-cordiformes, acuminadas; lâminas deltóides-incladas na base, até 5 cts. de comprimento e 25 mm. de largura, membranosas, 7-nervadas, luzidas na página inferior; espigas masculinas simples, de 12 cts. de comprimento e flôres carnosas, de 6 estames férteis; espigas femininas de metade do tamanho e flôres pendulas; frutos cápsula luzida, pálido-escuro, de 12 mm;

sementes arredondadas, aladas. Ocorre no Estado da Guanabara e no Estado de Minas Gerais.

Dioscorea debilis Uline. Planta herbácea, glabra até 25 cts. de altura; caule filiforme, frágil, cilíndrico; folhas dimorfas, esparsas, poucas, as basílares longas, pecioladas, arredondadas-cordiformes ou orbicular-cordadas na base, até 14 mm. de diâmetro, 9 nervadas; folhas superiores curto-pecioladas, lineares-lanceoladas, cordiformes na base, até 15 mm. de comprimento, 3-5 ráclmos masculinos espiciformes, de 5-7 cts. de comprimento, simples ou pouco ramosos; flôres quase sésseis, esverdeadas, formando glomérulo; fruto cápsula. Tem a variedade *sagittifolia*, de maior porte, folhas menores e cápsula orbicular de 5 mm. de diâmetro. Ocorre no Estado de Minas Gerais.

Dioscorea deflexa Griseb. Planta de caule glabro, liso e sub-cilíndrico; folhas alternas pecioladas (pecíolos de 2 cts.), lâminas oblongo-elípticas, acuminadas dos dois lados e atenuada na base, até 75 mm. de comprimento e 25 mm. de largura, 5-nervadas, membranosas glabras na página superior e tomentosa na inferior, saliente-senervada; espigas femininas simples, geminadas; ovário fusiforme. Ocorre no

Estado de Minas Gerais.

Dioscorea delicada Knuth. Trepadeira de caule muito fino e levemente anguloso e pubescente; folhas alternas, pecioladas, geralmente distancadas 10-13 cts.; lâmina glabra, de 10 cts. de comprimento e 4 cts. de largura, cordiforme-inclada na base, 7-nervada na flor escência masculina axilar, de 15 cts., flôres pediceladas, do perianto globoso-campanulado. Ocorre no Estado de São Paulo.

Dioscorea fluminensis Knuth. Planta glabra, caules delicados, cilíndricos, às vezes sulcados e sempre com insignificantes tubérculos esparsos; folhas pecioladas, triangular-lanceoladas, agudas-acuminadas, incladas arredondadas na base, lóbulos mais ou menos abertos 7-nervadas e com minúsculas glândulas na página inferior; flôres reunidas em glomérulos, êsses dispostos em espigas de 6-12 cts.; fruto cápsula pálida, de 13 mm, contendo sementes castanhas, aladas de 6 mm. Ocorre no Estado do Rio de Janeiro. (1).

— 310 —

FEIJÃO FRADINHO

O feijão fradinho *Vigna sinensis* Endl. variedade *monachalis* Dolichos mona-



CUPIM

GARANTIA DE 8 ANOS

Rugani & Cia. Ltda.

SERVIÇOS EXECUTADOS COM INSETICIDAS "IPIRANGA"

contra insetos e ratos

RUA SÃO JOSE, 90-S/1.205 Telefones 22-3289 e 22-0873

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO



chalis Brot.? (D. Oleraceus Schum.) leguminosa erecta, volúvel, de porte idêntico às da espécie tipo, vagens finas, compridas, carnosas, tenras e sementes sub-reniformes, brancas ou amarello-pálido com hilo branco orlado de preto. Distinguem-se duas sub-variedades, uma de flores lilás-ceas e outras de flores violáceas com o vexillo amarelo. As sementes são bastantes cultivadas do Rio de Janeiro para o Norte, principalmente no Estado da Bahia. Comem-nas ensopadas, ou como saladas. São indispensáveis no preparo do "acarajé" — prato afro-bahiano. Análise no Instituto Agrônomo de Campinas foi a seguinte sua composição: 24,13 e 27,73 de matéria azotada, 1,50 e 1,71 de matéria graxa, 53,84 e 60,78 de matéria não azotada, 5,30 e 6,1 de matéria mineral, encontrando-se nessa ácido salicílico e areia, 34,72 de ácido fosfórico. O teor em azoto eleva-se a 4,436 e a água, na substância úmida, a 11,90. No pitoresco banquete a São Cosme e São Damião usa-se o óleo de dendê. (Do VOLUME III DO Dicionário das Plantas Úteis).

— 311 —

FRUTA DE PAPAGAIO

Manieta luteo-rubra Benth. (M. Bicolor Fabr.), da da Família das Rubiáceas. Trepadeira sublienhosa de ramos compridos e finos. Folhas opostas, subsessais, lanceoladas ou oblongo-lanceoladas, agudas até 5 cms

- (1) Extraímos do Dicionário das Plantas Úteis, de Pío Correa; tendo falado o naturalista Pío Correa (1934) continuou a obra o naturalista Leonam de Azevedo Pena a partir do Volume II.

de comprimento a 2 cms. de largura, um pouco glaucas, pubescentes na página inferior; flores opostas com folhas pedunculadas exteriormente tomentosas, tubu-

losas, vermelhas desde a base até quase ao meio do tubo floral de 2 cms., ou pouco mais, intumescido na base; cálice curtíssimo, campanulado; fruto cápsula bilobada, seca, contendo muitas sementes. Planta ornamental cultivada em numerosos jardins e bem assim nas estufas da Europa, onde foi introduzida em 1841 e desde então sempre muito apreciada. É ineficaz e diz-se que os papagáios comem os frutos. Encontra-se rasteiras ou antes prostrada nos campos de Minas Gerais, Rio de Janeiro até Santa Catarina.

— 312 —

CÃO CARLIM

Entre os cães Carlím (francês), Carlino (italiano), Mops (alemão), Pug-dog (inglês), figura:

Apreciação geral: — o Carlím, também chamado Carlindogue, tem o aspecto de um buldogue filipiteano. A sua face achatada com máscara negra e seus grandes olhos redondos dão-lhe ar original. É um cão pouco afectuoso, de grandes olhos redondos, inteligência mediocre e assas resinguento. Além destes poucos recomendáveis dotes, o Carlím, por mais cuidado que merçea a sua *toilette*, apresenta sempre uma morrinha bem desagradável.

Origens — Entendem os cinólogos que o Carlím é um buldogue anão ou antes um mastim, cujo nanismo foi provocado por determinados meios. Esta versão não parece corresponder à verdade. Cornevin tem-no como originário da China, onde sua representação é encontrada na cerâmica, quer chinesa quer nipônica. Uma coisa averiguada é que na Europa foi introduzido na Holanda, daí passando à Inglaterra, onde ganhou as graças reais. Na França também se tornou benquisto das damas e a marquesa de Pompadour o introduziu na corte.

Batizaram-no com o nome de Carlím, porque o seu focinho lembrava a máscara de Carlino, o então vulgari-

zado arlequim da comédia italiana. A moda de Carlím tole fêmera e hoje sómente goza de maior estima na Inglaterra e na Alemanha.

Caracteres essenciais: — Raça concavilínea. Aspecto geral: o de um cão forte, atarracado e musculoso. *Talhe:* Altura até a cernelha, 30 a 35 cms. *Pêso:* entre 2 quilos e 700 grs. e 450 quilos.

Cabeça e pescoço — *Cabeça:* Redonda, maciça. *Crânio:* largo. *Orelhas:* pequenas, macias ao tato. *Rodilha:* curto, quadrado. *Máscara:* muito negra. *Rugas:* largas e profundas. *Pescoço:* curto. *Corpo:* curto, largo, bem atarracado. *Cauda:* em trompa sobre o dorso, trazida alto.

Pernas e pés — *Pernas:* fortes, direitas de tamanho médio. *Pés:* de bom tamanho, nem compridos nem redondos.

Pelagem — *Pelo:* curto, espesso, macio ao tato. *Côr:* fulvo ou aro. *Trança:* a café com leite. *Cabeça:* máscara negra bem trilhada. *Cauda:* da mesma cor que o corpo com uma linha escura. *Membros:* da mesma cor que o corpo.

NOTA: — Cruzando-se o Carlím com o Buldogue obtém-se um Carlím de pernas arqueadas, de 43 cms. de talhe, tipo cão de guarda, excelente, porém de mãos instáveis. Cruzando-se um Carlím com Terrier obtém-se um cão muito vivo e forte.

Outrora acasalava-se o Carlím com o Espanhol de pequeno porte chamado cão de Alicante que possuía a conformação do Carlím e os pelos anelados do Espagneul.

Bufo considerava o cão Alicante como um mestiço do Dogin e do Espagneul anão.

Conclusão: Transcrevemos de Eurico Santos (MANUAL DO AMAADOR DE CAES). Respondemos a uma consulta que nos mandaram da Região do Nordeste, precisamente do Estado do Maranhão.

— 313 —

CHA

O Dr. Pimentel Gomes pu-



HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO
VEM A NOSSA FIRMA
FORNECENDO BÔAS
MUDAS DE

Plantas Frutíferas e Ornamentais

FOLHETOS GRATIS — ORÇAMENTOS SEM
COMPROMISSO

Dierberger Agrícola Ltda.

Fazenda Citra

Cx Postal 48 — fone 1121 — Telg "DIERCO"
LIMEIRA — Est. de São Paulo

blicou no CORREIO DA MANHÃ, (27.7.1961), as seguintes notas sobre o CHÁ, que pedimos licença para transcrever:

"O chá-da-Índia, como é conhecida entre nós a "Camellia Thea Lark", floresce nas zonas de elevada pluviosidade das regiões tropicais e subtropicais, exigindo para o seu perfeito desenvolvimento uma constante adubação azotada e podas periódicas. É uma cultura típica das áreas onde a obra de mão-de obra é abundante e barata, o que explica a sua concentração no Extremo Oriente. No seu estado investre atinge mais de 15 metros de altura porém, quando cultivado, raramente excede de 3 metros.

Segundo De Candolle, o Chá é originário das regiões montanhosas que separam a Índia das planícies da China, onde a sua cultura vem sendo feita há mais de 4.000 anos. Entretanto, foi

sómente no século XVII que o chá se tornou conhecido dos europeus. Em 1618 a China estabeleceu contatos comerciais com a Rússia, e o chá foi introduzido neste país, generalizando-se de pronto o seu consumo. No mesmo século os holandeses levaram para a Europa algumas mudas colhidas na ilha de Java que foram estudadas pelos naturalistas e mantidas em herbários. Mas, somente na segunda metade do século XVIII e no século XIX foi que o consumo do chá se generalizou pelo mundo ocidental.

Até o último quartel do século passado a China foi a principal, ou praticamente a única, supridora dos mercados ocidentais. Esta posição vantajosa foi se deteriorando a partir do momento em que os ingleses decidiram plantar o chá nas suas colônias asiáticas, primeiro na Índia com as mudas silvestres que cresciam livre-

mente em Assã e, mais tarde, no Ceilão, quando as plantações de café que aí proliferavam foram dizimadas pela praga. As exportações chinesas que alcançaram 295 milhões de libras em 1886 caíram para cerca de 80 milhões nos anos que antecederam à Segunda Guerra Mundial.

O chá, muito mais do que o café ou o cacau, tem suas raízes históricas solidamente plantadas na antiguidade; o que explica a relativa estabilidade dos processos de cultivo, apesar das mudanças profundas verificadas no mecanismo de comercialização do produto, oriundas da expansão do consumo e, sobretudo, da Segunda Guerra Mundial e suas implicações de ordem política.

Embora os métodos de cultura varíem amplamente de um país para o outro (na China e no Japão prevalece o tipo de cultura intensiva de responsabilidade das aldeias, enquanto na Índia, Paquistão, Indonésia e Ceilão a cultura obedeceria a técnicas das "plantations"), pode-se dizer que o cultivo nos países produtores de chá-prêto é mais adiantado do que naqueles produtores de chá-verde.

Os diferentes tipos de chá postos no mercado (verde, prêto e "oolong") se distinguem apenas pelo tipo de beneficiamento. Assim, no chá-verde as folhas são queimadas logo após a colheita para evitar qualquer fermentação possível; no "oolong" já se verifica alguma fermentação e finalmente no chá-prêto as folhas são deixadas fermentar antes de serem secas.

A infusão de chá possui numerosas qualidades medicinais, das quais as principais são a de facilitar a atividade cerebral, acelerar a circulação sanguínea e a de auxiliar a digestão.

As sementes desta planta, quando completamente secas, contêm cerca de 19% de um óleo amarelo, não secativo, de sabor mais ou menos acre, que serve de sucedâneo do óleo de oliva, além de ser aplicável de

produção de sabões finos. Convém notar, entretanto, que o óleo de chá, normalmente encontrado no mercado, não provém da espécie que aqui se estuda e sim da "Thea Sarangua Nols", que o fornece numa proporção de aproximadamente 60%, associado a uma saponina tóxica que o torna um excelente adubo e exterminador de minhocas, mas o inutiliza para o consumo humano e animal.

Em 1959, a produção mundial de chá foi de 565 mil t. métricas, das quais cerca de 80% proveio da Ásia, através dos seus principais produtores, Índia e Ceilão, seguida da África com 6%, sendo o principal produtor nesta área a colônia inglesa de Níassalândia.

O chá foi introduzido no Brasil em 1812, com sementes trazidas e oferecidas a D. João VI por Luis de Abreu, um ex-prisioneiro das tropas napoleônicas. Dois anos mais tarde foram feitas algumas plantações experimentais no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, de onde saíram as sementes e mudas que deram origem às plantações fluminenses, mineiras e paulistas.

Na Exposição Internacional de Viena de 1873 o chá brasileiro foi classificado logo abaixo do chinês e acima do hindu.

Apesar do entusiasmo inicial, a cultura do chá foi sendo relegada a um segundo plano à medida que o café crescia de importância, roubando-lhe não somente atenções, como também braços e capital.

Com as dificuldades de suprimento ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial, a produção brasileira de chá ganhou impulso, e atualmente supre integralmente as necessidades do consumo interno, liberando mesmo cerca de 20% que se destinam aos mercados vizinhos, especialmente o argentino, e esporadicamente ao mercado americano. Em 1960, segundo o SEP, a nossa produção foi de 4.066 t. de chá beneficiado, na sua quase totalidade proveniente do São Paulo.

(Correio da Manhã, 2 de Julho de 1961).

ASSOCIATIVISMO RURAL

NOVA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO RURAL DE BLUMENAU

Foi eleita e empossada em 14 de agosto de 1961, a seguinte diretoria da Associação Rural de Blumenau:

Presidente	Augusto Reichow
Vice Presidente	Heinz Scharader
1.º Secretário	Klaus Herling
2.º Secretário	Jan Rabe
1.º Tesoureiro	Lothar Schimdt
2.º Tesoureiro	Paulo Pamplona

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Suplentes:
Bruto Hoelgebaum	Júlio Krueger
Ruif Nebelung	Erwin Kuehn
Raul Deck	Edmundo Hort

ASSOCIAÇÃO RURAL DE PERIMIRIM

E a seguinte a nova diretoria da Associação Rural de Perimirim, no Estado do Maranhão:

Presidente	Agripino Alvares Marques
Vice Presidente	Antonio Barros Gamita
1.º Secretário	Jorge Antonio Maia
2.º Secretário	João Costa Castro
1.º Tesoureiro	Nalsa Ferreira Amorim
2.º Tesoureiro	Jullêta de Castro Marques

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Suplentes:
Benoni de Jesus Abreu	Antonio Nunes Pinheiro
Alelar José Alvares Mendes	Raimundo Botão Mendes
Pedra Gomes	Vicente Nunes Pinheiro

ASSOCIAÇÃO RURAL DE SENHOR DO BONFIM

Em Assembléia Geral Ordinária, realizada em 25 de agosto de 1961, foi eleita e empossada a nova Diretoria desta Associação, para o biênio de 1961/1963, que ficou assim constituída:

Presidente de Honra	Revmo. Dom Antonio M. Monteiro
Presidente	Agr.º Alvaro Ribeiro de Oliveira
Vice Presidente	Agr.º Flávio de Carvalho Filho
1.º Secretário	Sr. Manoel de Carvalho Fonseca
2.º Secretário	Sr. José Lamartine de Lima
1.º Tesoureiro	Sr. Plínio Gomes Soares
2.º Tesoureiro	Sr. Martinho Barbosa da Silva

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Suplentes:
Agr.º Adolfo Gonçalves Lobo	Sr. José Gabriel G. Torres
Sr. Horácio Lemos Pinto	Sr. Arlindo Silva
Sr. Rade Andrade Perelra	Sr. Pedro Ferreira Pomba
Eleita em Assembléia Geral Extraordinária, foi empossada a seguinte diretoria da Associação Rural de Ouro Preto:	
Presidente	Dr. Marcos M. de Miranda
Vice Presidente	Afonso Plovesan
1.º Secretário	Juvenal Borges de Carvalho
2.º Secretário	Cezimbro Guimarães
1.º Tesoureiro	Dr. Jos é Junqueira Junior
2.º Tesoureiro	Rogério Balata Gomes

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Suplentes:
Vicente Vilela de Araújo	José Perelra César Góis
Cláudio Cândido	Ciro Perelra da Silva
Nelson Maciel	

Ten. João Antônio Nasc. Sá

CHEGOU O NOVO MODELO

Torqueses BURDIZZO

DE FAMA MUNDIAL

POSSUI DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTIVEIS DE INFECÇÃO



Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR



Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.



Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão do lado para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois a torquês



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGA-SE AOS DISTRIBUIDORES
HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO
A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO
Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália

AS COOPERATIVAS CENTRAIS

Fábio Luz Filho

(Presidente do Centro Nacional de Estudos Cooperativos)

As Centrais (com as quais, aliás, nunca simpatizei, como, forçado pelas circunstâncias, aceitei a de Abastecimento com as características que essas circunstâncias lhe deram, na única interpretação possível dentro da definição esdrúxula da lei, e numa tentativa para dar solução a um problema lancinante e complexo), têm suas raízes legais nas centrais européias (que são federações), o que a prática argentina reproduz. Os legisladores da 22.239 tiveram por preocupação adaptar essas centrais européias, repetidas pelas federações argentinas (algumas das quais também, excepcionalmente, aceitam pessoas físicas) às nossas condições de mesologia. Mas, na prática, o confucionismo impera, de vez que cooperativas primárias há que também aceitam outras cooperativas e elastece suas áreas de ação, e tanto servem ao mercado externo como ao interno. Têm surgido também centrais com duas cooperativas, apenas, para cumprimento do que foi firmado pela exegese, e o restante de pessoas físicas, olhos ávidos postos na liberdade, para essas centrais, de áreas de ação mais vastas (como certas cooperativas primárias), com visos de monopolização mercantilista.

A primeira central brasileira foi fundada por mim e O. Tornanik em São Paulo, após o trabalho que iniciei em Cruzeiro, onde fundei em 1931 a primeira cooperativa de leite do Estado bandeirante. Outras se sucederam, aqui, no Norte e no R. G. do Sul, neste agremiando centenas de cooperativas agrícolas, das mesmas tendo sido assessor técnico o Dr. A. Gredilha, profundo conhecedor do cooperativismo, redator final da lei 22.239, de cuja elaboração participou diretamente, com Saturnino Brito e o Dr. Luciano Pereira e eu, indiretamente, pois chefiava a Seção de Crédito Agrícola, a que pertenciam Saturnino e Gredilha.

Nem o Dr. Gredilha nem os ilustres assistentes jurídicos do Serviço de Economia Rural contestaram, até hoje, a legalidade dessas organizações para o mercado interno.

Quando dos debates em torno da de abastecimento achou-se que a Central poderia ser a fórmula procurada; apenas a consideravam inadaptável às exigências da C. O. F. A. P. quanto à questão dos postos (que desejava alienar) para o abastecimento global do Rio, complexo e diversificado. Ademais, os interessados, nas mesas redondas, ofereceram tenaz resistências ao tipo da central, pela obrigatoriedade, em que estariam, de fornecimento integral dos produtos agrícolas à entidade de 2.º grau. Sugeriu-se então a fórmula da de abastecimento, mediante uma portaria interpretativa da definição esdrúxula da lei 22.239, por evitar o pior. Foi uma experiência e só o tempo dirá a última palavra, dentro da caracterização dada, pois grandes foram, inegavelmente, os obstáculos defrontados, que a fizeram perecer.

Integral significa total, inteiro, isto é objetivamente, as centrais, a defesa total da produção, o que se não faz apenas com a entrega total da produção (nem sempre possível, como nas de mate e nas de laticínios, o que não as impediu de valorizarem os respectivos produtos), mas envolve, como nas grandes federações argentinas, aspectos outros de relevância, fatores outros concomitantes, como os que, ao lado da comercialização do produto nos mercados internos e externos, visam à extensão agrícola ao crédito, aos seguros, etc., como veremos. Defesa integral não é comercializar apenas a integralidade do volume físico da produção cooperativado nesses órgãos brasileiros de segundo grau, que são, inegavelmente as centrais de nossa inventiva, que, como federações argentinas, recebem por exceção pessoas físicas. (A prática brasileira é que estabeleceu o predomínio de pessoas físicas, nem sempre bem intencionadas...) A Bolívia definiu-as como um processo de integração econômica. Também o são, e de maior sabor clássico e doutrinário, pela homogeneidade, etc., as federações, os verdadeiros órgãos de segundo grau em todo o mundo, ápice do sentido federativo.

Na Argentina, Yury Izquierdo, que a visitou demoradamente como competente emissário da União Pan-Americana, em brilhante trabalho sobre o movimento cooperativo argentino diz que "la especialización dentro del movimiento cooperativista agrario argentino es cada dia más reducida. La inactividad ha sido reem-

plazada por la multiactividade, pues el accionista no se limita a recurrir a su cooperativa para el solo efecto de comercializar su producto o elaborarlo, sino que también para dar satisfacción a las variadas necesidades de la vida rural, desde el abastecimiento de substâncias, hasta las gestiones de caráter tributario, jurídico o comercial a jenas al objetivo primario de la sociedad." E acrescenta, com razão, que não pode ser de outra maneira em um país em que as distâncias são grandes e os centros povoados distantes. O homem do campo não pode estar em continuas viagens, que significam perdas de tempo e despesas..., "por ello, su cooperativa le allana tales inconvenientes y, mediante su economato, su organismo de 2.º grado y sus propios servicios, que son muy variados, porta ao accionista un tipo de atención que, realmente, nos impede hablar de especialización." (Se esses fenômenos existem na Argentina, imagine-se no Brasil...)

O grupo das cooperativas agrícolas-pastoris argentinas repousa na comercialização dos cereais, mas também trabalha intensamente em muitos outros campos, especialmente através do órgão de segundo grau. "Es así como se proveen de semientos de trabajo, seguros, etc.). millas y artículos de subsistencia, etc.

O Uruguay possui a sua "Federación Nacional de Cooperativas Agropecuarias".

A federação argentina denominada "Asociación de Cooperativas Argentinas", vendeu somente no mercado interno, em 1957, mais de um bilhão de pesos, contra 800 mil pesos de produtos para o mercado externo. Mais de 175 milhões de pesos corresponderam à venda de produtos de produção própria e mais de 7 milhões de produtos importados.

A Argentina possui quase 800 cooperativas agropecuarias (laticínios, hortícolas, de seguros agrícolas, beneficiamento de produtos têxteis, de algodão, florestais, madeiras, de abastecimento de carne, vitífrutícolas, ervateiras e mais de 200 abarcando várias atividades agrícolas.

As cooperativas de segundo grau, ou federações, na Argentina vão a 24, agremiando a 1.971 cooperativas primarias. Existe uma Confederação Interooperativa Agropecuaria, órgão de terceiro grau que agremia 14 federações.

Eis um dos objetivos da Asociación de Cooperativas Argentinas, que possui

UM FILTRO AFAMADO NO MUNDO INTEIRO

Agua rigorosamente pura /



Com 2, 3 e 4 velas

Fabricadas pelo

Processo Esterilizante
S E N U N

Informações: FABRICA — Rua Figueira, 237

um capital subscrito de 54.299,50 pesos, 22.687.637 realizados, 226 filiadas e contribuir entre las cooperativas asociadas ca de 100.000 asociados. "Adquirir y distribuir por cuenta de cada una de ellas, y por si, todos los articulos que le sean solicitados para el consumo y el trabajo de sus socios." Procura, assim, o órgão de segundo grau, centralizador e de maior potencialidade financeira, atender a todas as necessidades das cooperativas filiadas, todas mistas, e, conseqüentemente, às necessidades dos próprios colonos, até o campo do consumo pessoal e doméstico, aquisição de glebas, instalando fábricas têxteis, do seguro, de crédito, promovendo para produtos e subprodutos agrícolas, estatística, etc.

Não são outros os objetivos da Federación Argentina de Cooperativas Agrícolas:

"Adquirir por si y por cuenta de las cooperativas adheridas los articulos de cualquier naturaleza que se requieran el consumo o uso de sus respectivos só para las exploraciones agropecuarias y otros...; importar e exportar mercaderías, etc." Por que as centrais não poderão fazer o mesmo?... A sessão de consumo como vimos, existe até nas federações

agricolas argentinas, ao lado das de crédito e seguros, enquadrado que está o consumo de combustíveis e gêneros para as explorações agrícolas nos quadros do crédito agrícola, como o ensinam os tratadistas e se vê na prática mundial, como o acentuo em "Crédito agrícola e problema agrário".

Defesa integral do produto é função até das cooperativas primárias, principalmente das do tipo centralizado (não é central nem federação, como nos E. Unidos, em Porto Rico, etc. e no Brasil como Cotia, dentre outras, que é uma central de fato, com seções de consumo, crédito, fábricas de adubos, assistência médica, etc.). Fazem-na as federações agrícolas também.

Leiserson, ilustre advogado e um dos grandes tratadistas sul-americanos, em se referindo aos órgãos de 2.º grau, as federações (na Argentina a lei não cogita de órgãos como a central, já o disse) diz:

"No hacen falta en principio, normas especiales para regir estas cooperativas de quadros superiores... La mayoría de las legislaciones se limitan a autorizar la formación de las uniones de las asociaciones cooperativas, precindiendo de toda reglamentación, por cuanto estas instituciones pueden diferenciarse entre sí tanto por su estructura como por sus fines". Acha ele até que esses órgãos de 2.º grau poderiam revestir a forma anônima, pelo vulto dos capitais necessários às suas amplas operações, achando que isso não lhe tiraria a finalidade cooperativa, de vez que os capitais serão cooperativos e as finalidades e os princípios também cooperativos, o que, no entanto, não se pratica no movimento cooperativo mundial, felizmente.

E' sabido que, nas omissões das leis, um dos critérios dos hermenêutas reside em ir buscar na prática universal, no direito consuetudinário, no de-jure-constituendo, o que é omissso na lei. Embora simpatizando pouco com as centrais, do bro-me à lei e a certas contingências de meio, reconhecendo a margem para deformações e falhas (como nas de abastecimento) que existe nessas organizações amplíssimas e complexas, deficiências e distorções de várias ordem e complexidade, que aumentam quando as pessoas físicas nelas entram com um contingente grande, em meio ainda inexperiente e com conhecidas deficiências de pessoal capacitado, idiosincrasias e mentalidade conhecidas.

Acabo de frisar, em "Crédito agrícola e problema agrário" que, para os países subdesenvolvidos, continua na tela dos debates, e no campo da experiência cotidiana no Brasil, na Argentina e nos demais países da América do Sul, aquela tese pertinentes às cooperativas de funções múltiplas. A F. A. O., por exemplo, ao se referir aos países "menos desenvolvidos economicamente", acentua que a eficácia do financiamento cooperativo nesses países aumentará consideravelmente se as atividades de crédito e economia se unirem com as das "cooperativas de comercialização", ou se a cooperativa local de crédito se dedicar a fins vários (tese de Campbell, Belshaw)". "La provisión de crédito, por si sola, no basta muchas veces. Por tanto, la sociedad ha de estar en condiciones de desarrollar otras actividades más; por ejemplo, de ayudar a un miembro a vender su cosecha con la mayor ventaja posible", at'ingindo-se, com isto, um duplo fim: servir aos associados, assegurando-lhes empréstimos com um profundo conhecimento da capacidade de cada um.

Embora reconhecendo as vantagens das cooperativas específicas, o que há pró e contra, já fiz sentir que o crédito agrícola, se adequado e controlado, já representa poderoso fator de mobilização agrícola; mas, pode e deve ser apoiado pelo exercício conjunto e harmônico de todas as demais funções econômicas que cabem às cooperativas de funções múltiplas, prepostas ao amparo técnico-econômico do agricultor. O crédito mesmo está em função de outros fatores, que se encontrarão ao alcance dos administradores, pelos índices de garantias que lhes poderão fornecer os demais setores econômicos que devem ser dinamizados pela ação cooperativa e por ela supervisionados.

Essas vantagens tanto se encontram nas mistas primárias do tipo centralizado, como nos órgãos de 2.º grau; a federação, que na Europa se denomina central, (como o fazem os colonos alemães do Sul do Brasil, com as caixas Raiffeisen) e, no Brasil, a central, que são órgãos de cúpula, os instrumentos mais indicados para a concentração das atividades cooperativas.

Nada há nas leis vigentes, na prática mundial, no que vem sendo feito no Brasil desde 1933 (como o confirmou a Assistência Jurídica do S. E. R.), que profíba que as federações e centrais tenham

o mesmo caráter multifuncional das cooperativas primárias que lhe são filiadas. Não vejo nisso de desaconselhável, doutrínaria e praticamente, sobretudo face às nossas condições de meio. Podem as centrais abastecer os mercados internos. A expressão "exportação" não tem mais o sentido revelho, num país de tipo continental como o Brasil, de transporte para fora do país de mercadorias; significa, hoje, também "fazer passar para uma outra região". O Rio Grande do Sul, por exemplo, que faz, quando, como grande celeiro que é, abastece com seus produtos agrícolas os grandes centros de consumo do país?

A expressão adverbial "no geral" não exclui a possibilidade de cooperativas centrais para abastecer, com seus próprios produtos agrícolas, os mercados internos.

Há "guias de exportação" de produtos de cooperativa do Sul para o Norte.

A primeira central brasileira, como já o disse, foi fundada por mim e Tomaz em São Paulo, com a participação de pessoas físicas, dada as peculiaridades do problema de abastecimento de leite da aquela grande cidade.

E agora as fontes em que se foram abeberar os nossos legisladores na época (1932) e para as centrais aqui, e para as federações na Argentina (onde não há centrais como tipo diferenciado, e, sim, federações com as mesmas funções de abastecer mercados internos e exportar, como já frisei).

Não só escritores frisam o que são centrais de cooperativas, como a prática mundial a sancionou. Kaufmann preconizou a reunião de "les sociétés d'approvisionnement (consumo) et de vente (agrícolas) groupées en cooperatives centrales (federações).

Na Alemanha "les Centrales de marchandises, soutiennent l'achat et la vente de marchandises par les différents coopératives moyennant l'achat et la vente en commun.... Dans une mesure restreinte, non seulement des cooperatives, mais aussi des partienliers peuvent devenir membres des coopératives centrales".

Na Finlândia, existe a "Centrale forestière des propriétaires forestiers, dont le but est d'encourager et de guider l'économie forestière des propriétaires de forêts. L'écoulement des produits forestiers, principalement sur les marchés d'exportation".

"Les parts sociales de la Centrale, au

montant de 500 marks filandais l'une, ont été souscrites para des propriétaires forestiers (y compris les communes), des associations de propriétaires forestiers, des coopératives de diverses catégories (notamment les laiteries), etc. admette, essa Central, a emissão de obrigações.

A União Central de cooperativas agrícolas de Praga, na Tchecoslováquia, abrangia as caixas Kampelik (Raiffeisen), as caixas de departamento, as cooperativas agrícolas e as cooperativas de consumo, com um total de 3.742 cooperativas.

A União Central alemã abrangia 2.042 cooperativas. A União das Cooperativas Agrícolas de Praga, entre outras funções, exerceu a de caixa central.

Eis os objetivos das centrais bolivianas, que são locais, "forma de integração econômica": servir de intermediárias entre as filiadas e as instituições de crédito e financiamento; organizar serviços comuns de administração cooperativa; produzir e vender artigos de necessidade vital para as sociedades filiadas, como utensílios agrícolas, sementes, adubos, etc.; organizar serviços de armazéns cooperativos de depósitos e venda em comum de artigos produzidos pelas cooperativas filiadas e organizar a formação e o empre-

go de estações cooperativas de maquinário agrícola, segundo os princípios do Ministério dos Negócios Agrícolas. (Note-se, nesta lei, promulgada em setembro de 1958, influência de nossa legislação, que era a única, até hoje, na América, com esse tipo de central).

Vemos os que são complexas suas finalidades, em toda a parte.

E é preciso que se frise, mais uma vez, que muitos países têm federações (ou centrais) de cooperativas agrícolas cujos membros lhes entregam produtos variados; outras não trabalham com produto algum, compondo-se de bancos de crédito e cooperativas rurais de consumo e de suprimentos agrícolas; ou, quando empreendem atividades comerciais, estas têm um caráter múltiplo: compra em grosso e a comercialização ou a elaboração de variados produtos agrícolas.

As leis não podem ser estáticas e, muito menos, uma lei que vem de 1932 e que já sofreu impactos vários oriundos de circunstâncias várias, face às nossas condições de meio e o desenvolvimento, e a complexidade que vai tomando o movimento cooperativo brasileiro.

Não podem transformar-se, as leis, em obstáculos pétreos à evolução das coisas. Daí nada ver que possa proibir ou desaconselhar o tipo de central que vem sendo adotado no Brasil desde 1933, embora, como disse, com elas não simpatize, dobrando-me às contingências legais e a certas contingências de meio. (Saindo as cooperativas, quando forem constituídas, as centrais também por pessoas físicas, poderá substituir, legal e juridicamente, uma central?! E o critério de representação, nem sempre fácil, etc.?).

As cooperativas mistas ou de funções múltiplas predominam, como disse, na Argentina e estão tendo certa preferência no Brasil. Dentre outras, podem citar-se a sdos japoneses, como a de Cotia (uma central de fato embora, legalmente, seja uma primária de funções múltiplas) abastecedora de vários mercados internos brasileiros e um precedente que é comumente citado pela área de ação, não obstante já Cotia existisse bem antes de promulgado o decreto 22.239, que é de 1932 (a primeira lei brasileira verdadeiramente orgânica e uma das primeiras leis sul-americanas, só lhe tendo antecedido a argentina, de 1926, e a da Colômbia, de 1931), o que lhe concedeu "direitos adquiridos".

Essas cooperativas de funções múltiplas são, como disse, estágios que muitos "experts" preconizam para os países subdesenvolvidos, o que implica num trabalho estatal de assistência e vigilância, apoio creditício, etc. Outros, no entanto, preconizam as cooperativas específicas, isto é, limitadas a um só objetivo (a prática argentina e a brasileira vem confirmando a primeira tese, não obstante nos faltem elementos e ainda seja cedo para um juízo definitivo, como aconteceu com o panorama pernambucana), não obstante seja, contra as específicas, sério o argumento da falta de recursos financeiros, a escassez de dirigentes capazes para organismos vários, etc. (No meu recente livro "Crédito Agrícola e problema agrário" avento, exaustivamente o tema).

Como não estamos em regime ditatorial ou de democracia autoritária nem de monopólios cooperativos, os interessados só podem ser aconselhados e nunca impedidos de agir dentro da lei e das jurisprudências firmadas, expressas ou implícitas, ou "automáticas" (quando, durante anos, se pratica uma modalidade sem impugnações de ordem legal ou jurídica).

O que nos cumpre fazer - pedir, a cooperativistas, cooperadores, e mesmo a certos órgãos oficiais, que ajam com bom-senso e espírito cooperativo...

Conclusão da pág. n.º 48

rência Mundial da Energia realizada em 1936, em Washington.

Foi sócio do Clube de Engenharia, de cujo Conselho Diretor já fez parte durante alguns anos, da Sociedade Mineira de Engenharia, da Sociedade Brasileira de Geologia e membro honorário da Sociedade de Geologia do Peru.

Trabalhos publicados tem os relativos aos estudos de quedas d'água e de regime de cursos d'água, pareceres que emitiu no Conselho Federal do Comércio Exterior sobre a Indústria da Soda e o Plano Nacional de Eletrificação, o Relatório que, com seu colega Eng.º Malvalio da Silva Rodrigues, apresentou ao Governo sobre a 3.ª Conferência Mundial da Energia, "Paulo Afonso", editado pelo Ministério da Viação (Coleção Mauá), "A Energia de Paulo Afonso e o Nordeste", "Alguns Esclarecimentos Oportunos", Relatório das Atividades da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco e vários outros trabalhos sobre a Indústria da mineração, sobre as obras de Paulo Afonso e sobre legislação de águas e energia, em várias revistas.

Foi 1.º Vice-Presidente do Conselho Executivo Internacional da Conferência Mundial da Energia.

A B de junho de 1958 foi eleito Sócio Titular da Sociedade Nacional de Agricultura.

ALGUNS ASPECTOS QUE SE DESTACAM NA SITUAÇÃO AGRÍCOLA MUNDIAL

São quinze os aspectos do panorama agrícola mundial que sobressaem no relatório anual que a Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO) organizou sobre "O Estado Mundial da Agricultura e da Alimentação" em 1961, baseada em dados compilados até 30 de junho do corrente ano:

1. Segundo cálculos preliminares da FAO, o aumento da produção agrícola do mundo em relação ao período anterior (excluindo-se a China continental) foi de 1%, inferior, portanto, ao crescimento demográfico, calculado em 1.6%.

2. Especialmente animador foi o aumento calculado em 3% que se registrou no Extremo Oriente (com exceção da China continental) onde a produção de alimentos por pessoa atingiu finalmente o nível médio dos anos anteriores à guerra.

3. A produção mundial por pessoa variou muito desde o grande aumento verificado em 1958/1959, porém, mesmo assim, ela é superior em 14% à de antes da Segunda Guerra Mundial.

4. Na América Latina, contudo, cuja produção de alimentos por pessoa superou momentaneamente o nível de antes da guerra durante os períodos 1956-1957 e 1958-1959, se registrou em 1960-1961 um retrocesso devido ao rápido crescimento populacional. No Extremo Oriente (ainda com exclusão da China continental) atingiu-se novamente o nível alcançado antes da guerra, enquanto

que na África ela vem diminuindo há vários anos, apresentando atualmente índice inferior àquele período. No Oriente Próximo, apesar da situação haver piorado nos últimos anos, ela ainda é superior à de antes da guerra.

5. Parece evidente que na Rússia e na Europa Oriental a produção de alimentos por pessoa "tenha aumentado mais rapidamente do que em qualquer outra região depois da 2.ª Guerra" em razão do aumento da produção que se processou naquele país.

6. Em 1960 a pesca mundial elevou-se a 37.5 milhões de toneladas, isto é, 6% mais do que em 1959.

7. A extração da madeira, redonda em escala mundial, em 1960 aumentou em 3% sobre a do ano anterior, alcançando a cifra de 1,770 milhões de metros cúbicos.

8. Os excedentes de certos produtos agrícolas continuaram se acumulando. Foram especialmente grandes os aumentos verificados nas disponibilidades de grãos forrageiros, mantelga, açúcar, café e cacau.

9. Ainda que o abastecimento de alimentos haja melhorado nas regiões alimentadas do mundo, permanece aquém dos níveis registrados nos países onde o índice de alimentação é maior. Nestes o aumento se verificou nos produtos pe-

"CASA MATHIAS"



MARCA REGISTRADA
AVENIDA MARECHAL FLORIANO 106, 108, e 110
ANTIGA RUA LARGA
TELEFONES 43.4521 e 43.5426

ANUNCIE

em

"A LAVOURA"

cuários e, naqueles, em produtos agrícolas.

10. O valor total das exportações agrícolas subiu do aproximadamente 6% atingiu os preços atuais. No entanto, os termos do intercâmbio comercial dos produtos agrícolas pioraram, pelo 6.º ano consecutivo, dado que o valor real das exportações — medido por sua capacidade em comprar artigos manufaturados — não aumentou senão 3%.

11. Durante os dez últimos anos as exportações agrícolas comerciais (menos aquelas realizadas em condições especiais) aumentaram aproximadamente 33% em volume, 14% em valor em relação aos preços atuais e somente 4% em termos reais, o que quer dizer que os exportadores em conjunto se beneficiaram muito pouco da melhoria.

12. Em 49 dos 71 países para os quais existe índice de preços a varejo estes subiram em 1959/1960; permaneceram estacionários em 6 países e baixaram em 16 outros.

13. Nos países mais desenvolvidos quase toda a mudança de política agrícola teve por objetivo o acúmulo de excedentes, enquanto que na maioria dos países sub-desenvolvidos houve a preocupação de incrementar a produção para fazer frente às necessidades crescentes.

14. A política agrícola adotada pelos países comunistas se assemelha a dos países sub-desenvolvidos no que se refere à necessidade de aumentar a produção para enfrentar uma procura rapidamente crescente.

15. Perspectivas para ... 1961/1962

I. — Em fins de junho de 1961 tudo parecia indicar que o aumento da produção agrícola mundial haveria de ser relativamente pequeno de novo. O mau tempo prejudicou plantações em diversos lugares.

II. — A oferta da maior parte dos produtos continuará sendo abundante de modo que parece haver poucas perspectivas de que nos países insuficientemente desenvolvidos se recupe-



VISITAM A FORD ELEMENTOS DE EXPRESSÃO DO CONSELHO NACIONAL DO SERVIÇO SOCIAL RURAL

A Ford do Brasil recebeu, dia 16 último, a visita dos srs. Dr. Oswaldo de Souza Martins, Presidente do Conselho Nacional do Serviço Social Rural, Dr. Uriel Marcondes César, advogado do mesmo Conselho e do jornalista Laércio Cortes, do Serviço Informativo daquela autarquia.

Os citados visitantes almoçaram no restaurante da Gerência instalado nas dependências da Companhia Ford, no Ipiranga, em companhia dos srs. Dr. Oswaldo Silva, Gerente de Comunicações Públicas, Dr. Lauro de Barros Siellano, Gerente de Assuntos Institucionais, Paulo de Tarso Cerqueira de Aguiar, Assistente Editorial e Luiz Carlos de Oliveira, representante de Relações Públicas. Foram trocadas idéias sobre a Juventude Rural, setor em que a Ford vem desenvolvendo profícuo trabalho.

Após o almoço, os ilustres visitantes percorreram as linhas de montagem de tratores e caminhões, que se encontram em franca produção em nosso país.

Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil

Foi eleita e empossada para o biênio 1961-1963 a seguinte diretoria da Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil.

Presidente	Dr. José Resende Peres
Vice Presidente	Sr. João Carlos Burguês de Abreu
1.º Secretário	Dr. Hélio Fernando de Albuquerque
2.º Secretário	Sr. Ernesto de Salvo
1.º Tesoureiro	Dr. Theodoro Eduardo Duvalier
2.º Tesoureiro	Sr. Mário de Almeida Franco

COMISSÃO FISCAL

Deputado Napoleão Fontenelle
Sr. Zélio de Sousa Faria
Dr. Eduardo Duvalier

SUPLENTE

Dr. Donald Wilfred Strang
Dr. Renato da Costa Lima
Sr. Ephrem Epiphânio Perelra

rem os preços dos produtos agrícolas, melhorando

por conseguinte, os lucros nas suas exportações.

O REGISTRO TORRENS

A falta de segurança dos títulos da propriedade rural no Brasil é dos mais sérios problemas com que se defronta o crédito a longo prazo, que deve ter a terra, como principal garantia.

A liquidez destes diplomas criam um clima generalizado de desconfiança de tal modo, que o crédito pessoal é mais importante que o crédito rural, tendo melhor acção, muitas vezes a promissória de um comerciante de reduzidos recursos a uma garantia hipotecária baseada n'uma propriedade agrícola.

Este grave problema — poderá ser diminuído pela aplicação do chamado Registro Torrens, como é universalmente conhecido o sistema orientado em 1856 por um legislador australiano, Robert Torrens. Foi proposto, no Brasil, no Governo Provisório, pelo Conselheiro Ruy Barbosa, então Ministro da Fazenda, numa notável exposição, pelo que justificou os decretos 451 — B e 955 — A, de 1890.

Vale mencionar alguns dos conceitos emitidos pelo grande brasileiro:

"Representa a mais adiantada fase das idéias contemporâneas quanto à propriedade territorial, o mais bem fazeejo de todos os regimens para o seu desenvolvimento e frutificação nas sociedades odernas. Consiste o seu fim em estabelecer um sistema eficaz de população de imobillária e comercializar a ellecuação dos titulos relativos ao domínio sobre a terra."

No longo e exaustivo exame da matéria o Conselheiro Ruy Barbosa pôs em sua plena evidência as vantagens do sistema.

Oliveira Viana, em um exaustivo estudo sobre Vantagens do Sistema Torrens, escreve:

“Qual é o sistema Torrens? É um novo sistema de normas, relativas aos atos da constituição, transmissão e conservação da propriedade imobiliária. Isto em linguagem técnica; mas em linguagem comum pode-se dizer que uma pura maravilha de simplicidade clare-

za, rapidez e segurança nua
domínio em que tudo é con-
plexidade, obscuridade, len-
tidão e Insegurança. Real-
mente os processos consti-
tuintes e translativos da
propriedade imobiliária, vi-
gentes nos povos ocidentais,
se ainda das influências da
tradição romana e, prin-
cipalmente da tradição ger-
mânica, são ainda demas-
adamente formalistas — o
que sob o ponto de vista do
sistema atual dos negócios é
um grave inconveniente. É
justamente este grave in-
conveniente que o sistema
Torrens vem corrigir, dan-
do à propriedade imóvel u-
ma mobilidade que a par-
ticipa com a propriedade mo-
biiliária.

E continua o illustre sociólogo e pensador politico fluminense: Por meio do Registro Torrens, uma fazenda de café, uma estância, uma usina de açúcar entram na corrente dos negócios, com as mesmas facilidades de circulação de uma cambial ou de uma apólice da divida pública. O processo que este sistema estabelece para realizar a venda de um imóvel ou criar sobre ele um ônus qualquer hypothecário ou vignotatício, por exemplo não é menos rápido e simples do que o processo com que operamos atualmente tendo de uma promissória ou a transferência de um título nominativo.

Els como o mesmo autor
alinha os objetivos d'este
sistema regulador da pro-
priedade imobiliária:

1.º a certeza da proprie.

dade. Ele dá aos atos de transmissão da propriedade garantias mais fortes do que as que oferece qualquer outro sistema imobiliário;

2.^o a facilidade do crédito. Ele torna, com efeito, simples, breve, rápido a constituição dos chamados direitos reais de garantia ou sobre o imóvel (hipoteca e) ou sobre título da matrícula (penhor). Estes dois itens, para a plenitude do seu alcance jurídico e econômico estão dependendo do primeiro: a certeza da propriedade." (Oliveira Vianna, Vantagens do Sistema Torrens, pub. n.^o 3 do Instituto de Pomento e Economia Agrícola do Estado do Rio de Janeiro — 1927).

Vale ainda mencionar as palavras de Alfred Darin sobre os três pontos cardinaes do sistema australiano:

1) Instituição do processo expurgativo, destinado a precisar a propriedade, delimitá-la e fixar de modo irrevogável para todos, os direitos de propriedade, autenticando-os em um título público;

II) criação de um sistema de publicidade hipotecária, adequado a patentear exatamente as condições jurídicas do solo, com os direitos reais e gravames que o oneram;

II) mobilização de propriedade territorial mediante um conjunto de medidas convergentes a assegurar a transmissão pronta de imóveis a constituição fácil de hipotecas, a sua cessão por via de endosso. (Alfred Daru, Le Système Torrens, pag. 11.)

Sem certeza do domínio, a propriedade será uma constante aventura, dis e com certa razão o ilustre Dr. Sá Pereira, Director das Col. mas, pag. 110 n.º 28).

Vale ainda mencionar alguns conceitos de Oliveira Vianna, colhidas na mesma publicação:

Robert Torrens, o deputado australiano que em 1856 engenhou o sistema que

traz o seu nome, devia ser um gênio — e a sua inteligência, tal como revela a engenhosidade de sua concepção, devia possuir todas as qualidades que caracterizam os espíritos geniais. O campo do direito é como o campo da física, da química, da mecânica, também tem os seus inventores, os seus talentos criadores — e Robert Torrens é um deles. O sistema que inventou para reger os direitos sobre a propriedade imobiliária, especialmente a propriedade territorial, é um autêntico milagre de limpidez, brevidade e segurança.

Está para os antigos sistemas de transmissão de propriedade, como o telégrafo sem fio está para os antigos sistemas de transmissão de pensamento; eliminando um mundo de fatores ou operações intermediárias, consegue com isto alcançar um máximo de simplicidade e rapidez.

Por meio do registro Torrens, uma fazenda de café, uma estância, uma usina de açúcar entram na corrente dos negócios com as mesmas facilidades de circulação de uma cambial ou de uma apólice da dívida pública.

O processo que este sistema estabelece para realizar a venda de um imóvel ou criar sobre ele um ônus qualquer, hipotecário ou pignoratício, por exemplo, não é menos rápido e simples do que o processo com que operamos atualmente o endosso de uma promissória ou a transferência de um título nominativo.

Examinadas as suas vantagens, expostas com tanta lucidez pelos autores mencionados, é de admirar que o "regimen Torrens" não tivesse tido entre nós o mesmo sucesso que obteve em outros países.

Instituídos pelos decretos ns. 451-B do Governo Provisório, foi regulamentado no mesmo ano (Dec. número 9). A) teve de sofrer as intrasigências de ter sido elaborado antes de haver si-

do promulgada a Constituição de 24 de fevereiro de 1891.

Antes desse momento, não estava bem claro no pensamento do Governo, como do legislador constituinte, qual a organização a ser dada aos Estados, qual a organização que, posteriormente, deveria ter a justiça, tanto federal como estadual".

Pelas suas condições adaptadas à própria economia do sistema Torrens, ele só pode, à vista das condições fixadas pela Constituição Federal, ser executado pelos Estados.

Alguns legislaram sobre a matéria, ao que estamos informados entre eles, o de Minas, Rio Grande do Sul e o de Goiás.

O Estado do Rio, por iniciativa do então Deputado Leopoldo Telxela Leite, foi elaborada a Lei n.º 1.223 de 26 de fevereiro de 1914, regulamentada em 1918 e pela Lei n.º 2.014 de 15 de agosto de 1926, instituindo o registro Torrens e os meios para a sua execução.

Vale mencionar algumas fontes para o exame do Registro Torrens:

Legislação Federal

Dec. n.º 451 de 31 de maio de 1890 — Dec. n.º 955-A de 5 de novembro de 1890.

Legislação Estadual

Lei n.º 1223 de 26 de fevereiro de 1914 — Dec. n.º 1621 de 14 de julho de 1918 — Lei n.º 2014 de 15 de agosto de 1926 — Dec. n.º 2189 de 21 de agosto de 1926 — Dec. n.º 2207 de 24 de dezembro de 1926.

Há ainda a consultar a legislação de outros Estados, notadamente o de Goiás.

Tratando-se de matéria pouco conhecida, vale indicar algumas fontes bibliográficas para os que quiserem examinar a matéria:

Américo Lopes e Cícero Lopes — "O Registro Torrens — Comentários, notas e formulários — Rio, 1925.

O Regimen Torrens no Estado do Rio de Janeiro — Pub. n.º 3, 1927, contendo dois excelentes trabalhos, de Dr. Enrico Telxela Leite e de Dr. F. J. Oliveira Vian-

na. (Esta publicação tem um anexo todo um excelente repertório de Legislação, registros, mapas, plantas e trabalhos.)

Philadelpho Azevedo — Registros Públicos.

Ruy Barbosa — Exposição feita ao Governo Provisório, justificando o Dec. n.º 451-B, de 31 de maio de 1890.

E entre os outros estrangeiros:

Torrens (Sr. R.) — An Essay of the Transfer of Land by Registration.

Exposé Theorique et Pratique du Systeme Torrens — par M. W. E. Maxwell Alger — Adolphe Jourdan, 1889.

CONCLUSÕES

A adoção da mais alta relevância.

Seria um passo avançado para dar a maior liquidez e, portanto, segurança à propriedade rural, o que, em regiões afastadas, é uma condição fundamental.

Na verdade, as chamadas "questões de terra" em torno da propriedade agrícola, é um dos maiores fatores de intranquilidade, sobretudo em regiões ainda pouco desenvolvidas.

Estes inconvenientes seriam removidos pela implantação do Regimen Torrens. A sua implantação deve ser vivamente estimulada e criando-se medidas que conduzam à sua rápida aceitação, rotadamente a da isenção de tributos e taxas, durante certo número de anos, como foi realizado em certos Estados, notadamente no Rio de Janeiro.

ANUNCIE

em

"A Lavoura"



CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE

PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPIRITO SANTO

RUA MÉXICO, 111 - 12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)

— TEL 31-1850 - rede interna

VITELOS "DE LEITE"

Elvino Alves Ferreira

Zootecnista

O chamado produtor de leite deve criar apenas as bezerras que forem de boa procedência e que sejam sadias. Se assim fizer aumentará a produção de leite de sua fazenda, o que, naturalmente, será vantajoso. Por medida de economia, serão eliminados, tão cedo quanto possível, os bezerrinhos (machos), deixando-se para criar somente aqueles que forem destinados à reprodução. Se mercado houver para esses machos, poderão ser afastados logo após o nascimento, não se esquecendo, entretanto, o criador de saber se a vaca, da qual se elimina o

filho, "deseerá" o leite sem a sua presença.

Para determinadas regiões do país poderá haver criadores interessados em adquiri-los. Para isso, poderá usar vacas "amas" de leite, capazes de aleitar de 2 a 5 bezerrinhos em uma lactação, caso seja boa leiteira e criadeira e desde que sejam desmamados aos 3 ou 4 meses de idade.

Entre muitos criadores há repugnância em mandar sacrificar o bezerrinho. Isso obstar-se não somente entre nós, como também em outros países. Sabemos que em cer-

tos Estados da América do Norte há leis proibindo a manutenção nessa fase da vida do animal. Todavia, pergunta-mos: qual será maior "pecado": matar o animal após nascer ou ir matando o pouco a pouco ao negar-lhe uma alimentação láctea suficiente, como fazem muitos criadores produtores de leite?

Sob certas circunstâncias, valerá apenas conservá-los até a idade de 1 a 2 meses, quando serão vendidos. Terão, deste modo, tempo de alcançar maior peso e, provavelmente, preferência no mercado.

Neste caso, convi-á examinar:

- a) custo do leite
- b) preço do vitelo
- c) peso do bezerro ao nascer.

a) CUSTO DE LEITE — Segundo estudos feitos nos Estados Unidos são necessários 10 libras (453 g) de leite integral para produzir uma libra de peso no vitelo, ou sejam 4 545 kg de leite para 0 453 kg de carne ou ainda cerca de 10 kg de leite para 1 kg de carne.

b) PREÇO DO VITELO — Conhecendo o criador os preços de leite e o da carne de vitelo de "leite", poderá, calculando, saber qual é o negócio mais rendoso: (1) Venda de leite em natureza, ou (2) sua transformação em carne de vitelo.

c) PESO AO NASCER — Como é fácil verificar, o peso do bezerro ao nascer influenciará sobre o seu peso na ocasião da venda. Assim, se o mercado preferir vitelos de peso compreendido entre 70 e 100 kg, um bezerro que tenha nascido com 38 kg, por exemplo, precisa aumentar apenas 32 kg para atingir os 70 kg. Ao passo que um outro que tenha nascido com 25 kg, deverá ganhar 45 kg para alcançar os 70 kg, peso para a venda.

Há, assim, no caso, uma diferença de 13 kg entre os pesos dos 2 bezerrinhos. Esta diferença deverá ser conseguida pelo consumo de maior quantidade de leite pelo segundo bezerro; isto é, o que nasceu com 25 kg, irá encarecer o

BOMBAS HIDRÁULICAS

DANCOR

INDÚSTRIA BRASILEIRA



CENTRÍFUGAS

- Com motores elétricos monofásicos de 1/4 a 1 H.P., trifásicos de 0,75 a 5 H.P.
- Com motores a gasolina auto-aspirante de 1, 1/4 H.P., alta pressão de 1, 1/2 a 5, 1/2 H.P.

A VENDA NAS BOAS CASAS

Fabricadas e garantidas pela

DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECÂNICA

Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "Dancor" — Rio de Janeiro



MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Molibdeno
Níquel
Zinco

Para: Aves — Suínos —
Caulinos — Carni-
voros em geral.

RM - 2

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Enxofre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Níquel
Zinco

Para: Bovinos — Equinos
Ovinos — Capri-
nos — Ruminantes
em geral.

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos.

"não fique em dúvida; consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 534-2º - RIO DE JANEIRO, D. F.

custo de sua carne, a ser reembolsado pelo criador.

Cabe-lhe, então, calcular o preço que irá custar o bezerro, a fim de decidir se se valerá a pena ou não prepará-lo para semelhantes condições do mercado.

Cumpra-lhe também conhecer os principais fatores que exercem influência sobre o peso de bezerros ao nascer, o que lhe permitirá tirar melhor partido do negócio.

Entre esses fatores, enumeraremos os seguintes:

a) influência dos genitores; b) raça dos genitores; c) dentro desta, o estado de saúde, bem como o de nutrição da vaca durante o período de gestação etc.

Sabemos que de pais saudáveis e fortes nascem filhos igualmente vigorosos e desenvolvidos.

São, do mesmo modo, conhecidos as diferenças no peso médio, ao nascer, de várias raças bovinas. Os bezerros da raça Schwys, por exemplo, são de grande peso, seguindo

SR. RUDOLF STREIT

— Faleceu no dia 9, aos 62 anos, o Sr. Rudolf Streit, diretor-técnico da Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares.

Nascido na Suíça, em 2 de janeiro de 1899, fez seus estudos em Zurich, onde se formou em Engenharia. Com 22 anos iniciou atividades profissionais, prestando colaboração técnica a várias das organizações dos produtos Nestlé. Tornou-se, com sua experiência, profundo especialista em laticínios, com atuação marcante naquelas organizações onde viria a ocupar postos de direção. O Sr. Rudolf Streit veio para o Brasil em 1924 e aqui se empenhou em levar adiante o desenvolvimento da indústria de leite condensado, leites em pó e especialidades dietéticas, demonstrando extraordinária capacidade de trabalho. Dotado de personalidade brilhante como homem de empresa, neste ano comemorava o seu 40.º aniversário de colaboração com os Produtos Nestlé, motivo pelo qual diversas homenagens lhe foram prestadas, além de outras que estavam programadas. Tendo escolhido para a cidade de Araras, que foi o centro propulsor das atividades dos Produtos Nestlé no Brasil, o Sr. Rudolf Streit interessou-se por tudo que pudesse contribuir para a prosperidade daquela cidade. Pela sua dedicação ao município, a Câmara Municipal de Araras resolvera outorgar-lhe o título de "CIDADÃO ARARAENSE", em solenidade que seria realizada no dia 18 do corrente. O sepultamento realizou-se no dia 10, em Araras, no cemitério local.

se, em escala descendente, os das raças holandesas, Guernsey e Jersey.

Vários experimentos têm demonstrado que bezerros oriundos de diferentes cruzamentos apresentavam-se com peso ao nascer superior ao de seus pais, puros de origem.

Cumpra aos interessados, pois, examinar bem o assunto,



Faleceu, dia 18, de repente, na cidade de Paulo Afonso, Bahia, o engenheiro Antônio José Alves de Souza, presidente da Companhia Hidrelétrica do São Francisco e seu fundador. O conhecido técnico foi vítima de um enfarte do miocárdio e seu sepultamento se deu no dia seguinte no Cemitério São João Batista.

O Eng.º Alves de Souza era Sócio Titular da Sociedade Nacional de Agricultura, ocupante da Cadeira n.º 16, patrocinada por Trajano de Medeiros, tendo sido, portanto, membro do Conselho Superior da entidade.

DADOS BIOGRÁFICOS DO ENG.º ANTÔNIO JOSÉ ALVES DE SOUZA

Nasceu no Distrito Federal em 4 de março de 1896, filho do Sr. Francisco Alves de Souza, comerciante e sua esposa, D. Francisca Alves de Souza.

—Estudou curso primário com professora particular, Sra. Carlinda Costa e depois na Escola Modelo Gonçalves Dias, no Distrito Federal, e no Colégio Gonçalves em Barbacena, Minas Gerais, para onde sua família transferira a residência.

Fêz o curso secundário até o 5.º ano no Ginásio Mineiro, naquela cidade, completando o no Ginásio Municipal, em Ouro Preto, Minas Gerais.

Ingressou na Escola de Minas de Ouro Preto em 1914, tendo terminado o curso de Engenharia de Minas e Civil em 1920, sendo o aluno laureado de sua turma.

Em junho desse mesmo ano, ingressou no antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, fazendo parte de uma das turmas da Comissão de Estudos de Forças Hidráulicas, então criada por Gonzaga de Campos e Simões Lopes.

A turma de que fez parte foi designada para estudar problemas de irrigação na região de São Francisco, lendo, primeiro, estudado canais de irrigação, nos Estados de Pernambuco e da Bahia, entre Santana do Sobradinho e Petrolina e Juazeiro, depois as quedas d'águas de Itaipira

Eng.º Antônio José Alves de Souza

e Paulo Afonso e, finalmente, a derivação de 100 m, eúbeos por segundo de água do São Francisco, em Cabrobó, Pernambuco, para lâmpadas na bacia do Jaguaribe, no Ceará.

De fins de 1922, quando terminou essa campanha, até princípio de 1933, procedeu a estudos de várias quedas d'água e de regime de vários cursos d'água nas bacias do rio São Francisco, do rio Doce e do rio Paraíba, no Estado de Minas Gerais.

Em princípios de 1933, tendo sido dada nova organização ao Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, sendo criada a Seção de Águas, foi designado para chefia-la pelo ilustre geólogo Dr. Euzébio de Oliveira, então Diretor daquele Serviço.

Em agosto do mesmo ano, tendo sido criado, pela reforma Juarez Távora, o Departamento Nacional da Produção Mineral abrangendo várias Direções novas, entre elas a Direção (hoje Divisão) de Águas, foi convidado para seu Diretor. Exerceu o cargo de Diretor da Divisão de Águas desde 18 de agosto de 1933 até 24 de junho de 1942, quando foi nomeado Diretor Geral do Departamento Nacional da Produção Mineral, cargo que exerceu até 15 de março de 1948.

Em outubro de 1947 fora convidado pelo Ministro Daniel de Carvalho, em nome do Presidente Eurico Dutra, para organizar a Companhia Hidrelétrica do São Francisco.

Levado a bom termo o trabalho de organização dessa sociedade de economia mista, foi ela constituída na Assembléia Geral de seus Açõesistas, realizada em 15 de março de 1948, tendo sido nessa Assembléia eleito Presidente da CHESF para o período de 1948-1952. Em 1952 foi reeleito para o período 1952-1956 e, em 15 de março de 1956, foi novamente eleito para o período 1956-1960.

Em princípios de 1939 foi nomeado membro do Conselho Federal do Comércio Exterior, tendo sido reconduzido sucessivamente nesse cargo nos anos seguintes, até o ano de 1949.

Foi também membro do Conselho Nacional de Minas e Metalurgia de 1942 a 1948.

Fêz parte da Comissão do Estatuto do Petróleo, da Comissão da Revisão do Código de Minas e da Comissão de Regulamentação do artigo 147 da Carta Constitucional de 1937.

Foi Presidente da Seção Brasileira do Instituto Pan-americano de Engenharia de Minas e Geologia, tendo presidido o Segundo Congresso Pan-americano de Engenharia de Minas e Geologia, reunido em Quitandinha (Petropolis) em 1946, do qual participaram delegações de quase todos os países da América.

Foi Presidente do Comitê Nacional Brasileiro da Conferência Mundial da Energia, tendo presidido a Reunião dessa Conferência, realizada em Quitandinha, em 1954, com a participação de delegações de 31 países.

Foi membro da Sociedade Nacional de Agricultura.

Foi um dos delegados do Brasil à 3.ª Confe-

Continua na pág. 40

